

DEAN R. KOONTZ

Estranhos



EDITORA BEST SELLER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DEAN R. KOONTZ

Estranhos

Tradução de

MARIA CLÁUDIA FITTIPALDI



A Bob Tanner, cujo entusiasmo, numa fase decisiva, foi mais importante do que ele supõe.

PRIMEIRA PARTE

TEMPOS DIFÍCEIS

Um amigo fiel é um escudo poderoso.

Um amigo fiel é o bálsamo da vida.

Textos Apócrifos

Uma escuridão terrível abateu-se sobre nós, mas não
podemos nos render.

É preciso erguer bem alto as lâmpadas de nossa coragem
e encontrar o caminho que nos conduzirá pela noite em
direção à manhã.

Membro anônimo da
Resistência francesa,
1943

7 de novembro - 2 de dezembro

1. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

Dominick Corvaisis deitou-se para dormir, puxando para o queixo o cobertor leve e o lençol imaculadamente branco. Estava sozinho, confortavelmente acomodado, mas despertou em outro lugar, no canto mais escuro do grande armário do saguão, encolhido como um feto atrás dos casacos e paletós pendentes dos cabides. Tinha os punhos cerrados com força; os músculos do pescoço e das costas doíam-lhe, tensos, como se ainda vivesse um peso para ele incompreensível.

Não se lembrava de ter saído da cama, mas a descoberta de que andara durante o sono não o surpreendia: em poucas semanas era já a terceira crise. O sonambulismo, fenômeno conhecido também como noctambulismo e considerado perigoso em potencial, sempre fascinou a humanidade ao longo da História. Para Dom, tornou-se particularmente fascinante a partir do momento em que percebeu que ele próprio era mais uma vítima confusa desse estranho mal. Começou a pesquisar e descobriu que desde o ano 1000 a.C. já apareciam na literatura referências a pessoas que andavam enquanto dormiam. Para os antigos persas, o sonâmbulo vagava à procura da alma que lhe escapara do corpo durante a noite. Para os europeus, principalmente durante a Idade Média, tudo se

explicava a partir de possessão demoníaca, embora existisse também quem preferisse falar em licantropia.

Os novos e estranhos hábitos noturnos de Dom não o assustavam, embora o intrigassem e, por alguma razão difícil de entender, o fizessem sentir-se muito embaraçado. Como escritor, via naquelas perambulações noturnas a possibilidade de experiências novas que, eventualmente, serviriam de assunto para um romance. Ainda assim, embora o sonambulismo pudesse transformar-se em pura arte, a qual, por sua vez, se converteria em dólares para en-

gordar sua conta bancária, Dom não conseguia tirar da cabeça a idéia de que, afinal, tratava-se de uma doença.

Com dificuldade, arrastou-se para fora do armário, sem conseguir firmar-se nas pernas entorpecidas. A dor do pescoço começava a espalhar-se pela cabeça e pelos ombros.

Como das outras vezes, sentia-se muito envergonhado. Por mais que os livros afirmassem que a ocorrência de crises de sonambulismo em adultos era bastante comum, Dom estava convencido de que aquilo era coisa de criança... Como urinar na cama.

Quando conseguiu afinal levantar-se, andou às apalpadelas pela sala, até o pequeno corredor que levava ao quarto e dali chegou ao banheiro, ainda vestido como quando se deitara, com a calça do pijama azul, sem camisa e sem chinelos. O espelho mostrou-lhe o rosto, quase irreconhecível, de um libertino, um devasso que voltava para casa após dedicar dias inteiros a uma longa e desavergonhada seqüência de pecados.

Na verdade, Dom era homem de vícios bem moderados: não fumava, não comia demais, não usava drogas e bebia pouco. Gostava de mulheres, mas não era promíscuo e acreditava na importância da fidelidade para ajudar a manter um relacionamento sólido. Na verdade, não se deitava com uma mulher fazia quatro meses.

Mas era sempre a mesma coisa: cada vez que voltava de suas excursões noturnas pelos cantos escuros da casa, acordava exausto, com o rosto cansado. Embora continuasse dormindo, não tinha um minuto de sossego durante as noites em que andava.

Dom sentou-se ao lado da banheira e cruzou as pernas para examinar as solas dos pés. Primeiro o pé direito: estava perfeito, sem cortes, sem ferimentos, pelo menos tão limpo quanto no momento em que se deitara. Como o pé esquerdo também se encontrava em boas condições, concluiu que não tinha saído de casa. Já por duas vezes acordara dentro dos armários: uma na semana anterior e outra doze dias antes da primeira. Nas duas ocasiões havia examinado os pés e constatara que realmente não saíra, embora sentisse um cansaço tão grande como se tivesse andado léguas. Talvez fossem real-

mente muitas e muitas léguas... percorridas em incontáveis idas e vindas até os armários.

Um longo banho de chuveiro ajudou-o a eliminar boa parte da tensão muscular. Era um homem magro, de boa condição física, que aos trinta e cinco anos ainda conseguia recuperar-se bem de quaisquer excessos que comesse, acordado ou dormindo. Depois do banho e de um café, voltou a sentir-se quase humano.

Ainda com a xícara na mão, andou até a varanda e percorreu com o olhar a curva elegante da baía de Laguna Beach, com suas colinas que pareciam querer abraçar o mar. Depois entrou e dirigiu-se para o escritório; a cada minuto que passava, convencia-se mais de que as crises de sonambulismo estavam relacionadas com o trabalho. Talvez não com o trabalho em si, mas sem dúvida com o desconcertante sucesso de seu primeiro livro, *Crepúsculo na Babilônia*, concluído em fevereiro.

O primeiro agente a quem Dom mostrara os originais aceitou-o como cliente. Os direitos autorais foram leiloados entre várias editoras interessadas e, para grande surpresa do autor, acabaram nas mãos da Random House, que lhe pagou um adiantamento mais do que razoável para um livro de estreia. Em pouco mais de um mês, também estavam vendidos os direitos de filmagem — que permitiram a Dom pagar a primeira parcela da casa onde morava — e o *Crepúsculo* era indicado pelo *Literary Guild*. A elaboração do livro custou-lhe sete meses de trabalho, semanas de sessenta, setenta, às vezes oitenta e quatro horas de concentração; sem falar nos dez anos de luta consigo mesmo até sentir-se preparado para começar a escrever.

Ainda assim, o sucesso continuava a parecer-lhe surpreendentemente rápido. Nem mesmo tivera tempo para adaptar-se às mudanças: praticamente do dia para a noite, deixara de ser um escritor paupérrimo, embora digno, e transformara-se em autor de renome.

Não raras vezes, o ex-pobre Dominick Corvaisis olhava-se no espelho ou via-se refletido nas vidraças ensolaradas da nova casa de rico e espantava-se, perguntando a si próprio se realmente merecia tudo aquilo. Outras vezes tinha a impressão de estar se aproximando de um abismo. O triunfo assustava-o, e, com o medo, crescia a tensão.

» O que aconteceria quando o *Crepúsculo* fosse publicado, em fevereiro do ano seguinte? Como o receberiam os críticos? Justificaria o investimento da Random House ou serviria apenas para tornar público o maior erro editorial da década? E quanto a ele mesmo? Seria capaz de produzir outro romance ou o *Crepúsculo* estaria condenado a ser o primeiro e último fruto de uma ex-promissora carreira?

As mesmas questões que circulavam obsessivamente em sua cabeça durante o dia com certeza ocupavam-na também à noite, enquanto dormia... e por isso passava horas andando à volta da sala como um zumbi! Porque inconscientemente queria fugir dos problemas e esconder-se num lugar onde pudesse ter certeza de que as dúvidas jamais o encontrariam.

No escritório, sentado em frente ao computador, digitou o código correspondente ao décimo oitavo capítulo de seu novo livro, ainda sem título. Na véspera, trabalhara até a metade da sexta página do décimo oitavo capítulo, mas, ao concentrar-se no vídeo para ver em que ponto parara, descobriu que a sexta página já estava completa. Na tela verde à sua frente brilhavam linhas inteiras, que ele tinha certeza de jamais haver escrito.

De início, apenas arregalou os olhos. Logo, porém, começou a balançar a cabeça de um lado para outro, sem querer acreditar no que via. Um fio de suor gelado formou-se por baixo da gola

e escorreu-lhe lentamente pelas costas. Depois da página seis, o vídeo mostrou uma página sete e depois uma oito, todas completas, da primeira à última linha, com uma única frase:

“Estou com medo. Estou com medo. Estou com medo. Estou com medo”.

Em espaço duplo, quatro frases por linha, treze linhas na página seis, vinte e sete na página sete, outras vinte e sete na página oito... Era a mesma frase repetida duzentas e sessenta e oito vezes. A máquina jamais teria inventado a frase, pois apenas fazia o que estava programado. E seria absurdo imaginar que alguém tivesse entrado em casa durante a noite para brincar com o texto ou com o computador. Não havia sinal de arrombamento nem existiria alguém capaz de inventar uma brincadeira como aquela. Era mais do que claro que ele trabalhara mesmo durante a crise de sonambulismo, repetindo duzentas e sessenta e oito vezes: “Estou com medo”.

Medo de quê? Do sonambulismo? Impossível. A experiência era muito desagradável, sobretudo no momento de acordar, mas não era suplícito nem tortura capaz de causar terror!

Talvez estivesse com medo de que o *Crepúsculo* fracassasse.

Outra idéia, entretanto, começava a tomar forma, mais densa e pesada que todas: a frase nada tinha a ver com sua carreira ou com seu futuro profissional. O que o assustava era outra coisa, uma ameaça diferente, algo muito estranho que seu inconsciente já pressentira, ainda que não lhe fosse acessível aos sentidos. E ele tentava romper a barreira a separar suas duas metades, consciente e inconsciente, para mandar a si próprio um aviso: “Estou com medo”.

Não e não! Bobagem... Excesso de imaginação! Precisava trabalhar e acabar logo com aquilo. Sim! O melhor remédio era trabalhar, trabalhar muito.

Além do mais, todos os livros sobre sonambulismo coincidiam num ponto: as crises eram passageiras, em geral concentradas em determinado espaço de tempo bem limitado. Poucas pessoas relatavam a ocorrência de mais que meia dúzia de andanças durante

o sono, todas próximas uma da outra, em datas que cobriam, no máximo, um período de seis meses. Com certeza não voltaria a perambular pela casa, nem voltaria a acordar encolhido dentro dos armários. Decidido, Dom operou o computador até assegurar-se de que não sobrara na memória um único “Estou com medo”, e retomou o fio da história em que estava trabalhando.

Quando olhou o relógio de novo, surpreendeu-se ao ver que já passava da hora do almoço. Como o dia estava excepcionalmente quente para o mês de novembro, mesmo na Califórnia, resolveu almoçar na varanda. As palmeiras balançavam as folhas ao vento suave, o ar trazia-lhe o perfume das flores de outono e, ao longe, Laguna debruçava-se sobre as águas ensolaradas do Pacífico.

Ao tomar o último gole de refrigerante, Dom levantou a cabeça e riu, olhando para cima.

— Aí está — pensou em voz alta. — Não há cofres caindo, nem pianos despencando... E não paira sobre minha cabeça a espada de Dâmocles...

Era o dia 7 de novembro.

2. BOSTON, MASSACHUSETTS

Tudo começou na Casa Bernstein — Doces e Salgados, local que a dra. Ginger Marie Weiss considerava impróprio para qualquer tipo de complicação. E começou com o incidente das luvas pretas.

De modo geral podia-se afirmar que, até aquele dia, Ginger nunca encontrara um único problema que não pudesse resolver. Estava habituada a enfrentar os desafios que a vida lhe propunha e, habituada aos grandes, não havia por que tremer diante de simples problemas do dia-a-dia. Com toda a certeza morreria de tédio se, de repente, sua vida se transformasse num mar de rosas. Em momento algum ocorreu-lhe a possibilidade de encontrar-se face a face com uma questão insolúvel ou insuperável para seu nível de inteligência ou capacidade. Porém, sabia que, assim como é cheia de desafios, a vida é pródiga em lições, algumas mais

fáceis de engolir que outras. Algumas simples, outras difíceis. Algumas até muito indigestas, outras absolutamente arrasadoras.

Ginger era inteligente, bonita, ambiciosa, trabalhadora e excelente cozinheira. Sua grande vantagem, no entanto, era que ninguém a levava a sério no primeiro encontro. Magra, de pequena estatura, cintura fina, parecia tão insignificante quanto bonita. Muita gente subestimava-a no primeiro encontro e continuavam a subestimá-la durante semanas ou meses, até descobrirem aos poucos que Ginger podia ser grande amiga, excelente colega ou implacável inimiga.

A história da noite em que foi assaltada correu de boca em boca pelas enfermarias do Hospital Presbiteriano de Colúmbia, em Nova York, onde ela fizera sua primeira residência médica, quatro anos antes do incidente das luvas pretas na Casa Bernstein.

Como todos os médicos residentes, Ginger às vezes cumpria plantões de mais de dezesseis horas; nesses dias, ao sair do hospital, mal tinha forças para manter os olhos abertos até entrar em casa. Numa noite de sábado quen-

te e úmida, saiu do hospital pouco depois das dez horas, ao término de um plantão excepcionalmente atribulado, e foi assaltada por um descendente direto do homem de Neanderthal, um sujeito sem pescoço nem testa e com mãos tão grandes como pás de escavadeira.

— Se você gritar — disse o monstro —, arrebento-lhe a cara. — Saltou à frente dela como um boneco de mola e insistiu: — Está entendendo bem, sua putinha?

A rua deserta e, a vários quarteirões, os carros mais próximos aguardavam a mudança do sinal no cruzamento. Não havia ninguém que a socorresse.

O assaltante empurrou-a para um beco estreito e escuro entre dois edifícios. Aos tropeções, ela esbarrou numa lata de lixo, arranhou o tornozelo, quase caiu, mas conseguiu equilibrar-se e continuou andando rumo ao fundo do beco.

De início, supondo que o homem estivesse armado, Ginger investiu suas esperanças em súplicas, suspiros e gemidos. Tudo que conseguiu foi que o assaltante se sentisse mais seguro e relaxasse

a guarda. Não resista pensou a doutora. Se ele estiver armado, resistir é morte certa.

— Vá andando!

Com o braço torcido para trás, sem poder se mover, Ginger obedeceu. A meio caminho entre a entrada e a saída do beco, longe da única lâmpada acesa que havia por ali, o homem empurrou-a para um canto e passou a descrever, com pormenores e em voz rouca, o que planejava fazer com ela depois de tirar-lhe todo o dinheiro. O discurso deu a Ginger o tempo de que precisava para certificar-se de que o assaltante não tinha arma. Então nem tudo estava perdido. O homem vomitava obscenidades, mas seu repertório de violências sexuais era tão limitado que, em outras circunstâncias, seria cômico. Ginger logo o classificou como um pobre diabo que confia cegamente no poder da força bruta. Homens assim em geral não andam armados, porque sua massa muscular lhes dá a falsa impressão de que são invulneráveis. Seguindo esse raciocínio, Ginger concluiu que o assaltante não devia ser muito hábil para lutar.

Enquanto o homem se curvava para esvaziar a bolsa que ela lhe entregara sem vacilar, Ginger encheu-se de coragem e aplicou-lhe nos testículos um pontapé violento e direto. O monstro dobrou-se ao meio, urrando de dor. Sem perder tempo ela segurou-lhe uma das mãos e empurrou o dedo indicador para trás, com toda a força, até ter certeza de que a dor da mão o fazia esquecer o golpe nos testículos.

O gesto de forçar o indicador para trás pode imobilizar qualquer homem, por mais forte que seja. Ao pressionar o nervo digital da parte anterior da mão, forçando ao mesmo tempo os nervos radiais e médios da parte posterior, Ginger provocava no assaltante uma dor intensa que naquele momento já devia atingir as terminações nervosas do ombro e do pescoço.

O homem agarrou-a pelos cabelos e sacudiu-a da cabeça aos pés para que o soltasse. Foi um contragolpe violento, que a fez gritar de dor e suar frio; mesmo assim, de dentes cerrados e o rosto banhado de lágrimas, ela resistiu e forçou o dedo ainda mais para

trás. A pressão constante, aplicada no ponto anatômico correto, em pouco tempo obrigou o assaltante a soltá-la. Ele caiu de joelhos, gemendo e xingando:

— Ai! Me solta! Larga meu dedo, sua puta!

Em lugar de obedecer, Ginger agarrou o indicador com as duas mãos e, fíncando o pé no chão, empurrou-o duas vezes para trás. Agora o gigante podia ser manobrado à sua vontade. Ginger o fez girar sobre os joelhos, virar-se para a saída do beco e segui-la, sempre gemendo, trotando sobre três patas como uma mula manca. Com os olhos injetados de raiva e medo, de dor e vergonha, ele a fitava, babando seus insultos. Seis ou sete passos adiante, vencido pela frustração ou pela dor, o homem parou, acomodou-se nas patas traseiras e vomitou o jantar.

Ainda que quisesse, Ginger não podia soltá-lo: ele estava enlouquecido de raiva. Soltá-lo ali, sem saber se alguém o agarraria novamente, seria como assinar a própria sentença de morte. Sem escolha, arrastou-o para o meio da calçada e obrigou-o a esperar, ajoelhado a seu lado, até que aparecesse um guarda. Quando afinal viram aproximar-se um policial fardado, o assaltante e a vítima sorriram aliviados.

As pessoas subestimavam Ginger em boa parte por causa de seu pequeno porte: ela media pouco mais de um metro e meio e pesava menos de cinquenta quilos. Não parecia muito forte nem capaz de assustar ninguém. Bem feita de corpo, não tinha as curvas de uma loira de capa de revista, mas, de qualquer modo, era loiríssima e sempre atraía os olhares masculinos no primeiro momento do primeiro encontro. Ginger era a imagem viva da fragilidade: dos cabelos dourados ao pescoço de Audrey Hepburn, dos ombros magros à cintura fina, da pele aveludada aos luminosos olhos azuis, tudo nela sugeria suavidade e doçura. Além disso, era naturalmente calma e calada, do tipo que prefere ouvir a falar — qualidades que quase sempre os menos avisados tendem a confundir com timidez. Sua voz soava como harpa, tão doce que ninguém a imaginaria expressando a firme vontade de uma mulher de aço.

Ginger herdou os cabelos dourados, os olhos azuis, a beleza e a força da mãe, uma sueca chamada Anna, que tinha mais de um metro e oitenta de altura.

— Você é minha menininha de ouro — disse-lhe Anna, quando Ginger completara a sexta série dois anos antes da idade prevista.

Na festa de formatura, além de receber a medalha de melhor aluna da escola inteira, Ginger brindara os presentes com uma brilhante *performance* ao piano: Mozart para os mais calmos e um frenético *reggae* para os mais animados.

— Menina de ouro... — Anna abraçou-a, já no caminho de volta para casa.

O pai, ao volante, chorava de orgulho. Jacob era muito emotivo, mas sempre alegava uma alergia, jamais definida, para justificar as lágrimas que lhe enchiam os olhos a propósito de qualquer coisa. No dia da formatura, acusava o pólen.

— Há muito pólen no ar — resmungava. — Detesto pólen.

— Você é a perfeição, *bubeleh* — Anna sorriu para a filha. — Juntou o que há de bom em mim e o que há de bom em seu pai... Você vai longe... Espere só para ver! Vai para o ginásio, depois para o preparatório, depois...

para a faculdade que escolher. Você é capaz de fazer o que quiser... você é capaz!

As duas únicas pessoas que jamais a subestimaram foram seus pais. Ao parar em frente à garagem de casa, Jacob arregalou os olhos.

— Mas... o que é que estamos fazendo aqui? — perguntou. — Nossa única filha, *nossa* filha, que, como é capaz de qualquer coisa, com certeza ainda será pedida em casamento pelo rei do Siao e pilotará uma nave espacial rumo à Lua... *nossa* filha recebe seu primeiro diploma e não vamos comemorar?! Esta noite merece uma festa em Manhattan, champanhe no Plaza, jantar no Wal-dorf... Não, não... Tenho uma idéia melhor... Vamos tomar sorvete no Walgreen!

— Ótimo! — Ginger aprovou.

Naquela noite, o Walgreen recebeu a mais estranha família das redondezas: o pai judeu, pequeno como um jóquei, de sobreno-

me alemão e nariz adunco; a mãe sueca, loira, linda, gloriosamente feminina, trinta centímetros mais alta que o marido; e a filha, uma fada, uma ninfa, pequenina e frágil, tão loira quanto o pai era moreno, e bonita como a mãe, porém de uma beleza diferente, mais sutil, menos palpável. Desde muito pequena, Ginger entendia perfeitamente que, vendo-a andar de mãos dadas com o pai e a mãe, as pessoas pensassem que eles a haviam adotado.

Ginger amava-os tanto que, quando menina, jamais encontrou palavras suficientes para falar sobre o assunto. Depois de adulta, continuava procurando as palavras certas, mesmo tantos anos depois da morte prematura dos pais.

Anna morreu num acidente de trânsito, pouco depois da festa do décimo segundo aniversário de Ginger; a família Weiss imaginou que Jacob e a filha estariam perdidos sem aquela sueca loira que, aos poucos, se fizera respeitar e amar. Ninguém ignorava que os três eram unidos e felizes, que se amavam muito. Por outro lado, ninguém parecia ter dúvidas de que o segredo do sucesso do trio fora enterrado com Anna. Ela dera um novo rumo à vida do mais obscuro dos irmãos Weiss — Jacob, o gentil sonhador, sempre com o nariz metido em romances policiais ou de ficção científica. Quando conhe-

ceu Anna, trabalhava como balconista numa joalheria; quando ela morreu já era proprietário de *duas* joalherias.

Depois do funeral, a família reuniu-se em casa de tia Rachel, no Brooklyn. Escondida num canto da copa, enjoada com o cheiro de temperos, rezando a Deus para que lhe devolvesse a mãe, Ginger ouviu uma conversa entre tia Francine e tia Rachel. Tia Francine parecia muito preocupada com o futuro do viúvo e da órfã jogados ao mundo sem a proteção de Anna.

— Os negócios vão começar a dar prejuízo... Você sabe que ele não é capaz, não vai conseguir, nem depois do luto... o pobre *luft-menschl* Anna era a única pessoa sensata naquela casa! Sem ela, estarão arruinados em cinco anos... — dizia, subestimando a sobrinha.

A bem da verdade, Ginger tinha apenas doze anos e, embora já cursasse o ginásio, ainda parecia uma criancinha. Em sã consciência, ninguém poderia prever que, em pouco tempo, estaria pronta para assumir o papel de Anna. Começara a aprender a cozinhar com a mãe e, como a mãe, adorava a culinária. Poucos dias depois do funeral, levou para o quarto todos os livros de receitas e, com a perseverança e determinação que também herdara da mãe e que já eram sua marca registrada, aprendeu tudo o que ainda não sabia. Quando os parentes de seu pai chegaram para o primeiro jantar em família depois da morte de Anna, Ginger ofereceu-lhes um banquete: bolinhos de batata com queijo; creme de legumes com almôndegas; fatias de salmão defumado; vitela com pá-prica e molho de ameixas secas. Para a sobremesa podiam escolher »entre pudim de pêsego e torta de maçã. Francine e Rachel quiseram saber onde Jacob descobrira cozinheira tão fantástica e ele apontou para a filha. Ninguém acreditou. Para Ginger, nada havia de excepcional: alguém tinha que se encarregar do jantar e, na ausência de Anna, a tarefa cabia a ela; assim, fora para a cozinha e fizera o possível.

O jantar foi apenas o início. Era preciso também tomar conta de Jacob e administrar a casa. Ginger pôs mãos à obra com dedicação, entusiasmo e seriedade, como sempre. Móveis, roupas, piso e tapetes brilhavam de limpos e resistiam bravamente às inspeções de tia Francine. Com pouco mais de doze anos, Ginger aprendeu a planejar o orçamento e, aos treze, assumiu o controle de todas as despesas da casa.

Aos quatorze foi escolhida como oradora da turma, embora tivesse três anos menos que o mais jovem de seus colegas. Depois foi aceita por todas as universidades às quais se candidatara e escolheu o Colégio Preparatório de Barnard. Amigos e parentes começaram a dar sinais de preocupação: Ginger, de uma vez por todas, estava dando um passo muito maior que suas pequenas pernas.

Os cursos em Barnard eram realmente mais difíceis de acompanhar do que no ginásio. Ginger já não conseguia aprender em seis meses o que os colegas aprendiam em doze, porém aprendia exatamente o mesmo que os melhores alunos, em tempo rigorosamente igual. Suas notas oscilavam entre nove e dez, e a marca mínima só ocorreu uma vez, justamente quando começou a frequentar o Barnard. Nessa época Jacob sofreu a primeira crise de pancreatite; ela passava noites em claro no hospital e de manhã saía correndo para não perder um minuto da aula.

Jacob ainda tinha razoáveis condições físicas quando Ginger completou o preparatório; estava fraco e muito magro na formatura da faculdade; e não sobreviveu até o fim da primeira residência médica. As crises de pancreatite evoluíram para câncer do pâncreas, e ele morreu sem saber que a filha optaria por uma segunda residência, dessa vez em cirurgia, no Hospital Boston Memorial, abrindo mão, assim, de suas grandes possibilidades como cientista e pesquisadora.

Ginger vivera muito mais tempo com Jacob do que com Anna, razão pela qual a dor de perdê-lo foi imensamente maior do que o sofrimento causado pela morte da mãe. Porém enfrentou e venceu a dor, do mesmo modo como superava todos os obstáculos que encontrava pela frente, e concluiu a primeira residência com notas excepcionais e as melhores cartas de recomendação com que Anna teria sonhado.

A segunda residência foi adiada por dois anos, durante os quais ela viveu na Califórnia, em Stanford, dedicada de corpo e alma a um curso de pós-graduação em patologia cardiovascular. Depois de um mês de férias — as mais longas de sua vida —, voltou a Boston. O dr. George Hannaby, diretor do Departamento de Cirurgia do Boston Memorial e mundialmente conhecido por suas lições pioneiras sobre cirurgia cardiovascular, aceitou-a como

interna, e Ginger afinal pôde dedicar-se integralmente às tarefas da segunda residência.

Passaram-se oito meses, até que, em novembro, numa terça-feira de manhã, ela entrou na Casa Bernstein para fazer compras, e sua vida mudou. O homem das luvas pretas: foi então que tudo começou.

Ginger não trabalhava às terças-feiras e, a menos que algum de seus pacientes estivesse em risco de vida, ninguém a esperava no hospital. Nos primeiros meses, logo depois da chegada a Boston, era comum vê-la trabalhando nos feriados ou nos dias de folga, sempre movida por energia e entusiasmo inesgotáveis. Na verdade, Ginger não tinha para onde ir, senão para o hospital. George Hannaby obrigara-a a descansar nos dias em que não estava escalada para os plantões, e encerrara a discussão afirmando que os médicos trabalham sob grande pressão emocional e, mais do que ninguém, precisam de tempo para se recuperar.

— Se você se esgota, se trabalha demais, sem descansar nunca — disse —, está prejudicando não só você mesma, como os pacientes também.

Assim, às terças-feiras, Ginger passou a acordar uma hora mais tarde: tomava um rápido banho de chuveiro e depois bebericava duas xícaras de café enquanto lia o jornal inteiro à mesa da cozinha, diante da janela que se abria para a Rua Mount Vernon. As dez horas vestia-se para ir até a Casa Bernstein, na Rua Charles, e ali comprava carne enlatada, pãozinhos de trigo integral, salada de batata, carnes fatiadas, salmão defumado, queijo. Depois voltava para casa e passava o resto do dia comendo desavergonhadamente, enquanto lia romances policiais e aventuras de mistério. Nos primeiros tempos, ainda ignorante na arte e no prazer de não fazer nada, achava os dias de folga terrivelmente longos. Aos poucos, porém, começou a aguardar com alegria a aproximação daqueles “domingos” deslocados, passando a encarar as terças-feiras como um dos principais atrativos da semana.

A terça-feira negra de novembro começou bem, com vento e céu cinzento, fria na medida exata para fazê-la sentir-se animada e cheia de energia. As dez e vinte e um Ginger entrava na Casa Bernstein, que, como sempre, estava cheia de gente. Também como sempre, ela percorreu lentamente o longo balcão frigorífico, olhando os pratos salgados expostos um ao lado do outro.

Dali passou à seção de massas e confeitaria, continuando o ritual de imaginar cada gosto, cada cheiro e cada textura de massa antes de comprar alguma coisa. A loja era uma babel de cheiros e vozes alegres: pão assado, canela e risadas; alho, cebola, cheiro-verde e conversas rápidas, em inglês temperado com os mais diferentes sotaques, do ídiche ao vernáculo de Boston, passando pela gíria da juventude; castanhas assadas, repolho, pickles e café; tudo isso acompanhado pelo tilintar de louça, talheres e caixa registradora. Depois de escolher, comprar e pagar, Ginger calçou novamente as luvas de tricô azul-marinho, ajeitou o pacote no braço e a bolsa no ombro, e dirigiu-se para a saída.

O pacote já estava acomodado no braço esquerdo, quando ela percebeu que deixara a carteira sobre o balcão. Voltou, apanhou-a, guardou-a e, ainda de cabeça baixa, lutando para fechar o zíper * da bolsa, rumou para a porta. Naquele exato momento, entrava na loja um homem igualmente distraído, vestido num casaco de *tweed* e usando um chapéu preto de estilo russo. Os dois não se viram e colidiram de frente. Ginger foi empurrada para trás. Ágil, o homem apanhou o pacote de compras antes que caísse ao chão e, com a mão livre, ajudou-a a recuperar o equilíbrio.

— Desculpe — disse. — A culpa foi minha.

— Oh, não! Foi minha!

— Isso acontece.

— Não vi o senhor entrar.

— Você está bem?

— Estou ótima. Obrigada.

O homem devolveu-lhe o pacote. Ginger agradeceu e estava outra vez acomodando o pacote no braço, quando viu as luvas pretas que ele usava. Eram luvas caras, de fino couro, tão bem feitas que mal se viam as costuras. Nada tinham de excepcional, mas Ginger gelou de medo. Seria, então, por causa do homem? Não, tratava-se de um sujeito como qualquer outro, um pouco pálido, de feições comuns e grossos óculos de tartaruga. Era inacreditável, inexplicável e irracional, mas o problema eram as luvas. De um momento para outro, a partir do instante em que pousou os olhos nelas, Ginger sentiu o coração disparar.

Formas e cheiros dissolveram-se a sua volta, como parte de um sonho que se esvai no momento de despertar: os fregueses que tomavam café às mesinhas, as prateleiras cheias de latas coloridas, os cartazes, o relógio de parede com o logotipo de uma fábrica de conservas, a pilha de vidros de confeitos, o balcão envidraçado. Tudo desaparecia como que encoberto por uma névoa vinda das entranhas da terra. Só as luvas persistiam, mais brilhantes a cada segundo, mais negras, mais reais, num mundo onde tudo parecia perder a identidade.

— Senhorita...

Ginger ouviu a voz do homem como se estivessem separados por uma barreira intransponível, ou como se ela estivesse parada à entrada e ele à saída de um longo túnel. A medida que as for-¹mas sumiam, os sons cresciam até se transformar numa gigantesca onda de vibrações que lhe martelava os tímpanos e encobria até as batidas do próprio coração. Ginger não conseguia despre-gar os olhos das luvas.

— Você está bem? — o homem perguntou, estendendo-lhe a mão num gesto talvez de solidariedade, talvez de desculpa, novamente.

O couro negro, colado à pele, brilhava com poros quase invisíveis. Ao longo dos dedos, os pequenos pontos, semelhantes a cicatrizes. As juntas dos dedos não passavam de ossos arredondados sob o couro...

Era preciso fugir. De repente, Ginger sabia que tinha que sair dali, fosse como fosse, para qualquer lugar. Tinha que salvar-se. A cada segundo o medo ficava mais denso e pesado. Não havia explicação possível, nem tempo a perder. Não sabia de onde vinha o perigo, porém sabia que se aproximava cada vez mais. No peito, o coração parecia a ponto de explodir. Ela gemeu baixinho, o som escapando entre os dentes cerrados, e lançou-se para frente, em direção à saída. Não entendia a razão de sua atitude, nem a relação que poderia ter com as luvas pretas. Na corrida, quase derrubou o homem do casaco de *tweed*, mas nem sequer o viu. Era possível até que ele não estivesse mais ali, que as luvas pretas tivessem se apartado dele e parrassem vivas e soltas pelo espaço armando o bote.

Ginger não poderia sair sem empurrar a porta, e talvez a tivesse mesmo empurrado, porém não tinha certeza de nada. Sabia apenas que saíra da loja,

estava na rua, lutando para respirar o ar frio, e precisava correr para salvar a própria vida. A direita arrastava-se o tráfego pesado da Rua Charles — buzinas, ronco de motores, pneus chiando. A esquerda, a vitrine da Casa Bernstein reluziu por um momento e desapareceu. Então Ginger disparou pela rua a fora. Já não pensava em nada. Era como se a névoa que brotara do piso da loja cobrisse, naquele instante, a calçada, a rua, o mundo. Uma sombra cinzenta, que não parava de crescer, parecia engolir a própria Ginger, devorando-a lentamente. Se ao menos tivesse certeza de que aquilo era um pesadelo... Mas, e se fosse? O medo que, sentia, o terrível medo que vem com os pesadelos, não seria menos real. Talvez houvesse gente nas calçadas... Ginger não sabia, não via, não ouvia. Precisava apenas fugir, o mais depressa possível, para o canto mais distante que pudesse encontrar, depressa, depressa. Sentia os lábios secos e arreganhados sobre as gengivas, os tendões do pescoço a ponto de rebentar, o rosto contorcido de pavor. E corria como se tivesse nos calcanhares uma matilha de cães danados. Cega, surda, muda. Perdida.

Minutos depois a névoa desapareceu. Ginger estava a meio caminho da ladeira da Rua Mount Vernon, parada junto à grade de ferro de uma abastada casa de tijolos vermelhos. Agarrou-se a dois montantes da grade com tanta força que os dedos doeram e encostou a testa suada no ferro frio. Parecia uma prisioneira tentando desesperadamente abrir a cela. E, no entanto, já começava a conformar-se com o inevitável. Tinha os pulmões ardendo, o peito dolorido pelo esforço da corrida e pela falta de ar. Tudo a sua volta parecia estranho. O que estava fazendo ali? Por que... *como* havia chegado até aquela grade?

Alguma coisa a assustara, mas ela ainda não conseguia lembrar-se do que poderia ter sido. A medida que conseguia respirar com mais calma, à medida que o coração retomava o ritmo normal, o medo começava a refluir pouco a pouco como a maré vazante.

Ginger levantou a cabeça e olhou ao redor. Viu os galhos secos de uma tília erguendo-se como ossos de esqueleto contra o céu pardo-cento. Era novembro, uma fria manhã de novembro, ainda tão escura que as lâmpadas da rua continuavam acesas. Pouco adiante, no topo da ladeira, es-

tava o Palácio do Governo. Abaixo, as luzes do cruzamento da Mount Vernon com a Charles.

Casa Bernstein... Claro! Era terça-feira, ela estava comprando comida quando... quando alguma coisa aconteceu. Sim, mas o quê? E onde estaria o pacote que carregava?

Soltou as grades de ferro e olhou para suas luvas de tricô. Luvas! As luvas pretas... O homem das luvas pretas a assustara. Não! As luvas pretas do homem do chapéu russo a assustaram. O homem de óculos e olhar míope... e luvas de couro preto. Por que a assustaram tanto? O que poderia haver de tão aterrorizante num par de luvas de couro preto?

Da outra calçada, um casal de velhos olhava para ela e Ginger tentou imaginar o que estariam pensando. Será que fizera alguma coisa terrível enquanto fugia? Não tinha a menor idéia. Branco total. Não conseguia lembrar-se de nada a partir do instante em que vira as luvas pretas. Três minutos? Talvez mais... Um tempo de oco absoluto, de memória vazia.

Envergonhada, sem saber o que teria feito ou o que estariam pensando os dois velhos, começou a descer a ladeira, de volta ao ponto onde aquela loucura havia começado. Junto a uma esquina, encontrou seu pacote de compras sobre a calçada. Parou um momento antes de apanhá-lo, procurando lembrar-se do momento em que o deixara cair. Nada. Não conseguia lembrar-se de nada.

— Mas... o que é que está acontecendo comigo?! — murmurou. As latas de carne e a bandeja de salmão haviam caído do embrulho, porém não faltava nada; Ginger recolheu as latas e a bandeja e recolocou-as dentro do saco de papel. Ainda sem entender o que acontecera, pôs-se a caminho de casa. De repente, porém, parou, hesitou um momento, e marchou decidida para a Casa Bernstein. Não precisou esperar muito, porque, um ou dois minutos depois, o homem de óculos de tartaruga, chapéu russo e casaco de *tweed* apareceu a porta da loja. Ao vê-la, mostrou-se surpreso.

— Oh! — exclamou. — Por favor, perdoe-me. Acho que nem tive tempo de pedir desculpas. Foi tudo tão repentino... você saiu correndo...

Ginger concentrou-se apenas nas luvas pretas. Uma delas, na mão direita, segurava com firmeza um pacote de papel pardo idêntico ao seu. A outra

fazia gestos no ar, acentuando as palavras que ele tentava articular. Uma luva de couro negro riscando ara-bescos no ar frio de uma cinzenta manhã de um novembro cinzento: nada mais, nada menos. Tudo normal. Luvas rigorosamente comuns. Sem o menor sinal de ameaça ou perigo.

— Não se preocupe — Ginger levantou os olhos fitou-o no rosto. — Também fiquei preocupada com o que o senhor estivesse pensando e voltei para pedir-lhe desculpas. Passe bem. — Tentou sorrir, já começando a afastar-se. — O dia hoje está mesmo um pouco... estranho. Passe bem.

Para chegar ao apartamento, precisava andar apenas alguns quarteirões, caminhada agradável em outras circunstâncias. Naquela manhã entretanto, Ginger sentia-se como um autêntico Ulisses do asfalto, obrigada a enfrentar mil perigos antes de atingir a segurança de sua Itaca de concreto.

Morava em Beacon Hill no segundo andar de um prédio pequeno e antigo que um banqueiro do século 19 mandara construir para residência da família. Ao ver o apartamento pela primeira vez, Ginger ficara seduzida pela elegância e pelo requinte dos detalhes: forros de gesso trabalhado, medallhões sobre o batente das pesadas portas de madeira, varandas em todos os aposentos, gra-dis de ferro na fachada, e duas lindas lareiras de mármore — uma na sala e outra no quarto de dormir. Era um lugar que sugeria permanência, continuidade, e não havia nada que ela prezasse tanto como uma vida estável; talvez fosse sua reação inconsciente à morte prematura da mãe.

Ao entrar em casa, ainda tremia de frio, embora o calor da sala aquecida se espalhasse até a cozinha, Ginger guardou parte das compras na despensa, parte na geladeira, e foi direto para o banheiro. Parou em frente ao espelho e vendo-se pálida, de olhos vermelhos, ainda assustada, interrogou-se:

— O que houve, *shnook*? Desculpe, mas você agiu como uma completa *meshuggene*. Completamente *farfufket*. E por quê? Você é a superdoutora Weiss, lembra-se? Por quê, doutora?

As palavras ecoaram sem resposta pelo amplo banheiro de paredes altas, e Ginger sentiu um calafrio. Alguma coisa muito séria havia acontecido, porem mais grave ainda era aquele eco dizendo-lhe o que ela temia descobrir: não sei... não sei...

Jacob Weiss era judeu apenas por uma circunstância genética. Embora se orgulhasse muito dos séculos de herança cultural que recebera junto com os genes, não era um hebreu praticante. Raramente ia à sinagoga e respeitava apenas os principais feriados religiosos — talvez com o mesmo espírito alegremente herético de certos cristãos que se reúnem para devorar uma festiva bacalhoa-da na Sexta-feira da Paixão. Ginger fora ainda mais longe que o pai e já se habituara à idéia de ser agnóstica. Pesava-lhe o fato de ser cinquenta por cento judia. Se precisasse definir-se, diria: “mulher, médica, trabalhadora compulsiva, politicamente omissa” e mais meia dúzia de atributos, antes de pensar na profissão de fê religiosa.

Havia momentos, porém, que só o ídiche parecia oferecer-lhe as palavras de que necessitava: quando estava muito preocupada ou muito assustada. Era como se, em algum nível obscuro de sua personalidade, ela reconhecesse um certo poder mágico na língua paterna, como se aquelas palavras pudessem exorcizar o mal, o azar ou qualquer catástrofe iminente.

— Sair correndo pela rua, deixar cair o pacote, esquecer tudo, até mesmo seu nome, o lugar onde estava, o que estava fazendo... tremer de medo sem saber de que... Você agiu como uma *ahrmish-tehl* — Ginger balançou a cabeça, as sobrancelhas franzidàs. —

E se um de seus clientes a visse, doutora Weiss? Quem é que confia num médico louco?!

Como de outras vezes, as palavras em ídiche conseguiram acalma-la, se não completamente, pelo menos o bastante para arrancá-la do estado de pânico latente e devolver-lhe o usual tom rosado do rosto e o brilho dos olhos. Percebeu que já não estava tremendo, embora ainda sentisse as mãos geladas.

Ginger curvou-se sobre a pia e lavou o rosto; depois apanhou uma escova e penteou os cabelos. Despiu-se, enfiou o pijama e o roupão — uniforme habitual dos dias de folga — e foi para o quarto ao lado do seu, transformado numa espécie de sala de estudos. Com um rápido olhar localizou na estante um livro grosso, com sinais visíveis de uso intenso: o *Dicionário Médico-Enciclopédico Taber*. Colocou-o sobre a mesa e procurou o verbete “Fuga”.

Conhecia perfeitamente o significado da palavra e não conseguia explicar por que estava consultando um dicionário que havia quase decorado. Talvez tivesse a esperança de que o dicionário também servisse de talismã, como as palavras em ídiche. Talvez acreditasse que, vendo as palavras impressas na página, conseguisse miraculosamente exorcizar o mal. Claro. Uma espécie de vodu para médicas civilizadas. Lá estava:

“Fuga (do lat. *fuga*), *s.í.* Severa dissociação de personalidade. Sair de casa ou de qualquer recinto, sob a ação de impulso incontrolável. Passada a crise, pode-se verificar perda total ou parcial da memória, em especial dos atos praticados durante o período de ausência”.

Ginger fechou o dicionário e devolveu-o à estante. Tinha vários outros volumes que poderiam fornecer novas informações sobre fuga, suas causas, significado ou conseqüências possíveis, mas resolveu deixá-los na prateleira. Era impossível continuar agindo como se aquilo fosse um sintoma de doença grave. Podia ser stress, conseqüência previsível de excesso de trabalho. Um simples incidente isolado, sem importância. Uma rápida crise de fuga, mais nada, uma ausência de dois ou três minutos. Com certeza, sinal de que estava mesmo precisando descansar. A prova definitiva de que as terças-feiras eram necessárias e talvez não suficientes. Nesse caso, bastaria refazer a agenda de modo a poder sair do hospital um pouco mais cedo — uma hora por dia, por

exemplo —, e pronto, adeus stress, fugas e perda de memória!

Para chegar onde estava, Ginger trabalhara muito mais do que sua mãe teria imaginado, e tudo que fizera nascera sempre de uma única idéia: se era mesmo uma pessoa especial, tinha responsabilidades especiais. Anna sabia que ela não fugiria de nenhuma dificuldade, Jacob confiara nela até o último momento de vida, Ginger não os decepcionaria. Que falta lhe fazia a mãe naquele instante! Anna a fazia pensar nos sacrifícios que lhe custara chegar até ali, nos fins de semana de plantão, nos anos e anos sem férias... e em todos os outros prazeres que deixara de lado. Faltavam apenas seis meses para o fim da segunda residência. Depois poderia montar o próprio consultório e nada, absolutamente nada, a impediria de realizar esse sonho — ou mais ainda: esse *plano* cuidadosamente elaborado e perfeitamente executado. Nin-

guém, nada lhe roubaria o prazer de ter feito o que decidira fazer de si mesma.

Era o dia 12 de novembro.

3. ELKO COUNTY, NEVADA

Ernie Block tinha medo do escuro. Dentro de casa o medo ainda era suportável, mas na rua, na vasta escuridão das noites do norte de Nevada, Ernie entrava em pânico. Durante o dia preferia as salas de janelas grandes. A noite, porém, tudo mudava, e ele procurava as salas de pequenas janelas estreitas ou mesmo sem janela alguma, porque tinha a nítida impressão de que a escuridão forçava os vidros e sacudia as persianas como um ser vivo, querendo entrar a qualquer custo para devorá-lo. De nada adiantava correr as cortinas, porque continuava a sentir a presença da noite, além dos vidros, além das paredes, à espera do momento oportuno para dar o bote.

Era um horror e uma vergonha. De repente, sem mais nem menos, o medo do escuro passou a fazer parte dele. Não sabia a razão; sabia apenas que tinha medo. *Medo*. Um medo comum em milhões de crianças, claro. Mas Ernie tinha cinqüenta e dois anos.

Na sexta-feira seguinte ao dia de Ação de Graças, estava sozinho, trabalhando no escritório do motel; Faye decidira aproveitar o feriado para ir ao Wisconsin visitar Lucy, Frank e as crianças, e só voltaria na terça seguinte. Para o Natal os dois tinham planos de fechar o motel e ir para Milwaukee passar as festas com a filha, o genro e os netos, mas dessa vez Faye viajara sozinha.

Ernie jamais se acostumaria a viver sem ela, mesmo por alguns dias. Sentia uma falta terrível da mulher que era não apenas sua esposa fazia mais de trinta e um anos, mas também sua melhor amiga. Amava-a agora muito mais do que quando se casaram. E, sem ela, achava as noites mais longas, mais terríveis, mais escuras do que nunca.

* Às duas horas da tarde de sexta-feira, Ernie já havia trocado os lençóis de todos os quartos, varrido e limpado os banheiros; o Motel Tranqüili-

dade estava pronto para receber os hóspedes de fim de semana. Único hotel em quase vinte quilômetros de estrada, bem próximo do acesso à rodovia principal, era um local tranqüilo, uma pequena ilha verde cercada de planícies pedregosas, vegetação rasteira e galhos secos. Quarenta e oito quilômetros a leste estava Elko, e na direção oposta, a sessenta quilômetros, Battle Mountain. Carlin, que poderia ser considerada uma bela cidade, e a vila de Beowawe também não eram muito distantes, mas no Motel Tranqüilidade não se via sinal de vida pelas redondezas. Chegando ao estacionamento, por exemplo, o novo hóspede tinha a nítida sensação de que afinal encontrara o único lugar do planeta que lhe forneceria abrigo e comida a meio caminho de uma longa viagem.

Ernie estava no escritório, limpando o balcão, debruçado à procura de arranhões e marcas deixadas sobre o tampo de carvalho. Em rigor, era um trabalho desnecessário, porque ninguém se demorava frente ao balcão o tempo suficiente para arranhá-lo, mas servia para fazê-lo esquecer de que as horas corriam e logo chegaria a noite. Se, por acaso, não aparecesse ninguém para passar a noite no Motel, ele iria dormir com a certeza de que estava completamente sozinho. Se não se mantivesse ocupado, voltaria a pensar que estava em novembro e que em novembro anoitece muito cedo, assim, quando a noite afinal chegasse, estaria tenso como uma corda de violino, prestes a rebentar de angústia ao menor ruído.

O escritório estava profusamente iluminado desde as primeiras horas da manhã. Sobre o balcão, uma lâmpada fluorescente projetava um retângulo de luz no feltro verde do tampo. Junto ao arquivo onde guardava as fichas dos hóspedes, reluzia um abajur de haste longa. Do outro lado do balcão, à direita de onde ficavam os aspirantes a hóspedes, havia um *display* com cartões postais, outro com livros à venda e uma pequena estante com guias de viagem e mapas. Ao lado da porta, dispunham-se um sofá bege e duas mesinhas laterais, cada qual ostentando um abajur de três lâmpadas poderosas, todas acesas. No teto, uma luminária de vidro fosco difundia a claridade de duas lâmpadas. E a ampla janela envidraçada deixava entrar, em toda a plenitude, os raios do sol, que incidiam sobre o estofamento do sofá e tingiam de

ouro e mel o teto branco da entrada. Sobre as mesas laterais, o bronze polido de dois cinzeiros cintilava.

Quando Faye estava em casa, Ernie conseguia vencer o medo e desligava algumas lâmpadas, certo de que ela protestaria contra “tamanho desperdício de energia’’. De qualquer modo, a simples visão de uma lâmpada apagada fazia-o estremecer; se não fosse tão importante guardar segredo sobre o que estava acontecendo, Ernie tinha certeza de que não resistiria à tentação de, outra vez, acendê-las todas, assim que Faye as desligasse.

Tanto quanto Ernie podia perceber, Faye ainda não desconfiava de nada, embora o medo do escuro já fosse um tormento para ele havia quase quatro meses. Melhor assim. Preferia que Faye não descobrisse; em primeiro lugar, envergonhava-se de tremer de medo como uma criança e, em segundo lugar, não queria vê-la preocupada. Não teria o que dizer, não saberia explicar o que estava acontecendo. Além disso, não perdera a esperança de superar o que lhe parecia ser uma doença. Mais cedo ou mais tarde estaria curado e, assim, não havia razão para contar tudo à mulher e causar-lhe preocupação.

Não podia ser tão sério. Em cinqüenta e dois anos de vida, Ernie poucas vezes ficara doente, e nunca com gravidade. Só estivera hospitalizado uma vez, durante a guerra do Vietnã, para tratar de dois ferimentos a bala. Não havia registro de doenças mentais em sua família e não seria ele, Ernest Eugene Block, que iria inaugurar o ramo genealógico dos Block abobalhados e desequilibrados, contando misérias íntimas em divãs de psiquiatras. Ah! Mas não, *mesmol* Claro que ia vencer... aquilo. Por terrível que fosse, por estranho, desconcertante, horrível e assustador que fosse!

Os primeiros sintomas surgiram em setembro: um ligeiro mal-estar que aumentava à medida que ia escurecendo e persistia até o dia clarear. No início, não era muito acentuado, nem acontecia sempre, mas depois começou a piorar. Em meados de outubro, o crepúsculo já lhe dava calafrios. Em novembro, o mal-estar transformara-se em medo e, nas duas últimas semanas, além do medo, havia uma ansiedade quase incontrolável, que crescia com a aproximação da noite. Nos últimos dez dias Ernie já não tinha coragem de sair de casa à noite. Faye ainda não desconfiava de nada, mas era apenas uma questão de tempo; em breve ele teria que achar alguma explicação, algu-

ma coisa que servisse para dizer à mulher e que o impedisse de enlouquecer de medo.

Ernie era um homem tão grande e forte que parecia imune a qualquer tipo de medo. Musculoso, com quase dois metros de altura, tinha ombros largos e bíceps poderosos. Os cabelos loiro-acinzentados, cortados rente à cabeça, deixavam entrever as formas regulares do osso craniano; o rosto simpático parecia realmente talhado em pedra. Na escola, quando era um astro do futebol, os colegas o chamavam de “Touro” — apelido que sobreviveu durante muito tempo. Na Marinha, em seus vinte e oito anos de serviço, muitas vezes era chamado de “senhor” por oficiais de patente superior à sua, tamanha a autoridade que emanava dele. Qualquer um daqueles oficiais ficaria muito surpreso se soubesse que, ultimamente, Ernie suava frio, tremia dos pés à cabeça e cerrava os dentes, cada vez que pensava na chegada da noite.

O balcão brilhava como um espelho, mas Ernie ainda não se dava por satisfeito e continuava a esfregá-lo com força, a imensa mão aberta sobre a flanela amarelada; queria manter-se ocupado para não pensar. As quinze e quarenta e cinco, afinal, levantou a cabeça. O sol havia mudado de lugar e já não parecia dourado; dirigindo-se rapidamente para o horizonte, tornava-se cada vez mais avermelhado.

As quatro horas chegaram os primeiros hóspedes, o sr. e a sra. Gilney; tinham quase a idade de Ernie e voltavam para casa, em Salt Lake City, depois de uma semana de férias, com o filho, em Reno. Ernie encompridou a conversa com eles o mais que pôde, porém a viagem fora longa e os dois pareciam ter pressa de ir descansar. Lá fora, o sol avermelhava ò horizonte. Havia poucas nuvens, densas e pesadas como galeões incendiados, carregados de cadáveres, arrastados sem rumo por um mar de sangue.

Dez minutos depois, apareceu um homem alto, pálido e magro; era um funcionário do Ministério da Agricultura, encarregado de medir umas terras por ali, e pediu um quarto para duas noites.

Outra vez sozinho, Ernie lutava para não consultar o relógio e não olhar pela janela. Bastava-lhe o reflexo do sol na parede a sua frente para saber que o sangue cobria o horizonte e continuava a brotar por todos os lados.

— Nada de pânico — disse para si mesmo. — Você esteve no Vietnã, já viu tudo o que pode haver de mais terrível. Merda! Você sobreviveu! Não é possível que vá tremer agora, justamente agora... só porque está escurecendo!

As dezesseis e quarenta e cinco o sangue cobria o mundo. O coração de Ernie disparou. Por um momento teve a impressão de que suas costelas começavam a fechar-se, como uma enorme mandíbula, triturando-lhe a alma. Aproximou-se da mesa, sentou-se na cadeira de Faye, fechou os olhos e respirou fundo, uma, duas, três vezes, tentando acalmar-se. Ligou o rádio. As vezes, a música servia-lhe de sedativo. Kenny Rogers cantava, triste, falando de solidão.

O sol, afinal, alcançou o horizonte e, lentamente, mergulhou na terra. A luz avermelhada da tarde tornou-se azul-escura, como nos fins de tarde em Singapura, quando Ernie trabalhava como guarda na embaixada, era muito jovem e não tinha medo de nada.

O crepúsculo chegou. E logo veio o pior: a noite. Na fachada do motel, as letras azuis e verdes do neon acenderam-se automaticamente, acionadas pelo mecanismo fotossensível, mas Ernie sequer percebeu. Continuava sentado na cadeira de Faye, os olhos fechados, a testa coberta de suor frio.

As seis em ponto, Sandy Sarver saiu correndo do Restaurante Tranqüilidade, bem ao lado do motel. Na verdade, era apenas uma lanchonete, com cardápio simples e limitado, que servia lanches aos hóspedes e aos caminhoneiros eventualmente atraídos pelo luminoso. Caso algum hóspede desejasse, havia a opção de “pernoite com café da manhã no quarto”, desde que encomendado de véspera. Sandy dirigia o restaurante junto com o marido, Ned; ela atendia os fregueses e Ned encarregava-se da cozinha. Moravam num *trailer* estacionado perto de Beowawe e, todas as manhãs, dirigiam-se ao trabalho numa velha camioneta.

Quando Sandy abriu a porta, Ernie saltou da cadeira, lívido, certo de que, atrás dela, entraria a noite, esgueirando-se por entre suas pernas como uma pantera.

— Vim trazer o jantar. — Sandy sacudiu os cabelos, como se quisesse jogar para longe a umidade da noite, e colocou sobre a mesa uma embalagem

de papelão branco contendo um *cheese-burger*, batatas fritas, salada de repolho e uma lata de cerveja. — Achei que uma cerveja o ajudaria a engolir todo esse colesterol.

— Obrigado.

Sandy dava a impressão de não se preocupar com a aparência. Excessivamente magra, tinha cabelos opacos e sempre despenteados, unhas roídas, dedos amarelados pela nicotina. Vestia-se mal, andava cabisbaixa e raramente mostrava o rosto, sempre lavado. No entanto, conseguiria ser uma bela mulher se ganhasse alguns quilos, sabiamente distribuídos do pescoço à virilha, e seguisse certos conselhos de beleza elementares fornecidos pelas revistas

femininas. Era, contudo, uma boa alma. Ernie e Faye viviam imaginando como ela seria se decidisse cuidar melhor de si mesma e viver com mais alegria.

As vezes, Ernie surpreendia-se preocupado com Sandy do mesmo jeito como se preocupava com Lucy, sua filha, antes de Frank aparecer e Lucy desabrochar em plena felicidade. Tinha a sensação de que alguma coisa muito grave acontecera na vida de Sandy, um golpe duro, definitivo, terrível; um golpe que, se não conseguiu destruí-la, obrigou-a a baixar para sempre a cabeça, na tentativa de proteger-se de novas esperanças, novas frustrações, novas dores, novos encontros com a maldade humana.

Ernie examinou a comida e abriu a lata de cerveja.

— Parece ótimo — comentou. — Ned faz os melhores *cheese-burgers* do mundo.

— E uma sorte ter um homem que sabe cozinhar. — Sandy esboçou seu pequeno sorriso envergonhado. — Principalmente no meu caso... sou uma negação completa na cozinha.

— Ora... aposto que, se você quisesse, seria uma excelente cozinheira.

— Nada disso. Não sei cozinhar, nunca soube e nunca vou aprender.

Ernie correu os olhos pelos braços sardentos de Sandy, emergindo das mangas largas do uniforme.

— A noite está muito fria para andar por aí com essa roupa — disse. — Você vai acabar se resfriando.

— Oh, não... — Ela sacudiu a cabeça. — Eu não... Faz muito tempo que aprendi a não sentir frio.

A estranha frase soou ainda mais estranha naquele tom de voz. Antes, porém, que Ernie conseguisse abrir a boca para pedir-lhe uma explicação, Sandy deu-lhe as costas murmurando:

— Volto mais tarde para apanhar a bandeja.

— Você... O restaurante está cheio?

— Não muito. Mas está na hora de aparecerem os caminhoneiros. — Sandy parou a meia distância entre a mesa e a porta. — Para quê tantas lâmpadas acesas? — Como se a pergunta não me-

recesse resposta, continuou a andar e teria saído se a tosse engasgada de Ernie não a fizesse parar, a mão na maçaneta da porta entreaberta.

— E que... — A noite estava ali, a um passo da porta, visível, palpável, e Ernie mal pôde engolir a batata que mastigava. — E que... bem... isto é um motel... os motoristas que passam na estrada precisam ver a gente, não é?

— Sim, mas não aqui no escritório. — Sandy replicou, olhando em torno. — Você está querendo se bronzear?

— Não... Você sabe... um motel mal iluminado dá péssima impressão... Os clientes gostam de luz, de claridade...

— E verdade. Acho que eu nunca pensaria nisso... — Ela curvou ainda mais os ombros, baixou ainda mais a cabeça. — Deve ser por isso que você é o chefe. Nunca penso em coisas importantes, só em bobagens...

Ernie suspendeu a respiração; sentia o coração bater como um tambor e as veias do pescoço latejarem. Por fim, a porta fechou-se com um estalido, e ele respirou. Viu o vulto magro da moça passar pela janela e desaparecer. Sandy jamais se vangloriara de coisa alguma; ao contrário, sempre se declarara incompetente. Dizia que não sabia cozinhar, nunca soube, jamais saberia. Que não pensava em coisas importantes... Defeitos, falhas, nenhuma qualidade, nenhuma vaidade, nenhum orgulho. Não era boa companhia, mas, naquela noite, qualquer criatura racional seria interessante e preciosa para Ernie.

Debruçado sobre a bandeja, ele tentou concentrar-se na refeição, esforçando-se para não levantar a cabeça até acabar de comer. Era o único modo

de esquecer a noite, o medo, o suor frio que começava a escorrer-lhe pelas axilas, pela testa, pelas costas.

As seis e cinqüenta, oito dos vinte apartamentos do motel estavam ocupados. Era a segunda noite de um fim de semana prolongado e havia muita gente na estrada; antes das nove horas, com certeza, a metade dos aposentos estaria tomada, e mais tarde ainda apareceriam outros hóspedes. Contudo... como conseguiria manter o motel aberto até mais tarde?!

Ernie era homem da Marinha. Fazia seis anos que estava na reserva, porém ainda era homem da Marinha, daqueles para os quais o dever e a coragem eram sagrados, daqueles que jamais fugiram da luta, que nunca tremaram frente ao inimigo, nem mesmo no Vietnã, com balas voando sobre a cabeça, com fogo por todos os lados, com a retirada cortada, vendo morrerem os companheiros. Naquele momento, contudo, tremia de medo, sentia-se incapaz de permanecer no escritório, porque não havia cortinas nas janelas e apenas um vidro fino o protegia da escuridão, da noite, do caos. Cada vez que alguém abria a porta, seu estômago dava voltas e uma náusea pesada e dolorida subia-lhe pela garganta; aberta a porta, já não havia barreira que o protegesse da noite.

Sem querer, notou que suas mãos tremiam, úmidas. Estava tão tenso que não conseguia mais permanecer sentado; andava de um lado para outro, concentrado em não se aproximar muito das janelas.

As sete e quinze já não tinha forças para resistir e, envergonhado, rendeu-se ao pânico. Com um gesto rápido, incontrolável, acionou o pequeno interruptor sob o balcão e acendeu o luminoso da porta de entrada: “Não há vagas”. Depois trancou a porta, apagou as luzes e afastou-se para o interior da casa, à medida que as sombras cresciam a sua volta como se fechassem o cerco. Subiu a escada iluminada, na fuga para o quarto, repetindo para si mesmo, a cada degrau, que não havia razão para correr, que não havia nada a temer, que tudo estava como sempre, que Faye logo voltaria. E principalmente dizia-se que ele era um homem, não um menino; que não havia ninguém escondido no escuro para pregar-lhe um susto. Era inútil, porque não tinha medo de que alguém lhe fizesse mal... tinha medo da própria noite, e o medo crescia sempre.

De repente, disparou pela escada acima, tropeçando, agarrando-se ao corrimão, sem ver nem ouvir, dominado pelo pânico. No quarto, sem coragem de abrir os olhos e encarar a escuridão, bateu a parede à procura do interruptor, bateu a porta, encostou-se à madeira lisa e, muito lentamente, erigiu as pálpebras. O quarto

brilhou a sua frente, inundado pela luz suave dos abajures ao lado da cama. Ernie, porém, continuava a tremer, mal conseguindo respirar, o corpo banhado de um suor fétido, o suor do medo. Havia mais lâmpadas no quarto e nas outras dependências que Faye transformara em verdadeiro lar no andar superior do motel; Ernie correu de sala em sala, acendendo as luzes, uma a uma, por todos os cantos. As cortinas ainda estavam fechadas, exatamente como as deixara na noite anterior, e todas as lâmpadas acesas. E ele começou a sentir-se razoavelmente seguro.

Alguns minutos depois, mais calmo, telefonou para o restaurante e disse a Sandy que fechara mais cedo porque não estava passando bem; pediu-lhe que não o perturbasse e deixasse as contas para o dia seguinte. Então foi para o banheiro. Queria livrar-se daquele cheiro de suor, que lhe parecia cada vez mais forte, entranhado na pele como um estigma. Abriu o chuveiro e esfregou-se com força, durante muito tempo. Por fim, enxugou-se, vestiu cuecas limpas e um confortável roupão de lã, e calçou os chinelos.

Apesar da ansiedade e do mal-estar, antes da viagem de Faye conseguira dormir no escuro, embora com a eventual ajuda de uma ou duas cervejas. Depois que ela partira, no entanto, quase não dormia. As duas noites que passara sozinho foram um longo tormento que parecia infundável, entrecortado por momentos de torpor, sonolência e exaustão. Os olhos ardiam sob a luz forte da lâmpada central, que, não obstante, parecia-lhe mais indispensável que na véspera.

O que faria quando Faye voltasse? Seria capaz de ficar na cama, imóvel, fingindo que dormia no quarto completamente escuro? E se começasse a suar frio, ou a tremer, ou a berrar de medo no momento em que ela desligasse a lâmpada de cabeceira? O pensamento o fez saltar da poltrona onde acabava de sentar-se. De punhos e dentes cerrados, quase sem perceber, Ernie apro-

ximou-se da janela e tocou a cortina com as pontas dos dedos, cuidadoso, hesitante. No peito, o coração novamente disparou.

Faye confiava nele como um pescador confia no porto seguro. Era o homem que ela amava, o homem forte, indestrutível, eter-

no, que estaria sempre a seu lado para ajuda-la, ampara-la, dar-lhe o apoio necessário. O homem sólido como um rochedo, como os homens devem ser. O que Faye pensaria se, de repente, ele lhe faltasse? Não! Não podia decepcioná-la, não podia fracassar. Aquele ridículo e incompreensível medo do escuro precisava desaparecer até terça-feira, antes que Faye voltasse do Wisconsin.

Era fácil falar... Bastou pensar na escuridão que estava ali, a apenas alguns passos, atrás das cortinas, para que outra vez sentisse a pele gelar-se de pavor. Até que, de repente, percebeu que só lhe restava uma saída: encarar o inimigo, partir para a ofensiva. A eterna lição da guerra ensinara-o a ser forte, a erguer-se diante do fogo inimigo, a aceitar o desafio. Sempre fora homem de luta... Havia de dar certo!

Estava parado frente à janela do quarto, nos fundos do motel. Por trás das cortinas, dos vidros e das persianas, abria-se a paisagem deserta e ressequida de tantos e tantos anos. Nada além de chão e céu até o horizonte; nenhuma luz além do brilho distante das estrelas. Precisava abrir as cortinas, escancarar a janela, encarar a imensidão que parecia espreitá-lo. Precisava lutar... pelo menos tentar... Se vencesse, estaria livre para sempre! E, quando Faye voltasse, tudo estaria bem, como antes.

Com dois movimentos rápidos e decididos, abriu a janela e debruçou-se ligeiramente para fora. Encontrou apenas a noite de sempre, fria, silenciosa e eterna. Mais nada. Nenhuma ameaça, nenhum fantasma.

Foi o tempo de um pensamento. Inexorável como um pesadelo, passos lentos mas firmes, a noite começou a aproximar-se, a ganhar corpo. Não era visível nem tinha limites, mas era densa, pulsava, crescia. A noite e sua legião de horrores: fantasmas, mutilados, cadáveres, pesadelo, putrefação, morte... E cada vez mais próximos.

Quando Ernie finalmente conseguiu respirar, a janela estava fechada e sua testa suada apoiava-se no vidro frio. Agora, pelo menos, havia o vidro.

O deserto de Nevada continuava crescendo lá fora, chegava até as montanhas invisíveis, ao longe. Mas as mon-

tanhas moviam-se... afastavam-se... fugiam! Apenas a escuridão estéril da planície permanecia, rolando em todas as direções, avolumando-se, ocupando a terra e o céu. A vasta noite encobria o mundo, turvava a razão, causava vertigens. Ernie sentia a garganta contrair-se, os pulmões fecharem-se como balões vazios.

— Ar! — gemeu. — Ar...

O som da própria voz arrancou-o do transe. Ele caiu de joelhos junto à parede, puxando as cortinas num último e desesperado gesto de defesa. Estava salvo. No quarto inundado de luz nenhuma escuridão poderia atingi-lo. Ainda curvado, arrastou-se até a cama, enrolou-se na colcha e ficou quieto durante muito tempo, esperando que os dentes parassem de bater e o coração voltasse ao ritmo normal.

A experiência não dera certo. Arriscara-se a enfrentar a noite, e a noite quase o matara. Tinha certeza de que, a partir daquele instante, nunca mais seria capaz de sobreviver a um único momento de escuridão.

— Deus... — disse baixinho, olhos no teto. — O que é que está acontecendo comigo? Deus... Oh! Meu Deus...

Era o dia 22 de novembro.

4. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

No sábado, depois de nova crise de sonambulismo, Dom resolveu que chegara a hora de dedicar-se metodicamente à cura. O primeiro passo era cansar-se até a exaustão. Assim, quando se deitasse à noite, não teria energia suficiente para andar pela casa e conseguiria dormir na cama, como qualquer mortal.

— O programa começou às sete da manhã, com uma hora e meia de corrida pelas ladeiras de Laguna Beach, para cima e para baixo, respirando o ar saudável ainda carregado de orvalho. Depois, já aquecido, fez ginástica no pátio de casa, metros acima do mar, até ficar com a roupa encharcada de

suor. Passou mais cinco horas dedicado ao jardim, trabalho pesado e cansativo, pois já fa-

zia muito calor. Na etapa seguinte do programa, foi até a praia, tomou um pouco de sol e nadou muito. Jantou no Picasso, andou mais de uma hora pelas calçadas da cidade, praticamente desertas naquele período de entressafra de turistas e, tarde da noite, voltou para casa.

Despiu-se no quarto, sentindo no corpo os primeiros efeitos do esforço físico, uma espécie de formigamento, uma deliciosa sensação de cansaço. Como medida extra de precaução, ainda preparou uma dose generosa de Remy Martin, seu conhaque preferido, e bebeu-a de um só gole. Na cama, teve a impressão de que adormecia no exato momento em que apagou a lâmpada da cabeceira.

Praticamente já não havia noite em que não perambulasse pela casa, e o problema passara a ser sua principal preocupação. Quase não conseguia trabalhar. O novo livro, que parecia evoluir tão bem e prometia ser ainda melhor que o primeiro, estava parado. Ao longo das duas últimas semanas acordara nove vezes no fundo do armário, quatro vezes em quatro noites consecutivas. Já não via nada de divertido ou interessante na loucura em que sua vida se transformara. Tinha medo de se deitar para dormir porque sabia que, adormecido, não era capaz de controlar seus gestos, atos ou movimentos.

Na sexta-feira, por fim, resolvera procurar um médico, o dr. Paul Cobletz, de Newport Beach. Conseguira falar-lhe sobre as crises de sonambulismo, mas saíra do consultório com a sensação de que não havia sido completamente franco, pois não contara ao médico que começava a preocupar-se seriamente com tudo aquilo. Não dissera ao dr. Cobletz que começava a entrar em pânico.

Dom era muito cioso de sua privacidade, talvez em consequência da infância que tivera, das dezenas de pais e mães adotivos que conhecera, dos raros parentes que demonstravam algum interesse em saber se estava vivo ou morto. Mães e pais falsos, parentes ausentes ou presentes, alguns muito hostis, formavam uma espécie de nebulosa em sua memória, sem rostos definidos, com um ou outro sorriso, várias carrancas, nenhum afeto. Talvez por isso, tal-

vez por outros motivos, também, Dom não era capaz de partilhar com ninguém suas experiências pessoais mais profundas. Na maioria das vezes, e em relação a muitos assuntos, só as personagens de seus livros falavam por ele.

Os sintomas descritos por Dom não provocaram no dr. Cobletz nem grande preocupação, nem espanto. Depois de submetê-lo a demorado exame clínico, o médico concluiu que seu paciente gozava de excelente saúde, e atribuiu as crises de sonambulismo a um momento de *stress* relacionado, talvez, com a publicação do primeiro livro.

— Não seria o caso de fazer outro tipo de exames? — Dom perguntou.

» — Vocês, escritores, têm imaginação fértil. Sou capaz de apostar que está com medo de ter um tumor no cérebro. Acertei?

— E... acho que sim.

— Sente dores de cabeça? Tonturas? Perda de visão?

— Não.

— Examinei suas retinas e não há sinal de alteração. Pressão intracraniana normal, portanto. — O dr. Cobletz examinou as anotações. — Tem tido náuseas? Vômitos?

— Não. Nada disso.

— Alterações ou problemas de fala? Súbitas mudanças de humor? Períodos de depressão seguidos de períodos de euforia sem razão aparente? Qualquer anormalidade de comportamento ou de hábitos?

— Não.

— Então não há motivo para outro tipo de exames.

— Talvez... psicoterapia? — Dom cruzou os braços, atento.

— Pelo amor de Deus! Claro que não! Essas crises vão desaparecer logo, de repente, assim como surgiram. Fique tranquilo.

Dom vestiu a camisa, abotoou-a, enquanto o médico guardava sua ficha no arquivo.

— Nem... algum sonífero? — perguntou.

— Não, não. — O médico balançou a cabeça. — Ainda não. Só receito soníferos e calmantes quando é absolutamente neces-

sário para o paciente se recuperar da tensão. Mas não é seu caso, Dom. Vamos tentar outro caminho. Sugiro que pare de escrever por algumas semanas. Deixe a massa encefálica em paz e trate de dar trabalho ao corpo. Faça ginástica, corra, ande, respire. Enfim, faça o possível para se cansar fisicamente e vá para a cama tão exausto que não consiga pensar em nada. Tenho certeza de que em duas ou três semanas você estará curado.

Assim, no sábado, Dom iniciou seu programa de exercícios levando-o muito mais a sério do que o dr. Cobletz poderia imaginar, e, pelo menos no primeiro dia, tudo deu certo. Ao despertar na manhã seguinte, porém, Dom não estava nem no armário, nem na cama, e, sim, na garagem.

Foi acordando devagar, ainda sufocado pelo medo, o coração aos pulos, a garganta seca, os punhos cerrados. Todos os músculos do corpo doíam, em parte por causa dos exercícios da véspera, em parte por causa da posição em que estava.

A noite, apanhara dois pedaços de lona que ficavam guardados sob a mesa da garagem e colocara-os atrás da caldeira que compunha o sistema de aquecimento da casa. Era ali que estava, escondido entre os dois pedaços de lona. Mas por que razão se escondera?

Já acordado, afastando a lona para poder ver onde estava, arregalando os olhos avermelhados, ainda sentia o pulso acelerado. Ainda estava assustado. Por quê?

Um pesadelo... Claro! Tivera um pesadelo, um sonho onde aparecia alguma coisa que o havia assustado muito. Então saíra da cama para procurar um lugar onde pudesse esconder-se... e enfiara-se no fundo da garagem, atrás da caldeira, entre os pedaços de lona.

À frente, poucos passos adiante, seu moderno carro branco parecia um fantasma, meio oculto nas sombras. A única iluminação da garagem vinha de uma pequena janela pouco acima da mesa. Dom sentia-se como se fosse, ao mesmo tempo, autor e personagem de uma cena de terror. O dia começava a clarear. Ele voltou para dentro de casa, entrou no escritório e sentou-se diante do computador. Digitou o código e esperou que o monitor mostras

se o último texto que havia no disquete. Tudo bem: o texto era exatamente o mesmo que deixara gravado na quinta-feira.

Era um alívio, mas também uma decepção. Dom percebeu que se aproximara do monitor na esperança de encontrar alguma coisa — uma mensagem, um aviso, qualquer sinal que o ajudasse a entender o que estava acontecendo. Havia uma parte dele, de seu cérebro, de seu inconsciente, que guardava todas as respostas, mas era como um arquivo secreto e inacessível. Só quando dormia é que o inconsciente encontrava espaço para manifestar-se plenamente, e Dom tinha a esperança de que o computador pudesse ajudá-lo.

Desligou o aparelho e permaneceu onde estava, pensativo, os olhos perdidos na paisagem que começava a revelar-se à luz transparente da manhã. Depois de algum tempo, levantou-se para ir ao banheiro, mas parou de repente, junto à porta do quarto. Alguma coisa no carpete feriu-lhe o pé descalço... um prego. Havia dezenas de pregos, todos iguais, sem cabeça, com pouco mais de três centímetros, espalhados pelo carpete desde a entrada do quarto até a janela.

Dom seguiu com o olhar o estranho rastro de seu pesadelo e encontrou a caixa de pregos, quase vazia, tendo ao lado um martelo. Abaixou-se, apanhou o martelo, examinou-o, franziu as sobrancelhas. Lentamente examinou a parede e o batente da janela. E então viu um prego meio enfiado na madeira da veneziana. Ali começava o rastro que se espalhara pelo quarto. Deus do céu! Algo acontecera... e deixara-o tão assustado que ele havia tentado pregar a janela! Tentara impedir que alguém entrasse... e então, de repente, assustara-se ainda mais e fugira. Correria para a garagem, espalhando os pregos pelo chão, e fora esconder-se embaixo da lona, atrás da caldeira.

Dom deixou o martelo cair e olhou para fora. As roseiras começavam a florir, a grama brilhava na umidade da manhã e as pedras de mármore na entrada da casa vizinha pareciam recém-lavadas. Uma linda vista, digna de cartão-postal, o que de tão

terrível poderia ter acontecido naquele lugar tranqüilo? Quem se aproximara de sua janela para assustá-lo?

Aos poucos, à medida que o dia se espalhava sobre o mar, Dom viu chegarem as primeiras abelhas, atraídas pelas rosas. Então curvou-se e começou a guardar os pregos.

Era o dia 24 de novembro.

5. BOSTON, MASSACHUSETTS

Depois do incidente das luvas pretas, passaram-se duas semanas sem novidades. Nos primeiros dias, logo após a cena na Casa Berns-tein, Ginger andou tensa, sempre à espera de que sobreviesse outra crise. Mais do que nunca, mantinha-se em permanente estado de alerta, atenta a qualquer possível alteração de suas funções fisiológicas ou psicológicas. Como não notas-se nada de estranho, começou a tranquilizar-se. Não havia sintomas de cefaléia, nem náuseas, nem dor nos músculos ou nas articulações. Aos poucos foi se recuperando do susto e logo voltou a ser a calma e segura dra. Weiss que todos conheciam, principalmente ela mesma. Tratava-se de um simples caso de fuga associada a stress, uma experiência desagradável que poderia evitar facilmente com providências simples como descanso, boa alimentação e muita paz.

Quando estava no hospital, porém, descanso era a última coisa em que poderia pensar. Apesar do jeito lento de falar e da aparência preguiçosa, o dr. George Hannaby, chefe da equipe de cirurgiões, mantinha os subordinados num ritmo maçante de trabalho e exigia de todos pontualidade, disciplina, ordem. Ginger não era a única residente que o assistia nas cirurgias, mas era a única que trabalhava exclusivamente com ele, uma espécie de “eleita”. O grande chefe sempre a chamava para qualquer tipo de intervenção, desde os mais variados implantes — de ponte cardíaca ou aórtica, de veia safena ou artéria mamária, de válvulas in-tracardíacas ou marcapassos — até embolectomias, cineangio-coronariografias e arteriografias.

George mantinha estrita e constante vigilância sobre sua brilhante discípula e jamais perdia uma oportunidade de comentar os mais insignificantes detalhes de procedimento cirúrgico errado que observasse. Com seu ar bonachão e descontraído, o mestre já enganara muitos residentes ingênuos, os quais, para seu próprio uso e arquivo, costumava classificar em dois grupos: os que aprendem com o primeiro erro e os que jamais aprenderão. Muitos jovens médicos do serviço de cirurgia fugiam dele como o diabo da cruz. Era irônico, cáustico, demolidor.

Apesar de tudo, trabalhando ao lado de George na sala de cirurgia, Ginger sentia-se em casa. Era como cozinhar ao lado de Anna ou fazer as provas finais da escola sabendo que os pais dormiam tranquilos, certos de seu sucesso. Claro que no hospital os padrões eram infinitamente mais rigorosos, pois não se tratava de fazer um saboroso suflê ou tirar boas notas, e sim de salvar a vida de um paciente. Quando George Hannaby disse-lhe que ela era uma brilhante cirurgia, a mais brilhante que já vira em ação, Ginger sentiu-se como se Deus, em pessoa, a abençoasse.

Na última segunda-feira de novembro, treze dias depois do incidente na Casa Bernstein, ela assistia o mestre num implante de tripla ponte de safena. O paciente era Johnny O'Day, de cinquenta e dois anos, oficial de polícia em Boston, prematuramente aposentado em função de seus problemas cardíacos. Musculoso, de faces avermelhadas, cabelo cortado rente e doces olhos azuis, Johnny estava sempre disposto a fazer piadas e rir de suas artérias entupidas. Ginger simpatizou com ele porque lhe lembrava Jacob, embora os dois não pudessem ser menos parecidos.

Johnny era paciente de alto risco, mas isso não a faria sentir-se menos culpada se ele não sobrevivesse ao terrível pós-operatório que o esperava. De qualquer modo, consideradas as circunstâncias, Johnny tinha grandes chances de sobrevida. Saudável e mais jovem que a média dos pacientes de implante de pontes cardíacas, não sofria de hipertensão nem apresentava histórico de flebite. Feitas as contas, tinha um bom prognóstico.

O verdadeiro problema não era o paciente, mas a médica assistente. A todo momento voltava-lhe à lembrança o incidente das luvas pretas. Na tarde de segunda-feira, Ginger ficava mais tensa à medida que se aproximava a hora da cirurgia. Sentia a boca amarga; doía-lhe o estômago. Desde a noite que passara à cabeceira de Jacob, no hospital, sabendo que ele poderia morrer a qualquer momento, jamais se sentira tão desamparada, tão cheia de dúvidas e de medo. Talvez a sensação fosse agravada pela identificação que estabelecera entre Johnny e o pai. Talvez temesse falhar com seu paciente e sentir-se, outra vez, como se estivesse falhando com Jacob. Ou, talvez, nada disso servisse para explicar coisa alguma. Estava tensa, pronto. Quando Johnny entrasse em fase de recuperação, tudo aquilo teria

passado e todos ririam de suas apreensões. De qualquer modo, ao entrar no centro cirúrgico, ao lado de George, Ginger baixou os olhos para as próprias mãos, com medo de vê-las tremer. Mãos de cirurgião não podem tremer. Nunca.

A sala de cirurgia tinha paredes brancas, e por todos os lados viam-se os instrumentos e equipamentos de aço inoxidável, vidro e borracha. No centro, como numa arena limitada pelas lâmpadas que pendiam do teto, erguia-se a mesa onde o paciente estava sendo preparado pelas enfermeiras e assistentes.

Johnny O'Day esperava na mesa em forma de cruz com os dois braços abertos apoiados sobre bandejas de metal, as palmas das mãos para cima, os pulsos e antebraços cuidadosamente depilados para receberem as agulhas intravenosas.

A enfermeira Agatha Tandy, técnica em cirurgia contratada mais para servir ao dr. Hannaby que ao hospital, aproximou-se dos médicos. Levava dois pares de luvas de borracha, que calçou primeiro em George, depois em Ginger.

O anestesista fez um sinal para George indicando que o paciente estava preparado para entrar em cirurgia. Johnny já havia passado pela tricotomia e seu tronco brilhava, depilado e pintado de iodo do pescoço à cintura. Os diferentes campos operatórios já estavam definidos, e vários lençóis verde-claros foram dispostos de modo a deixar exposta apenas a área na qual o cirurgião trabalharia. O anestesista encarregara-se de passar uma larga tira de esparadrapo sobre as pálpebras do paciente para mantê-las fechadas e, assim, impedir que os olhos ressecassem, e Johnny O'Day respirava bem, lenta mas regularmente.

No canto oposto da sala, junto à parede, uma mesinha baixa sustentava um gravador portátil. George gostava de trabalhar ao ritmo de Bach, e a música, em volume baixo porém perfeitamente audível, enchia a sala. Em geral, Ginger também gostava de ter o gravador por perto e acreditava que o efeito relaxante do som era benéfico para toda a equipe médica; naquele dia, entretanto, nem Bach conseguiria o milagre de acalmá-la. Sentia o estômago contraído, pesado, frio.

George tomou posição ao lado da mesa cirúrgica. A sua direita, Agatha parecia montar guarda frente à bandeja de instrumentos. Junto aos pés do paciente, postava-se outra enfermeira, pronta para resolver qualquer problema que surgisse no decorrer da cirurgia, quando nenhum dos outros membros da equipe poderia afastar-se da mesa. Uma terceira enfermeira, com grandes olhos cinzentos aparecendo por cima da máscara verde-clara, ajeitou uma imperceptível prega num dos campos cirúrgicos e prendeu uma ponta de lençol sob a coxa de Johnny. O anestesista sentou-se num banco alto, ao lado de seu assistente e junto à cabeceira da mesa cirúrgica, acomodando-se para monitorar os aparelhos que indicariam a evolução dos sinais vitais do paciente.

Ginger deu um passo à frente, assumiu seu posto e respirou fundo. Ia começar o jogo, e suas mãos não tremiam. O estômago, porém, continuava cada vez mais pesado e frio. Seus sombrios pressentimentos mostraram-se infundados, e a cirurgia correu sem anormalidades. George, como sempre, trabalhou com rapidez, segurança e habilidade, qualidades que já eram sua marca registrada. Durante a cirurgia, em duas ocasiões diferentes, afastou-se da mesa e ordenou a Ginger que desse seqüência ao procedimento, o que ela fez com a calma e a firmeza habituais. Ninguém percebeu, mas um fio de suor gelado escorreu-lhe devagar entre as costelas quando assumiu o comando da cirurgia. Outras gotas de suor

acumularam-se junto ao gorro que escondia seus cabelos — problema simples que a enfermeira resolveu num segundo, tocando-lhe a testa com uma gaze seca.

Terminada a operação, George suspirou satisfeito enquanto tiravam as luvas e lavavam as mãos na pia:

— Perfeito. A equipe funcionou como um relógio.

Ginger deixou a água morna escorrer-lhe entre os dedos.

— Você parece tão calmo — disse. — Está sempre relaxado, como se estivesse cortando um bife...

— Sei que pareço calmo. Mas fico tenso quando opero. E por isso que gosto de ouvir Bach. — Ele fechou a torneira. — Você também estava tensa.

- É...

— Mais tensa do que de costume. Sei como é. — As vezes, George era capaz de falar com muita doçura, criando curioso contraste com a aura de autoridade que o cercava. — O que importa é que você trabalhou muito bem. Não podemos obrigar o corpo a descontraír, mas também não podemos permitir que a tensão nos faça errar. Você esteve perfeita. O segredo é saber usar a tensão... Ela pode ajudar muito, obriga-nos a ser mais atentos, a concentrar-nos mais.

— Acho que estou começando a aprender.

George sorriu e levantou as sobrancelhas:

— Está sendo muito severa consigo mesma. Aliás, como sempre. Estou muito orgulhoso de você, menina. Quando a vi pela primeira vez, achei que você jamais daria certo como cirurgia. Cheguei a pensar em aconselhá-la a tentar ganhar a vida como açougueira num supermercado. Mas eu me enganei... você vai ser um sucesso!

Ginger forçou um sorriso. George havia percebido apenas uma parte do problema. Havia mais do que tensão no suor gelado que lhe cobrira a testa, as mãos... Ela estava morta de medo! Não era um medo saudável, do tipo que poderia torná-la mais atenta ou aumentar sua concentração. Era um medo novo, desconhecido. Um medo que ela jamais sentira na vida e que George, com cer-

teza, nunca sentiria frente à mesa cirúrgica. E se aquele medo voltasse? E se aparecesse sempre que seus dedos tocassem o bisturi? O que poderia acontecer? O que seria de sua carreira?!

As dez e meia da mesma noite, Ginger estava deitada, lendo, quando o telefone tocou. Era George Hannaby. Se tivesse ligado mais cedo, Ginger pensaria logo que as notícias não eram boas, que Johnny O'Day tivera alguma complicação pós-operatória, ou qualquer outro desastre. Mas àquela hora já se acalmara e riu, tentando falar com a voz empostada:

— A doutora Weiss não está. Viajou e só volta no mês que vem.

— Horrível! Como atriz você seria um fracasso. O público agradece, principalmente os internos do pavilhão de coronárias.

— Pois você daria um ótimo crítico de teatro... reclama de tudo!

— Você está sendo injusta. Sou sensível, inteligente, lúcido e culto. Eu daria um crítico fantástico. Mas, por favor, cale-se e escute. Tenho boas notícias... cheguei à conclusão de que você está pronta.

— Claro que estou. Mas pronta para quê?

— Para entrar em cena. Temos um implante de aorta. — George não era homem de rodeios.

— Você... quer dizer que... eu é que vou operar? Fazer tudo sozinha?!

— Cirurgiã-chefe, doutora. Responsável pelo paciente até o último ponto de sutura.

— Implante de aorta?

— Por que não? Será que você se especializou em cirurgia car-dio-vascular para passar o resto da vida removendo apêndices su-purados?

Ginger sentara-se na cama, as costas retas, o telefone tremendo junto ao ouvido. O coração batia-lhe forte, os olhos brilhavam de excitação.

— Já está marcada? — perguntou.

— Deve ser na próxima semana. A paciente vai se internar na quinta ou na sexta-feira. Chama-se Fletcher, Viola Fletcher. Na

quarta podemos analisar os exames e o histórico do caso. Se não houver nenhum outro problema, acho que ela poderá entrar em cirurgia na segunda-feira de manhã. Claro que você estará livre para pedir qualquer outro exame que achar necessário. E caberá a você marcar data e hora para a cirurgia.

— Meu Deus...

— Deus pode ajudar, mas é você quem opera, não esqueça. Você vai sentir-se como se fosse mãe dela... *Dona Viola*, vai renascer!

— Prometa que você será meu assistente.

— Isso é praxe, você sabe — George riu. — Claro que estarei lá, para o caso de você precisar de mim. Mas não tenho dúvidas de que vou usar as mãos só para bater palmas.

— Se eu me assustar e tremer, você assume?

— Não seja boba. E claro que você não vai tremer.

Ginger fechou os olhos, respirou fundo e murmurou:

— Não sou boba. Não vou tremer.

— Assim é que se fala, doutora. Você é capaz de fazer o que quiser. Você é capaz!

— Posso pilotar uma nave até a Lua e casar com o rei do Sião.

— O quê?

— Nada. Uma piadinha familiar.

— Agora, outro assunto — George continuou. — Hoje, na cirurgia de OT)ay, vi que você estava à beira do pânico. Não sei se já conversamos sobre isso, mas acho importante você saber que essa reação é absolutamente normal em todos os residentes de cirurgia. Em geral ocorre na primeira intervenção em que um jovem médico trabalha como assistente. Os residentes pensam que não sei, mas costumam dizer que se sentiram “apertados”. Todos eles falam no “aperto da primeira cirurgia”. Com você foi diferente porque não aconteceu na primeira cirurgia, nem na segunda, nem na terceira... Cheguei a pensar que você seria minha primeira residente que nunca se “apertava” — George riu. — Acho que você também pensou que não aconteceria com você... e acho que deve estar muito preocupada. Por isso resolvi telefonar especialmente para dizer-lhe que o “aperto” é parte importante do treinamento. É uma experiência de... digamos... amadurecimento. O que importa é que você conseguiu superar sua crise de medo e foi brilhante.

— Não sei como você se sairia como crítico de teatro — replicou Ginger —, mas não há dúvida de que seria um ótimo treinador de futebol. Muito obrigada.

Pouco depois, ao desligar o telefone, sentia-se tão feliz que ria sozinha, abraçada ao travesseiro. De repente, arrancou as cobertas de um salto e correu até o armário onde guardava seus velhos álbuns de fotografias. Procurou um deles e levou-o para a cama, já aberto nas últimas páginas, onde colara as fotos de Anna e Ja-cob que mais gostava. Já que não podia tê-los a seu lado naquele momento de absoluta alegria, tentava revê-los, como estavam, vivos e tão próximos, em seu coração.

Bem mais tarde, a lâmpada de cabeceira desligada, Ginger começava a mergulhar no estado de semiconsciência que precede o sono, embalando-se da alegria que George lhe dera, quando subitamente entendeu. Não havia sofrido nenhum “aperto” e mesmo que o tivesse experimentado, isso não a im-

pediria de controlar-se e cumprir seu papel com perfeição. Alguma outra coisa deixara-a tensa, e só agora percebia o que era: medo.

Medo de fugir como havia fugido da Casa Bernstein e das luvas pretas. E se acontecesse em plena cirurgia? E se acontecesse no momento de tocar com a pinça um aneurisma de aorta ou de suturar um implante artificial?

O susto a fez saltar na cama. O sono fugiu como um ladrão surpreendido em pleno roubo. Ginger continuou sentada na cama, olhos muito abertos, acompanhando o suave balanço das cortinas sopradas pelo vento, observando o reflexo do luar na parede do quarto.

Como poderia aceitar a responsabilidade de fazer um implante de aorta? Ora... como sempre aceitara as responsabilidades que lhe caíam sobre os ombros: com seriedade e bom senso. Quais eram os fatos? Um incidente de fuga causada por stress, estava sob controle, ela sentia-se em perfeitas condições de saúde, e, evi-

dentemente, o episódio de fuga não voltaria a acontecer. Claro que não. Mas... e se acontecesse?!

Aos poucos, o cansaço venceu as preocupações e Ginger acabou mergulhando num sono agitado, cheio de sobressaltos. Pouco depois, o dia começou a clarear.

Na terça-feira, depois de uma proveitosa incursão à Casa Berns-tein, com a despensa e o *freezer* fartamente abastecidos, Ginger mergulhou na leitura de um ótimo livro policial. Voltava a sentir-se capaz de fazer o que quisesse. Plena e absolutamente capaz. Assim, a cirurgia da sra. Fletcher retomava a perspectiva normal: era um desafio, importante e sério como qualquer bom desafio,

que exigia atenção, concentração e cuidado, mas empregados conforme a bula, ou seja, sem exageros.

Na quarta, Johnny O'Day parecia outro homem, animado, alegre. Era a prova viva de que os longos anos de estudo e trabalho haviam valido a pena. Ginger sentia-se como uma das mais preciosas e importantes engrenagens de uma engrenagem mágica, capaz de salvar vidas, aliviar dores e devolver a esperança aos desesperados.

Trabalhou como assistente num implante de marca passo, cirurgia de rotina sem problema algum, e depois fez uma aortografia, também rotineira. Passou boa parte da tarde no consultório de George, ajudando-o no trabalho clínico, e examinou vários pacientes novos, quase todos indicados por outros médicos, em busca de diagnóstico especializado.

Quando a enfermeira informou que já não havia pacientes na sala de espera, Ginger sugeriu a George que analisassem os exames de Viola Fletcher, cinquenta e oito anos, candidata ao implante de aorta. Os exames não acusavam nenhuma anormalidade inesperada, e ela não hesitou em confirmar o diagnóstico de George. Concordou prontamente com a necessidade do implante e ponderou que devia realizar-se o mais brevemente possível, de modo a aproveitar o momento em que os sinais clínicos pareciam estabilizados.

— Segunda de manhã? — George perguntou.

— Perfeito. — Ginger assinou as requisições e entregou-as à enfermeira encarregada de mobilizar o centro cirúrgico, a equipe e todo o arsenal necessário.

Às dezoito e trinta, Ginger completava doze horas de um dia de trabalho excepcionalmente estimulante e não sentia nem sinal de cansaço. George fora para casa, e ela não tinha mais nada para fazer no hospital; mesmo assim, continuou visitando os pacientes e examinando papeletas de acompanhamento, sem a menor disposição de sair. Por fim, resolveu ir até o consultório de George para dar mais uma olhada no dossiê de Viola Fletcher.

Desertos àquela hora, os consultórios particulares ocupavam toda a ala posterior do prédio, separada do conjunto onde funcionava o hospital propriamente dito. Ginger seguiu adiante, ouvindo seus sapatos de solado de borracha pisarem o linóleo polido, sentindo no ar o cheiro pesado de desinfetante.

A sala de espera, os gabinetes de exame e o cubículo onde George guardava os arquivos estavam às escuras, mas Ginger só se deu ao trabalho de acender as luzes quando se aproximou da mesa onde encontraria o dossiê que estava procurando. Abriu uma das gavetas cuja chave George lhe dera fazia meses, apanhou uma das pastas arquivadas e sentou-se na confortável

cadeira de couro atrás da mesa. A luminária a sua esquerda desenhava uma pequena ilha de luz sobre a madeira polida.

Ginger abriu a pasta, acomodou-se para ler e nesse instante viu um objeto que a fez saltar na cadeira, gritando de susto: o oftal-moscópio portátil que George usava para exames de fundo de olho. Um oftalmoscópio comum, normal, que ela própria utilizara várias vezes. Ainda assim, o inofensivo instrumento tirava-lhe o fôlego, fazia-a sentir-se como se, de repente, alguma terrível ameaça pesasse sobre sua cabeça. Ginger tinha a testa coberta de suor frio, o coração disparado, o corpo retesado para fugir. O oftalmoscópio fascinava-a como uma serpente venenosa.

Tal qual ocorrera na Casa Bernstein, duas semanas antes, todos os outros objetos pouco a pouco desapareceram de seu campo de

visão, esfumaçaram-se, diluíram-se em névoa, até restar apenas o oftalmoscópio, que parecia brilhar com luz própria. Ginger percebia-o nos mínimos detalhes, via cada arranhão, cada minúscula marca que o uso produzira no cabo plástico. Os parafusos, muito pequenos, normalmente quase invisíveis, ganhavam proporções irreconhecíveis, como se o instrumento, de uso banal para qualquer clínico, crescesse em dimensões e em significados... até transformar-se no tridente do demônio, no instrumento do mal, na arma capaz de destruí-la...

Outra vez o medo descia com um manto horrendo e cobria tudo. Ginger levantou-se de um salto. A sua frente, o oftalmoscópio brilhava friamente, as lentes voltadas para ela... O olho do mal.

— Fuja daqui... — disse para si mesma. — Fuja! — gritou e o eco de sua voz arrepiou-lhe os cabelos, soando como um desesperado pedido de socorro, como o gemido torturado de uma criança perdida.

Voltou-se, derrubou a cadeira onde estivera sentada, quase caiu por cima de outra, e correu para fora da sala, mal conseguindo respirar. Precisava muito encontrar ajuda, um amigo que a protegesse, mas não havia ninguém. Tinha certeza de que alguma coisa a perseguia, aproximando-se cada vez mais.

Os consultórios estavam desertos, o oftalmoscópio ganhara vida, saíra da sala e corria à sua procura, caçando-a pelo corredor. Ela precisava fugir.

Pela segunda vez, o manto de névoa negra envolveu tudo.

Pouco mais tarde, ao despertar do transe, Ginger encontrou-se num dos patamares da escada de emergência, no fundo da ala dos consultórios. Sentada no chão frio, de costas coladas ao concreto da parede, não conseguia lembrar se havia subido ou descido quando saíra correndo do consultório de George. Uma única lâmpada amarelada brilhava sobre sua cabeça. Ao redor tudo era silêncio, solidão absoluta, ainda mais terrível porque desabava sobre ela no momento em que sua vida se partia como um copo de vidro, em mil pedaços, para sempre.

Precisava de gente, e não encontrava ninguém. Queria ouvir uma palavra amiga, e o eco dos corredores só lhe devolvia o ruído desesperado da própria respiração ofegante. Sua vida estava reduzida àquela imagem: um frio beco deserto, silencioso e sem saída. O fato de ainda estar ali, sozinha, era prova de que ninguém a vira fugir. Mas isso não lhe servia de consolo, porque Ginger sabia que não poderia continuar fugindo para sempre. Sabia de tudo...

A roupa encharcada de suor a fez estremecer de frio. Já não estava assustada; parecia-lhe que a crise de medo fora apenas a recaída de uma doença antiga e conhecida. Levantou-se, passou a mão pelos cabelos e pela testa, e examinou a escada, sem saber se subia ou descia. Resolveu subir.

— *Meshugge* — resmungou baixinho, ouvindo o eco de seus passos no corredor deserto.

Era o dia 27 de novembro.

6. CHICAGO, ILLINOIS

Fazia frio na manhã do primeiro domingo de dezembro, o céu de nuvens baixas e cinzentas prometendo neve. À tarde, com certeza, ia nevar e o perfil sombrio da cidade se ocultaria sob um macio manto branco. A noite todas as famílias da cidade comentariam a nevasca — todas menos as famílias católicas da paróquia de Santa Bernadette, que só falariam do padre Brendan Cronin e de sua missa matinal.

O padre Cronin levantou-se às cinco e meia da manhã e, depois de dizer suas orações, entrou no banho. Em seguida, fez a barba, vestiu-se, apanhou o breviário e saiu da casa paroquial sem levar o casaco. Ao abrir a porta, deiteu-se um instante e, satisfeito, aspirou o ar gelado da manhã.

Tinha trinta anos, mas aparentava bem menos, talvez por causa do cabelo ruivo e crespo ou do rosto coberto de sardas. Era gordo, de uma gordura maciça e regular da cabeça aos pés. Do

jardim da infância ao segundo ano do seminário, sempre fora chamado pelo merecido apelido de “Bolota”, porém nunca se deixara abalar. Sempre bem-humorado, tinha um ar de querubim e parecia incapaz de ficar zangado ou triste.

Naquela manhã, como sempre, o padre Cronin dava a impressão de estar em paz com o mundo, mas, na verdade, estava terrivelmente preocupado. Atravessou o pátio em direção à sacristia, abriu a porta dos fundos e entrou. A sacristia cheirava a incenso e mirra, e ao odor familiar misturava-se o cheiro do óleo de polir madeira usado nos lambris e nos bancos. Sem dar atenção a nada, o padre continuou andando e aproximou-se da entrada da igreja. Parou um instante, mas logo seguiu até o altar, ajoelhou-se e baixou a cabeça para pedir a Deus que o ajudasse a carregar a cruz que lhe pesava nos ombros.

Em geral costumava aproveitar aquele momento de solidão, antes da chegada dos fiéis e dos coroinhas que o auxiliavam no serviço religioso, para meditar sobre o mistério insondável da missa, o milagre da fé, a alegria de ser um dos convidados à ceia do Senhor. Mas fazia quatro meses que nada disso acontecia. Aquele instante de recolhimento transformara-se num momento de culpa e aflição, porque não conseguia sentir mais nada. Nada!

Tinha o coração vazio... Já não acreditava. Desesperado, cerrava os punhos, rilhava os dentes, lutava para reacender a fé em seu coração. Rezava e pedia e suplicava a Deus que o amparasse, mas era como se Deus o tivesse abandonado para sempre.

Como em todas as manhãs dos últimos meses, levantou-se, murmurou um *Da Domine* automático e frio e andou até a saleta onde eram guardados os paramentos sacerdotais. Em outros tempos, no momento de vestir-se para a missa, sentia-se num estado de exaltação e beatitude como se preparasse o corpo para testemunhar um belo milagre, um ritual sagrado que, de algum modo, permitiria aos homens partilhar a graça divina. Quando colocava o amicto de linho e a alva que lhe caía até aos pés, parecia-lhe que as vestes aproximavam-no um pouco mais de Deus e, de pleno direito, tornavam-no seu ministro entre os homens. Isso, porém, fora em outros tempos; ultimamente não fazia senão trocar de uniforme. Nada o emocionava. Nem o santo manipulo que colocou no braço esquerdo, depois de beijar rapidamente a pequena cruz bordada. O coração pesava-lhe como um fardo. Sentia frio, dor, medo, onde antes abrigara a alegria e o conforto da fé.

Tudo começara em agosto, nos primeiros dias do mês. A dúvida instalara-se aos poucos e, aos poucos, acabara destruindo as mais profundas crenças que davam ânimo ao padre Cronin.

Perder a fé é uma tragédia para qualquer sacerdote. No caso do padre Cronin, porém, era mais do que uma tragédia. Ele não conseguia sequer imaginar o que seria sua vida sem a Igreja. Filho de católicos fervorosos, desde menino aprendera a idealizar o futuro como se houvesse apenas um caminho à frente: ser padre. Para isso estudou e lutou, não para agradar aos pais, e sim impelido por autêntica e precoce vocação religiosa. Sentira-a brotar ainda na idade em que seus colegas de escola esforçavam-se para parecer materialistas, agnósticos, cientificistas, *modernos*.

E agora, de repente, a fé abandonava-o. A missa, que insistia em celebrar todas as manhãs, era a única coisa que lhe restava, a última ligação real com o passado, com o que sempre fora sua vida. Sabia, no entanto, que não poderia fingir por muito tempo. Não poderia mentir indefinidamente para os aflitos e desesperados que procuravam sua igreja em busca de consolo e ali-

vio, pois ele próprio já não acreditava. A santa missa deixara de ser um instante de comunhão com Deus e transformara-se em grotesca comédia.

No momento em que o padre Cronin colocava a estola sobre os ombros, um menino entrou correndo na sacristia e acendeu as luzes.

— Bom dia! — exclamou.

— Bom dia, Kerry. Você vai bem?

Kerry McDevit era ainda mais ruivo e sardento que o padre Cronin, e tinha olhos igualmente muito verdes.

— Tudo bem — disse ele. — Mas está um frio do cão!

— E mesmo?! Frio... do quê?

— Frio ora, muito frio...

Em outras circunstâncias o padre Cronin acharia engraçada a irreverência do menino. Naquela manhã, contudo, o cão parecia estar mesmo à espreita, e Kerry fugiu para a sacristia, assustado com o olhar fulminante que recebeu. Sozinho, o padre Cronin vestiu a casula, passou as tiras pelas costas e amarrou-as à cintura, com a displicência de um operário atando o avental para começar a trabalhar. Na sacristia, Kerry apanhou o turíbulo.

Até agosto, aqueles gestos eram santos para o padre Cronin. Toda a sua vida, cada hora dos seus dias era santificada, porque escolhera dedicar-se ao serviço de Deus. E dedicara-se com tal afincamento que fora enviado a Roma para completar seus estudos teológicos. Apaixonou-se pela Cidade Santa — pela arquitetura, pela História, pelo povo. Antes de fazer os votos de sacerdote jesuíta, passara dois anos no Vaticano, trabalhando como assistente do monsenhor Giuseppe Orbella, conselheiro do papa para assuntos de doutrina. O estágio deu-lhe o direito de aspirar a algum posto na arquidiocese de Chicago, junto ao cardeal, mas o padre Cronin humildemente pediu que lhe permitissem ser o cura de alguma paróquia pequena. Foi assim que chegou à Igreja de Santa Bernadette, depois de visitar o bispo Santefiore em San Francisco e consumir alguns dias de férias na viagem de carro para Chicago. Era um simples cura de paróquia, mas vivia feliz, sem um instante de arrependimento ou dúvida.

Naquele momento, porém, vendo Kerry paramentado a sua frente, perguntava-se, pela centésima vez, o que teria acontecido com ele. Por que sua

fê o abandonara? Seria como uma doença incurável que acabaria por matá-lo... ou não passaria de um mal transitório?

Como todas as manhãs, Kerry abriu a porta que dava para o altar e caminhou alguns passos. De repente, percebendo que o padre Cronin não o seguia, parou e virou-se para trás, de olhos arregalados.

O sacerdote vacilava. De longe, à luz suave do altar, a imagem do Cristo crucificado estava de olhos postos nos fiéis, mas pare-

cia não vê-lo. Para ele, agora, o altar era apenas um palco, como milhares de outros, à espera dos atores. Não era mais o lugar sagrado ao qual, durante anos, subira com o coração vibrante de amor. Não podia celebrar a missa! Não podia enganar aquelas pessoas... Não podia enganar a si próprio! Aquilo tudo era uma gigantesca fraude!

Kerry McDevit franziu as sobrancelhas, mais preocupado que surpreso. Olhou para os bancos da igreja, voltou a olhar para o cura, sem entender o que se passava.

— Como posso celebrar a missa?! Eu já não acredito... — murmurou o padre Cronin, numa voz inaudível.

Era tarde demais. Com o cálice na mão esquerda, a direita pousada sobre o véu, seguiu adiante, sentindo sobre si os olhos acusadores do Cristo crucificado.

Havia pouco mais que cem pessoas na igreja. Era cedo, e os rostos dos fiéis pareciam brilhar mais do que o normal, quase inumanos, como se Deus, em sua infinita sabedoria, tivesse enviado uma legião de anjos capazes de denunciar o pecado mascarado de fé e testemunhar contra a heresia e o sacrilégio.

A medida que a missa avançava o desespero do padre Cronin crescia. Quando pronunciou o *Introibo ad altare Dei*, foi como se a miséria de todos os pecadores desabasse sobre seus ombros. A altura do Evangelho, ouviu sua própria voz, fria e oca, repetindo um discurso que conhecia de cor e que não lhe dizia nada. Sentia os braços pesados, cada vez mais pesados. Os rostos dos fiéis diluíam-se numa névoa cada vez mais densa. O padre Cronin sentia o olhar aterrado de Kerry e percebia o movimento que corria pelos bancos. A roupa grudava-se a suas costas, o suor pingava-lhe da testa sobre

a Bíblia aberta a sua frente. A névoa começou a envolver tudo, a massa difusa dos fiéis, o olhar de Kerry, a cruz... O padre Cronin teve a sensação de que estava caindo, girando, sendo carregado, sem saber como, para o vértice de um turbilhão onde só havia trevas e vazio. E então chegou o momento da elevação da hóstia.

— Mentira! Não posso fazer isso... Não sou sacerdote, não tenho fé! Não sou... *nada*! Deus me esqueceu! Entregou-me ao pecado, roubou minha fé... Maldito Deus! Mil vezes maldito!

O padre Cronin ouviu-se berrar de fúria, de ódio. Um grito selvagem, inacreditável. E viu-se... Viu a própria mão, arrastada por uma força desconhecida e irresistível, jogar longe o cálice sagrado. O vinho manchou a parede do altar, respingou o manto da imagem da Virgem Maria, e o cálice continuou rolando pelo altar até parar junto ao púlpito, onde, instantes antes, ele havia lido o Evangelho.

Kerry McDevit deu um passo atrás e gemeu baixinho, com medo do que via. Os fiéis levantaram-se, todos, num só movimento, mas nada parecia capaz de deter a fúria de Brendan Cronin. Com um rápido movimento, ele estendeu o braço, apanhou a bandeja das hóstias da comunhão e jogou-a no chão. Gritando de desespero, arrancou a estola e lançou-a longe. Então virou-se e correu para a sacristia.

Em instantes, tudo voltou ao normal. O padre Cronin passou a mão pela testa, viu os paramentos arrancados e fechou os olhos, com medo de adivinhar o que poderia ter acontecido.

Era o dia 1? de dezembro.

7. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

No primeiro domingo de dezembro Dom Corvaisis almoçava com Parker Faine no terraço do restaurante Las Brisas, abrigados à sombra de um guarda-sol, vendo o mar brilhar ao longe. Naquele ano o inverno teimava em não chegar. Ao som dos gritos das gaivotas, sentindo no rosto e nos cabelos a brisa do mar, aspirando o perfume dos jasmineiros floridos que subia do

jardim, Dom contou a Parker todos os detalhes, até os mais embaraçosos, de sua terrível batalha contra o sonambulismo.

Parker Faine era seu melhor amigo, talvez o único a quem Dom podia contar tudo, embora, à primeira vista, fossem dois homens

muito diferentes. Dom era alto e esguio; Parker, baixo e gordo. Dom fazia a barba diariamente e cortava o cabelo a cada três semanas; barbudo e desgrenhado, Parker mais parecia fruto do cruzamento de um gladiador romano com uma intelectual *beâtnik* dos anos 50. Dom era quase abstêmio, enquanto Parker tornara-se famoso pela sede de álcool, praticamente insaciável, e pela excepcional capacidade de beber e jamais dar a impressão de ter perdido o juízo. Dom gostava de viver sozinho e tinha poucos amigos; Parker conseguia tornar-se íntimo de qualquer pessoa com quem tomasse um drinque ou trocasse meia dúzia de palavras. Parker já tinha cinquenta anos, quinze mais que Dom; rico e famoso por mais de um quarto de século, não entendia como alguém podia sentir-se inseguro justamente quando começava a ganhar dinheiro e tornava-se um astro do mundo literário. Convenientemente vestido para um almoço ao ar livre, Dom usava calça de linho marrom-escuro e camisa bege de mangas curtas e colarinho aberto. Parker trajava seu uniforme habitual: tênis azuis desbotados, calça quase branca, velha e amarrotada, e camisa estampada, aberta no peito e saindo do cóis. Parecia que cada um deles se preparara para um tipo diferente de encontro e estavam sentados juntos por mero acaso.

Embora grandes, as diferenças eram pouco importantes. Dom e Parker tinham enormes afinidades em vários aspectos essenciais. Ambos eram artistas, não por escolha ou tendência, mas por compulsão. Parker pintava com pincéis e tintas, e Dom pintava com palavras. Ambos eram ótimos no que faziam, sérios, aplicados e muito exigentes. E ambos prezavam muito a amizade que os unia.

Conheciam-se havia seis anos, desde que Parker chegara ao Oregon para ficar apenas alguns meses, enquanto preparava uma série de paisagens no estilo inconfundível que aliava, à perfeição, o supra-realismo da técnica com o surrealismo da imaginação. Pouco depois de chegar, fora contratado

para algumas conferências na Universidade de Portland, onde Dom trabalhava como professor do Departamento de Inglês.

À mesa, Dom bebericava sua cerveja preta, e Parker lambuzava os dedos nos salgadinhos de queijo, atento às palavras do Dom falava em voz baixa — cuidado desnecessário, já que iu\ mcs,ls próximas ninguém parecia preocupado em ouvir o que di/wm. Naquela manhã, pela quarta vez, acordara na garagem, poi n.ís da caldeira, tao apavorado como antes. E, a cada dia que passava, a situação parecia-lhe mais desesperadora.

Quando acabou de falar, havia tomado apenas meia garrala dr cerveja, sem sentir gosto algum; a bebida escura e encorpada descia lhe pela garganta como se fosse água — ou, pior ainda, cola. Ibr ker já consumira três drinques duplos e pedira um quarto ao garçom, porém continuava inteiro, como costumava dizer.

— Mas... Deus do céu! Por que não me contou isso antes? perguntou, sério. — Há semanas?!

— Achei que nao era importante.

— Você é um idiota. Mas... que merda! — Parker tentou manter a voz baixa e gesticulou, irritado.

O garçom aproximou-se, trazendo o quarto drinque, e inclinou-se para perguntar se gostariam de almoçar.

— Claro que não — retrucou o pintor balançando a cabeça. — Domingo é dia de beber, não de comer. O almoço nao passa de um pretexto para o uísque, e eu estou apenas começando. Para almoçar, temos que parar de beber, e o que é que vamos fazer no resto da tarde? Se eu sair andando por aí, sem ter nada para fazer, vou acabar dando trabalho à polícia e atrapalhando a sesta dos cidadãos pacatos... Nao, nao, nada disso. Quero almoçar lá pelas três. E, para nao perdermos tempo, prepare outro drinque e traga mais uma porção de salgadinhos, por favor. Quero também mais molho e pimenta e um pratinho com cebolas. Aproveite a viagem e traga outra cerveja para o meu amigo. Ele bem que está precisando!

— Nao — Dom protestou. — Ainda nao acabei esta.

— Por isso mesmo é que você está precisando de outra, intelectual puritano e reprimido. Está aí, todo confuso, porque insiste em beber cerveja morna.

Fossem outras as circunstâncias. Dom embarcaria com prazer na viagem animada, descontraída e cheia de alegria que o amigo lhe propunha. Naquele domingo, porém, sentia-se angustiado demais para rir.

O garçom afastou-se, e uma nuvem encobriu o sol. Parker acomodou-se na cadeira, respirou fundo e olhou para Dom:

— Tudo bem... Vamos pensar juntos. Deve haver alguma explicação razoável para isso. Você já pensou em *stress*, já pensou em ansiedade por causa da publicação do *Crepúsculo*... E daí?

— No começo pensei que fosse por causa da ansiedade, mas... acho que não pode ser só isso. O caso é que as coisas foram se complicando cada vez mais. Porra... Eu sei que estou ansioso, mas não *tão* ansioso! E também não estou morrendo de medo... Minhas crises de sonambulismo são completamente... loucas! De al-

guns dias para cá tenho passado *todas* as noites andando. E o problema não é só esse. Há milhares de sonâmbulos pelo mundo... mas duvido que um deles entre num transe tão profundo como eu, ou faça as coisas que eu faço. Já contei... eu estava tentando pregar as venezianas! *Pregar*... — Dom fez um gesto, martelando o ar. — Com martelo e tudo! Você não vai conseguir me convencer de que um sujeito entra em transe, se mune de pregos e martelo e sai pregando as janelas da casa *só* porque espera, ansioso, a opinião de uns críticos idiotas sobre seu livro!

— Pode haver algum bloqueio inconsciente. Quem sabe você está mais ansioso do que imagina... A publicação do *Crepúsculo* talvez esteja tocando algum ponto muito sensível, algum trauma.

— Bobagem. Isso não faz sentido. Na verdade, quando comecei a trabalhar no segundo livro, o *Crepúsculo* virou passado. Já nem penso nele. Não, Parker... — Dom balançou a cabeça, sério. — Você também não pode estar imaginando que um sujeito faça as loucuras que tenho feito apenas porque está ansioso por causa de uma besteira...

— Tem razão... Não acredito nessas coisas.

— Eu entro nos armários para me esconder. Eu sei, sinto... Quando acordo ainda estou tremendo de medo, suando frio, com a nítida sensação de que alguma coisa me persegue... alguma coi-

sa que quer me pegar... e que talvez me mate se me encontrar. As vezes acordo com vontade de gritar, a garganta doendo, e o grito nao sai. Ontem, afinal, consegui berrar... “Fique longe de mim! Fique aí, nao se aproxime!” E hoje foi a faca...

— Que faca? Você nao me falou nisso.

Dom recostou-se na cadeira, os olhos fixos no copo de cerveja.

— Acordei na garagem, atrás da caldeira. E tinha uma faca na mão... a faca de carne da cozinha... Acho que a peguei e levei comigo.

— Para se defender? Contra quem?

— Claro... para me defender... da *coisa* que me persegue.

— Mas que *coisa* é essa?!

Dom sacudiu os ombros, baixou a cabeça e apenas murmurou:

— Sei lá...

— Não estou gostando nada disso. Você podia ter-se machucado.

— Nao é isso que me preocupa.

— E o que é, então?

Antes de responder, Dom correu os olhos em volta. Tudo parecia bem, os outros clientes concentravam-se no almoço e nos drinques, alheios à conversa em redor.

— Vamos, diga! — Parker insistiu. — O que é que o preocupa?

— Tenho medo de ferir alguém.

Parker arregalou os olhos.

— Não é possível! Está querendo dizer que seria capaz de pegar uma faca de cozinha e sair por aí... matando gente?! Você está doido! — Balançou a cabeça, sorriu, levou o copo aos lábios, bebeu um gole e deixou que o líquido escorresse, suave, pela língua e pela garganta. — Não... Você está delirando! Acho que começou a confundir vida real e ficção. Esqueça! Você não faz o gênero homicida compulsivo.

— Há alguns meses eu também não fazia o gênero de sonâmbulo...

— Mas, que merda! Você nunca foi louco, não está louco, nem perto de enlouquecer. Só está *pensando* que enlouqueceu... e isto é ótimo sinal, porque os loucos *de verdade* têm certeza de que são normais.

— Acho que vou procurar um psiquiatra. Já fui ao médico, fiz alguns exames...

— Médico, sim, mas... psiquiatra... nem pensar. Seria perda de tempo e de dinheiro. Eu lhe garanto que você não é neurótico, nem psicótico. Dou minha palavra!

Com um sorriso no canto dos lábios, o pintor afastou o copo vazio, apanhou o outro drinque que o garçom acabava de deixar sobre a mesa e, por alguns segundos, concentrou-se em montar um pequeno sanduíche de batata frita com molho de pimenta, maionese e cebola. Colocou-o na boca e fechou os olhos para melhor saborear o prodígio que construía.

— Talvez haja outra explicação — disse, ainda sorrindo, depois de engolir. — Talvez você ainda não esteja bem adaptado às grandes mudanças que aconteceram em sua vida.

— Que mudanças? — Dom franziu as sobrancelhas.

— Você sabe perfeitamente a que mudanças me refiro. Lembra-se de quando nos conhecemos, há seis anos? Você parecia uma lesma... branco, mole...

— Uma... lesma?!

— Uma merda de lesma. E você sabe que é verdade. Tinha talento, mas vivia como uma lesminha... — Parker fez uma careta e juntou os dedos sobre a mesa, tentando imitar o movimento da lesma. — Devagar, mole... Sabe por quê? Porque morria de medo de mostrar seu talento ao mundo... morria de medo de lutar pelo sucesso... morria de medo de tentar... e não conseguir. Morria de medo da vida! Não queria que olhassem para você, que o vissem, que percebessem sua existência. Você se vestia como um joão-ninguém e falava tão baixo que as pessoas mal o escutavam. Resolveu dar aulas de literatura porque a universidade é um mundo à parte, aparentemente mais civilizado, menos competitivo. A verdade é que você vivia como um coelho assustado, escondido na toca.

— Ah, sim, claro... — Dom forçou uma risada. — E por que você resolveu se aproximar de mim?

— Porque você nunca me enganou. Enganava bem os doutores otários que trabalhavam com você, mas eu fiquei curioso porque desconfiei que havia alguma coisa atrás de sua máscara de lesma. Eu vi sua verdadeira face, amigo... E sempre assim.. vejo coisas que os outros não veem, porque sou artista. Nós, artistas, somos diferentes do resto da humanidade justamente porque vemos mais do que os outros. Onde os outros veem só uma lesminha, nós vemos um homem.

— Mas eu também sou artista.

— Agora. Mas não era quando nos conhecemos. Lembra que demorou *três meses* para criar coragem de me dizer que “escrevia umas coisinhas”?

, — Era isso mesmo que eu fazia naquela época.

— Você tinha gavetas cheias de contos! Mais de cem contos concluídos! E ainda não tinha criado coragem para mandar um único deles a alguma editora. Sabe por quê, não sabe? Porque tinha medo de ser rejeitado, claro, mas não era só isso. Você também morria de medo de ser aceito. Morria de medo de que uma grande editora lhe escrevesse uma carta dizendo que você era um gênio... — Riu alto. — Lembra o quanto a gente conversou antes de você resolver mandar dois ou três contos para a editora?

— Não.

— Pois eu lembro. Foram seis meses de conversa! Eu já estava quase desistindo de pedir, pelo amor de Deus, que você mandasse os contos, quando, de repente, você se rendeu e... zás! O coelho criou coragem para dar uma espiadinha no mundo.

Cada vez mais entusiasmado, Parker enfiou na boca uma colherada de molho de pimenta e maionese, engoliu a metade do drinque e continuou;

— Mas foi só uma espiadinha, porque, quando os contos começaram a ser publicados, você se assustou outra vez e resolveu parar de escrever. Eu precisava ir lá visitá-lo todos os dias para fiscalizar... para obrigá-lo a continuar trabalhando. Quando saí do Oregon e você ficou sozinho, tratou logo de parar de escrever... e correu de volta para a toca. Foi a ressurreição do coelho assustado.

Dom sorriu com o canto dos lábios, mas não protestou. Era a pura verdade. Quando Parker voltara para Laguna Beach, onde vivia, Dom passara a receber cartas e cartas dele, sempre no mesmo tom, estimulando-o a escrever. Na época, precisava de incentivo maior do que simples cartas, que sempre podiam ser deixadas de lado. Estava convencido de que não era um bom escritor, embora algumas editoras começassem a se interessar por seu trabalho, e logo parou de oferecer-lhes contos. Em pouco tempo voltou para a toca e escondeu-se como um autêntico coelho assustado. Não parou de escrever, mas os contos jaziam na última gaveta da mesa de trabalho, como antes.

^ Numa de suas cartas, Parker sugerira-lhe que escrevesse um romance. Idéia estúpida... Dom achava-se incapaz, desprovido de talento e disciplina para tanto. Um romance era muito mais do que um conto. Maior, mais difícil, mais complexo... Nunca na vida conseguiria escrever um romance! Novamente Dom baixara a cabeça, curvara os ombros, voltara a falar baixo e a andar devagar, pedindo a Deus que a humanidade o esquecesse para sempre.

— Há dois verões tudo mudou — Parker respirou fundo. — De repente você desistiu de dar aulas, criou coragem e assumiu seu destino. Resolveu ser escritor. Do dia para a noite! Nunca conversamos muito sobre isso. O que foi que houve?

Dominick franziu as sobrancelhas, pensou um pouco e descobriu que ele próprio também jamais pensara sobre o assunto.

— Não sei. Não tenho a mínima idéia — respondeu.

Na universidade, chegara a época de candidatar-se à efetivação como professor. De repente, mas sem surpresa, Dom percebera que a direção não estava interessada em mantê-lo no corpo docente, embora não tivesse nenhum motivo para afastá-lo. Na verdade, ele se esforçara tanto para passar despercebido que os diretores simplesmente acabaram por esquecê-lo, por deixá-lo de lado, como um documento de arquivo morto.

Quanto aos colegas, antes de qualquer outra coisa perguntavam-se se ele queria ser efetivado; depois, se estava mesmo interessado na vida acadêmica e, por fim, se merecia a efetivação. Dom percebera logo que, se fosse dispensado da Universidade de Portland, jamais conseguiria emprego em outra

escola, e assim, decidira partir antes que o demitissem. Num único momento de coragem em anos de recolhimento humilde e assustado, enviara currículos a várias faculdades e acabara convidado para uma entrevista no Mountainview College, em Utah. A entrevista custara-lhe muito esforço, mas os diretores da escola pareceram bem impressionados pela extensa lista de contos publicados que Dom lhes apresentara. Depois de alguns momentos de conversa, convidaram-no para assumir a cátedra de Redação e Língua Inglesa, como professor efetivo — proposta que Dom aceitou com alívio.

— Saí de Portland em junho — disse, pensativo, servindo-se de ‘outro gole de cerveja. — Tinha meu *trailer* pronto, carregado de

livros e roupas. Parti satisfeito, não me sentia derrotado... Não foi uma saída forçada, como se tivessem me despedido. Para mim, foi como se... eu quisesse recomeçar a vida. Eu queria morar em Mountainview. Para dizer a verdade, o momento em que me vi na estrada foi um dos mais felizes de minha vida.

O outro balançou a cabeça e concordou, irônico:

— Claro que você devia estar feliz... Afinal, trocou uma grande universidade por uma escolinha de aldeia, com poucos alunos, onde seu medo de viver passaria despercebido. Ou então, melhor ainda, seria visto como mania de gênio temperamental.

— Uma perfeita toca de coelho...

— Claro... E porque você desistiu das aulas antes mesmo de assumir?

— Já lhe comi. Quando cheguei à cidade, na segunda semana de julho, descobri que não suportaria recomeçar tudo outra vez, como em Portland. Estava farto de viver como um coelho assustado.

— Sim, isso é fácil de entender. Mas... Por quê?

— Não era muito gratificante.

— Nunca foi gratificante. — Parker abriu os braços. — O que eu quero saber é por que, *de repente*, você se sentiu “farto de viver como um coelho assustado”.

— Não sei.

— Mas você precisa saber! Deve ter pensado muito nisso. Dom suspirou, os olhos distantes, acompanhando o movimento de um veleiro que desli-

zava sobre as ondas em direção ao horizonte.

— Pois é... não pensei... Agora percebo que simplesmente não pensei... Estranho, não? Sou sempre tão cuidadoso nas decisões que tomo... Analiso tanto cada gesto, cada passo... E fiz tudo isso sem pensar muito.

— Aí está! — O outro exclamou. — Eu sabia que havia alguma coisa por aí. Essa súbita mudança de comportamento tem a ver com os problemas que você está enfrentando *agora*. Vamos continuar. Você chegou a Mountainview e disse aos caras que não queria o emprego...

— Disse... E eles não gostaram de ouvir.

— E depois você alugou um apartamento na cidade.

— Um apartamento bem pequeno, quarto e sala, mal dava para andar. Mas de lá eu via as montanhas. Era lindo.

— Decidiu viver das economias e escrever o romance.

— Não era muito dinheiro, mas eu estava habituado a gastar pouco.

— Foi um impulso repentino. Um tremendo risco. Você não era homem de correr riscos. — Parker insistiu. — Por que agiu assim? O que o fez mudar tanto?

— Acho que a idéia de mudar de vida já estava em minha cabeça desde algum tempo. Quando cheguei a Mountainview, eu me sentia tão profundamente insatisfeito que precisava tomar uma atitude.

O pintor respirou fundo, balançou a cabeça e declarou:

— Não, meu velho... Deve haver outro motivo. Vamos recapitular. Conforme suas próprias palavras, você estava feliz como um pardal na areia quando saiu de Portland a bordo do *trailer*. Tinha conseguido um emprego, bom salário e efetivação numa escolinha de bairro onde poderia se esconder à vontade, até encher o saco. Tudo que precisava fazer era se acomodar por lá e desaparecer do mundo dos vivos. Mas, quando chegou

a Mountainview, você já era outro homem... estava decidido a jogar tudo para o alto, alugar um cubículo, arriscar-se a morrer de fome e frio... em nome da arte. — Sacudiu a cabeça, sem se convencer. — Que diabo aconteceu com você durante essa viagem? Deve ter sido um terremoto... um abalo sísmico, alguma coisa incrível, que o fez criar coragem para sair da toca de coelho, fechar a porta e jogar fora a chave.

— Não aconteceu nada. Foi uma viagem longa e chata.

— Não para sua cabeça. Você viajou léguas com a cabeça.

Erguendo os ombros, Dom limitou-se a dizer:

— Tanto quanto posso lembrar, eu estava relaxado, curtindo o passeio, a paisagem... tudo na santa paz...

— Garçom! — Parker gritou. — Mais um drinque e uma cerveja.

— Não, não... — Dom começou. — Eu...

—Eu sei que você ainda não acabou — interrompeu-o —, mas vou obrigá-lo a terminar logo com essa droga morna. Você tem que esvaziar mais uma garrafa e começar a relaxar. Eu liquido o estoque de uísque da cidade, mas descubro o que existe por trás dessas crises de sonambulismo. Tenho certeza de que há alguma relação entre essa revolução que houve em sua vida quando deixou Portland e o que está acontecendo agora. Quer saber por que estou tão certo disso? Porque ninguém passa por duas crises de personalidade, em dois anos, sem que exista alguma relação entre elas. Precisamos descobrir o que há de comum entre as duas.

Dom fez uma careta e suspirou:

— Não estou passando por nenhuma crise de personalidade.

— Não mesmo? — Parker debruçou-se sobre a mesa e, com olhos muito sérios e brilhantes, fitou de perto o rosto do amigo. — Tem certeza de que não está em crise?

— Oh, Deus... Você tem razão. E... é bem possível... e que crise!

A tarde já ia avançada quando, afinal, saíram do restaurante

Las Brisas, ainda sem ter encontrado resposta. A noite, Dom preparou-se para dormir com a sensação de que partia para o cadafalso, com medo do que o esperava nas horas seguintes, antes do nascer do sol.

Pela manhã, foi arrancado do sono, aos berros. Havia alguém, alguma coisa fria, pegajosa, visguenta... uma coisa *viva*... agarrada a ele. Lutou como um desesperado, cego de horror, saltou, deu pontapés para conseguir livrar-se, e escapou, andando de quatro pelo escuro até bater a cabeça na parede.

A escuridão parecia povoada de ruídos que ele não conseguia identificar. Os sons vinham do chão, das paredes, de todos os lados. Tudo parecia

vibrar. Dom continuou tateando até encontrar um ponto onde duas paredes se uniam e sentou-se ali, as costas contra a superfície gelada, à espera. A *coisa* estava cada vez mais próxima... ia chegar... a qualquer momento poderia tocá-lo, envolvê-lo em seus braços de visgo.

— O que é isso que está aqui comigo? — murmurou.

O barulho aumentava sempre: gritos, marteladas, passos. O medo distorcendo as sensações, a adrenalina despertando os sentidos, a pele arrepiando-se de horror, Dom sentiu que havia perdido a guerra. A *coisa* estava ali, confundida com a escuridão, a dois passos dele. Havia lutado enquanto pudera, escondera-se nos armários da casa e na garagem, tentara pregar as janelas, armara-se de faca... mas agora estava perdido. Não havia para onde fugir, nem onde esconder-se. Era o fim.

De algum lugar chegou-lhe um som desconhecido. Seu nome... Alguém o chamava!

— Dom... Dom, responda!

Percebeu que estava ouvindo aquele som havia vários minutos, talvez horas.

— Dominick, responda!

A porta! Alguém tentava arrombar a porta, martelando furiosamente a fechadura.

Por fim, Dom despertou. Estava sozinho. A *coisa* voltava, afinal, para as trevas da noite, para o fundo dos pesadelos; não existia, não era real. Do outro lado da porta estava Parker Faine, seu amigo, chamando-o. De repente, foi como se o pesadelo recomeçasse. As paredes estremeceram, a porta escancarou-se a sua frente, e um feixe de luz brilhante cegou-o. Quando conseguiu abrir

os olhos novamente, protegendo-os com a mão, viu a cabeça de Parker, como a de um gigante, delineada contra o retângulo amarelado.

— Pelo amor de Deus! Você está bem?

Diante da porta havia uma verdadeira barricada: um armário, duas mesinhas-de-cabeceira, a penteadeira, e, por cima de tudo, a poltrona de leitura. Durante o sono Dom preparara-se para resistir a uma invasão; trancara a

porta a chave, e empilhou diante dela todos os móveis do quarto. Parker afastou a barreira e entrou.

— Você gritava tanto que eu o ouvi lá da rua, quando cheguei

— disse. — O que houve?

— Um pesadelo. Não me lembro de nada. — O outro conti- nuava encolhido no canto, exausto, tremendo, sem forças para se

levantar. — Franziu as sobrancelhas. — O que é que você está fazendo aqui?

— Não se lembra? — perguntou Parker, a voz baixa e tensa.

— Você me telefonou há menos de dez minutos. Gritava muito, pedia socorro. Disse que *eles* estavam chegando e iam pegá-lo.

— Oh, Deus... — Dom gemeu, o coração aos saltos, o rosto rubro de vergonha.

— Você deve ter telefonado sem saber... Pensei em chamar a polícia, mas acabei resolvendo vir ver o que era. Imaginei que, se fosse outra crise de sonambulismo, você não gostaria de acordar com a casa cheia de “tiras”.

Dom abraçou os joelhos e escondeu o rosto. — O que está acontecendo comigo? — murmurou, aflito. — Estou completamente descontrolado... Não sei mais o que faço, o que digo... Há alguma coisa me roendo por dentro!

— Chega. — Parker aproximou-se. — Nem mais uma palavra sobre isso.

Lutando contra as lágrimas que lhe subiam pela garganta, Dom fechou os olhos. Sentia-se fraco e indefeso como uma criança.

— Que horas são? — perguntou.

— Passa um pouco das quatro. Mas ainda está escuro. — Parker foi até a janela, afastou as cortinas e olhou para fora. O quarto estava praticamente desmontado. Voltava para junto do amigo quando de repente parou, os olhos muito abertos, fixos na cama. — Essa brincadeira está começando a ficar perigosa — disse, sem se mover.

O outro levantou-se devagar até poder ver o que havia sobre a cama. Era um verdadeiro arsenal: ali estavam a pistola calibre 22, que durante meses ficara esquecida numa das gavetas da sala; a faca de cozinha, a mesma que ele levava para a garagem; o cutelo, raramente usado; um martelo; o fer-

ro pontiagudo que deveria ficar junto à lareira mas que, havia tempos, estava guardado na garagem.

— Estava esperando o exército russo? — perguntou Parker, muito sério. — Uma invasão de extraterrestres? O que o assusta tanto?

— Não sei. Meus pesadelos.

— O que é que você vê nesses pesadelos?

— Não sei.

— Não se lembra de nada?

— Não! Não! Não me lembro de nada, não sei de nada! — Dom gritou, mas logo, como antes, encolheu-se novamente, baixou a cabeça, cruzou os braços sobre o peito.

Parker aproximou-se novamente, colocou a mão em seu ombro e tentou sorrir:

— Trate de se acalmar, amigo. Vá tomar um banho, vista-se. Vou cuidar do café. Depois, quando clarear, vamos fazer outra visita a esse seu médico. Acho que está na hora de pedirmos que ele dê mais uma olhada em você.

Sem coragem de falar, Dominick concordou com a cabeça, virou-se e foi para o banheiro.

Era o dia 2 de dezembro.

DOIS

2 - 16 de dezembro

1. BOSTON, MASSACHUSETTS

Viola Fletcher, cinquenta e oito anos, professora primária, mãe de duas meninas, esposa devotada, mulher feia de ar matreiro e riso torto, jazia em silêncio sobre a mesa cirúrgica, em anestesia profunda, a vida entregue às mãos da dra. Ginger Weiss.

Durante toda a sua existência Ginger preparara-se para um momento como aquele, o momento de assumir o comando de uma cirurgia de alto risco que envolvia complexo procedimento. Anos de estudos, infinitos sacrifícios, enormes dificuldades... ela vencera todos os obstáculos e ali estava, humilde e, ao mesmo tempo, orgulhosa de si mesma. E à beira do pânico.

A sra. Fletcher estava anestesiada e preparada para a cirurgia, o corpo envolto nos lençóis verde-claros cuidadosamente esterilizados. Apenas uma parte de seu torso continuava à mostra, exatamente a área onde o cirurgião trabalharia: um quadrado de pele pintada de iodo. Junto ao pescoço da paciente erguia-se a tenda cirúrgica, uma armação de metal montada sobre a mesa, de onde pendia um lençol. Do ponto de vista cirúrgico, a tenda era usada como precaução extra contra a possibilidade de contaminação da área a ser operada. Mas servia também para despersonalizar o paciente, e talvez fosse essa sua grande serventia, já que

poupava o cirurgião de ver de perto a máscara humana da agonia e da morte, se, por desgraça, sua mão tremesse ou a confiança falhasse.

A direita de Ginger, Agatha Tandy estava a postos, frente à bandeja onde, em perfeita ordem, alinhavam-se afastadores, pinças hemostáticas, escalpelos, bisturis e vários outros instrumentos. À esquerda, outras três enfermeiras aguardavam o gongo inicial. Pouco adiante, junto à tenda cirúrgica, o anestesista e seu assistente mantinham os olhos fixos nos monitores.

George Hannaby perfilava-se do outro lado da mesa de cirurgia; mantinha uma postura menos de professor que de experiente técnico de futebol vendo o filho calçar as chuteiras para o prijneiro grande jogo de sua vida. Com ele, a aura de força, calma e competência que jamais o abandonava.

Ginger estendeu a mão direita, e Agatha entregou-lhe um bisturi. A lâmina afiadíssima brilhou por um instante sob a luz branca. Ginger tocou de leve o traço que marcava o local da incisão no torso da paciente, estremeceu e respirou fundo. Por um momento, como que evocadas pelos acordes de Bach que emanavam do pequeno gravador ao fundo da sala, surgiram-lhe diante dos olhos as imagens do oftalmoscópio e das luvas pretas. Bobagem... Aquilo era coisa do passado... incidentes esquecidos. Ela estava em excelentes condições físicas, sentia-se bem, tranqüila, alerta, em total con-

centração para começar a trabalhar. Esforçou-se uma segunda vez, agora voluntariamente, e pensou nas luvas. Era o último teste: se pressentisse qualquer anormalidade, se afastaria da mesa e suspenderia a cirurgia. Não houve nada. E por que haveria? Por que Deus a faria trocar anos e anos de trabalho e dedicação por alguns instantes de descontrole emocional, histeria passageira, *stress* relacionado ao excesso de trabalho? Nunca! Estava tudo bem. A cirurgia seria um sucesso. Tinha que dar tudo certo!

O relógio na parede marcava sete horas e quarenta e dois minutos. Era o momento de começar. Ginger fez a primeira incisão. Aplicou as pinças hemostáticas e continuou a cortar, maravilhando-se, como acontecia sempre, com a habilidade e a segurança das próprias mãos. Atingiu a primeira camada de tecido adi-posito, passou pelas camadas musculares e chegou ao centro do tórax da paciente. Rapidamente ampliou a incisão o bastante para conter suas mãos e também as mãos de George Hannaby, caso fosse necessária a intervenção do cirurgião-assistente. Duas enfermeiras aproximaram-se com os afastadores, aplicaram as pás do instrumento às paredes da incisão e, lentamente, fizeram girar a rosca que as separava. Agatha Tandy tocou a testa de Ginger com um lenço de papel, atenta às lentes adaptadas aos óculos de cirurgia. Em geral o suor da testa do cirurgião embaçava as lentes, bloqueando-lhe momentaneamente a visão microscópica. A sua frente, t George sorriu. Não estava suando. Raramente suava durante as cirurgias.

Com gestos seguros e ritmados, Ginger procedeu à ligadura dos vasos, removeu as pinças e entregou-as à enfermeira. Na sala silenciosa, a fita de Bach chegou ao fim, enquanto uma enfermeira cuidava de virá-la, ouviu-se apenas o sibilo cadenciado do pulmão artificial. Viola Fletcher estava suspensa entre a vida e a morte, ligada à máquina que respirava por ela, sob o efeito de um poderoso relaxante muscular, derivado farmacológico do curare, seus pulmões mantinham-se vivos exclusivamente graças ao socorro mecânico dos respiradores.

Quando George operava, a equipe costumava conversar muito. Ele próprio estimulava a troca de impressões, e até, às vezes, uma ou outra piada, porque achava importante trabalhar em clima descontraído. Ginger, no entan-

to, preferia o silêncio. Aqueles momentos mágicos, quase sagrados, ela queria usufruí-los intensamente, concentrada no movimento das próprias mãos.

Através da incisão do tórax ao abdome, examinou o cólon e constatou que estava bem, sem anormalidade aparente. Tomou as gazes úmidas que Agatha lhe estendeu, tocou os intestinos e instalou as pás dos afastadores junto à parede da incisão, depois virou os dois seguradores na direção das enfermeiras incumbidas de manter os intestinos naquela posição, afastados do campo operatório. Por baixo, agora exposta, estava a aorta, artéria central do corpo humano.

A aorta desce pelo tronco e chega ao abdome depois de passar pelo diafragma, correndo paralela às vértebras dorsais. Na parte interior do abdome, pouco acima da virilha, a aorta divide-se em dois ramos secundários: as artérias ilíacas, que irrigam a bacia e transformam-se em artérias femorais ao atingir a porção superior das coxas.

— Aí está — disse Ginger. — É um aneurisma. Exatamente como os raios X indicavam. — Levantou a cabeça para o negatoscópio montado a sua frente, próximo à parede. — Está localizado junto à sela aórtica.

Agatha secou-lhe o suor da testa.

Um aneurisma é como uma bolha de sangue. Ocorre quando, por qualquer razão anatômica, uma pequena porção da parede de um vaso se dilata, ultrapassando o diâmetro normal do vaso. O aneurisma pulsa como um pequeno coração. No caso da artéria aorta, a dilatação da parede do vaso pode ocorrer em qualquer lugar, do pescoço à virilha. Quando acontece junto à garganta pode causar dificuldades para deglutir alimentos, tosse severa e rebelde a qualquer terapia, dores no peito, transtornos de respiração ou de fala. No caso de Viola Fletcher, a dilatação provocava fortes dores abdominais. Sendo uma espécie de bolha, o aneurisma é um ponto frágil na estrutura do vaso e, sendo frágil, pode rebentar a qualquer momento. E então a morte é virtualmente inevitável. Ginger novamente baixou os olhos para o pequeno bulbo avermelhado, cheio de sangue, batendo lento e vivo. Ali parecia residir o último reduto do mistério da vida, um reduto secreto que jamais vira a luz do dia, o segredo dos segredos. Naquele momento o médico era quase Deus: criaria vida onde havia morte, devolveria a saúde a alguém que sofria,

reconstituiria a ordem onde a natureza implantara o caos. Era um momento de expectativa, acima do tempo. Viola não estava nem morta nem viva: estava entregue a suas mãos, a sua perícia, à ciência que Ginger dominava a serviço dos homens. A morte era a desafiante. No canto oposto do ringue, Ginger preparava-se para enfrentá-la.

Agatha Tandy apanhou um pequeno saco plástico, fechado a vácuo, e abriu-o. Ali estava a porção de aorta artificial que substituiria a seção comprometida da artéria de Viola Fletcher. Era um tubo traqueado, de paredes de fibra sintética porosa, que se bifurcava em “Y” invertido — perfeita reprodução da divisão da aorta nas duas artérias ilíacas.

Ginger pegou o tubo, colocou-o sobre a região do aneurisma, mediu-o e cortou-o com a pequena tesoura que recebera da assistente. Então devolveu-o a Agatha, que, por sua vez, mergulhou-o numa pequena bandeja cheia de sangue de Viola Fletcher e agitou o recipiente para frente e para trás até encharcar o tubo. Depois de implantada na paciente, a artéria sintética ainda precisaria receber mais sangue. Ginger desligaria os vasos, faria o sangue preencher completamente a área implantada, tornaria a drená-lo e só depois passaria à sutura definitiva. Com esse procedimento, estimulava a criação de uma fina camada de sangue no interior do tubo — elemento importante para prevenir eventuais vazamentos nos pontos de sutura. Com o tempo, o contínuo fluxo sanguíneo acabaria por formar outra membrana, essa definitiva, reproduzindo a estrutura original do vaso. Então ninguém conseguiria distinguir a nova membrana, íntegra e perfeita, da membrana natural. Uma nova artéria estaria criada, mas uma artéria melhor que a natural, mais sólida, mais resistente, praticamente indestrutível. Quinhentos anos depois, quando Viola Fletcher já estivesse reduzida a pó, quando sua memória fosse nada sobre o planeta, ainda existiria o implante sintético, tão intato, flexível e perfeito como naquele instante.

Agatha secou o suor da testa de Ginger.

— Está cansada? — George perguntou.

— Estou ótima.

— Tensa?

— Nem um pouco.

Era mentira. George percebeu e sorriu por trás da pequena máscara que lhe cobria os lábios:

— É um prazer vê-la trabalhar, doutora.

— Também acho.

Uma das assistentes concordou, rápida, sem levantar os olhos do que fazia.

— E eu também. — Da cabeceira da mesa, o anestesista sorriu.

— Ora... obrigada! — disse Ginger.

— Você tem graça, doutora — George continuou. — Tem mãos leves, sensíveis. Tudo olha e tudo vê. E uma pena, mas essas qualidades são muito raras em nossa profissão.

Ginger sabia que George não elogiava ninguém, a menos que estivesse absolutamente convencido do que dizia. Sabia que era homem de cobrar deveres, tarefas, pontualidade, perfeição, e raramente se dava por satisfeito. Deus do céu! George Hannaby orgulhava-se dela! Se não estivesse à mesa cirúrgica, Ginger com certeza teria chorado de emoção. Com a alegria, percebeu que George substituíra Jacob em seu coração. Ouvir seus elogios era como ver o risonho rosto de Jacob.

A partir desse ponto a operação prosseguiu normalmente. Ginger sentia-se muito feliz. Esqueceu as preocupações, esqueceu o medo de ter outra crise e, mais segura, trabalhou com redobrada eficiência. Procedeu ao controle rigoroso do fluxo sanguíneo através da aorta, alterou cuidadosa e metodicamente o fluxo e a drenagem dos vasos, ligou as pequenas veias secundárias com nós de fio plástico, aplicou as pinças adequadas nas artérias, inclusive nas ilíacas e na própria aorta. Em menos de uma hora conseguiu interromper o fluxo de sangue para as pernas da paciente, e o aneurisma, esvaziado, parou de pulsar. Com um pequeno escalpelo, furou o tecido e, logo, com uma tesoura, abriu a parede anterior do vaso.

Naquele momento, Viola Fletcher não tinha artéria aorta; estava à mercê da cirurgiã-chefe, mais dependente e impotente do que nunca antes — e, provavelmente, nunca depois — em sua vida. Já não havia volta. Daquele instante em diante era preciso trabalhar bem, sem errar e, principalmente, sem perder um segundo de tempo.

Ao redor da mesa, a equipe parecia hipnotizada. Ninguém conversava nem fazia movimentos inúteis ou desnecessários. No gravador, a fita chegou novamente ao final, mas ninguém se preocupou em virá-la. O tempo parecia voar, medido apenas pelo silvo monótono do pulmão artificial e pelo *bip-bip* do eletroen-cefalógrafo.

Ginger tirou da bandeja a aorta artificial, colocou-a na abertura superior da artéria seccionada, pinçou as duas extremidades inferiores e concentrou-se na sutura superior. Então, novamente, concluída a sutura, removeu duas pinças e fez o sangue encher o tubo plástico que estava implantando. Até então, sentia a testa seca, sem vestígio de suor. Tinha certeza de que George perceberia. Passado o primeiro momento crítico, sem que ninguém precisasse pedir-lhe, uma das enfermeiras-assistentes aproximou-se do gravador e, outra vez, tornou a ligá-lo.

Embora ainda tivesse horas de trabalho pela frente, Ginger sentia-se relaxada e calma. Deslocou-se ao lado da mesa, na direção dos pés da paciente, e afastou os lençóis. Agatha aproximou-se com outra bandeja de instrumentos contendo todo o material necessário para duas grandes incisões, uma em cada coxa, pouco abaixo da prega inguinal, no ponto de inserção das pernas no tronco. Passo a passo, pinçando veias e artérias, abrindo caminho entre camadas musculares, Ginger atingiu as duas artérias femorais. Repetiu o mesmo procedimento adotado na porção superior da aorta, abriu as duas artérias femorais, uma de cada vez, e inseriu nas aberturas as extremidades do tubo sintético.

Em certo momento, surpreendeu-se cantarolando baixinho, acompanhando os acordes que vinham do gravador. Sentia-se o próprio Hipócrates reencontrado, o médico dos médicos, operando havia milênios, desde o começo dos tempos. Parecia que nascera para fazer exatamente o que estava fazendo.

Se não estivesse tão concentrada na sutura do vaso de Viola Fletcher, teria pensado em Jacob. E, pensando no pai, teria lembrado

algumas das frases que ele costumava dizer quando se via diante de algo inevitável, da dor ou do fracasso. “O tempo não espera”. “Ajuda-te e Deus te ajudará”. “Tostão economizado é tostão merecido”. “A vingança a Deus pertence”. “Não julgues, para não seres julgado”. “Quem com ferro fere...”

Jacob tinha um repertório infinito de frases. Mas havia uma, em especial, que pronunciava sempre: “Antes da queda, vem o orgulho”. Ginger poderia ter pensado nessas humildes palavras, cheias de sabedoria. Mas estava tão feliz, tão satisfeita consigo mesma, tão orgulhosa de sua estréia como cirurgiã-chefe, que se esqueceu da possibilidade da queda.

Continuava atenta às próprias mãos. Voltou ao abdome, retirou as pinças dos braços inferiores do implante e drenou-os; depois, cuidadosamente, colocou-os nas aberturas das artérias femorais e suturou as inserções. Por fim, retirou as últimas pinças e viu o sangue fluir naturalmente, devolvido ao trilhinho habitual. Ainda dedicou vinte minutos à sutura dos últimos vasos e reexaminou todos os pontos à procura de algum vazamento: não encontrou nenhum. Mãos apoiadas na mesa, deixou-se ficar, por cinco minutos, observando a pulsação do implante, percorrendo cada centímetro da artéria exposta. Estava perfeito.

— Podemos fechar — disse, afinal, levantando a cabeça.

— Magnífico! — aplaudiu George.

Ginger começou pelas incisões das coxas. Voltou ao abdome, retirou os afastadores dos intestinos e recolocou-os na cavidade abdominal. O resto foi fácil: repor e reconstituir as camadas de gordura, as camadas musculares até a pele, costurada com um grosso fio negro.

Na cabeceira, o anestesista retirou a venda plástica, que mantinha fechados os olhos de Viola, e desligou o respirador. Uma das enfermeiras desligou o gravador bem no meio de um movimento. Ginger aproximou-se da cabeceira da mesa e olhou para a paciente, que, embora já respirasse espontaneamente, conservava a máquina de oxigênio presa à cabeça. A outra enfermeira despiu as luvas de borracha.

Sem abrir os olhos, Viola gemeu baixinho.

— Senhora Fletcher — perguntou o anestesista está me ouvindo?

A paciente não respondeu.

— Viola? Você está bem? Já acordou? — Ginger insistiu.

Os olhos da sra. Fletcher permaneceram fechados, mas ela moveu levemente a cabeça e entreabriu os lábios.

— Estou bem... doutora.

Uma das enfermeiras suspirou, aliviada. A equipe reuniu-se em torno de Ginger para os últimos cumprimentos, que ela aceitou e agradeceu enquanto deixava a sala, ao lado de George, tirando as luvas, o gorro e a máscara. Sentia-se prestes a explodir de satisfação. Um segundo depois, aproximando-se da pia para lavar as mãos, começou a carregar o peso da tensão. Os ombros e o pescoço doíam, as pernas sofriam cãibra, os pés ardiam.

— Deus do céu... — suspirou. — Estou exausta!

— Eu sei — George sorriu. — Você está trabalhando há mais de cinco horas. Já passa da hora do almoço. Implante de aorta é uma verdadeira maratona.

— Você também fica exausto quando faz um implante desses?

Claro que fico.

— E estranho... Quando saí da sala eu estava ótima. Foi de repente. Lá dentro, era como se eu estivesse começando a trabalhar.

— *Lá dentro* você se sentia como se fosse um deus — George riu, carinhoso. — Enfrentou a morte, lutou e venceu. Os deuses não sentem cansaço, não têm cãibra nem torcicolo. O trabalho deles é divertido demais para que pensem no cansaço que vem depois.

Junto às duas pias, ainda ao lado de George, Ginger tirou o avental, apanhou uma das pequenas embalagens de sabonete, abriu-a e começou a lavar as mãos. Aos poucos, quase sem sentir, debruçou-se e fitou o fundo da cuba ovalada. Coberta de pequenas bolhas de sabão, a água girava um momento sobre si própria, girava... e sumia pelo ralo. Mais água acumulava-se, girava e desaparecia, tragada pelo torvelinho. Girava cada vez mais depressa, mais depressa, mais depressa, e sumia...

A terceira crise foi a pior de todas. Pior que o caso das luvas pretas, pior que o oftalmoscópio no consultório de George. De repente, com um grito de pavor, Ginger jogou longe o sabonete e arregalou os olhos, o rosto pálido como a morte. O turbilhão crescia, a água girava cada vez mais, começava a sair da pia, ia apanhá-la... Ela precisava fugir! Na corrida, teve a vaga impressão de livrar-se de Agatha, que tentava segurá-la, de ouvir a voz de George chamando seu nome. Mas foi apenas um instante, e tudo mergulhou na névoa. O cenário, as personagens, Agatha, George, a ante-sala do

centro cirúrgico... não havia mais nada ou ninguém. Tudo sumia, e apenas a pia brilhava com uma luz maligna, ameaçadora. Estava enlouquecendo. Era uma pia! A pia de sempre, a pia do centro cirúrgico... Não podia deixar-se levar pelo medo. Não queria fugir, não, não...

Mas fugiu. Correu para fora da sala. A névoa densa diluía as imagens a sua volta, até envolver tudo. Então as trevas se fecharam.

A primeira sensação de Ginger foi de frio. Havia nevado, ainda nevava... os flocos de algodão caíam devagar, passando adiante de seus olhos como pequenas plumas. Não havia vento. Ginger levantou a cabeça e olhou o muro de tijolos que se erguia a sua frente, de um lado e outro. Metros acima, aparecia um pequeno retângulo de céu cor de chumbo. A neve vinha de lá e, em apenas alguns segundos, acumulava-se sobre seus cabelos... nevava e ela estava sentada no chão, chorando e tremendo de frio.

A pele de seu rosto ardia, os ossos da mão começavam a doer, os dentes batiam. Vestia o camisolão verde-claro que usava sob o avental de cirurgia. Tinha o corpo úmido e sentia o contato gelado dos tijolos em que suas costas se apoiavam. Encolhida a um canto, abraçando os joelhos contra o peito, tentava defender-se de alguma coisa. A temperatura de sua pele começava a baixar, mas ela não tinha forças para levantar-se e entrar. Lembrou-se da pia, do ralo engolindo a água e, afinal, lembrou-se de tudo.

Outra crise! Tivera outra crise, fugira desesperada, atropelando Agatha. George tentara chamá-la, porém ela mal o ouvira. Geor-

ge! Nítida, como numa cena de filme antigo, lembrou-se da expressão de surpresa que aparecera no rosto do médico ao vê-la fugir. Não conseguia lembrar-se de mais nada; entretanto, podia adivinhar: saíra do centro cirúrgico gritando, completamente enlouquecida, fora de si... Assustara a equipe, e assustara o próprio George, e, afinal, destruíra sua promissora carreira.

De olhos fechados, colou as costas à parede gelada. Mais frio... quanto mais frio, melhor! Um violento choque térmico, a morte rápida e indolor. Estava sentada num dos corredores externos do hospital, uma espécie de entrada de serviço que levava ao prédio principal. A esquerda, uma pesada porta de ferro dava passagem à caldeira que alimentava os aquecedores, junto às saídas de emergência daquela ala.

Ginger lembrou-se da noite em que fora assaltada, quando ainda trabalhava no Hospital Presbiteriano de Colúmbia. O assaltante levava-a para um beco parecido com aquele, mas então ela ainda não havia começado a enlouquecer. Era uma mulher equilibrada, segura, determinada a não se deixar vencer. E agora... perdera tudo, sentia-se fraca, quase morta de frio e de medo. Terrível ironia: morrer sozinha e desamparada num beco gelado.

Toda a sua vida reduzida a tão pouco. Os anos de escola, a faculdade, as longas noites de plantão no hospital, o trabalho, o sacrifício para que servissem? Para ela acabar como um cão vadio, sem rumo e sem dono. Havia fracassado. Decepcionara George, Anna, Jacob... Decepcionara a si própria. Era inútil fingir que não sabia o que se passava. Não sabia exatamente o que era, mas estava consciente de que se tratava de alguma coisa muito grave, grave o bastante para acabar com seus sonhos de trabalhar como cirurgiã. O que podia ser? Crise psicótica? Tumor cerebral? Aneu-risma intracraniano?

De repente, a porta de ferro abriu-se, e George Hannaby apareceu, o avental enrolando-se às pernas, a respiração entrecortada. Deteve-se procurando algo em seu redor, e deparou com ela, encolhida na neve. Ginger viu-o arregalar os olhos e franzir as sobrancelhas incrédulo, e imaginou que estivesse fazendo as contas

das horas, dias e meses que havia perdido com ela. Sua melhor aluna, sua assistente exclusiva, a grande promessa da cirurgia cardiovascular do Memorial... Ginger fechou os olhos, encolheu-se ainda mais junto à parede e recomeçou a chorar.

— Mas... o que aconteceu? — George aproximou-se, ainda incrédulo.

Ela respondeu com um soluço, o rosto escondido nas mãos. George que a esquecesse, que desaparecesse dali, que a deixasse sozinha com a miséria, a vergonha, a humilhação. Por que precisava passar por mais aquela provação? O que ele queria?

— Por favor, diga o que aconteceu. O que... quer que eu faça? ^ Por entre os dedos, Ginger viu que outras pessoas também chegavam à porta de ferro. As lágrimas não a deixavam ver bem, nem ela precisava saber quem

eram: bastava-lhe saber que George estava ali, a sua frente, perguntando-lhe o que acontecera.

— Não sei... — respondeu baixinho, sem coragem de levantar os olhos. — Alguma coisa... está acontecendo comigo...

— O que é?

— Não sei.

A única Ginger Weiss que conhecia nunca precisara pedir ajuda a ninguém, bastava-se a si mesma. E agora mal sabia dizer o que estava acontecendo! — Seja lá o que for, vamos dar um jeito — prometeu George, inclinando-se em sua direção. — Sei que você não é de se entregar. Está ouvindo? As vezes fico sem saber o que fazer com você porque sei que não gosta de receber ajuda. Sempre quer fazer tudo sozinha. Mas agora é diferente, não é? Você está meio... perdida... — Balançou a cabeça. — Desta vez vou ajudá-la, você queira ou não. Ouviu bem?

— Estraguei tudo. Decepcionei você...

George sorriu.

— Não, ainda não — murmurou. — Sabe... Rita e eu não tivemos filhas. Só os rapazes... Mas, se tivéssemos tido uma menina, gostaríamos que fosse igualzinha a você. Doutora Weiss, você é uma mulher maravilhosa... fantástica... especial. Jamais me decepcionaria. Para mim, seria uma honra se, pelo menos uma vez na

vida, você aceitasse meu ombro, se encostasse nele e me deixasse ajudá-la. Como se eu fosse seu pai.

Ginger levantou os olhos, viu a mão de George estendida para ela e apertou-a com força.

Era segunda-feira, dia 2 de dezembro.

Ainda se passariam muitas semanas até Ginger descobrir que outras pessoas, em outros lugares — gente que não se conhecia —, viviam a mesma experiência, sinistras variações de um pesadelo semelhante ao seu.

2. TRENTON, NEW JERSEY

Pouco antes da meia-noite, Jack Twist abriu a porta, saiu do armazém e respirou fundo o ar gelado e úmido. No mesmo instante, um homem descia de um caminhão cinzento, junto a uma das rampas de descarga. Jack não ou-

vira ruído algum porque, com certeza, o caminhão estacionara enquanto o trem passava.

O pátio ao redor estava às escuras, apesar das quatro pequenas lâmpadas amareladas que, por medida de segurança, permaneciam sempre acesas balançando ao vento como aranhas engaioladas. Por azar, uma dessas lâmpadas iluminava exatamente a porta por onde Jack acabava de sair e o lado direito do caminhão onde se encontrava o visitante inesperado.

O homem tinha cara de prontuário policial: queixo quadrado, lábios finos e retos, nariz torto e quebrado mais de meia dúzia de vezes, olhos pequenos e bem separados. Era um dos sádicos obedientes que a *gang* empregava quando precisava de mão-de-obra extra. Em outras encarnações poderia ter ganho a vida como especialista em estupro e saque nas hordas de Gengis Khan, ou carrasco nazista, ou torturador-chefe em qualquer prisão stalinista. No futuro, poderia bem ser um Morlock, como H.G. Wells imaginou em *A máquina do tempo*. Para Jack, no presente, o homem era problema da cabeça aos pés.

Ficaram os dois parados, um na frente do outro, mas Jack não levantou o revólver nem lhe deu um tiro, como deveria fazer.

— O que está fazendo aí? — perguntou Morlock, ríspido. Contudo, ao ver a sacola de lona que o outro arrastava com a mão esquerda e a pistola na direita, apontada para o chão, arregalou os olhos e exclamou: — Max!

Max devia ser o motorista do caminhão, e Jack não esperou que aparecesse alguém para apresentá-los. Voltou-se, correu para dentro do armazém, fechou a porta e encostou-se à parede, pensando na hipótese de o Morlock decidir testar a pontaria.

A única iluminação que havia no armazém provinha de um conjunto de lâmpadas fracas que também permaneciam acesas durante toda a noite no escritório mais ao fundo. Era pouca luz, mas bastava para que Jack visse os rostos de seus dois companheiros, Mort Gersh e Tommy Sung, parados a poucos passos da saída. Não pareciam satisfeitos.

Minutos antes ia tudo tão bem! Havia descoberto um dos maiores armazéns da Máfia, um dos “ninhos de desova” do dinheiro do tráfico de drogas arrecadado em metade do Estado de New Jersey. O dinheiro vinha em

malas, sacolas, caixas de papelão ou de plástico e, depois de passar de mão em mão, ao longo de uma cadeia de “pombos-correio” que o recebia dos traficantes, era deixado no armazém. As maiores remessas chegavam aos domingos e às segundas. As terças-feiras, apareciam os bem vestidos contadores para acertar “a contabilidade da divisão de produtos químicos” da organização. As quartas, o dinheiro, já contado e acondicionado em maletas, partia para Miami, Las Vegas, Los Angeles, Nova York ou qualquer outro grande centro onde, afinal, os conselheiros financeiros, bacharéis em Harvard ou Colúmbia, procuradores da Máfia ou de algumas “famílias”, dedicavam-se a “esquentá-lo”, ou seja, torná-lo legal e rendoso.

Jack, Mort e Tommy estavam apenas interrompendo um dos elos dessa cadeia, exatamente o que ligava os contadores bem vestidos e os doutores de Harvard. Os três apoderaram-se de qua-

tro pesados sacos de lona cheios de dinheiro e decidi mm ga\i.n aquela fortuna como bem quisessem.

— Qual é o problema? — perguntara Jack, Somos apenas um elo novo na mesma corrente. E como se fôssemos intermediários *free-lancers*. — Os três riram muito,

Mas naquele momento Mort estava outra ve/, muito serio. Ti nha cinquenta anos, ventre saliente, ombros caídos, e começava a perder os últimos fios de cabelos. Como sempre, usava terno escuro e chapéu de feltro, porém acrescentara um sobretudo cin zento ao uniforme habitual. Jack não se lembrava de jamais tê*Io visto com outra roupa. O chapéu perdera o vinco — o que aliás o próprio Mort também parecia ter perdido há muito tempo e o terno estava amarrotado, mas o conjunto dava-lhe todo o ar de um alinhado figurante num filme de *gangster*.

— Quem está lá fora? — perguntou, a voz cansada e azeda de sempre.
— Vi dois caras num caminhão.
— Gente da turma?
— Não sei. Bom, para dizer a verdade, só vi mesmo um — Jack corrigiu-se —, mas vale por dois... Até parece o Frankenstein.

— Não há por que se preocupar. As portas estão trancadas.

— Eles podem ter as chaves.

A observação fez os três correrem para as sombras do fundo do armazém e esconderem-se entre as pilhas de engradados e caixotes acomodados nas empilhadeiras. No imenso armazém, as mercadorias enchiam prateleiras que subiam até o teto. Televisores, fornos de microondas, liquidificadores, torradeiras, peças para carros e tratores, e mais centenas de itens. As prateleiras pareciam ordenadas e limpas, mas o armazém, como qualquer grande oficina deserta, tinha um ar sinistro e ameaçador, como se os corredores escuros ainda abrigassem as vozes e os habitantes do dia.

Começara a chover forte, e as pesadas gotas de água batendo na laje de concreto ecoavam como passos por entre as prateleiras.

— Bem que eu avisei — resmungou Tommy. — Eu disse que era perigoso mexer com essa gente.

Descendente de chineses, Tommy acabava de completar trinta anos, sete menos que Jack. — Casas de jóias — continuou —, carros blindados, até bancos... vá lá que seja... Mas a Máfia! É loucura querer roubar esses caras! E como entrar num bar de fuzileiros navais e cuspir na bandeira.

— Mas você veio, não veio?

— Eu sei, Jack... As vezes faço bobagem.

No tom desalentado de sempre, Mort interrompeu-o:

— Só há uma explicação para esse caminhão aparecer aqui. Eles devem estar trazendo dinheiro de apostas, cavalos, “pó”, qualquer merda dessas, e com certeza é mais gente do que os dois que você viu. Devem ter homens armados na carroceria guardando a

grana .

— E por que eles não atiram? — Tommy perguntou.

— Porque pensam que somos um exército armado até os dentes. Estão com medo de nós — arriscou Jack.

— Provavelmente eles têm transmissores de rádio e já pediram reforços. — Mort ajeitou o chapéu, pensativo.

— Você acha que essa porra de Máfia tem uma frota de caminhões equipados com rádio, como a Companhia Telefônica? — Tommy virou-se para ele.

— A Máfia é um negócio como qualquer outro. Os caras são organizados.

Os três calaram-se, tentando ouvir ruídos que indicassem movimento no pátio. Nada. Só a chuva tamborilava na laje. Cada um examinou a própria arma, sofisticada, moderna e... insuficiente para enfrentar a Máfia.

De repente, Jack lembrou-se de um filme antigo visto na televisão: munidos apenas de pedras e porretes, patriotas húngaros tentavam deter o avanço dos tanques russos. Como sempre as coisas se complicavam, e ele dramatizava, escolhendo invariavelmente o papel de vítima, de pobre coitado perseguido pelas forças do mal. Gostava de ser assim. Via a tendência a dramatizar como uma de suas mais altas qualidades morais. Verdade que, encurralado

no armazém, a realidade superava qualquer tentativa de ficção: não havia o que dramatizar.

Mort acabou chegando a alguma conclusão parecida e disse:

— Não vai adiantar nada tentar sair pelos fundos. Eles já devem ter tomado posição, com pelo menos dois na frente e dois atrás.

As duas únicas saídas possíveis eram as portas de aço das rampas de descarga. Não havia janelas, aberturas de ventilação, chaminé, nada. Nem saída de emergência nem escada para subir ao telhado — na verdade, nem existia telhado. Ao planejar o roubo, os três haviam estudado detidamente as plantas do armazém, e conheciam, palmo a palmo, a armadilha em que haviam caído.

— Então... o que vamos fazer?

A pergunta de Tommy era dirigida não a Mort, mas a Jack, que fazia questão de organizar pessoalmente todos os “serviços” dos quais participava. Assim, Tommy esperava que ele se encarregasse também de improvisar soluções quando parecia não haver a mínima esperança. Jack era o homem das idéias brilhantes.

De repente, porém, o próprio Tommy bateu na testa:

— Ora! Por que não saímos do mesmo jeito que entramos?

Haviam entrado no armazém como alguns guerreiros gregos

entraram em território inimigo, numa ligeira adaptação da idéia do cavalo de Tróia. Era a única maneira de burlar o elaborado sistema de segurança que, à noite, tornava o armazém praticamente inexpugnável. Durante o dia a segurança corria por conta da honesta fachada de um depósito que, como tantos outros, armazenava objetos, móveis e mercadorias de todo tipo permitido pela lei. Com um terminal de computador doméstico e alguns códigos, Jack conseguira entrar no sistema do armazém e, ao mesmo tempo, no de um de seus grandes e ilustres clientes, então simulara os registros eletrônicos de uma entrega a ser feita num enorme engradado lacrado. O plano estava dando certo: o engradado fora entregue naquela manhã e guardado exatamente nas condições requeridas pelos documentos que o acompanhavam. Dentro estavam Jack, Mort e Tommy. Tinham cinco opções de saída, uma

de cada lado, o que lhes permitiria abrir o recipiente ainda que ele fosse acomodado entre outros quatro. Pouco depois das onze da noite, saíram e surpreenderam os rapazes do escritório, que jamais esperavam ver alguém burlar o sistema de segurança.

— Podemos voltar para o engradado — Tommy continuou. — Quando eles entrarem e não encontrarem a gente, vão pensar que tiveram uma visão. Amanhã à noite já terão esquecido tudo. Então saímos e acabamos o serviço, conforme o planejado.

— Não dá certo. Esses caras não costumam ter visões. Vão desmontar o armazém até nos encontrarem — declarou Mort, balançando a cabeça.

— E isso mesmo — Jack concordou. — Já sei o que vamos fazer. Em voz baixa, distribuiu rapidamente as tarefas. Tommy correu até o painel para desligar as luzes do armazém. Jack e Mort apanharam os quatro sacos de dinheiro e foram arrastando-os para o setor onde vários caminhões aguardavam as cargas da manhã seguinte. Estavam ainda a mais de um quarteirão de distância do objetivo, quando Tommy apagou as poucas luzes. Os dois pararam, Jack acendeu a lanterna que sempre levava presa ao cinto, e continuaram andando. A lona arrastada sobre o piso produzia um ruído surdo, que ecoava de modo sinistro no armazém deserto.

Com sua própria lanterna também acesa, Tommy reuniu-se aos companheiros; apanhou um dos sacos que Mort carregava e um dos de Jack. A chu-

va começava a diminuir e, por entre o barulho da ventania, Jack teve a impressão de ouvir um carro frear. Seriam os reforços?

No fundo do armazém estavam estacionados quatro enormes caminhões, de cinco eixos e dezoito pneus, cada qual virado para uma das rampas de carga. Jack aproximou-se do caminhão mais próximo, subiu e examinou o painel. Exatamente como previra. Todos ali pareciam confiar cegamente na segurança eletrônica, como se ninguém, em tempo algum, fosse pensar em roubar um dos caminhões. A chave estava no contato, brilhando à luz da lanterna.

Em seguida, Jack e Mort examinaram os outros três veículos, onde encontraram também as respectivas chaves. Ligaram os motores e voltaram ao primeiro caminhão. Atrás do banco havia uma rede com almofadas, onde os motoristas, revezando-se à direção, podiam dormir nas viagens mais longas. Tommy Sand guardava os sacos de dinheiro nessa rede quando Jack e Mort se aproximaram. Jack esperou que Tommy saísse, sentou-se ao volante, desligou a lanterna e deu a partida. Mort acomodou-se a seu lado. Os quatro caminhões agora roncavam alto, com os faróis apagados.

De lanterna na mão, Tommy correu para o painel que controlava o mecanismo da primeira porta. Escolheu uma das chaves e ligou-a. Depois, sempre guiado pelo feixe de luz, dirigiu-se para a segunda porta e acionou o respectivo mecanismo. Repetiu a operação com a terceira e a quarta portas, desligou a lanterna e correu para o caminhão onde Jack e Mort o esperavam. Lentamente, as engrenagens chiando, as pesadas portas de aço começaram a subir.

Lá fora, os Morlock veriam as portas subirem, ouviriam o ronco dos motores, mas cada um estaria olhando para, no máximo, dois buracos negros e não poderia saber por qual deles sairia o primeiro caminhão. Na dúvida poderiam descarregar as metralhadoras sobre as quatro saídas. Jack, no entanto, estava certo de que refletiriam durante alguns segundos antes de optarem por uma resposta tão violenta e tamanho desperdício de munição.

Tommy subiu no caminhão e trancou a porta, apertando Mort entre ele e Jack.

— Como essas portas são lerdas — Mort resmungou, no momento em que as portas chegavam a meio caminho do teto, mostrando-lhes uma fatia retangular de noite chuvosa, escura e fria.

— Passe por cima dos filhos da puta. — Era apenas uma sugestão. Tommy jamais daria ordens Jack.

Afivelando o cinto de segurança, Jack replicou:

— E melhor a gente não se arriscar. O caminhão pode ficar preso no carro.

A porta continuava subindo. Mãos firmes no volante, Jack percebeu movimento no pátio. Dois homens armados passaram adian-

te deles, meio curvados, deslizando no piso molhado. Pelo visto, ainda não haviam decidido desperdiçar a munição da “família”.

A primeira porta, exatamente a que ficava na frente de Jack, já estava quase aberta. E então, de repente, surgiu o carro cinzento, os pneus cantando no chão escorregadio. Numa rápida manobra, o motorista girou o volante, e o carro bloqueou duas das rampas de descarga. De seu ponto de observação, Jack viu os pneus da frente subirem alguns centímetros de rampa e a luz dos faróis, jogada para cima, iluminar a cabine do caminhão que ali roncava. Até um cego veria que o caminhão estava sem motorista. A primeira porta continuava subindo.

— Abaixem-se! — Jack gritou.

Mort e Tommy obedeceram como puderam, e Jack soltou o freio de mão. Com um pouco de sorte conseguiriam passar... Foram três rápidos gestos: engrenar a primeira marcha, soltar a em-breagem e pisar fundo no acelerador.

No momento em que só um dos caminhões se movimentou, os Morlock entenderam que tinham uma única saída com a qual se preocupar, e sobre ela concentraram o fogo. A noite encheu-se do seco ruído sinistro de uma sarai-vada de balas. Jack sentiu uma delas passar zunindo junto ao vidro de sua janela, encolheu-se sem querer, porém manteve o pé firme no acelerador. Passou pela porta, desceu a rampa. Lá embaixo, outro carro estava estacionado, bloqueando a passagem. Os reforços haviam chegado.

Jack optou pelo acelerador em vez do freio e sorriu, satisfeito, vendo o horror estampar-se no rosto dos ocupantes do automóvel quando perceberam que o caminhão avançava. A grade do caminhão acertou a lateral do carro, virou-o de lado e ainda o arrastou por mais de dez metros. O choque fez Jack saltar do banco, mas o cinto devolveu-o em segurança ao assento. Por baixo do painel, Mort e Tommy gritavam de dor, jogados de um lado para outro como latas velhas.

Para livrar-se do automóvel, Jack descera a rampa em alta velocidade. Agora precisava de toda a força que sabia ter — e de muita da que sequer desconfiava ter — para controlar o caminhão,

impedindo-o de guinar para a direita e colidir de frente com a parede do armazém. E conseguiu. Entre sua cabine e o caminho que levava à saída do pátio restava apenas um carro azul-escuro ocupado por três homens. Dois deles abriram fogo.

Um fez mira abaixo da linha indicada pelos manuais e acertou a grade, espalhando faíscas para todos os lados. O outro errou por excesso, mirando alto demais: acertou a buzina montada acima da cabine e silenciou-a. Jack viu-a pender ao lado da janela e ficar balançando, presa nos fios.

O caminhão já estava muito próximo do carro. Os fiéis servidores da “família” adivinharam o perigo e fugiram como coelhos assustados, um para cada lado. Jack passou por cima do último obstáculo, reduzindo-o a um monte de ferragens imprestáveis. Seguiu em frente, passou pelo lado do armazém, pelo armazém seguinte, por outro armazém, sempre acelerando.

Mort e Tommy saíram do esconderijo e sentaram-se, gemendo e praguejando. Os dois estavam machucados. Mort tinha sangue no nariz e Tommy havia cortado o supercílio direito. Nada que parecesse grave.

— Por que será que tudo sempre acaba dando errado? — Mort suspirou, a voz ainda mais cavernosa por causa do nariz machucado.

— *Nada* deu errado — Jack ligou os limpadores de pára-brisa. — O que aconteceu foi que ganhamos uma dose extra de emoção.

— Odeio emoção. — Mort levou um lenço ao ferimento.

Pelo retrovisor, Jack viu que o carro cinzento se preparava para

seguí-los. Os outros dois automóveis estavam fora de combate, mas aquele ainda podia criar-lhe sérios problemas. O caminhão era lento demais para uma pista plana. Além disso, a chuva deixara a estrada muito escorregadia, e ele não tinha experiência suficiente para dirigir um monstro como aquele, à noite, em alta velocidade. Havia também um ruído estranho no motor, alguma coisa que se soltara dentro do capô depois da colisão com o carro azul-escuro. Se o caminhão parasse de repente, em plena estrada, os três estariam mortos e os Morlock recuperariam o dinheiro.

Talvez fossem promovidos.

Por ali havia várias fábricas, armazéns, grandes oficinas, mas a primeira cidade ficava a quase dois quilômetros de distância. Muitas fábricas estavam fechadas àquela hora, em total escuridão, porém algumas trabalhavam ininterruptamente, dia e noite. Pelo espelho retrovisor, cada vez mais perto, vinha o carro cinzento. Jack escolheu uma pequena entrada à esquerda, onde viu uma placa iluminada: Fábrica Hardwright — Embalagens de espuma.

— Merda! Para onde você está indo? — Tommy gritou.

— Não temos motor para escapar deles.

— Mas não podemos parar para negociar a retirada, porra! Eles têm metralhadoras, já esqueceu? — Mort gemeu por trás do lenço ensanguentado.

— Deixe comigo. — Jack era o homem das idéias.

A fábrica Hardwright não estava trabalhando. Mas, atrás do grande prédio às escuras, numa verdadeira clareira iluminada por lâmpadas de vapor de mercúrio, viam-se dezenas de caminhões estacionados. Jack passou pelo edifício central da fábrica, contornou o estacionamento e preparou-se para uma manobra brusca.

— Segurem-se! — gritou.

Mort e Tommy firmaram os pés no chão, colaram as costas ao banco e esperaram o choque.

O gigantesco caminhão gemeu em seus cinco eixos e dezoito pneus, completou uma curva muito fechada por trás da fábrica e parou bruscamente, a alguns passos do portão de saída do estacionamento. De longe, podiam ver a estrada por onde haviam chegado. Em segundos, apareceram os faróis do

carro cinzento, pequenas rodela amareladas que rapidamente cresceram na escuridão até transformarem-se em poderosos feixes de luz.

Adiante do caminhão, achava-se o portão do estacionamento, que, com certeza, jamais era fechado. Jack começou a contagem regressiva. De repente, a marcha engrenada, pisou fundo no acelerador. O caminhão saltou para a frente. Era, porém, um veículo pesado, de partida mais lenta do que Jack calculara; além disso, o carro cinzento corria mais do que ele supunha. De qual-

quer modo, embora não conseguisse apanhá-lo à altura do trinco da porta direita, atingiu-o em plena carroceria. Foi o suficiente para fazê-lo girar em espiral, completando uma volta e meia antes de spatifar-se, de frente, contra o muro do estacionamento. Como não era o caso de verificar se algum de seus ocupantes precisava de socorros médicos, Jack manobrou o caminhão e retomou a estrada. Pouco adiante avistaram as luzes da cidade.

Podiam, enfim, retomar o plano inicial. A primeira parada prevista, depois de sair do armazém, era um posto de gasolina abandonado que os três já haviam examinado. Jack deixou para trás as bombas de gasolina e estacionou ao lado das ruínas do que poderia ter sido um restaurante. No instante em que puxou o freio 4e mão, Tommy saltou da cabine e mergulhou na escuridão.

Estavam num bairro de classe média baixa, de ruas estreitas e casas escuras. Na segunda-feira anterior haviam deixado por ali um pequeno carro de lataria maltratada e motor perfeito. Era o transporte que os levaria de volta a Manhattan, onde poderiam facilmente esquecê-lo para sempre em qualquer esquina. A poucos metros do armazém da Máfia, esperava-os um carro maior, sem chapa e sem número de motor ou chassi. Se os Morlock não tivessem aparecido, os três teriam andado até o automóvel, que os levaria ao posto de gasolina, onde o trocariam pelo carro menor.

Jack e Mort descarregaram os sacos de dinheiro, encostando-os à parede do posto. Mort voltou à cabine do caminhão e limpou cuidadosamente o volante e todas as partes onde pudessem ter deixado impressões digitais. Jack permaneceu ao lado dos sacos, vigilante. Ninguém estranharia a presença de um caminhão abandonado num velho posto de gasolina. Era tarde e não

havia carros pelas ruas, mas se a polícia passasse por ali em sua ronda habitual...

Tommy logo apareceu com o carro que manobrou e estacionou entre as duas bombas. Mort fechou o caminhão, apanhou dois sacos e foi arrastando-os pelo chão. Jack seguia-o de perto, mas, quando terminou de colocar os sacos no banco de trás, Mort já estava acomodado, limpando o nariz. Jack sentou-se ao lado de Tommy sorrindo para si mesmo.

— Pelo amor de Deus, dirija com cuidado — disse.

— Vamos ser condecorados pela polícia rodoviária — prometeu Tommy.

Os pneus derraparam ao saírem da lama que cercava as bombas e derraparam novamente ao tocar o asfalto da rua, mas Tommy conseguiu controlar o carro.

— Por que é que tudo, sempre, acaba dando errado? — Mort suspirou.

— Nada deu errado — disse Jack.

O carro deslizou no asfalto e quase se chocou com um dos veículos estacionados junto ao meio-fio. Foi o último incidente. Pouco adiante chegaram ao entroncamento de onde tomaram a rodovia rumo à cidade de Nova York.

— Por que é que esse carro derrapa tanto? — Mort perguntou de repente. — Vá mais devagar.

— Era por causa da lama — explicou Tommy. — Mas não se preocupe. Daqui para frente é só asfalto.

— Espero que não aconteça mais nada. Que merda de noite!

— Merda de noite?! — Jack riu. — Mort! Você jamais será admitido no Clube dos Otimistas Anônimos... Linda noite! A melhor noite de nossas vidas! Estamos ricos, rapazes, ricos! Estamos sentados em cima de uma montanha de dinheiro!

Mort arqueou as sobrancelhas por baixo do chapéu de feltro que ainda pingava água. Parecia surpreso:

— Bem... Olhando por esse lado... Até que melhora um pouco.

Tommy Sung deu uma gargalhada. Jack também riu alto. Mort apenas sorriu, comentando:

— E tudo livre de impostos.

De repente, o mundo parecia fantástico, maravilhoso, engraça-díssimo. Tommy diminuiu a velocidade, postou-se atrás de uma ambulância feericamente iluminada e passou em absoluta segurança pelo posto de polícia. A fuga do armazém já fazia parte do folclore de acontecimentos engraçados que lhes enchiam a vida.

Mais tarde, quando as risadas cederam lugar a olhares calmos e sorrisos de franca admiração, Tommy declarou:

— Eu queria dizer que... você foi ótimo, Jack. A idéia de usar o computador para fazer aquelas notas de entrega... o en-gradado... Puxa! E aquele aparelho que você inventou para abrir o cofre sem precisar explodir... Que belo trabalho! Você é dos bons!

— E excelente na organização — acrescentou Mort. — Mas é ainda melhor para enfrentar crises. Você pensa rápido. Vou lhe dizer uma coisa... se você usasse tudo que sabe para ser um homem de bem, para viver do lado certo da vida, só Deus sabe o que poderia conseguir!

— O lado certo da vida?! Existe lado mais certo do que o lado que trabalha para ficar rico? — Jack virou-se para trás.

— Você sabe do que estou falando.

— Não sou herói nem estou interessado em viver “do lado certo”, entre os “homens honestos”. São todos hipócritas. Falam em honestidade, verdade, justiça, consciência social, mas vivem como se tivessem a alma em leilão. Não admitem isso, mas são assim mesmo, e é por isso que quero distância deles. Eu assumo... para mim, só o dinheiro conta. Quero ter dinheiro, muito dinheiro, e os honestos que se fodam. — A medida que falava, Jack percebia que sua voz mudava, perdia a alegria, tornava-se cada vez mais fria e cheia de ressentimentos. — O “lado certo”, “as boas causas”... — Olhou através da chuva, vendo os limpadores baterem cadenciados, de um lado para o outro. — Você passa a vida lutando pelas “boas causas”, e vem um desses otários honestos e acaba com você. Eles que se fodam!

— Falei por falar — Mort arregalou os olhos, surpreso.

Jack mergulhou nas lembranças do passado. Amargas lembranças. Dois ou três quilômetros adiante, disse, a voz tensa e baixa:

— Não sou herói, droga!

Em dias que ainda estavam por vir, teria oportunidade de lembrar essas palavras. E se surpreenderia muito ao descobrir o quanto estava errado.

Era o dia 4 de Dezembro, quarta-feira, à uma e doze da madrugada.

3. CHICAGO, ILLINOIS

Às oito e vinte da manhã de quinta-feira, cinco de dezembro, o padre Stefan Wyczazik já celebrara missa, tomara o desjejum e estava sentado em seu escritório com uma última xícara de café. Dando as costas para a mesa, olhou pela grande janela francesa que se abria para o pátio onde algumas árvores erguiam para o céu os galhos esqueléticos, enegrecidos pelo frio. Num cenário assim era impossível esquecer os problemas da paróquia.

O padre Wyczazik costumava reservar aquele momento da manhã para si próprio; hábito de anos, que prezava muito. Entretanto, por mais que se esforçasse, não conseguia tirar o padre ' Brendan Cronin da cabeça. O falso cura. O profanador do cálice sagrado. A delícia das mexeriqueiras da paróquia. O batalhador incansável. O defensor dos pobres, dos desesperados e dos desvalidos. Não era possível... Não fazia sentido!

Pároco da Igreja de Santa Bernadette fazia dezoito anos, o padre Wyczazik em momento algum de sua vida passara pelo inferno da dúvida. Agora, à simples idéia de duvidar, estava perplexo. Pouco depois de ordenado, trinta e dois anos antes, fora enviado para uma pequena paróquia na área rural do Estado de Illinois, com a missão de auxiliar o velho padre Dan Tuleen.

Com mais de setenta anos, o padre Tuleen era o homem mais doce, sentimental e encantador que Stefan Wyczazik jamais conhecera. Sofrendo de artrite e enxergando mal, certamente seria obrigado a aposentar-se, não fosse ainda o verdadeiro pastor de seu rebanho. Para não afastá-lo da paróquia de São Tomás, onde se encontrava por quatro décadas, o cardeal decidiu procurar um sacerdote jovem que se encarregasse das tarefas mais cansativas, e sua escolha recaiu sobre Stefan Wyczazik. Vinte e quatro horas depois de chegar a São Tomás, Stefan deu-se conta da gigantesca missão que o esperava, mas não se intimidou. Poucos outros teriam conseguido sair-se bem de

empreitada tão séria, mas ele jamais duvidou, nem por um instante, de que conseguiria arcar com a responsabilidade que lhe jogavam sobre os ombros.

Quando o padre Tuleen morreu em paz, três anos depois, a cúria mandou outro sacerdote para São Tomás e designou a Stefan Wyczazik para uma paróquia nos subúrbios de Chicago. O vigário dessa paróquia, padre Orgill, começava a ter problemas de alcoolismo, porém, sendo um homem forte e bom, merecia receber ajuda para encontrar a salvação. A incumbência do padre Wyczazik era exatamente essa: ajuda o colega, ampará-lo, oferecer-lhe um ombro amigo, guiá-lo até que se reconciliasse consigo mesmo. Sem nunca duvidar de nada, Stefan fez exatamente o que lhe exigiam.

Nos três anos seguintes serviu em duas outras paróquias, sempre encarregado de encaminhar soluções e resolver problemas que pareceriam insolúveis ao comum dos mortais. A alta hierarquia da Igreja começava a mencioná-lo “o infalível braço direito do cardeal”.

Numa de suas missões impossíveis, foi mandado para o Vietnã, a fim de trabalhar por seis longos e terríveis anos ao lado do padre Bill Nader no Orfanato Nossa Senhora das Graças, em Sai-gon. O orfanato fora criado pela Arquidiocese de Chicago e era um dos projetos mais importantes que o cardeal coordenava. Bill Nader tinha cicatrizes de tiros, uma no ombro esquerdo, outra no calcanhar direito. Três confrades seus — dois vietnamitas e um americano — haviam sucumbido em ataques dos vietcongs.

Nem em meio ao horror da guerra, em momento algum o padre Wyczazik duvidou de que sobreviveria para continuar a cumprir a missão que Deus lhe reservara. Quando as forças inimigas tomaram Saigon, Bill, Stefan e treze freiras conseguiram escapar do país levando consigo cento e vinte e seis crianças. Nos meses seguintes, morreram centenas de milhares de pessoas; ainda assim, Stefan Wyczazik nunca duvidou da importância de seu gesto. Havia descoberto que o desespero, às vezes, pode ser o verdadeiro alimento da fé.

De volta aos Estados Unidos, ofereceram-lhe uma promoção a monsenhor como prêmio pelos serviços prestados à Igreja.

Ele agradeceu humildemente e recusou a recompensa: queria apenas uma paróquia que fosse só sua. E lá estava.

Quando recebeu a paróquia de Santa Bernadette, descobriu que precisaria saldar uma dívida de mais de cem mil dólares, reformar a igreja, cujo telhado ameaçava ruir, construir uma escola e atrair maior número de fiéis. Um desafio talhado para seu temperamento. Em quatro anos de trabalho incansável, fez a assistência às missas crescer em mais de quarenta por cento. Em cinco, reconstruiu a casa paroquial e reformou a igreja. Em sete, comprou o terreno para a escola paroquial e deu início às obras.

Uma semana antes de morrer, o cardeal recompensou-o pelos relevantes serviços prestados à Santa Madre Igreja, conferindo-lhe o título de pároco perpétuo da igreja de Santa Bernardette.

O padre Wycazik era, pois, um homem de fé monolítica, daqueles que, em momento algum, duvidam de que a fé remove montanhas. Por isso não conseguia entender como, de repente, em plena missa de domingo, seu confrade Brendan Cronin perdera a fé, e perdera-a tão completamente que, num ataque de desespero e fúria, chegara a jogar no chão o cálice sagrado. Na frente dos fiéis. Felizmente havia poucos fiéis. Se aquele acesso tivesse ocorrido na missa das onze, o escândalo teria sido mil vezes maior.

Quando o padre Brendan Cronin chegara à paróquia, fazia mais de um ano e meio, Stefan estava decidido a não gostar dele. Em primeiro lugar porque ele estudara em Roma, na mais famosa instituição de ensino religioso do mundo cristão. Claro que era uma honra ser convidado para estudar com mestres da Igreja, claro que era de lá que saía a nata dos sacerdotes, os mais cultos, os mais ilustrados... Entretanto, na espantosa maioria dos casos, os sacerdotes mais cultos e ilustrados não passavam de afetados moleco-tes de nariz empinado, eram muito menos sábios do que se imaginavam, e tremiam de horror diante da possibilidade de sujar as santas mãos com o barro malcheiroso de que é feita a humanidade. A idéia de ensinar o catecismo às crianças, por exemplo, parecia-lhes indigna de sua alta sapiência. Quanto a visitar prisões ou hospitais, nem falar!

Além de ter estudado em Roma, o padre Cronin era gordo, tinha a cara muito redonda e os olhos verdes suaves demais. Tudo nele parecia denunciar uma alma peguiçosa e corrupta.

O padre Wyczazik vinha de uma família de poloneses altos e ossudos na qual jamais nascera ou nasceria nenhum gordo. Descendentes de mineiros que emigraram para a América na passagem do século, habituados ao frio e ao esforço físico, seus ancestrais tiveram filhos altos e magros, que alimentaram com trabalho honesto e pesado, sem lhes dar tempo para engordar. Desde menino, o padre Wyczazik acreditava que todo homem honesto e confiável era necessariamente alto, forte, magro, dotado de ossos longos e resistentes.

Para sua grande surpresa, porém Brendan Cronin revelou-se um trabalhador infatigável e dedicado. Não tinha o nariz empinado, nem se pavoneava dos conhecimentos de doutrina adquiridos em Roma. Era agradável, divertido, contava piadas, ria com os presos que visitava e tinha infinita paciência com os pequeninos, que as mães arrastavam para as aulas de catecismo. Em dezoito anos, o padre Wyczazik jamais tivera a seu lado um cura como ele.

Por tudo isso, parecia-lhe impossível entender a crise na missa de domingo. Contudo, mesmo sem entender, começava a pressentir que ali estava outro dos grandes desafios que Deus lhe mandava regularmente: reconduzir Brendan Cronin ao rebanho. No início de sua vida eclesiástica fora incumbido de ajudar um cura alcoólatra e vencera o demônio. Agora, tantos anos depois, o destino entregava-lhe outra ovelha desgarrada, que lhe recordava os dias da juventude, aquecia-lhe o sangue nas veias, enchia-o de entusiasmo e renovava-lhe a fé.

Alguém bateu à porta. O padre Wyczazik levantou os olhos para o belo relógio dourado, presente de um paroquiano, único objeto requintado que admitia na sobriedade de seu escritório. Eram exatamente oito e meia da manhã.

— Entre — disse, virando a cadeira de frente para a mesa.

O padre Brendan Cronin ainda estava pálido, com olheiras, como Stefan o vira no domingo, na segunda-feira, na terça e na quarta,

quando o encontrara várias vezes para discutir as possíveis causas de tão repentina crise de fé e tentar encontrar um modo de reconciliá-lo com Deus. Estava tão pálido que as sardas pareciam brilhar em seu rosto,

— Sente-se. Aceita um café?

— Não, obrigado. — Brendan passou pelo sofá, ignorou a poltrona e foi encostar-se ao batente da janela.

O velho pároco pensou em perguntar-lhe se comera bem ou se, como antes, limitara-se a engolir, meio à força, um pedaço de torrada e uma xícara de café amargo. Decidiu-se, no entanto, por outro tipo de abordagem:

— Você leu os textos que sugeri?

--- Li.

O padre Wyczalik dispensara-o das tarefas habituais e sugerira que se dedicasse à leitura de alguns livros e ensaios que a partir de um ponto de vista intelectual, discutiam a existência de Deus e abordavam a loucura do ateísmo.

— E certamente refletiu sobre o que leu — comentou, recostando-se na cadeira giratória. — Encontrou alguma coisa que o... ajudasse? — Com um suspiro, Brendan balançou a cabeça. Nada encontrara.

— Tem rezado pedindo que Deus o ilumine.

— Sempre. Mas continuo no escuro.

— E continua a buscar as raízes dessa dúvida.

— Não parece haver raiz.

Era quase insuportável a expressão de desânimo estampada no rosto de Brendan. Habitualmente alegre e descontraído, desde a missa de domingo o jovem cura mostrava-se cada vez mais calado, mergulhado em si mesmo, alheio e distante. Falava pouco, devagar, usando frases curtas e secas.

— Claro que há raízes na dúvida que o atormenta — insistiu o padre Wyczalik. — Deve haver alguma coisa, uma semente, um começo.

— E só a dúvida — Brendan respondeu em voz quase inaudível. — Está aqui. Parece que sempre esteve aqui.

— Mas você sabe que a dúvida não estava a/. Você tinha fé! Então isso tem um começo. Você disse que começou em agosto. Como foi? Quando? Deve ter acontecido alguma coisa... algum incidente, ou um conjunto de incidentes... que o levou a rever sua filosofia de vida.

— Não. — A palavra soou como um gemido de dor

O velho cura teve vontade de levantar-se, andar até ele e sacudi-lo pelos ombros. Todavia, munindo-se de paciência, continuou:

— Há muitos bons sacerdotes que, em algum momento da vida, passam por crises de fé como a sua. Há até alguns santos que desafiaram os anjos. Mas em todos esses casos ocorreu a mesma coisa... o processo foi lento e gradual, arrastou-se por anos antes de eclodir numa verdadeira crise de fé. Além do mais em todos esses casos sempre foi possível identificar um momento, um incidente específico, que deu lugar à dúvida. A morte de uma criança, por exemplo. A doença incurável de um ente querido. Assassínatos, estupro. A eterna questão de descobrir por que Deus permite que esses crimes ocorram. Por que existe a guerra, por que existe a dor... A doutrina tem resposta para todas essas perguntas, mas em alguns casos uma resposta intelectual não basta. Uma coisa é certa... a dúvida quanto à existência de Deus sempre nasce de alguma contradição específica entre nossa idéia do que seja a graça divina e a realidade humana cheia de dor e sofrimento.

— Não em meu caso.

Sem dar atenção às palavras do outro, o padre Wyczik respirou fundo e prosseguiu:

— E a única maneira de vencer a dúvida e reencontrar o abrigo da fé é discutir a contradição específica, de onde tudo surgiu. Para isso existem confessores e guias espirituais.

— Não há o que discutir. Minha fé simplesmente... desmoronou, e me deixou no ar. Como um piso que parecia sólido e de repente desaba, porque sempre esteve minado.

— Então não foi um processo. Não houve nada, nenhum acontecimento, nenhuma morte injusta, nenhuma doença, nem a guerra, nada? A fé desabou, como o piso, de repente, sem mais nem menos?

— É.

— Mas que merda! — O padre Wyczik saltou da cadeira. Assustado, o outro arregalou os olhos.

— É isso mesmo... que merda! — repetiu o velho cura, dando-lhe as costas. Em parte, queria mesmo sacudir o marasmo de Cro-nin, em parte começava a irritar-se com aquela história. Virou-se de frente para a janela e

recomeçou: — Você não pode ter-se transformado tanto. Não pode ter sido um bom sacerdote em agosto e virado ateu e iconoclasta em dezembro. Não é possível. Principalmente porque você afirma que não aconteceu nada, nenhum fato especialmente doloroso ou difícil de entender. O que pode estar havendo é uma espécie de bloqueio. O fato ocorreu, mas você não consegue identificá-lo porque bloqueou sua percepção. Enquanto não decidir enfrentar suas verdades interiores, não terá como sair desse estado... lastimável.

O silêncio pesou, denso e doloroso, sobre a sala. O relógio dourado bateu um quarto de hora. O padre Cronin levantou a cabeça:

— Não se zangue, por favor. Sua amizade é uma das coisas que mais prezo no mundo... Eu não suportaria... além de tudo o que já está acontecendo comigo...

Talvez fosse uma primeira brecha na concha em que se escondera. O padre Wycazik aproximou-se, sentou e obrigou-o a sentar-se também.

— Não estou zangado com você — declarou. — Estou preocupado, intrigado e, principalmente, muito frustrado porque você não quer deixar que eu o ajude. Mas não estou zangado.

— acredite, eu quero que o senhor me ajude. Mas preciso ser sincero... Não tenho a menor idéia de qualquer coisa, qualquer fato, que possa explicar o que está acontecendo. É estranho... É um mistério.

O velho pároco tocou-lhe o ombro, levantou-se, voltou à cadeira atrás da mesa e sentou-se, pensativo.

— Está bem — disse afinal. — Estou convencido de que seu problema não é intelectual. Isto significa que as leituras que lhe indi-

quei não terão nenhuma utilidade. Seu problema deve ter alguma raiz psicológica, inconsciente.

Ainda sentado, Brendan escutava-o, atento e intrigado. A possibilidade de que estivesse sofrendo de algum mal psíquico parecia dar-lhe novas esperanças. Então o caso era mais simples e Deus não o abandonara! O padre Wycazik também parecia aliviado:

— Como você deve saber, nosso provincial é o padre Lee Kel-log. O que você talvez não saiba é que ele dirige uma pequena equipe de dois psiquiatras, também jesuítas, encarregada de tratar dos problemas emocionais

ou psicológicos de nossos sacerdotes. Posso conseguir um horário para você.

— Acha que sim?

— Sem dúvida. Só que, no momento, acho precipitado. Se você começar a fazer análise agora, o provincial será obrigado a informar o padre-prefeito, encarregado da disciplina, que, por sua vez, terá que abrir um inquérito e vasculhar os dois últimos anos de sua vida na paróquia, à procura de qualquer falha, de qualquer violação dos votos.

— Mas eu nunca...

— Eu sei — Stefan sorriu. — Mas o padre-prefeito tem o dever de ser muito rigoroso. Ainda que você receba tratamento e fique perfeitamente curado, o inquérito não será encerrado. A ordem tem o direito de evitar que qualquer sacerdote... digamos... vacilante... tenha acesso aos mais altos postos da hierarquia. Seu futuro estaria bloqueado para sempre. Parece um preço excessivo a pagar. Sempre tive a impressão de que você teria condições de aspirar ao posto de monsenhor, talvez mais.

O jovem cura baixou a cabeça e murmurou:

— Sou um padre sem ambições.

— Mas cheio de qualidades, enquanto conseguir ficar longe da lista negra do padre-prefeito. Se entrar nessa lista, seu futuro se limitará a um horizonte parecido com o meu, e você morrerá de velho como simples pároco.

A sombra de um sorriso flutuou nos olhos do padre Cronin:

— Parece-me um futuro maravilhoso — replicou em voz baixa.

— Cabe à Igreja decidir o serviço que você pode prestar-lhe. O melhor que posso fazer é tomar algumas precauções para tentar impedir que se cometa um erro irreparável. Preciso de sua ajuda. Quero que me dê algum tempo, até o Natal, por exemplo. Chega de ler ensaios de teologia, chega de conversar sobre crises de fé. Vamos trabalhar juntos. Pretendo usá-lo como cobaia de algumas teorias que tenho desenvolvido. Você será tratado por um amador, mas ganhará tempo para enfrentar o padre-prefeito. Até o Natal. Se até lá não tivermos conseguido nada, marcarei hora para você com nosso psiquiatra. Está certo?

— Sim. Está certo.

Satisfeito com a resposta, o padre Wyczik acomodou-se na cadeira, apoiou os cotovelos sobre a mesa e esfregou as mãos.

— Ótimo! — exclamou. — Temos mais de três semanas. Na primeira semana quero que você volte a usar roupa comum. Esqueça a batina e procure o doutor James McMurtry no Hospital Infantil São José. Ele vai lhe dar um emprego.

— Como capelão?

— Como faxineiro. Você vai lavar privadas, trocar camas, qualquer coisa que mandarem fazer. Ninguém mais, além do doutor McMurtry, saberá que você é padre.

Brendan franziu as sobrancelhas, sem entender:

— Mas... para que tudo isso?

— Tenho esperanças de que, dentro de uma semana, você mesmo responderá essa pergunta. E quando tiver entendido por que o estou mandando para um hospital, terá encontrado uma das chaves para abrir seus caminhos psicológicos. Poderá ler dentro de si mesmo e descobrirá por que sua fé vacilou. Então se reconciliará com Deus.

Brendan balançou a cabeça, sem muita convicção.

— Você me deu três semanas — o padre Wyczik lembrou-o.

— Eu sei. Está bem. — Num gesto inconsciente, Brendan passou os dedos pelo duro colarinho engomado da batina. Seria difícil viver sem ele, e isso era bom sinal.

— Até o Natal você vai morar longe da casa paroquial. Eu lhe darei dinheiro suficiente para alugar um quarto com refeições num hotel barato. Quero que se misture ao povo, que saia, por algum tempo, do abrigo da vida eclesiástica. Arrume a mala e, quando estiver pronto para sair, passe por aqui. Vou telefonar ao doutor McMurtry e acertar os detalhes de seu novo emprego.

O padre Cronin levantou-se, com um suspiro, e caminhou até a porta. De repente parou e voltou-se:

— Há um detalhe que talvez reforce a idéia de que estou com algum problema psicológico. Tenho tido uns sonhos estranhos. Para dizer a verdade, é sempre o mesmo sonho...

— Sonhos recorrentes... Isso é tema freudiano.

— ... um sonho que se repete seguidamente, desde agosto — continuou Brendan, ignorando o comentário do outro. — Na semana passada repetiu-se todas as noites. Não é um sonho agradável. É bem curto... e tenho a impressão de que se repete várias vezes durante a noite. É rápido... mas muito intenso. Vejo luvas pretas...

— Luvas pretas?

— E... E sempre estou num lugar estranho, deitado, e parece que amarrado na cama, com os braços para baixo, as pernas presas... Quero me levantar, correr, fugir dali, mas não consigo. Está escuro e quase não vejo nada a meu redor. Então aparecem aquelas mãos.

— De luvas pretas?

— Sim. As luvas são lustrosas, de plástico ou de borracha, e bem justas, coladas às mãos. Não são luvas comuns. — Brendan deu alguns passos em direção ao centro da sala e cobriu os olhos com as mãos, na tentativa de lembrar todos os detalhes do sonho. — Não sei quem é, não consigo ver direito. Só vejo as luvas... até o punho. E só o que vejo... o resto da cena parece envolto em névoa.

Quando começou a falar, era evidente que a lembrança acabava de ocorrer-lhe, mas não imaginava que pudesse ter alguma relação importante com seu problema. Ao calar-se, contudo, estava pálido como um lençol e sua voz tremia. Parecia assustado.

O vento empurrou a janela, que bateu ruidosamente. Absorto nas palavras do jovem sacerdote, o padre Wycazik sequer ouviu o barulho.

— O homem das luvas pretas diz alguma coisa? — perguntou.

— Não. Ele nunca fala nada. — Brendan afastou as mãos dos olhos e, estremeando, baixou a cabeça. — Mas as mãos... me tocam. São frias... pegajosas.

Cada vez mais interessado, o velho pároco apurou as costas na cadeira e apoiou os cotovelos sobre a mesa:

— E como é que elas tocam em você? Onde?

— No rosto... No pescoço, no peito... frias... Andam pelo corpo...

— E machucam você?

— Não.

— Mesmo assim, você tem medo. Tem medo do homem que usa as luvas... ou das próprias luvas?

— Não sei... Só sei que tenho medo, muito medo...

— E um sonho tipicamente freudiano. Não há como fugir disso.

— Acho que o senhor tem razão — suspirou o padre Cronin.

— O sonho é um dos vários mecanismos que o inconsciente utiliza para mandar mensagens ao consciente. Em seu caso, não é difícil identificar alguns símbolos freudianos nessas luvas pretas. Elas podem ser as mãos do demônio, a tentação que procura afastá-lo da graça divina. Ou as garras de suas próprias dúvidas, de seu sentimento de culpa por estar perdendo a fé. Ou as mãos do pecado... como serpentes em seu corpo.

— E razoável — ponderou o jovem cura, esboçando um sorriso triste. — As mãos tocam em mim. — Deu de ombros e voltou para a porta mas parou novamente. — Talvez o senhor ache estranho o que vou dizer... acho que não há nada de simbólico nessas luvas. Tenho certeza de que... elas existem! São apenas umas luvas pretas e, em algum lugar, em algum tempo, são reais. Ou *foram* reais.

— Está querendo dizer que alguma vez em sua vida passou por uma experiência como a que aparece em seu sonho?

O padre Cronin baixou a cabeça e fixou os olhos no tapete:

— Não sei. É possível que tenha acontecido alguma coisa parecida, talvez na infância. Acho que esse sonho não tem ligação alguma com minha crise de fé.

— Não, não... — protestou o outro com veemência. — Não é possível imaginar que duas experiências estranhas e aflitivas como o sonho recorrente e a crise de fé surjam ao mesmo tempo por pura e simples coincidência. Isso jamais acontece. Deve haver alguma relação entre elas... Diga-me, em que circunstâncias, em sua infância, poderia ter acontecido alguma coisa semelhante ao que lhe aparece em sonho? Qualquer fato que tenha envolvido luvas, por exemplo.

— Não sei, mas passei por duas ou três doenças graves quando

era menino. Talvez um médico que tivesse me examinado, usando luvas... não sei. Talvez tenha sido uma experiência tão desagradável que inconscientemente reprimi todas as lembranças, que agora voltam..

— Nunca vi um médico examinar uma criança... com luvas pretas.

Brendan respirou fundo antes de replicar:

— E... o senhor tem razão. De qualquer modo, não consigo tirar da cabeça a idéia de que não há nada de simbólico nessas luvas. Para mim são tão reais quanto esta mesa... ou os livros em suas estantes.

O relógio marcou outro quarto de hora. O vento soprava cada vez mais forte.

— E de arrepiar — comentou o padre Wycazik, sem referir-se nem ao tempo, nem à ventania. — Mas garanto-lhe que há alguma simbologia nesse sonho, e tenho certeza de que existe alguma relação entre o sonho e seus problemas de fé. Talvez seu inconsciente esteja querendo avisar que você enfrentará uma grande batalha. Não sei, mas seja como for, você não estará sozinho. Pode contar comigo.

— Obrigado.

— Agradeça a Deus. Ele também está a seu lado.

O jovem cura limitou-se a baixar a cabeça e curvar os ombros, desesperançado.

— E agora trate de fazer a mala — ordenou Stefan.

— O senhor vai ficar sem ninguém para ajudá-lo.

— Tenho o padre Gerrano e as irmãs que cuidam da escola. Você deve ir tratar de seus próprios problemas.

Depois da saída de Brendan, o pároco voltou à mesa.

Luvras pretas. Era apenas um sonho e, em essência, bem simples, embora desagradável. No entanto, a expressão no rosto de Brendan Cronin não lhe saía da lembrança. Estava aterrorizado... porque via duas mãos enluvadas e sentia-as andando por seu corpo, tocando-o, grudando-se nele... frias, pegajosas. Luvras pretas. O padre Wycazik cruzou os braços e olhou pela janela. Talvez adivinhasse que aquele seria o maior de todos os desafios que já enfrentara ao longo da vida. Lá fora, começava a nevar.

Era quinta-feira, dia 5 de dezembro

4. BOSTON, MASSACHUSETTS

Na sexta-feira, quatro dias depois da catástrofe da pia e do implante de aorta em Viola Fletcher, Ginger Weiss continuava internada no Memorial, dessa vez como paciente levada pelo dr. George Hannaby.

Durante três dias, fora submetida a todos os testes disponíveis no hospital, o que chegava bem próximo de todos os testes disponíveis na ciência contemporânea. Haviam feito várias tomo-grafias de crânio, chapas radiográficas, ultra-sonografias, pneu-moventriculografias, punção lombar, angiograma e vários outros exames para poder cruzar os resultados. Sua massa encefálica foi vasculhada centímetro a centímetro para verificar alguma formação neoplásica, eventuais massas císticas, tumores, coágulos, aneurismas.

Passo a passo, os médicos concluíram pela possibilidade de alguma formação tumoral no perineuro e refizeram vários testes,

ao final dos quais levantaram a hipótese de hipertensão intracraniana crônica. Testaram o líquido raquidiano à procura de alguma evidência de concentrações anormais de proteína, sangramentos intracranianos, baixas taxas de glicose, qualquer sinal de infecção bacteriana ou de contaminação por fungos. Eram médicos tratando de uma colega e, mais do que em qualquer outro caso, foram meticolosos, cuidadosos e persistentes na busca dos elementos que lhes permitissem definir um diagnóstico correto.

As duas da tarde da sexta-feira, George Hannaby entrou no quarto de Ginger com os resultados finais da gigantesca bateria de exames e com os pareceres da junta médica que se reunira especialmente para analisá-los. O fato de o próprio George aparecer para informar o diagnóstico era mau sinal. Ginger ficaria mais aliviada se qualquer outro especialista fosse dar-lhe a notícia de que estava com câncer no cérebro.

Sentada na cama, Ginger usava o pijama azul que Rita Hannaby, mulher de George, fizera a gentileza de buscar em seu apartamento, junto com outras mil pequenas coisas que lhe dessem conforto. Tinha um livro policial aberto sobre os joelhos e lutava para convencer-se de que, embora seu mal fosse grave, não era tão grave que a medicina não pudesse curá-lo. Na verdade, porém, estava morrendo de medo.

O que George tinha para dizer era ainda pior do que a pior notícia que ela poderia receber. Os médicos não haviam encontrado nenhuma anormalidade em nenhum dos exames. Ginger não estava doente. Não tinha qualquer malformação congênita. Nem tumor cerebral. Nem aneurisma. Nada.

Quando George acabou de dizer-lhe exatamente isso, Ginger sentiu-se desabar como um castelo de cartas. Depois de quatro dias, desde que fora encontrada na neve, era o primeiro momento em que se permitia relaxar. E chorou, baixinho, quase sem ruído, as lágrimas da terrível angústia que lhe crescia no peito.

Um tumor, um coágulo, qualquer coisa física que pudesse ser operada, corrigida, extirpada! Qualquer coisa que lhe permitisse, algum dia, retomar a carreira médica. Mas não. Seu problema não

era físico: era mental, um mal psicológico que a medicina não entendia bem e que não saberia corrigir com bisturi e antibióticos. Um caso de evidente indicação de psicoterapia... surtos de fuga ou ausência sem causa fisiológica aparente. Nem os psicoterapeutas podiam garantir a cura. E o tratamento talvez demorasse meses, anos. Havia na literatura médica referências freqüentes a pacientes que, a partir de surtos de ausência, acabavam por desenvolver sintomas de esquizofrenia. Suas chances de voltar a viver como uma pessoa normal eram poucas, e não havia absolutamente nenhuma de retomar o comando de uma equipe de cirurgia.

Era o fim do sonho de toda uma vida... o sonho rompia-se, estilhaçava-se como um globo de cristal atingido por um tiro. A psicoterapia poderia mantê-la à tona, devolvê-la à vida anterior aos surtos, porém jamais lhe devolveria a licença para operar.

George apanhou um maço de lenços de papel na pequena caixa sobre a mesa-de-cabeceira e ofereceu-os a Ginger. Depois serviu-lhe um copo de água e um calmante. Ela resistiu, mas acabou engolindo o comprimido. George acariciou-lhe a mão e começou a falar em voz calma.

— Mas nada disso aconteceu comigo! — Ginger conseguiu, afinal, interrompê-lo. — Tive um lar organizado e sólido, uma casa que nem o psiquiatra mais louco classificaria de “atmosfera psicologicamente destrutiva”! Tive uma infância feliz, a mais feliz que uma criança poderia desejar. —

Com um movimento brusco, arrancou da caixa outro punhado de lenços. — Por que tinha que acontecer comigo?! Por que eu, eu, justamente eu, tinha que virar psicótica?! Tive uma mãe maravilhosa, um pai maravilhoso, uma casa linda! Não... Não posso acreditar!

— Acalme-se, doutora... — George sentou-se na borda da cama. — Antes de mais nada, uma respeitável corrente médica defende uma teoria segundo a qual as doenças mentais seriam resultado de determinadas alterações bioquímicas que nossa ciência ainda não consegue determinar ou prever. Isso quer dizer que talvez os problemas psicológicos tenham menos a ver com as ori-

gens familiares do que se pensa. Não acho necessário você rever as amadas figuras de seus pais para tentar entender o que está acontecendo. E também não estou convencido... repito... não estou convencido de que você tenha qualquer outra coisa além de um simples problema de *stress*.

— Você está tentando me enganar! Por favor!

— Eu?! Enganar um paciente? — George arregalou os olhos.

— Não, nada disso. Estou realmente convencido de que há alguma causa física ou fisiológica para suas crises. É possível que você tenha alguma malformação ou neoformação ainda muito pequena e impossível de descobrir através dos exames que conhecemos. Será preciso dar tempo ao tempo, observar seu comportamento e esperar que aconteça outro surto ou apareça outra sintomatologia. Dentro de algumas semanas ou meses repetiremos os exames e, mais dia menos dia, acabaremos descobrindo o problema.

Ginger atirou ao lixo uma bolota de lenços de papel amarrotados e apanhou outro maço da caixinha.

— Você acha? — perguntou franzindo as sobrancelhas, com medo de alimentar esperanças. — Acredita mesmo que talvez seja um tumor ou uma neoplasia tão pequena que ainda não podemos ver?

— Entre outras coisas também pequenas, sim, acho. Para mim, pelo menos, essa hipótese parece mais confiável do que a possibilidade de distúrbios psicológicos. Não, você não tem nenhum problema mental. É estável e equilibrada. Não consigo acreditar que possa sofrer de qualquer disfunção mental, e, entre duas crises, agir de modo tão estável. Isso não faz sentido!

Uma luz de esperança! Ginger nunca pensara em suas crises a partir daquele ponto de vista. De qualquer modo, era um triste futuro passar a vida à espera de qualquer sintoma que indicasse um tumor no cérebro. Triste, porém mais estimulante que um futuro de loucura. Não havia médico capaz de extirpar a loucura com bisturis e escalpelos.

— Os próximos meses vão ser difíceis — George continuou. — Precisamos esperar.

— Suponho que já estou proibida de trabalhar, não é?

— No centro cirúrgico, sim, claro. No entanto, se nada mais acontecer, não vejo motivo que a impeça de continuar a trabalhar comigo no consultório.

— Mas... e se eu tiver... outra crise?

— Estarei a seu lado para impedir que se machuque ou fira alguém.

— E o que pensarão seus pacientes? Não acha que podem se assustar comigo lá? Imagine! Uma assistente que, sem mais nem menos, vira uma *meshugene* e sai do consultório...

— Por que não deixa que eu me encarregue do que meus pacientes possam pensar? De qualquer modo, isso não é para já. Você precisa descansar por uma ou duas semanas. Nada de trabalho. Descanse, relaxe. Esses últimos dias foram muito desgastantes para você, tanto física quanto emocionalmente.

— Estou imóvel há dias! Não faço outra coisa senão descansar! Não sacuda o bule!

— O quê? — George franziu a testa sem entender.

Surpresa por ter usado aquela expressão, Ginger sorriu.

— E uma coisa que meu pai vivia dizendo — explicou. — E uma expressão em ídiche, *hok nit kayn tshaynik*. Significa exatamente o que eu disse... não sacuda o bule, ou seja, não diga bobagens. Mas não me pergunte por que significa isso... Não tenho a mínima idéia. E apenas uma expressão que meu pai usou durante a vida inteira.

— Bem, não estou sacudindo o bule. O que quero dizer é que você deve continuar em absoluto repouso. E que vai descansar em minha casa, com Rita tomando conta de você, pelo menos por duas ou três semanas.

— Não posso! Não posso lhes dar mais trabalho...

— Não será trabalho, nem para mim nem para Rita. Temos uma excelente empregada. Você não precisa se preocupar com nada, nem mesmo com a arrumação da cama. O quarto de hóspedes tem uma linda vista para a baía. Não há nada mais repousante que ver o mar. Na verdade, foi exatamente isso o que seu médico receitou.

— Obrigada, muito obrigada, mas não é preciso.

George cruzou os braços e lançou-lhe um olhar severo.

— Acho que você não entendeu — disse. — Não estou convidando uma simpática mocinha para passar férias em minha casa. Estou falando como seu médico e como seu chefe... estou lhe dando instruções de conduta para as próximas semanas. Não discuta, doutora.

— Mas posso muito bem ficar em minha casa...

— Não pode ficar sozinha — insistiu ele, balançando a cabeça. — E se tiver outra crise? Se estiver cozinhando, por exemplo, e de repente provocar um incêndio? Só irá perceber depois que recuperar a consciência, e então poderá ser tarde demais... E muito arriscado, tanto para você como para outras pessoas.

‘Não, não doutora... Não vou permitir que fique sozinha. Se não quiser ficar conosco, vá passar algum tempo com seus parentes. Há alguém de sua família que tenha condições de hospedá-la?’

— Em Boston, não. Tenho tios e tias em Nova York...

Na verdade não podia sequer pensar em hospedar-se em casa de nenhum deles, embora tia Rachel e tia Francine sempre a recebessem de braços abertos. Jamais teria coragem de aparecer por lá nas condições em que estava... E se tivesse uma crise? As tias não saberiam o que fazer, mas certamente jogariam toda a culpa em Anna e Jacob. “Não souberam criar a pobre menina”, diria Rachel, entre lágrimas e suspiros. “Foram exigentes demais com a coitadinha”, completaria Francine. Não... Ambas eram muito boas, tentariam ajudá-la, mas Ginger não podia permitir que seus pais acabassem transformados em bode expiatório. Eles não tinham culpa de nada.

— Fico com o quarto de hóspedes com vista para o mar — declarou com um sorriso.

— Ótimo!

— Continuo achando que vou dar trabalho e acho bom prevenir desde já... se eu gostar, fico lá para sempre. Um dia, quando você voltar para casa, talvez encontre a mobília trocada, um novo papel de parede e seu quarto de dormir transformado em meu consultório.

— Quando isso acontecer, dou-lhe um pontapé no traseiro e ponho você na rua. — George levantou-se e beijou-lhe a testa. — Vou tratar de sua alta. Enquanto isso, arrume as malas. Vou telefonar para Rita e pedir que venha buscá-la. — Ele se aproximou da porta e voltou-se, outra vez sério. — Sei que não será fácil, mas você não pode desanimar.

Ginger ouviu seus passos afastando-se pelo corredor em direção ao saguão, e deixou-se cair sobre os travesseiros, os olhos fixos na parede amarelada a sua frente. E então, num gesto súbito, jogou as cobertas, saltou da cama e entou no banheiro; abriu as torneiras da pia e debruçou-se, fitando o ralo. A pia logo se encheu de água, e a água começou a girar, cada vez mais rápida, descendo pelo orifício escuro. Impossível acreditar que uma inocente pia branca cheia de água pudesse ter desencadeado tantos problemas. Na segunda-feira, depois de fazer o implante de aorta em Viola Fletcher, um ralo de pia igual àquele parecera-lhe a própria boca do inferno!

— Mas... *por* que?! — perguntou-se pela centésima vez, começando a desesperar-se. — Oh, papai... Como preciso de você! Como seria bom se você estivesse aqui comigo... Oh, Deus!

Dentre tantas frases que Jacob citava, havia uma que sempre lhe parecera engraçada. Ainda ecoava-lhe nos ouvidos, acompanhada de um leve movimento de cabeça... Quando alguém lhe confessava que estava preocupado com o futuro, seu pai dava de ombros e dizia: “E por que se preocupar com o dia de amanhã, se você ainda nem sabe o que pode lhe acontecer *hoje?*”

Quanta verdade!... Ginger lembrou-se da frase do pai, do rápido movimento de cabeça, do levantar de ombros, porém não conseguiu lembrar-se do que a fazia rir tanto quando a ouvia. Sentiu-se inválida, partida, perdida.

Era sexta-feira, dia 6 de dezembro.

5. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

Na manhã de segunda-feira, dia 2 de dezembro, Dom e Parker Faine ouviram, no consultório do dr. Cobletz, um diagnóstico bem mais tranquilizador do que esperavam. Dom fora examinado havia pouco tempo e não se constatará nenhuma anormalidade que pudesse preocupar.

O médico disse que, após a última consulta, no dia 23 de novembro, começara a pesquisar um material sobre sonambulismo. Descobrirá que, no caso de adultos, as crises em geral eram passageiras, embora não se descartasse a possibilidade de que o mal se tornasse crônico. No limite extremo, encontrara registros de pacientes que, a partir de surtos freqüentes de sonambulismo, acabaram por desenvolver um quadro de sintomatologia bem mais grave, diagnosticada como psicose maníaco-depressiva. Os autores eram unânimes em afirmar que, embora à primeira vista o sonambulismo não pudesse ser incluído entre as moléstias graves, era um mal de cura difícil. Em alguns casos, os pacientes davam sinais de crescente ansiedade em relação ao sono ou à hora de dormir. Era essa ansiedade, e não o sonambulismo em si, que podia eventualmente criar sérios problemas para a vida diária do paciente.

Dom sentiu-se jogado sobre esse terreno minado. Lembrou-se da trincheira que construíra diante da porta do quarto e do arsenal reunido sobre a cama.

Sem dar mostras de preocupação, o dr. Cobletz sugeriu uma linha terapêutica simples, afirmando que muitos casos de sonambulismo persistente foram curados com pequenas doses de sedativo, ministradas à hora de dormir. Depois de algumas noites de sono regular, a ansiedade diminuía significativamente e as crises desapareciam. Nos casos mais difíceis, aumentava-se a dose de sedativo noturno e prescreviam-se calmantes para o período de atividade do paciente, sempre com o objetivo de combater a ansiedade. Para Dominick, consideradas as extenuantes tarefas a que se dedicava durante o sono, o médico receitou doses diurnas de calmante e uma cápsula de sonífero antes de dormir.

Quando voltavam de Newport, tendo o mar à direita e as montanhas à esquerda, Parker Faine disse que não era seguro Dom ficar sozinho à noite enquanto as crises não diminuíssem de intensidade.

— Tenho um quarto de hóspedes — informou, como sempre dirigindo em velocidade maior do que a recomendada, porém menor que a proibida. Por algum estranho mistério de personalidade, dava a impressão de concentrar-se, ao mesmo tempo, na estrada e em Dom. — Vou ficar de olho em você, mas não pense que pretendo lavar suas cuecas. De qualquer modo, estarei por perto. Teremos tempo para conversar sobre o assunto, até descobrir que relação existe entre suas andanças noturnas e o que aconteceu naquele verão em Mountainview. Sou o melhor “papo” desta cidade. Se não tivesse cometido a burrice de ser pintor, teria cometido a burrice de ser psicanalista. Não sei por que... sempre consigo fazer as pessoas falarem de si mesmas. E então? Como é? Vamos brincar de psicoterapia?

Dom não aceitou. Queria ficar sozinho na toca que havia comprado com o suor de seu rosto, onde tinha conforto. Era diferente. Pela primeira vez na vida não estava fugindo de nada. A mudança que ocorrera durante a viagem para Mountainview, naquele verão, fora dramática, inexplicável, mas havia sido uma mudança para melhor. Aos trinta e três anos, ele afinal começava a controlar a própria vida, a segurá-la pelas rédeas, a montá-la de um salto, como os velhos *cowboys*, e preparava-se para explorar a terra virgem que se abria à sua frente. Estava gostando do novo homem que via crescer sob sua antiga pele e nada conseguiria detê-lo. Restava-lhe apenas um medo: o de voltar, por descuido, à vida vazia que levava antes, e de morrer de tédio.

Talvez Parker tivesse razão: as crises de sonambulismo podiam estar relacionadas com tantas alterações em sua vida. Mas, talvez, as coisas fossem bem diferentes e, nesse caso, Dom poderia encontrar outras causas, nem tão misteriosas nem tão complexas. Ou talvez, ainda, a relação entre as duas crises de personalidade fosse muito simples: o sonambulismo estaria encobrendo seu medo in-

consciente de deixar-se envolver pela excitação de uma nova vida. Nesse caso, ele teria que mergulhar fundo em si próprio, resistir o mais que pudesse e criar coragem para voltar à tona como um novo homem. Claro! Que-

ria ficar em casa, sozinho, tomar os remédios que o dr. Cobletz prescrevera e pensar muito.

Desde segunda-feira até o sábado, dia sete de dezembro, a decisão pareceu-lhe perfeita. Havia dias em que sequer precisava dos comprimidos de calmante, limitando-se ao sonífero da noite, que tomava com um copo de leite ou chocolate quente. A freqüência das crises de sonambulismo diminuíram. Antes de começar a tomar os remédios, Dom sofria crises diárias. Com o tratamento, teve apenas duas: uma na quinta-feira e outra na sexta, ambas bem mais curtas, limitadas às últimas horas da noite, quase ao alvorecer. Como se não bastasse, já não se dedicava a tarefas tão estranhas enquanto dormia. Não reunia armas, não erguia barricadas nem tentava pregar janelas. Tanto na quinta quanto na sexta-feira, a excursão noturna limitara-se a uma prosaica troca de cama: saíra do quarto e escondera-se no armário do corredor. Verdade que acordara com os músculos doloridos e as pernas dormentes, tremendo de medo e sem conseguir lembrar-se de nenhum detalhe do sonho que o assustara.

Com a graça de Deus! Começava a melhorar.

Na quinta-feira voltou a trabalhar, retomando o fio do novo romance que estava escrevendo.

Tabitha Wycombe, sua editora em Nova York, telefonou-lhe na sexta, com ótimas notícias. A imprensa acabava de publicar duas críticas de pré-lançamento do *Crepúsculo*, ambas excelentes. Depois de lê-las pelo telefone, Tabitha confessou que havia reservado o melhor para o fim: as livrarias continuavam pedindo o romance, estimuladas pela onda de publicidade e por centenas de exemplares distribuídos entre livreiros e críticos. Já haviam duplicado a tiragem inicialmente prevista e, a julgar pelos primeiros resultados, seriam obrigados a duplicá-la novamente. Dom conversou ao telefone por mais de meia hora e, quando Tabitha se

despediu e desligou, ele teve a sensação de que sua vida voltava à plena e tranqüila normalidade.

No sábado, aconteceu uma coisa estranha, que podia indicar tanto real melhora quanto uma recaída. Dom nunca se lembrava de nenhum detalhe dos pesadelos que o faziam sair da cama e esconder-se pela casa. Mas no sába-

do, ao acordar em pânico, mantinha na memória uma única imagem, muito nítida, presente, talvez, nos últimos momentos do sonho, pouco antes de acordar...

Lembrou-se de ter sonhado com um banheiro do qual via apenas os contornos, como se tudo estivesse envolto em névoa. Alguém empurrou-o até a pia. Dom debruçou-se, fraco, enjoado, com o estômago embrulhado. Não conseguia ver a pessoa a seu lado, mas sentia a poderosa pressão das mãos que lhe empurravam a cabeça. Não podia gritar, nem respirar... *Estava morrendo!* Precisava fugir dali, escapar daquelas mãos, mas estava tão fraco, tão fraco... Diante de seus olhos, o ralo da pia parecia cada vez mais próximo, com o metal cromado brilhando entre as brumas que envolviam tudo. Era uma daquelas pias antigas, que requerem uma pequena tampa de borracha para vedar a saída da água. Alguém havia tirado a tampa e a água jorrava com força da torneira, batia nas paredes da cuba, respingava-lhe o rosto e corria para o ralo, girando, girando cada vez mais rápido, mais rápido... A pessoa que ele não conseguia identificar prendia-lhe a cabeça e gritava, mas Dom não podia entender o que dizia. O ralo, a água... Era como se aquela miniatura de turbilhão tivesse o poder de arrancá-lo da vida, do mundo, de dentro de si próprio e arrastá-lo para profundezas cada vez maiores, mais ameaçadoras, mais terríveis. De repente entendeu o que as mãos queriam: enfiá-lo na pia e fazê-lo esvair-se com a água, como se fosse um resto de lixo, um osso roído, um pedaço de carne malcheirosa a caminho do triturador de detritos...

Acordou gritando. Estava no banheiro de sua própria casa, debruçado sobre a pia, gritando, com a boca roçando o ralo. Deu um passo atrás e por pouco não caiu de costas na banheira. Segurou-se à toalha pendurada junto ao espelho, equilibrou-se, os joelhos ainda trêmulos, mal conseguindo respirar. Alguns instantes depois, quando a respiração começou a normalizar-se, voltou à pia e olhou para dentro. Nada além de um ralo comum de metal cromado numa inofensiva pia de porcelana branca. Ao lado da torneira luzia a pequena tampa cromada. Apenas isso.

O banheiro do pesadelo não era o seu. Era outro, em algum outro lugar. Dominick lavou o rosto e voltou para o quarto.

Sobre a mesa-de-cabeceira, o relógio marcava duas e meia da madrugada.

Embora não fizesse sentido, nem parecesse ter relação real ou simbólica com sua vida, o pesadelo ainda o perturbava. De qualquer modo, já que não se preocupara em pregar as janelas, nem correria em busca de suas armas de guerra, talvez não fosse tão sério quanto parecia. Talvez até fosse um primeiro sinal de melhora. Começava a lembrar-se dos pesadelos. Aos poucos se lembraria de tudo que lhe passava pela cabeça enquanto dormia... Quando isso acontecesse, conseguiria descobrir o que o atormetava tanto e poderia enfrentar seus fantasmas à luz do dia. Então faltaria apenas um passo para a cura.

Nem mesmo amparado por tantas idéias reconfortadoras, Dom conseguiu coragem para voltar a dormir. Ao lado da cama, na primeira gaveta da mesa-de-cabeceira, estava o vidro de sonífero. O médico prescrevera apenas uma cápsula por noite, mas que mal poderia haver se, uma vez na vida, ele dobrasse a dose?

Dom foi até a sala, serviu-se de um pouco de uísque e voltou ao quarto; então apanhou uma cápsula, colocou-a na boca, engoliu-a com a bebida e enfiou-se entre as cobertas.

Claro que começava a melhorar! Já se lembrava de fragmentos de sonhos... Logo as crises de sonambulismo seriam apenas uma estranha recordação de um estranho período de sua vida, nada mais. Retomaria a rotina, voltaria a trabalhar normalmente e, nas horas de ócio, por puro desfastio, tentaria descobrir o que acontecera. Por que, em determinadas circunstâncias, um homem normal e equilibrado se deixaria envolver por medos, sonhos, pesadelos ou delírios?

O comprimido começava a fazer efeito. Dom mergulhava num estado de semiconsciência, deslizando devagar, deixando-se levar... Foi assim, entre acordado e desperto, que ouviu a própria voz murmurar baixinho, na escuridão do quarto. Dizia alguma coisa... sempre a mesma, repetida várias vezes:

— A Lua. A Lua. A Lua. A Lua.

O que seria aquilo? Dom ainda tentou resistir, intrigado, ansioso. Mas o sonífero e o uísque foram mais fortes e arrastaram-no para um sono profun-

do, sem luz e sem cor.

Eram três horas e onze minutos da madrugada de domingo, dia 8 de dezembro.

6. NOVA YORK, NOVA YORK

Cinco dias depois de ter roubado mais de três milhões de dólares da Máfia, Jack Twist foi visitar uma mulher morta que insistia em continuar respirando.

No domingo, à tarde, estacionou seu automóvel na garagem subterrânea de uma clínica particular no East Side e tomou o elevador para subir à recepção, onde se apresentou à portaria e recebeu um crachá de visitante.

Ninguém diria que estava num hospital. A portaria e a recepção eram decoradas com luxo e bom gosto, no mesmo estilo arrefeço da arquitetura. Os dois pequenos originais de Erté, os sofás e poltronas estofados as revistas dispostas sobre uma mesa baixa, tudo parecia saído de um cenário dos anos 20.

Excesso de luxo. Ninguém, ligava para os Erté. O hospital economizava em mil outros detalhes, porém jamais arriscaria comprometer sua imagem, porque precisava continuar atraindo clientes milionários e manter estáveis os lucros anuais de cem por cento. Os quartos estavam sempre ocupados: esquizofrênicos catatônicos de meia-idade, crianças autistas, jovens e velhos comatosos, todos com o mesmo prognóstico fechado. Eram pacientes em

estado crônico, de famílias ricas o bastante para garantir-lhes o melhor atendimento possível.

Sempre que pensava naquele hospital, Jack ficava indignado: como é que não existia na cidade um único bom hospital a preços razoáveis para doentes mentais ou portadores de lesão cerebral irreversível? Os impostos subiam de hora em hora e os serviços públicos deterioravam-se a ritmo quase idêntico. Era a mesma coisa em todos os lugares... A classe média que se danasse.

Se não fosse um ladrão próspero, habilidoso e bem-sucedido, jamais poderia pagar o que os médicos lhe cobravam pontualmente a cada fim de

mês. Bendito talento! Grande e bendito talento para a apropriação indébita.

* O crachá de visitante abriu-lhe caminho até o outro elevador que subia ao quarto andar, onde ficavam os quartos de paredes brancas e limpas, lâmpadas fluorescentes e cheiro de desinfetante hospitalar. No fim do corredor, última porta à direita, vivia a mulher morta que insistia em continuar respirando. Jack parou na frente da porta, com a mão no trinco. Fechou os olhos, respirou fundo e entrou.

Era um quarto muito mais simples que o saguão da recepção, porém agradável. Parecia um apartamento de segunda categoria num hotel de luxo: pé-direito alto, lareira de pedra clara, carpete verde-musgo, cortinas claras, um sofá estampado em tons de verde e duas poltronas. A teoria dizia que os pacientes sentiam-se melhor em ambientes mais domésticos e menos frios que nos quartos de hospital tradicionais. Difícil acreditar que os pacientes notassem qualquer diferença, mas as visitas apreciavam o conforto dos estofados.

A cama hospitalar destoava pateticamente da decoração geral, apesar dos lençóis estampados em alegre e discreto colorido. Sobre a cama, a paciente.

Jack aproximou-se, baixou a grade e, curvando-se, beijou o rosto da esposa. Ela não se moveu. Jack tomou-lhe a mão e segurou-a entre as suas. Imóvel, inerte, insensível, aquela mão era macia e quente.

— Jenny? Sou eu. Você está bem? Que tal? Está bonita... bonita como sempre.

Na verdade, para uma mulher que, havia oito anos, estava em coma, não dava um passo, não saía do quarto, e não tomara sol nem respirara um átomo de ar livre, Jenny parecia muito bem. No entanto só Jack poderia dizer sinceramente que a achava bonita. Claro que Jenny já não era a mesma, porém era difícil acreditar que vivia namorando a morte desde quase uma década.

Os cabelos perderam o brilho, mas continuavam fartos como antes, tão castanhos como quando ele a vira pela primeira vez, quatorze anos atrás, vendendo perfumes na seção de artigos masculinos de uma loja de departamentos. As enfermeiras encar-* regavam-se de lavá-los duas vezes por se-

mana e de escová-los diariamente. Se quisesse, Jack poderia acariciar-lhe os cabelos, a nuca, o pescoço sem perturbá-la, porque já não havia o que pudesse perturbar Jenny. De qualquer modo, não a tocou, porque isso o perturbava, e muito.

Jenny não tinha rugas na testa, nem junto aos olhos, sempre fechados. Estava magra, porém menos do que seria de esperar. Parecia não ter idade, como uma princesa de contos de fada, adormecida fazia séculos esperando o beijo que poderia devolvê-la à vida. Apenas a respiração lenta e cadenciada, que fazia os seios subirem e descerem sob a camisola e os lençóis dobrados, indica que ela ainda vivia. Uma vez ou outra, Jenny engolia a saliva, movimento involuntário e inconsciente que nada significava.

Paciente de lesão cerebral extensa e irreparável, jamais voltaria a mover-se. Não havia esperança. Jack sabia disso e estava conformado. As coisas seriam ainda piores se ela não pudesse receber os cuidados médicos de um bom hospital — fisioterapia, exercícios diários que lhe permitiam conservar o tônus muscular.

Jack deixou-se ficar, com a mão da esposa entre as suas, contemplando-lhe o rosto. Havia sete anos que passava duas noites por semana e cinco ou seis horas todo domingo ao lado dela. As vezes, quando podia, aparecia também à tarde, durante a semana, e jamais se cansava de olhá-la.

Em dado instante, puxou uma das poltronas para perto da cama e sentou-se, sempre segurando a mão de Jenny e fitando-a. Então começou a conversar com ela. Contou-lhe sobre o filme que vira, sobre dois livros que acabara de ler. Falou-lhe do tempo, do frio que fazia, do vento. Descreveu-lhe em detalhes duas lindas vitrines decoradas para o Natal que havia visto no caminho. Jenny não sorriu, não piscou, não moveu um músculo. Permaneceu como estava havia oito anos, como continuaria até morrer: imóvel, inamovível.

Como seria a vida de Jenny se, por acaso, alguma sensibilidade ainda sobrevivesse em seu cérebro quase morto? E se ela ainda pudesse ouvir ou entender o que se passava a sua volta? O que sentiria, prisioneira de um corpo que não respondia a ordens, súplicas, pedidos? Como se sentiria, incapaz de comunicar-se com as pessoas que a cercavam, alheias, distantes, certas

de que ela nada via ou sentia? Os médicos disseram a Jack que isso era impossível: Jenny não podia ouvir nem ver, exceto, talvez, imagens ou fantasias incompreensíveis para nós e para ela, retalhos de idéias, qualquer coisa como rápidos instantes de sensações que, por vezes, brilhassem entre os circuitos rompidos de seu cérebro. Mas... e se estivessem enganados?

Na dúvida, Jack continuava freqüentando o hospital, sentava-se ao seu lado e falava-lhe como se ela pudesse ouvi-lo. Do lado de fora, o dia tornava-se cada vez mais cinzento.

As cinco e quinze da tarde, Jack levantou-se da poltrona, foi até o banheiro e lavou o rosto, que enxugou com os olhos fitos no espelho, tentando adivinhar o que Jenny poderia ter visto de atraente nele. Não era um homem bonito: tinha a testa larga demais e as orelhas enormes. Embora sua visão fosse perfeita, um dos olhos, ligeiramente estrábico, escapava para o lado esquerdo. — Havia gente que não conseguia encará-lo ao conversar com ele, pois tentava saber com qual dos olhos realmente a via. Ao rir, Jack parecia um palhaço de circo mambembe. Ao franzir as sobrancelhas, tornava-se amedrontador. De qualquer modo, Jenny o amara. E por isso, acima de todas as outras coisas, Jack também

a amara apaixonadamente, Por isso ela lhe fazia tanta falta. Por isso e por mil outros motivos.

Jack fechou os olhos e deu as costas ao espelho. Não conseguia imaginar que pudesse existir no mundo homem que se sentisse mais só do que ele, naquele momento. Se pudesse existir solidão maior do que a sua... que Deus o ajudasse a nunca descobri-la.

Voltou ao quarto, aproximou-se da cama e despediu-se da esposa. Beijou-a, aspirou o perfume de seus cabelos e saiu. As cinco e meia em ponto, deixou o hospital.

Na rua, sentado ao volante do carro, olhava em volta. Pedestres, motoristas... gente como ele. Não, não exatamente como ele. Aqueles eram os habitantes do outro lado do mundo, do “lado certo”, os bons, os bem educados, os justos, que desviariam os olhos ou mudariam de calçada se soubessem que ele vivia de roubar, que era um ladrão profissional. Jamais aceitariam a idéia de que eram os verdadeiros culpados pelos crimes que cometia, assim

como não aceitariam a verdade mais simples: Jack jamais te-ria se tornado criminoso se eles, os justos, os bons, não lhe tivessem feito o que fizeram... a ele e a Jenny.

Jack sabia que a amargura não resolvia nada, apenas o fazia sentir-se mais só, distanciado de seus semelhantes. A amargura era corrosiva, mas em momentos como aquele, a própria dor parecia-lhe bem-vinda, pois dava-lhe a sensação de que continuava vivo.

Mais tarde, depois de jantar sozinho num restaurante chinês, Jack voltou ao espaçoso apartamento onde morava, num dos prédios mais elegantes da Quinta Avenida, com vista para o Central Parque. Oficialmente, o apartamento era propriedade de uma grande empresa com sede em Lichtenstein, que o comprara e pagara com cheque visado contra um banco suíço; em sua conta eram debitadas, mensalmente, as despesas de condomínio.

Jack Twist ali morava sob o nome de Philippe Delon. O pessoal do prédio e os poucos vizinhos com quem conversava sabiam apenas que era filho de uma rica família francesa e dava muito trabalho aos pais. Era uma espécie de ovelha negra, que a família

decidira mandar para os Estados Unidos sob o pretexto de que alguém precisava supervisionar os investimentos. Na verdade, dizia-se, ninguém o queria na França. O disfarce era perfeito, pois Jack falava francês fluentemente e era capaz de conversar durante horas em inglês, com perfeito sotaque estrangeiro, sem cometer qualquer deslize que o tornasse suspeito. Claro que não existia família francesa e Jack era o único proprietário da empresa sediada em Lichtenstein responsável pela conta no banco suíço. Vivia das rendas que auferia investindo o que roubava. Não era, de modo algum, um ladrão comum.

No apartamento, dirigiu-se para o armário do quarto, entrou e removeu uma das divisões do fundo, dali retirou duas malas,

que levou para a sala, colocando-as ao lado de sua poltrona favorita, junto à janela. Então foi até a cozinha e apanhou uma garrafa de cerveja no refrigerador. Voltou à sala, sentou-se e, na escuridão, ficou olhando para o parque coberto de neve, vendo os arabescos caprichosos que as luzes desenhavam entre as sombras das árvores desfolhadas.

Estava apenas adiando o momento de abrir as malas, e sabia disso. Afinal, com um suspiro, acendeu o abajur ao lado da poltrona, puxou a mala menor para mais perto, abriu-a e começou a examinar o que continha. Eram jóias: colares, broches, *pendants*, brincos de diamantes; uma pulseira de esmeraldas e diamantes; três braceletes de diamantes e safiras; anéis, broches, *borrettes*, prendedores de gravata, alfinetes de ouro. Fruto de um trabalho que ele próprio havia executado, sozinho, seis semanas atrás. De início pensara em levar mais alguém; contudo, à medida que os planos avançaram, chegara à conclusão de que não precisaria de ajuda e, como previra, o assalto correu sem surpresas. A única surpresa ocorrera depois.

Normalmente, depois de concluir um assalto bem planejado e rigorosamente executado de acordo com os planos, Jack entrava num estado de exaltação, quase de euforia. Para ele, não se tratava apenas de roubar alguns incautos, porém de algo mais: cada assalto bem-sucedido era como um golpe no queixo do inimigo,

uma lenta e inexorável vingança contra o mundo que lhe roubara Jenny e, com ela, o próprio sentido da vida. Até os vinte e um anos, Jack dera ao país o melhor de si mesmo, e o que recebera em troca? Anos de prisão num chiqueiro latino-americano, à mercê de um ditador assassino. E Jenny...

Ele fechou os olhos, respirou fundo. Mesmo tantos anos depois, ainda lhe doía a lembrança de sua volta, do reencontro com Jenny, do estado em que a encontrou quando, afinal, conseguiu localizá-la. Não! Já chegava de dar-se ao país, à sociedade... Era hora de começar a receber e, se a retribuição não lhe vinha naturalmente, sabia onde procurá-la. Cada vez que voltava para casa com os bolsos cheios de jóias ou de dólares, sentia-se exaltado, eufórico, quase feliz. A idéia de que estava à margem da lei, e acima das regras, sempre lhe causava prazer.

Assim fora, invariavelmente, até o dia em que roubara aquelas jóias. Em casa, examinando as pedras, Jack percebeu que não sentia nada: nem excitação, nem euforia, nem prazer... nada. A descoberta assustou-o porque, de qualquer modo, o prazer perverso de sentir-se vingado ainda significava alguma coisa, era um último laço que o mantinha ligado ao mundo, aos homens e à vida.

Sentado na poltrona, Jack virou a mala e espalhou as jóias sobre os joelhos, na esperança de reencontrar suas antigas emoções. Separou algumas pedras, aproximou-as da lâmpada. Em rigor, jamais se permitiria deixar no apartamento, por tanto tempo, as provas do roubo. Mas, por outro lado, de que lhe serviriam aquelas jóias, se não lhe pudessem dar um pouco de alegria? Sobrancelhas franzidas, Jack voltou a recolher as jóias, guardou-as na mala e fechou-a.

Na mala maior, estavam os dólares da partilha do assalto ao armazém da Máfia, cinco dias atrás. Conseguiram abrir apenas um dos dois cofres, porém encontraram mais de três milhões de dólares, mais de um milhão para cada um, em notas de vinte, cin-quenta e cem. Já era hora de começar a converter o dinheiro em cheques que pudessem ser remetidos para sua conta corrente na Suíça. No entanto, estava acontecendo com os dólares o mesmo

estranho fenômeno: Jack ainda não sentia prazer algum em tocá-los ou pensar neles. Os dólares também não lhe davam a ansiada sensação de triunfo que o mantinha à tona da vida.

Jack apanhou um maço de notas, examinou-o, virou-o de um lado para outro, aproximou-o do nariz. O cheiro do dinheiro sempre lhe parecera excitante, mas aquele dinheiro parecia diferente, como os diamantes: não lhe dizia nada, apenas exalava o suor dos muitos dedos pelos quais passara. Jack não se sentiu vitorioso, nem mais esperto que os otários do mundo, nem mais forte que a lei, nem mais inteligente que os ratos humanos que povoavam as ruas do “lado certo” da vida, cabisbaixos, fazendo o que lhes diziam que fizessem. Sentiu-se oco.

Se aquilo tivesse acontecido depois do assalto à Máfia, talvez pudesse pensar que o assalto o deixara indiferente porque roubar ladrões não era a mesma coisa que roubar os imbecis do “lado certo”. Mas... e os diamantes? Fora um assalto perfeito, à casa de um perfeito homem de negócios, legítimo representante dos ratos. Por que não preenchiam seu vazio?

Um dos motivos que o levava a planejar novo golpe, logo depois do roubo dos diamantes fora exatamente esse: estava preocupado com o vazio que sentia no peito. Uma das regras que jamais desobedecia era a de observar uma folga de no mínimo alguns meses entre um trabalho e outro. No entanto,

uma semana depois de roubar os diamantes, já estava planejando golpe ao armazém da Máfia. Ora... e se o problema fosse bem mais simples? Que importância poderiam ter diamantes e milhões de dólares para um homem que já não precisava de nada? Tinha dinheiro suficiente para viver com todo o luxo até o fim da vida e manter Jenny até mesmo se ela lhe sobrevivesse, o que era praticamente impossível. Talvez tivesse tentado enganar-se a si mesmo o tempo todo. Não buscava emoções que lhe dessem a impressão de estar vivo... O que queria, na verdade, era dinheiro, milhões de dólares... Como já tinha conseguindo acumular a fortuna com que sempre sonhara, o dinheiro perdera a capacidade de emocioná-lo.

Jack franziu as sobrancelhas. Era razoável, mas altamente improvável. Conhecia-se muito bem. Sabia exatamente o que sentia ao concluir um trabalho... E sabia-o, sobretudo, pela falta que lhe faziam, naquele momento, as últimas emoções que ainda o mantinham vivo.

Alguma coisa estava acontecendo, uma mudança, uma transformação, um vazio. Não tinha planos, nem desejo algum, nem horizonte à vista. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. O que seria dele... se perdesse o prazer de sentir-se vingado? Como poderia continuar vivendo?!

Com gestos lentos, pensativos, recolocou os maços de dinheiro no saco onde os guardava e repôs o saco na mala. Então apagou a luz e deixou-se ficar no escuro, bebericando a cerveja, os olhos perdidos na neve do parque.

Como se não bastasse o medo de ter perdido o último laço que o aproximava dos homens, ainda havia o pesadelo, sempre o mesmo, repetindo-se com muita frequência, durante semanas, desde algumas noites antes do roubo das jóias. No sonho, ele tentava escapar de um motociclista de capacete escuro... Era isso, pelo menos lhe parecia, pois não se lembrava de quase nada além do capacete: nem moto, nem homem, nem rosto... nada. Uma pessoa sem corpo e sem rosto perseguia-o a pé por salas e corredores, longos e sombrios corredores. As vezes ele corria em campo aberto, por uma infinita estrada deserta que rasgava a paisagem, banhada pela luz esbranquiçada do luar. Com o sonho, noite após noite, o medo aumentava. Nas últimas noites, Jack despertara aos gritos, suando frio.

A interpretação do sonho parecia óbvia: o homem do capacete era um policial; talvez a lei começasse a suspeitar dele, talvez Jack começasse a ter medo de ser preso. Era estranho... Por mais óbvia que lhe parecesse a idéia, Jack não conseguia concentrar-se nela. O sonho dava-lhe outra sensação. O homem do capacete não parecia ser da polícia... não, não... Era outra coisa. Se, pelo menos, pudesse ter certeza de que não voltaria a sonhar com aquele maldito capacete... O dia já havia sido tão difícil! Ele voltou ao refrigerador, apanhou outra cerveja e novamente sentou-se junto à janela, na escuridão da sala.

Era o dia 8 de dezembro, e Jack Twist — ex-oficial do Corpo de Brigadas de Elite do Exército norte-americano, guerrilheiro treinado em guerras de que pouco se ouviu falar, salvador de milhares de vidas nos charcos da América Central, sobrevivente das torturas que enlouqueceram seu melhor amigo, bem-sucedido ladrão profissional, homem de coragem quase sobre-humana — tentava descobrir se lhe sobrava força para continuar vivendo. Se já não via sentido em roubar para vingar-se do que haviam feito a sua vida, precisava achar outra razão para viver. E tinha que achá-la logo. Precisava descobrir alguma outra coisa. Precisava... desesperadamente.

7. ELKO COUNTY, NEVADA

Ernie Block voava pela estrada, sem ver as placas de limite de velocidade, desesperado para chegar logo ao Motel Tranqüilidade. Não se lembrava de jamais ter corrido tanto ao volante de um carro, a não ser naquele domingo, no Vietnã, quando servia no setor de Inteligência da Marinha. Dirigia então um jipe, atravessando território aliado, e, de repente, sem saber como, vira-se apanhado no fogo cruzado de dois pelotões inimigos. As balas passavam zunindo junto à sua cabeça, os morteiros arrancavam lama da estrada, cada vez mais perto. Quando, afinal, afastou-se da linha de fogo, havia recebido três ferimentos de estilhaços de granadas, estava temporariamente surdo por causa das explosões, lutava para manter o controle do jipe que ainda corria mesmo sem mais pneus nem lonas nas rodas, e imaginava que jamais conseguiria sentir tanto medo, nem que vivesse mil anos.

Pela estrada, de volta a Elko, o Vietnã começava a parecer-lhe brincadeira de criança. Começava a escurecer. Ernie tinha ido a Elko pouco depois do almoço, a fim de comprar mantimentos para o motel; levava o caminhão e deixara Faye encarregada de

atender à recepção. Tinha tempo de sobra para ir e voltar antes do crepúsculo, mas o maldito pneu inventara de furar, e para trocá-lo ele perdera minutos preciosos. E ainda perdera mais tempo na borracharia, em Elko, porque não queria retomar a estrada sem estepe. Somando uma coisa e outra, estava mais de duas horas atrasado, e o sol já se aproximava do horizonte para os lados de Great Basin.

Pisando fundo no acelerador, Ernie ultrapassou todos os outros veículos que transitavam pela rodovia. De um modo ou de outro, sabia que jamais conseguiria chegar vivo em casa se a escuridão o surpreendesse na estrada. Pela manhã alguém encontraria o cadáver de um homem agarrado ao volante de um caminhão, ou, se sobrevivesse, achariam os restos do que havia sido, reduzido a trapos, louco furioso, gemendo e mordendo-se de horror, depois

de ter passado horas mergulhado na contemplação da paisagem negra, em completa escuridão.

Desde o dia de Ação de Graças, fazia duas semanas e meia... e Faye ainda não descobrira nada. Depois que ela voltou de Wis-consin, Ernie não conseguia dormir sem deixar acesa a lâmpada de cabeceira, à qual se acostumara durante os dias de solidão. Pela manhã, lavava os olhos com água boricada ou gastava vidros e vidros de colírio para encobrir os sinais da noite maldormida. Por sorte, Faye não o convidara para sair à noite, nem falara em ir ao cinema em Elko. Por duas vezes tivera que andar do escritório até o restaurante, já noite fechada. Eram apenas alguns passos ao lado da parede do motel, pelo caminho muito bem iluminado, mas Ernie chegara a pensar que não conseguiria, e que Faye acabaria descobrindo seu segredo. Sentira-se frágil como nunca, vulnerável, indefeso... e quase enlouquecido de medo. Mas conseguira ir e voltar, e Faye não suspeitara de nada.

Na Marinha, e mesmo depois da baixa, Ernie jamais deixara de corresponder ao que as pessoas esperavam... Não era justo que Faye, justamente ela, fosse a primeira a decepcionar-se com ele. Deus! As mãos agarradas no volante do caminhão, os olhos fitando a noite que se aproximava, ainda encoberta pelos últimos

tons alaranjados do poente, Ernie Block franziu as sobrancelhas. Começava a pensar numa explicação que até então não lhe ocorrera: senilidade. Podia ser... senilidade precoce. Tinha apenas cin-quenta e dois anos mas que outra explicação poderia haver? Era terrível, porém menos assustador do que não encontrar explicação nenhuma.

Entender era fácil. Aceitar é que era difícil. Faye dependia dele! Como poderia permitir que o carregasse, como um fardo, pelo resto de seus dias... Um velho doente! Nenhum dos Block jamais deixara a família ao desamparo! Nenhum dos machos Block poderia permitir que sua mulher assumisse as responsabilidades e os encargos da vida. Não! Impossível. Impensável!

A estrada contornava uma pequena elevação do terreno antes de chegar à rodovia. Pouco mais de um quilômetro adiante estava o motel, única construção à vista na paisagem deserta. Faye acendera o luminoso de neon, que apa-

recia, ao longe, contra o céu arroxeadado. Para Ernie, foi como a visão do paraíso.

Em alguns minutos a noite estaria chegando. Ernie foi tirando o pé do acelerador, com medo de atropelar alguém e ser obrigado a parar antes de chegar em casa. A agulha do velocímetro descia: cem, noventa, setenta e cinco, cinqüenta...

Já estava quase na entrada do motel quando virou a cabeça para o sul, para longe da estrada. De repente, sem poder entender o que via, sentiu um arrepio na espinha. Havia alguma coisa na paisagem... alguma coisa que, no lusgo-fusco do poente, delineava-se em determinado ponto, a menos de um quilômetro a sua frente. Uma voz interior dizia-lhe que ali estava a explicação de todos os seus tormentos.

Mas... o que havia com aquele lugar, aquele lugar em especial? O que o tornava diferente do resto da paisagem dos milhares e milhares de quilômetros quadrados que Ernie conhecia tão bem como o chão de sua casa, que já vira tantas vezes?!

Na baixada do terreno quase em frente ao motel, no aclive suave, um pouco antes, nos contornos da terra, no barranco do ar-roio que corria silencioso, nos arbustos, nas pedras roladas como

por acaso e espalhadas por todos os lados... havia alguma coisa que parecia querer falar-lhe. Alguma coisa misteriosa que esperava, exigindo investigação! Era como se a própria terra lhe gritasse: “Aqui, Ernie! E aqui que você encontrará algumas das respostas de que precisa... Aqui encontrará parte da explicação de seus medos noturnos. *Aqui...*”

Era ridículo e espantoso, mas Ernie viu-se estacionando o caminhão a menos de quinhentos metros de casa. Queria ir até lá! Queria chegar ao ponto que atraía sua atenção! Sentiu-se como um iluminado, um escolhido dos deuses, em plena e gloriosa epi-fania, parado diante das portas de uma revelação monumental, espantosa.

Saltou do caminhão e dispôs-se a atravessar a pista para chegar a uma elevação do terreno, do outro lado, de onde poderia ver melhor a fatia de terra que o hipnotizava. Precisou esperar que passassem duas carretas antes

de atravessar a estrada. O coração batia-lhe forte, e Ernie esqueceu completamente que a noite já lhe chegava aos calcanhares.

Parou no acostamento e esperou, indiferente ao frio e ao vento gelado que soprava sem parar.

Aproximava-se o momento... Alguma coisa terrivelmente importante estava para acontecer... De repente, foi como se suas sensações girassem em redemoinho sobre um eixo invisível e mudassem de direção: *não!* Alguma coisa *já* acontecera... exatamente ali, naquele local! Não conseguia pensar, nem lembrar, nem entender, mas não duvidava: o medo do escuro começara ali, em algum momento de algum tempo... Ernie descobriu que sabia de tudo... porém jamais conseguiria lembrar-se. A memória o traía e o trairia sempre!

Loucura! Era impossível... Qualquer fato que tivesse ocorrido ali e fosse suficientemente importante para desencadear tantos efeitos em seu comportamento teria sido presenciado também por Faye. Ernie não era esquecido, distraído, ou idiota... Não era homem de reprimir memórias perturbadoras... Lutara na guerra,

enfrentara inimigos, encarara a própria morte, e jamais se abalara com nenhum dos horrores de que fora testemunha.

Ainda assim, o suor gelado continuava a colar-lhe a camisa às costas. Bem ali, à frente de sua casa, à vista de todos, alguma coisa acontecera com ele, um relâmpago, uma fagulha de realidade que seu consciente não conseguiu assimilar e sepultou para sempre nas sombras do esquecimento. De repente, sem razão aparente, ele começava a lembrar-se... como se uma picada de agulha, durante a noite, incompreensível e repentina, o fizesse acordar de um pesadelo.

Cabeça erguida, pés separados e plantados no chão com firmeza, peito aberto e forte, ombros poderosos, parecia desafiar o horizonte. Queria ouvir o que aquela paisagem tivesse para dizer-lhe, por mais assustador, terrível, monstruoso que fosse. Queria lembrar-se! Se conseguisse, talvez pudesse viver de novo como antes, como um homem! No entanto, assim como se abrira por um instante, a memória fechou-se novamente. A paisagem voltou a ser a mesma de todas as tardes, sem segredos, sem mistérios, sem vestígios de

acontecimentos insólitos. Ernie sentiu-se murchar como um balão furado, sem tremores, sem suor frio. No peito, o coração retomou o ritmo normal e tranqüilo de todos os dias.

Ernie piscou, respirou fundo e olhou em torno sem entender o que fazia no acostamento, longe do caminhão. Pediu a Deus que Faye não o visse da janela do motel. Se, por acaso, ela se aproximasse da porta e olhasse para a estrada, certamente veria a luz amarelada do pisca-pisca do caminhão. Era a única luz próxima, uma única pequena luz brilhando na escuridão da noite que já envolvia tudo. Apenas no horizonte, longe, ainda havia uma nesga de sol amarelo-arroxeadado.

A noite! Foi como um murro no peito. A exaltação dos momentos em que quase se lembrara tinham-no feito esquecer o medo da escuridão. Sem a exaltação para protegê-lo, estava só, à mercê da noite, em plena estrada. Gritou e disparou a correr. Ouviu o ranger dos freios de um caminhão que quase o atropelou, ouviu o gemido grave da buzina de uma carreta que desviou do cami-

nhão, e continuou correndo, alucinado. A escuridão parecia agigantar-se a seu redor, quase alcançando-o. Ele parou um instante junto à porta do caminhão, os olhos fechados, a nítida impressão de que a noite se instalara na cabine do motorista. Bastaria abrir a porta para fazê-la escapar para sempre, viscosa, densa...

Num último e desesperado gesto, como se escolhesse apressar a morte que o esperava, abriu a porta do caminhão e ouviu-a bater contra a carroceria. Sem pensar, saltou para dentro da cabine. Nada... A noite não chegara ali. Então era preciso fechar-se no caminhão e esperar. Olhos fechados, os dentes batendo de medo, ele trancou a porta e fechou o vidro. A idéia de que estava a poucos metros de casa deu-lhe forças para reagir. Ernie girou a chave na ignição e viu os faróis acenderem-se a sua frente... Era luz! Sabia que não tinha condições de voltar à rodovia e aproximar-se do motel pela entrada principal; no entanto, talvez conseguisse controlar-se pelo menos até chegar ao portão de saída do estacionamento. Foi o que fez. Quase sem sentir, manobrou o caminhão e estacionou-o adiante da janela da recepção. Lá estava Faye. Faltava apenas atravessar o pátio do estacionamento.

Ao vê-lo aproximar-se correndo, cabisbaixo, Faye abriu a porta.

— Já começava a me preocupar — disse, sorrindo.

— O pneu furou...

Ernie caminhou até o balcão, sem levantar a cabeça, fingindo que tentava correr o zíper da jaqueta. Precisou de alguns instantes para sentir-se com coragem de olhar para Faye e sorrir. Mas estava em casa, ao lado da esposa, e isso o devolvia a um estado bem próximo da normalidade, o suficiente, esperava, para que ela não desconfiasse de nada.

— Fiquei com saudade... — declarou Faye, de costas para o balcão, arranjando as pregas da cortina.

— Parece que saí há meses...

— E... Acho que estou apaixonada por você. Fiquei com saudade, como se não o visse há muito tempo. Não posso viver sem você.

Faye aproximou-se do balcão, encostou-se ao lado do marido e beijou-o. Embora estivessem casados havia muito tempo, seus beijos eram sempre sinceros e cheios de calor. Estavam juntos fazia trinta e um anos, mas os beijos de Faye ainda tinham o poder de rejuvenescê-lo.

— Comprou os mantimentos? E o material elétrico? As lâmpadas e as tomadas que encomendei? — Ela se afastou. — Descarregou o caminhão?

— Não... — Ernie olhou sobressaltado para a porta por onde havia entrado. — Estou cansado... Não quero mais trabalhar hoje.

— Mas são só umas lâmpadas... Duas ou três caixas de lataria...

— Sim, eu sei... — Ele sorriu e deu-lhe as costas. — Juro que amanhã de manhã carrego todas as latas que você quiser. As caixas estão seguras no caminhão... Mas... — Olhou em torno, perplexo. — Você já preparou a recepção! A decoração de Natal... Está linda!

— Não diga que você percebeu! — Faye riu alto.

Festões verdes, fitas vermelhas e douradas, pinhas e bolas coloridas enfeitavam a porta e a parede sobre o sofá. Ao lado dos cartões-postais, um Papai Noel em tamanho natural curvava-se dando boas-vindas a quem entrasse. Sobre o balcão, renas coloridas puxavam um pequeno trenó de louça, carregado de presentes.

— Você subiu na escada para pendurar essas bolas? — Ernie ergueu os olhos para o teto.

— Na escada pequena.

— Já lhe disse que é perigoso subir na escada quando não estou em casa. E se você caísse?

— Pois também já lhe disse que não sou feita de porcelana, querido. — Faye olhou para o marido. — O problema é que vocês, velhos lobos-dormar, passam a vida querendo se fazer de fortes. Os super-homens...

— E mesmo?

Alguém bateu com os nós dos dedos na porta da frente e entrou. Era um caminhoneiro à procura de um quarto para passar a noite. O coração de Ernie disparou, e ele só voltou a sentir-se seguro quando viu o homem fechar a porta novamente. Tratava-

se de um sujeito alto e magro, de chapéu de *cowboy*, jaqueta e calça de brim. Faye sorriu para ele, elogiou o chapéu, como era seu costume. Ela sempre achava alguma coisa agradável para dizer a qualquer hóspede que chegasse e conseguia fazer com que todos se sentissem à vontade, em segurança.

Ernie deixou-a preencher a ficha do caminhoneiro e foi pendurar o casaco num dos ganchos junto à porta. Depois dirigiu-se à mesa onde Faye deixara a correspondência do dia: contas, como sempre, material de publicidade, uma carta pedindo donativos para uma associação de caridade, o cheque de sua pensão, o primeiro cartão de Natal do ano, e um envelope branco, comum, sem endereço do remetente. Ernie abriu-o: continha apenas uma foto colorida, tirada em frente ao motel, junto à porta do quarto número nove. Um homem, uma mulher e uma menina sorriam para a câmara. O homem, com pouco menos de trinta anos, era moreno e simpático. A mulher, também morena, parecia um pouco mais jovem. E a menina, entre cinco e seis anos, era excepcionalmente bonita. A julgar pelos shorts e camisetas que usavam e pelo sol que brilhava na parede do motel, deviam ter posado para o fotógrafo no auge do verão.

Intrigado, Ernie examinou o verso da foto, à procura de uma dedicatória ou de qualquer identificação. Nada. O envelope também não lhe serviu para

saber de quem se tratava. Pelo carimbo do correio, concluiu que a fotografia havia sido postada em Elko, no sábado anterior, dia 7 de dezembro.

Voltou a olhar para as pessoas retratadas, tentando lembrar se as conhecia. De repente, sentiu a nuca crispar-se, o coração disparar... exatamente como no momento em que descobrira aquela pequena porção de terra junto à rodovia. Assustado, deixou a foto cair sobre a mesa e virou o rosto.

Junto ao balcão, Faye continuava a conversar com o caminhoneiro de chapéu de *cowboy*. Ernie a viu virar-se para apanhar uma das chaves penduradas no painel e não desviou os olhos. Faye tinha o poder de acalmá-lo, mesmo de longe, mesmo sem perceber que ele a olhava. Já era linda quando a conheceu e, naquele mo-

mento, tantos anos passados, parecia-lhe ainda mais bonita. Talvez os primeiros fios brancos começassem a apontar entre seus cabelos loiros mas seria difícil percebê-los. Os olhos azuis e brilhantes da adolescente pela qual Ernie se apaixonara continuavam os mesmos, talvez mais luminosos e, com certeza, mais maduros e sábios. Faye tinha o rosto aberto e franco das mulheres de Iowa, às vezes explosivas, mas sempre confiáveis.

Quando, afinal, o caminhoneiro se afastou, levando a chave, Ernie já se sentia mais calmo. Levantou-se, apanhou a fotografia e levou-a até ao balcão.

— Sabe o que é isso? — perguntou.

— Uma família em frente ao quarto número nove. — Faye baixou os olhos para a foto. — Devem ter passado por aqui. — Franziu as sobrancelhas, examinando os três rostos com mais atenção. — E... mas não me lembro deles. Nunca vi essa família... E gente desconhecida.

— E por que nos mandariam uma foto? Sem nome, endereço, nada?

— Ora... Com certeza imaginaram que nos lembraríamos deles.

— Mas para isso seria necessário que tivessem ficado vários dias aqui — Ernie balançou a cabeça, cada vez mais intrigado. — Que tivéssemos conversado e nos conhecido um pouco melhor, pelo menos. Também tenho certeza de que jamais os vi. — Gostava de crianças e jamais esqueceria aquela menina se algum dia a tivesse visto. — A garotinha é linda.

— Mais difícil seria você esquecer a *mãe* da garotinha — Faye comentou, rindo. — Parece artista de cinema.

— Carimbo de Elko... — Ernie mal a ouviu. — Por que, diabos, alguém sairia de Elko para vir dormir aqui no motel?

— Talvez não morem em Elko. Talvez tenham vindo nas férias do último verão. Tiraram essa fotografia, voltaram para casa... No sábado, por acaso, passaram por Elko, lembraram-se de nós e mandaram a foto.

— Sem nome nem endereço? Sem um cartão?!

— E... isso é estranho...

— Essas fotos já saem reveladas da câmara — ele pensou em voz alta. — Por que não a deixaram conosco antes de partir?

A porta abriu-se outra vez, e entrou um rapaz de cabelos crespos e bigode farto, esfregando as mãos geladas:

— Tem vagas? — perguntou, aproximando-se do balcão. Ernie deixou-o entregue a Faye e voltou para junto da mesa de

carvalho. Tinha a intenção de reunir toda a correspondência e subir, mas deixou-se ficar, imóvel, pensativo, olhos fixos nos três rostos da fotografia.

Era terça-feira, 10 de dezembro, à noite.

8. CHICAGO, ILLINOIS

Quando Brendan Cronin se apresentou como atendente no Hospital Infantil São José, o dr. Jim McMurtry era o único a conhecer sua verdadeira identidade. O padre Wyczak fizera-o prometer que guardaria segredo e, também, que cuidaria de dar muito trabalho a Brendan. Quanto mais desagráveis as tarefas, melhor, recomendara o pároco. Assim, no primeiro dia de trabalho, coube a Brendan trocar camas de doentes graves, que deixavam os lençóis empapados de urina e fezes; limpar urinóis e privadas; auxiliar os fisioterapeutas nos exercícios passivos aplicados a crianças comatosas; dar comida na boca de um menino de oito anos, paralítico; empurrar cadeiras de rodas; limpar o vômito e lavar as roupas de dois pacientes de câncer, constantemente nauseados por efeito da quimioterapia. Ninguém se preocupou em agradecer-lhe os serviços nem o chamou de *padre* Cronin. Enfermeiras, médicos, assistentes, pacientes e faxineiros chamavam-no simplesmente de

Brendan e não lhe permitiam esquecer, nem por um instante, a farsa em que se transformara sua vida.

Arrasado pelo sofrimento daquelas crianças, ao final do primeiro dia Brendan escondeu-se no banheiro masculino, trancou-se por dentro e lá ficou, chorando. Fora obrigado a massagear e movimentar articulações de pacientes de artrite reumatóide, cujas jun-

tas inchadas e doloridas mal suportavam o contato da gaze embebida em anestésico. Em raros casos o anestésico local conseguia aliviar a ardência da pele, sob a qual os ossos pareciam partir-se a cada exercício. O calvário das pobres crianças era quase insuportável. E havia ainda as que apresentavam músculos atrofiados, feridas purulentas e fétidas resultantes de queimaduras, mutilações causadas por espancamento e maus-tratos. Brendan chorava por todas as suas crianças.

Por mais que se esforçasse, não conseguia entender o que o padre Wycazik pretendia com aquela terapia pelo desespero. Se ele já não era um homem de fé, por que o obrigava a conviver de perto com os limites do sofrimento humano? Se existia um Deus de misericórdia e amor, se Jesus realmente viera ao mundo para nos salvar, por que os inocentes continuavam a sofrer, morrendo devagar, um pouco por dia? *Ah, sim...* Brendan conhecia de cor os argumentos dos doutores da Igreja: a humanidade estava à mercê da dor e do sofrimento porque se separou de Deus, porque o esqueceu, porque ignorou a graça divina. Mas de que valiam os argumentos teológicos frente aos gemidos de uma criança dilacerada pela dor?!

No segundo dia de trabalho, o pessoal médico ainda o chamava de Brendan, mas as crianças já haviam adotado o apelido de “Bolota”, que ele mesmo sugerira aos pacientes da enfermaria, interrompendo a leitura de uma longa história. As crianças adoraram a história que Brendan leu, porém gostaram muito mais das outras que ele inventou ao sabor da fantasia, embalado pelos risos que arrancava de alguns, pelos simples sorrisos de outros, pelo silêncio pacificado de tantos. Para algumas daquelas crianças, o silêncio era sinal de máxima felicidade, pois indicava que, pelo menos, não ouviam os próprios gemidos. Ao término do segundo dia, ele ainda chorou, trancado no banheiro, mas apenas por alguns minutos.

No terceiro dia, o apelido generalizou-se. Médicos, enfermeiras, atendentes, todos esqueceram-se de Brendan para sempre: nascia “Bolota”, o amigo das crianças. Se não conseguisse reencontrar

a fé, Brendan pelo menos já tinha como ganhar a vida. Poderia empregar-se como atendente em hospitais infantis. Além de fazer tudo o que lhe cabia, ainda encontrava tempo para distrair os pacientes com suas histórias e caretas engraçadas. Pelos corredores, ouviam-se, a todo instante, as vozes agudas das crianças enfermas, chamando-o pelo velho apelido. E Brendan sentia-se reconciliado, senão com Deus, pelo menos com a vida. Já não chorava no banheiro dos homens. As vezes, quando a lembrança de algum de seus pequenos amigos lhe doía demais, chorava à noite, no quarto de hotel onde dormia desde que deixara a casa paroquial.

Na quarta-feira à tarde, exatamente uma semana depois de ter sido admitido como atendente no hospital, Brendan afinal entendeu o que havia por trás dos planos do padre Wyczak. Foi como uma iluminação — não divina, mas plenamente racional. Uma descoberta súbita, repentina, que o colheu enquanto penteava uma das crianças.

Era uma menina de dez anos, Emmeline, paciente de rara e gravíssima afecção óssea. Emmy, como todos a chamavam, orgulhava-se muito, e com razão, de seus lindos cabelos negros, fartos e brilhantes; sempre que podia, escovava-os sozinha, mas, às vezes, as articulações das mãos e dos braços doíam-lhe tanto que ela mal conseguia segurar a escova. Na quarta-feira, Brendan acomodou-a numa cadeira de rodas e levou para a sala de raios X, onde os médicos regularmente faziam o acompanhamento do efeito das drogas que a menina estava tomando. Uma hora depois, ele a reconduziu ao quarto e começou a escovar-lhe os cabelos. Emmy olhava pela janela e, de repente, apontando para fora com o dedinho deformado, perguntou:

— Está vendo aquela mancha de neve?

Brendan olhou na direção indicada, mas não viu nada além de uma mancha clara sobre o cimento cinzento do pátio interno do hospital.

— Parece um navio — explicou ela. — Um lindo navio antigo, com três velas cheias de vento, voando por cima das ondas.

De início, Brendan não conseguiu ver nem navio nem velas

cheias de vento, mas, aos poucos, insistindo, percebeu que, de fato, a mancha de neve lembrava vagamente a figura que a menina continuava a descrever com detalhes cada vez mais ricos.

— E veja só os enfeites na janela — disse ela, depois de esgotar a descrição do navio. — Até parece que a vidraça virou árvore de Natal!

Tudo que Brendan distinguia na superfície do vidro eram gotas de água congeladas; no entanto, compreendia que a menina as transformasse nos enfeites coloridos de uma fantástica árvore de Natal. Presa naquele hospital, de onde talvez nunca mais saísse com vida, ela precisava imaginar para si mesma um mundo rçielhor.

— Deus gosta do inverno e da primavera — continuou Emmy. — As estações são diferentes porque Ele não queria que a gente enjoasse de ver tudo, sempre igual, sempre a mesma coisa... A irmã Katherine disse isso, e agora estou descobrindo que é verdade. Quando o sol bateu no gelo, ali do lado de fora, minha cama virou um arco-íris de verdade. E tão bonito, não é? A neve parece um casaco de pele, todo branco, enfeitando o mundo... E a gente, quando olha, fica assim, de boca aberta... Por isso é que não existem flocos de neve iguais... e cada um é mais bonito do que o outro... E para a gente não esquecer que Deus fez para nós um mundo muito bonito.

Apesar da doença que a deformava, Emmy continuava a acreditar em Deus, na bondade divina, na perfeição do mundo que Ele criara. Não era, aliás, a única criança do hospital que manifestava tamanha fé. Muitos outros pacientes continuavam a viver na certeza de que um Pai generoso e bom os guiava pela vida, e esse pensamento dava-lhes coragem. Brendan quase adivinhava o que lhe diria o padre Wyczalik: “Se essas pobres crianças sofrem tanto e nem assim perdem a fé, que desculpa miserável você está tentando encontrar para o que lhe aconteceu? É possível que, em sua inocência e pureza, essas crianças saibam muito mais sobre Deus do que você, com seus longos anos de estudo em Roma... Talvez saibam algo que você esqueceu... E talvez Deus esteja

lhe mandando um recado através delas. O que você acha? Pelo menos acha possível?”

Era uma lição, sim, clara, emocionante, mais ainda insuficiente para restaurar a fé em Brendan Cronin. O que o comovia era a serena coragem com que as crianças encaravam o sofrimento. A possibilidade de existir um Deus capaz de dar lições aos homens, lançando mão de caminhos tão tortuosos, não parecia ser o ponto central do problema.

Pacientemente Brendan continuou a escovar os cabelos de Emmy; quando terminou, tirou a menina da cadeira de rodas e colocou-a na cama. Enquanto puxava os cobertores e cobria as tristes pernas esqueléticas da enferma, sentiu crescer dentro de si nova onda de fúria e revolta, a mesma fúria que o invadira durante a missa na Igreja de Santa Bernardette, dois domingos atrás. Se encontrasse por ali algum cálice sagrado ou uma bandeja repleta de hóstias consagradas, certamente os jogaria no chão.

A menina gemeu, e Brendan imaginou que talvez ela adivinhasse o que lhe passava pela cabeça. Emmy, porém, arregalou os olhos:

- O que aconteceu, “Bolota”? Você se machucou?
- Como...?
- Você queimou as mãos?

Sem entender, Brendan baixou os olhos para as mãos e viu a mesma coisa que Emmy tinha visto: no centro de cada palma havia uma marca circular, como se a pele estivesse queimada e inchada. Um anel vermelho de quase cinco centímetros de diâmetro, muito nítido, com bordas claramente delineadas. Parecia que os anéis foram impressos na pele, mas, ao tocá-los com a ponta dos dedos, Brendan sentiu que as marcas tinham relevo.

- E estranho — murmurou.

O médico que estava de plantão no pronto-socorro do hospital era o dr. Stan Heeton que, naquele instante, examinava atentamente as marcas das mãos de Brendan.

- Sente dor? — perguntou.
- Não.
- Coceira? Sensação de ardor?
- Nada.
- Formigamento, talvez? Também não? Já teve qualquer coisa parecida? Na infância?

— Não que eu saiba.

— Algum outro tipo de manifestação alérgica? Não... A um exame superficial parece uma marca de queimadura muito leve, mas você lembraria se, por acaso, tivesse encostado as mãos em algum objeto quente o bastante para queimá-las. Acho que podemos excluir a hipótese de queimadura. — O médico fez uma breve pausa antes de perguntar: — Você disse que levou a garota à sala de radiologia?

— Sim, mas nem cheguei a entrar na sala de exames.

— Não há o menor indício de que isso seja resultado de queimadura por radiação. O mais provável é que seja uma derma-tose, talvez uma infecção por fungos, embora os sintomas clínicos não confirmem esse diagnóstico. Não há coceira, nem formigamento. Além disso os anéis são muito nítidos, o que raramente acontece nas infecções por *Microsporum* ou *Trichophyton*.

— E então? — Brendan respirou fundo. — O que pode ser?

O médico hesitou por um instante e respondeu, levantando os ombros:

— Nada sério... Provavelmente uma reação alérgica. Se as marcas persistirem, você deverá fazer alguns testes para identificar o agente alergênico.

O dr. Heeton afastou-se da mesa de exames e dirigiu-se a uma pequena escrivaninha para preencher o formulário de receitas. Brendan ficou em silêncio examinando as estranhas marcas; depois cruzou os braços e escondeu as mãos. Sem levantar os olhos, ainda escrevendo, o médico comentou:

— Vamos começar com um tratamento simples, à base de cor-tisona. Se em dois ou três dias as marcas não desaparecerem, volte ao consultório. — Estendeu-lhe a receita já pronta.

— Há algum risco de contágio? — perguntou Brendan, apanhando o papel. — O senhor sabe que trabalho com crianças e talvez...

— Não, não! Não se preocupe. Não há o menor risco de contágio. Agora, por favor, deixe-me dar mais uma espiada.

O padre mostrou-lhe as palmas das mãos e viu o dr. Heeton arregalar os olhos:

— Mas... Que diabo é isso?!

Os anéis haviam sumido.

Na mesma noite, no quarto de hotel, Brendan voltou a mergulhar no sonho que contara ao padre Wycazik e que fazia parte da rotina de sua vida. Viu-se deitado em algum lugar desconhecido, com os braços e os pés amarrados às laterais da cama. Uma pesada névoa envolvia tudo. De dentro dessa névoa apareciam as mãos que iam tocá-lo. Mãos enluvadas. As mesmas luvas pretas e brilhantes.

Ele despertou enrolado nos lençóis, encharcado de suor. Sentou-se, acendeu a lâmpada de cabeceira, recostou-se nos travesseiros e esperou que as imagens do pesadelo se esvaíssem. De olhos fechados, passou a mão pela testa e estremeceu. Com medo do que poderia ver, ergueu as palmas das mãos até os olhos e aproximou-se da lâmpada. Os dois anéis de pele vermelha e inflamada lá estavam, nítidos como no momento em que haviam aparecido, à tarde. Aos poucos, porém, enquanto Brendan os examinava, foram desaparecendo, até sumirem.

Era quinta-feira, dia 12 de dezembro.

9. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

Na manhã de quinta-feira, Dom Corvaisis acordou na cama, certo de que passara uma noite normal. Entretanto, ao sentar-se na frente do computador para começar a trabalhar, descobriu que se enganara mais uma vez. Numa das primeiras crises, quando se sentara à máquina em transe de sonambulismo, escrevera as mesmas três palavras, repetidas à exaustão: “Estou com medo. Estou com medo. Estou com medo”. Agora lia no vídeo: “A Lua. A Lua. A Lua. A Lua”.

Centenas de vezes, sempre as mesmas quatro letras: “A Lua”. A mesma coisa que repetira, baixinho, no domingo de madrugada, antes de adormecer. Dom ficou paralisado, de olhos fixos no monitor, cada vez mais assustado; não sabia o que poderia haver de tão especial em “A Lua”.

Até então, o tratamento do dr. Cobletz parecia estar dando resultado. Fazia mais de uma semana que não tinha crises de so-nambulismo. A única alteração no quadro fora o pesadelo de sábado à noite, em que alguém tentava enfiá-lo numa pia de banheiro. O próprio dr. Cobletz, que Dom havia procurado, mostrou-se entusiasmado com seus progressos.

— Vamos continuar com essa terapêutica — disse-lhe o médico. — Vou renovar as receitas, mas é importante que você não se exceda nas doses de calmante. Tome um comprimido por dia, no máximo dois se ficar muito agitado. Agora, quanto ao sonífero, não passe de uma cápsula, à noite.

— Nunca tomei mais de uma — Dom mentiu.

— Ótimo. Essas drogas criam dependência, e você poderá, apenas, trocar de doença. Mas, se seguir minhas instruções, não tenho dúvidas de que estará curado até a primeira semana de janeiro.

Dom também acreditava que estivesse melhorando; por essa razão e também para que o dr. Cobletz não alterasse o tratamento, resolveu não confessar que, às vezes, tomava mais de quatro doses de calmante e três de sonífero, quase sempre acompanhadas de cerveja durante o dia, e de uísque à noite. Ainda assim, tinha certeza de que, mais dia menos dia, superaria o problema, voltaria a criar coragem para deitar-se sem medo dos pesadelos e acordaria em paz, em sua própria cama. Graças a Deus! Claro que o tratamento estava dando certo! Pelo menos até aquele momento. “A Lua”.

Frustrado e furioso, Dom fez o disquete voltar ao começo e apagou as linhas que escrevera durante a noite. Eram mais de cem, e, à medida que desapareciam do monitor, ele sentia crescer a ansiedade. De repente, incapaz de suportar a tensão, levantou-se, foi até o banheiro e tomou um comprimido de calmante.

Não poderia mesmo continuar trabalhando. Às onze e trinta, foi com Parker Faine buscar Denny Ulmes e Nyugen Kao Tran, seus “afilhados” dos Irmãos da América, entidade de assistência social a menores desamparados com a qual colaborava desde os tempos de Portland, Oregon. Era a única ligação que mantinha com a vida da comunidade, a única fresta em sua bem protegida toca de coelho.

O próprio Dom passara a infância de casa em casa, acolhido com carinho por certo tempo em algumas, apenas tolerado em outras, cada vez mais solitário e infeliz. Algum dia, se chegasse a casar, adotaria um ou dois daqueles meninos dos Irmãos da América. Enquanto isso não acontecia, gostava de passar alguns fins de semana com os garotos, tentando, ao mesmo tempo, proporcionar-lhes horas agradáveis e consolar a criança abandonada que sobrevivia dentro dele.

Nyugen Kao Tran, “afilhado” de Dom, preferia ser chamado de “Duke”, em homenagem a John Wayne, cujos filmes adorava. Inteligente, magro e extraordinariamente ágil, tinha treze anos e era o caçula de uma família de pescadores que fugira dos horrores da guerra do Vietnã. Depois de sobreviver à brutalidade do conflito, ao confinamento num campo de concentração e à angústia de vagar por duas semanas em mar aberto, num, pequeno barco à deriva, seu pai morrera assassinado. O crime ocorrera fazia três anos, durante um assalto à loja em que ele trabalhava como guarda-noturno, o segundo emprego que conseguira no ensolarado e maravilhoso sul da Califórnia.

Denny Ulmes era o “afilhado” de Parker; o pai morrera de câncer. O menino era mais retraído que “Duke”; todavia, como os dois se entendiam às mil maravilhas, Dom e Parker costumavam programar juntos seus passeios.

De início, Parker resistira à idéia de adotar um “afilhado” dos Irmãos da América:

— Mas... eu?! — perguntava, sempre que Dom voltava ao assunto. — Por que eu? Não sou e jamais serei pai... Bebo demais e sou mulherengo. Chega a ser crime imaginar que eu possa ser-

vir de orientador moral para qualquer adolescente. Sou preguiçoso, irresponsável, egoísta... Vivo no mundo da lua... O que é que eu poderia ensinar a um garoto?! Além do mais, não há moleque abandonado que não goste de cachorro... e eu *odeio* cachorro! Odeio pulgas e cheiro de cachorro. Você está louco! Logo eu vou adotar um “afilhado” dos Irmãos da América?! Está doido...

Apesar de tudo, naquela quinta-feira à tarde, junto ao mar, foi Parker quem organizou a partida de vôlei, já que a água lhe pareceu fria demais para um mergulho. Depois inventou outro jogo, de regras complicadíssimas,

que envolvia, além de quatro jogadores, duas raquetes, uma bola de plástico e uma lata vazia. Sob sua orientação, Dom e os meninos construíram também um castelo de areia completo, incluindo o dragão que ameaçava uma invisível princesa.

Mais tarde, almoçando no Restaurante Hamlet Parker aproveitou o momento em que os garotos foram ao banheiro para comentar:

— Meu amigo, essa coisa de Irmãos da América foi uma das melhores idéias que já tive na vida...

— Que *você* teve?! — Dom arregalou os olhos. — Você disse que não gostava de cachorro, que os meninos tinham pulgas... Quase precisei arrastar você pelos cabelos!

— Eu estava num mau momento — Parker justificou-se. — Sempre gostei de crianças. Todos os artistas têm coração de criança... Para criar, é preciso não envelhecer nunca. Os meninos me ajudam a conservar a juventude...

— Agora só falta comprar um cachorro — Dom riu.

Parker também riu, esvaziou de um gole o copo de cerveja e debruçou-se sobre a mesa, aproximando-se do amigo:

— Está tudo bem com você? — perguntou. — Hoje, na praia, tive a impressão de que você estava preocupado com alguma coisa.

— Há muitas coisas que me preocupam... Mas estou bem. As crises de sonambulismo quase desapareceram. Tenho sonhado pouco. Cobletz é um bom médico.

— E o novo livro? Não me venha com conversa fiada. Diga a verdade. Está trabalhando direito?

— O livro vai bem — Dom mentiu.

— Você, às vezes, fica com o olhar perdido... como se estivesse dopado — comentou Parker, acomodando-se na cadeira. — Você não está se entupindo de comprimidos, está?

— Acha, que eu sou idiota? — Dom desviou os olhos, atrapalhado com a perspicácia do amigo. — Sei muito bem que calmante não é goma de mascar... Claro que não estou me entupindo de nada.

Por um momento, Parker ficou em silêncio, examinando atentamente o rosto do outro; depois resolveu mudar de assunto.

O filme até que não era ruim, mas, depois de meia hora de projeção, Dom não conseguia mais continuar sentado. Invaso por incontável e crescente ansiedade, levantou-se, foi até o banheiro dos homens e engoliu o comprimido de calmante que levava no bolso, prevendo alguma crise repentina.

Que diferença poderia fazer um comprimido a mais ou a menos? O importante é que estava melhorando, conseguindo vencer a ansiedade. Já não andava pela casa, os pesadelos eram mais raros. Estava melhorando.

O cheiro de desinfetante barato, de urina rançosa e de privada suja dava-lhe náuseas. Engolido a seco, o comprimido parecia entalar-se na garganta.

A noite, apesar dos remédios, o sonho repetiu-se. Ao acordar, Dom conseguiu lembrar-se de outros detalhes que lhe escaparam na noite anterior. Além da pia onde alguém queria afogá-lo, havia uma cama, um quarto desconhecido, uma névoa densa e amarelada que o impedia de distinguir formas ou rostos. Havia, pelo menos, duas outras pessoas no quarto... mas pareciam fantasmas, sombras de fumaça e luz que apareciam e desapareciam no ar.

Dom imaginou que talvez estivesse dentro da água, no fundo de um mar misterioso e frio. Era difícil respirar, o ar tornava-se cada vez mais pesado, os pulmões esforçavam-se cada vez mais para cumprir sua função. Dom sentiu que estava morrendo. Os vultos de fumaça aproximavam-se da cama, preocupados, e conversavam entre si, em voz baixa e aflita; era impossível entender o que diziam, embora não falassem em nenhuma língua estranha. Uma mão fria tocou-lhe a pele. Dom ouviu um barulho de vidro quebrado. Em algum lugar, uma porta bateu.

Corte rápido, como nos filmes. Agora Dom está num banheiro, ou numa cozinha. E alguém força-lhe a cabeça para dentro da pia. E difícil respirar, O ar parece cola. As narinas se fecham. Os pulmões começam a arder. Dom luta, quer resistir, quer escapar, mas alguém o segura, agarra-lhe a cabeça. Continuam os gritos, porém, como antes, é impossível entender o que dizem os fantasmas. E continuam a empurrá-lo sobre a pia.

Ao despertar, ainda deitado, Dom lembrou-se daquela manhã em que acordara na cama, feliz por não ter andado pela casa, e depois descobrira que havia escrito as mesmas palavras centenas de vezes. Lembrou-se também daquela madrugada em que acordara no banheiro, afogando-se na pia. Pelo menos agora estava na cama... já era um bom sinal.

— Estou melhorando mesmo... murmurou.

Trêmulo, sentou-se na cama e acendeu o abajur. Não avistou barricadas diante da porta nem pregos na janela. Nenhum sinal de medo ou de crise de sonambulismo. O relógio marcava duas e nove da madrugada. Sobre a mesa-de-cabeceira ao lado do relógio, havia uma lata de cerveja morna. Com um gole amargo, ele tomou mais uma cápsula de sedativo.

— Claro... claro que estou melhorando.

Era sexta-feira, dia 13.

10. ELKO COUNTY, NEVADA

Na sexta-feira, três dias depois da estranha experiência na rodovia, Ernie Block não conseguia nem dormir, nem fingir que dor-

miava. À medida que a noite avançava, tornando a escuridão cada vez mais presente do lado de fora dos vidros e das cortinas, sentia-se mais tenso e ansioso. Então pressentiu que começaria a gritar e, se começasse, nada no mundo poderia devolver-lhe a sanidade. Para evitar o desastre, levantou-se da cama, sem fazer ruído, foi para o banheiro, trancou a porta e acendeu a luz. Maravilhosa e bendita luz... Ernie desceu a tampa da privada e sentou-se, de cuecas, tentando acalmar-se. Precisou de mais de quinze minutos de plena luz, como um lagarto precisa de sol.

Mais tranqüilo, ponderou que devia voltar logo para o quarto, antes que Faye acordasse e desse por sua falta. Para preparar um disfarce mais convincente, puxou a descarga, abriu a torneira da pia e demorou-se lavando as mãos. Acabou de enxaguá-las e ia apanhar a toalha pendurada junto à janela quando, sem querer, olhou para cima. O vidro fosco impedia que visse o céu escuro, porém mesmo assim ele sentiu um calafrio. Foi como se alguma coisa naquela janela tivesse o poder de desencadear uma torrente de idéias violenta, ininterrupta, incontrolável. Estava em perigo... Era preciso fazer alguma coisa.

— Posso passar por essa janela — disse, num fio de voz. — Posso escapar por aí e saltar para o telhado da despensa. Não é difícil... Posso correr por trás do motel, chegar até o arroio, subir a colina, ir para o leste até chegar a um daqueles ranchos e procurar ajuda...

Como que em transe, piscando e suando muito, sem parar de pensar em fugir, subiu na borda da banheira. Era preciso fugir... mas do quê? De quem? Por quê? Estava em casa, na completa segurança de suas velhas e conhecidas paredes. E no entanto não conseguia tirar os olhos da janela. Dominava-o uma força maior que sua vontade, alguma coisa incompreensível e poderosa, que ele não podia controlar.

Sentia que precisava sair dali como se aquela fosse a última chance de escapar da angústia. Logo, porém, a remota esperança de fugir transformou-se em pânico. O estômago dava voltas, o coração parecia querer explodir no peito. Sem saber por que agia daquele

modo, mas incapaz de controlar-se, Ernie mexeu no trinco, empurrou o vidro e abriu a janela.

Havia alguém do lado de fora. Alguém... ou alguma coisa... no telhado da despensa. Um homem, talvez, uma sombra escura, sem rosto.

Assustado, Ernie tentou fechar a janela, mas não conseguia movimentar sequer um dedo. Havia um homem no telhado, um homem de capacete. O visor espelhado cobria-lhe o rosto completamente. O estranho estendeu a mão pela janela, procurando alcançá-lo. Uma luva preta.

Ernie gritou. Quis escapar da luva e escorregou na banheira. Ainda tentou segurar-se na cortina de plástico, mas apenas arrancou-a das argolas que a prendiam. Então perdeu totalmente o equilíbrio e desabou no chão, sentindo uma pontada de dor aguda nas costelas.

— Ernie! — Faye gritava, esmurrando a porta. — Pelo amor de Deus, abra! O que está acontecendo?

Com esforço, ele se levantou, aproximou-se da porta e abriu-a.

— Não entre — disse. — Há alguém lá fora.

A queda e a dor nas costas davam-lhe a impressão de que começava a despertar de um pesadelo. O homem do capacete talvez fizesse parte do pesadelo... talvez fosse uma alucinação...

A sua frente, Faye tremia sob o pijama.

— Onde? — perguntou. — No telhado? Quem é?

— Não sei.

Esfregando as costas doloridas, Ernie subiu novamente na banheira e olhou para fora. Não viu ninguém.

— Como era ele? — Faye aproximou-se.

Não sei. Parecia um motociclista, com luvas e capacete...

Enquanto falava, Ernie percebia que nada do que dissesse faria sentido para a esposa. Aproximou-se da janela, debruçou-se para fora e olhou em volta, por cima do telhado da despensa, para um lado e outro. Nada... não havia ninguém. Fosse quem fosse, o homem da luva preta havia sumido na noite. Se, por acaso, era mesmo um homem de carne e osso.

Só então Ernie deu-se conta de que estava diante da janela aberta, exposto à escuridão que se espalhava pelas colinas até as montanhas distantes. Total escuridão, apenas pontilhada de estrelas. Foi só um instante, uma fração de segundo, e o medo, outra vez, tomou conta dele. Ernie encolheu-se, fechou os olhos, virou-se para descer da banheira e fugir da noite.

— Feche a janela — ordenou Faye.

Num derradeiro esforço para controlar-se, já sem coragem para abrir os olhos, ele bateu a janela à procura do trinco, puxou o vidro e, afinal, conseguiu fechá-lo. Então desceu da banheira, respirou fundo e olhou para a mulher.

— Acho que, agora, você pode contar tudo — disse ela.

Ernie não respondeu. Nos olhos de Faye havia preocupação, que já esperava encontrar. Havia surpresa, também previsível. Porém havia mais... Ela parecia ter adivinhado tudo, e, para isso, Ernie não estava preparado. Os dois ficaram frente a frente, olhos nos olhos, em silêncio..

— E então? — Faye insistiu. — Pode me contar agora?

— Mas... contar o quê? Eu já disse... havia um homem na janela.

— Não é disso que estou falando. Quero saber se você está pronto para me contar... *tudo!* Seja lá o que for... O que está acontecendo! Por que você não consegue dormir, por que vive como se alguma coisa o ameaçasse... — Faye continuava com os olhos fixos no rosto do marido. — Há mais

ou menos dois meses que você anda preocupado como nunca esteve desde que nos casamos. Preocupado e... com medo...

Então ela sabia, apesar de todos os cuidados que Ernie tomara para esconder-lhe a verdade.

— Não... não é medo...

— Sim, é medo. — Não havia sarcasmo nem desrespeito em suas palavras. Faye era de Iowa, e lá as mulheres aprendem que é preciso encarar os problemas de frente, para poder resolvê-los. — Em toda a nossa vida só vi você ter medo uma vez... Foi quando Lucy tinha cinco anos e ficou doente. Os médicos disseram que os sintomas podiam sugerir uma distrofia muscular. Lembra-se?

— Meu Deus... Quase morri de medo.

— Foi a única vez.

— Também senti medo no Vietnã... algumas vezes. — Entre as paredes azulejadas do banheiro, sua voz soou distante e oca.

— Mas *eu* não estava no Vietnã e portanto não vi. — Ela ainda tremia de frio, os braços cruzados sobre o peito. — E tão raro ver você com medo que... também estou assustada... Mais assustada ainda, querido, porque não tenho idéia do que está acontecendo. Se é algum segredo, você tem obrigação... de... me contar — gaguejou, os olhos enchendo-se de lágrimas. — Seja lá o que for!

— Não chore... — Ernie pediu. — Não chore! Tudo vai acabar bem, eu prometo.

— Conte tudo, de uma vez!

— Está bem. Eu conto.

— Agora! Já!

Ernie sentiu um frio no estômago. Havia subestimado Faye... Afinal de contas, ela era mulher de marinheiro, a melhor mulher que um marinheiro poderia desejar. Acompanhara-o pelo mundo inteiro, de Iowa a Singapura, de Singapura à Califórnia, da Califórnia ao Alaska. Só não estivera no Vietnã e, mais tarde, em Beirute. Mas em todo lugar aonde os oficiais da Marinha podiam levar as esposas, Faye estivera a seu lado, cercando-o de conforto, cuidados e carinho. Havia enfrentado dificuldades, problemas, solidão, e ja-

mais se queixara. Era forte como um rochedo. Que loucura ter esquecido isso!

— Está bem — Ernie respirou quase aliviado, depois de meses de tensão. — Vou contar tudo.

Faye preparou um café e os dois sentaram-se à mesa da cozinha, bem agasalhados em grossos roupões, com macios chinelos nos pés. Ela adivinhava os pensamentos do marido e sabia que Ernie tinha dificuldade em falar sobre si mesmo. Era preciso bastante café e muita paciência.

Ernie era excelente marido, porém às vezes sucumbia à teimosia dos Block. Era um mal de família, principalmente dos homens.

Aquela gente tinha manias: fazia as coisas à maneira dos Block, e havia uma maneira para cada situação. Todas as outras eram erradas, e, ao longo dos anos, Faye aprendera a jamais perguntar por quê. Os Block gostavam de camisetas passadas a ferro, mas só admitiam cuecas amassadas como saíam do varal. As esposas dos Block sempre usavam sutiã, mesmo em casa e no auge do verão. Todos os Block almoçavam pontualmente às doze e trinta, jantavam às sete, e Deus tivesse piedade da mulher que servisse a comida com dois minutos de atraso... Era um caudal de reclamações, protestos e lamentos. Os Block sempre compravam carros da mesma marca; não porque considerassem tais carros muito superiores aos outros, mas simplesmente porque *sempre* haviam escolhido aquela marca.

Com a graça de Deus Ernie não tinha sequer um décimo das manias da família. Para começar, conseguira sair de Pittsburgh, onde gerações de Block viviam no mesmo bairro. De volta ao mundo real, longe da influência dos seus, ele se transformara. As manias dos Block jamais sobreviveriam à vida na Marinha: como esperar que as refeições, por exemplo, fossem servidas com a pontualidade que a tradição exigia? Depois de casada, Faye encarregara-se de esclarecer que pretendia proporcionar-lhe a melhor vida doméstica que ele pudesse desejar, mas que não se deixaria intimidar pelo respeito obsessivo a nenhuma ridícula tradição familiar. Embora nem sempre com facilidade, Ernie adaptara-se a ponto de ser considerado a ovelha negra da família, culpado de pecados tão graves como dirigir qualquer veículo motorizado, inclusive os que não levavam a marca eleita pelos Block.

Dos antigos vícios familiares haviam sobrado poucos, um dos quais dizia respeito, precisamente, às relações entre marido e mulher. Para ele, o principal dever do marido ainda era proteger a mulher de todos os dissabores da vida — o que lhe parecia óbvio, pois via as mulheres como seres frágeis e vulneráveis, incapazes de enfrentar problemas graves. Para poder levar a cabo essa tarefa, era importante que o marido nunca deixasse a mulher surpreendê-lo num momento de fraqueza. Embora seu casamento

nunca se tivesse pautado por essas regras, nem sempre Ernie conseguia perceber que os dois já haviam superado as tradições familiares dos Block fazia mais de um quarto de século.

Faye notava que alguma coisa não ia bem e, no entanto, Ernie continuava a fingir que era uma rocha. Mais ainda: que vivia como um feliz marinheiro na reserva, dedicando alegremente seus dias à segunda profissão que escolhera na vida, a de proprietário de motel de estrada. Desde algum tempo, ela via a aflição do marido aumentar como um fogo interior que o consumia. De início procurou facilitar as coisas e fez-lhe algumas perguntas, mas Ernie nem deu sinal de tê-la ouvido. Nas últimas semanas, principalmente depois que voltara de Wisconsin, começou a perceber que ele evitava sair à noite. Parecia não ter sossego até que todas as lâmpadas da casa estivessem acesas.

Sentados na cozinha, o café fumegando na xícara, as janelas bem fechadas, Faye ouvia atentamente o que Ernie lhe contava, interrompendo-o apenas quando lhe parecia que o marido precisava de estímulo para continuar. A história era estranha, mas ela não se assustou com nada; ao contrário, à medida que Ernie falava, sentia-se cada vez mais segura, consciente do que estava acontecendo e da forma como poderia ajudá-lo.

Em voz baixa e fraca, Ernie concluiu seu relato:

— Então é isso! E essa a recompensa por tantos anos de trabalho e poupança? Senilidade precoce! E logo agora, quando poderíamos aproveitar a vida, começo a andar por aí feito um idiota, babando e mijando na calça? Como um peso morto para você carregar? E eu que pensava ter uns vinte anos de boa vida pela frente... Meu Deus... Eu sempre soube que a vida não

é justa... Mas nunca pensei que ainda fosse encontrar pela proa um mar enca-
pelado como esse...

— Não vamos naufragar — Faye tocou-lhe a mão por cima da mesa.
— Claro que o mal de Alzheimer existe, claro que pode atacar até gente mais
jovem que você, mas você não está ficando senil. Pelo que li, e também pelo
que vi acontecer com meu pai, posso garantir que a senilidade não aparece
assim... seja precoce

ou não. Seu caso é de fobia. *Fobia*. Há pessoas que têm medo de altura,
por exemplo. Por alguma razão que ainda não conhecemos, você acabou en-
trando em uma crise de medo do escuro. Vai passar.

— Já ouviu falar de fobias que aparecem de repente, do dia para a
noite?

Ainda estavam de mãos dadas, e Faye separou-se dele antes de respon-
der com outra pergunta:

— Você se lembra de Helen Dorfman? Era a proprietária do nosso
apartamento em Camp Pendleton.

— Sim, claro... O prédio da Rua Vine... Helen Dorfman morava no
primeiro andar, apartamento um, e nós alugamos o apartamento seis... Faz
mais de vinte anos. — Ernie parecia reanimar-se à medida que conseguia
lembrar-se de tantos detalhes. — Helen tinha um gato preto... ele gostava
muito de nós... Lembra que nos deixava presentes na soleira da porta?

— Camundongos mortos.

— E... Os ratinhos ficavam lá, junto com o jornal e o leite... — Ernie
riu, piscou e levantou a cabeça. — Já sei por que você falou nisso. Helen
Dorfman tinha medo de sair de casa... Nem conseguia andar pelo pátio!

— A coitada sofria de agorafobia — disse Faye. — Medo irracional
de espaços abertos. Vivia como prisioneira em sua própria casa. Os médicos
diziam que entrava em “crise pânica” quando saía.

— “Crise pânica”... — Ernie repetiu. — E... isso mesmo.

— E até aos trinta e cinco anos Helen foi perfeitamente normal. A ago-
rafobia começou depois da morte do marido. Tudo isso para lhe dizer que as
fobias *podem* aparecer de repente, a qualquer momento.

— Seja lá que diabo for uma fobia, venha de onde vier... é muito melhor que senilidade precoce. Mas... não quero passar o resto da vida morrendo de medo do escuro!

— Nem vai passar. Na época de Helen, ninguém sabia nada sobre fobias, mas hoje em dia é diferente. Há estudos, pesquisas... e deve haver tratamento. E claro!

Em silêncio, Ernie baixou a cabeça.

— Eu não estou ficando louco — murmurou.

— Eu sei, bobinho...

A palavra “fobia” dava voltas e voltas na cabeça de Ernie. Nos olhos azuis da esposa ele começava a ver a luz de uma esperança.

— De qualquer modo, o que é que a sensação esquisita que tive na rodovia pode ter a ver com essa... fobia? E a alucinação de hoje? O motociclista no telhado... Como é que essas coisas se encaixam em sua explicação?

— Não sei. Mas um especialista pode explicar tudo. Tenho certeza de que tudo se encaixa.

— Está bem... mas por onde começamos? Como é que vamos ‘ acabar com essa loucura?

— Já está tudo planejado — declarou Faye com decisão. — Aqui em Elko não há nenhum médico capaz de tratar um caso como o seu. Precisamos de um especialista, de alguém com experiência em casos de fobia. Acho que em Reno também não encontraremos o que estamos procurando. Mas numa cidade maior... Mil-waukee, talvez. Lá, além do mais, podemos ficar em casa de Lucy.

— E aproveitar para visitar Frank Júnior e Dorie... — Ernie sorriu, pensando nos netos.

— Claro. Já tínhamos planejado passar o Natal com eles, não é? Pois basta viajar uma semana antes, no próximo domingo... na verdade, amanhã mesmo, já que hoje é sábado. Teremos uma semana para procurar um bom médico e, depois do Natal, se você ainda estiver em tratamento, eu venho para cá, contrato alguém para tomar conta do motel e volto para ficar com você. Já estávamos mesmo pensando em contratar um gerente... não é?

— Se fecharmos o motel uma semana antes do previsto, Sandy e Ned sairão prejudicados. Talvez os dois estejam contando com a fêria do restaurante...

— O restaurante pode continuar funcionando para atender aos caminhoneiros... Aliás, deve continuar. E se Ned não trabalhar direitinho vai ter que se haver conosco, quando voltarmos!

Ernie concordou com um aceno de cabeça e sorriu:

— Você é fantástica... ah! Você é mesmo incrível... maravilhosa!

— E. As vezes eu também me acho deslumbrante.

— Não me canso de agradecer a Deus por ter você.

— Eu também. Não me arrependo de ter casado com você, e estou certa de que jamais me arrependerei.

— Estou me sentindo aliviado... Por que diabos demorei tanto tempo para lhe pedir ajuda?

— Porque você é um Block, só por isso...

— E os Block são duros como concreto!

Ambos riram, felizes por estar juntos, livres da tensão que durante tanto tempo os acabrunhara. Subitamente comovido, Ernie tomou a mão da esposa e levou-a aos lábios.

— E a primeira vez que consigo rir de verdade há semanas — disse.
— Você é um grande timoneiro, querida. Podemos enfrentar qualquer mar, não é verdade?

— Qualquer um.

Era sábado, 14 de dezembro. O dia começava a clarear e Faye Block tinha certeza de que, em breve, superariam aquela dificuldade, como sempre, ao longo da vida, haviam superado todas as dificuldades, Bastava que se mantivessem juntos, lado a lado, mão na mão.

Como Ernie, ela também se esquecera da fotografia que haviam recebido na terça-feira anterior, num envelope sem remetente.

11. BOSTON, MASSACHUSETTS

Sobre o mármore polido da penteadeira estava uma linda toalha de crochê ricamente trabalhada; sobre a toalha, um par de luvas pretas e um oftalmoscópio de aço inoxidável.

Parada junto à janela, à esquerda da penteadeira, Ginger tinha o olhar perdido no horizonte, por cima das ondas de um mar cinzento como o céu daquela tarde de dezembro. A neblina conferia à paisagem uma espécie de luminosidade difusa e perolada. Nos limites da propriedade dos Hannaby, próximo à encosta de

um rochedo, via-se uma nesga de praia e um ancoradouro coberto de neve. Havia neve também na trilha gramada que subia em direção à casa.

Era uma casa muito grande, construída por volta de 1850, à qual se acrescentaram vários cômodos em 1892, 1905 e, novamente, em 1950. Uma alameda murada de tijolos conduzia até duas pesadas portas de madeira da entrada principal. Pilares, colunas, capitéis, portais esculpidos em pedra, janelas emolduradas, balcões de ferro trabalhado, sacadas abertas para o mar, tudo contribuía para dar à construção um aspecto imponente e majestoso.

A propriedade fora adquirida, em 1884, pelo bisavô de George Hannaby, e já naquela época tinha um nome, como as antigas mansões dos romances ingleses. Chamava-se Mirante do Mar, e era esse o detalhe que mais intimidava Ginger. No Brooklyn, onde nascera, as pessoas moravam em casas simples e anônimas.

No hospital, George Hannaby jamais a fizera sentir-se intimidada ou diminuída. Era uma figura respeitável pela experiência e pela autoridade, mas não deixava de parecer-se com qualquer mortal comum, desses que moram em casas normais. No Mirante, tudo mudava: George era nobre e Ginger, plebéia. Não que alguma atitude ou palavra marcasse qualquer limite intransponível para ela. Nem que seus anfitriões fossem capazes de qualquer gesto menos afetuosos... O que a fazia sentir-se deslocada eram os fantasmas patrícios da Nova Inglaterra que viviam no Mirante.

Ginger ocupava um dos apartamentos de hóspedes, composto de quarto, sala e banheiro; embora fosse o mais simples dos vários que havia no Mirante, oferecia-lhe talvez mais espaço e conforto que sua própria casa. Um requintado tapete em tons de azul e pêssego cobria o assoalho de largas tá-

buas de carvalho. O teto branco contrastava harmoniosamente com as paredes pintadas em suave cor de pêssego.

Por todos os lados dispunham-se peças antigas, transportadas no século 19 pelos navios mercantes do bisavô de George: lindas cômodas usadas como penteadeiras, mesas-de-cabeceira, gaveteiros para roupas.

As duas poltronas estofadas em seda, também cor de pêssego, haviam sido compradas diretamente de uma fina loja francesa. Os dois abajures aos lados da cama foram montados a partir de candelabros do mais delicado cristal. Era tudo perfeito, lindo, mas Ginger sentia-se como se cada pormenor servisse apenas para impedi-la de esquecer que, ali, a aparente simplicidade brotava de profundas e robustas raízes de elegância e tradição.

Como já fizera incontáveis vezes nos últimos dez dias, ela se aproximou da penteadeira e examinou as luvas pretas; depois calçou-as, flexionou os dedos, virou as mãos, à espera de uma crise de medo. Quanto mais examinava as luvas, contudo, menos ameaçadoras lhe pareciam. Eram luvas comuns, compradas no dia em que deixara o hospital; não pareciam ter o poder de provocar-lhe qualquer tipo de crise. Tirou-as, depressa, ao ouvir uma batida na porta.

— Está pronta, querida? — a voz de Rita Hannaby perguntou.

— Sim. Já estou indo!

Apanhou a bolsa e parou um instante na frente do espelho. Usava um conjunto de malha, composto de saia verde-clara e blusa branca com um pequeno debrum verde junto à gola; sapatos e bolsa de couro em perfeita harmonia com a roupa; pulseira de ouro, com a cor e o brilho de seus cabelos. Achou-se definitivamente chique... Ora, talvez não chique, mas razoavelmente bem vestida.

A decepção maior esperava-a no corredor. Mal pousou os olhos em Rita, sentiu-se em desvantagem. Não estava nem mesmo apenas razoavelmente bem vestida. Parecia uma boneca enfeitada... Uma aspirante, amadora e incompetente. Uma aprendiz de elegância!

Magra, como Ginger, porém um palmo mais alta, aos cinqüenta e oito anos Rita parecia uma rainha, da cabeça aos pés. Os cabelos castanho-escuros, tratados por mãos de mestre, eram perfeitos. O rosto, se tivesse feições

ainda mais regulares, parecería severo. Entretanto, uma boa alma simples e calorosa brilhava em seus belos olhos cinzentos, na pele de porcelana, nos lábios fartos, no sorriso fácil. Rita usava *tailleur* cinzento, colar e brincos de pérolas,

o chapéu tie feltro preto debruado com uma fita de tafetá. O mais impressionante naquele festival de refinada elegância era que nada, absolutamente nada, fora planejado. Quem visse Rita Han-naby poderia imaginar que passara horas preparando-se para sair. Não. Ginger tinha certeza de que ela já nascera com pérolas, porte de rainha e guarda-roupa completo. Era um caso de elegância congênita.

— Você está... deslumbrante! — exclamou Rita.

— Perto de você, eu me sinto como se estivesse de jeans desbotado e camiseta velha.

— Bobagem! Você é mais bonita do que já fui ou serei. Espere só para ver a qual de nós o garçom atende melhor.

Ginger sabia que era bonita, nunca perderia tempo com falsas modéstias, mas era bonita como uma fada... Rita era diferente: tinha nobreza. Poderia sentar-se em qualquer trono e ninguém se atreveria a duvidar de seus legítimos direitos à realeza.

Não era culpa dela; desde a chegada de Ginger, tratava-a não como filha, mas como irmã e amiga. Na verdade, Ginger sentia-se deslocada no *Mirante* e humilhada pela elegância de Rita unicamente por que sua vida estava em ruínas. Até duas semanas atrás, não sabia o que era depender de alguém para viver. E ali estava, não só dependente da caridade alheia, como incapaz de dar um passo sozinha pela rua. Rita dedicava-se a ela em tempo integral, inventava passeios agradáveis, procurava assuntos que pudessem interessá-la, esforçava-se ao máximo para fazê-la esquecer os problemas. Em vão: como poderia alguém deixar de pensar que, aos trinta anos, estava reduzida à miserável condição de órfã pobre?

As duas desceram juntas a escadaria de mármore, apanharam os casacos no armário do saguão e saíram, encaminhando-se para o luxuoso automóvel que as esperava diante da porta principal. Herbert, uma espécie de cruzamento de mordomo com factó-tum, já ligara o carro e deixara o motor giran-

do para esquentar. Não esquecera, claro, de ligar também a calefação interna.

Excelente motorista, em pouco tempo Rita deixava para trás as ruas tranqüilas dos bairros residenciais e mergulhava no tráfego intenso do centro da cidade, em direção ao consultório do dr. Immanuel Gudhausen, na Rua State. A terceira consulta de Ginger estava marcada para as onze e trinta. O plano terapêutico previa três sessões por semana — às segundas, quartas e sextas-feiras — até conseguirem descobrir as raízes psicológicas do trauma que dava origem às crises de medo, às reações de fuga e à perda de consciência. Nos momentos de depressão máxima, Ginger jurava que passaria os próximos trinta anos de sua vida deitada no divã do dr. Gudhausen.

Rita planejava fazer algumas compras durante a sessão e depois voltar para buscar Ginger e irem almoçar juntas. Como sempre acabariam comendo em algum restaurante elegantíssimo, cuja decoração, por simples que fosse, pareceria o cenário de uma peça de teatro, na qual Rita era a estrela e Ginger fazia o papel de garotinha que fingia ser adulta.

— Pensou no que eu lhe disse sexta-feira passada? — Rita perguntou, sem desviar o olhar do trânsito. — O trabalho voluntário no serviço social do hospital?

— Não sei... Acho que vai ser meio... estranho.

— É um trabalho importante.

— Eu sei. Admiro muito o que você faz para arrecadar fundos para o hospital. Sei do equipamento que conseguiram comprar com o dinheiro arrecadado... Mas acho que não estou preparada para voltar ao Memorial. Não creio que suportaria estar tão perto... e ao mesmo tempo tão longe... do único trabalho que sei fazer para ganhar a vida.

— Então não pense mais nisso, querida. Temos outras coisas, como o Comitê Pró-orquestra Sinfônica, a Associação de Amparo aos Velhos, a Comissão de Assistência Judiciária aos Menores... Você seria muito útil em qualquer um desses grupos.

Rita trabalhava em vários comitês de assistência social, não apenas organizando-os, como, também, envolvendo-se pessoalmente no trabalho diário de mantê-los em funcionamento.

— Algum desses a interessa? — insistiu. — Tenho a impressão de que você gostaria de trabalhar com crianças.

— Sim, mas... — Ginger respirou fundo — já imaginou o que poderá acontecer se eu tiver um ataque no meio das crianças? Elas morreriam de susto, e eu...

— Ora, que bobagem! Você sempre diz a mesma coisa quando insisto em tirá-la de dentro de casa. “E se eu tiver um ataque no meio da rua?” A verdade é que temos saído muito, e até agora você não teve ataque nenhum. Com certeza nunca mais terá. Porém, mesmo que tenha, agora, no meio da rua, não vai me fazer desistir, nem me deixar embarçada. Poucas coisas no mundo conseguem me embarçar.

— Sei que você não é uma violeta de estufa... Mas não presenciou um de meus ataques. Não sabe como eu fico, nem do que sou capaz...

— Você fala como se fosse o médico e o monstro de saias. Sei que não é assim. Ainda não espancou ninguém até matar, espancou?

Ginger não podia deixar de rir.

— Você é impossível...

— Então está resolvido. Ótimo! Você vai ser muito útil a nosso grupo.

Com certeza, Rita não via em Ginger um simples caso novo que exigia a sua atenção e boa parte de seu espírito caritativo; já que fora encarregada de cuidar dela, estava arregaçando as mangas e atirando-se ao trabalho. Nada a deteria até conseguir a total reabilitação da jovem amiga. Suas atenções comoviam Ginger, porém, ao mesmo tempo, deixavam-na ainda mais deprimida, porque a faziam perceber o quanto precisava de cuidados.

O automóvel parou num semáforo; era o terceiro veículo da fila, cercado de outros carros, caminhões, ônibus, táxis e vários caminhões de entregas. Através dos vidros fechados, os ruídos da rua chegavam até Ginger como se viessem de muito longe. Ao ouvir o som especial de um motor, ela virou a cabeça e olhou para fora. Então viu uma grande motocicleta. No mesmo instante, o motociclista também olhou em sua direção. Não tinha rosto, mas apenas um visor espelhado que se estendia da testa ao queixo.

Foi a primeira crise em mais de dez dias. Outra vez a névoa encobriu tudo. A única diferença em relação às outras crises foi a rapidez com que tudo aconteceu. Não houve etapas, como no caso das luvas, do oftalmoscópio ou da pia. Dessa vez Ginger sentiu-se mergulhar de repente, sem pausa, num oceano de medo. No momento em que seus olhos encontraram o visor do capacete, seu coração disparou, a respiração ficou suspensa e ela desligou-se da realidade, perdendo-se numa densa onda de terror.

Primeiro deu-se conta do som das buzinas. Buzinas de carros, de ônibus, de caminhões. Guinchos agudos, animalescos. Gemidos, zurros, ganidos, latidos, uivos. Então abriu os olhos. Ainda não conseguia ver com clareza, mas percebeu que continuava sentada no carro. Pouco adiante, o sinal estava verde, porém o automóvel parecia mais próximo da calçada, como que atravessado sobre o leito da rua, obstruindo o trânsito. Por isso soavam tantas buzinas ao redor.

Ginger ouviu-se soluçar baixinho. E viu Rita inclinada para ela, segurando-lhe os punhos com força.

— Você está bem?

Sangue. Depois dos gemidos desesperados, dos uivos e ganidos... havia sangue. A saia verde-clara estava manchada de sangue. Assim como suas mãos... e as mãos de Rita!

— Oh, meu Deus...

— Você está bem?

Uma das unhas de Rita fora arrancada e pendia, presa por um fio de cutícula, balançando no ar. O dorso de uma de suas mãos parecia ter levado uma mordida! Havia arranhões também na palma da mão. O sangue pingava da unha arrancada, dos arranhões e das mordidas. Os punhos do paletó cinzento estavam empapa-dos de sangue.

As buzinas continuavam protestando, cada vez mais ferozes.

Ginger levantou os olhos e viu que Rita, sempre tão impecável, estava pálida e desgrenhada. Na face esquerda um arranhão

sangrava, e o sangue, escorrendo pelo rosto, misturava-se à ma-quilagem e pingava do queixo.

— Graças a Deus! — Rita suspirou aliviada. — Já passou.

— O que foi que eu fiz?

— Só me deu uns arranhões. Nada grave. Você teve uma crise, entrou em pânico e tentou sair do carro. Eu tratei de impedi-la por causa do trânsito.

Manobrando com dificuldade para passar ao lado, o motorista de um carro gritou-lhes um palavrão.

— Eu feri você... — Ginger engoliu o suco amargo que lhe subiu pela garganta, a náusea crescendo.

Rita continuava impassível, indiferente às buzinas que soavam ao redor. Soltou os punhos de Ginger e tomou-lhe as mãos com carinho.

— Já passou, querida. Está tudo bem. Só preciso de umas pinceladas de mertiolate.

O motociclista. O visor espelhado.

Ginger olhou pela janela à esquerda: aquele homem sem rosto havia desaparecido. Apenas um rapaz comum passava com sua motocicleta ao lado do carro, sem intenção de ameaçá-la.

A lista aumentava: as luvas pretas, o oftalmoscópio, o ralo da pia e, agora, o visor espelhado. O que poderia haver de comum entre todos esses objetos?

— Sinto muito... muito... soluçou, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

— Esqueça. Temos que tratar de sair daqui. Rita abriu o porta-luvas, apanhou um maço de lenços de papel e limpou o volante e a alavanca do câmbio, ainda sujos de sangue.

Ginger afundou no assento estofado, fechou os olhos e tentou parar de chorar, mas não conseguiu. Era a quarta crise psicótica em cinco semanas. Chegara a hora de lutar. Não podia continuar cabisbaixa diante do próprio destino, fingindo-se dócil e conformada, esperando a próxima crise ou o passe de mágica que lhe explicasse tudo. Não! Precisava fazer alguma coisa!

Era segunda-feira, dia 16 de dezembro, e Ginger decidiu agir

antes de sofrer uma quinta crise. Ainda não sabia por onde começar, mas sabia que encontraria um meio. Não podia mais ter pena de si mesma. Tocara o fundo do poço... o ponto extremo de humilhação, medo e desespero.

Acontecesse o que acontecesse, não haveria como piorar as coisas. Só lhe restava começar a lutar pela vida. Como sempre fizera. Ah... e haveria de conseguir! Sempre conseguia... Ia sair do poço, voltar à vida, voltar à luz... E esquecer para sempre a escuridão em que havia mergulhado.

TRÊS

Véspera e dia de Natal

1. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

Às oito horas da manhã de terça-feira, dia 24 de dezembro, Dom Corvaisis levantou-se e lavou o rosto, sentindo-se ainda tonto por causa dos muitos calmantes e soníferos tomados na véspera.

Era a décima primeira noite que dormia sem sonhos ou crises de sonambulismo. A terapia estava funcionando. Que mal poderia haver numa temporária e controlada dependência de remédios, se, em pouco tempo, acabaria por livrar-se da aflição constante de passar as noites perambulando pela casa?

Não acreditava na possibilidade de tornar-se dependente, nem mesmo psicologicamente. Sabia que estava exagerando nas doses, mas ainda não era o caso de preocupar-se. Quando os vidros estavam quase vazios, inventou uma complicada história que envolvia um assalto a sua casa e conseguiu que o dr. Cobletz lhe desse outra receita. Mentira ao médico para poder comprar os soníferos e, agora, os momentos de maior clareza e lucidez eram raros. Em geral, seus dias passavam como que envoltos em névoa, a suave névoa induzida pela sedação química constante. Já nem conseguia pensar no que poderia acontecer em janeiro, quando se esgotasse o prazo estabelecido pelo dr. Cobletz para a tentativa de cura clínica.

Às dez horas, incapaz de concentrar-se para escrever, Dom vestiu uma jaqueta de veludo e saiu. Fazia frio. De dezembro a abril, como em todos os

anos, as praias estariam desertas, exceto em alguns raros dias um pouco mais quentes.

Ao volante de seu carro, descendo para o centro da cidade, Dom via Laguna Beach como que adormecida sob o céu sombrio e cinzento. Chegou a ocorrer-lhe a idéia de que talvez sua impressão fosse resultado do entorpecimento provocado pelos remédios, mas logo ele tratou de fugir de tão perigosa linha de análise. Consciente de que não estava em pleno gozo de suas faculdades de percepção, dirigia com extremo cuidado.

A maior parte da correspondência que recebia chegava-lhe pela caixa postal. Assim, tomou o rumo do correio para recolher o que houvesse chegado. Como era assinante de muitas revistas, alugara uma das gavetas maiores, que, sendo véspera de Natal, estava quase cheia. Dom nem se preocupou em examinar o que lhe haviam mandado: reuniu todos os envelopes e revistas e voltou ao carro com a intenção de passar os olhos na correspondência enquanto tomasse o desjejum.

Seguiu então para o Cottage, restaurante popular e já tradicional, um pouco acima da estrada costeira. A hora era tardia para o desjejum e prematura para o almoço, de modo que o restaurante estava quase deserto. Dom escolheu uma das mesas com vista para o mar, sentou-se e pediu dois ovos com *bacon*, queijo, torradas e suco de laranja. Enquanto mastigava, começou a examinar os envelopes. Além das revistas e de algumas contas, havia uma carta de Lennart Sane, a maravilhosa agente sueca que negociava direitos autorais de traduções na Escandinávia e na Holanda, e um envelope da Random House. Ao ver o logotipo da editora, ele adivinhou o conteúdo, e a excitação dissipou a névoa que ainda lhe envolvia o cérebro. Dom largou a torrada e abriu o envelope: continha o primeiro exemplar de seu primeiro romance. Homem nenhum poderá saber o que uma mulher sente quando, pela primeira vez, toma nos braços o filho recém-nascido. Mas um romancista pode experimentar uma sensação muito semelhante

quando, pela primeira vez, vê seu nome impresso no primeiro exemplar de seu primeiro livro.

Dom não conseguia desviar os olhos. Terminara de comer e estava esperando o café quando, com um sorriso, decidiu examinar o restante da corres-

pondência. Entre outros, havia um envelope branco, sem nome nem endereço do remetente, contendo apenas uma folha de papel com duas frases datilografadas:

O sanâmbulo deverá procurar no passado a origem de seu problema. E lá que está sepultado o segredo.

Atônito, Dom leu e releu a mensagem. Em sua mão, o papel tremia. Ele começou a suar frio.

2. BOSTON, MASSACHUSETTS

Ginger saltou do táxi e parou um momento diante de um prédio de seis andares, revestido de tijolos no melhor estilo vitoriano. Uma rajada de vento sacudiu-lhe os cabelos e agitou os galhos nus das árvores da Rua Newbury, num ruído seco de ossos chocalhando. Ela curvou a cabeça para enfrentar a ventania, passou pelo portão de ferro trabalhado e entrou no edifício número 127. Durante décadas ali funcionara o Hotel Agassiz, um dos marcos históricos da evolução da cidade, agora transformado em prédio de apartamentos. E ali morava Pablo Jackson, sobre quem Ginger sabia apenas o que lera no *Boston Globe* da véspera.

Depois que George saiu para ir ao hospital e Rita foi fazer suas últimas compras de Natal, Ginger escapou de casa, ignorando os rogos da empregada Lavinia para que esperasse a patroa voltar. Deixara um bilhete dizendo que estava bem e não demoraria; agora rezava para seus anfitriões não se preocuparem muito.

O próprio Pablo Jackson abriu-lhe a porta, e Ginger arregalou os olhos. Estava surpresa não por ele ser negro e ter mais de oitenta anos — esses detalhes já haviam sido mencionados no artigo do jornal —, mas pela incrível vitalidade do homem a sua frente. Alto, com mais de um metro e oitenta, esguio, Pablo vestia cami

sa branca e calça preta de vinco perfeito; os cabelos, brancos e brilhantes, davam a impressão de envolvê-lo numa aura mágica e misteriosa. Com

um gesto galante, convidou-a a entrar e caminhou a sua frente indicando-lhe o caminho com a elegância de um homem quarenta anos mais jovem.

Outra surpresa aguardava-a na sala de estar. Embora não esperasse encontrar um ambiente digno de museu, ficou deslumbrada com o aspecto moderno e arejado do aposento. Tudo era amplo, elegante, de excepcional bom gosto, desde as paredes claras até os amplos sofás confortáveis. Um tapete colorido quebrava a monotonia das linhas retas dos móveis, criando a ilusão de um movimento de ondas macias. Acima do enorme aparador, um original de Picasso atraía irresistivelmente a atenção.

Ginger sentou-se numa das duas poltronas dispostas frente a frente, junto à varanda. Agradeceu o café e respirou fundo:

— Senhor Jackson, acho que começamos mal. Eu lhe menti quando falamos pelo telefone.

— Uma confissão... Não é mau começo — ele sorriu, cruzou as pernas e esperou, as mãos de longos dedos negros descansando nos braços da poltrona.

— Não sou repórter.

— Não trabalha no Peopie? — examinou-lhe o rosto, atento. — Ora, tudo bem. Soube que você não era repórter assim que a vi. Os repórteres, hoje em dia, chegam à porta de nossa casa fingendo-se interessados, ou interessantes, como preferir, mas sempre são muito arrogantes. No momento em que a vi, parada à minha frente, tive certeza de que não era um deles.

— Estou precisando de ajuda. E o senhor é a única pessoa que pode me ajudar.

— Uma donzela em apuros? — Pablo não parecia nem zangado nem ansioso para vê-la partir, como ela, de certo modo, receara.

— Imaginei que não concordaria em falar comigo se eu lhe contasse a verdade. Sou médica, residente em cirurgia no Memorial, daqui de Boston. Quando li o artigo sobre o senhor, publicado ontem no *Globe*, pensei que talvez pudesse me ajudar.

— Seria um prazer conhecê-la, mesmo se viesse apenas para me vender assinaturas de revistas. Aos oitenta e um anos, um homem não pode mais

se dar ao luxo de desperdiçar qualquer chance de conhecer gente interessante.

Ginger sorriu, agradecida por seu esforço para deixá-la à vontade. Tinha boas razões para desconfiar que a vida social daquele velhinho de oitenta e um anos era mil vezes mais excitante que a sua. Pablo continuou:

— Além disso, nem mesmo um fóssil como eu deixaria passar a oportunidade de conhecer uma mulher tão bonita como você. Mas vamos ao que interessa. O que pensa que posso fazer para ajudá-la?

Sentada na beira da poltrona, ela retesou-se e disparou:

— Antes de mais nada, gostaria de saber se tudo que o *Globe* disse sobre o senhor é verdade.

— Na medida em que pode ser verdade o que dizem os jornais... — Pablo ergueu os ombros. — E verdade que meus pais viveram na França, como americanos expatriados; que minha mãe trabalhou como cantora num café de Paris, antes e depois da Primeira Guerra Mundial; que meu pai era músico. Também é verdade que eles conviveram com Picasso e que perceberam que era um gênio muito antes de o resto da humanidade entender isso. Eu me chamo Pablo em homenagem a ele. Meus pais compraram algumas obras de Picasso nos tempos em que ainda eram baratas, e o próprio pintor lhes deu várias telas de presente. Meus pais eram pessoas de *bon goût*... bom gosto, como dizem os franceses. Jamais chegaram a possuir cem telas de Picasso, como dizia o jornal, mas apenas cinqüenta. O que, na verdade, foi mais do que suficiente para lhes dar conforto até o fim da vida e para me manter.

— E é verdade que o senhor trabalhou como mágico?

— Durante mais de cinqüenta anos — Pablo riu e ergueu a mão direita como se fizesse um juramento, reconhecendo modestamente o prodígio de sua longevidade. Um belo gesto de prestidigitação. Ginger surpreendeu-se, olhos muitos abertos, esperando que de

repente surgisse uma pomba branca, ou um coelho. — Cheguei a ser muito famoso. *Sxnspareil*, o melhor, sem dúvidas e sem modéstia. Sei que minha fama foi maior na Europa do que na América, mas, ainda assim, muita gente por aqui falava e ouvia falar das minhas mágicas.

— Seu espetáculo incluía um ato de hipnotismo, não é? O senhor hipnotizava alguém da platéia...

Pablo respondeu com um aceno de cabeça:

— Era a melhor parte do show. O público ficava deslumbrado.

— E agora, pelo que diz o jornal, o senhor está trabalhando para a polícia, usando suas técnicas de hipnose em testemunhas de crimes... para fazer com que se lembrem de detalhes que possam ter esquecido.

— Sim, mas não é um trabalho regular e constante. — Ele fez um gesto no ar, como que recolhendo na cartola o coelho, a pomba e quaisquer grandes esperanças que Ginger pudesse ter alimentado. — Nos últimos dois anos a polícia me procurou apenas duas vezes, como último recurso.

— Mas... o senhor conseguiu ajudar? As pessoas se lembraram do que haviam esquecido?

— Ah, sim... exatamente como diz o jornal. Por exemplo... um homem parado junto ao meio-fio pode ter visto, de relance, a chapa do carro em que o criminoso escapou, mas a impressão não é suficiente para que ele a registre na memória consciente. O que acontece é que, embora não consciente, o registro permanece em sua memória. Isso é uma lei... nunca esquecemos o que vemos ou sentimos, mesmo que não tenhamos consciência de todas as impressões que guardamos. O que a hipnose faz é conduzir a pessoa, através de um transe, de volta ao passado: com isso é possível fazê-la reviver determinada situação. No caso da testemunha que dei como exemplo, basta pedir-lhe que olhe para o carro e “veja” o número da chapa.

— E isso funciona... sempre?

— Não. Mas *quase* sempre.

— Por que a polícia procura o senhor? Os psiquiatras que trabalham para a polícia não conhecem as técnicas de hipnose?

— É possível que conheçam. Mas são psiquiatras, não especialistas em hipnose. Quanto a mim, como tenho anos de experiência, acabei por desenvolver um método próprio... técnicas próprias, que, em geral, funcionam melhor do que as técnicas conhecidas pelos psiquiatras.

— O senhor, então, é o melhor.

— Um *expert*... Sim, é verdade. Sou o melhor dentre os melhores que existem. Mas por que isso lhe interessa tanto, doutora?

Ginger sentara-se com a bolsa sobre os joelhos, as mãos cruzadas. Mas, à medida que falava sobre suas crises, foi entrelaçando os dedos, cada vez com mais força, até que as articulações começaram a doer, esbranquiçadas. A sua frente, Pablo ouvia, atento, interessado, deixando-se, aos poucos, envolver por sua estranha história.

— Pobre criança... — disse, afinal. — Espere um momento. Espere, por favor. — Levantou-se de repente e saiu da sala. Quando voltou, trazia dois cálices de conhaque.

— Obrigada, senhor Jackson. Não costumo beber, principalmente a esta hora.

— Por favor, me chame de Pablo. Quanto à bebida, acho que você passou a noite em claro, mal tomou seu desjejum, e saiu. Seu relógio biológico, portanto, não está acertado com o relógio cronológico das outras pessoas. Para você, é como se estivéssemos no meio da tarde, hora perfeita para um conhaque.

Diante do argumento, Ginger aceitou a bebida. Pablo voltou à poltrona, e, por alguns instantes, nenhum dos dois falou. Foi ela quem quebrou o silêncio:

— Preciso que me hipnotize, que me faça regredir ao dia doze de novembro, ao momento em que saí da Casa Bernstein. E aí que quero parar para que você me interrogue, até eu conseguir entender *por que* aquelas luvas pretas me assustaram tanto.

— Impossível! — Pablo interrompeu-a. — Não e não.

— Posso pagar...

— O problema não é esse. Não preciso de dinheiro. Sou mágico, não sou médico.

— Já estou me tratando com um psiquiatra. Cheguei a sugerir que me hipnotizasse... mas ele se nega a adotar esse tipo de terapia.

— E deve ter suas razões.

— Segundo ele, é muito cedo para tentar uma regressão hipnótica. Disse que é possível que a hipnose ajude, mas que pode ser perigosa... que

preciso estar preparada para encarar a verdade. Uma confrontação prematura poderia me levar a um... colapso... alguma espécie de surto depressivo.

— Concordo com seu psiquiatra. Ele sabe que...

— Talvez saiba o que é melhor para os *outros* pacientes. — Ginger quase gritou, lembrando-se do tormento que eram as sessões de terapia, obrigada a falar e falar, sempre com a sensação de que perdia tempo e dinheiro. — Mas não tem a menor idéia do que pode ser melhor para *mim!* Se tiver que esperar ainda um ano antes de tentar a hipnose, já terei enlouquecido completamente, e a cura não vai me servir de nada! Tenho que *fazer* alguma coisa! E o mais rapidamente possível... enquanto há tempo!

— Não posso assumir uma responsabilidade que...

— Eu sei — Ginger interrompeu-o, pousou o cálice sobre a mesa ao lado da poltrona e abriu a bolsa. — Sabia que você diria exatamente isso. — Tirou da bolsa uma folha de papel datilografada. — Por favor, leia. — Pablo pegou o papel e desdobrou-o com mãos firmes.

— O que é isso? — perguntou.

— Uma declaração firmada por mim. Assumo total responsabilidade por qualquer coisa que possa me acontecer. Você estará isento de culpas, não poderá ser processado, nem...

Ele devolveu-lhe o documento, sem lê-lo.

— Não estou preocupado em ser processado... A lei é muito lenta, e eu sou muito velho. Em qualquer caso, já estarei morto quando chegar a hora de ser julgado pela justiça dos homens. O problema não é esse, doutora. O problema é que, caso alguma coisa lhe aconteça, eu *mesmo* jamais me perdoarei... nem nesse mundo, nem no inferno. E se você entrar em surto depressivo?

— Se não me ajudar *agora*, e se eu tiver que esperar um ano para descobrir o que vai ser feito de minha vida, vou entrar em surto depressivo muito antes do que você pensa! — Ela se levantou, desesperada, e prosseguiu: — Se me mandar embora agora, se me obrigar a voltar para a casa onde estou, obrigada a viver da caridade alheia, dependendo da bondade de alguns amigos... Se me mandar para aquele maldito doutor Gudhausen, eu... não sei... — De repente, faltou-lhe a voz. Ginger engoliu em seco, respirou

fundo. — Não é verdade... *eu sei...* Estarei condenada... *Não posso continuar a viver assim!* Se eu entrar em surto amanhã de manhã... a culpa será sua! Porque pode me salvar e me recusou sua ajuda!

— Sinto muito, doutora.

— *Por favor...*

— Não posso.

— Negro desgraçado! — Ginger parou de repente, lábios entreabertos, horrorizada com o que acabava de dizer. Fechou os olhos e gemeu baixinho, cobrindo o rosto com as mãos. — Oh, Deus... Desculpe, *desculpei* — Deixou-se cair na poltrona, escondeu o rosto entre as mãos e chorou.

Pablo levantou-se e aproximou-se, calmo como sempre.

— Não chore, doutora Weiss, por favor. As coisas vão se resolver. Não desespere.

— Engano seu. As coisas nunca vão se resolver para mim. Minha vida jamais voltará a ser o que era...

Antes de replicar, ele tomou-lhe as mãos, afastou-as do rosto e obrigou Ginger a fitá-lo. Então sorriu e mostrou-lhe a palma da mão direita, para que se certificasse de que estava vazia. De repente, rápido, tirou uma moedinha prateada de dentro da orelha dela. E voltou a ficar muito sério.

— Está bem — disse, por fim. — Você conseguiu. Não estou convencido de que devo fazer o que me pede, mas vou fazer. Nunca, em oitenta e um anos, consegui resistir a choro de mulher bonita.

Em vez de parar de chorar, Ginger começou a soluçar alto, aliviada, indiferente às lágrimas que lhe corriam pelo rosto. Talvez, finalmente, começasse a surgir uma esperança...

— ... e agora você está dormindo, dormindo... dormindo profundamente... Está relaxada, solta, cada vez mais solta... e vai responder a minhas perguntas. Está bem?

— Sim..

— Você não pode se recusar a responder. Não pode se recusar. Você vai responder. Vai dizer a verdade.

As cortinas das três grandes janelas da sala estavam fechadas e as luzes apagadas. Uma única lâmpada brilhava, amarelada, ao lado da poltrona onde

Ginger estava sentada. A luz refletia-se em seus cabelos e criava-lhe uma auréola dourada ao redor do rosto muito pálido. A frente da poltrona, Pablo observava-a, atento. Era uma mulher muito bonita, de uma beleza doce e frágil. Alguma coisa, porém, por trás do rosto de linhas perfeitas, mostrava uma alma de guerreira, uma alma forte, quase masculina.

Juste milieu... o meio-termo perfeito, o equilíbrio vital, o *corte de ouro* dos clássicos... os contrários em harmonia... beleza e caráter em doses iguais.

Ginger mantinha olhos fechados, mas Pablo percebeu, por baixo das pálpebras cerradas, a intensa atividade das pupilas. Sinal de transe profundo. Voltou então a sua poltrona, mergulhada nas sombras da sala, sentou-se e cruzou as pernas.

— Por que é que você tem medo das luvas pretas? — perguntou em voz baixa.

— Não sei.

— Não esqueça que você tem que dizer a verdade. Não pode mentir, não pode esconder nada... Agora responda... por que tem medo das luvas pretas?

— Não sei.

— E por que tem medo do oftalmoscópio?

— Não sei.

— Por que tem medo do ralo da pia?

— Não sei.

— Você conhece o motociclista da Rua State?

— Não.

— Então, por que teve medo dele?

— **Não sei.**

Franzindo as sobrancelhas, Pablo suspirou e balançou a cabeça.

— Tudo bem. Vamos fazer uma viagem no tempo. Parece impossível, mas é possível e até bem fácil. Você vai viajar de volta à infância. Não há como resistir... O tempo é um rio correndo para trás... para trás... cada vez mais para trás. Já não estamos no dia vinte e quatro de dezembro... o tempo continua a correr para trás... dia vinte e três... vinte e dois... vinte e um... —

E continuou até chegar ao dia doze de novembro. — Agora você está na Casa Bernstein, esperando o troco. Está sentindo o cheiro dos paes? Dos temperos? Diga... que cheiros são esses?

Ginger inspirou, o rosto transfigurado. Sua voz soou diferente, animada, alegre:

— Castanhas assadas... picles... pães de mel... café... Chocolate! Sinta esse cheiro! E bolo de chocolate!

— Ótimo! Agora você já recebeu o troco...

— Esqueci a carteira! — interrompeu-o.

— Então volte ao balcão e apanhe a carteira. Ótimo... Você está andando para a porta, tentando abrir a bolsa...

— ...guardar a carteira... Tenho que fazer uma limpeza nessa bolsa...

— O pacote de compras está no braço esquerdo... Agora! *Paf!* Você esbarra no homem do chapéu russo. Ele segura o pacote e não o deixa cair...

Sobressaltada, Ginger agitou-se na cadeira.

— Oh! — exclamou, levantando a cabeça de repente.

— Ele lhe pede desculpas. Diz que a culpa foi dele.

— Oh, não. Foi minha! — Ela já não falava com Pablo, e sim com o homem das luvas pretas. — Não vi o senhor entrar... Oh, estou ótima. Obrigada.

— Ele lhe devolve o pacote. Você agradece... — Pablo descru-zou as pernas e curvou-se para a frente a fim de observá-la de perto. — Então... você vê as luvas pretas.

A transformação foi violenta e instantânea. Ginger saltou na poltrona, costas retas, tensa, e abriu os olhos como se fosse uma boneca de louça.

— As luvas... Meu Deus! As luvas!

— Fale... Como são essas luvas?

— Brilhantes.

— E o que mais?

— *Não!* — ele gritou e levantou-se.

— Por favor, sente-se — Pablo pediu-lhe, sem alterar a voz. Ginger não se moveu, como que paralisada no meio de um movimento de fuga. Não

correu, mas também não voltou a sentar-se.

—Estou-lhe dizendo para se sentar e acalmar-se.

Por fim ela sentou-se, mas continuou com as costas muito re-«tas, as mãos fechadas com força, ainda tensa. Os olhos continuavam arregalados, fixos no rosto de Pablo, mas não vendo senão o par de luvas pretas. Parecia um animal pronto para saltar e fugir à primeira ameaça.

— Está tudo bem... Você está calma... cada vez mais calma... mais calma...

— Sim... estou calma... — A respiração tornou-se um pouco mais lenta, os ombros moveram-se de leve, porém Ginger continuava tensa.

Pablo sempre conseguira controlar qualquer pessoa que hipnotizasse. E agora deparava com alguma coisa muito estranha: aquela moça continuava a resistir à sugestão hipnótica. A partir de certo ponto, ele decidiu contra-atacar:

— Então fale sobre as luvas pretas — disse, atento e ansioso.

— Oh, Deus... — O belo rosto crispou-se de medo.

— Acalme-se... relaxe... e fale sobre as luvas pretas. Por que tem medo das luvas pretas?

— Não... não deixe que elas me toquem! *Não!*

Ginger cruzou os braços sobre o peito e encolheu-se na poltrona.

— Agora escute bem... — Pablo aproximou a poltrona. — O tempo está suspenso. O relógio não anda mais, nem para a frente nem para trás. As luvas não podem tocar em você. Não vou permitir que cheguem perto de você, fique tranqüila. Tenho o po-

der de fazer o tempo parar, e já o parei. Nada vai lhe acontecer. Você está segura... Está me ouvindo?

— S-sim... — Ainda havia medo e incerteza em sua voz e ela continuava encolhida no fundo da poltrona.

Cada vez mais intrigado, Pablo observava-a. Ginger continuava como que paralisada pelo medo, apesar do transe profundo e das instruções claras para acalmar-se.

— Lembre-se, o tempo parou — disse ele. — Você está segura porque não vou permitir que as luvas pretas se aproximem. Pode examiná-las à von-

tade... e diga-me por que a assustam tanto.

Sem responder, ela começou a tremer.

— É muito importante. Olhe bem... — Pablo calou-se um momento e decidiu mudar a linha das perguntas. — Tem certeza de que são as luvas que lhe dão tanto medo? São *essas* luvas?

— Não... não *essas* luvas...

— As luvas pretas que você está vendo apenas a fazem lembrar de outras luvas... é isso? Outras luvas... que você viu em outro lugar... talvez há muito, muito tempo... E isso?

— Sim! E isso!

— E quando foi que você viu as *outras* luvas? Quando?

— Não sei.

— Eu sei que você sabe. — Ele se levantou, deu alguns passos pela sala, sempre de olhos postos na figurinha dourada, encolhida em sua poltrona, tremendo de medo. — Muito bem, vamos soltar o tempo, mas sem interromper nossa viagem para o passado. Vamos para trás... para trás... até o dia em que você viu as *verdadeiras* luvas pretas... As primeiras... As primeiras que a assustaram. Estamos indo... indo... já quase chegando... Agora! Você está diante das verdadeiras luvas pretas.

Na poltrona, olhos esbugalhados, Ginger não via nem a sala de estar de Pablo Jackson, nem a loja de doces e salgados. Estava no passado, em algum ponto perdido no passado.

— Onde você está? — ele perguntou, ansioso, debruçado sobre a poltrona. — Precisa me dizer onde está... Não pode mentir.

— O rosto... — ela gemeu baixinho, a voz tão aterrorizada que

Pablo sentiu um calafrio percorrer-lhe as costas. — O rosto... sem rosto...

— Explique melhor. Que rosto é esse? Descreva o rosto que você está vendo.

— As luvas pretas... o rosto de vidro... escuro.

— Mas... o que está dizendo?... Um rosto como o do motociclista... O capacete?

— As luvas... o visor... — De repente, um espasmo de medo sacudiu-a.

— Calma, calma... Está tudo bem, você está segura. Eu estou aqui... Agora, fale. Ainda está vendo um homem de capacete, com o visor sobre o rosto... e usando luvas pretas?

Vindo de algum lugar indefinível, o som encheu a sala. Era alguma coisa como um lamento, um gemido, um soluço, saído não da garganta, mas de dentro do corpo... Vinha de Ginger. Era um ganido de terror.

— Acalme-se... Relaxe... acalme-se. Ninguém pode feri-la. Você está em segurança... — Cada vez mais assustado, Pablo ajoelhou-se diante da poltrona, acariciando o braço de Ginger com movimentos suaves e lentos, tentando evitar o risco de precisar fazê-la despertar do transe antes do momento previsto. — Fale para se livrar disso... Onde você está? Está muito longe? *Quando* é esse momento em que você está?

O ganido de terror transformou-se em uivo. Um brado sem tempo ou lugar. A resposta torturada de milênios de medo sufocado.

Pablo retesou-se frente à poltrona. Quando falou, já não havia suavidade em sua voz, mas um comando frio e firme:

— Estou controlando sua mente. Você está dormindo e eu controlo seu pensamento. Não pode fazer nada que eu não queira e deve fazer tudo que eu mandar. Eu lhe ordeno que fale.

Ela saltou na poltrona, como se recebesse uma descarga elétrica, mas não falou.

— Responda. Onde é que você está?

— Em lugar nenhum.

— *Onde?*

De repente, ela parou de tremer. Os braços, que continuavam cruzados sobre o peito, soltaram-se e caíram ao lado do corpo, inertes. Como por encanto, o medo desapareceu do rosto, dos olhos, dos gestos. Em voz muito fraca, inexpressiva, Ginger, afinal, respondeu:

— Não estou em lugar nenhum. Eu estou morta.

— Não é verdade.

— Eu estou morta — repetiu.

— E importante que você me diga onde estão as luvas que lhe causam tanto medo. E importante para você... se curar. Se me disser, o pesadelo estará terminado. Quero saber onde estão essas luvas que lhe fazem tanto mal. E importante que você fale.

— Eu estou morta...

Pablo continuava ajoelhado diante da poltrona, os olhos fixos no rosto de Ginger. Por isso, porque estava próximo e atento, viu que sua respiração tornava-se irregular. Tocou-lhe a mão e sentiu-a inerte, gelada. Rápido, tomou-lhe o pulso e começou a contar. A pulsação irregular... começava a fugir! Em pânico, localizou a veia do pescoço. Quase nada: apenas um latejar lento, muito fraco.

Ela estava entrando num transe muito mais profundo que o produzido pela hipnose! Estava tentando fugir para algum ponto ainda mais distante, para não ouvir a voz que a guiava e não ser obrigada a responder as perguntas. Mas... seria possível?! Seria possível que alguém decidisse morrer, parar de respirar, deter o coração... apenas para não ter que responder algumas perguntas?

Ao longo da vida Pablo Jackson encontrara as mais estranhas reações de bloqueio a lembranças traumáticas. A literatura psicanalítica, entre outras, era pródiga em relatos de casos de bloqueios inconscientes, de defesas inconscientes face a lembranças assustadoras ou dolorosas. Que experiência poderia ser tão terrível a ponto de fazer com que uma mulher jovem, saudável, inteligente, bonita, preferisse morrer a ter que enfrentar uma simples recordação?!

Tocando-lhe o rosto, aflito, ele resolveu:

— Chega de perguntas. Você pode voltar. Não vou perguntar mais nada. Não precisa dizer coisa alguma.

Ginger fez um movimento com os lábios quase imperceptível. Parecia suspensa entre a vida e a morte, tentando decidir que caminho escolher.

— acredite... Juro que não vou mais lhe pedir que fale. Juro! — Os dedos ainda colados a seu pulso, Pablo sentiu que o batimento, aos poucos, voltava à normalidade. — Acabaram-se as perguntas... Pode voltar... Volte...

Ginger inspirou profundamente uma, duas, três vezes, a cor retornando-lhe aos lábios. Em poucos minutos, retornava ao presente, na poltrona da sala de estar, e estava desperta.

— O que houve? — perguntou, olhando ao redor. — Já sei... Você não conseguiu me fazer viajar muito, não foi?

— Meu Deus... — Pablo desabou sobre sua poltrona. — Se você soubesse... Viajou muito, doutora! E para muito longe...

— Você... está tremendo... Por quê? O que aconteceu?

Foi a vez de Ginger correr até o bar e voltar com a garrafa para repetir a dose de conhaque.

Pouco depois, ao despedir-se de Pablo para entrar no táxi que ele chamara pelo telefone, Ginger ainda dizia:

— Juro que não tenho a mínima idéia do que aconteceu. Tenho certeza absoluta de que jamais passei por qualquer experiência tão traumática a ponto de me fazer preferir a morte à lembrança. Não faz sentido!

— Faça sentido ou não, há um trauma em seu passado. Um trauma que envolve um homem de luvas pretas, um homem com um “rosto sem rosto”, como você disse, “o rosto de vidro escuro”. Provavelmente, um motociclista, como o que você viu na Rua State e que tanto a assustou. Essa lembrança está soterrada em seu passado, no inconsciente mais profundo... e você não parece sinceramente interessada em fazê-la vir à luz. Meu conselho é que conte a seu psiquiatra o que aconteceu hoje, e deixe que ele escolha a melhor terapia a ser seguida.

— Gudhausen é tradicional, anda muito devagar. Quero que *você* me ajude.

— Não posso arriscar sua vida. De modo algum concordarei em hipnotizá-la outra vez.

— A menos que encontre alguma referência a qualquer outro caso como o meu... Você prometeu pesquisar.

— Não espere muito de minhas pesquisas — Pablo sorriu. — Na verdade, estou pesquisando há mais de cinquenta anos e nunca li nada sobre o tipo de reação que você apresentou.

— Você prometeu...

— Prometi pesquisar. E só isso que vou fazer.

— Prometeu também que, caso encontre alguma terapia razoável para tratar um bloqueio como o meu, vai testá-la em mim.

Continuava aturdida, porém sentia-se infinitamente mais calma do que quando chegara à casa de Pablo Jackson. Pelo menos haviam conseguido encontrar uma hipótese de trabalho, embora ainda não soubessem exatamente o que significava ou até onde poderia levá-los. Tinham uma equação: bastava descobrir a fórmula que a tornaria compreensível. Havia um nó em algum ponto de seu passado. Quando o localizassem, no espaço ou no tempo, estaria aberta a possibilidade de cura definitiva. Seria o fim das crises e do medo.

— Conte tudo a seu psiquiatra — Pablo insistiu.

— Tenho poucas fichas e prefiro apostar todas em você.

— Você é teimosa.

— Não. Sou apenas decidida e persistente.

— Teimosia.

— Firmeza. Decisão.

— *Acharnemenú*

— Chegando ao Mirante, vou procurar um dicionário de francês e descobrir se é um insulto. Se for, você vai ouvir poucas e boas quando eu voltar para a próxima sessão. Até quinta!

— Não adianta vir na quinta-feira — preveniu Pablo. — Preciso de algum tempo para pesquisar. E não vou hipnotizá-la novamente enquanto não encontrar algum tipo de explicação teórica confiável para o que aconteceu hoje, e enquanto não souber exatamente o que fazer em termos de terapia.

— listá bem. Espero até sexta ou sábado. Se você não telefonar até lá, pode se preparar porque estarei sentada aqui na soleira da porta, ao lado do leite e do pão, à espera. — Ginger fitou-o nos olhos, com tristeza. — Você é minha única esperança.

— Pobre menina... — ele suspirou. — Não alimente grandes esperanças.

— Não há perigo, porque só tenho *uma*... você. — Ginger ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o no rosto.

— *Au ivvoir*. Não precisa de dicionário... significa “até breve”.

— *Shãlon*. Também não precisa de dicionário... quer dizer “fique em paz”.

Na calçada, dirigindo-se para o táxi que a esperava, lembrou-se de uma das frases preferidas de seu pai. Uma frase sábia e realista que, de algum modo, serviu para contrabalançar a impressão de que tudo estava começando a melhorar apenas porque conseguira dar um primeiro passo: “O momento mais claro do dia é sempre o último, antes que desçam as sombras da noite”.

3. CHICAGO, ILLINOIS

Winton Tolk, o patrulheiro alto, preto e sempre sorridente, saiu da viatura para comprar três sanduíches e três refrigerantes no bar da esquina, deixando Paul Armes ao volante e o padre Brendan Cronin no banco traseiro. Brendan via a entrada do bar, mas não o que se passava lá dentro, porque as vitrines brilhavam, cobertas de desenhos e cartazes coloridos: Papai Noel, renas, festões verdes, fitas vermelhas, anjos e estrelas. Nevava novamente, e o serviço de meteorologia previa quinze centímetros de neve até a meia-noite, o que garantia um belo Natal branco no dia seguinte.

Quando Winton saiu do carro, Brendan inclinou-se para Paul Armes:

— Sem querer desmerecer *O Bom Pastor*, o que você me diz de *Natal Branco*? Que filme!

- Ah, uma beleza... — suspirou o outro.

Continuaram falando sobre filmes de Natal, e Brendan tinha certeza de que se lembrara do melhor de todos os tempos.

— Lionel Barrymore fazia o avarento. E Gloria Grahame... que atriz!

— E Thomas Mitchell?

Winton aproximou-se da porta do bar e entrou.

— Que elenco! — exclamou Brendan, saudoso.

— Estamos esquecendo de outro... *De Ilusão Também se Vive*...

— Grande filme. Mas ainda prefiro *O Bom Pastor*... E mais...

Os tiros e o ruído de vidro estilhaçado ocorreram no mesmo instante, sem diferença de fração de segundo. Mesmo no carro, de janelas fechadas, com o zumbido intermitente do rádio e do aparelho de calefação, Brendan ouviu o barulho e calou-se de repente, deixando a frase suspensa no ar. A explosão acabava com a paz da rua principal e reduzia a cacofonia do Papai Noel pintado na vitrine do bar da esquina. Depois dos primeiros tiros houve uma pausa, e logo outra rajada rompeu o silêncio.

— Merda! — Paul Armes desabotoou o coldre e saiu da viatura, pistola na mão; os últimos estilhaços de vidro ainda retiniam na calçada. — Fi-

que abaixado! — gritou para Brendan protegendo-se atrás da porta do carro.

Aturdido, Brendan olhou para o bar a tempo de ver a porta abrir-se com violência e dois rapazes aparecerem, um preto e um branco. O preto usava boné de tricô e jaqueta de marinheiro, e empunhava uma pistola semi-automática de cano curto. O outro, de casaco de couro, tinha um revólver. Correram juntos para fora do bar, meio abaixados, o negro mirando a viatura policial. Brendan estava diante dele, hipnotizado pelo cano da arma. Viu um brilho amarelado, como um *flash*... poderia jurar que fora atingido. Mas o vidro traseiro, próximo de seus olhos, continuava in-tato. O vidro da frente é que se estilhaçou sobre o painel e o banco. Com o susto, Brendan despertou e jogou-se no chão, à frente do banco onde estivera sentado, o coração batendo como tambor.

Má sorte: Winton Tolk entrara no bar exatamente quando os dois rapazes limpavam a caixa registradora. Talvez estivesse morto.

Com os braços por cima da cabeça, escondido sob o assento da viatura, Brendan ouviu a voz de Paul Armes dirigindo-se aos rapazes:

— Larguem as armas!

Mais dois tiros. De revólver. Mas... do revólver de quem? Do assaltante ou da polícia? Mais um tiro... Alguém gritou. Paul ou um dos rapazes?

Sem coragem para levantar-se, Brendan esperou. Graças aos contatos do padre Wyczak, fazia cinco dias que acompanhava Winton e Paul no trabalho diário de patrulhamento das ruas. Vestia-se de terno e gravata, sem batina, e fora apresentado aos policiais como advogado contratado pela Igreja para avaliar o alcance e a utilidade dos programas de assistência social. Uma boa história que, até ali, ninguém havia posto em dúvida. Winton e Paul cobriam a área central, entre a Avenida Forster ao norte, a Marginal do Lago a leste, a Estrada de Irving Park ao sul, e a Avenida North Ashland a oeste. Era a região mais miserável de Chicago, detentora de altos índices de criminalidade, habitada por negros, índios e, principalmente, porto-riquenhos. Cinco dias de convivência diária bastaram para que Brendan aprendesse a gostar e admirar os dois policiais. Mais do que isso, a experiência fizera-o conhecer a vida difícil de todas as boas almas que viviam e trabalhavam naquela região de ruas imundas e prédios decadentes... miseráveis presas de

que se alimentavam os chacais da humanidade. Sentia-se preparado para qualquer surpresa, e já havia visto muita coisa... até que o incidente no bar mostrou-lhe que ainda não conhecia o pior.

Outro tiro furou a lataria da viatura, fazendo-a estremecer. Encolhido, Brendan pensou em rezar, mas as palavras não lhe vinham à memória. Continuava a ser um homem sem Deus, o mais solitário dos homens.

Do lado de fora, Paul Armes gritou:

— Larguem as armas!

E um dos rapazes respondeu:

— Foda-se!

Depois de uma semana no Hospital Infantil São José, Brendan conversara com o padre Wycazik e fora mandado para outro hospital, encarregado da enfermaria dos doentes terminais, lugar triste, povoado de gemidos, onde não havia crianças. Como já acontecera no São José, logo entendeu o que o velho pároco queria ensinar-lhe: há pessoas para as quais a morte não é um mal, e sim uma bênção de Deus. Pessoas que pedem a Deus que as leve, e pessoas que agradecem a Deus a graça de fazer cessar o sofrimento de seus entes queridos. A morte de um homem ou de uma mulher pode demonstrar que, quase sempre, há algo de nobre e profundo no ato de separar-se dos vivos. E como se, por alguns instantes, todos pudessem partilhar a dor mística da morte de Cristo.

Outra magnífica lição... Brendan, no entanto, ainda não voltara a crer. Encolhido dentro da viatura policial, paralisado entre dois fogos, tentava encontrar as palavras de qualquer oração, entre muitas que conhecia, mas a memória não o ajudava. Não conseguia falar, tinha a boca seca, a língua pesada.

Os gritos continuavam, porém Brendan não conseguia entender o que estava acontecendo, em parte porque várias pessoas gritavam ao mesmo tempo, em parte porque os tiros o deixaram semi-surdo.

Ainda não tivera tempo para pensar na lição que o padre Wycazik pretendia ensinar-lhe, fazendo-o conhecer de perto o bairro pobre. Havia pobres por toda a cidade e, fosse qual fosse a lição, Brendan já sabia que nenhuma seria suficiente para convencê-lo de que Deus era mais real que uma

rajada de balas. A morte seria sempre feia, malcheirosa, insensata. Diante dela, de que valeria a promessa da vida eterna na glória de Deus?

Brendan ainda ouvia tiros, o matraquear da pistola automática e passos de alguém que corria. Era como se estivesse na frente de batalha. Outra rajada de balas, e mais vidros estilhaçaram-se. Outro grito, agora mais terrível que o primeiro. Outro tiro... e o silêncio. Silêncio perfeito e profundo.

Paul Armes abriu a porta da viatura, Brendan espiou para fora e gritou de susto e horror.

— Fique abaixado! — gritou o policial, esgueirando-se para retomar o assento do motorista. — Há dois mortos, mas pode haver outros assaltantes armados dentro do bar.

— Onde está Winton? — Brendan perguntou.

Paul não respondeu. Apanhou o microfone e chamou:

— Atenção, plantão da central! Atenção, plantão da central!

Deu as coordenadas do local e o endereço do bar, e pediu reforços.

De olhos fechados, ainda encolhido no fundo do carro, Brendan podia lembrar-se perfeitamente da fotografia que Winton Tolk levava na carteira e exibia a todo o momento: a esposa, Raynella, e três filhos.

— Esses filhos da puta... — resmungou Paul Armes, a voz trêmula, recarregando a arma.

— Você acha que Winton está... ferido?

— Deve estar.

— E precisando de socorro.

— Já pedi reforços.

— Mas talvez precise de socorro... *jál* — Brendan quase gritou.

— Não podemos entrar lá. Deve haver outros desses merdas. Dois ou mais... não podemos adivinhar. Temos que esperar os reforços.

— Winton pode estar perdendo sangue... Se os reforços demorarem muito, ele pode... morrer.

— E você pensa que eu não sei? — Paul estremeceu de raiva. Acabou de recarregar a arma e saiu novamente do carro para observar a entrada do bar.

Quanto mais Brendan pensava em Winton, mais furioso ficava. Se ainda fosse capaz de rezar, talvez conseguisse mastigar e engolir pelo menos um pouco da raiva. Sem fé, o ódio cresceu, cresceu até tomar conta dele. Não era justo... Não, não com Winton! Não estava certo! Ele abriu a porta traseira da viatura e saiu para a calçada coberta de neve. A sua frente estava o bar.

— Brendan! — Paul Armes gritou levantando-se de trás da viatura. — Não entre! Pelo amor de Deus... volte para o carro!

Sem dar ouvidos, Brendan continuou a andar, movido pela raiva e pela certeza de que Winton Tolk precisava ser socorrido logo, ou estaria morto quando chegassem os reforços.

Sobre a calçada jazia o corpo do assaltante de casaco de couro; tinha um buraco no peito e outro junto à garganta. A alguns passos de sua mão aberta, estava uma pistola, com certeza a mesma que ferira Winton.

— Cronin! — Armes chamava. — Vólte aqui!

Brendan já estava dentro do bar, mas não via nada. As luzes estavam apagadas, talvez tivessem sido destruídas durante o tiroteio. A alguns metros da entrada, entre cacos de vidro, jazia o corpo do negro de boné de tricô. Brendan passou a perna por cima do cadáver e continuou andando. A batina talvez servisse, pelo menos, para protegê-lo dos tiros, se algum daqueles degenerados fosse católico praticante. Ou não... Se aqueles animais eram capazes de atirar num policial, o que não fariam com um padreco? Brendan estava cego de fúria... porque Deus não existia! Ou porque, caso existisse, pouco ligava para o destino dos bons e dos justos!

O balcão ficava junto à parede dos fundos. Por trás do balcão estava a grelha. A frente, algumas mesas e cadeiras, quase todas de pernas para cima. Pelo chão espalhavam-se guardanapos, copos, potes de mostarda, velhas notas de poucos dólares. Um pouco à esquerda, uma enorme poça de sangue e, no meio, Winton Tolk.

Brendan aproximou-se do policial, esquecido da possibilidade de que outro assaltante estivesse escondido atrás das mesas caídas, e ajoelhou-se no chão empapado de sangue. Winton recebera dois tiros. Tinha dois horríveis buracos de bala no peito, nada que pudesse ser tratado com torniquete ou

bandagens. O sangue brotava das feridas e escorria, num fio grosso, pelo canto da boca. Estava imóvel, de olhos fechados, inconsciente ou morto.

— Winton? — Brendan chamou-o.

Nada. Nem resposta, nem o mais leve sinal de movimento.

Quase sem poder pensar, movido por uma fúria tão violenta como a que o fizera jogar no chão o cálice da missa, Brendan apalpou o pescoço de Winton, uma mão de cada lado, à procura de qualquer sinal de vida. Não sentiu a pulsação da aorta e pensou na fotografia de Raynella e das crianças de Tolk. Rubro de raiva, gemia de horror pela indiferença de Deus e pela miséria dos homens abandonados à própria desgraça.

— Não... — rilhou os dentes. — Ele não pode morrer!

As pontas dos dedos ainda tocando o pescoço de Winton, sentiu um leve estremecimento. Ainda não era uma veia pulsando... mas era um sinal de vida. Com as mãos, apalpou o peito, os braços do policial, à procura de mais um indício, e encontrou-o, muito fraco e irregular, mas era um sinal!

— Ele está vivo?

Brendan ergueu a cabeça e viu um homem de avental branco, certamente o dono do bar levantando-se de trás do balcão. A seu lado apareceu uma mulher, também de avental. Na rua, soava a sirene de uma ambulância que se aproximava.

Sem tirar as mãos do pescoço de Winton, Brendan sentia que as pulsações tornavam-se aos poucos mais fortes e regulares. Não podia ser... Winton perdera muito sangue, permanecera muito tempo sem socorro médico. Dificilmente sobreviveria, ainda que a ambulância chegasse a tempo de levá-lo para o hospital. A sirene soava a dois quarteirões de distância, pelo menos.

Brendan desviou as mãos para o peito. O sangue brotava entre seus dedos, como que nascido de uma fonte inesgotável. Ele já não conseguia sentir ódio nem raiva. Estava vazio, esgotado. Baixou a cabeça e começou a chorar.

Winton Tolk mexeu-se. Tossiu. Abriu os olhos. Respirou uma, duas vezes. Gemeu. Surpreso, Brendan tocou-lhe o pulso, voltou a apalpar-lhe o

pescoço. Estava batendo! Uma pulsação ainda tênue, mas não tão fraca como da primeira vez.

— Winton! — Chamou-o, elevando a voz para fazer-se ouvir apesar do som estridente da sirene que zumbia diante do bar. — Está me ouvindo?

O patrulheiro não o reconheceu. Tossiu outra vez e estremeceu. Brendan ergueu-lhe a cabeça, virando-a para o lado, de modo que o sangue não se depositasse no fundo da garganta. Com isso, Winton respirou melhor. Estava muito ferido, perdera muito sangue, com certeza estava em choque... mas estava vivo. VjVo.

Na rua, a sirene calou-se. Brendan correu até o balcão empurrando o proprietário e a mulher, que pareciam paralisados. Ele próprio estava desesperado: sabia que não havia um segundo a perder.

— Saíam da frente! — gritou. — Tragam um médico. Digam a Armes que ele está vivo! Vão, *depressa!*

O proprietário do bar correu para a porta, e Brendan voltou para junto de Winton. O patrulheiro já respirava melhor. Sentindo as mãos úmidas de sangue, num gesto automático Brendan esfregou-as no paletó. Então percebeu que, pela primeira vez em quase duas semanas, as marcas avermelhadas voltaram a aparecer, uma na palma de cada mão. Os mesmos anéis de pele vermelha e inchada.

Policiais e enfermeiros invadiram o bar, passando por cima do cadáver do assaltante branco, e Brendan afastou-se para dar-lhes espaço. Foi até o balcão e encostou-se um instante para respirar. De repente, era como se todo o cansaço do mundo caísse sobre seus ombros. Não conseguiu dar um passo além do balcão e lá ficou, parado, olhando para as palmas das mãos.

Durante dois ou três dias, logo depois de consultar o dr. Hee-ton, usara a loção à base de cortisona que o médico lhe receitara e, como as marcas sumiram, deixara de aplicar o remédio. Nem pensara mais no assunto. Devia ser uma alergia, um caso estranho e repentino, mas nada além de alergia. Ali, junto ao balcão do bar, olhava para as próprias mãos e não entendia o que estava acontecendo. As vozes dos policiais e enfermeiros chegavam-lhe aos ouvidos como se viessem de muito longe:

— Vejam!... Nunca vi tanto sangue!

- Dois tiros no peito! Não pode estar vivo...
- Porra! Saia da frente!
- Precisamos de plasma humano. Urgente.
- Onde está a identificação dele? Se não acharem, testem o sangue.

Alguém aí sabe o tipo sanguíneo do policial Tolk? Deixem! Fazemos o teste na ambulância a caminho do hospital.

Brendan afinal conseguiu desviar os olhos das mãos e fitou o grupo que se agitava em torno de Winton Tolk. Em segundos o patrulheiro estava colocado na maca, envolto em cobertores, sendo carregado para fora. Um dos policiais arrastou o cadáver do assaltante e abriu passagem para os enfermeiros que levavam a maca. Na calçada, Paul Armes aproximou-se do companheiro ferido e tentou sorrir-lhe.

No chão, ficou a poça de sangue. Não: o *mar* de sangue. Novamente Brendan olhou para as palmas das mãos. As marcas haviam sumido.

4. LAS VEGAS, NEVADA

O texano de calça amarela jamais teria tentado arrastar Jorja Monatella para a cama, se soubesse que ela estava furiosa a ponto de querer castrar o primeiro que se atravessasse em seu caminho.

Embora a tarde do dia 24 de dezembro já estivesse adiantada, o espírito do Natal ainda não dera sinais de sua presença. Em geral calma e bem-humorada, Jorja estava num de seus piores dias, indo e vindo pelo cassino, do bar para as mesas de jogo, das mesas de jogo para o bar, abastecendo os copos dos jogadores.

Havia várias razões para tamanho mau humor. A primeira, era que Jorja odiava seu trabalho. Se já detestava ser garçomete num bar tranqüilo, que dirá num cassino do tamanho de um campo de futebol. Era de matar! Uma viagem completa ao bar, ida e volta, bastava para acabar com seus pés. Duas viagens davam-lhe bolhas nos calcanhares. E o horário de trabalho? Como é que uma mulher podia pensar em organizar a vida de uma filha de sete anos, trabalhando nos horários mais impossíveis?

Não bastasse a primeira razão, havia ainda o uniforme: um minúsculo maio vermelho que mais mostrava do que cobria, baixo em cima, alto embaixo, ridículo, horrível! E usado com uma fai-

xa elástica para afinar a cintura, que já era fina, e aumentar o busto, que já era grande. Jorja andava pelo salão, sentindo-se um *pôster* erótico, do tipo que se vê em oficina mecânica.

A terceira razão do mau humor eram os homens: do dono do cassino aos miseráveis, desgraçados, malditos vagabundos que jogavam dia e noite e viviam beliscando-lhe o traseiro. Claro! Que mulher se submeteria a vestir uma roupa daquelas... a menos que estivesse interessada em incríveis aventuras eróticas?!

E quanto ao nome? Jorja. Tão bonitinho... Mamãe devia estar bêbada quando o inventou. Não era mais simples escrever Geórgia, como todo mundo? Claro que ninguém desconfiaria que era Jorja se pudesse responder, rápido, quando lhe perguntassem: *Jorja, Jórgia, Geórgia*, sons tão parecidos. Mas o dono do cassino exigia que as meninas usassem um crachá pendurado no maio, e lá estava, como em manchete de jornal: JORJA. De quinze em quinze minutos, aparecia um idiota perguntando se o nome era esse mesmo. Era. Um nome idiota, mal escrito, metido a besta. Só podia andar pendurado numa mulher idiota, mal resolvida, metida a besta. Em seus piores momentos, ela pensava em requerer à Justiça o cumprimento de um simples direito à dignidade: que seu nome fosse escrito corretamente. Em seus melhores momentos, lembrava que qualquer alteração na grafia inventada por sua mãe num momento de exaltação criadora poderia ofendê-la. De qualquer modo, se os rapazes continuassem com as piadinhas, talvez fosse obrigada a rebatizar-se: madre Teresa de Calcutá. Havia remota possibilidade de que bastasse isso para deixá-los impotentes por uns seis meses.

Servir bebida aos figurões não era o pior. O pior era quando aparecia um superfigurão, de Detroit, ou de Las Vegas, ou de Dal-las, e inventava de se engrajar com ela, e pedia que o dono do cassino arranjasse um encontro mais... íntimo. Havia tantas garotas por ali... Na verdade, nem tantas, mas havia algumas. Por que logo ela? Jorja sabia o que ia acontecer desde o mo-

mento em que via entrar um dos tais superfigurões. O patrão chamava-a, passava-lhe o recado, e ela respondia:

— Vão os dois para o inferno, você e ele. Sou garçonete. Não sou prostituta.

Tintim por tintim, o que acabava de acontecer, quinze minutos antes. Um magnata do petróleo, de cara verrugenta e olhos de sapo, procedente de Houston, metido em fosforescentes calças amarelas, camisa azul, gravata vermelha. Um dos maiores clientes do hotel. Lá veio ele... o hálito fedendo a alho.

E agora o patrão estava furioso porque ela não aceitara o convite de um homem tão importante. Rainy Tarnell, crupiê do período diurno, atrevera-se a comentar:

— Acho que você está se fazendo de antiquada... de moça séria... Isso já passou de moda, querida!

Gomo se ir para a cama e abrir as pernas para um desconhecido de Houston fosse apenas uma questão de moda... O mesmo que saber que não se deve usar sapatos brancos no inverno...

O trabalho era horrível, mas era um trabalho, e Jorja não podia dar-se ao luxo de ficar desempregada. O salário era bom para uma mãe divorciada de um pai que se recusava a pagar pensão à filha. E servia também para ir pagando, aos poucos, as dívidas que Alan havia feito em seu nome antes de sumir de casa. Jorja precisava desesperadamente de cada dólar que ganhava. Além do salário, havia também as gorjetas, às vezes bem gordas. Principalmente quando um dos fregueses ganhava no pôquer ou nos dados.

Na véspera de Natal, como sempre, o cassino estava pouco movimentado, e as gorjetas andavam curtas. Do dia de Ação de Graças até o Natal havia pouca gente em Las Vegas. De 26 de dezembro em diante, então sim, as coisas começavam a melhorar. Os caça-níqueis estavam mudos. Alguns crupiês dormitavam, debruçados sobre as mesas vazias.

— Claro que tenho que estar de mau humor... — Jorja suspirou. — Estou com dor nos pés, dor nas costas, enfrento um imbecil que pensa que estou à venda como uma garrafa de uísque, brigo com Rainy Tarnell e nem tenho um puto de um tostão.

As quatro horas, quando acabava seu turno, correu para o vestiário, bateu o ponto, tirou o maio, vestiu-se e correu para o carro, como se estivesse competindo por uma medalha olímpica. Nem o tempo colaborava para imbuí-la do espírito natalino. Em Las Vegas havia Natais gelados, com o vento queimando o rosto e gelando os ossos, e Natais quentes, com sol, short e camiseta. Naquele ano o Natal estava morno, nem quente nem frio.

Seu velho carro pegou logo à terceira tentativa, evento raro que, em outras circunstâncias, bastaria para fazê-la melhorar de humor. O ruído do motor, no entanto, lembrou-lhe o automóvel recém-saído da loja que Alan levaria embora, quinze meses atrás, quando a abandonara sem dinheiro, com Mareie e um monte de dívidas.

Alan Rykoff. A coisa que mais a irritava era o trabalho de garçõete; em segundo lugar, vinha Alan. Quando o divórcio foi homologado ela voltara a usar seu nome de solteira, Monatella, mas não conseguiu apagar, com igual facilidade, as lembranças do sofrimento que Alan Rykoff causara a ela e a Mareie.

Por mais que se esforçasse para esquecê-lo, tinha-o presente a cada instante. O miserável já deveria ter embarcado para Acapulco, com aquela imbecil loura, a tal de “Pimentinha” Carrafeld. Nem se lembrou de que era Natal e Mareie esperava um presente. Como é que se explica a uma menina de sete anos que o pai se esqueceu de lhe comprar um presente de Natal? E que nem vai aparecer para vê-la?

Apesar das dívidas que Alan deixara, Jorja decidira recusar a pensão, num impulso momentâneo. Quando resolveu pedir-lhe que se responsabilizasse ao menos pelas despesas de educação da filha, ouviu-o declarar, com a maior sem-cerimônia, que não era pai de Mareie e, portanto, não lhe cabia pagar nada. Filho da puta! Jorja casara aos dezenove anos; Alan tinha então vinte e quatro, e ela jamais o traíra, nem uma única vez... Alan sabia disso, claro! O que queria era “cortar despesas inúteis” como sempre dizia; não podia gastar com a menina porque precisava de muito dinheiro para viver como gostava, com roupas caras, mulheres caras, carros caros... coisas mais importantes que esposa e filha. Para evitar que Mareie acabasse envolvida

naquela imundície, Jorja acabou por abrir mão também de sua única e última exigência.

Então... era como se Alan estivesse morto e enterrado. Não havia motivo para continuar a pensar nele, porém, ainda assim, passando pelo cruzamento da Avenida Maryland com a Rua Desert Inn, Jorja lembrava que, quando se envolvera com ele, era jovem demais para casar e ingênua demais para perceber que aquela pele de cordeiro escondia um lobo faminto. Na ingenuidade de seus dezenove anos, achava Alan *très* sofisticado e charmoso. Aos poucos, porém, começou a descobrir que se unira a um sujeito bobo, vaidoso, preguiçoso e desavergonhadamente mulherengo.

Mesmo insatisfeita, ainda tentara salvar o casamento. Planejara férias em família, três semanas de férias, na ilusão de que todos os problemas se resolveriam se Alan passasse algum tempo com Mareie e a conhecesse melhor. Ele trabalhava como crupiê num cassino, e Jorja era garçonete em outro salão de jogos; como seus horários eram desencontrados, praticamente não se viam. Se os três pudessem ficar alguns dias juntos, longe dos problemas, só os três, viajando de carro, talvez ainda pudessem construir um verdadeiro lar.

Infelizmente, mas como seria fácil de prever, a tentativa fracassara. Depois que voltaram a Las Vegas, Alan estava pior do que antes. Simplesmente não resistia a qualquer rabo-de-saia que lhe aparecesse pela frente. Foi como se a viagem tivesse acabado de enlouquecê-lo... Era uma mania, uma obsessão, um desespero. Três meses depois das férias, em outubro daquele ano, ele sumiu de casa. E da viagem sobrou apenas uma boa lembrança: o encontro com aquela linda doutora loira, que viajava de Stanford para Boston... “Minhas primeiras férias!”, dissera ela. Ginger... Ginger Weiss. Isso mesmo: o nome dela era Ginger Weiss.

A doutora Weiss nunca poderia imaginar que provocara um terremoto na vida de Jorja. Jovem, bonita, parecendo tão sozinha no mundo, e, ao mesmo tempo, tão segura, forte e decidida, serviu-lhe de modelo desde o momento em que se encontraram. Jorja sempre se sentira predestinada a morrer de velha como garçonete, incapaz de conseguir qualquer coisa melhor para si e para a filha... Sempre achara que não servia para nada. Quando Alan

fugiu, foi a lembrança de Ginger que lhe deu forças para ir à luta.

Fazia onze meses que estava matriculada na Universidade de Las Vegas como aluna atenta dos cursos de administração de empresas. Sua vida era uma correria eterna, do bar para casa, de casa para a universidade, cuidando de Mareie, das compras, da limpeza, da roupa para lavar... Só quando acabasse de pagar as dívidas que Alan deixara teria condições e dinheiro para abrir seu próprio negócio e começar a viver. Uma *boutique*. O plano estava pronto, polido, livre de tudo que pudesse parecer delírio. Um bom plano, simples e realista: o futuro de Mareie estaria assegurado, sua vida melhoraria, e nada no mundo a faria abrir mão da felicidade.

Pena que Jorja nunca mais viu a dra. Weiss para agradecer-lhe... não pelo que havia feito, porque, na verdade, não fizera nada, mas por ela ser exatamente como era.

Na esquina de Rua Pawnee, Jorja dobrou à esquerda e parou diante da casa de Kara Persaghian. Mareie correu para encontrá-la na calçada e saltou-lhe ao pescoço, gritando:

— Mamãe chegou!

Pela primeira vez naquele dia, Jorja conseguiu esquecer o uniforme de garçonzete, o texano, a briga com o crupiê, o motor do carro que vivia rateando. Mareie era a única pessoa no mundo capaz de fazê-la recuperar a fé e a esperança, principalmente nos momentos em que todas as saídas lhe pareciam bloqueadas.

— Você se divertiu bastante? — a menina perguntou.

— Muito, querida. E você está cheirando a amendoim.

— Kara fez bolinhos. Também me diverti muito... Mamãe, você sabe por que os elefantes preferem viver na América? — Mareie riu. — Porque aqui tem um monte de orquestras e eles adoram dançar! — Mais risadas. — Não é engraçado?

Jorja sabia dos riscos de ser “mae-coruja”, mas sabia também que Mareie era muito bonita. Morena, de cabelos escuros, tinha olhos azuis como o céu do verão, como os olhos de Alan. De repente, a menina fitou-a, espantada:

— Ei! Você sabe que dia é hoje?

— Claro... Já é quase véspera de Natal.

— Só falta escurecer. Tia Kara disse que eu posso levar uns bolinhos para comer em casa. Papai Noel saiu do polo norte e está bem pertinho das chaminés das casas do outro lado do mundo, onde já é noite. Tia Kara disse que eu me comportei mal durante o ano, e por isso vou ganhar só um colar de carvão... Mas é mentira dela, não é, mamãe?

— *Brincadeira* dela — Jorja riu.

— Não, senhora! Não e não! Não estou brincando. — Kara Per-saghian aproximou-se da porta, muito séria, com seu infalível avental preso à cintura. — Você vai ganhar um colar de carvão e, *talvez*, um par de brincos de carvão para combinar.

Mareie riu, feliz, sem olhar para a *baby-sitter* que adorava desde quando a conhecera. Kara aproximou-se levando o casaco da menina, um livro de desenhos para colorir e um prato de bolinhos. Jorja entregou o casaco e o livro à filha e apanhou o prato com um olhar de gratidão eterna. Ia despedir-se, quando Kara pediu:

— Será que eu poderia falar um momentinho com você? Só nós duas?
— Piscou o olho para Mareie.

— Claro... — Jorja acomodou no carro a garota e o prato, e voltou-se.
— O que houve? O que Mareie andou fazendo?

— Nada de grave. Mas aconteceu uma coisa estranha e acho que você precisa saber. Mareie estava falando sobre os presentes que quer ganhar. E disse que só quer uma coisa, o tal de “Médico Infantil”.

— E a primeira vez que ela exige um presente... Não entendo por que inventou essa história de médico.

— Não passa um dia sem que ela fale do “Médico Infantil”. Você já providenciou?

Jorja riu, espiando pela porta para ter certeza de que Mareie não podia ouvi-la:

— Ah, fique sossegada. Papai Noel já anda por aí com um lindo “Médico Infantil” no trenó.

— Ótimo. Ela ficaria muito triste se não ganhasse o presente que está esperando. O que aconteceu hoje deve ter alguma coisa a ver com isso. Ma-

reie já esteve doente alguma vez? Doença séria?

— Séria? Não, graças a Deus! Ela é muito saudável.

— Esteve hospitalizada?

— Nunca. Por quê?

Kara franziu as sobrancelhas.

— Bem... Hoje estávamos conversando e ela, como sempre, falava do “Médico Infantil”... Disse que queria ser médica, para poder tratar de si mesma quando ficasse doente. Disse que não queria mais que nenhum médico tocasse nela, por causa “daqueles médicos”... “Quais?”, perguntei. “Aqueles que me maltrataram tanto”, respondeu. Então eu perguntei o que exatamente ela estava querendo dizer, e Mareie fechou a cara. Até pensei que não fosse responder. Depois de algum tempo, contou, numa voz muito séria, quase aflita, que, uma vez, os médicos a amarraram numa cama de hospital e lhe deram injeções, e a espetaram com agulhas, e jogaram luzes muito fortes em seus olhos, e fizeram “um monte de maldades” com ela. Disse que eram “uns sujeitos muito maus”, e que, por isso, ela queria crescer logo para poder ser médica e curar a si mesma.

— Mas... ela nunca esteve em hospital nenhum... — Jorja balançou a cabeça sem entender. — Por que teria inventado uma história tão... estranha?

— Ainda não é tudo. Quando ela me disse isso, eu fiquei preocupada. Pensei que talvez tivesse acontecido alguma coisa parecida, que ela podia mesmo ter estado doente. E achei que seria bom você me dizer o que houve. Afinal, a menina passa quase todas as tardes comigo e, sei lá... Eu preciso saber o que fazer no caso de uma recaída, ou de um ataque. Você sabe como eu me preocupo com as crianças...

Kara suspirou, sempre encarando Jorja com olhos tensos de preocupação, e prosseguiu:

— Então eu comecei a fazer perguntas sobre a tal doença. Sem pressionar, é claro, com muita calma, sem deixar que ela perce-

besse todo o meu interesse... De repente, a coitadinha explodiu em lágrimas. Não, não é força de expressão: ela *explodiu* mesmo. Estávamos na cozinha, eu fazendo os bolinhos, e Mareie olhando. De repente, ela começou a chorar e a tremer como vara verde. Tentei acalmá-la, coloquei-a no colo, fiz

carinho... Nada adiantou. Quanto mais eu me esforçava, mais ela chorava e tremia. Até que saltou de meu colo e fugiu... Fui encontrá-la na sala, encolhida num canto, atrás da cadeira de balanço... Parecia que queria se esconder de alguém, de alguma coisa perigosa.

— Meu Deus... — Jorja murmurou, perplexa.

— Levei mais de cinco minutos para convencê-la a sair do canto e parar de chorar. Só começou a se acalmar quando me fez pro-rpeter que, caso “aqueles médicos” voltassem para buscá-la, eu trancaria a porta e não os deixaria entrar... — Kara suspirou novamente. — Foi muito estranho. Ela estava *em pânico*

No carro, a caminho de casa, Jorja disse para a filha:

— Bonita história você inventou hoje... Kara me contou tudo.

— Que história? — Mareie levantou os olhos, intrigada e séria.

— Aquela história sobre os médicos.

— Oh...

— Amarrada na cama do hospital... Como é que você foi inventar uma coisa dessas?

— Eu não inventei — protestou a menina. — E verdade.

— Claro que não é!

— E, mamãe, é verdade, sim... — A voz mal lhe saía da garganta.

— Até hoje você só esteve num hospital, na maternidade onde nasceu.

E tenho certeza de que não se lembra de nada — Jorja suspirou. — Você se lembra do que a gente falou sobre isso de inventar histórias? O que aconteceu com o Pato Donald quando ele começou a inventar histórias?

— A Fada Boa apareceu e disse que ele não podia ir na festa da marmota.

— Exatamente.

— E muito feio inventar coisas — Mareie concordou. — Ninguém gosta de gente que inventa coisas. Nem os esquilos, nem as marmotas.

— Claro — Jorja não pôde deixar de rir. — Ninguém gosta... nem os esquilos.

No sinal vermelho, Jorja parou o carro e olhou para a filha, que se mantinha rígida no assento, fitando o espaço a sua frente.

— O pior de tudo é inventar coisas só para preocupar o pai ou a mãe — disse Mareie sempre muito séria.

— ... ou qualquer outra pessoa que goste de você — completou a mãe.
— Kara, por exemplo, ficou muito preocupada com a história que você inventou.

— Mas eu não queria que ela ficasse preocupada!

— Não? Só queria se fazer de gente grande? Por que inventou tudo aquilo? Você nunca esteve num hospital!

— Estive, sim.

— Ah, é? E quando?

— Não consigo me lembrar.

— *Lembrar?!*

— As vezes parece que vou me lembrar... mas logo esqueço outra vez. A teimosia da menina começava realmente a irritá-la. Jorja franziu a testa e insistiu:

— Pois eu quero saber de tudo, e agora mesmo. Onde fica esse hospital?

— Não sei... Nunca me lembro de tudo... Quando parece que vou me lembrar de tudo... eu fico com medo.

— Como agora?

— *Agora*, não. Mas à tarde, quando tia Kara perguntou, eu me lembrei... e fiquei com medo...

O sinal mudou, e Jorja calou-se, precisava encontrar um modo de fazer a menina entender que estava confundindo realidade e fantasia. Ah, pobres das mães que pensam que sabem tudo sobre os filhos! Não passava uma semana sem Mareie inventar uma novidade: gestos, atitudes, histórias e, principalmente, perguntas que a deixavam sem resposta. Parecia que todas as crianças do mundo

conheciam um livro inalcançável aos adultos, onde havia milhares de perguntas impossíveis de ser respondidas, uma para cada dia da semana.

Como se acabasse de consultar o tal livro e tivesse encontrado a pergunta do dia, Mareie levantou os olhos para a mãe:

— Por que é que Papai Noel prefere aqueles “aleijadinhos”?

— Que *aleijadinhos*? — Jorja arregalou os olhos.

~ Os anões que andam com ele. Os filhos dele e da Mamãe Noel... Por que nasceram aleijados?

— Em primeiro lugar, os anões não são filhos de Papai Noel; apenas trabalham para ele.

— Será que ganham bem? E recebem gorjetas?

— Não, querida. Os anões não recebem nem salário nem gorjetas.

— Mas então... como é que compram comida?

— Papai Noel dá tudo para eles: casa, comida, roupa lavada...

Com certeza, no próximo Natal Mareie já não acreditaria em

Papai Noel. Tantas perguntas! Quanto mais ela perguntava, mais Jorja sentia que a filha estava crescendo, e achava isso uma pena. Ela vivia os últimos meses de fantasia, os últimos meses mágicos da vida.

— Os anõezinhos são como a família de Papai Noel — explicou. — Trabalham porque gostam do que fazem, e adoram andar por aí na época do Natal.

— Então... Papai Noel adotou os anões? Será que ele e Mamãe Noel não podiam ter filhos? Coitados!

— Não é nada disso... eles não precisam de filhos, porque já têm os anões para amar.

Obrigada, meu Deus, por ter me dado Mareie... Deus, obrigada, obrigada por ela... Pena que o preço de tamanha alegria tivesse sido amar aquele cafajeste do Alan Rykoff. A lei das compensações...

Entrou na esquina do Los Huevos, o condomínio onde morava, e estacionou o carro na garagem número quatro. Los Huevos: os ovos. Cinco anos depois de ter-se mudado para aquele prédio, Jorja ainda não conseguia entender por que alguém batizaria assim um edifício.

Mal o carro estacionou, Mareie correu para a entrada do prédio, carregando o livro de colorir e o prato de bolinhos. Já não parecia preocupada com médicos nem com anões adotados. Jorja seguiu-a, pensando se seria o

caso de voltar ao assunto do hospital e obrigá-la a falar mais. Decidiu adiar a conversa; afinal, era véspera de Natal, tinham um feriado pela frente, e nada justificaria estragar a festa da menina.

A primeira vista, pelo menos, ela parecia ter entendido que a mãe não estava satisfeita com tantas fantasias... Verdade que ainda não se rendera quanto à história dos médicos, porém acabaria esquecendo tudo aquilo. De que valeria insistir para fazê-la esquecer um assunto que, talvez, já estivesse mesmo esquecido? Bobagem... Mareie teria um bom Natal, e isso era a única coisa verdadeiramente importante para Jorja. Os médicos não voltariam a perturbar-lhe a paz familiar.

5. LAGUNA BEACH, CALIFÓRNIA

Dominik Corvaisis releu o bilhete anônimo mais de cem vezes:

O sonâmbulo deverá procurar no passado a origem de seu problema. E lá que está sepultado o segredo.

Além de não trazer endereço do remetente, o envelope estava tão amassado que era impossível decifrar o carimbo da cidade onde fora posto no correio.

Dom pagou a conta do desjejum no Cottage, voltou para o carro, sentou-se e novamente releu o bilhete. A seu lado, o primeiro exemplar do *Crepúsculo* jazia esquecido sobre o assento. Num gesto automático ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e apanhou dois comprimidos de calmante. Estava a ponto de engoli-los a seco, mas parou, a mão junto aos lábios. Não. Para descobrir o que significava aquele bilhete tinha que manter as idéias em ordem. E, pela primeira vez em muitas semanas, conseguiu resistir à tentação de fugir aos problemas. Os comprimidos voltaram para o bolso da jaqueta.

Como ainda precisava comprar alguns presentes, dirigiu-se ao Shopping Center de Costa Mesa. Andou de loja em loja, escolhendo o que queria, e, enquanto esperava os pacotes, invariavelmente relia o bilhete. O autor seria Parker? Talvez o amigo quisesse assustá-lo, dar-lhe uma sacudida para obrigá-lo a esquecer os comprimidos. Bem que Parker seria capaz de tal loucura,

com aquelas suas idéias de choque terapêutico! Não... era absurdo... Por mais que adorasse lances teatrais e não perdesse chance de fazer o papel de psicoterapeuta amador, ele não chegaria a tanto. Preferia ir direto ao assunto, às vezes até direto demais! Bem, se não escrevera o bilhete, com certeza teria mil idéias sobre o autor. Juntos, talvez conseguissem descobrir alguma coisa e armar uma nova estratégia para enfrentar o futuro.

De volta a Laguna, a menos de um quarteirão da casa do amigo, Dom teve outra idéia, muito estranha, tão estranha que, para poder pensar, foi obrigado a estacionar o carro junto ao meio-fio. Tirou o bilhete do bolso e correu os dedos pelo papel, sentindo um calafrio pelas costas. No espelho retrovisor viu a imagem de seus próprios olhos, cheios de horror. E se ele mesmo tivesse escrito o bilhete durante uma das crises de sonambulismo? Quase impossível... Como teria se vestido dormindo e saído de casa para procurar uma caixa de correio e remeter o envelope? Como teria voltado para casa, trocado de roupa e se deitado de novo sem despertar? Impossível... Ou não? De qualquer modo, se fizera tudo aquilo para mandar um recado a si mesmo... estava muito pior do que imaginava! Assustado, enxugou na calça as mãos úmidas de suor.

Apenas três pessoas, no planeta, sabiam das crises de sonambulismo: o próprio Dom, Parker Faine e o dr. Cobletz. Se não podia ser ele, se Parker já estava eliminado... teria sido o dr. Cobletz? Claro que não! Mas então... quem?

Dom ligou o motor, manobrou o carro e, em vez de procurar Parker, voltou para casa. Dez minutos depois, no escritório, sentou-se diante do computador e tirou do bolso o bilhete amassado. Digitou o texto e viu-o aparecer no monitor, em brilhantes letras verdes. A seguir, acionou a impressora e esperou pela primeira cópia, ouvindo o matraquear dos tipos. Conforme a programação que usava sempre, a impressora produziu duas vias, cada uma com um tipo de letra. Com um código acessório, Dom instruiu a máquina para fazer mais duas cópias nos dois outros tipos possíveis, e marcou cada cópia com o nome do tipo usado: *Prestige Elite*, *Artisan 10*, *Courrier 10*, *Letter Gothic*. Então apanhou as quatro cópias e colocou-as sobre a mesa, ao lado do bilhete original, esperançoso de comprovar que o bilhete fora impresso

num tipo diferente e que, portanto, não era ele o autor. Não deu certo. Uma das cópias, no tipo *Courrier 10*, parecia irmã gêmea do bilhete. Claro que isso não eliminava a hipótese de qualquer outra pessoa ter em casa ou no escritório um computador idêntico ao seu e uma impressora programada com o mesmo tipo. Quantas impressoras com *Courrier 10* podiam existir em todo o país? Milhares? Milhões?

Dom comparou o papel das cópias com o do bilhete: nada de excepcional. O bilhete fora escrito em papel comum, vendido às resmas em qualquer papelaria de bairro dos cinquenta Estados do país. Ainda assim, ele ergueu a folha contra a luz procurando alguma possível marca de água. Não encontrou nenhuma. Aquele papel comum e sem marca bem podia ter saído do estoque de sua impressora. As alternativas continuavam sendo as mesmas: Parker, o dr. Cobletz ou o próprio Dom. Quem mais poderia saber?

Além disso, o que significava aquele bilhete? Que segredo poderia estar sepultado em seu passado? Algum trauma de infância? Alguma experiência reprimida, soterrada em seu inconsciente, buscando uma saída através do sonambulismo?

Ainda sentado diante do computador, olhando para o nada cada vez mais tenso, lembrou-se do calmante no bolso da jaqueta, mas resistiu à tentação. Sentia que o cerco a sua volta se fechava mais e mais, porém, igualmente, sentia que só poderia se salvar se lutasse com todas as forças, com toda a sua capacidade de raciocínio, com todos os sentidos mobilizados. Precisava concentrar-se e pensar muito até entender o que estava acontecendo... Aos poucos, conseguiu acalmar-se e, outra vez, resistiu à tentação de, através dos remédios, refugiar-se de novo em sua toca de coelho.

Pela primeira vez em várias semanas começava a sentir-se em paz consigo mesmo. Sabia que estava em dificuldades e não podia contar com a ajuda de ninguém. Estava só... mas ainda não perdera completamente a capacidade de pensar. Ainda haveria de retomar as rédeas de seu próprio destino.

Pensativo, com o bilhete na mão, levantou-se e deu alguns passos pela casa, até aproximar-se da janela. Lá fora, junto ao por-taozinho de entrada, viu a caixa de correspondência, embutida numa pequena coluna de tijolos, brilhando sob a luz azulada do poste da rua. Raramente lembrava-se de abrir

aquela caixa, porque raramente recebia correspondência em casa. Quando muito, encontrava ali anúncios de eletrodomésticos e um ou outro pedido de ajuda de alguma associação de caridade do bairro. Olhando a caixa de longe, Dom lembrou-se de que não a abria já havia tempos e saiu.

A rua estava calma, soprava uma brisa fria carregada do cheiro do mar. A luz da lâmpada de mercúrio, Dom abriu a caixa de correspondência e recolheu quatro catálogos, seis cartões de Natal... e um envelope branco, comum, sem endereço ou nome do remetente. Curioso e assustado, correu de volta para casa e foi até o escritório, rasgando o envelope pelo caminho. Encontrou uma única folha de papel onde leu:

A Lua.

Um discurso de mil palavras não o teria assustado mais. Parecia-lhe que, de repente, o chão se abria sob seus pés e ele começava a cair, a cair... como Alice, no País das Maravilhas, mergulhando na toca do Coelho Branco, cada vez mais fundo, em direção a outro mundo, de onde nem a lógica nem a razão poderiam arrancá-lo.

— “A Lua”. Não era possível! Ninguém sabia que tivera aquele sonho, incompreensível e assustador, que o fizera despertar num mar de suor frio, repetindo: “A Lua”, “A Lua”... Nem que escre-

vera as mesmas palavras centenas de vezes durante uma crise de sonambulismo. Não contara a ninguém, nem a Parker, nem ao dr. Cobletz, com medo de que achassem que ele estava piorando, que os comprimidos não estavam surtindo efeito. Ainda mais: não entendia o que as duas pequenas palavras podiam querer dizer, mas elas lhe davam medo! O que poderia haver em “A Lua” para fazê-lo espiar por sobre o ombro, apavorado, para certificar-se de que não havia ninguém por perto? O que o impedira de contar o sonho a alguém? Simples: o medo de que o dr. Cobletz suspendesse o tratamento com os comprimidos; o medo de enlouquecer se não tomasse os remédios. Simples.

“A Lua”. Merda! Ninguém sabia do sonho.

Ninguém... além dele mesmo.

Dom girou o envelope entre os dedos, trêmulo. Foi então que viu a marca do carimbo. Desfazia-se o mistério: o envelope fora postado em Nova

York. Estado de Nova York, no dia 18 de dezembro, quarta-feira da semana anterior.

Ele quase riu alto. Então, ainda não estava completamente louco! Não mandara cartas para si mesmo. Não teria sido possível! Não havia a menor sombra de dúvida de que, no dia 18 de dezembro, estava em Laguna Beach, a quase cinco mil quilômetros de distância da agência dos correios onde aquele envelope fora entregue! E, com toda a certeza, também o outro, o do bilhete sobre o passado.

Mas então... quem os enviara? E por quê? Quem, em Nova York, poderia saber de suas crises de sonambulismo... do sonho... de “A Lua” que escrevera no computador?

Milhares de perguntas, e nenhuma resposta. E o pior é que ele não sabia por onde começar a decifrar tamanho enigma. Encontrava-se numa situação muito estranha. Será que a lógica o ajudaria a resolver tudo aquilo?

Passara dois meses pensando apenas nas crises de sonambulismo, como se andar dormindo pela casa fosse a coisa mais terrível que pudesse acontecer a um homem... a ele, pelo menos. De repente, começava a perceber que o pior ainda estava por aconte-

cer. Era possível explicar e entender o sonambulismo, mas o que haveria atrás de tudo aquilo?

Lembrou-se da primeira mensagem que encontrara no computador: “Estou com medo”. Do que poderia ter tanto medo? O que... ou *quem* o assustava tanto a ponto de levá-lo a esconder-se pelos cantos, a ponto de fazê-lo pregar as janelas e erguer barricadas diante das portas?

Não... O sonambulismo nada tinha a ver com *stress*! A ansiedade nada tinha a ver com a publicação do *Crepúsculo*... Nada disso! A explicação era outra. Mais complicada. Muito mais estranha. O que poderia ser? O que seria ainda mais terrível do que o medo?

Alguma coisa que ele via quando dormia, e que era incapaz de entender quando estava acordado.

6. NEW HAVEN COUNTY, CONNECTICUT

O céu já nao parecia tão ameaçador como antes de escurecer, mas a luz ainda não surgira. Algumas estrelas, aqui e ali, brilhavam na escuridão.

Sentado na neve, no ponto mais alto de uma colina, encostado no barranco, meio escondido entre os pinheiros, Jack Twist esperava a passagem de um carro blindado. Já estava trabalhando outra vez, menos de três semanas depois de ter posto as mãos em mais de três milhões de dólares pertencentes à Máfia. Usava botas, luvas, jaqueta branca, gorro de lã enfiado até as orelhas e amarrado sob o queixo. Pouco abaixo, a sudoeste, avistava as luzes de uma construção, porém estava mergulhado na escuridão, apenas sentindo as ondas de vapor que lhe saíam do nariz. A nordeste, estendiam-se quilômetros de campos gelados e escuros, demarcados apenas por algumas raras árvores enegrecidas de frio. Do outro lado havia algumas fábricas, lojas, bairros residenciais. Jack não podia vê-los, mas pressentia-os no brilho que divisava ao longe, no horizonte.

De repente apareceram os faróis. Jack apanhou o binóculo de lentes sensíveis a raios infravermelhos e focalizou o veículo que se aproximava pela rodovia secundária. Apesar do estrabismo no olho esquerdo, tinha excelente visão; com a ajuda do binóculo, logo constatou que não se tratava do carro blindado, e, portanto, não lhe interessava. Depositou o binóculo no chão coberto de neve e continuou esperando. Então voltou-lhe à mente a lembrança de outra noite de espera, mais quente, mais úmida, na selva da América Central. De comum entre as duas noites havia apenas o binóculo. Agora esperava um carro blindado que pretendia assaltar. No passado esperava as tropas inimigas, que cada vez mais fechavam o cerco a seu regimento.

Apenas vinte soldados, a elite da tropa especial, compunham o regimento comandado pelo tenente Rafé Eikhorn; Jack era o subcomandante. Haviam penetrado em território hostil, mas, até aquele momento, o inimigo não dera sinais de ter percebido a invasão de suas linhas. Se fossem descobertos, poderiam tentar convencer os guerrilheiros de que estavam em missão de reco-

nhecimento e se haviam perdido na selva. Difícil seria explicar-lhes por que seus uniformes não exibiam as divisas do exército regular e por que não portavam identificação oficial.

A missão tinha um único objetivo: destruir o campo de “reeducação” — que nome cínico! — intitulado Instituto da Fraternidade Universal e libertar os índios miskito que o Exército do Povo mantinha confinados. Duas semanas antes, dois valentes padres católicos haviam conseguido escapar do país, levando mil e quinhentos índios. Os padres disseram que os índios seriam massacrados e enterrados em vala comum, a menos que fossem resgatados imediatamente.

Os miskitos orgulhavam-se de suas raízes tradicionais e da cultura de seus antepassados e recusavam a barata filosofia coletivista dos líderes políticos que acabavam de assumir o poder no país. Mais dia menos dia seriam mortos, em nome da lealdade ao próprio passado. Genocídio. Massacre. Os novos governantes não pareciam dispostos a esperar muito. Precisavam eliminar todos os focos de resistência para firmar-se no poder.

Obviamente, o Exército americano, não designaria vinte de seus melhores soldados apenas para salvar um bando de índios rebeldes. No mundo inteiro havia ditadores de todos os tipos, uns de direita, outros de esquerda, e sempre haveria rebeldes, mais ou menos tradicionalistas, mais ou menos de esquerda ou de direita. Os ditadores viviam mandando matar gente, e os Estados Unidos não podiam estar presentes ao mesmo tempo em todos os lugares lutando para impedir que os mais fracos fossem assassinados pelos mais fortes.

A verdade era que além dos miskitos, havia naquele Instituto da Fraternidade Universal onze homens que valia a pena salvar. Talvez porque haviam sido valentes até o último momento, denunciando as atrocidades do novo regime... Talvez, é claro, porque possuíam informações que o governo americano considerava de grande valia para a deposição do governo inimigo que acabava de impor-se ao povo. No que dizia respeito a Washington, não parecia haver dúvidas de que aqueles onze homens valiam o risco da vida de seus melhores soldados. Por isso é que Jack Twist lá estava.

O regimento conseguiu chegar até o instituto, um verdadeiro campo de concentração, cercado de arame farpado com altas torres de guarda. Do lado de fora da cerca, um prédio de concreto, com dois andares, alojava a administração do campo, e algumas velhas barracas remendadas abrigavam as tropas da guarda.

Pouco depois de meia-noite, o regimento americano cercou prédio e barracas, e abriu fogo. Após o primeiro ataque, começaram os combates corpo-a-corpo. Meia hora depois do último tiro, os índios e os onze homens mais felizes que Jack já vira andavam em fila indiana através da selva, em direção à fronteira.

Dois soldados morreram e três estavam feridos. O comandante Rafe Eikhorn puxava a longa fila que se arrastava pela selva. Jack e três outros soldados fechavam o cortejo, cobrindo a retaguarda e levando os arquivos secretos do instituto — registros de interrogatórios, tortura e assassinatos de índios e camponeses. So deixa-

ram o instituto depois do último prisioneiro quando a coluna de Rafe Eikhorn já estava a mais de três quilômetros de distância.

Jack e os três soldados foram rápidos, mas nem assim conseguiram alcançar a coluna. Estavam ainda a vários quilômetros da fronteira de Honduras quando, antes do amanhecer, foram interceptados por helicópteros inimigos, que desciam do céu como um enxame de vespas negras, deixando cair guerrilheiros e bombas por todos os lados. Os índios e os soldados que acompanhavam Rafe conseguiram escapar com os outros prisioneiros libertados, porém Jack e seus três homens foram capturados e levados para outro dos muitos institutos de fraternidade universal que havia no país — na verdade, para o pior de todos que sequer era regis-‘trado oficialmente. Seria danoso para a imagem do novo governo se, de repente, os povos do mundo tomassem conhecimento de que o novo paraíso operário abrigava uma pocilga como aquele centro de reeducação, onde, em nome da liberdade, pessoas eram mutiladas, torturadas e mortas. Na melhor tradução da ficção de George Orwell, o campo para o qual Jack fora levado não tinha nome, e, como não tinha nome, não existia.

Os prisioneiros também não tinham nome, nem as celas tinham número. Jack e outros três soldados exemplares do exército americano sofreram torturas físicas e psicológicas, foram humilhados e degradados, passaram fome e frio, viram-se obrigados a conviver dia e noite com ameaças de novas torturas ou de execuções simuladas. Um deles morreu e outro enlouqueceu; apenas Jack e seu melhor amigo, Oscar Weston, conseguiram manter a vida e a sanidade mental durante os onze meses e meio em que permaneceram presos.

Oito anos depois, sentado na neve, com as costas apoiadas num barranco em Connecticut, à espera de um carro blindado, Jack sentia cheiros e ouvia ruídos que não faziam parte daquela noite gelada. Passos de botas num corredor de concreto. O fedor dos baldes cheios de fezes e urina. Os uivos de medo dos prisioneiros que os torturadores iam buscar para outra sessão de interrogatório.

Jack fechou os olhos e respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar limpo e gelado de Connecticut. Raramente pensava naqueles dias de horror. Para ele, o pior ocorrera depois que fugira de lá, depois que soubera o que havia acontecido com sua Jenny. O inferno em que vivera na América Central não conseguira destruí-lo, mas o que o mundo fizera com Jenny deixara-o arrasado. Outros faróis surgiram no horizonte. Jack muniu-se do binóculo: era o carro blindado que se aproximava. O relógio marcava 9:38. Pontual, como todas as noites da semana. Apesar do feriado do dia seguinte, a melhor companhia de transporte de valores do país jamais se atrasava...

Jack ajoelhou-se e abriu a valise de couro que estava a seu lado no chão. Continha um rádio, sintonizado na frequência do aparelho do carro blindado. O motorista comunicava-se com um dos postos de assistência instalados ao longo do caminho:

- Três-zero-um na escuta — disse alguém.
- Rena — o motorista respondeu.
- Rodolfo.
- Rede.

O posto fizera contato chamando o número do carro e o motorista respondeu com a senha adequada confirmando que tudo estava bem com o carro 301. Uma senha para cada dia da semana.

Jack desligou o rádio, fechou a valise e voltou-se para ver o carro blindado passar a poucos metros de seu posto de observação. Seu plano estava pronto. O carro 301 era pontualíssimo, e ele não precisaria voltar àquela colina até a noite do assalto, marcado, em princípio, para o sábado, dia 11 de janeiro. Faltava-lhe apenas acertar os últimos detalhes.

Em geral, Jack gostava tanto de planejar quanto de agir. Naquela noite, contudo, voltando para o carro que deixara estacionado numa rua tranqüila, onde não chamaria a atenção de ninguém, ia cabisbaixo e pensativo. Talvez começasse a perder também a capacidade de se divertir com a espera da execução de um plano criminoso. Estava muito mudado... e não conseguia entender a razão.

Ao aproximar-se do carro, a noite já não estava tão escura. Ele olhou para cima e viu a lua brilhante, amarelada, imensa como se tivesse crescido muito em sua viagem pelo espaço e ainda estivesse crescendo. Parou de repente, os olhos fixos nela, o queixo para cima, sem conseguir mover-se. Sentiu um calafrio na espinha, uma espécie de arrepio nos ossos...

— A Lua — murmurou.

Com o som da própria voz, o arrepio alastrou-se pela pele, por todo o corpo. Era preciso fugir dali... rápido, rápido! Antes de ser corroído pela luz ácida que parecia pingar da Lua. Alguma coisa começava a amolecer dentro dele... Era preciso fugir!

O medo passou tão repentinamente como surgira. Jack não conseguia entender o que havia acontecido. O que teria a Lua a ver com aquilo? A Lua... a mesma velha Lua de sempre, das canções de amor e dos poetas. Muito estranho. Continuou a andar na direção do carro, mas não esquecia a Lua e, meio sem querer, ainda virou-se para olhá-la, testa franzida.

No carro, dirigindo para New Haven, afinal, conseguiu parar de pensar na Lua. Jenny, como sempre, ocupava-o inteiro, coração e cérebro... No Natal, então, era ainda mais triste pensar que ela estava no hospital, em coma irreversível.

Mais tarde, da janela do apartamento, olhando a cidade iluminada, com uma garrafa de cerveja na mão, Jack concluía que, da Rua 261 ao Park Row,

de Bensonhurst a Little Neck, não existia na cidade alguém mais solitário do que ele naquela véspera de Natal.

7. DIA DE NATAL

Elko County, Nevada

Sandy Sarver acordou logo que o dia nasceu, clareando o *tm-ler*. O mundo parecia ainda não ter despertado, como se o tempo também estivesse suspenso. Se quisesse, ela poderia virar-se para o lado e continuar dormindo, pois estava de férias e ainda tinha

oito dias de folga pela frente. Ernie e Faye Block haviam fechado o motel e viajado para Milwaukee, a fim de passar o Natal com os netos. O restaurante também estaria fechado, pelo menos durante o Natal. Mas Sandy sabia que não conseguiria dormir outra vez. Estava acordada, bem acordada, e espreguiçou-se como uma gata. Pensou que seria bom acordar Ned, beijá-lo, fazê-lo montar nela, mas Ned era apenas uma sombra nas sombras do quarto. Embora estivesse ardendo de vontade, resolveu deixá-lo dormir mais um pouco. Teria muito tempo para fazer amor à tarde. Saiu da cama sem fazer ruído, foi até o banheiro e abriu o chuveiro. Achou prudente começar o banho com água morna e concluí-lo com uma ducha gelada.

Durante anos Sandy habituara-se à idéia de que era frígida e não tinha interesse por sexo; bastava ver-se nua no espelho para corar de vergonha. De repente, sem mais nem menos, tudo começou a mudar... De repente, seu corpo começou a aquecer-se e o sexo passou a parecer... interessante! Dito assim parecia bobagem. Qualquer um sabe que sexo é interessante, mas até pouco tempo atrás, para ela, sexo era obrigação. De repente... o corpo acordou: deliciosa surpresa e mistério indecifrável.

Depois do banho, voltou nua para o quarto e vestiu uma blusa de lã e a calça jeans. Então foi até a minúscula cozinha do *trailer* para preparar um suco de laranja, porém mudou de idéia. Preferia sair e dirigir um pouco. Deixou um bilhete para Ned, vestiu o casaco forrado de lã de carneiro e correu para a camioneta. Dirigir era sua segunda nova paixão na vida, a maior

felicidade do mundo depois de fazer amor. Outra estranha mudança. Até pouco tempo atrás, Sandy não só detestava dirigir, como achava um tormento viajar em qualquer veículo. E de repente...

Não havia mistério algum em entender sua antiga aversão a sexo. A culpa era de seu pai, Horton Purney, homem calado, mesquinho e terrivelmente perigoso. Sandy não chegou a conhecer a mãe, que morreu de parto quando ela nascera. Mas o pai... conhecera-o muito bem, bem demais. Morava com ele num casebre em ruínas nos arredores de Barstow, nos limites do deserto da Califórnia. Suas primeiras lembranças da infância eram lembranças do pai, usando e abusando dela na cama. Até o dia em que Sandy conseguiu fugir de casa, aos quatorze anos, seu pai serviu-se dela o quanto quis, como se ela não passasse de um brinquedo erótico.

Seu problema com relação a qualquer veículo motorizado também estava relacionado com o pai. Horton resolvera montar uma oficina de conserto de motocicletas no velho galpão que havia nos fundos da casa. Jamais ganhara um tostão com o negócio, mas, uma vez a cada seis meses, obrigava Sandy a viajar com ele, duas horas e meia de pesadelo, até Las Vegas, onde conhecia um sujeito chamado Samson Cherrick. Cherrick tinha um caderninho com nomes e telefones de tarados que gostavam de alugar garotinhas. E Cherrick adorava ver Sandy. Depois de algumas semanas em Las Vegas, voltavam para casa, de carro, e seu pai tinha os bolsos cheios de dinheiro. Para Sandy, a viagem a Las Vegas constituía um tormento, porque ela sabia perfeitamente o que a esperava lá. No entanto, a viagem de volta era pior do que qualquer pesadelo, porque significava voltar para a casa suja e malcheirosa... e para a cama imunda onde a esperava a fome insaciável daquele porco chamado Horton Purney. Para a frente ou para trás, sentia-se presa a uma estrada que só podia levá-la à desgraça... Com o tempo, o medo contaminou todas as lembranças: o vento da estrada, o cheiro de poeira, o ronco do motor, o chiado dos pneus no asfalto. E a maldita estrada!

Sentir prazer na cama, com o marido, era como um milagre. Parecia impossível acreditar que um dia poderia esquecer a dor do passado, o veneno que contaminava todas as suas alegrias, transformando o prazer em dor e em pecado. Até que, dois meses atrás, no verão, tudo simplesmente mudou! E

continuava mudando. Era como renascer, limpa, nova, rompendo as cadeias uma a uma. Sentia-se digna de respeito, pela primeira vez na vida... Sentia-se livre!

Entrou na camioneta e deu a partida. O *trailer* estava estacionado num lote de terra próximo a Beowawe, uma cidade tão pe-

quena que não existia, ao lado de uma estrada que era quase uma picada. Sandy enveredou por ela e dobrou em direção ao norte. Passando por Beowawe, logo chegaria à Rodovia Oitenta, e então poderia ir para leste, até Elko, ou para oeste, na direção de Battle Mountain. Acabou decidindo-se pelo sul, entrando por uma estradinha esburacada que não criou problema algum nem à camioneta de tração nas quatro rodas, nem à risonha motorista que a dirigia em alta velocidade. Em quinze minutos, chegou a um entroncamento e escolheu continuar em direção ao sul, entrando cada vez mais na paisagem deserta e desolada. Com uma guinada na direção, saiu da estrada e entrou, à direita, numa estreita picada apenas marcada sobre a terra nua pelo sulco de poucos e raros pneus.

Havia alguns vestígios de neve acumulada de longe em longe. No horizonte, as montanhas brilhavam, muito brancas, mas na planície havia pouca neve para a época de Natal. Cá e lá, via-se uma árvore ainda branca, ou uma pequena elevação de terra mantendo ainda um pouco de neve, ou ainda um arbusto seco guardando restos de neve entre os galhos. No conjunto, porém, a paisagem parecia nua, seca e marrom. Os pneus levantavam uma nuvem de poeira.

Sandy seguiu em frente, depois fez uma volta, rodou um pouco para o norte, virou à esquerda e, afinal, chegou a um lugar conhecido, ao qual não planejava ir. Fazia já algum tempo que, ao sair de carro sem destino, acabava chegando àquele lugar. Nunca tomava o mesmo caminho. Cada viagem era uma surpresa, e todas acabavam exatamente ali. Era difícil explicar, mas havia naquela paisagem alguma coisa que a acalmava. Talvez fossem as colinas, ou as pedras que pareciam aproximar as montanhas, ou a grama — nem sabia, mas achava o conjunto muito agradável à vista. Para dizer a verdade, o lugar em nada diferia de centenas de outros pedaços de terra pelas redondezas. Mas era ali que Sandy se sentia em paz.

Ela desligou o motor e desceu da camioneta. Deu alguns passos a esmo, as mãos metidas nos bolsos da jaqueta de lã de carnei

ro, esquecida do frio. Por caminhos complicados, acabara aproximando-se da Rodovia Oitenta. Alguns poucos quilômetros adiante, via os caminhões que trafegavam, escutava o ronco dos motores. Mas era feriado, e havia pouco movimento na estrada. Do outro lado estavam o Motel Tranqüilidade e o restaurante, mas Sandy apenas correu os olhos naquela direção. O que a atraía estava à frente, talvez na terra, talvez no ar, mas ali, era onde ela se sentia em casa. Ali, onde a paz nascia das pedras. Como o calor que o chão irradia à tardinha, depois de um dia de sol muito quente. Não estava preocupada em descobrir por que gostava tanto daquela lugar. Bastava-lhe sentir a beleza que parecia brotar de cada galho seco e de cada torrão de terra. Ninguém precisa tentar entender por que acha belo o ocaso, ou por que prefere rosas a cravos ou jasmims.

Naquela manhã de Natal, Sandy ainda não sabia que estava pisando a mesma terra em direção à qual Ernie Block fora praticamente arrastado, no dia 10 de dezembro, ao voltar de Elko, sem compreender como ou por quê. Também não sabia que Ernie vivera ali uma espécie de transe, exaltação e medo, emoções completamente diferentes das que ela experimentava. Ainda passariam semanas, até descobrir que aquele lugar exercia uma atração estranha, e muito forte, sobre várias outras pessoas, gente amiga, que ela ainda não conhecia.

Chicago, Illinois

Foi a manhã de Natal mais atribulada da vida do padre Stefan Wyczalik, aquele polonês incansável, pároco de Santa Bernardete, salvador de padres em conflito. A medida que passavam as horas, a manhã complicou-se, até se transformar no mais fantástico Natal de quantos havia tido ou teria. Depois da missa, recebeu os paroquianos que queriam cumprimentá-lo e oferecer-lhe cestas de frutas ou pratinhos de bolo, e foi até o Hospital Universitário para visitar Winton Tolk, o patrulheiro ferido durante o assalto ao bar no centro da cidade. Tolk fora operado e passara a tarde e a noite na Unidade de Terapia Intensiva; de manhã, twnstcriranwio para um dos quartos anexos à UTI, porque já superara a fase crítica.

Quando o padre Wycazik chegou, encontrou Raynella Tolk, a mulher do patrulheiro, sentada ao lado da cama. Era uma mulata bonita, de pela cor de chocolate e cabelos bem cuidados.

— Senhora Tolk? Sou Stefan Wycazik — apresentou-se.

— Mas...

O velho pároco sorriu e procurou tranqüilizá-la:

— Acalme-se. Não estou aqui para dar a extrema-unção a seu marido.

— Ainda bem... — murmurou Winton. — Não tenho a menor intenção de morrer.

Consciente e atento, o patrulheiro apresentava excelente aparência. Estava quase sentado na cama, as costas apoiadas no estrado erguido; tinha o peito envolto em bandagens, vários eletrodos colados ao tórax e um cateter preso à agulha espetada em sua mão. Com certeza ainda estava recebendo glicose e antibióticos, mas parecia encontrar-se em franca recuperação.

O padre Wycazik ficou parado junto aos pés da cama, girando o barrete entre as mãos. De repente, dando-se conta do que fazia, jogou o barrete sobre uma cadeira próxima.

— Senhor Tolk, se acha que está em condições de falar, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o que houve ontem — disse, e, notando os olhares intrigados do casal, tentou explicar-se melhor: — Brendan Cronin, o rapaz que acompanhou vocês no patrulhamento durante a semana toda, é... meu funcionário.

— Esse é um homem que eu queria ver! — Raynella exclamou, o rosto iluminando-se.

— Ele me salvou a vida — Tolk suspirou. — Fez uma loucura! Uma coisa que nunca devia ter feito... Mas sou obrigado a admitir que, se Brendan não tivesse agido como louco, eu não estaria aqui, agora.

— O senhor Cronin entrou no bar sem saber se algum assaltante ainda estava escondido por lá — explicou Raynella. — Correu o risco de ser assassinado!

— Nossos regulamentos proíbem que qualquer policial faça o que ele fez. Se a situação fosse invertida... quero dizer, se ele estivesse em meu lugar, eu não poderia entrar no bar — o patrulheiro informou. — O senhor en-

tende, não é? Eu não daria a Brendan uma medalha por bravura... mas devolhe a vida.

O pároco franziu as sobrancelhas. Já sabia de tudo aquilo desde a véspera, depois de uma longa conversa com o chefe de Tolk, seu velho amigo. Winton Tolk era o segundo homem, em apenas algumas horas, que elogiava a coragem de Brendan e chamava-o de louco. — Engraçado... Brendan sempre foi um de meus melhores... funcionários. Ele atendeu o senhor? Prestou-lhe os primeiros socorros?

— Acho que sim, mas não posso afirmar — Winton respirou fundo. — Só sei que, de repente, recuperei a consciência... e ele estava meio debruçado sobre meu peito, chamando meu nome... Mas eu estava muito ferido... quase inconsciente.

— E um milagre meu marido estar vivo — murmurou Raynel-la, estremeendo.

— E mesmo... — O policial sorriu carinhosamente para a esposa e voltou-se para o padre Wyczik. — Na verdade, ninguém acreditava que eu conseguisse sobreviver. Parece que perdi muito sangue.

— Brendan aplicou-lhe um torniquete para estancar a hemorragia?

— Não sei. Como já disse, eu estava quase inconsciente.

O padre calou-se, tentando encontrar um modo de perguntar o que queria saber sem expor os verdadeiros motivos de sua visita.

— Eu sei que você estava quase inconsciente... mas será que chegou a perceber se havia alguma coisa... diferente... ou estranha... nas mãos de Brendan?

— Como assim? O que o senhor quer dizer?

— Ele tocou seus ferimentos, não tocou?

— Não sei. Acho que sim... — Winton calou-se por um instante, procurando lembrar-se... Sim! Claro! Ele me tomou o pulso e depois procurou descobrir de onde saía o sangue.

— E quando ele o tocou... Você sentiu alguma coisa? Alguma coisa... diferente?

— Não estou entendendo...

O velho sacerdote balançou a cabeça e sorriu:

— Não se preocupe. O que importa é que você está bem. — Consultou o relógio e fingiu surpresa. — Deus do céu! Estou atrasadíssimo para um compromisso muito importante! — E, antes que os dois tivessem tempo de perguntar-lhe o que fora fazer ali, acenou-lhes com uma bênção rápida e saiu do quarto.

O padre Wycazik andava como sargento instrutor de recrutas: passos firmes, cabeça erguida, peito estufado, barriga encolhida. Quando tinha pressa, então, avançava como um tanque de guerra. Ninguém esperaria ver um padre andar daquele jeito.

Ao sair do quarto de Tolk, ele marchou pelo corredor, empurrou mecanicamente as duas portas de vaivém que apareceram a sua frente e avançou pela ala central da UTI, onde Tolk estivera internado na véspera. Mal viu a primeira enfermeira, pediu-lhe — ou ordenou-lhe — que chamasse o médico de plantão, dr. Royce Albright. Rogando a Deus que o perdoasse por mentir um pouco e levasse em conta suas boas intenções, apresentou-se como confessor e guia espiritual da família Tolk; disse que Raynella o encarregara de informar-se sobre todos os detalhes da situação do marido; como ele realmente estava, que tratamento recebia, que tipo de ferimentos sofreria.

O dr. Albright tinha um rosto extremamente engraçado e uma voz incrivelmente séria, o que tornava difícil o diálogo; entretanto, mostrou-se disposto a responder a qualquer pergunta que a família desejasse fazer. Não estava encarregado do caso, mas lera todos os relatórios ao chegar pela manhã, porque o quadro parecia-lhe muito interessante.

— Diga à senhora Tolk que todos podem dormir tranquilos. O patrulheiro está se recuperando bem, muito bem. Recebeu duas balas no tórax, disparadas quase à queima-roupa, calibre 38. Até ontem, nunca vi ninguém levar dois tiros de 38 no tórax e sair

da UTI em menos de vinte e quatro horas. O senhor Tolk é um homem de sorte.

— As balas não atingiram o coração, nem outro órgão vital. E isso?

— Sim, mas não é só — Albright franziu as sobrancelhas. — Os tiros não atingiram sequer uma veia ou artéria importante. O senhor sabe que uma bala 38 é um verdadeiro petardo, não sabe? Destrói os tecidos que encontra

pela frente, tritura os tecidos chamados “moles”, e pode rebentar até os ossos mais resistentes. No caso de Tolk, a bala lesou veias e artérias, porém não causou *um* só rompimento significativo. Pura sorte.

— Então a trajetória das balas foi interrompida... por algum OSSO?

— *Desviada*, talvez. Não há osso que consiga parar uma bala de alto calibre. Os projéteis foram localizados em tecidos moles. E aí está outra coisa curiosa... Não há sinal de fratura. *Muita* sorte.

O padre Wyczak balançou a cabeça, concordando, e perguntou:

— E como estavam os projéteis quando foram extraídos? Eram realmente de tão alto calibre? Apresentavam algum defeito... de fabricação, talvez? Um defeito explicaria por que duas balas trinta e oito não mataram o patrulheiro Tolk... nem chegaram a feri-lo mais que três tiros calibre vinte e dois.

O médico fez uma careta, que tornou seu rosto ainda mais engraçado.

— Não sei... É possível, pelo menos em tese. Para descobrir isso, o senhor precisa perguntar à polícia técnica. Ou ao doutor Sonneford, o cirurgião que extraiu os projéteis.

— Ouvi dizer que Tolk perdeu muito sangue.

— Ainda não encontrei o doutor Sonneford, mas tenho certeza de que houve um erro no relatório da cirurgia. O relatório diz que o patrulheiro recebeu mais de quatro litros de sangue em transfusão enquanto permaneceu no centro cirúrgico. É claro que não pode ser!

— E por que não?

— Se Tolk tivesse perdido mais de quatro litros de sangue antes de entrar em cirurgia, nem teria sido preciso operá-lo... Porque ele já estaria sem circulação. Estaria morto. Frio e duro.

Las Vegas, Nevada

Mary e Pete Monatella, pais de Jorja, chegaram ao apartamento da filha às seis horas da manhã, os olhos inchados de sono, decididos a ocupar o lugar que lhes cabia, por direito, ao lado da árvore de Natal, no momento em que Mareie acordasse para abrir os presentes.

Da altura de Jorja, Mary já fora uma mulher de corpo perfeito; agora, envelhecida, parecia pesada, gorda, desleixada. Pete era mais baixo que a esposa; tinha peito largo e pernas curtas, e conseguia sumir de qualquer ambiente sem dar um passo. Era o homem mais transparente e invisível que Jorja conhecia. Os dois chegaram carregados de presentes para a neta e de críticas para a filha. Sempre que iam visitá-la, punham-se a desfiar um rosário de cansativas reprovações e impraticáveis conselhos. Nem bem entrara, Mary já comentava que Jorja precisava limpar as pás do exaustor. Depois, colocando os pacotes junto à árvore, exclamou:

— Que falta de imaginação! Por que não comprou fitas mais coloridas? Criança adora pacote bonito, com muitas fitas, de todas as cores.

Em matéria de crítica, Pete não ficava atrás; ao arrumar a bandeja de doces, mostrou-se escandalizado:

— Doces de padaria...?! Você teve a coragem de não fazer bolinhos para sua filha?! Verdadeiros bolinhos de Natal...

— Papai, não tenho tempo para isso... Trabalho muito, vou à universidade e...

— Não venha me dizer que é difícil ser mãe divorciada — interrompeu-a o velho. — Estou cansado de saber que é difícil. Eu lhe *disse* que era difícil... Mas estamos falando de coisas sérias, de tradições que não podem ser esquecidas! O que é um Natal sem bolinhos feitos em casa?! Estamos discutindo princípios!

— E isso mesmo — Mary concordou. — Princípios!

Jorja ainda não se deixara envolver pelo espírito do Natal, e, no passo em que ia a carruagem, nunca chegaria lá. Com pai e mãe falando sem parar, dizendo sempre as mesmas coisas, no eterno tom de reprimenda... nem em mil anos chegaria lá! Quem a salvou foi Mareie.

Às seis e meia em ponto, a menina apareceu à porta do quarto, um segundo depois de Jorja ter colocado o peru no forno. Ainda estava de camisola, os pezinhos nos chinelos, linda como uma boneca.

— Será que Papai Noel trouxe o “Médico Infantil” que eu pedi?

— Isso não sei, mas trouxe um monte de coisas — respondeu Pete. — Venha só ver.

Os olhos de Mareie brilharam ao avistar a pilha de pacotes embaixo da árvore, e sua contagiante alegria teve o dom de interromper os sermões dos avós. Durante alguns minutos, o apartamento encheu-se de risos e expressões de felicidade.

A garota havia aberto a metade dos pacotes quando o clima de alegria em família começou a mudar — apenas uma rápida amostra da tempestade que desabaria mais tarde. Com a voz angustiada, os olhos cheios de lágrimas, Mareie reclamou que Papai Noel esquecera o “Médico Infantil”. Colocou de lado uma enorme boneca, sem ao menos tirá-la da caixa, e atirou-se sobre os embrulhos, procurando o único que realmente a interessava. Havia frenesi ou desespero nos gestos com que rasgava os papéis, arrancava as fitas e descartava os brinquedos. Jorja logo percebeu que alguma coisa não ia bem. Mary e Pete ainda precisaram de vários minutos, mas, por fim, também notaram e começaram a pedir à neta que examinasse melhor o conteúdo de cada caixa, não jogasse as coisas para trás, pensasse que os brinquedos eram frágeis... Não conseguiram nada.

Jorja não havia deixado o “Médico Infantil” junto à árvore; preferira escondê-lo no armário, para fazer uma surpresa à filha, e agora arrependia-se amargamente da idéia. Diante dos três últimos pacotes, todos pequenos demais para conter o que ela procurava Mareie começou a tremer dos pés à cabeça. Mas... pelo amor de Deus! O que esse “Médico Infantil” poderia ter de tão impor-

tante? Qualquer outro brinquedo que Mareie ganhara e deixara de lado era muito mais caro, muito mais bonito. Por que ela estava tão obcecada pelo “Médico Infantil”?

Depois de identificar todos os brinquedos, quando já não havia junto à árvore um único pacote fechado, Mareie pôs-se a chorar, desesperada:

— Não veio! Papai Noel esqueceu! Ele esqueceu! Considerando a enorme quantidade de presentes que se espalhavam pelo chão, aquelas lágrimas pareciam ainda mais estranhas. Mary e Pete olhavam para a neta sem saber se era o caso de brigar com ela ou com Jorja, que a criava tão mal.

Jorja escolheu o caminho mais fácil para impedir que o Natal virasse guerra antes mesmo de ser festa: correu a buscar o brinquedo escondido.

Quando voltou, com o pacote nas mãos, Mareie praticamente saltou sobre ela.

— Mas... o que está acontecendo com essa menina?! — Mary arregalou os olhos.

— O que esse tal de “Médico Infantil” pode ter de tão especial? — Pete virou-se para a filha.

Mareie arrancou as fitas com um gesto brusco, rasgou o papel do embrulho, e só quando se certificou de que tinha nas mãos o sonhado brinquedo foi que começou a se acalmar:

— Papai Noel não esqueceu... — murmurou.

— Nem todos os presentes é Papai Noel quem dá — comentou Jorja, aproximando-se da filha. — Por que é que você não dá uma espiadinha no cartão? — Parecendo desinteressada, a menina obedeceu e sorriu sem entusiasmo.

— E... do papai...

Jorja sentiu o olhar de Mary e Pete, mas não teve coragem de virar-se para encará-los. Os dois sabiam que Alan estava em Aca-pulco, com a tal “Pimentinha”, e que jamais se daria ao trabalho de comprar um presente para Mareie, muito menos de mandá-lo entregar com um cartão. E Jorja sabia que eles não concordavam com as artimanhas de que lançava mão para iludir a filha. Mais tarde, quando estava cuidando do peru, Mary aproximou-se dela.

— Por que fez aquilo? — perguntou baixinho. — Por que disse a Mareie que aquele rato lhe mandou o presente que ela mais queria?

Antes de responder, Jorja virou o peru, regou-o com o molho e recolocou a assadeira no forno.

— Mareie merece ter um Natal feliz, como todas as meninas. Que culpa ela tem se Alan é um rato?

— Ela não tem culpa. Mas não se deve mentir para as crianças. A verdade é a verdade — Mary insistiu.

— Ela só tem sete anos, mamãe. A *verdade*, no caso dela, é triste demais.

— Mais cedo ou mais tarde Mareie vai descobrir quem é Alan... Você sabe o que seu pai ouviu dizer sobre a mulher que está vivendo com ele?

Aturdida com a pergunta, ansiosa para mudar de assunto, Jorja espiou o peru mais uma vez e exclamou:

— Tomara que não fique muito seco!

A manobra não deu certo. Mary disparou a informação:

— Ela trabalha em dois cassinos como *call girl*. *Call girl*... garota de programa... prostituta! O pai de Mareie está vivendo com uma prostituta! O que aconteceu com ele?! — Sem esperar resposta, pronunciou seu veredito: — E melhor para vocês duas que ele as esqueça. Sabe Deus que doenças deve ter, andando com uma prostituta.

Pela terceira vez, Jorja abriu o forno para examinar o peru.

— Já lhe pedi para não falar em Alan — resmungou.

— Pensei que você gostaria de saber quem é a mulher que...

— Pois bem, agora já sei. Que tal encerrar o assunto?

— Mas... minha filha... já pensou se ele aparecer aqui de repente e disser que quer levar Mareie para Acapulco, ou para Disneylândia, ou sei lá para onde...? A pobre inocente com aquele pai depravado...

— O que você está dizendo é absurdo. Alan não quer nem lembrar que Mareie existe! Porque Mareie é a prova viva das responsabilidades que ele deveria assumir e *não quer* assumir!

— Mas e se...

— Chega, mamãe! Que merda!

Não foi um grito, porque as duas continuavam a falar em voz baixa, mas havia tanto rancor nas palavras de Jorja que o efeito foi imediato. Mary calou-se, caminhou até a geladeira, abriu a porta e examinou o conteúdo.

— Você fez nhoque! — comentou.

— Sim, fiz, com minhas próprias mãos.

O comentário não foi feito com a intenção de alimentar a discussão, mas, considerando os “princípios” de Pete, talvez parecesse uma provocação. Jorja mordeu os lábios e respirou fundo para não chorar. Mary continuava parada diante do refrigerador aberto.

— A salada também está pronta... E eu que pensei que você fosse precisar de ajuda... Qual o quê... Você resolveu tudo, já preparou o jantar...

Sem saber o que fazer, Mary fechou o refrigerador e olhou em volta à procura de alguma outra coisa para elogiar. Ao ver seus olhos marejados de lágrimas, Jorja correu para ela de braços abertos. Não havia o que dizer, e, se houvesse, não saberiam como dizer, por isso abraçaram-se em silêncio. Minutos depois, Mary sacudiu a cabeça:

— Não sei por que sou assim com você. Minha mãe era assim, e a mãe dela também. E eu jurei que, com você, eu seria diferente!

— Eu amo você... do jeitinho que você é.

— Acho que o problema é que você é minha única filha. Se eu tivesse tido mais filhos... dois ou três... acho que seria mais fácil.

— A culpa é minha. Tenho andado tensa, preocupada...

— Claro que você está preocupada. — Mary abraçou-a com mais força. — Aquele rato desaparece, deixa Mareie sozinha, obriga você a trabalhar de dia e estudar à noite... Você tem todo o direito de estar tensa... Mas eu me orgulho tanto de você! E preciso ter muita coragem para enfrentar a vida como você a vem enfrentando.

Os gritos de Mareie interromperam o carinhoso diálogo. O que será que ela inventou agora?, Jorja pensou. Aproximou-se da porta da sala e viu Pete tentando convencer a neta a brincar com uma boneca que lhe dera.

— Olhe só — dizia o velho. — Ela chora quando você aperta a barriga, ri quando você faz cócegas nas costas...

— Não quero saber dessa droga de boneca! — Mareie gritou outra vez, com a seringa de plástico apontada para o avô. — O que eu quero é dar outra injeção!

— Mas já tomei mais de vinte injeções hoje... — Pete gemeu. — Estou cansado...

— Eu preciso praticar... — suplicou a menina, lançando-lhe um olhar aflito. — Se eu não começar a aprender agora, nunca vou conseguir ser minha própria médica... Por favor...

Pete virou-se para a filha e fez uma careta de irritação. Mary franziu as sobrancelhas:

— O que é que ela tem com esse “Médico Infantil”?!

— Ah... Eu também gostaria de saber... — suspirou Jorja.

— Muito séria, Mareie aplicou a injeção no braço do avô. Jorja viu que sua testa brilhava de suor.

— Eu também gostaria de saber... — repetiu.

Boston, Massacbusetts

Foi o pior Natal da vida de Ginger Weiss.

Apesar de ser judeu, seu pai jamais deixara de celebrar o Natal, por que dizia que “paz na terra aos homens de boa vontade” não poderia fazer mal a ninguém. Mesmo depois de sua morte, Ginger continuara sentindo que o Natal era mais que um simples feriado, era um dia de paz e harmonia entre os homens. Até aquele ano, o Natal jamais a deprimira.

George e Rita fizeram o possível e o impossível para que ela não se sentisse deslocada, mas não conseguiram desfazer-lhe a impressão de que se estava intrometendo na intimidade de uma comemoração familiar. Os três filhos do casal haviam chegado ao Mirante para passar alguns dias de férias, e os netos enchiam a casa de ruídos e risadas. Todos os Hannaby, do mais velho ao mais moço, esforçavam-se para incluí-la nos ritos tradicionais da fami-

lia, como reunir-se para fazer pipoca na cozinha ou bater de porta em porta pela vizinhança para desejar feliz Natal.

Na manhã de Natal, lá estava ela, vendo as crianças atacarem furiosamente a montanha de presentes que as esperava junto à árvore enfeitada de bolas, velas e biscoitos. Como todos os adultos, estava sentada no chão, abrindo pacotes e ensinando as crianças a manusearem os novos brinquedos. Durante duas ou três horas, chegou a esquecer os problemas e deixou-se envolver pela alegria da festa.

A hora do almoço, porém — um almoço farto, mas simples e leve, espécie de “aperitivo” para o grande jantar —, a alegria já havia sumido, e Ginger voltava a sentir-se fora de lugar. Quanto mais ouvia as risadas e as conversas sobre “os velhos tempos”, mais se lembrava dos tempos em que sua vida era uma estrada clara, sem obstáculos intransponíveis e sem tropeços inimagináveis.

Depois do almoço, disse que estava cansada e refugiou-se no quarto. A paisagem que avistava da janela acalmou-a um pouco, mas não a fez sentir-

se melhor. Se, pelo menos, pudesse ter certeza de que Pablo Jackson lhe telefonaria na manhã seguinte... e lhe diria que estudara seu caso, pesquisara outros casos semelhantes de bloqueios de memória... e estava pronto para hipnotizá-la outra vez!

Para surpresa de Ginger, nem George nem Rita pareceram espantados com a visita que havia feito a Pablo. Mostraram-se preocupados, é claro, porque ela saíra sozinha e fizeram-na prometer que, no futuro, pediria a Rita, ao motorista ou a qualquer outro empregado da casa que a levasse aonde quisesse ir. Não disseram uma palavra sobre a idéia de tentar outro caminho de cura... ainda que achassem muito estranho aquele caminho da hipnose praticada por um mágico.

Por mais bela que fosse a paisagem, Ginger acabou cansando-se de ficar em pé junto à janela. Aproximou-se da cama e surpreendeu-se ao ver dois livros colocados na mesa-de-cabeceira. Um deles era um romance de Tim Powers, autor que ela já conhecia; o outro, uma cópia ainda não encadernada de... talvez um romance...

Crepúsculo na Babilônia. Quem os teria deixado ali? Seu quarto vivia cheio de livros, todos trazidos da biblioteca de George e Rita, porque, nas últimas semanas, Ginger não fazia praticamente coisa alguma senão ler. Mas tinha certeza de que o livro de Tim Powers não fora retirado da biblioteca junto ao salão, e jamais ouvira falar em *Crepúsculo na Babilônia*.

O romance de Powers parecia ótimo: tratava de vagabundos viajando pelo país, durante a Revolução Americana, fazendo sua própria guerra particular contra os soldados ingleses... Jacob adorava romances históricos. Enquanto folheava o livro, Ginger viu um papel colado à capa do outro volume. Examinou-o com atenção e reconheceu a assinatura de uma amiga de Rita, que fazia rese-[‘]nhas para o *Globe*. Sempre que lhe caía nas mãos um livro interessante, ela o mandava para Rita, mesmo antes do lançamento nas livrarias. Sabendo disso, Ginger concluiu que os livros haviam acabado de chegar, e Rita os largara ali por saber que não teria tempo de ler durante as festas.

Deixando de lado o romance de Powers, Ginger apanhou *Crepúsculo na Babilônia*. Não conhecia o autor. Dominick Corvaisis, mas achou interes-

sante o pequeno resumo da história, impressa na sobrecapa. Correu os olhos pela primeira página, voltou ao primeiro parágrafo para reler com mais cuidado... e não pôde mais largar o livro. Ainda estava sentada na cama; para acomodar-se melhor, levantou-se e caminhou até uma das poltronas junto à lareira. No breve trajeto, e só então, viu a fotografia do autor na contracapa. Sentiu a pele arrepiar-se. Tremeu dos pés à cabeça... Por um momento, teve a impressão de que aquela fotografia, como as luvas ou o oftalmoscópio, desencadearia nova crise. Tentou jogar o livro longe, e não pôde. Tentou andar para a poltrona, e também não conseguiu. Então fechou os olhos, respirou fundo, uma, duas, três vezes, esperando que a pulsação voltasse ao normal.

Quando olhou novamente a fotografia, o rosto estampado na contracapa ainda a perturbava, mas não tanto como da primeira vez que o vira. Tinha certeza de que conhecia aquele homem...

o rosto não lhe era estranho... conhecera-o em circunstâncias... desagradáveis, mas não conseguia lembrar quando ou onde. A biografia do autor, logo abaixo da fotografia, dizia que havia vivido em Portland, Oregon, e atualmente morava em Laguna Beach, Califórnia... lugares onde ela jamais havia posto os pés. Onde poderiam ter-se conhecido? Dominick Corvaisis, parecia ter cerca de 35 anos... Um homem atraente, parecido com Anthony Perkins quando jovem. Tão atraente que parecia inacreditável ela tê-lo esquecido...

A reação que o rosto daquele homem provocara era estranha, mas em outros tempos Ginger não se teria preocupado muito. Nos últimos dois meses, porém, aprendeu a respeitar todos os sinais, por mais insignificantes que parecessem à primeira vista.

Sentou-se, fixou os olhos no rosto de Dominick Corvaisis, e concentrou-se o mais que pôde, tentando lembrar. Por fim, como se adivinhasse que o *Crepúsculo da Babilônia* provocaria mudanças profundas em sua vida, começou a ler.

Chicago, Illinois

O padre Stefan Wycazik saiu do Hospital Universitário, entrou no carro e rumou para o prédio onde funcionava o Departamento de Investigações Cien-

tíficas da Polícia de Chicago. Era dia de Natal, porém os empregados da prefeitura trabalhavam duro, limpando a neve das calçadas.

No laboratório do DIC havia apenas dois funcionários de plantão, as velhas salas do velho prédio desertas como uma tumba egípcia escondida sob toneladas de areia e pedra.

Em circunstâncias normais, a polícia jamais concordaria em responder às perguntas do padre Wyczik. Mas, em primeiro lugar, para o sacerdote, aquelas não eram circunstâncias normais; em segundo lugar, metade da força pública de Chicago era composta de policiais católicos, o que significava que o padre Wyczik podia contar com a solidariedade de, pelo menos, algumas dezenas de funcionários. Vários deles haviam facilitado seu acesso pelos corredores tumulares do DIC até a presença do dr. Murphy Aimes.

Gordo e careca, o dr. Aimes tinha um bigode ralo que lhe pendia dos cantos da boca. O padre Wyczik já havia falado com ele pelo telefone, antes de ir visitar o patrulheiro Tolk no hospital, e por isso era aguardado no laboratório. Os dois homens sentaram-se, um frente ao outro, junto a um dos balcões da sala principal do laboratório, sobre o qual estavam arrumados, à espera, uma pasta de documentos e vários outros objetos. O dr. Aimes foi o primeiro a falar:

— Antes de mais nada, gostaria de dizer-lhe que jamais concordaria em falar com o senhor sobre o incidente que envolveu o patrulheiro Tolk, se houvesse a mais remota possibilidade de que o caso chegasse a julgamento. Como os dois assaltantes foram mortos e não há a quem acusar, podemos conversar.

— Compreendo e respeito sua posição. E lhe agradeço muito o favor de me receber.

Os olhos de Aimes brilhavam de curiosidade.

— Ainda não consegui entender exatamente o que há de tão interessante nesse caso — disse. — Nem por que o senhor parece tão preocupado.

— Para ser sincero, eu também ainda não consegui entender.

— Replicou o pároco, balançando a cabeça.

Não dissera uma única palavra clara sobre o caso nem aos amigos a quem pedira ajuda para entrar em contato com alguém da polícia, e também

não tinha intenção de ser muito explícito com aquele dr. Aimes. Tudo por uma única razão: se dissesse a qualquer um deles o que, em sua opinião, tornava o caso tão interessante, pensariam que estava louco e desistiriam de ajudá-lo.

— Bem... — Aimes deu de ombros, conformado em não ver satisfeita sua curiosidade. — O senhor perguntou sobre as balas.

— Abriu um envelope plástico e esvaziou-o na palma da mão, exibindo dois pequenos fragmentos de chumbo. — Aqui estão as balas que foram extraídas do tórax do patrulheiro Tolk.

— Esses fragmentos já foram examinados, não? — O padre apanhou um deles e aproximou-o dos olhos. — Creio que isso é procedimento rotineiro. E o peso deles era... normal, para o calibre... que deveriam ter?

— Se o senhor está perguntando se os projéteis estão reduzidos a fragmentos tão pequenos porque bateram em alguma parede, a resposta é *não*. Na verdade, esses projéteis devem ter batido em algum osso, e é estranho que os fragmentos não sejam ainda menores. Mas, para todos os efeitos, esses pedaços de chumbo estão normais.

— O que eu queria saber é se o peso desse chumbo é o peso normal do chumbo de uma bala de calibre trinta e oito. Poderia ter havido algum defeito de fabricação nessas balas, por exemplo?

— Oh, não, claro que não. Estão normais. Não há dúvida.

— Essas balas então são grandes... capazes de causar terríveis ferimentos a um homem — comentou o pároco pensativo. — E quanto à arma?

Aimes apanhou outro envelope plástico, maior que o primeiro, e retirou um revólver. O revólver do qual saíram as balas que feriram Tolk.

— Também foi examinado? — perguntou Stefan. — Teste de balística, tiros?

— Tudo. Procedimento rotineiro.

— E não há nada de... estranho nessa arma? Nada que pudesse ter feito o tiro não sair... como deveria sair? Nada que pudesse ter feito com que o projétil fosse lançado a baixa velocidade, por exemplo?

— E uma pergunta bem estranha... De qualquer modo, a resposta é *não*. É uma ótima arma, em perfeito estado.

O padre Wyczazik recolocou os fragmentos de chumbo no envelope e levantou os olhos:

— E os cartuchos? Poderiam ter menos pólvora que o normal? Poderiam estar malcarregados?

— Está tentando descobrir por que dois tiros de trinta e oito não acabaram com o patrulheiro Tolk? — perguntou Aimes, os olhos muito abertos.

O velho sacerdote fez que sim com a cabeça, e continuou com o interrogatório.

— Sobraram balas no tambor do revólver?

— Duas. E o homem tinha ainda mais munição nos bolsos do casaco. Mais uma dúzia de balas.

— O senhor chegou a examinar as balas que ficaram no tambor?

— Para quê? — Aimes arregalou ainda mais os olhos.

— Poderia abrir um desses cartuchos agora?

— Sim... mas por quê? O que o senhor está procurando?

O pároco de Santa Bernardette suspirou e balançou a cabeça:

— Tem toda a razão de ficar intrigado, e eu gostaria muito de agradecer-lhe a atenção que está me dando, mas ainda não posso lhe dizer nada. Como os médicos, os advogados e os policiais, os padres são responsáveis por segredos que, às vezes, não devem revelar a ninguém. Só posso prometer-lhe que, caso as circunstâncias me permitam dar as explicações que o senhor tem o direito de esperar, voltarei aqui e lhe contarei tudo.

Aimes franziu as sobrancelhas e encarou o velho, como que avaliando os riscos. Stefan não fugiu ao olhar; o outro levantou-se e apanhou um terceiro envelope, que continha os cartuchos não-disparados:

— Espere aqui — disse.

Vinte minutos depois, voltou com uma pequena bandeja branca e, sobre ela, as duas balas abertas e desmontadas.

— E aqui que a agulha entra — explicou, apontando uma pequena peça arredondada com um furo minúsculo ao centro — e passa para o compartimento onde fica armazenada a pólvora. Até esse ponto, tudo perfeito. Na outra extremidade do cartucho está a cápsula com a bucha e o chumbo, envolto nessa espécie de capa de cobre. Todo e qualquer tipo de projétil apresenta

essas ranhuras em volta, onde é colocada uma graxa que facilita sua passagem pelo cano da arma. De um lado, a entrada da agulha; de outro, a cápsula. Entre uma extremidade e outra fica a pólvora, no que costumamos chamar de “câmara de combustão”. Aqui está o material que extraí da câmara de combustão dessa bala. Está vendo esses flocos minúsculos, cinzentos? E nitrocelulose, material altamente combustível que se inflama ao ser atingido pela

faísca da entrada da agulha. Quando a nitrocelulose explode, a cápsula é expelida para fora do cartucho. A câmara de combustão estava cheia de nitrocelulose. Para evitar voltar ao laboratório, abri também a segunda bala. Não há a menor sombra de dúvida. As duas estão perfeitas. O homem que feriu o patrulheiro Tolk estava carregado com excelente munição Remington, em perfeito estado. Tolk é um homem de sorte. Muita sorte...

New York, New York

Jack Twist passou o Natal na clínica ao lado de Jenny. Nos feriados era ainda mais triste passar as tardes com a esposa, porém seria muito pior pensar que ela estaria lá sozinha.

‘ Embora Jenny tivesse passado em coma profunda mais de dois terços de sua vida de casados, Jack ainda a amava como antigamente. Fazia mais de oito anos que não a ouvia falar nem a via sorrir. Já não podia beijá-lo, mas, para ele, ainda era como se naquela cama estivesse Jenny Mae Alexander, sua linda noiva.

Na prisão do ditador latino-americano, Jack mantivera-se vivo graças à certeza de que Jenny o esperava em casa, sentia saudade, preocupava-se com ele e rezava todas as noites para que Deus o levasse de volta. Ao longo do calvário de fome e torturas, era essa certeza que o impedia de enlouquecer, a certeza de que, mais dia menos dia reencontraria o abraço de Jenny, sentiria seu calor, ou-viria seu riso. Um fio de esperança, muito tênue, que o separava da morte e da loucura.

Dos quatro soldados que foram capturados, apenas Jack e Oscar Weston sobreviveram e conseguiram voltar para casa. A fuga também fora inacreditável. Passaram quase um ano à espera de que alguém os resgatasse, certos de que seu país jamais os deixaria entregues à sanha daqueles animais. As vezes, chegavam a con-jeturar sobre a forma de resgate: algum comando de

elite iria buscá-los ou o governo americano optaria pelos canais diplomáticos? Mesmo depois de onze meses de espera, ainda esperavam, porém começava a ser arriscado demais continuar lá. Estavam muito magros e fisicamente debilitados; haviam sofrido surtos frequentes de incontáveis febres tropicais, nenhum deles tratado convenientemente. Esperar mais seria suicídio.

Havia uma única possibilidade de fugir, nos raros dias em que eram retirados da cela e levados ao tribunal de Justiça do Povo, o que ocorria mais ou menos uma vez por mês. O tribunal funcionava num prédio claro e limpo, no centro da capital, e ali o governo ditatorial os exibia à imprensa internacional para provar ao mundo que tratava bem todos os prisioneiros. Antes de sair da cela, Jack e Oscar eram obrigados a tomar banho, barbear-se e trocar de roupa. No tribunal, algemavam-lhes as mãos por baixo da mesa e os colocavam frente às câmaras de televisão, para responder às perguntas dos jornalistas. Eles respondiam a todas com palavrões e obscenidades, o que não alterava nada, porque os *tapes* eram editados e suas vozes substituídas pelas vozes de agentes treinados para falar excelente inglês.

Depois disso eram entrevistados pelos jornalistas através de um circuito interno de televisão — o que constituía outro blefe, pois os jornalistas ficavam fechados numa sala à parte e ouviam as respostas dos agentes sentados aos microfones, fora do alcance das câmaras.

Nos primeiros dias do décimo primeiro mês de prisão, Jack e Oscar começaram a planejar a fuga, sabendo que deviam aproveitar os momentos que passavam fora do campo. Já não tinham os músculos fortes e o excelente preparo físico de antes, e suas únicas armas eram os estiletes que conseguiram fabricar afiando ossos de rato nas pedras da cela. Afiados como facas e finos como agulhas, os estiletes eram, contudo, miseravelmente precários para enfrentar o armamento da guarda que os vigiava dia e noite. Ainda assim, Jack e Oscar resolveram arriscar.

Para surpresa de ambos, a fuga foi um sucesso. Depois de chegar à prisão oficial, foram entregues à vigilância de um único guarda que os levou para tomar banho. O guarda deixou a arma no coldre e o coldre fechado, provavelmente porque os banheiros ficavam na área central da prisão, o

ponto mais protegido de todo o complexo carcerário. Além disso o guarda imaginava que Jack e Oscar estavam fracos demais para tentar qualquer coisa. A surpresa foi o grande aliado dos dois prisioneiros que saltaram sobre o guarda e o mataram a golpes de estilete, sem fazer o menor ruído.

Jack e Oscar confiscaram a arma e a munição do morto e dispararam pelos corredores, arricando-se a ser vistos e recapturados. Por sorte não havia na prisão oficial o mesmo rígido esquema de segurança dos campos de reeducação, de modo que logo conseguiram chegar ao piso inferior, de onde seguiram para o almo-xarifado; lá encontraram as rampas de descarga e a saída para a rua.

Sete ou oito caixas acabavam de ser deixadas junto à entrada, tiradas de um caminhão estacionado frente a uma das saídas. O motorista discutia com outro homem, ambos sacudindo folhas e folhas de papel, um no nariz do outro. Não havia mais ninguém por perto. Sempre discutindo, os dois homens encaminharam-se para o escritório envidraçado, do outro lado do almoxarifado; Jack e Oscar enfiaram-se no caminhão ainda carregado de caixas a serem entregues. Em poucos minutos, o motorista voltou, resmungando palavras, entrou na cabine do caminhão, bateu a porta com raiva e partiu rumo à cidade. Logo depois soaram os alarmes da prisão.

Dez minutos e vários quarteirões mais tarde, o caminhão parou. O motorista abriu a porta traseira e apanhou uma das várias caixas que ainda levava, sem suspeitar que Jack e Oscar estavam a menos de um palmo de distância, escondidos atrás dos volumes. Com a caixa nos braços, o homem dirigiu-se ao prédio em frente ao qual havia estacionado. Nesse momento os dois fugitivos deixaram o caminhão.

Estavam num bairro que não conheciam, de ruas imundas e casas velhas. Ali encontraram homens e mulheres quase maltrapilhos, gente miserável e desvalida que não lhes negou ajuda; ali sentiram-se entre irmãos de infortúnio. Quando caiu a noite, abastecidos com a pouca comida que puderam conseguir, partiram na direção da selva. Pelo caminho roubaram uma foice de uma

fazenda, algumas maçãs, um avental de couro, sacos de aniagem que poderiam servir de proteção para os pés quando consumissem as sandálias que

usavam na prisão, e um cavalo. Antes de amanhecer, chegaram à selva, deixaram o cavalo e prosseguiram a pé. Estavam exaustos e famintos, armados apenas com a foice que roubaram e o revólver que haviam tirado do guarda; sem instrumentos pelos quais se orientar, guiando-se pelo sol e pelas estrelas, rumaram para o norte, na direção da fronteira, mais de cem quilômetros adiante.

Fora como viajar num pesadelo. Jenny era o único pensamento capaz de dar-lhe forças para continuar, e Jack pensava nela, sonhava com ela, alimentava-se dela. Sete dias depois, quando afinal chegaram a território aliado, descobriu que devia a vida aos dois únicos bens que lhe restavam no mundo: o treinamento militar, que o ensinara a sobreviver, e Jenny, que o ensinara a não perder a fé. Pela primeira vez em muitos meses, sentiu que o pior havia passado. Mas estava enganado.

Agora, sentado à cabeceira de Jenny, ouvindo as canções de Natal que vinham do gravador, sentia-se naufragar de tristeza. O Natal trazia-lhe lembrança de outros Natais, um deles passado na prisão, sonhando com Jenny... Sem saber que ela, já em coma, estava como que morta, perdida para sempre.

Feliz Natal.

Chicago, Illinois

O padre Wyczak avançava pelo corredor do Hospital Infantil São José. Muita gente visitava os pacientes e pelos alto-falantes filtrava-se o som de canções natalinas. Eram mães, pais, irmãos, irmãs, avôs e avós das crianças doentes, todos carregados de presentes e de pratinhos cheios de doces e de esperanças. Por alguns momentos, todos esqueciam as dores e as aflições, e entregavam-se à sincera alegria do Natal. Mesmo junto às cabeceiras dos doentes mais graves havia rostos sorridentes e risos.

Ao redor de uma cama, porém, parecia haver ainda mais alegria do que em qualquer outro canto do hospital: era a cama de uma menina de dez anos, Emmeline Halbourg. Quando o padre Wyczak se apresentou, os pais de Emmy saudaram-no com um sorriso de pura felicidade, duas irmãs da menina riram para ele e os avós e os tios desmancharam-se em mesuras, certos de que se tratava do capelão do hospital.

Brendam já lhe dissera que Emmy estava bem, mas o velho pároco mal podia acreditar no que estava vendo. A pequena enferma parecia ter renascido! Duas semanas antes, pelo que dizia Brendan, ela estava à morte. E agora seus olhos brilhavam, as faces retomavam o rosado suave de antes, os dedos já não apresentavam sinal de inchaço, e ela movia-se livremente na cama. Já não parecia doente... na verdade, parecia perfeitamente *curadal*

Para surpresa das surpresas, Emmy levantou-se da cama com a ajuda de um par de muletas e deu alguns passos, sob os risos felizes da família. A velha cadeira de rodas parecia aposentada para sempre.

— Bem... já vou indo — disse o padre Wycazik. — Só passei para lhe trazer os votos de Feliz Natal de um amigo seu, Brendan Cronin.

— O “Bolota”! — Emmy riu. — Ele é maravilhoso... Foi horrível quando disseram que ele não estava mais trabalhando aqui. Todos ficamos com saudade...

— Não cheguei a conhecer esse “Bolota” — comentou a mãe da menina —, mas, pelo que dizem as crianças, ele era melhor que uma tonelada de remédios.

— O “Bolota” ficou só uma semana no hospital — Emmy explicou. — Mas tem vindo visitar a gente. Eu até estava esperando que aparecesse hoje... para poder lhe dar um beijo enorme.

— Brendan foi passar o Natal com a família.

— Que bom! É assim que deve ser o Natal, não é? Cada um com sua família, bem contente, e todos se amando uns aos outros.

— É... — O padre Wycazik balançou a cabeça, pensando que nenhum dos grandes doutores da Igreja seria capaz de ser mais claro ou mais preciso. — E exatamente assim que o Natal deve ser.

Se pudesse falar com Emmy em particular, gostaria de interrogá-

Ia sobre a tarde do dia 11 de dezembro, quando Brendan lhe penteava os cabelos e ela olhava a neve atrás da janela. Queria saber sobre as marcas nas palmas das mãos do jovem sacerdote. Emmy foi a primeira pessoa a vê-las, antes mesmo que Brendan reparasse nelas. Naquela tarde, pela primeira vez, as marcas apareceram. Queria saber se Emmy sentira alguma coisa de especial quando Brendan tocou-lhe os cabelos. Mas era impossível abordar

o assunto com tantos adultos em volta, e o padre Wyczik sabia que era ainda muito cedo para começar a dar explicações.

Las Vegas, Nevada

Passado o começo difícil, o Natal transcorria tranqüilo no apartamento de Jorja Monatella. Mary e Pete pararam de criticar tudo a todo momento, relaxaram e deixaram-se levar pela alegria de Mareie. Quanto a Jorja, fez-lhe bem sentir que os amava. O jantar foi servido dez minutos depois da meia-noite, um atraso mais do que normal. Mareie parecia mais tranqüila em relação ao “Médico Infantil” e, exausta, dava sinais de estar mais interessada em dormir do que em comer. Havia risos em volta da mesa e, junto à parede, a árvore brilhava de luzes coloridas.

A tempestade aproximou-se de repente e veio forte, devastadora.

— Você está comendo demais... — Pete disse à neta, brincando. — Já comeu mais do que nós todos juntos!

— Claro que não!

— Claro que sim! Se comer mais uma colherada, acho que vai explodir.

Mareie ergueu a colher cheia de bolo, exibiu-a para que todos a vissem, e aproximou-a da boca.

— Não! — O avô cobriu os olhos como se não quisesse ver a explosão. — Não faça isso...

A menina abocanhou o bolo, mastigou e engoliu. Então olhou em volta, com ar de triunfo, e perguntou:

— Estão vendo? Não explodi.

— Então vai explodir na próxima garfada... — garantiu Pete. — Claro... Se não explodir, vamos ter que levar você para o hospital.

Marcie deixou cair a colher.

— Para o hospital eu não vou — disse, séria, os olhos muito abertos.

— Claro que vai! Teremos que levar você para que o médico esvazie sua barriga antes da explosão...

— Não...

Jorja percebeu que a voz da filha soava diferente; ela já não estava achando graça na brincadeira e começava a parecer assustada de verdade.

Claro que não tinha medo de explodir... era a idéia de ir para o hospital que a fazia tremer de medo.

— Não... não! — a menina repetiu.

Vai... — O velho continuava a rir, sem perceber a alteração no rosto da neta.

— Papai... acho que... — Jorja ainda tentou interferir, mas Pete nem a ouviu.

— Vamos precisar de um caminhão, porque você estará tão gorda que não haverá de caber na ambulância... — prosseguiu o avô.

Mareie fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não! — gritou. — Não vou deixar que aqueles médicos... toquem em mim. Não vou deixar!

— Querida, vovô está brincando — disse Jorja, procurando acalmá-la.

— Não deixe que eles me levem, mamãe... Eles vão-me machucar... como da outra vez!

Mary arregalou os olhos e perguntou para a filha:

— Mas quando foi que ela esteve num hospital?!

— Nunca. Não sei por que...^

— Claro que já estive! Claro! E verdade... — Mareie interrompeu. — Eles me amarraram na cama e me encheram de agulhas, e eu fiquei com medo e... não quero! Não vou deixar que se aproximem... Não!

Pensando na história que Kara Persaghian lhe contara na véspera, Jorja levantou-se e aproximou-se da menina.

— Meu bem, você nunca esteve...

Eu *estive*, sim! Agora já não era apenas um grito, era um gemido de puro terror. Mareie jogou a colher para cima e Pete encolheu-se para não ser atingido.

— Mareie! — Jorja gritou.

A menina saltou da cadeira, lívida:

— Vou ser médica quando crescer para poder cuidar de minhas doenças! E não vou deixar que ninguém me espete com aquelas agulhas... —

Olhos muito abertos, ela nem percebia as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

Jorja estendeu a mão para acalmá-la com um afago, mas a garota saltou para trás como se de repente visse alguém ameaçando-a. Não a mãe, mas alguém de quem tinha medo e a quem só ela via. A visão talvez fosse fruto de sua imaginação, porém o medo era real, quase palpável. Mareie estava pálida, os lábios arroxeados... prestes a desmaiar de medo!

— Por favor, querida... fale comigo... Sou eu! E mamãe...

De longe, a menina tentava cobrir o rosto com as mãos para impedir que a tocassem. De repente, Jorja sentiu cheiro de urina e, assustada, viu a mancha escura junto aos sapatos da filha, espalhando-se pelo tapete.

— Mareie...

Parecia que a garota queria gritar, mas a voz não saía.

— O... o que é isso?! — Mary levantou-se.

— Meu Deus! Eu não sei...

Com os olhos ainda fixos em alguma coisa que só ela via, Mareie começou a gemer baixinho.

Nova York, Nova York

O gravador continuava a tocar as canções de Natal, e Jenny Twist lá estava, imóvel e distante. Jack Twist já desistira de lhe falar, depois de horas de monólogo triste e inútil. Sentado, em silêncio, voltava às lembranças da América Central.

Ao regressar para os Estados Unidos, descobrira que o resgate dos onze prisioneiros do Instituto da Fraternidade Universal havia sido apresentado à opinião pública como um ato terrorista, um seqüestro em massa, levado a cabo por alguns dissidentes in-

teressados em fomentar a guerra na região. Não apenas o próprio Jack, como também os outros militares envolvidos na operação de resgate haviam sido pintados como agentes do crime organizado ocultos sob o uniforme do Exército. Mais que quaisquer outros, os que eram prisioneiros foram transformados em alvos diretos da ira da oposição.

Em pânico, o Congresso acabara votando lei que proibia atividades militares na América Central, incluída a operação de resgate dos quatro soldados presos. Dizia-se que seria possível libertá-los pelos canais diplomáticos disponíveis.

Por isso esperaram tanto! Tinham sido abandonados pelo país que deveria agradecer-lhes a coragem e a dedicação. De início, Jack não acreditou no que todos lhe diziam. Mais tarde, quando já era inútil tentar fugir aos fatos, o choque foi terrível. O segundo pior choque de sua vida.

De volta à pátria, vivia assediado por jornalistas hostis e foi intimado a depor perante uma comissão de deputados, para esclarecer detalhes de seu envolvimento no “seqüestro”. Até então, ainda imaginava que poderia restabelecer a verdade, que teria pelo menos uma chance de apresentar sua versão dos fatos. Logo percebeu que ninguém estava interessado na verdade, muito menos no que tivesse a dizer sobre os fatos. Seu depoimento foi montado como um show de televisão, como uma oportunidade valiosa para que alguns políticos discursassem em nome da liberdade e de mais meia dúzia de valores tidos e havidos como “americanos”, na melhor tradição do malfadado senador Joe MacCarthy.

Em poucos meses, todos o esqueceram; à medida que ganhava peso e se restabelecia dos horrores da prisão, deixava de ser reconhecido nas ruas como “o criminoso de guerra que apareceu na televisão”. Mas a dor e a certeza de ter sido traído jamais o abandonaram.

Tudo isso compunha o quadro do segundo maior choque de sua vida, pois o maior de todos foi descobrir o que acontecera a Jenny durante seu cativeiro na América Central. Um assalto, contaram-lhe. Um homem assaltara-a à entrada do prédio onde

morava, no momento em que voltava do trabalho. Encostara-lhe uma arma na cabeça, arrastara-a para o apartamento, violentara-a, batera-lhe com a coronha da arma na cabeça e deixara-a caída, certo de que estava morta. Ao voltar da América Central Jack encontrara-a num hospital público, em coma profunda e irreversível. Malcuidada, maltratada, suja.

O assaltante havia sido identificado pelo depoimento de algumas testemunhas e pelas impressões digitais que deixara no apartamento. Chamava-se

Norman Hazzurt e estava em liberdade condicional, depois de adiar o julgamento graças à habilidade do advogado que contratara. Jack dispensou as formalidades jurídicas e investigou por conta própria até dar-se por satisfeito. Hazzurt era mesmo o culpado, mas nunca seria condenado. Havia excesso de detalhes técnicos no processo, e o mesmo advogado que o libertara uma vez acabaria por absolvê-lo novamente.

Assim, ao mesmo tempo que enfrentava a imprensa e os políticos, Jack fazia planos para o futuro. Tinha duas tarefas prioritárias: antes de qualquer outra coisa, precisava matar Norman⁹ Hazzurt, e sem levantar suspeitas. Depois, devia arranjar dinheiro para tirar Jenny daquele hospital e instalá-la numa clínica particular. Precisava de muito dinheiro e só conhecia um modo de obtê-lo: o roubo. Como soldado da tropa de elite, fora treinado no uso de todos os tipos de armas, entendia de explosivos, era perito em artes marciais e técnicas de sobrevivência. Seu país o abandonara, mas, por estranha ironia, devia ao Exército a excepcional habilidade que possuía para sobreviver em situações adversas e, melhor que tudo, para poder vingar-se. O próprio Exército o treinara em técnicas de burlar a lei sem jamais ser apanhado.

Norman Hazzurt morreu “acidentalmente”⁵ na explosão de um depósito de gás, dois meses depois da volta de Jack. Duas semanas mais tarde, a transferência de Jenny para uma clínica privada foi financiada pelo assalto a um banco, planejado e executado com a precisão de uma operação militar.

Longe de satisfazer Jack, a morte de Hazzurt, deixara-o ainda mais deprimido. Matar um homem na guerra era diferente de eli-

minar alguém a sangue-frio. E Jack não sabia matar senão em legítima defesa.

Roubar era diferente... era excitante, terrivelmente excitante. Após o assalto ao banco, Jack sentia-se exaltado, emocionado, excitado. Talvez ali estivesse o remédio para seus males. O crime, afinal, dera-lhe nova motivação para viver. E assim havia sido sempre... até algum tempo atrás.

Naquele momento, sentado à cabeceira de Jenny, Jack Twist perguntava-se o que mais lhe restaria fazer para continuar vivendo, dia após dia... Além do minguado prazer de roubar, restava-lhe Jenny, e não havia mais nada, nem ninguém. Já não precisava preocupar-se com o futuro da esposa, porque o

que possuía era mais do que suficiente para mantê-la bem-cuidada e bem-assisti-da; tinha mais dinheiro do que conseguiria gastar. Vivia apenas em função das poucas horas que passava ali, ao lado da cama dela, olhando seu rosto sereno, tocando-lhe a mão... e rezando para que acontecesse um milagre.

Outra estranha ironia... Um homem como ele, individualista, determinado, auto-suficiente, reduzido à única esperança de um milagre...

De repente, enquanto Jack ruminava seus pensamentos, Jenny produziu um som, um gemido, um acesso de tosse, talvez um pi-garro. Respirou fundo, uma ou duas vezes, e suspirou de leve, um suspiro longo, arrastado. Num instante de loucura, Jack saltou da poltrona, aproximou-se da cama, esperando vê-la de olhos abertos, consciente pela primeira vez em mais de oito anos. O milagre... O milagre poder ia acontecer no instante mesmo em que ele pensava... Mas os olhos de Jenny continuavam fechados, sua face ausente como sempre. Jack tocou-lhe o rosto, tateou o pescoço à procura de algum sinal de vida. Não era um milagre. O que aconteceu foi comum, normal, inevitável e quase vulgar: Jenny Twist acabava de morrer.

Chicago, Illinois

Naquele dia de Natal, havia poucos médicos de plantão no Hospital Infantil São José, mas dois deles, um residente chamado Jarvil e um interno de nome Klinet, morriam de vontade de conversar com o padre Wyczazik sobre a surpreendente recuperação de Emmeline Halbourg. Por fim, o jovem Klinet conduziu o sacerdote até uma das salas de consulta onde deixara o dossiê sanitário da menina e os resultados dos exames radiológicos.

— Faz cinco semanas que começamos a usar uma droga sintética recentemente liberada — informou.

O dr. Jarvil costumava falar pouco e em geral mantinha os olhos baixos, mas estava muito excitado ao entrar na sala de exames. O caso de Emmeline Halbourg parecia-lhe extremamente interessante. Era difícil acreditar que ela havia melhorado tanto!

— Essa droga tem apresentado bons resultados em afecções ósseas como a que Emmy apresenta — disse. — Em alguns casos, obteve-se aumento do número de osteócitos normais; em outros, foi possível deter o processo

de deterioração do periósteo. Não sabemos exatamente por quê, mas têm-se observado casos em que a droga estimulou a fixação do cálcio intercelular. No caso de Emmy, em que a doença atacou a medula óssea, a substância alterou as características químicas da cavidade medular e dos canais de Havers, criando um meio ambiente desfavorável à proliferação de microorganismos e, ao mesmo tempo, estimulante para o crescimento das células hematopoéticas... as células que produzem glóbulos vermelhos... e das taxas de hemoglobina.

— Mas não há registro de resultados tão rápidos como no caso de Emmy — acrescentou Klinet.

— Essa droga não tem propriedades curativas — Jarvil continuou. — O que ela faz é, apenas, retardar o avanço da doença ou, na melhor das hipóteses, detê-lo. Seja como for, não é capaz de induzir a regeneração óssea. Claro que, em certa medida, pode ocorrer a regeneração de determinadas áreas que ainda não estejam seriamente comprometidas. O caso de Emmy é único. — O médico apanhou algumas das chapas radiológicas e ergueu-as contra a luz. — Os ossos da paciente estão se regenerando... recompondo-se.

— E com espantosa rapidez. — Klinet passou a mão pelos cabelos, como se o gesto pudesse tornar mais compreensível o fenômeno.

Jarvil entregou ao padre Wycazik a série de chapas feitas ao longo de seis semanas, onde a melhora aparecia, muito visível, até aos olhos de um leigo.

— Emmy tomou a droga durante três semanas sem qualquer resultado — prosseguiu Klinet. — De repente, há quinze dias, as chapas começaram a mostrar que não só a doença entrava em regressão como os ossos afetados estavam se regenerando.

O cronograma era perfeito. Duas semanas atrás, os anéis avermelhados apareciam pela primeira vez nas palmas das mãos de Brendan Cronin. Mas o padre Wycazik não disse palavra sobre a coincidência.

Jarvil mostrou-lhe um grande dossiê de chapas radiológicas e testes químicos que provavam à exaustão que os canais de Havers dos ossos de Emmy estavam praticamente normais, funcionando perfeitamente, cumprindo

o papel de alimentar e nutrir os tecidos ósseos. Apontou-lhe, numa chapa mais antiga, uma região esbranquiçada, em que o interior de um osso aparecia completamente bloqueado com a irrigação sanguínea interrompida. Em outra chapa, mais recente, a mesma região aparecia desobstruída.

— Não há registro de nenhum caso em que essa droga tenha dissolvido uma placa como essa — disse. — Há casos em que pequenas regiões obstruídas foram desbloqueadas mas eram regiões muito pequenas, e a desobstrução foi simples consequência da estabilização da doença. Nunca ocorreu nada como o que vemos aqui... É... é tudo muito estranho.

— Se esse processo de regeneração óssea continuar — Klinet acrescentou —, Emmy estará curada em menos de três meses. E isso é um... fenômeno!

— Completamente curada... — reforçou Jarvil, balançando a cabeça.

O padre Wycazik mantinha os olhos baixos, como se examinasse as chapas, sem vontade de encarar os médicos, sem coragem de dizer-lhes que nem suas habilidades profissionais nem a tal droga eram responsáveis pela cura de Emmeline Halbourg. Os dois pareciam tão eufóricos que ele resolveu esperar um pouco antes de expressar sua séria suspeita de que havia outro poder envolvido naquela cura. Um poder mais misterioso que qualquer droga com que a moderna medicina pudesse sonhar.

Milwaukee, Wisconsin

O dia de Natal foi como um bálsamo para Ernie e Faye Block, ao lado de Lucy, Frank e das crianças. Ao fim da tarde, quando saíram sozinhos para dar um passeio até o centro da cidade, sentiam-se melhor do que nunca.

A tarde estava perfeita para um passeio: fria, mas seca e sem vento. Fazia quatro dias que não nevava, e as ruas estavam limpas e desimpedidas. A medida que o tempo passava o ar parecia brilhar, iluminado pelos tons alaranjados do crepúsculo.

Bem agasalhados, Faye e Ernie saíram de braços dados, conversando e rindo, lembrando os acontecimentos do dia e comentando os enfeites de Natal que brilhavam nas portas das casas vizinhas. Os anos corriam, mas, para Faye, era como se ela e Ernie ainda fossem jovens, com a vida pela frente, cheios de sonhos.

Desde o momento em que chegaram a Milwaukee, no dia 15 de dezembro, as coisas haviam melhorado, e Faye tinha certeza de que, dali por diante, tudo começaria a ajustar-se. Ernie estava bem: andava outra vez com passos firmes e sorria como antes, bem-humorado. Claro que a companhia de Lucy, do genro e dos netos ajudava muito, mas a verdade é que as crises de medo pareciam superadas para sempre.

As sessões de terapia com o dr. Fontelaine — Ernie já tivera seis — também colaboravam para os grandes progressos que Faye observava. Ernie ainda tinha medo do escuro, mas já não entrava em pânico como quando haviam saído de Nevada. Na opinião do médico, era mais fácil tratar uma fobia do que muitas outras perturbações psicológicas. As descobertas mais recentes nessa área

pareciam indicar que, na grande maioria dos casos de fobia, a doença resumia-se aos sintomas, dispensando uma longa terapia para desenterrar os traumas, as vezes muito antigos, que se escondiam no subconsciente do paciente. Já não se considerava necessário — nem possível ou desejável — descobrir a causa de uma fobia antes de começar a curá-la. As técnicas mais modernas consistiam em ensinar ao paciente os recursos para diminuir a sensibilidade.

Assim, aos poucos, em meses ou mesmo em semanas, a fobia podia ser controlada mesmo sem estar curada e a vida do paciente voltava ao normal. Apenas um terço dos pacientes não respondia à essa terapia. Nesses casos era preciso recorrer às terapias tradicionais ou ao uso de drogas bloqueadoras, capazes de interferir numa crise de pânico. Ernie, contudo, fazia progressos tão grandes que o próprio dr. Fontelaine, otimista por natureza, estava encantado.

Faye, por sua vez, procurava pesquisar o assunto ao máximo.

Num dos muitos livros que lera, descobriu que poderia ajudar o marido se conseguisse fazê-lo encarar as crises a partir de outro ponto de vista, como se ele fosse personagem de uma historia engraçada ou seu caso fosse apenas um entre vários. Aos poucos,

Ernie começou a se divertir com as histórias que ela lhe contava sobre vítimas das fobias mais estranhas, em comparação com as quais seu medo de

escuro parecia brincadeira de criança. Faye in- \$

ventava personagens pteróforas, que morriam de medo de penas, ictióforas horrorizadas com a possibilidade de encontrarem peixes, pedióforas apavoradas com bonecos ou fantoches. Ernie riu muito dos coitóforos, feliz com sua prosaica nictofobia. Imagine só... ter medo de sexo! Mas assustou-se ao saber que existem pessoas que sofrem de autofobia... o incontrolável medo de si mesmo. Que coisa terrível!

Naquele momento, andando ao crepúsculo, Faye falava e falava, tentando fazê-lo esquecer a noite que se aproximava. Contava-lhe sobre John Cheever, autor consagrado, vencedor do maior prêmio literário do país, e que sofria de gefirofobia, o medo irracional de pontes altas. Ernie ouvia com atenção, mas não se es-

quedada noite. À medida que as sombras cresciam sobre a calçada, seus dedos crispavam-se sobre o braço de Faye, e só não a feriam porque não conseguiam vencer o obstáculo das grossas roupas de lã que ela usava.

Sete quarteirões adiante, já não havia possibilidade de voltarem para casa antes do cair da noite. O céu estava negro, ao longe, junto ao horizonte. As sombras cobriam tudo. As lâmpadas de mercúrio acendiam-se na rua, criando para Ernie raras ilhas de relativa paz em metros e metros de angústia. Seus olhos brilhavam assustados, e ele respirava cada vez mais rápido.

— Lembre-se do que o médico disse... controle a respiração — recomendou Faye, apertando-lhe a mão.

Ernie respondeu com um rápido aceno de cabeça e tentou inspirar lentamente, contando os segundos.

— Você acha que podemos voltar? — perguntou-lhe a mulher, examinando o céu já completamente escuro.

— Sim... Acho que sim — ele respondeu, os dentes cerrados.

Deram um primeiro passo para fora da área iluminada junto ao poste. Ernie resfolegava, o ar escapando-lhe como um assobio por entre os dentes.

Estavam tentando outra das técnicas terapêuticas do dr. Fontelaine, chamada de “choque”, segundo a qual o paciente devia ser encorajado a enfrentar o próprio medo e confrontá-lo o maior tempo possível, até vencê-lo. O

choque baseava-se na idéia de que os ataques de pânico são autocontidos, porque a fisiologia humana não é capaz de funcionar durante muito tempo nos níveis de alto desgaste a que o pânico a obriga. Há um momento em que o corpo já não consegue produzir a adrenalina necessária à fuga, e o próprio organismo se obriga a adaptar-se à situação ameaçadora. Pode ser uma paz duradoura, e então o paciente é considerado curado. Pode ser apenas uma trégua, e nesse caso torna-se necessário repetir as sessões de terapia de choque.

Utilizada sem assistência médica, a técnica poderia representar grave ameaça à saúde mental do paciente; por isso o dr. Fontelaine preferia usá-la numa versão modificada, que envolvia

três estágios de confrontação com o elemento gerador das crises de medo.

Ernie tentava ultrapassar o primeiro desses estágios: ajudado por Faye, devia permanecer no escuro durante quinze minutos, tendo à vista alguma área iluminada. Assim, caminhavam pela calçada, de poste em poste, parando em cada área de luz a fim de que ele reunisse a coragem necessária para enfrentar a nova etapa.

Dentro de uma ou duas semanas, Ernie começaria o trabalho relativo ao segundo estágio da terapia. Faye o levaria de carro até uma região onde já não vissem as luzes da rua e andaria a seu lado tanto tempo quanto ele suportasse. Então, com uma lanterna, lhe daria a oportunidade de se refazer. O terceiro estágio, por fim, consistiria em andar sozinho no escuro, sem lanternas e sem luz de qualquer tipo. Algumas semanas de tratamento e, com toda a certeza, Ernie estaria curado.

Mas encontrava-se ainda no primeiro estágio, longe de se sentir livre do medo do escuro. Depois de percorrer seis dos sete quarteirões que o separavam de casa, Ernie resfolegava como um cavalo de corrida, suava frio e sonhava com a segurança de seu quarto iluminado. Mas já havia andado seis quarteirões! Nada mau... Assim, com toda a certeza, logo estaria perfeitamente bem.

Ao chegarem em casa, enquanto Lucy a ajudava a tirar o casaco, Faye tentava convencer-se de que Ernie melhorara e, em dois ou três meses, esta-

ria curado, exatamente como o dr. Fontelaine previra. Talvez, porém, fosse isso que mais a preocupava: a melhora era fácil demais, rápida demais para ser verdadeira — e, sobretudo, para ser duradoura. Por mais que se esforçasse para não perder o otimismo, Faye pressentia que alguma coisa não estava certa. Alguma coisa ainda estava errada... e muito errada.

Boston, Massachusetts

Afilhado de Picasso e mágico de fama internacional, Pablo Jackson, era, como não poderia deixar de ser, uma das estrelas do *high-society* de Boston. Não bastasse isso, durante a Segunda Guerra Mundial prestara relevantes serviços às forças da Resistência fran-

cesa e à Inteligência britânica. Com as notícias de sua recente colaboração com a polícia, voltava à evidência, e recebia sempre mais convites do que podia aceitar.

Naquele ano resolveu passar o Natal numa recepção fechadíssima, para apenas vinte e dois convidados, em casa do sr. e sra. Ira Hergensheimer, em Brookline. Uma casa magnífica em estilo colonial georgiano, elegante e acolhedora como o casal que lá vivia, gente que enriquecera com o mercado imobiliário durante os anos 50. Um bar fora montado na biblioteca, e numerosos garçons circulavam pelas salas com bandejas de canapês e taças de champanhe. No *hall*, um quarteto de cordas tocava música suave, tornando o ambiente ainda mais agradável para que os convidados pudessem conversar.

Pablo estava ali exatamente porque queria conversar, mas tinha em vista um interlocutor muito especial: seu velho amigo Alexander Christophson, ex-embaixador americano na Inglaterra, ex-senador pelo Estado de Massachusetts, e ex-diretor da CIA, aposentado fazia uma década. Christophson tinha setenta e seis anos, mas, como Pablo, também fora poupado pelo tempo. Alto, elegante, o rosto fino e clássico dos bostonianos de boa e tradicional estirpe, ainda era o mesmo homem inteligente e brilhante dos anos de juventude e apenas o leve tremor da mão direita traía a única doença que os anos lhe trouxeram, o mal de Parkinson.

Meia hora antes do jantar, Pablo conseguiu arrastar Alex para longe do grupo que o cercava e o levou até o escritório particular de Ira Hergenshei-

mer. Depois de trancar a porta, aproximou-se das poltronas de couro junto à lareira, com duas taças de champanhe.

— Preciso de um conselho — disse, para começar a conversa.

— Você deve saber que os velhos adoram dar conselhos — replicou Alex, sorrindo. — Acho que assim nos sentimos recompensados por não dar mais exemplos... Mas não acredito que você precise de conselhos. Com certeza já resolveu a questão e está apenas testando sua hipótese.

Ignorando o comentário, Pablo despejou:

— Ontem fui procurado por uma jovem. Uma jovem extremamente bonita, elegante, muito inteligente, habituada a resolver os próprios problemas... mas que acaba de encontrar-se frente a frente com um problema bem estranho. A jovem precisa de ajuda.

— Fantástico! — Alex ergueu as sobrancelhas. — Aos oitenta e um anos você anda às voltas com jovens que precisam de ajuda?! E foi ela quem o procurou. Estou impressionado, humilhado e... morto de inveja.

— Ora, velho libertino... Não é nada disso... Não se trata de uma aventura... Estou falando de uma moça com problemas muito sérios. — Sem mencionar nomes ou detalhes que pudessem identificar Ginger, Pablo relatou o que ela lhe contara sobre as crises de medo, e descreveu a sessão de hipnose. — Não tenho dúvidas de que a moça estava a ponto de entrar em coma... *coma auto-induzida*. É razoável imaginar que poderia chegar ao suicídio. E tudo isso para fugir as minhas perguntas... Não preciso dizer que não voltei a hipnotizá-la depois do que aconteceu, mas prometi a ela que iria pesquisar e ver se encontrava algum caso semelhante. E o que tenho feito de ontem para hoje. Estamos aqui, conversando, exatamente porque encontrei uma referência muito interessante num de seus livros. Sim, eu sei que você falava de um caso de bloqueio psicológico imposto à força, como parte de um processo de lavagem cerebral; o bloqueio da moça de que estou falando é criação dela; mas não tenho dúvidas de que os casos são semelhantes.

Alex Christophson escrevera vários livros, inspirados em sua experiência, nos anos de serviço na contra-espionagem, durante a Segunda Guerra Mundial, e, mais tarde, nas primeiras escaramuças da guerra fria. Dois desses livros tratavam quase exclusivamente de métodos de lavagem cerebral, e

um deles descrevia uma técnica chamada “bloqueio de Azrael”, nome escolhido em referência a um dos anjos que anunciam a morte. Esse “bloqueio de Azrael” podia deixar vestígios, um processo espantosamente semelhante ao que estava acontecendo a Ginger Weiss: vestígios de memórias sitiadas, sinais muito semelhantes à queda de uma bar-

reira que parecia cercar na memória lembrança de algum acontecimento traumático ocorrido no passado.

Em silêncio, ouvindo ao longe os acordes da música suave que vinha do hall, Alex curvou-se e colocou a taça de champanhe sobre a mesa. Pablo viu sua mão tremer.

— De nada adianta pedir-lhe que esqueça isso, não é?

— Alex recostou-se outra vez à poltrona. — Seria inútil, eu sei... mas é o único bom conselho que posso lhe dar.

Pablo estava surpreso com a seriedade do amigo.

— Ora... Eu disse à moça que ia pesquisar... prometi ajudá-la.

— Estou aposentado há oito anos e meu fôro já não é o mesmo... Mas sinto que você vai se meter em complicações que ainda não podemos avaliar. Esqueça a moça e não volte a vê-la. Não insista em ajudá-la.

— Mas... eu prometi!

— Eu tinha certeza de que não adiantaria nada, mas achei que deveria tentar... — Alex cruzou os braços. — Está bem. Vou-lhe dizer o que sei sobre o bloqueio de Azrael... Em primeiro lugar, não é uma técnica muito usada no Ocidente, mas os russos a consideram utilíssima. Imaginemos, por exemplo, um agente russo de nome Ivan, com trinta anos de serviços prestados à KGB. E claro que Ivan sabe muitas coisas, tem informações registradas na memória que, se caíssem em mãos inimigas, em poucos meses destruiriam a complicada rede de espionagem russa montada no Ocidente. Os superiores de Ivan já não conseguem dormir, com medo de que ele venha a ser preso e interrogado.

— Tanto quanto sei, com o uso de determinadas drogas e o emprego de técnicas de hipnose, é possível arrancar a verdade de qualquer pessoa, mesmo que ela não queira falar.

— Exatamente. Os superiores de Ivan sabem que se for preso, ele acabará falando, ainda que não seja torturado. Por isso, mantém um exército de agentes mais jovens, todos muito bem treinados, mas sem os anos de serviço e as toneladas de informações que Ivan tem armazenadas na cabeça. De qualquer modo, às vezes, ainda é necessário recorrer a Ivan, seja porque a missão exige

alguém mais experiente, seja por qualquer outra razão. A partir do momento em que Ivan entra em ação, começa a crescer o risco de que seja preso e interrogado.

Pablo pensou por um segundo, antes de comentar:

— Um risco que é preciso correr.

— Até certo ponto, sim. Mas suponha que Ivan sabe de uma ou duas coisas que de modo algum poderiam ser reveladas ao inimigo, como localização de depósitos de armamento ou planos de guerra. Se revelados, tais segredos levariam à destruição seu país, e por isso Ivan precisa esquecê-los. E apenas uma pequena parte do que há em sua memória, tão pequena que pode ser suprimida sem danificar sua competência profissional. Assim, caso Ivan seja preso, poderá ser interrogado sem que ninguém desconfie de que está escondendo alguma coisa. Poderá falar sobre uma infinidade de assuntos e vários outros segredos... Mas não falará, em hipótese alguma, sobre os segredos bloqueados em sua memória.

— E a isso chamam “bloqueio de Azrael”...

— Ivan recebe um determinado tipo de tratamento. Drogas, hipnose... que o fazem esquecer determinados temas. E, assim, pode executar as missões para as quais seja necessário.

Alex concordou com um gesto de cabeça e resolveu dar um exemplo:

— Suponhamos que, anos atrás, Ivan tenha sido um dos agentes envolvidos num atentado contra o papa João Paulo II. Com o emprego de determinadas técnicas, é possível fazê-lo esquecer tudo que se refere ao atentado. Tais informações voltam ao inconsciente e ficam trancadas lá, fora do alcance de qualquer soro da verdade e de qualquer técnica de interrogatório, sejam estas de persuasão ou de tortura física. Porém há mais. Na mesma hipótese de Ivan ser preso e interrogado, suponhamos que seus captores, até mes-

mo por acaso, comecem a suspeitar da existência de um bloqueio induzido. E evidente que se atirarão ao assunto com redobrada atenção, porque sabem que o que está por trás do bloqueio será, sem dúvida, a informação mais importante que o pobre Ivan poderá fornecer. E aqui que começa a verdadeira

utilidade do bloqueio de Azrael. Quando Ivan for interrogado sobre os assuntos que foi induzido a esquecer, seu inconsciente o forçará a entrar em coma profunda, profunda o bastante para não ouvir a voz do inquisidor. Em situação de extrema pressão, poderá auto-induzir-se a morrer. Talvez o melhor nome para essa técnica seja “gatilho de Azrael”, pois é a própria vítima que aciona o mecanismo da coma ou até da morte.

Fascinado, Pablo arregalou os olhos.

— Mas... o instinto de sobrevivência não é forte o bastante para superar o bloqueio? — perguntou. — Acho impossível que, mesmo sob pressão intensa, Ivan prefira morrer a revelar os segredos. Acho que não há lembrança que não volte se o indivíduo estiver correndo risco de vida!

— Pois acha errado... — A luz suave que brilhava ao lado da poltrona, o rosto de Alex parecia tornar-se cinzento. — Há drogas moderníssimas que, aliadas a novas técnicas de hipnose, podem fazer com que Ivan prefira morrer. As ciências de controle da mente estão muito avançadas e envolvem fenômenos assustadores. A supressão do instinto de sobrevivência, o mais forte que o homem possui para a própria preservação, é apenas um desses fenômenos. Ivan pode ser programado para autodes-truir-se.

O velho mágico procurou, sem encontrar, um último gole de champanhe em sua taça.

— A pobre moça parece ter inventado por sua conta alguma coisa como o bloqueio de Azrael, para fugir de alguma lembrança que a assusta muito — comentou.

— Errado. — Alex balançou a cabeça, muito sério. — Ninguém é capaz de inventar por sua própria conta o bloqueio de Azrael.

— Mas não há outra explicação! Você não a viu... Ela foi sumindo, como se escapasse por entre meus dedos! Seu coração quase parou! Ela chegou a parar de respirar... Você tem alguma idéia de como isso pode ser tratado? Há alguma possibilidade de desativar um bloqueio desse, sem matá-la?

Alex levantou-se da poltrona, enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até a janela.

— Você ainda não entendeu por que eu lhe pedi que esquecesse esse assunto — disse. — Não... Não é possível imaginar que alguém possa auto-induzir-se a um bloqueio de Azrael. A mente humana jamais seria capaz de forçar-se à morte apenas pelo medo de descobrir alguma verdade assustadora. O bloqueio de Azrael *sempre* é induzido por agente externo. Não há bloqueio de Azrael sem agente externo. Na hipótese de que você tenha encontrado alguém que guarda segredos protegidos pelo bloqueio de Azrael, pode ter certeza de que há mais gente interessada em seu silêncio.

— Está sugerindo que ela sofreu uma lavagem cerebral? Mas isso é ridículo! Ela não é espiã.

— Tenho certeza de que não é.

— Também não é russa... E por que alguém lhe faria uma lavagem cerebral? E uma moça comum, normal... Não há razão para alguém ter medo dela!

Ainda junto à janela, Alex virou-se de frente para o amigo:

— E apenas uma idéia, uma hipótese que poderia ocorrer a qualquer um — disse. — Mas... e se ela tivesse testemunhado alguma coisa? Se, por mero acidente, tivesse visto algo que alguém não desejasse que visse? Algo muito importante, talvez secreto... Nesse caso, poderia ter sofrido a lavagem cerebral.

Sem achar o que dizer, Pablo arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Mas... O que ela teria visto de tão importante para ser tratada como... uma espiã?! — perguntou por fim e, como o amigo se limitasse a dar de ombros, sem resposta, continuou: — E quem estaria interessado em fazê-la esquecer... seja lá o que for?!

Dessa vez Alex soube exatamente como replicar:

— Os russos, a CIA, o serviço secreto israelense, o M-16 inglês. E mais uma dúzia de organizações capazes de manipular as técnicas de controle mental.

— Acho que ela nunca viajou para o exterior. Nesse caso, teríamos apenas a *CIA*.

— Não necessariamente. Todas as organizações que citei têm agentes que operam em nosso país. Além disso, não são apenas esses grupos que conhecem as técnicas de controle mental. Há grupos de fanáticos religiosos, grupos políticos marginais, centenas talvez... Você sabe que essas idéias se espalham com facilidade, e as drogas estão aí, ao alcance de um médico, por exemplo. De qualquer modo, se ela se envolveu com gente capaz de lançar mão de métodos de bloqueio psicológico para fazê-la esquecer o que sabe, não é seguro tentar ajudá-la a lembrar-se. Não é seguro nem para ela nem para você.

— Não acho que...

— Pois *acho* que você devia achar.

— As crises de medo, as fugas, os períodos de inconsciência, o medo invencível de um par de luvas pretas, de capacetes... Isso parece indicar que a barreira psicológica não é tão sólida como você descreveu. É possível que ela própria esteja conseguindo vencer o bloqueio? É possível que esses maníacos tivessem feito um trabalho de amador? Um trabalho imperfeito, com falhas? E... por quê?

Alex voltou à poltrona, sentou-se e inclinou-se para a frente, os olhos muito sérios fitos no rosto de Pablo.

— Pois aí está, exatamente, o que mais me preocupa — disse. — Não acredito que uma barreira mental, sólida o bastante para resistir durante todos esses meses, comece, de repente, a romper-se espontaneamente. O bloqueio não funciona assim... E é evidente que sua amiga se envolveu com profissionais. Assim sendo, os problemas que está enfrentando... as crises, o medo... só podem significar uma coisa...

— Sim...? — murmurou Pablo, ansioso.

— Que as lembranças reprimidas pelo bloqueio de Azrael são de tal natureza, tão assustadoras, tão explosivas, que nada, nem mesmo a mais avançada tecnologia de controle mental, consegue mantê-las a distância do consciente. Existe algo terrível oculto na

memória de sua amiga... algo grande demais, tão grande que está forçando o caminho para a consciência. Esses objetos... as luvas, o oftalmoscópio, o capacete... estão funcionando como detonadores de crises porque, provavelmente, fazem parte das lembranças reprimidas. Quando ela os vê, as lembranças chegam bem próximas do consciente. Logo, porém, aciona-se o bloqueio e as lembranças voltam a desaparecer no inconsciente.

O coração de Pablo batia rápido.

— Nesse caso, talvez seja possível hipnotizá-la, fazê-la regredir e derrubar o bloqueio de Azrael, que, aliás, já está dando sinais de estafa. Tendo cuidado, é possível fazê-la lembrar e evitar o coma auto-induzido...

De um salto, Alex levantou-se da poltrona e postou-se diante do amigo, o dedo em riste.

— Você não está entendendo! É perigoso demais! Você está se metendo com gente muito perigosa. Se ajudar sua amiga a se lembrar, fará com que os inimigos dela se transformem em seus inimigos também. Vocês serão dois a conhecer o segredo que eles querem esconder!

— Ela é tão jovem... E está com a vida arruinada...

— Você não pode ajudá-la. Está muito velho e é um só.

— Você pensa assim porque não a conhece, porque não sabe quem é ela e o que faz. Vou-lhe contar tudo para que...

— Não quero saber! — Alex gritou.

— Ela é médica — Pablo insistiu. — Está concluindo o período de residência. Ou estava... depois de quatorze anos de trabalho, estudo e dedicação. E agora está perdendo tudo o que conseguiu! É uma tragédia!

— Em minha opinião, nada disso interessa. O que interessa é pensar que ela talvez descubra que lembrar pode ser pior do que não lembrar. As memórias que ela ainda mantém reprimidas podem ser... devastadoras!

— É possível... — Pablo concordou. — Mas não cabe a nós decidir isso. A vida dela está em jogo... Por que negar-lhe a chance de resolver?

Alex não moveu um músculo:

— Se sua amiga não for destruída pela verdade, acabará assassinada pelos homens que lhe implantaram o bloqueio. Até me surpreende muito que já não a tenham assassinado. Quem quer que esteja por trás disso, nossos

serviços secretos ou serviços estrangeiros, você sabe que há um aspecto no qual todos concordam... para eles, o pessoal civil é descartável, completamente descartável. Não entendo por que se deram ao trabalho de implantar um bloqueio em sua amiga, quando poderiam ter-se livrado dela com uma bala. Balas são mais simples e mais baratas. Imagino que tenham querido lhe dar uma segunda chance. Mas não se iluda, meu amigo... ela não terá uma terceira chance! Quando souberem que o bloqueio de Azrael está sendo bombardeado, eles a matarão.

— Talvez sim. Talvez não — replicou Pablo. — Você precisa conhecê-la. Ela é fantástica! Cheia de força e vontade de viver... forte como um rochedo... Desde cedo aprendeu a lutar para conseguir o que quer. E agora... Para ela a vida está insuportável! Não sei se ela mesma não escolheria lutar, em arena aberta, olho no olho do inimigo... em vez de esconder-se atrás do esquecimento de... seja lá o que for!

— E você? Acho bom esclarecer que, em minha opinião, se eles decidirem matar, você é o segundo da lista. Talvez, mesmo, o primeiro, já que, no caso de sua amiga, ainda podem contar com o bloqueio. Já pensou nisso?

— Aos oitenta e um anos, a vida começa a ficar muito monótona... — Pablo riu. — Você acha que eu deixaria passar uma aventura como essa?! *Vogue la galèrel* Vou arriscar.

— Está cometendo um erro grave.

— É possível, meu amigo... é possível. Por que será, então, que me sinto tão bem?

Chicago Illinois

O dr. Bennet Sonneford, que operara Winton Tolk no dia seguinte ao incidente do bar, conduziu o padre Wyczak até seu es-

critorio domestico, uniã sala de paredes cobertas com peixes empalhados: um gigantesco albacora, um salmão, algumas trutas — mais de trinta olhos de vidro espiavam os dois homens, sem vê-los. De um lado, uma estante cheia de troféus, taças douradas e prateadas, muitas medalhas. O médico sentou-se à escrivaninha de carvalho, exatamente sob o albacora, e indicou ao padre uma das cadeiras.

O hospital fornecera apenas o telefone do consultório do dr.

Sonneford, mas o velho pároco não sossegou enquanto não descobriu o endereço de sua residência. Sempre valendo-se da ajuda de vários amigos na empresa telefônica, é claro. E agora lá estava sehtado à frente do médico, às sete e meia da noite de Natal, no último parágrafo dos pedidos de desculpas pela interrupção. Logo atacou o assunto principal:

^ — Brendan trabalha comigo na paróquia de Santa Bernardette. j

É um excelente colaborador, e eu não gostaria de vê-lo metido em complicações.

Sonneford, que tinha alguma coisa de peixe, no pálido rosto de olhos salientes e boca larga, admirou-se.

— Complicações? — Apanhou uma pequena chave de fenda, escolhida dentre várias numa caixa de ferramentas, baixou os olhos e concentrou-se no conserto de um carretei de pescaria que estava sobre a mesa. — Que tipo de complicações?

— Obstrução do trabalho de agentes da lei.

— Isso é ridículo. — Sonneford cuidadosamente retirou dois minúsculos parafusos do carretei. — Se ele não tivesse socorrido o patrulheiro, não estaríamos conversando, porque o patrulheiro estaria morto. Tolk recebeu quatro litros e meio de sangue.

— É mesmo? Então não houve engano no preenchimento do relatório da cirurgia.

— Não, não houve. — O médico abriu o carretei e examinava-o com muita atenção. — Um adulto tem setenta mililitros de sangue por quilograma de peso corporal. Tolk é um homem corpulento, pesa cem quilos. É previsível que tivesse sete litros de sangue nas veias. Assim, quando ordenei que lhe dessem sangue, ao ini-

ciar a cirurgia, havia sobre a mesa apenas quarenta por cento do patrulheiro Tolk. — Trocou a chave de fenda por um alicate. —• E ele recebera um litro de sangue na ambulância, antes de chegar ao hospital.

— Está dizendo que, antes de ser socorrido, o patrulheiro chegou a perder setenta e cinco por cento do sangue que tinha? Mas... é possível perder tanto sangue e sobreviver?

— Não — Sonneford respondeu, sem levantar os olhos.

O padre Wyczazik sentiu uma onda de prazer correr-lhe pelas costas.

— As balas alojaram-se nos tecidos moles e não atingiram órgãos vitais. Poderiam ter sido desviadas pelas costelas? Por algum outro osso?

Somneford continuava a consertar o carretei, mas parou e levantou a cabeça:

— Se aquelas duas balas tivessem atingido algum osso, teriam produzido estilhaçamento dos tecidos ósseos. Não vi nada disso. Por outro lado, se não tivessem encontrado tecido duro pela frente, teriam varado o tórax, e aberto dois orifícios de saída. Eu mesmo encontrei as balas alojadas em tecido muscular.

Stefan parou, como que à espera.

— Por que será que tenho a sensação de que há mais alguma coisa sobre a qual o senhor está *e não está* querendo falar? — perguntou.

— E por que será que tenho a sensação de que o senhor não foi sincero ao expor os motivos que o trouxeram aqui?

— *Touché!* — O padre Wyczazik baixou a cabeça.

Somneford suspirou e devolveu à caixa as pequenas ferramentas.

— Tudo bem. Pela análise dos orifícios de entrada das balas, tenho absoluta certeza de que uma delas atingiu o tórax de Tolk e alcançou a parte inferior do osso esterno, que deveria ter partido. Os fragmentos do osso atingido teriam se espalhado por todos os lados e necessariamente acabariam por atingir órgãos, veias ou artérias vitais. Aparentemente, não foi isso que aconteceu.

— Por que “aparentemente”? Ou aconteceu, ou não aconteceu.

— Eu sei que a bala atingiu o esterno, porque não há como entrar por onde ela entrou e chegar até onde eu a encontrei sem atingir o esterno. No entanto, eu a encontrei alojada em tecido muscular, na parte posterior do tórax... A única explicação possível é que a bala... ora, que a bala... *atravesou* o osso. Claro que sei que isso é impossível. Mas também sei que examinei o orifício de entrada, vi o esterno a milímetros da ferida, intato, e encontrei a bala atrás do esterno. Não posso imaginar como ela chegou lá. O mesmo aconteceu com a segunda bala. Ela *deve* ter atingido uma costela. Mas a

costela também estava intata. Uma bala de calibre trinta e oito é mais do que suficiente para destruir uma costela.

— O senhor pode ter se enganado — disse o padre, assumindo a postura de advogado do diabo. — A bala pode ter passado entre duas costelas...

— Não. — O médico levantou a cabeça, porém não olhou para Stefan; parecia cada vez mais confuso. — Não cometo erros desse tipo. Além de tudo o que lhe disse, há outro detalhe ainda mais intrigante. Não houve dano algum aos tecidos que ficam entre o ponto em que a bala entrou e o ponto onde a encontrei. Isso é absolutamente impossível de entender. Não há a menor possibilidade de um projétil disparado por arma de fogo atravessar tecido muscular humano sem danificá-lo.

— Talvez... um pequeno milagre...

— Não... Um *grande* milagre.

— Se apenas uma artéria e uma veia foram atingidas e, ainda assim, sem gravidade... como foi que Tolk perdeu tanto sangue?

— Não sei. Os ferimentos que encontrei não podem ser responsáveis pela vasta hemorragia.

O médico calou-se e baixou a cabeça. Parecia assustado! Mas por que estaria assustado? Se testemunhara um milagre, teria antes razões para sentir-se eufórico!

— Doutor, sei que não é fácil, para um cientista como o senhor, admitir que existem coisas que sua ciência não é capaz de explicar. Coisas que, na verdade, parecem apontar na direção oposta

à razão científica. De qualquer modo, é importante que o senhor me conte tudo que viu. Tenho a impressão de que há mais alguma coisa. O quê? Como foi que Tolk perdeu tanto sangue se suas feridas eram tão insignificantes?

Somneford acomodou-se na cadeira por trás da escrivaninha, as costas muito retas, todo o corpo tenso.

— Em casos como o de Tolk — começou —, o procedimento cirúrgico de rotina é simples. Depois de dar início à transfusão de sangue, localizei os projéteis através de chapas radiográficas do tórax e realizei as incisões necessárias para removê-los. Durante o processo, encontrei um pequeno

ponto de rompimento na artéria mesentérica superior e outro numa das veias intercostais superiores. Eu tinha certeza de que havia outras veias ou artérias atingidas, mas não consegui localizá-las de imediato. Então resolvi pinçar e suturar os dois vasos que encontrara e só depois procurar outros eventuais danos. E coisa rápida... apenas alguns minutos... Suturei primeiro a artéria, porque a hemorragia era maior naquele ponto. Então...

— Sim...? — murmurou o padre Wycazik, ansioso.

— Voltei à veia intercostal. A pinça estava exatamente onde eu a colocara... mas a ferida desaparecera.

— Desaparecera... — o pároco repetiu. Era o fato de que tanto precisava. A coisa estranha, o fenômeno inexplicável, a revelação!

— Isso mesmo... — Sonneford, afinal, levantou os olhos, cheios de medo. Medo de descobrir que presenciara um milagre. — A veia cicatrizou! Eu sei que havia um rompimento... Eu vi, minha assistente viu, minhas enfermeiras viram! Retirei a pinça, e o sangue fluiu normalmente, sem vazamento algum. Mais tarde, quando extraí as balas, foi como se o tecido muscular estivesse se regenerando... bem ali, diante de nossos olhos!

— O que quer dizer “foi como se...”?

O médico hesitou por um momento; parecia confuso.

— Nada — disse afinal. — Os tecidos estavam se regenerando... sei que é difícil acreditar, mas *eu vi*. Não há como provar isso, mas *eu sei* que uma das balas estourou o esterno de Tolk, outra

rebentou-lhe uma costela, e dezenas de fragmentos pontiagudos o furaram por todos os lados. Tolk perdeu sangue por causa dessas dezenas, talvez centenas de pequenos ferimentos, vários deles mortais. Mas, entre o momento em que foi ferido e o momento em que chegou à mesa de cirurgia, seus ferimentos... cicatrizaram. Os ossos se regeneraram. Tanto a artéria mesentérica superior quanto a veia intercostal foram severamente atingidas, e, no entanto, estavam em processo de cicatrização quando as examinei. A hemorragia intensa dós primeiros minutos deve ter ocorrido em função desses ferimentos, o que explicaria a grande perda de sangue... inicial. Depois, aos poucos, os ferimentos foram sumindo.

« - Eo que é que sua assistente e as enfermeiras pensam disso?

— E engraçado... Nem chegamos a falar muito sobre o caso. Não me pergunte por quê... Acho que é porque não acreditamos em milagres.

— O que não deixa de ser um pouco triste... — Stefan comentou.

Com os olhos muito abertos, a sombra do medo tornando-os ainda mais parecidos com os olhos do peixe na parede, Sonneford ainda resistia:

— Supondo... veja bem... *supondo* que Deus existe — perguntou —, por que Ele se preocuparia em salvar a vida *desse* patrulheiro?

— Tolk é um bom homem.

— E daí? Todos os dias vejo morrer meia dúzia de “bons homens”, “boas mulheres”, “boas crianças”... Por que Deus se preocuparia em salvar *esse* homem em especial?

O velho sacerdote levantou-se e aproximou a cadeira da escrivaninha.

— Foi franco comigo, doutor, e eu também vou ser franco com o senhor. Pressinto que há alguma coisa muito forte por trás desses acontecimentos. Uma força, uma presença sobre-humana que não se relaciona diretamente com o patrulheiro Tolk, e sim com Brendan, o homem que o socorreu no bar.

— E há outras evidências? — Sonneford piscou, surpreso.

— Há, pelo menos, mais uma evidência. — E, sem citar nomes, o padre Wyczik contou-lhe sobre a recuperação de Emmy Halbourg. Todavia, nem depois de ouvir a narrativa do que poderia ser outro “milagre”, o médico mostrou-se mais tranquilo ou menos amedrontado.

— Talvez eu não esteja entendendo bem o que se passa com o senhor, mas acho que tem boas razões para sentir-se feliz. Afinal de contas, o senhor teve a oportunidade única e inestimável de ver a própria mão de Deus em ação. Por que está assustado?

Sonneford pigarreou antes de responder:

— Meus pais eram luteranos; fui educado como luterano, mas sou ateu há vinte e cinco anos. E agora...

— Ah, sim... Entendo.

Feliz da vida, Stefan sentiu que havia fisdado mais uma alma para a glória de Deus. Não podia suspeitar que, antes do fim da noite, a alegria daque-

le momento se transformaria em amarga decepção.

Reno, Nevada

Zebediah Lomack jamais imaginou que sua vida pudesse terminar em suicídio no dia de Natal, mas parecia ter chegado ao fim da linha, e a idéia de acabar com tudo não lhe saía da cabeça.

Carregou a espingarda, colocou-a sobre a mesa, no meio da cozinha imunda, e prometeu a si mesmo que daria fim à própria vida se, até a meia-noite, não conseguisse livrar-se da maldição que o perseguia.

A Lua. A Lua o fascinava, dominava e obcecava desde o verão retrasado, embora, nos primeiros tempos, tudo parecesse normal e inocente. Pelos fins de agosto daquele ano, ele até gostava de parar na porta dos fundos, com uma garrafa de cerveja na mão, e ficar olhando a Lua e as estrelas. Em meados de setembro comprou um telescópio e alguns livros de astronomia.

Ele mesmo se surpreendia com tão repentino interesse pelos astros. Em cinquenta anos de vida como jogador profissional, jamais se interessara por qualquer coisa afora os naipes de baralho. Trabalhava em Reno, Lake Tahoe, Las Vegas, às vezes em alguma cidade menor, como Elko ou Bullhead City, fazendo sempre a única coisa que sabia: jogar pôquer com turistas. Era um jogador de excepcional habilidade, apaixonado pelas cartas mais do que por mulheres, comida ou bebida. Nem mesmo o dinheiro lhe parecia importante: via-o tão-somente como a consequência, mais ou menos óbvia, de sua paixão pelo jogo. Para ser feliz, Zeb precisava só de um baralho, um parceiro e um pano verde.

Até que comprou o telescópio e enlouqueceu.

No começo, durante dois ou três meses, limitou-se a dar rápidas espiadelas no céu, comprou mais alguns livros e pensou que havia encontrado um *hobby* interessante. No Natal anterior começou a concentrar-se na Lua, e foi então que tudo piorou. Aconteceu-lhe uma coisa muito estranha. Aos poucos, o *hobby* do telescópio tornava-se cada vez mais fascinante, e logo ele estava cancelando temporadas de trabalho nos cassinos só para observar mais a Lua. Em fevereiro, já não conseguia desgrudar o olho da lente do telescópio desde o momento em que a Lua surgia no horizonte até vê-la desaparecer. Em abril tinha mais de cem livros de astronomia e saía de casa apenas duas

ou três vezes por semana para ir ao cassino. Em junho a biblioteca contava mais de quinhentos títulos, e Zeb passava a colar fotos da Lua pelas paredes. Já não jogava carta e vivia do dinheiro que economizava para a velhice. Daí por diante, o interesse pela Lua deixou de ser simples *hobby* e transformou-se em obsessão.

Em setembro, mil e quinhentos livros de astronomia empilhavam-se pela casa. Durante o dia, Zeb lia sem parar ou, quando não estava lendo, ficava de olhos fixos nas fotografias coladas pelas paredes, incapaz de entender e de evitar o fascínio que a Lua exercia sobre ele. As crateras, as planícies, os acidentes do satélite eram tão familiares para ele quanto os cinco cômodos de sua casa. Nas noites de Lua cheia ficava olhando pelo telescópio até não se agüentar mais em pé.

Antes que a obsessão pela Lua o dominasse, Zeb Lomack era um homem relativamente bem cuidado e até elegante. Mas, com o passar do tempo, foi deixando de lado os exercícios físicos e co-

meçou a alimentar-se de enlatados e refeições compradas prontas, porque já não conseguia fazer qualquer coisa que não estivesse relacionada à Lua.

Era terrível, porque, ao mesmo tempo que o fascinava, a Lua assustava-o muito. Zeb passava da curiosidade à estranheza, da estranheza ao medo, e do medo ao pânico. Vivia nervoso e tentava acalmar-se comendo sem parar, conseqüentemente engordou, tornou-se flácido, ficou indolente, mas não se importava nem um pouco com as mudanças físicas que o transformavam em outro homem.

No começo de outubro só pensava na Lua, sonhava com a Lua, e não havia um metro de parede em sua casa que não estivesse coberto de fotografias da Lua. Em junho, Zeb comprou cinqüenta cópias enormes de uma fotografia que mostrava detalhes da superfície lunar; como não havia mais espaço para elas nas paredes, pregou-as no teto, espalhou-as pelo chão, colou-as às vidraças. As vezes, deitava-se no chão da sala, de onde havia retirado os móveis, e, como se estivesse num planetário, passava horas olhando os *posters* coloridos. Eram horas de grande prazer e de inexplicável terror.

Na noite de Natal, Zeb lá estava, estendido no chão, com meia centena de *doses* da Lua sobre a cabeça, quando viu um nome escrito a tinta sobre uma das fotos. Era sua letra, mas ele não tinha a menor lembrança de ter escrito qualquer coisa. *Dominick*... Quem seria? E quando teria escrito? Continuou a percorrer com os olhos a série infindável de crateras e planícies, até deparar com outro nome escrito num *pôster*: *Ginger*... Encontrou ainda um *Faye* e um *Ernie*. Ansioso, rolou pelo chão à procura de outros nomes, porém não encontrou mais nenhum.

Tinha certeza de que não conhecia ninguém com qualquer um daqueles nomes. Havia dois ou três *Ernies* no cassino, mas não eram seus amigos e, ainda que fossem, não haveria razão para escrever seus nomes pelas paredes. Quanto mais pensava, mais se desesperava, porque começava a sentir que, na verdade, *sabia* quem eram aquelas pessoas, *sabia* que todos haviam tido um papel im-

portantíssimo em sua vida e, pior que tudo, *sabia* que sua própria vida dependia de que se lembrasse deles.

Alguma coisa em seu íntimo começou a inchar como um balão. Intuitivamente Zeb pressentiu que, quando o balão atingisse o limite máximo, estouraria... e então ele entenderia tudo que se passava. Tudo: os nomes, a obsessão pela Lua, o medo que sentia quando olhava pelo telescópio. Com o balão, que não parava de crescer, crescia também o medo. Zeb sentiu o corpo inundado de suor gelado, trêmulo dos pés à cabeça.

De repente, as lembranças passaram a ser a grande e terrível ameaça que pesava sobre sua vida. Não! Não queria lembrar-se de nada! Como sempre acontecia, a ansiedade provocou-lhe muita fome, e ele correu para a cozinha à procura do que comer. Não encontrou nada sobre a mesa, nem na geladeira. Pelo chão, espalhavam-se latas vazias, caixas de leite também vazias e embalagens de ovos, uma delas com um velho ovo podre ainda grudado. Zeb tentou lembrar-se de quando saíra pela última vez para ir ao supermercado. Não tinha idéia... tanto podia ter sido alguns dias antes como meses atrás. Era impossível descobrir, porque em seu mundo alucinado, povoado de crateras prateadas e desertas, não havia tempo. Desde quando não comia?

Não sabia... Lembrava-se vagamente de ter aberto uma lata de pudim, mas isso também poderia ter sido horas atrás ou dias antes.

Ao perceber a situação a que sua vida se reduzira, Zeb assustou-se tanto que, pela primeira vez em semanas, conseguiu pensar com alguma clareza. Olhou em volta e, também pela primeira vez, viu a imundície acumulada pelo chão: lixo pelos cantos; latas enferrujadas, algumas com doce, outras com gordura azeda, todas cheirando mal; caixas de cereais; dezenas de embalagens de leite; papéis sujos de doce; e baratas. As baratas passeavam entre a sujeira, subiam pelas paredes, andavam pelas gavetas, corriam em volta da pia.

— Meu Deus... — ele gemeu baixinho, quase num soluço. — O que está acontecendo comigo?! Oh, Deus... *o que é que está acontecendo?!*

Num gesto automático, levou a mão ao rosto e estremeceu ao perceber que estava barbudo. Seria capaz de jurar que se barbeava todos os dias, como sempre. Apavorado, correu para o banheiro à procura de um espelho e, quando se viu refletido no cristal em-poeirado, não se reconheceu. Estava sujo como um mendigo; os cabelos caindo pela testa e pelo pescoço, emplastrados de restos de comida, gordura e sujeira; o rosto pálido e inchado, os olhos alucinados como os de um animal. E fedia. Seu corpo fedia... Por certo havia dias, ou até semanas, que não tomava banho.

Estava doente... Só podia estar muito doente... Não sabia o que se passava naquela casa. Sabia apenas que precisava chegar até o telefone e pedir socorro. E no entanto permaneceu imóvel, com medo de que, se alguém o encontrasse naquele estado, concluísse que ele havia mesmo enlouquecido e o levasse para o hospício. Como haviam feito com seu pai.

Quando Zeb tinha oito anos, seu pai sofrerá uma crise terrível, pusera-se a gritar que tirassem os bichos de perto de sua cama, limpassem as paredes, tirassem os bichos... Os médicos o levaram, diziam, para curar a bebedeira, mas nunca o trouxeram de volta. *Delirium tremens*, fora o diagnóstico. Desde aquela época, Zeb tinha medo de ir parar num hospício... E seria o mínimo que poderia acontecer, se alguém visse as condições em que vivia. Ele precisava defender-se. Então carregou a espingarda e colocou-a sobre a mesa da cozinha, propondo a si mesmo um desafio:

— Ponha fogo nesses livros sobre a Lua, arranque todas essas fotos e dê um jeito na casa. Depois tome um banho e faça a barba. Quando estiver limpo, talvez consiga entender o que está acontecendo. Só então, vá buscar socorro.

A espingarda fazia parte do desafio. Por sorte, daquela vez, a fome fizera-o despertar do transe provocado pela Lua, mas Zeb pressentia que não teria outra chance de escapar. E se não conseguisse resistir ao canto das lunares sereias que o sitiavam, a única fuga possível seria a morte. Nesse caso, lá estava a espingarda. Bastaria metê-la na boca, puxar o gatilho e estourar os miolos: estaria livre para sempre.

Melhor morrer que continuar a viver daquele jeito. Melhor morrer que ser trancado numa cela, enfiado numa camisa-de-força, como seu pai.

Sem levantar os olhos do chão para não ver as fotografias nas paredes, Zeb voltou à sala e começou a reunir os livros, alguns encapados com fotos recortadas de revistas ou jornais. Apanhou-os, colocou-os debaixo do braço, saiu para o pátio coberto de neve e caminhou na direção da churrasqueira de tijolos. Tremendo de frio, jogou a primeira leva de livros sobre o carvão e voltou para apanhar outros, sem coragem de levantar a cabeça para o céu. Era noite de Lua cheia.

Aos poucos, à medida que o trabalho avançava penosamente, crescia-lhe o desejo de voltar ao estudo da Lua, aos livros, ao telescópio. Desejo desesperado, alucinante, como o que atormenta um viciado em heroína, o corpo inteiro implorando... *mais e mais...* Zeb conseguiu resistir.

Indo e vindo, da sala à churrasqueira, parecia-lhe que, aos poucos, aproximava-se o momento de lembrar-se daquela gente: *Do-minick, Ginger, Faye, Ernie...* O instinto dizia-lhe que seria possível entender a causa do fascínio perverso que a Lua exercia sobre ele, se conseguisse lembrar quem eram aquelas quatro pessoas. Concentrava-se nos nomes, lutando para não pensar na Lua. Chegou a pensar que estava prestes a vencer a batalha...

A churrasqueira já estava cheia de livros, duzentos ou trezentos volumes prontos para serem queimados. Zeb acendeu um fósforo e inclinou-se para atear fogo à primeira página. Então compreendeu tudo. A churrasqueira estava vazia. Ele deixou cair a caixa de fósforos e correu para a cozinha, os

olhos esbugalhados, o coração adivinhando o que o esperava. Sim.. os livros lá estavam, úmidos, respingados de neve e sujos de carvão. Começara a levá-los para fora, mas de repente, em algum momento, sem que tivesse percebido, a Lua hipnotizara-o outra vez, tomara conta de seus sentidos e obrigara-o a carregar os livros para dentro de casa.

Seu primeiro impulso foi chorar. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, porem Zeb não era homem de se entregar sem luta. De

dentes cerrados, lívido, tornou a empilhar alguns livros, voltou-se e caminhou, mais uma vez na direção da churrasqueira. Era como se estivesse no inferno, condenado, até a consumação dos tempos, a repetir cada um dos gestos de um ritual frenético e inútil.

Na terceira ou quarta viagem, descobriu que ia e vinha, mas não deixava os livros na churrasqueira. Levava-os de novo para dentro. A Lua obrigava-o a guardar para sempre seus objetos de culto.

Cabisbaixo, os olhos semicerrados, Zeb parou de repente, quase à soleira da porta. A neve acumulada sobre o chão tinha um brilho prateado, sobrenatural. Ele ergueu a cabeça, fitou o céu sem nuvens, e murmurou:

— A Lua...

A partir desse momento, foi como se já estivesse morto.

Laguna Beach, Califórnia

Para Dominick Corvaisis o dia de Natal era um dia como qualquer outro. Sem mulher nem filhos, sem jamais ter tido família, sem vontade de comer peru sozinho em casa, via a data transcorrer em total normalidade. Alguns amigos, entre os quais Parker Faine, sempre o convidavam para a ceia, mas Dom raramente aceitava tais convites: não queria sentir-se intruso. Além do mais, Dom pertencia a uma categoria bem diferenciada de seres humanos: os que se sentem bem acompanhados em sua própria companhia. Com a casa cheia de bons livros, nunca se sentiria solitário em dia algum..

Naquele Natal, contudo, não conseguia concentrar-se em nada. Só pensava, alternadamente, em duas coisas: no bilhete que havia recebido e nos calmantes que queria tomar, porém não devia. Apesar do medo de uma recaída, desde a véspera deixara de recorrer aos remédios. Estava resolvido a enfrentar o que o futuro lhe reservasse sem o amparo de qualquer muleta quí-

mica. Mas nem por isso a vontade diminuía. Ao contrário, era tão intensa que, a certa altura, Dom correu ao banheiro, despejou o conteúdo dos vidrinhos na privada e puxou a descarga. Não confiava

mais em sua capacidade de resistir. À medida que as horas passavam, a ansiedade crescia a níveis quase insuportáveis, muito próximos dos picos a que chegara antes do tratamento.

As sete horas da noite, Dom chegou à casa de Parker, e logo recebeu um copo com a bebida que o próprio anfitrião preparara: batida de gemada com canela. Parker fizera a barba e cortara os cabelos... Fantástica homenagem ao grande dia da cristandade! Reformado por fora, continuava, no entanto, o mesmo terrível irreverente de sempre.

— Mas que Natal! Nunca vi tanta paz e amor juntos! — exclamou com ironia. — Meu amado irmão só falou umas quarenta ou cinqüenta vezes sobre a inveja que sente de meu sucesso... Essa deve ser a melhor marca que ele consegue, em anos! Efeito da santidade do dia!... E Carla, minha meia-irmã, chamou Doreen de puta só *uma* vez... E Doreen, além de ser cunhada dela, começou a conversa dizendo que Carla pertence “à Idade da Pedra, tem a cabeça cheia de merda”... Que dia, amigo! Puro amor e fraternidade... Nem um único sopapo ao longo de uma tarde *inteira* de convivência familiar! O marido de Carla, por exemplo, apesar de ter ficado bêbado como um gambá... o que já é uma das mais caras tradições da família... não rolou escadas abaixo *nenhuma* vez... e só repetiu a cena em que imita Bette Midler... deixe ver... umas dezessete vezes!

Dom seguiu-o até o conjunto estofado junto à varanda, sentou-se e disse:

— Vou fazer uma longa viagem. Vou de avião até Portland e lá alugo um carro. Quero refazer o percurso de Portland até Reno, atravessar Nevada e metade de Utah pela Rodovia Oitenta. Depois pretendo ir a Mountainview.

Parker permanecia em pé, ouvindo-o sem mover um músculo; era evidente, porém, que a idéia lhe parecia magnífica:

— Sim... Mas por quê? Teve outra crise de sonambulismo? Aconteceu mais alguma coisa e você descobriu que essa viagem pode decifrar o mistério?

— Não tive nenhuma crise, mas estou esperando uma recaída.

Talvez aconteça hoje à noite... porque joguei fora aqueles malditos comprimidos. Não me faziam bem. Eu estava ficando dependente... viciado, essa é a palavra. Mas não disse nada a ninguém, porque achei que ficar viciado em tranqüilizantes era menos terrível que conviver com as loucuras que eu fazia durante as crises. Mas agora as coisas mudaram. Veja isso. — Mostrou ao amigo os dois envelopes que havia recebido. — Não estou ficando louco. Há *realmente* alguma coisa. Este chegou primeiro. — Com mão trêmula, estendeu-lhe o envelope mais amassado.

Parker abriu-o, leu a mensagem e ficou perplexo. Dom continuou:

— Estava em minha caixa postal. Apanhei ontem. Sem remetente. E este outro foi colocado em casa, na caixa de correspondência.

Antes de entregar o segundo envelope, Dom contou ao amigo o que escrevera no computador e relatou-lhe os constantes sonhos com a Lua; falou inclusive da noite em que acordara repetindo: “A Lua”, “a Lua”...

— Mas... se está dizendo que eu sou a primeira pessoa a quem você conta isso... como alguém pode ter escrito esse bilhete? — Parker perguntou, cada vez mais intrigado.

— Não sei. Mas seja lá quem for, está bem informado sobre minhas crises de sonambulismo. É possível que tenha desconfiado de alguma coisa por causa da consulta ao doutor Cobletz.

— Quer dizer que... alguém pode estar seguindo você?

— E o que parece... De qualquer modo, é tudo muito estranho. Seja quem for, pode saber do sonambulismo, mas não sabe que eu escrevi “A Lua” uma porção de vezes, nem que sonhei isso ou aquilo. No entanto, não há dúvida de que a pessoa sabe que tenho algum problema com a Lua. Mas como estaria a par disso...?

Parker sentou-se devagar, os olhos fixos no rosto do amigo.

— Você precisa encontrar essa pessoa... — declarou.

— Nova York é tão grande... Difícil começar por lá... — Dom suspirou, calando-se por alguns momentos. — Quanto mais re-leio o primeiro bilhete, o que fala sobre o segredo de tudo estar

no passado, mais me convenço de que você pode ter razão. (*i* muito provável que minha *atual* crise de personalidade esteja relacionada com as mu-

danças de comportamento que aconteceram logo depois da viagem de Portland a Mountainview. A idéia é repetir a viagem, dormir nos mesmos hotéis, comer nos mesmos restaurantes, tentar reproduzir tudo exatamente como aconteceu... Talvez sirva para avivar as lembranças, para ativar minha memória.

— Mas, se tivesse ocorrido alguma coisa tão importante, como é que você iria esquecer...?

— É possível que eu não tenha esquecido espontaneamente. Pode ser que alguém me *induziu* a esquecer.

Parker piscou, como se a idéia lhe parecesse espantosa demais, e a atacou por outro flanco:

— E seja quem for esse filho da puta... por que lhe mandaria bilhetes? Quero dizer... você está construindo uma hipótese em que há *você*, de um lado, e *eles*, no campo oposto. O autor desses bilhetes é do time *deles!*

— Talvez esteja arrependido... Ou não concorde com tudo que fizeram comigo... Se é que *alguém* fez alguma coisa comigo.

— O quê? O que *alguém* poderia ter feito *com* você?...

Dom baixou os olhos, girando o copo entre os dedos:

— Não sei... Só sei que o autor desses bilhetes está querendo me mostrar que meus problemas não são psicológicos, que há alguma outra coisa por trás do sonambulismo. Imagino que, talvez... *ele* esteja querendo me ajudar a descobrir a verdade.

— E por que ele não lhe telefona e conta tudo de uma vez?

— Porque talvez tenha medo de me contar. Pode ser um dos cabeças de uma conspiração, ou membro de um grupo que não tem interesse em que a verdade seja descoberta, sei lá... Se ele me telefona e os outros descobrem... está perdido. Várias vezes, como se o gesto o ajudasse a entender, Parker passou a mão pela cabeça e pelo queixo.

— Você fala como se uma sociedade secreta o perseguisse. CIA, Máfia, KGB, o diabo... todo mundo querendo acabar com você. Está *mesmo* pensando em... lavagem cerebral?

— Chame como quiser. Seja lá o que for que eu esqueci, não teria sumido de minha memória sem ajuda externa. Devo ter descoberto algum se-

greto. Digamos que esse segredo foi apagado de minha memória. Mas era tão forte, tão... chocante, digamos assim, que, mesmo apagado da memória, continua presente no inconsciente, lutando para vir à tona através das crises de sonambulismo e do computador. E isso... E agora esse conspirador arrependido se põe a me mandar bilhetes com pistas cifradas.

Parker leu e releu os bilhetes, bebeu um longo gole do coquetel e balançou a cabeça:

— É uma merda... mas começo a achar que você pode estar certo. E não gosto nada da idéia. Não *quero* que você esteja certo, entende? Prefiro acreditar que só está imaginando o roteiro de um novo livro e apareceu aqui para testá-lo. E inventou essa loucura toda para me impressionar. Mas... não consigo pensar em outra explicação...

Percebendo que apertava o copo com força capaz de rebentá-lo, Dom colocou-o sobre a mesa e enxugou na calça a mão úmida de suor.

— Nem eu — murmurou. — Porque não há outra explicação possível.

Por um instante ficaram ambos quietos, pensativos. E então Parker rompeu o silêncio:

— E qual poderia ter sido o... segredo que você descobriu naquela estrada?

— Não faço a menor idéia.

— Já lhe passou pela cabeça a hipótese de que seja alguma coisa... tão terrível, tão perigosa... que talvez fosse melhor esquecer para sempre?

— Já... Ah, se eu pudesse esquecer... Se não estivesse enlouquecendo, se não andasse pela casa, noites a fio, pregando as janelas ou me armando para enfrentar inimigos invisíveis... Se essas lembranças estivessem mesmo soterradas para sempre... — De repente Dom parou de suspirar e bateu com o punho cerrado no braço do sofá. — Droga! Como está não pode ficar! Tenho que saber o que aconteceu... porque, se não descobrir, vou acabar enlouquecendo de verdade. Sim, eu sei que essas frases são melodramáticas. Mas, do jeito que as coisas estão evoluindo, logo as crises de sonambulismo vão se transformar em mania de perseguição. Os monstros que me assustam quando estou dormindo começarão a aparecer também à luz do dia... Até que eu não suporte mais, meta uma bala no ouvido e vá direto para o inferno.

- Deus do céu...
- Estou falando sério.
- Eu sei, e por isso mesmo é que digo... *Deus do céu!*

Reno, Nevada

Uma nuvem fez com que Zeb Lomack despertasse. Sem o brilho pálido da Lua, conseguiu ter alguns segundos de lucidez, suficientes para dar-se conta de que estava em mangas de camisa, tremendo de frio. Não fosse a nuvem, já não duvidava que ficaria ali, parado, boquiaberto, olhos fixos no céu, até o amanhecer. Depois, enlouquecido, entraria em casa, deitaria no chão e perma-neceria em culto mudo, rendido à magia da face redonda da velha deusa lunar... até morrer de fome ou de frio.

Semiconsciente, soltou um uivo de medo e correu para dentro de casa. Escorregou na neve do pátio, deslizou outra vez ao aproximar-se da porta, tropeçou no degrau da entrada, mas, meio em pé, meio de quatro, conseguiu entrar e, assim, escapar do encanto nefasto da luz que o perseguia. Se, pelo menos, as paredes não estivessem forradas de mil outras luas... Zeb ainda tentou resistir e de olhos cerrados começou a arrancar as fotos coladas por toda parte. Não adiantava fechar os olhos. Havia luas perceptíveis ao tato de seus dedos desesperados, quase visíveis na escuridão. Que loucura... As fotos ganhavam textura e volume. Arrancá-las era como correr os dedos pelas crateras que conhecia tão bem, pelas planícies arenosas, pelos sulcos ressequidos. Menos terrível seria abrir os olhos. Zeb rendeu-se e, erguendo a cabeça, fitou a face implacável da deusa.

Louco. Como o pai. Louco de amarrar. A cozinha... a mesa...
e a espingarda...

Chicago, Illinois

Filho de bravos poloneses, “infalível braço direito do cardeal”, o padre Wycazik não estava habituado ao fracasso e não sabia o que fazer das mãos, dos pés e dos argumentos.

— Como é que você me diz que ainda não acredita em Deus, depois de tudo que lhe contei?! — esbravejou.

— Sinto muito — murmurou Brendan Cronin, baixando a cabeça humildemente. — Depois de tudo que o senhor me contou, Deus me parece tão

impossível quanto ontem à tarde, por exemplo.

Estavam sentados num quarto da casa dos pais de Brendan, no bairro irlandês de Bridgeport, onde o jovem cura se recolhera, em obediência às instruções do padre Wycazik, logo após o tiroteio no bar. Angustiado, sem saber mais o que dizer, Brendan encolhia-se na cama de casal coberta por uma velha colcha amarelada. Stefan andava de um lado para outro, tentando consumir a energia da raiva em passadas cada vez mais largas e barulhentas.

— Veja só como são as coisas... — disse —, consegui meia conversão de um ateu professo, um cientista... apenas com o caso da recuperação do patrulheiro. E aí está você, o agente de Deus, cada vez mais descrente...

— Fico feliz pelo doutor Sonneford — declarou Brendan com um sorriso triste. — Mas, para mim, a fé que ele acaba de descobrir está perdida para sempre.

Brendan recusava-se a demonstrar emoção em face dos milagres de que fora partícipe privilegiado, mas esse não era o único motivo da irritação do padre Wycazik. O que considerava mais grave era a indiferença com que o outro encarava a terrível perda que sofrerá. Se não quisesse mesmo reencontrar a fé perdida, o caso estaria encerrado. Brendan parecia menos preocupado que em seu último encontro. Na verdade, mostrava-se cada vez mais conformado, tranqüilo, pacificado. Como podia sentir-se tão à vontade em sua nova condição de ateu?

— Foi *você* que curou Emmy — Stefan insistia. — Foi *você* que salvou a vida de Tolk. *Você*, e os estigmas que Deus pôs em suas mãos.

Brendan abriu as mãos e examinou-as atento.

— Sei que foram minhas mãos — murmurou. — Mas não foi Deus que me deu o poder de curar.

— Não foi Deus?! E quem mais poderia ter sido?!

— Não sei, e daria qualquer coisa para acreditar que Deus me escolheu para essa missão. Mas não acredito.

— Droga! — O filho de bravos poloneses perdera a paciência. — O que você quer que Deus faça para convencê-lo? Que apareça numa carrua-

gem de fogo, com toda a sua corte de anjos, e o co-rpe “santo milagreiro”? Você precisa ser mais humilde!

O jovem padre sorriu e replicou calmamente:

— Sei que tudo que aconteceu tem uma explicação racional e simples. Sinto que existe outra força por trás desses eventos. E não acredito que seja a força de Deus.

— E que *força*, poderia ser? — Stefan cruzou os braços em desafio.

— Não sei... Uma força tremendamente poderosa. Uma coisa maravilhosa, magnífica, que não tem nada a ver com Deus. O senhor disse que as marcas em minhas mãos eram estigmas. Então por que apareceram como simples rodela avermelhadas? Por que Deus não providenciou estigmas em forma de cruz, de peixe... de qualquer símbolo tradicionalmente cristão?

O padre Wycazik ergueu os olhos, rogando aos céus que não lhe faltasse calma e paciência naquele momento tão grave. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi menos que banal; deu-se conta de que, nos primeiros tempos da crise de fé, Brendan Cro-nin desolara-se a ponto de emagrecer um pouco e, agora, já não parecia triste nem desesperado — ao contrário, estava roliço como um leitão, a pele de seu rosto recuperava a cor rosada dos melhores dias e seus olhos brilhavam de... santidade!

— Sente-se muito bem, não é? — Stefan perguntou.

— Sim.. Mas não sei por quê.

— Sua alma está em paz.

— Está.

— Embora você ainda não tenha reencontrado a fé.

— E, embora eu ainda não tenha reencontrado a fé. Acho que a explicação pode estar num sonho que tive ontem.

— Outra vez aquela história das luvas pretas?

— Não, não... Ontem sonhei que estava andando num lugar de pura luz, uma linda luz dourada, tão brilhante que eu não conseguia ver nada ao redor. Ainda assim era uma luz suave, que não me feria os olhos. Sua voz adquiriu um tom de reverência. — Eu ia andando, andando, sem saber quem era nem para onde ia, mas certo de que me aproximava cada vez mais de uma coisa ou de um lugar de incrível importância... e indescritível beleza. Não se trata-

va apenas de uma aproximação. Era como se eu estivesse sendo chamado, em silêncio, por um sentimento... uma força nascida de dentro de mim que me conduzia. Meu coração bate e sinto um pouco de medo. Não é um medo ruim. E a sensação de que o que está acontecendo é importante... Continuo andando pela região de luz, na direção de alguma coisa que não consigo ver, mas *sei* que está lá.

Como que arrastado pela voz de Brendan, o padre Wycazik aproximou-se e sentou-se a seu lado na cama:

— É um sonho de características nitidamente espirituais. Deus está chamando você. Ele quer que você volte à fé, aos deveres de sacerdote.

— Não há a menor indicação da presença divina. Eu vivia algum outro tipo de iluminação, muito diferente de tudo o que já senti em Cristo. Acordei quatro vezes durante a noite, e minhas mãos sempre mostravam as marcas avermelhadas. Eu voltava a dormir, e o sonho recomeçava. Alguma coisa muito importante está acontecendo, e sou parte dela. Mas não é nada que eu possa explicar. Nada que minha educação, minha experiência de vida, minha antiga fé possam entender.

O velho pároco respirou fundo, pensando que a tal luz dourada podia muito bem ser obra do demônio e não de Deus. E se o demônio tivesse percebido que a fé de Brendan Cronin vacilava... se tivesse forjado a luz dourada para seduzir o pobre infeliz e arrastá-lo para o caminho do mal? Pelo sim, pelo não, sem estratégia definida para enfrentar o diabo em pessoa, o padre Wyca-zik resolveu ganhar tempo:

— Bem... Acha que chegou a hora de entrar em contato com Lee Kellog, nosso superior em Illinois, e pedir-lhe autorização para encaminhar você ao psiquiatra da Ordem?

— Não. Não creio que isso adiante. O que eu gostaria de fazer, se o senhor não se opuser, é voltar para meu quarto na casa paroquial e dar tempo ao tempo... esperar para ver o que acontece. E evidente que, como já não tenho fé, não posso ouvir confissões nem celebrar missa. Mas posso ajudá-lo com os fichários, ou dar uma mão ao pessoal da cozinha.

— Claro! — O bom cura respirou aliviado. Por um instante temera que Brendan Cronin anunciasse sua decisão de abandonar a batina. — Temos

muito que fazer juntos. Só há ainda uma pergunta que eu gostaria que você respondesse... Ainda acredita que reencontrará a fé?

— Não me sinto *alienado* de Deus, apenas vazio. Com o tempo, é possível que eu volte a fazer parte da Igreja de Cristo, como o senhor está convencido de que acabará acontecendo. Ainda acredito que poderei voltar, só não sei quando nem como.

Embora decepcionado pela indiferença de Brendan frente aos milagres de Emmy e Tolk, o padre Wyczalik estava satisfeito com a possibilidade de mantê-lo ao alcance de seus conselhos.

Brendan acompanhou o pároco até a porta, e os dois despediram-se com um abraço tão afetuoso quanto numa despedida entre pai e filho. Junto ao pequeno portão que dava para a calçada, o jovem padre comentou:

— Ainda não sei por quê, mas sinto que estamos às vésperas de uma fantástica aventura.

— A descoberta... ou redescoberta... da fé é sempre uma fantástica aventura — respondeu Stefan, com a certeza de ter pespegado um belo muro no queixo do demônio. Depois, como bom pescador de almas, partiu.

Reno, Nevada

Gemendo, lutando para respirar, resistindo o quanto podia ao efeito narcotizante da Lua, Zeb pisoteou as baratas que corriam pelo chão da cozinha, chegou até a mesa, apanhou a espingarda e enfiou o cano da arma na boca. Então percebeu que seus braços eram curtos demais para alcançar o gatilho. O desejo de olhar para as luas que o chamavam do teto e das paredes era tão avassa-lador que Zeb sentia-se como se alguém o puxasse pelos cabelos para obrigá-lo a erguer a cabeça. Quando fechava os olhos, era como se algum inimigo invisível quisesse arrancar-lhe as pálpebras. Só o medo de ser internado num hospício, como o pai, dava-lhe forças para resistir ao fascínio demoníaco da Lua.

Ainda sem abrir os olhos, Zeb deixou-se cair na cadeira, arrancou sapato e meia, segurou a espingarda com as duas mãos, voltou a colocar o cano da arma entre os lábios e encostou o dedo do pé no gatilho gelado. A luz fantasmagórica da Lua parecia penetrar-lhe a pele e correr-lhe nas veias, no

sangue... Uma atração tão poderosa que Zeb não resistiu mais: abriu os olhos e viu as centenas de luas coladas às paredes.

— Não! — gritou, batendo com a língua no cano da espingarda.

No instante em que mergulhava mais fundo naquele transe alucinado, pressionando o dedo sobre o gatilho, a bolha impenetrável que guarda a mais recôndita memória rebentou... Zeb lembrou-se de tudo: do verão retrasado, de Dominick, Ginger, Faye, Ernie, do jovem padre, dos outros, da Rodovia 80, do Motel Tranqüilidade... Deus! O motel e... a Lua!

Ninguém jamais saberá se Zeb apertou o gatilho sem querer, num incontável espasmo de medo, ou se, ao contrário, foi o horror da lembrança que o fez matar-se. De qualquer modo, a espingarda disparou com estrondo, a explosão arrancou-lhe a parte posterior do crânio e pôs fim a seu terror.

Boston, Massachusetts

Ginger passou a tarde do dia de Natal lendo *Crepúsculo na Babilônia*; às sete da noite, hora de descer e reunir-se à família Han-

naby para o aperitivo e o jantar, lastimou deixar o livro. Não apenas porque a trama do romance era fascinante, mas, talvez principalmente, por causa da foto do autor. Dominick Corvaisis olhava-a da contracapa, moreno, olhos sérios e profundos, e, por estranho que fosse, dava-lhe medo. Não podia deixar de pensar que já o conhecia de algum lugar.

O jantar em família, com os filhos e netos dos Hannaby, teria sido agradável se ela não quisesse tanto voltar ao quarto e retomar a leitura. As dez da noite, quando percebeu que poderia despedir-se sem ofender ninguém, desejou boa noite, felicidades e saúde a todos, e correu para o livro. As três e quarenta e cinco da madrugada, com o menor número possível de interrupções para examinar a foto da contracapa, terminou de devorar o *Crepúsculo*.

A casa mergulhada no silêncio da noite, o Mirante parecendo vazio, Ginger deixou-se ficar com o livro no colo, sem tirar os olhos do rosto tão familiar de Dominick Corvaisis... A medida que o tempo passava, sentia cada vez mais forte um estranho tipo de comunicação com aquele rosto, convencendo-se de que realmente o conhecia. Mais do que isso, descobria que, de algum modo inimaginável e incompreensível, aquele homem tinha algo a ver com a recente reviravolta que ocorria em sua vida. Ainda que a certeza

parecesse frágil, delirante, alimentada por uma intuição que poderia estar tão distorcida como tudo o mais em sua vida psicológica, era uma certeza que crescia de instante em instante, até fazê-la saltar da poltrona e decidir-se a agir.

Saiu do quarto na ponta dos pés e desceu para a cozinha, atravessando metros de corredores escuros e silenciosos. Na cozinha, depois de fechar a porta e acender a luz, aproximou-se do telefone, ligou e pediu o serviço de informações de Laguna Beach.

Era uma da manhã na Califórnia, hora imprópria para acordar um escritor. Mas, se a telefonista pelo menos lhe desse um número para ligar de manhã, Ginger poderia dormir melhor. Nem isso conseguiu. Decepcionada, porém não surpresa, ouviu da telefonista a informação de que o telefone de Dominick Corvaisis

não constava da lista. Silenciosa como saíra, voltou para o quarto, decidida a escrever uma carta àquele Corvaisis da contracapa do *Crepúsculo*. Remeteria a carta à editora pelo serviço de entrega rápida, com um pedido para que fosse enviada ao destinatário com a máxima urgência possível. Por que não? Talvez não desse em nada, talvez fosse um gesto precipitado e irracional. Talvez Dominick Corvaisis não tivesse coisa alguma a ver com seus problemas e não desse atenção à carta, ou a julgasse louca varrida. Mas havia uma chance, uma num milhão, de que seu instinto estivesse certo... e, nesse caso, conseguiria encontrar a ponta da meada. Probabilidade mais do que suficiente para justificar o risco de bancar a idiota.

Laguna Beach, Califórnia

Ainda sem saber que um dos primeiros exemplares de seu livro estabelecerá contado entre ele e uma mulher cuja vida se despedaçava em Boston, Dom ficou na casa de Parker Faine até meia-noite, analisando as possíveis características da conspiração que imaginava ter descoberto. Nenhum dos dois dispunha de informações suficientes para traçar um perfil dos conspiradores, mas o simples fato de poder falar sobre o assunto e encontrar um amigo com quem trocar idéias já bastava para Dom sentir-se mais seguro.

Ambos concordavam pelo menos num detalhe: Dom não deveria viajar a Portland e dar início à odisséia enquanto não descobrisse que reação teria

seu organismo e como evoluiriam as crises de sonambulismo a partir do momento em que suspendesse o tratamento. Era possível que as crises não voltassem, e, nesse caso, ele poderia viajar sem a preocupação de perder o controle num quarto de hotel de uma cidade distante. De qualquer modo, se houvesse recaída, antes de viajar precisava encontrar um jeito de prevenir grandes desastres. Além disso, aguardando alguns dias, poderia receber outros bilhetes de seu misterioso correspondente, talvez com alguma informação nova que, entre outras coisas, tornasse a viagem desnecessária. Quem sabe uma indicação mais

precisa, por exemplo, sobre o local onde encontrar paisagens ou situações que o ajudassem a lembrar-se.

A meia-noite, Dom levantou-se para sair. Parker estava tão intrigado com o que ouvira durante as horas de conversa, que ficou animado e desperto como se o dia estivesse apenas começando.

— Tem certeza de que deve dormir em casa? — perguntou, já na porta.

Dom andou um pouco pela varanda, olhando os arabescos desenhados no chão de ladrilhos pela luz amarelada de uma luminária meio escondida entre as folhagens. Parou, levantando os olhos para o amigo:

— Já falamos sobre isso. Não tenho certeza de nada, mas acho que é o melhor que tenho a fazer.

— Promete que me telefona, se precisar de alguma coisa?

— Prometo.

— E tome aquelas precauções de que falamos.

Foi o que Dom fez ao chegar em casa. Tirou o revólver da penteadeira e trancou-o a chave numa das gavetas do escritório; depois escondeu a chave sob um pacote de sorvete na última prateleira do *freezer*. Melhor ser surpreendido por um ladrão do que correr o risco de meter cinco balas em alguém durante o sono. Desceu à garagem e voltou com três metros de corda, cortados de um carretei. Escovou os dentes, vestiu o pijama e, pronto para deitar-se, amarrou firmemente uma das pontas da corda ao pulso direito, de modo que, para se soltar, seria obrigado a desatar uma série de nós muito complicados. A outra ponta da corda foi atada, também com firmeza, à

cabeceira da cama. Com os trinta centímetros de cada nó sobrava-lhe corda suficiente para movimentar-se livremente sobre o colchão, mas não para afastar-se da cama.

Nas outras noites em que andara pela casa, havia conseguido executar tarefas bastante complexas, que exigiam boa dose de concentração, mas nenhuma tão difícil como desatar nós, o que demandava extrema habilidade manual, mesmo de uma pessoa desperta. Caso quisesse sair da cama, teria que livrar-se da corda, e esperava que, não o conseguindo, acabasse acordando antes. Era trocar um risco pelo outro. Se a casa pegasse fogo, ou se a região fosse sacudida por um terremoto, morreria antes de conseguir sair da cama, sufocado pela fumaça ou soterrado por uma avalanche de tijolos e telhas. Mas não havia escolha.

No momento em que se enfiou sob os cobertores e apagou a lâmpada de cabeceira, o relógio digital ao lado da cama marcava 0:58. Deitado de costas, olhos no teto, imaginando o que poderia ter acontecido no verão de dois anos antes, esperou o sono chegar.

A dois passos da cama, o telefone continuava mudo. Se seu nome constasse da lista telefônica, Dom teria recebido um telefonema naquele exato instante. Um chamado interurbano de Boston de uma mulher jovem, bonita e assustada. Um chamado que teria alterado radicalmente o curso dos acontecimentos das semanas vindouras e que poderia ter salvado várias vidas.

Milwaukee, Wisconsin

No quarto de hóspedes da casa de sua única filha, à luz da lâmpada de cabeceira acesa durante toda a noite por causa da nictofobia de Ernie, Faye Block fitava o marido, que murmurava com o rosto enfiado no travesseiro. Acabava de acordar com os gritos de Ernie e, apoiada no cotovelo, a cabeça inclinada, procurava entender o que ele dizia. Era a mesma palavra, repetida e repetida, abafada pelo travesseiro. Ernie parecia assustado, e Faye, cada vez mais nervosa, aproximou-se ainda mais. De repente, Ernie virou-se e ela pôde ouvir, embora não compreendesse:

— A Lua... a Lua... a Lua...

Las Vegas, Nevada

Jorja levou Mareie para sua cama porque não achava seguro deixá-la sozinha depois do dia agitado que tivera. Mal pôde dormir, pois Mareie passou a noite atormentada por pesadelos que a faziam saltar e dar pontapés e socos no ar, como se quisesse livrar-se de alguém que a prendia. Falava de médicos e injeções. Jorja imaginou que aquilo poderia estar acontecendo já desde algum tempo, sem que tivesse percebido.

Os quartos de ambas eram separados por um armário duplo que abria para os dois lados: na verdade, apenas algumas roupas penduradas delimitavam os aposentos. No entanto, quando a menina falava durante o sono, não conseguia ouvi-la. Agora, tendo-a a seu lado, sentia arrepios àquela voz abafada e aflita. Assim que amanhecesse, levaria a filha ao médico. Não fosse dia de Natal, teria procurado ajuda naquela manhã mesmo.

Depois do berreiro por causa da brincadeira de ir para o hospital, depois de sair da mesa correndo, em pânico, depois do pipi na calça, Mareie demorara mais de dez minutos para se acalmar. Resistira a todos os argumentos, esperneara, gritara, dera socos e pontapés, até que, afinal, concordara em tomar um banho e trocar de roupa. Mas já estava diferente, igual a um pequeno zumbi, olhos ausentes, rosto apático. Parecia que o medo, ao deixá-la, tivesse levado a energia e a inteligência que a mantinham viva.

Aquele estado persistira por quase uma hora, durante a qual Jorja tentara localizar o dr. Besancourt, pediatra que cuidava de Mareie nas raras ocasiões em que adoecia. Mary e Pete continuavam à volta da neta, tentando arrancar-lhe um sorriso ou, à falta de coisa melhor, uma simples palavra, porém a menina continuava muda... E Jorja, telefone na mão, lembrava-se dos artigos de jornal que havia lido sobre autismo infantil. Não conseguia lembrar-se se o autismo era um mal congênito ou se, ao contrário, podia acontecer de repente com qualquer criança saudável e normal. Assim, sem mais nem menos, uma menina de sete anos *decide* fechar-se para o mundo exterior, escapar para outra dimensão, para dentro de si mesma... e para sempre. Jorja sentia-se à beira da loucura.

Aos poucos, contudo, Mareie voltara ao normal. Passara a responder às perguntas dos avós, embora com frases curtas e uma voz tão vazia e distante quanto no momento dos gritos. Pusera o dedo na boca, hábito já abandonado

aos dois anos de idade, e voltara à sala para brincar com os presentes novos. Brincou o

resto da tarde, sem parecer divertir-se, e seu rostinho estava tenso como nunca. Jorja continuava preocupada, mas tranqüilizava-se ao notar que a filha não se mostrava muito interessada no “Médico Infantil”.

As quatro e meia, Mareie parecia ter voltado ao normal. Conversava e ria como sempre, a ponto de Jorja imaginar que a agitação da hora do almoço não passara de um rompante de mau humor.

A saída, longe dos ouvidos da neta, Mary comentara:

— Ela está tentando nos dizer que se sente pouco amada e confusa, e não entende por que o pai foi embora. A menina precisa de carinho, só isso.

Jorja sabia que não era “só isso”. Claro que Mareie sentia falta do pai, claro que se sentia abandonada por ele, claro que vivia dúzias de conflitos mal resolvidos. Porém havia outra coisa... estranha, perturbadora, irracional. E era essa “outra coisa” que a assustava.

Pouco depois da saída dos avós, Mareie voltara a brincar com as seringas e o estetoscópio, mostrando a mesma intensidade frenética da primeira hora. Na hora de deitar-se carregara todos os apetrechos para o lado da cama e, naquele instante, adormecida, continuava falando de médicos, enfermeiras e injeções.

Mesmo que Mareie estivesse calada e calma, Jorja demoraria a dormir. Preocupações são mais eficientes que café para tirar o sono. Acordada, tratou de prestar atenção e ver se entendia o que a menina dizia. Já passava das duas da manhã, quando Mareie afinal parou de falar de médicos e injeções. Depois de um último salto na cama e alguns pontapés distribuídos a esmo, ela parou de repente, rígida, absolutamente rígida, as costas sobre o colchão.

— A Lua... — murmurou assustada. Calou-se por um instante e, quando voltou a falar, já não havia só medo em sua voz. Havia pânico, terror. — A Lua, a Lua...

Chicago, Illinois

Sacerdote em retiro de provação, Brendan Cronin dormia confortavelmente instalado sob lençóis quentes e uma pesada colcha de retalhos, sorrin-

do de alguma coisa que lhe acontecia em sonho. Soprando forte por entre os galhos do grande pinheiro junto à janela, o vento assobiava nas telhas e entrava pelas frestas da janela como o alento ritmado de um respirador mecânico. Perdido em sonhos, o jovem padre deve ter sentido a pulsação do vento, pois começou a falar baixinho, quase que cantarolando, no ritmo suave em que se balançavam as cortinas:

— A Lua... a Lua... a Lua...

Laguna Beach, Califórnia

— A Lua! A Lua!

Dominick Corvaisis acordou ao som dos próprios gritos, assustado com a dor lancinante que sentia no pulso direito. Estava de quatro no chão, ao lado da cama, mergulhado na escuridão, lutando para desvencilhar-se de alguma coisa que lhe prendia a mão. Aos poucos, porém, lembrou-se da corda com que se amarrara à cabeceira.

A respiração ainda acelerada, o coração disparado, tateou à procura da lâmpada de cabeceira. A luz repentina ofuscou-lhe os olhos e ele precisou de alguns segundos para dar-se conta de que, dormindo, conseguira desfazer um dos quatro nós e já começava a desatar o segundo quando, afinal, desistira. Então, em pânico, como sempre nas crises de sonambulismo, começara a puxar e torcer e estirar a corda, tentando soltar-se. Como um cão preso pela pata.

Levantou-se, afastou os lençóis e sentou-se na cama. Tinha certeza de que havia sonhado, embora não se lembrasse de nada. Ainda assim, adivinhava que era um novo pesadelo, diferente do outro, que o acompanhava, pontual fazia já um mês. Nunca sonhara com a Lua. Era outro pesadelo, tão assustador quanto o primeiro, mas por outros motivos. Ainda tinha nos ouvidos o eco dos gritos que o haviam acordado. Seus próprios gritos, assustados, aterrorizados. *A Lua\ A Lua.* Estremeceu e levou a mão à cabeça dolorida.

O que podia significar “a Lua”?...

Boston, Massachusetts

Ginger sentou-se na cama, costas retas, ouvindo o eco de um grito. A seu lado, Lavinia, a empregada dos Hannaby, dizia:

— Desculpe, doutora Weiss. Eu não queria assustá-la. A senhora teve um pesadelo.

— Pesadelo? — Ginger olhou em volta sem entender, sem se lembrar de nada.

— Sim, e dos piores — assegurou-lhe a moça. — Pelos gritos, deve ter sido terrível. Eu estava passando pelo hall quando ouvi a senhora chorando alto. Cheguei a me afastar um pouco, mas percebi que era um sonho ruim. Então a senhora começou a gritar tanto e tão alto que resolvi voltar para acordá-la.

— Gritando... Eu estava *gritando*? — Ginger perguntou, confusa. — E o que eu dizia?

— Repetia sempre a mesma coisa — Lavinia respondeu. — “A Lua, a Lua, a Lua...” E parecia muito amedrontada.

— Não me lembro de nada.

— Era sempre “a Lua”. Mas com voz tão assustada que cheguei a pensar que alguém estava matando a senhora.

SEGUNDA PARTE

TEMPO DE

DESCOBERTA

Coragem é resistência ao medo, controle do medo — não ausência do medo.

Mark Twain

Qual o sentido da vida?

Qual o objetivo que permanece oculto atrás de nossa luta?

De onde viemos, para onde vamos?

Sempre as mesmas eternas perguntas soam e ecoam Através dos dias, ao longo das noites de solidão. Aspiramos à luz, esplêndida luz Que nos trará a revelação Do sentido do sonho do homem.

Livro das Lamentações

Um amigo pode ser considerado a obra-prima da Natureza.

Ralph Waldo Emerson

QUATRO

26 de dezembro — 11 de janeiro

1. BOSTON, MASSACHUSETTS

Entre 27 de dezembro e 5 de janeiro, Ginger Weiss esteve sete vezes no apartamento de Pablo Jackson. Em seis dessas visitas submeteu-se a sessões de hipnose, cuidadosamente orientadas pelo mágico, para o período em que, segundo ele, poderia localizar-se o bloqueio de Azrael.

Ginger parecia-lhe cada vez mais bonita, mais inteligente, decidida e atraente. Aos poucos, Pablo reconhecia nela as qualidades que gostaria de encontrar na filha que teria se houvesse levado outro tipo de vida. Ginger

inspirava-lhe carinho, afeto, sentimentos paternais até então desconhecidos para ele.

Pablo contou-lhe quase tudo que ouvira de Alexander Christophson na festa de Natal dos Hergensheimer. De início, ela resistiu à idéia de que alguém a tivesse induzido a esquecer parte do passado:

— Não é possível. Essas coisas não acontecem com gente como eu. Não passo de uma *íarmishteh* do Brooklin e nunca tive nada a ver com espões e intrigas internacionais.

De tudo que ouvira de Alex Christophson, Pablo omitiu apenas o que o velho espão aposentado lhe dissera sobre os riscos de envolver-se no caso. Tinha certeza de que, se Ginger soubesse

da opinião de Alex, seria a primeira a desejar afastar-se, com medo de envolvê-lo em seus problemas. Um pouco para evitar-lhes constrangimentos, um pouco para não perder a oportunidade de acompanhar o caso até o fim, Pablo não lhe falou sobre essa parte do assunto.

Na primeira visita, dia 27 de dezembro, antes de dar início à sessão de hipnose, ele preparou um almoço leve para os dois. Sentada à mesa, Ginger ainda resistia:

— Mas eu nunca tive nem perto de uma instalação militar, nunca me envolvi em qualquer tipo de pesquisa secreta, nunca falei com qualquer pessoa, homem ou mulher, que pudesse ter relação com serviços de espionagem. Isso é ridículo!

— Você pode ter visto alguma coisa, talvez longe de qualquer área de segurança máxima. Pode ter acontecido em qualquer lugar onde você estava normalmente... só que na hora errada.

— Mas... se *elas* me fizeram passar por uma lavagem cerebral, o processo deve ter demorado algum tempo. Eu teria permanecido presa durante alguns dias, pelo menos. Estou certa até aqui?

— Creio que sim.

— E como poderia ter acontecido? — Ginger abriu os braços. — Está bem, concordo que, ao longo do processo, não seria difícil me fazer esquecer também quando ou onde eu teria visto o que não devia ver. Mas haveria uma falha em meu passado, dois ou três dias esquecidos!

— Não necessariamente. Seria fácil implantar uma lembrança falsa para encobrir os dias que fossem apagados. Você jamais des-cobriria.

— Deus do céu! E verdade? É possível fazer... isso?!

— Espero localizar esse bloco de lembranças falsas implantado artificialmente em seu passado. — Pablo acabou de mastigar e continuou: — Pode ser um trabalho demorado, porque precisamos regredir passo a passo, mas tenho certeza de que vou reconhecê-lo no instante em que você começar a falar. Lembranças verdadeiras são cheias de detalhes. Pode-se implantar um bloco de gran-

des acontecimentos, mas não a substância e o realismo de lembranças autênticas. O que você deve ter registrado na memória é como um roteiro de cinema, uma orientação geral, em grandes linhas. Quando encontramos algo assim, sem densidade, sem detalhes, chegaremos ao período cuja lembrança real foi apagada.

Ginger arregalou os olhos.

— Sim! — exclamou. — Entendo perfeitamente. Quando eu começar a falar como papagaio, chegaremos ao momento em que a coisa aconteceu... E quando eu voltar a falar normalmente, teremos encontrado o último dia encoberto pelo bloqueio. Mas... é quase impossível acreditar que alguém possa ter feito isso comigo! De qualquer modo, se for mesmo verdade, então todos os sintomas que tenho manifestado... as crises, as fugas, os períodos de inconsciência... são apenas uma reação normal. São as lembranças verdadeiras lutando para chegar ao nível da consciência. Nesse caso, eu não teria nenhum problema psicológico, e poderia voltar a trabalhar! Tudo que precisamos fazer é facilitar o caminho para que eu realmente me lembre... E então estarei livre para recomeçar a viver!

Carinhosamente, o velho mágico tomou-lhe a mão.

— Também tenho esperanças de que isso aconteça — disse —, mas não vai ser fácil. Não esqueça que, cada vez que nos aproximarmos do bloqueio, você está correndo sério risco de vida. Vou tomar todas as precauções possíveis, mas, ainda assim, o risco é imenso.

As duas sessões iniciais de hipnose profunda começaram na mesma poltrona em que Ginger sentara-se ao procurar Pablo pela primeira vez. Uma

teve lugar no dia 27 de dezembro, a outra ocorreu no domingo, dia 29; ambas duraram quatro horas. Pablo a fez regredir no passado, dia a dia, ao longo de quase nove meses, porém não encontrou nada digno de interesse especial.

No mesmo domingo, Ginger sugeriu-lhe que a interrogasse sobre Dominick Corvaisis, o autor cuja fotografia a impressionara tanto. O mágico hipnotizou-a, repetiu-lhe, mais uma vez, que que-

ria muito conhecer seu passado e perguntou-lhe se algum dia conhecera alguém chamado Dominick Corvaisis. Ela não vacilou.

— Sim — disse em voz baixa.

Pablo insistiu no assunto, cuidadoso e atento, mas não estava conseguindo arrancar-lhe nenhuma informação até que um retalho de lembrança aflo-rou à superfície.

— Ele jogou sal em meu rosto — Ginger contou.

— Dominick Corvaisis jogou sal em seu rosto?! E por quê?

— Não sei... Não me lembro...

— Quando foi isso?

Ela respirou fundo, franziu as sobrancelhas e, à medida que Pablo insistia, foi afundando na poltrona até que, como da primeira vez, começou a dar sinais de pulsação irregular e respiração cada vez mais lenta. Como da primeira vez, estava entrando em coma. Já prevenido, o mágico convenceu-a de que não voltaria a interrogá-la sobre aquele assunto e ela devolveu à pulsação o ritmo normal.

Não havia dúvida de que Ginger conhecia Dominick Corvaisis. Mais do que isso! Não havia dúvida de que a lembrança dele era parte do bloco que lhe fora roubado.

Nas duas sessões seguintes, na segunda-feira, dia 30, e na quarta, dia de Ano Novo, Pablo a fez regredir mais oito meses, até o final do mês de julho, dois anos atrás; contudo, não descobriu nada estranho ou irregular. Na quinta-feira, 2 de janeiro, Ginger pediu-lhe que a interrogasse sobre o pesadelo da noite anterior, que não conseguia recordar. Era a quarta vez, desde o Natal, que acordava gritando “A Lua! A Lua!”, e os gritos eram tão altos e desesperados que despertavam todos os moradores do Mirante.

— Acho que esse sonho está relacionado com o tal período que estamos procurando — disse. — Se você me hipnotizar, talvez a gente descubra alguma coisa.

Pablo contentou-a, mas Ginger recusou-se a falar sobre o assunto e outra vez deu sinais de estar entrando em coma. O sonho, como o nome de Dominick Corvaisis, fazia disparar os

mecanismos do bloqueio de Azrael, prova de que também envolvia elementos da memória suprimida.

Na sexta-feira não houve sessão de hipnose. Pablo pediu tempo para ler alguns artigos sobre bloqueios de memória e decidir-se pelo melhor método a seguir para a continuação do tratamento. Sentado no escritório ao lado do gravador com as fitas de todas as sessões dos primeiros dias do ano, dedicou-se a ouvir novamente o que Ginger lhe dissera. Procurava um sinal, qualquer mudança de entonação, alguma palavra que soasse estranha ou deslocada.

Não encontrou nada de excepcional, mas notou que a voz de Ginger tornava-se ligeiramente mais ansiosa, à medida que se aproximava do dia 31 de agosto, no ano retrasado. Ao longo da sessão, a mudança passara despercebida, mas agora, com a possibilidade de ouvir o conjunto das lembranças e selecionar os trechos mais importantes para escutá-los várias vezes, o processo de ansiedade crescente tornava-se perfeitamente identificável. Pablo começou a perceber que se aproximava do período que Ginger fora forçada a esquecer. Assim, na sexta sessão de regressão hipnótica, dia 4 de janeiro, ele não se surpreendeu com o que viu.

Como sempre, Ginger estava sentada na poltrona junto à varanda, os cabelos muito loiros contrastando com a neve que caía lá fora. Tudo transcorria normalmente, até que ela chegou ao mês de julho de dois anos antes. Nesse ponto, retesou-se na poltrona, a testa franzida, a voz tensa e quase inaudível. Pablo não tinha a menor dúvida de que se aproximavam do período encoberto pelo bloqueio de Azrael.

Na viagem ao passado, Ginger rememorou os meses de intensa atividade de residência médica no Memorial até o encontro com George Hannaby na segunda-feira, dia 30 de julho, mais de dezessete meses atrás. As lembranças

continuavam vividas, claras, cheias de detalhes. Ainda na véspera, domingo, 29, ela arrumava o novo apartamento. Nos dias 28, 27, 26, 25, 24 comprara móveis, eletrodomésticos e objetos para a casa. No dia 18 de julho chegara o caminhão de mudanças com o que ela havia levado pa-

ra Paio Alto, Califórnia, e mais o que havia comprado lá durante os dois anos do curso de especialização em cirurgia cardiovascular. No dia 17, ela mesma chegara a Boston, viajando de carro, e alugara um quarto num hotel próximo e Beacon Hill.

— Você viajou... de carro? De um lado a outro do país? — Pablo surpreendeu-se.

— Eram as primeiras férias de minha vida. Gosto de dirigir... e achei que seria interessante conhecer toda essa região... — Sua voz estava tão assustada como se relatasse uma jornada ao inferno.

Pablo insistiu na regressão pelos dias de viagem até a manhã de 10 de julho, terça-feira. Ginger passara a noite num motel, em Nevada.

— Como se chamava o lugar? — perguntou o mágico.

— ... T... Tranqüi...idade... — ela gaguejou.

— Descreva-o.

Mãos crispadas nos braços da poltrona, assustada, Ginger obedeceu, fazendo um esforço sobre-humano. Era evidente que alguma coisa a aterrorizava.

— Então você passou a noite no Motel Tranqüilidade. Era nove de julho, segunda-feira — disse Pablo, tentando controlar a própria ansiedade. — Agora preste atenção... Hoje é nove de julho, segunda-feira, e você está se aproximando do Motel Tranqüilidade. Que horas são?

Ginger estremeceu, engoliu em seco e não respondeu. Pablo insistiu várias vezes até ouvi-la responder num sussurro:

— Não cheguei na segunda-feira... S... sexta...

— Na sexta-feira anterior?! — Ele saltou na poltrona. — Você passou várias noites, de seis de julho, sexta-feira, até o dia nove, segunda-feira, num motel de estrada, num fim-de-mundo?! — Pablo não despregava os olhos do rosto de Ginger. Ali estava o período que parecia perdido para sempre. — E por quê?

— Porque era um lugar tranqüilo — respondeu numa voz dura e inexpressiva. — Afinal, eu estava de férias... queria descansar. O motel era perfeito para descansar.

O velho mágico respirou fundo, recostou-se na poltrona e, enquanto seus olhos vagavam pela neve que se acumulava no parapeito da janela, escolheu cuidadosamente as palavras da pergunta seguinte:

— Você disse que o motel não tinha piscina e que os quartos eram muito simples. Não me parece um lugar convidativo para uma estadia tão longa. Por que você quis passar quatro dias lá?

— Para descansar, já disse. Dormir a sesta... Ler dois ou três livros, ver televisão. É ótima porque eles têm uma antena parabólica. — A voz tornava-se cada vez mais impessoal, como se Ginger estivesse lendo um *script* especialmente preparado para aquele tipo de interrogatório. — Depois de dois anos de muito trabalho em*Stanford, eu precisava de alguns dias de descanso.

— E que livros você leu no motel?

— Não me lembro.

— Tudo bem... Você está em seu quarto no motel, lendo. Entendeu? Você está lendo. Olhe para o livro que tem nas mãos e diga-me qual é o título.

— Eu... Não... O livro não tem título.

— Todo livro tem título.

— Este não tem.

— Porque não existe, não é?

Na mesma voz fria, que contrastava com os punhos cerrados e as gotas de suor brilhando na testa, ela respondeu:

— E... Não existe... Descansei, dormi a sesta. Li dois ou três livros. Vi televisão... A televisão é ótima porque eles têm uma antena parabólica.

— E o que você viu na televisão?

— Noticiários. Filmes.

— Que filmes?

— Não... não me lembro... — Ginger estremeceu outra vez.

Pablo sabia que ela não se lembrava simplesmente porque não

vira filme nenhum. Hospedara-se de fato no Motel Tranqüilidade, pois descrevera-o em todos os detalhes, mas lá não lera nenhum livro, nem assistira a filmes na televisão. Alguém interferira em sua memória e instruíra-a para falar daquela maneira e para

fornecer respostas imprecisas. Ali estavam as falsas lembranças, arquitetadas e implantadas para encobrir os fatos verdadeiros que ela testemunhara no motel. Nem o mais hábil especialista em lavagem cerebral seria capaz de criar uma teia de acontecimentos falsos capaz de resistir a um interrogatório bem conduzido, deliberadamente orientado em busca de algum bloqueio artificial de memória.

— Onde você jantava quando estava lá? — Pablo perguntou.

— No restaurante do motel. É pequeno e não tem um cardápio variado, mas a comida é bem razoável — respondeu, a voz neutra.

— E o que você comeu?

— Não sei... não me lembro.

— Mas você acabou de dizer que “a comida é bem razoável”... Se lembra disso, devia lembrar também o que comeu...

— Ora... é um lugar pequeno e não tem um cardápio variado, mas...

Quanto mais Pablo a pressionava, mais via a tensão crescer-lhe nas mãos e no rosto. A voz mantinha-se fria, monótona, sem inflexão, repetindo sempre as mesmas respostas programadas, porém o corpo parecia prestes a explodir de ansiedade.

Não seria difícil fazê-la esquecer para sempre as falsas lembranças que lhe haviam sido implantadas. Bastaria ordenar que as esquecesse, e ela as esqueceria. Depois, bastaria ordenar-lhe que se lembrasse do que realmente acontecera no Motel Tranqüilidade, e ela se lembraria de tudo. No entanto, entre uma etapa e outra, havia os gatilhos programados pelo bloqueio de Azrael. Um desses gatilhos poderia induzi-la a coma profunda antes de dar-lhe tempo para falar. Seria preciso ir muito devagar, tateando com cuidado, à procura de eventuais brechas ou falhas no bloqueio, para poder aproximar-se da verdade em relativa segurança. O balanço do dia seria mais do que lucrativo se fosse possível precisar quantas horas haviam sido roubadas da vida da dra. Weiss.

— Vamos voltar para o dia seis de julho, sexta-feira, dois anos atrás. Você está preenchendo a ficha de entrada no motel. Que horas são?
— Pablo perguntou.

— Ainda não são oito da noite. — A voz voltara ao normal, indicando que as lembranças eram autênticas. — Ainda faltava uma hora para escurecer, mas eu estava exausta. Só queria jantar, tomar um banho e dormir. — Ela descreveu Ernie e Faye, que a receberam na portaria, e até se lembrou de seus nomes.

— Depois de preencher a ficha de entrada, você jantou no restaurante do motel. Descreva o restaurante.

Até determinado momento, a descrição jorrou fácil, rica em detalhes; depois Ginger reassumiu a voz fria e metálica, confirmando a suspeita de que a lavagem cerebral cobria o período de tempo compreendido entre algum momento durante o jantar naquela sexta-feira e o instante em que saíra do motel na terça-feira seguinte. Pablo reconduziu-a ao pequeno restaurante, tentando localizar o exato momento em que começava o bloqueio:

— Diga-me o que aconteceu a partir do momento em que entrou no restaurante. Quero saber tudo, minuto a minuto.

Ginger levantou-se. Descontraída, voltando a cabeça para os lados como alguém que acaba de entrar num restaurante e procura lugar para sentar-se. Pablo também levantou-se e seguiu-a, impedindo-a de tropeçar nos móveis que ela não via. Seus movimentos não revelavam o menor sinal de tensão, indicando que as lembranças eram não só autênticas, mas também agradáveis.

— Demorei um pouco porque fui ao quarto lavar as mãos, passar uma escova nos cabelos e trocar de blusa. Já está quase escurecendo. A paisagem está toda avermelhada, e o restaurante também. Vou me sentar ali, perto da janela. — Pablo guiou-a pela sala até um dos sofás cobertos de almofadas claras, e viu-a aspirar um cheiro que só ela sentia. — Que delícia! Cebola, cheiro-verde... Batatas fritas!

— O restaurante está cheio?

Sem abrir os olhos, ela voltou a cabeça para a direita e para a esquerda.

— Não. O cozinheiro está atrás do balcão. A garçonete atende os fregueses. Três homens com jeito de caminhoneiros ocupam

três mesas diferentes. Naquela mesa, há mais três homens... Na outra, o padre gordo... Lá no fundo, um moço alto — Ginger apontava com o dedo enquanto falava. — Ao todo, onze pessoas, contando comigo.

— Está bem. Vá sentar à mesa que você escolheu.

Ela se levantou de novo, sorriu para alguém, contornou um obstáculo, talvez uma mesa que só ela via, e, de repente, recuou, assustada.

— Oh! — exclamou, virando-se para trás.

— O que aconteceu?

Sem responder, Ginger piscou, passou a mão no rosto, sorriu e disse para uma pessoa que também estivera no restaurante do Motel Tranqüilidade naquele distante dia 6 de julho:

— Não foi nada! Tudo bem... Já limpei. Está vendo? — Ergueu a cabeça para mostrar o rosto à invisível criatura que se levantava de uma cadeira a sua frente. — Já que derrubou o saleiro, tem todo o direito de jogar um pouco de sal por cima do ombro... Meu pai fazia isso para afastar mau-olhado... Ele costumava jogar três pitadas... Se estivesse sentado aí onde você está, eu ficaria soterrada sob uma salina. — Sempre sorrindo, afastou-se em direção à “mesa junto à janela”.

— Espere — Pablo chamou-a. — Como é esse homem que jogou sal por cima do ombro?

— E jovem. Tem trinta e dois, trinta e três anos... Um metro e oitenta, mais ou menos... Magro, cabelos escuros, olhos escuros. Simpático, atraente... Parece tímido, doce...

O homem da contracapa do *Crepúsculo na Babilônia*: Domi-nick Corvaisis.

Ginger continuou andando pela sala e Pablo conduziu-a novamente para o sofá. Ela sentou-se e olhou para o lado, como se examinasse a paisagem, sorrindo à luz do sol que se punha nas planícies de Nevada. Depois sorriu para a garçonete, disse duas ou três coisas sobre a beleza do poente e pediu uma cerveja. Quando recebeu a garrafa, executou todos os gestos necessários para servir-se, apanhar o copo e levá-lo aos lábios.

A sala estava mergulhada em silêncio. Às vezes, Ginger voltava a cabeça para os lados, como que avaliando detalhes do invisível restaurante. Pablo não a apressou. Sabia que estavam muito próximos do momento crucial em que a memória autêntica cederia lugar à memória forjada. Estavam muito próximos, portanto, do momento em que ocorrera, naquele restaurante, alguma coisa que Ginger não deveria ter presenciado.

Naquele dia do passado, o sol escondia-se no horizonte. A garçonete voltara para anotar o pedido do jantar: sopa de legumes e torta de carne.

De repente, Ginger estremeceu no sofá e perguntou, franzindo as sobrancelhas:

— Mas... o que é isso?!

— O que você está vendo? — Sem querer, Pablo olhou para a janela.

Ginger levantou-se, preocupada, falando com alguém que só ela via:

— Não sei o que é isso... — Deslizou para o lado, quase caiu, apoiou-se na parede. — *Gevalt!* Parece um terremoto! O chão está tremendo... Tudo está tremendo! Minha cerveja caiu da mesa! Mas... o que está acontecendo? E esse som?! — Já havia medo em sua voz, muito medo. — A porta! — Ginger gritou e virou-se como se quisesse fugir. Chegou a dar alguns passos em direção à porta, e parou de repente, lívida, os olhos esbugalhados, o corpo oscilando para a frente e para trás.

Pablo aproximou-se com duas rápidas passadas, mas, antes que pudesse segurá-la, ela caiu de joelhos sobre o tapete, a cabeça inclinada, os braços cruzados sobre o peito.

— O que houve? — perguntou o mágico tentando manter a voz calma.

— Nada. — Outra vez, a voz neutra. Mudança instantânea.

— O que é esse som?

— Que som?

— Pelo amor de Deus! O que está acontecendo no Motel Tranquilidade?!

O rosto exprimia horror, mas a voz era fria e metálica:

— Estou jantando.

— Mentira! Essa lembrança foi implantada em você.

— Estou jantando — ela repetiu.

Pablo fez mais uma tentativa e desistiu: o risco era grande demais. Haviam chegado ao momento em que começava a agir o bloqueio de Azrael. Ginger só se lembrava realmente do que ocorrera a partir da manhã de terça-feira, quando apanhara o carro para seguir viagem em direção a Salt Lake City. Aos poucos, talvez fosse possível romper o bloqueio, mas o que haviam conseguido já era muito para um só dia de colheita.

Agora tinham por onde começar. Sabiam que naquela noite de sexta-feira, 6 de julho, dois anos antes, Ginger vira alguma coisa que não deveria ter visto. Como testemunha desse... acontecimento, transformara-se em terrível ameaça para alguém. *Alguém* que durante vários dias mantivera-a prisioneira no Motel Tranqüilidade e impusera-lhe uma lavagem cerebral, feita por profissionais muito competentes, para impedir que ela revelasse o que vira. Trabalharam durante três dias: sábado, domingo e segunda-feira. Na terça-feira, eles a libertaram, já esquecida do que vira.

Eles... Mas quem poderia ser *eles*, esses desconhecidos tão infinitamente poderosos? E o que Ginger teria visto?

2. PORTLAND, OREGON

No domingo, dia 5 de janeiro, Dominick Corvaisis tomou um avião para Portland e instalou-se num hotel bem próximo da casa onde havia morado. Chovia muito e fazia frio.

Dom passou a tarde no quarto, sentado diante da janela, ora contemplando a paisagem, ora examinando mapas das estradas que cortavam a região. Por várias vezes conseguiu reconstituir as etapas da viagem que fizera no verão retrasado e que se preparava para repetir a partir do dia seguinte.

Como dissera a Parker Faine no dia de Natal, estava convencido de que, em determinado ponto daquela viagem, esbarrara em alguma coisa proibida. Por mais paranóico que pudesse parecer, estava convencido também de que alguém o submetera a lavagem cerebral para fazê-lo esquecer o que vira. Era a única conclusão possível, depois do que diziam os bilhetes misteriosos de seu correspondente anônimo.

Dois dias antes, recebera uma terceira mensagem, num envelope postado em Nova York e que ele agora esvaziava sobre a mesa. Dessa vez o envelope não continha nenhum bilhete, apenas duas fotografias.

A primeira foto não o impressionou, porém provocou-lhe estranha tensão. Dom tinha certeza de que não conhecia aquele homem, um padre jovem, gorducho, de cabelos ruivos, olhos verdes e nariz sardento. Sentado junto a uma pequena escrivaninha, com uma mala ao lado da cadeira, o padre olhava diretamente para a câmara; seu rosto redondo era tão inexpressivo quanto o rosto de um cadáver.

A segunda foto causou-lhe surpresa e emoção muito maiores, que persistiam mesmo depois da centésima vez que a examinava. Mostrava uma mulher jovem, que Dom tinha a impressão de conhecer de algum lugar, mas não se lembrava de onde. Olhando para aquele rosto, sentia o mesmo medo que o atormentava ao despertar dos pesadelos ou sair das crises de sonambulismo. A moça devia ter vinte e seis ou vinte e sete anos. Era loira, de olhos azuis e excepcionalmente bonita — ou melhor, *seria* excepcionalmente bonita se não tivesse o rosto tão vazio e ausente como o do padre. A foto focalizava-a da cintura para cima, deitada numa cama estreita, com o lençol puxado até o queixo. Ela estava amarrada à cama, e em seu braço via-se uma seringa com agulha intra-venosa. Parecia pequena, fraca, indefesa e oprimida.

Desde o primeiro momento, aquela fotografia recordava-lhe o pesadelo dos homens gritando perto dele e obrigando-o a inclinar-se sobre uma pia. Às vezes, o pesadelo começava numa cama parecida, envolta numa névoa amarelada que o impedia de ver. Quanto mais olhava para a moça mais Dom se convencera de que, em

algum lugar do planeta, havia uma foto igual àquela, onde ele próprio aparecia amarrado a uma cama, com uma agulha espetada na veia do braço, o rosto vazio como o de um zumbi.

Ao ver as duas fotografias, na sexta-feira em que Dom as recebera, Parker Faine comentara:

— Corto o saco se estiver errado, mas sou capaz de apostar que essa moça está sob efeito de drogas, sendo submetida a um processo químico de lavagem cerebral, provavelmente como você também foi. Deus do céu...

Essa história está ficando cada vez mais misteriosa. O tipo da história que ninguém pode contar para a polícia, porque não se sabe de que lado a polícia está. E se você tiver metido as patas em algum projeto secreto do governo? Pelo menos resta o consolo de saber que você não foi o único a ver o que não devia. O padrego e a garota também estavam por lá. Quem fez esse trabalho em vocês estava muito interessado em esconder seu segredo. E que segredo, para justificar tanto transtorno!

Sentado diante da janela de seu quarto de hotel, Dom segurava uma foto em cada mão, lado a lado, examinando ora uma, ora outra.

— Quem são vocês? — perguntou em voz alta. — Como se chamam? O que nos terá acontecido por essa estrada?

Ao longe, nos limites da noite de Portland, brilhou um relâmpago, prenunciando tempestade. Em minutos a chuva começou a cair, pesada, batendo como cascos de cavalo nas paredes do hotel, sacudindo as vidraças.

Horas mais tarde, Dom amarrou-se à cama, usando o equipamento que já passara por considerável melhoria desde o Natal. Em primeiro lugar, descobrira que, para evitar escoriações nos pulsos, bastava envolvê-los com gaze. Depois substituíra o barbante por um fio de náilon torcido, mais fino, porém muito mais resistente, do tipo usado pelos alpinistas em grandes escaladas. Decidira adotar o fio de náilon porque na noite de 28 de dezembro conseguira soltar-se, roendo o barbante que o prendia à cama. O fio de alpinista era tão resistente quanto um cabo de aço e muito mais fácil de transportar.

Na primeira noite em Portland, Dom acordou três vezes, debatendo-se para se livrar dos nós, suando, ofegante, com o coração disparado, e gritando:

— A Lua! A Lua!

3. LAS VEGAS, NEVADA

Um dia depois do Natal, Jorja Monatella levou Mareie ao consultório do dr. Louis Besancourt, onde ocorreu uma cena terrível, que os deixou sem fala, um frente ao outro. Já quando se aproximava da sala de espera, Mareie

começou a chorar; logo passou aos gritos mais lancinantes, esperneou e esbravejou como nunca fizera:

— Não! Médico, não! Ele vai me machucar! *Naol*

Em geral a menina era tranqüila e muito bem comportada. Em suas raras crises de mau humor ou de desobediência, bastavam-lhe uma ou duas palmadinhas no traseiro para se acalmar. Jorja tentou esse último recurso e arrependeu-se: pela primeira vez na vida, as palmadas tiveram efeito oposto ao esperado, e só fizeram aumentar os berros, os pontapés e as lágrimas.

Foi preciso pedir ajuda a uma enfermeira para arrastar Mareie até a sala de consultas. O próprio dr. Besancourt, sempre tão simpático e paciente, só conseguiu apavorar ainda mais a garota. Quando ele apanhou o oftalmoscópio para examiná-la, Mareie urinou na calça, como no dia de Natal. E depois, exatamente como naquele dia, o descontrole absoluto cedeu lugar à mesma calma ausente, que fizera Jorja pensar em autismo. Muito pálida, ainda trêmula, a menina parou de repente, os braços caídos ao longo do corpo.

Então o dr. Besancourt pôde proceder ao exame, que não lhe permitiu diagnosticar qualquer anormalidade, embora não houvesse dúvida de que alguma coisa não ia bem. O médico falou sobre a possibilidade de um distúrbio neurológico ou cerebral, aventou a hipótese de problemas psicológicos, e pediu uma lon-

ga série de exames, para os quais seria necessário internar Mareie no Hospital Sunrise por alguns dias.

A cena do consultório foi apenas uma amostra do que aconteceria no hospital. A simples aparição de um médico ou enfermeira bastava para mergulhar a menina no pânico mais irracional e absoluto. Do pânico, ela evoluía para a histeria, até que, fisicamente exausta, caía naquela espécie de transe catatônico do qual levava horas para se recuperar.

Jorja pediu uma semana de licença no cassino e praticamente mudou para o hospital durante os quatro dias de exames. Quando podia, dormia numa cama adicional instalada no quarto, e dormia pouco: mesmo sob o efeito de fortes sedativos a menina passava as noites aos gritos, debatendo-se sem parar.

— A Lua! — exclamava. — A Lua!

No quarto dia, Jorja estava a ponto de pedir socorro ao médico, quando Mareie simplesmente voltou ao normal. Mostrou-se contrariada por estar no hospital e pediu para voltar para casa, mas não gritou nem agiu como se todos os demônios a perseguissem. Continuava pálida, nervosa e tensa, porém pela primeira vez em dias comeu com grande apetite.

Mais tarde, enquanto Mareie almoçava, depois de passar pelo último exame previsto, o dr. Besancourt chamou Jorja para uma conversa particular:

— Não encontramos nada — informou, os olhos gentis de sempre brilhando no rosto redondo. — Todos os exames foram negativos. Mareie não tem nenhum tumor cerebral nem qualquer lesão ou disfunção do aparelho neurológico.

— Graças a Deus!

— Vou encaminhá-la para um psicólogo infantil, Ted Coverly, que saberá como ajudá-la. De qualquer modo... tenho um palpite. E engraçado, mas acho que já curamos Mareie, sem saber.

•— Como?! O que está querendo dizer? — Jorja estava perplexa.

— Uma das hipóteses de diagnóstico era que ela tivesse desenvolvido um tipo de fobia. Os sintomas são típicos... medo irracional, crises pânicas... Um dos métodos utilizados para eliminar

fobias é o que chamamos de “choque terapêutico”. Durante algum tempo o paciente é exposto ao fator que desencadeia as crises de pânico até que a fobia se esgote por si mesma. É uma terapia violenta e extremamente agressiva, que eu jamais recomendaria a uma criança. Mas é possível que, sem querer, a tenhamos induzido a um “choque terapêutico” pelo simples fato de mantê-la internada no hospital durante quatro dias.

— E por que ela desenvolveu essa fobia? Como é que foi ocorrer uma coisa tão... esquisita? — Jorja franziu as sobrancelhas. — Mareie nunca esteve hospitalizada, nunca passou por nenhuma experiência desagradável com médicos ou hospitais. Na verdade, ela nunca ficou realmente doente!

O dr. Besancourt balançou a cabeça e afastou-se para dar passagem a uma maca empurrada por duas enfermeiras.

— Sabemos pouca coisa sobre a origem das fobias — explicou. — Sabemos, por exemplo, que não é necessário ser sobrevivente de um desas-

tre de avião para ter medo de voar. As fobias são... inesperadas. Mesmo que Mareie esteja curada, sempre poderá restar algum vestígio de medo, com o qual valerá a pena o psicólogo trabalhar. Fique traquilha. Ted Coverly saberá o que fazer com sua filha.

Naquela mesma tarde, dia 30 de dezembro, segunda-feira, Mareie recebeu alta e voltou para casa. Parecia totalmente curada, rindo como sempre, alegre e tagarela. Mal entrou em casa, correu para sua pilha de presentes e brincou um pouco com o “Médico Infantil”, que logo trocou por uma boneca.

Pouco depois os avós foram visitá-la. Enquanto Mareie estava hospitalizada, Jorja conseguira mantê-los a distância, explicando que as visitas poderiam retardar a recuperação da menina; em casa, porém, como ela parecia muito bem, todos se tranqüilizaram. Durante o jantar, sorridente e tranqüila, Mareie garantiu a estabilidade e a paz domésticas.

Jorja ainda deixou a filha dormir em sua cama nas três noites seguintes, temendo que os pesadelos voltassem a atormentá-la. Contudo, apenas duas vezes em três noites acordou com o grito

de “A Lua!” — na verdade, mais um gemido que um grito. Numa dessas noites, Jorja resolveu contra-atacar e, na manhã seguinte, perguntou à filha se sonhara com a Lua.

— Sonho de Lua? — Mareie sacudiu os cachos louros. — Não sonhei com a Lua... sonhei com cavalos. Será que algum dia você me compra um cavalo de verdade?

— Pode ser... Quando tivermos uma casa grande.

— C/aro! — A menina riu alto. — Como é que eu ia ter um cavalo no apartamento?! Os vizinhos iam reclamar...

Na quinta-feira Mareie teve a primeira consulta com o dr. Coverly e gostou dele. Se ainda sentia medo de médicos conseguiu disfarçar muito bem e reagiu com total normalidade. Foi a primeira noite, desde a volta do hospital, em que dormiu no outro quarto, com a única companhia do urso de pelúcia. Três vezes, ao longo da noite, Jorja levantou-se para vê-la e apenas uma vez ouviu-a murmurar a ladainha conhecida: “Lua... Lua... Lua”. Estranha e assustadora ladainha, porque Mareie parecia emitir um gemido, que podia ser tanto de dor como de prazer.

Na sexta-feira, com três dias de férias escolares pela frente, Jorja deixou Mareie aos cuidados de Kara Persaghian e foi trabalhar. Sentiu-se quase aliviada por voltar à barulheira e à fumaça do cassino. Cigarros, fedor de cerveja azeda, mau hálito... qualquer coisa era melhor que cheiro de desinfetante de hospital.

No fim da tarde, quando foi buscar a filha, Mareie exibiu-lhe, orgulhosa, a produção de um dia inteiro de desenhos: dezenas de luas, de todos os tamanhos e cores imagináveis.

Na manhã de domingo, dia 5 de janeiro, quando se dirigia à cozinha para preparar o café, Jorja encontrou Mareie instalada à mesa da sala. Ainda de pijama, a menina estava descolando todas as fotografias de seu álbum de bebê e empilhando-as cuidadosamente.

— Vou guardar as fotos nessa caixa de sapatos porque preciso do álbum para fazer uma coleção de luas.

— Por que está tão interessada na Lua?

— Porque é bonita — Mareie respondeu, colando a primeira da *coleção*. Colou-a e parou, olhos muito fixos, fascinada, como que em transe. O mesmo olhar com que fitava o “Médico Infantil”.

Com um arrepio de medo, Jorja lembrou que a fobia aos médicos começara daquele jeito, em aparente calma, quase sem que ela percebesse. E se Mareie tivesse apenas trocado de fobia? Seu primeiro impulso foi correr para o telefone e ligar para o dr. Co-verly, mesmo sabendo que era domingo e dificilmente o encontraria. Antes de ligar, porém, pensou melhor e concluiu que estava se assustando à-toa. Afinal de contas, Mareie não parecia ter *medo* da Lua, só estava... fascinada. A Lua era outra das suas paixões fulminantes e passageiras. Qualquer mãe de uma garotinha de sete anos conhece bem esses repentes de entusiasmo, tão fugazes quanto envolventes.

Pelo sim, pelo não, decidiu contar tudo ao psicólogo quando levasse Mareie ao consultório para a segunda sessão, na terça-feira seguinte.

Vinte minutos depois da meia-noite de segunda-feira, Jorja foi ver se a filha dormia bem e encontrou-a acordada, sentada junto à janela, no quarto escuro, olhando para o céu.

— O que aconteceu?

— Nada. Venha ver — respondeu a menina sem virar a cabeça.

Jorja aproximou-se da janela e perguntou:

— O que você está vendo?

— A Lua... — Mareie nem piscava, o rostinho erguido para o céu, onde brilhava o quarto crescente. — A Lua...

4. BOSTON, MASSACHUSETTS

A segunda-feira, dia 6 de janeiro, amanheceu gelada. O forte vento do mar castigava a cidade, obrigando as pessoas a andar depressa, o nariz escondido sob o cachecol, a cabeça baixa, os ombros

curvados. À luz cinzenta do inverno, as torres de aço e vidro do centro comercial pareciam feitas de gelo, e as aristocráticas construções da Boston antiga perdiam a tradicional elegância para mostrar-se simplesmente velhas. As árvores, desfolhadas, erguiam para o céu os galhos cobertos de neve.

Herbert, mordomo e faz-tudo dos Hannaby, dirigia o carro, levando Ginger para a sétima sessão com Pablo Jackson. O vento da noite anterior derrubara postes e fios elétricos, desligando os semáforos e transformando em caos absoluto o trânsito do centro da cidade. Por fim, com cinco minutos de atraso, chegaram à Rua Newbury.

Logo após as revelações da sessão do sábado, Ginger levantara a hipótese de entrar em contato com os proprietários do Motel Tranqüilidade, em Nevada, para tentar descobrir alguma coisa sobre os acontecimentos daquela noite de 6 de julho. Das duas uma: ou os proprietários do motel eram cúmplices do grupo que a submetera à lavagem cerebral, ou eram vítimas, como ela própria.

Sem deixá-la acabar de falar, Pablo fora logo dizendo que era perigoso demais. Na hipótese de os proprietários do motel fazerem parte de alguma organização criminosa, ir lá seria o mesmo que enfiar a cabeça em toca de urso.

— Você precisa ser paciente. Antes de tentar qualquer contato com quem quer que seja, deve reunir todas as informações possíveis.

Uma segunda idéia seria pedir proteção à polícia e exigir uma investigação especial. Pablo, todavia, convencera-a de que eles não poderiam fazer nada sem que Ginger apresentasse alguma prova de ter sido vítima de lavagem cerebral. Além disso, o crime, fosse qual fosse, ocorrera em área estranha à jurisdição da polícia estadual de Massachusetts. Seria necessário procurar os federais ou a polícia estadual de Nevada. E se um deles fosse o agente especial encarregado da lavagem cerebral — o culpado, e não o salvador?

Frustrada, mas incapaz de encontrar qualquer falha nos argumentos do mágico, Ginger conformara-se em continuar com as sessões de regressão hipnótica. Pablo dissera-lhe que queria ter o

domingo livre para ouvir a gravação da sessão do sábado, e que, na segunda-feira de manhã, ia visitar um amigo no hospital.

— Se for conveniente para você, venha me ver à uma hora, na segunda-feira. Poderemos continuar a sondar seu bloqueio com toda a calma do mundo.

Na segunda de manhã, ele telefonara informando que seu amigo estava bem melhor e que Ginger poderia visitá-lo mais cedo, às onze horas, se quisesse.

— Se quiser, venha às onze e preparamos o almoço juntos.

Naquele momento, saindo do elevador e dirigindo-se rapidamente para o apartamento de Pablo, Ginger decidiu fazer tudo exatamente como ele sugerira, “com a maior calma do mundo”. Assim, ao deparar com a porta aberta, entrou tranqüilamente e chamou o mágico. Em algum lugar da casa alguém resmungou e um objeto caiu no chão.

— Pablo? — Sem obter resposta, ela atravessou a sala e tornou a chamá-lo: — Pablo, onde você está?

Silêncio.

Uma das portas da biblioteca estava aberta. Ginger entrou e encontrou o amigo estendido no tapete, junto à escrivaninha. Ainda estava com a capa de chuva e as galochas, sinal de que acabara de chegar do hospital.

Ela correu e ajoelhou-se a seu lado, inventariando as possibilidades de acidente cardiovascular, trombose, hemorragia cerebral, embolia, ataque

cardíaco. Em nenhum momento ocorreu-lhe que Pablo tivesse levado um tiro, até que o virou sobre o tapete e viu o sangue jorrando-lhe do peito.

O velho moveu os olhos de um lado para outro, quase inconsciente, e só conseguiu balbuciar uma palavra, a voz muito fraca:

— Fuja...

Até então Ginger agia movida pelo mesmo impulso: ao vê-lo caído, correr para ajudá-lo, como amiga e como médica. Mas, de repente, ao ouvi-lo dizer que fugisse, foi como se uma dúzia de sirenes disparassem em sua cabeça. Não ouvira tiros... Uma arma com silenciador. Um assassino profissional... *Perigo!*

O coração aos pulos, levantou-se e voltou-se para a saída. O assassino esperava-a ao lado da porta: alto, ombros largos, impermeável de gola levantada e cinto amarrado, pistola e silenciador em punho. Era um homem forte, mas, para surpresa de Ginger parecia bem menos ameaçador do que imaginara. Tinha cerca de trinta anos, um rosto simpático e uns olhos azuis que irradiavam inocência. Quando falou, surpreendeu-a ainda mais:

— Meu Deus... Nada disso deveria ter acontecido... Eu só estava copiando as fitas... Eu só queria copiar. — O homem apontava para a escrivaninha, onde se encontravam o gravador e dezenas de fitas espalhadas. Registros das sessões de hipnose.

— Deixe-me chamar uma ambulância — Ginger pediu, as lágrimas escorrendo pelo rosto, e deu um passo em direção ao telefone, mas o homem ameaçou-a com o revólver.

— O gravador é especial, extra-rápido... — lamentou-se ele. — Mais um pouco e tudo estaria pronto! O que é que ele veio fazer em casa, uma hora antes do que devia?!

Sem dizer nada, Ginger apanhou uma almofada e colocou-a sob a cabeça de Pablo para impedir que ele se engasgasse com o sangue que escorria para a garganta. O homem continuava a lamuriar-se:

— Ele chegou em silêncio... como um fantasma! Nem o vi entrar...

Ginger lembrou-se do andar elegante e elástico do amigo, como se cada passo fosse a abertura de um ato de magia... No chão, Pablo tossiu e fechou os olhos. Não haveria esperança de salvação, a menos que ele fosse atendi-

do com urgência. Cirurgia de emergência... e tudo que ela podia fazer era passar-lhe a mão pelos cabelos.

— Por favor, deixe-me chamar uma ambulância... — pediu mais uma vez.

— E por que ele estava armado?! — esbravejou o homem. — O que um velho de oitenta e um anos poderia fazer com um revólver?!

Surpresa, Ginger olhou para o chão e viu a arma caída a poucos centímetros da mão de Pablo... Então compreendeu tudo.

Pablo *sabia* que estava em perigo... Sabia que era perigoso ajudá-la... E ela, como uma idiota, obrigara-o a atendê-la... Sem imaginar que qualquer tentativa de quebrar o bloqueio em sua memória poderia chamar a atenção de gente poderosa, de assassinos como aquele que ali estava, de arma na mão. Alguém a seguia, talvez não dia e noite, mas seguia-a, observava seus movimentos, conhecia as pessoas com quem falava. No instante em que aparecera pela primeira vez no apartamento de Pablo, Ginger condenara-o à morte. E ele sabia! Claro... Se não soubesse, não andaria armado. A culpa é minha, pensou, aflita.

— Se esse idiota não estivesse armado... — continuou o homem.

— Se não tivesse falado em chamar a polícia... eu teria saído sem atirar nele. Eu não queria ferir o velho... Merda!

— Então, pelo amor de Deus, deixe-me chamar uma ambulância! Se você não queria feri-lo, então vamos ajudá-lo...

O homem balançou a cabeça, olhando para Pablo:

— Não adianta... Ele está morto.

Foi como se alguém a esmurrasse no peito. Ginger tomou o pulso do amigo, tocou-lhe a carótida à procura de algum sinal de vida. Nem precisava: bastava ver o brilho de vidro em seus olhos parados para ter certeza do que o homem dissera.

— Não... — ela gemeu baixinho. — Oh, não, não...

Parecia impossível que o conhecesse fazia apenas duas semanas.

Era como se já fossem amigos há muito tempo... Ginger ofereceu-lhe todo o seu afeto de órfã, e ele o aceitara sem reservas. E agora estava morto!

— Sinto muito... — O assassino balançava a cabeça de um lado para outro. — Sinto, sinto mesmo... Se ele não tivesse aparecido aí com o revólver eu já teria saído. E agora? Matei um homem... E... e você me viu... pode me reconhecer...

Lutando contra o desespero, certa de que não tinha tempo para lágrimas, Ginger levantou-se e encarou-o. Ele disparou a falar, quase que pensando em voz, alta:

— Tenho que dar um jeito em você. Tenho que revirar a casa inteira, arrancar umas gavetas, rebentar a fechadura, roubar alguma coisa de valor... assim vão pensar que vocês dois chegaram juntos e encontraram um ladrão aqui. E vai dar certo... Agora não preciso mais copiar as fitas. Vou levá-las. E melhor que ninguém mais ouça essas fitas. — Olhou para Ginger e fez um arremedo de sorriso. — Sinto muito, mas tinha que ser assim. Parte da culpa é minha, por que eu não poderia ter deixado que o velho me surpreendesse... Mas o que está feito... — Deu um passo em direção a ela. — Será que a cena vai parecer mais convincente se eu violentar você? Quero dizer, será que a polícia não vai estranhar que um ladrão se limite a dar um tiro numa mulher tão bonita? .Qualquer ladrão pensaria logo em violentar você... — Aproximou-se mais, e Ginger começou a recuar. — Mas será que eu consigo... sabendo que terei que matá-la depois? — Ele praticamente a encurralara contra a estante de livros. — Acredite, moça... eu não gosto nada do que está acontecendo. Acho horrível...

Um assassino sedento de sangue seria mil vezes menos assustador que aquele desgraçado babando desculpas e arrependimentos. Um monstro! Um monstro capaz de cometer dois homicídios e um estupro, lastimando-se de ser obrigado a tantos crimes... arrependendo-se mesmo antes de matar, violentar, roubar... e ainda assim, roubando, violentando, matando...

— Por favor. Tire a capa — ordenou o homem.

— Juro que não conto nada a ninguém... Vou dizer que não vi você, que não posso reconhecê-lo... Por favor, me deixe ir embora!

— Ah, se eu pudesse, moça... Tire a capa.

Devagar, tentando ganhar tempo, ela começou a desabotoar a capa. Estava trêmula, e ainda exagerou o tremor para retardar ao máximo a tarefa. Por

fim, sem alternativa, tirou a capa.

O homem deu mais um passo, segurando a arma a alguns centímetros da mão de Ginger. Parecia menos tenso, os dedos quase soltos à volta do cabo, o indicador longe do gatilho.

— Por favor... não me machuque... — Quanto mais assustada ela se mostrava, mais o criminoso se descontraía. De repente, talvez surgisse a brecha que esperava para poder fugir.

— Eu não *quero* machucar você... — disse ele, como se a idéia de gostar do que fazia o ofendesse terrivelmente. — Também não queria machucar o velho. A culpa foi dele. Prometo que não vai doer nada. Prometo.

Sempre segurando a arma na mão direita, o assassino tocou-lhe os seios com a esquerda. Ginger fechou os olhos e permaneceu imóvel, na esperança de que ele relaxasse a guarda, à medida que se excitasse. Apesar de sua dúvida quanto a possuí-la antes de matá-la, o homem deixava-se levar por um tipo de prazer violento e perverso. Apesar dos olhos azuis e da voz macia, transpirava maldade por todos os poros.

— Lindo... pequenino, mas firme... — Ele enfiou a mão por baixo da malha, apanhou uma das alças do sutiã e puxou-a até rebentá-la. Sem querer, Ginger gemeu de dor. — Está doendo? Desculpe, vou tomar mais cuidado. — Rebentou a outra alça e arrancou-lhe o sutiã.

Ginger sentiu a mão úmida e gelada tocar em sua pele nua.

Já não tinha para onde fugir, as costas coladas à estante. O homem estava a sua frente, a arma apontada; mesmo assim, ela tentou avançar, mas o cano do revólver encostou-lhe no peito, fechando qualquer possibilidade de fuga. Se desse um passo, seria fuzilada sem piedade.

As carícias continuavam, misturadas com murmúrios de desculpas e lamentos; em voz cada vez mais rouca o monstro repetia sempre que detestava estuprar uma jovem tão simpática, e parecia esperar que ela o perdoasse pelo pecado de matá-la.

Sem ter como fugir, enojada com a cascata de palavras que o homem vomitava, Ginger sentiu-se de repente à beira de uma crise aguda de claustrofobia. Melhor seria fazê-lo puxar o gatilho e acabar logo com aquele pesadelo. Ela movia a cabeça de um lado para outro, tentando escapar do hálito de

cerveja velha que procurava sua boca, implorando que o criminoso a deixasse ir.

Ainda mais excitado pelo medo que via em seus olhos, o homem tornou-se mais ousado nas carícias:

— Ah... acho que vou conseguir, boneca... Você vai ver... Aí

está. Venha, toque em mim. — Colou-se a seu corpo, esfregando-se com frenesi. Por incrível que fosse, parecia convencido de que a simples exibição de seu pênis ereto bastaria para persuadi-la a entrar naquele jogo perverso.

Estava condenado a desapontar-se. Para agarrar-se a ela foi obrigado a baixar a arma. Embalado pela excitação, certo de que a vítima estava a sua mercê, esqueceu-se de manter o revólver apontado. Era a senha que Ginger esperava para entrar em ação. Num gesto lento, que tanto poderia ser de medo como de paixão, ela girou a cabeça, aproximou os lábios do pescoço do homem, exatamente por cima do pomo-de-adão, e mordeu-o com toda a força. Ao mesmo tempo, ergueu o joelho e golpeou-o nos testículos, agarrando o braço que segurava a arma. O assassino soltou um berro de dor e recuou, horrorizado.

Ginger ainda sentia nos lábios o gosto de sangue da primeira mordida e já se preparava para a segunda. Sem dar tempo para que o monstro se recuperasse, avançou para ele, segurou o braço armado e cravou-lhe os dentes no pulso. Ele já não sabia se gritava de dor ou de susto. Uma jovem tão bonita, tão delicada... Como poderia imaginar...? A segunda mordida obrigou-o a largar o revólver. Ginger abaixou-se para apanhá-lo e, nesse instante, o homem aplicou-lhe um soco violento no meio das costas. Caída sobre os joelhos, o rosto tocando o chão, ela mal conseguia ver ou respirar por causa da dor, tão forte que lhe causava náuseas. Chegou a pensar que havia fraturado a coluna vertebral e jamais poderia levantar-se. Ainda ofegante, porém com a visão mais clara, percebeu que o criminoso se aproximava para pegar a arma, e atirou-se nas pernas dele. O homem ainda agitou os braços, na desesperada tentativa de manter o equilíbrio, mas acabou estatelando-se sobre uma das mesas de canto, derrubou o abajur e rolou sobre o cadáver de Pablo Jackson.

Um de cada lado da sala, ambos mal podendo respirar, petrificados de susto, caça e caçador fitaram-se por um instante. Deitados de lado, encolhidos como fetos, lutavam para fazer o ar chegar aos pulmões. Ginger viu os olhos do homem, fixos, arregalados,

cheios de medo de morrer. A mordida do pescoço não era suficiente para matá-lo, pois não atingira a veia jugular ou a artéria carótida. Seus dentes haviam tocado uma camada superficial de cartilagem e uma pequena porção de tecidos moles, sessionando apenas alguns centímetros de vasos periféricos. De qualquer modo, talvez o homem não soubesse de nada disso e estivesse certo de que ia morrer. A dor devia ser terrível. Ginger viu-o levar a mão ao pescoço ferido e olhar os dedos cobertos de sangue. O caçador estava com medo de morrer... e isso poderia torná-lo inofensivo como um bebê ou perigoso como um leão.

Os dois viram, ao mesmo tempo, que a arma continuava caída ao chão, mais próxima dele que de Ginger. O sangue pingando sobre o tapete, arrastando-se sobre o punho ferido, o homem começou engatinhar em direção ao revólver.

Ginger não teve escolha: levantou-se e correu.

Saiu da biblioteca e voltou à sala, meio encolhida, sem poder movimentar pernas ou braços com liberdade por causa da dor que ainda a cegava, pensando em escapar do apartamento pela porta da frente. De repente lembrou-se de que não conseguiria chegar à rua, porque só havia dois caminhos: o elevador, que não teria tempo de esperar, e a escada, onde o monstro a agarraria. Diante disso, girou sobre os calcanhares, disparou pela sala, empurrou a porta de vaivém que separava a copa da cozinha, saltou sobre uma das gavetas junto ao fogão e apanhou um cutelo de açougueiro. Percebeu que estava gemendo. Uma espécie de silvo, baixo e tenso, escapava-lhe dos lábios por entre os dentes cerrados. Respirou fundo, obrigou-se a silenciar o silvo e conseguiu controlar-se.

O homem ainda não aparecera na cozinha. Um ou dois segundos mais tarde, Ginger percebeu que era uma sorte ele não ter aparecido, porque o cutelo não serviria de nada frente a arma de fogo, à distância de quase dois metros. Furiosa com a própria imprevidência, voltou para junto da porta e

encostou-se à parede. As costas ainda doíam, mas o pior já havia passado. O coração batia furioso contra as costelas coladas à parede, e Ginger pensou que o homem poderia ouvi-lo da outra sala, como se fosse um tambor.

Esperou, o cutelo abaixado, pronto para erguer-se em arco e atingir as costas do monstro, se ele entrasse de repente, em fúria, sedento de vingança, certo de que estava morrendo. Mas... e se ele entrasse devagar, com cuidado, empurrando palmo a palmo a porta de vaivém? A situação se complicaria para Ginger. Cada segundo que passava mais a aproximava da segunda hipótese.

A menos que a mordida fosse mais profunda do que ela imaginava. Nesse caso, o homem talvez continuasse estirado na biblioteca, empapando de sangue o tapete chinês. Ginger pediu a Deus que o deixasse por lá. Mas era inútil iludir-se. O assassino estava vivo. E se aproximava.

Ela pensou em gritar e chamar a atenção de algum vizinho, que talvez ligasse para a polícia. Mas a polícia não chegaria a tempo de salvá-la. Antes de fugir o homem *tinha* que matá-la. Gritar era desperdício de energia.

Ginger colava-se à parede, querendo fundir-se nela. A porta de vaivém parecia enfeitiçá-la, como se fosse uma cobra armando o bote sobre a presa. Ela já não suportava a tensão. Onde diabos estava o maldito?!

Passaram-se cinco segundos, dez, vinte. O que o monstro estaria fazendo? A cada instante, parecia mais azedo o gosto de sangue na boca e a náusea voltava a crescer. Com tempo para pensar. Ginger dava-se conta do horror da situação, da selvageria de seus gestos, de seus próprios pensamentos. Selvagem... a palavra era exatamente essa... selvagem como uma fera acuada, pronta para matar. A imagem do cutelo entrando na carne do homem a fez estremecer. Não! Não era uma assassina... era médica! Jurara livrar as pessoas da dor, da doença, do sofrimento. Precisava parar de pensar em matá-lo. Era perigoso, confuso e irritante.

Mas *onde* estava ele?

Decidiu não esperar mais. Os minutos de espera afrouxavam-lhe os instintos de defesa, deixavam-na mais vulnerável... Teria mesmo que agir como uma fera, se quisesse salvar a pele. Esperar

era facilitar as coisas para o assassino. Com cuidado, apoiou a mão na porta, e sentiu a presença do criminoso a poucos centímetros de distância, do outro lado da porta, esperando que *ela* fizesse o primeiro movimento.

Ginger parou, e reteve a respiração, atenta a todos os ruídos. Silêncio. Encostou o ouvido à porta. Silêncio absoluto. Na mão, úmida de suor, o cabo do cutelo parecia escorregadio, pegajoso. Sem ruído, empurrou a porta apenas o suficiente para espiar. O homem não estava ali, como pensara, mas do outro lado da sala, junto à entrada do hall. Acabava de voltar do corredor externo, a arma em punho. Sem dúvida, saíra para examinar o elevador e a escada; não a encontrou e retornou ao apartamento. Entrou e trancou a porta, para impedi-la de sair. Já sabia, claro, que ela continuava ali dentro.

O monstro levou a mão mordida à garganta mordida. Respirava com dificuldade, mas já não dava sinais de pânico; parecia ter descoberto que, se sobrevivera até então, não estava à beira da morte.

No meio da sala, o criminoso olhou para o lado dos quartos. Não viu ninguém e virou-se para a porta da cozinha. Ginger sentiu como se ele estivesse vendo-a através da brecha, mas o homem estava muito longe para perceber que a porta não estava completamente fechada. Obrigado a escolher entre um caminho e outro, optou pelos quartos e lá se foi, passos firmes e decididos.

O plano de esperá-lo junto à porta da cozinha, com o cutelo pronto para atacá-lo, já não funcionaria. Ele era um profissional, habituado à violência. Apesar de ter perdido o primeiro *round*, colhido de surpresa pela fúria do ataque de Ginger, já se recuperara do susto e da dor. Quando retornasse dos quartos, estaria ainda mais seguro. Jamais entraria afoitamente na cozinha.

Então... a única saída era escapar do apartamento. E rápido.

Sem vislumbrar a menor chance de alcançar a portra da sala antes que o assassino concluísse a primeira fase de sua busca, Ginger largou o cutelo sobre a pia e, em silêncio, aproximou-se da janela. Afastou as cortinas e viu a saída de emergência, bem a sua frente.

Devagar, girou o trinco e abriu a janela. As dobradiças ressequidas soltaram um guincho agudo, e o painel de vidro bateu ruidosamente na parede,

impelido com força pela ação da gravidade, Ginger teve certeza de que o homem escutara o barulho, pois ouvia-o correr na direção da cozinha.

Rápida, saltou para o patamar de ferro da escada e começou a descer. O vento frio penetrava-lhe a carne até os ossos. Havia gelo nos degraus, agudas pontas de água congelada grudavam-se ao corrimão. De qualquer modo, mesmo com o risco de escorregar e espatifar-se na calçada, só lhe restavam duas alternativas: correr ou oferecer a nuca aos tiros. Ela derrapou várias vezes, sem conseguir firmar-se no corrimão, porque as agulhas de gelo cortavam como aço.

A quatro degraus do andar de baixo, ouviu a voz do homem, que pulava a janela e ganhava a escada. Dois degraus antes de alcançar o patamar de ferro, ela escorregou de novo e caiu, sentindo reavivar-se a dor nas costas. Ainda tentou agarrar-se ao corrimão, mas só conseguiu desprender algumas agulhas de gelo, que brilharam por um instante contra o céu e se partiram ao tocar o chão.

O vento encobriu o ruído sibilante do primeiro tiro, abafado pelo silenciador, mas Ginger viu estilhaços de ferro saltarem a centímetros de sua cabeça. O criminoso errara por pouco. Ela olhou para cima, a tempo de vê-lo fazer mira... e escorregar pela escada abaixo. Viu-o tentar agarrar-se ao corrimão, sem conseguir equilibrar-se. E viu-o aproximar-se, aos trambolhões, do patamar onde ela estava. Antes de chegar lá, porém, o homem firmou um pé no gradil e parou, com uma perna para fora, entre os ferros do corrimão, a outra contra a parede, e uma das mãos enfiada no espaço entre dois degraus: a mão da arma. Por isso, e só por isso, não pôde continuar atirando.

Ginger precisava apenas daqueles dois ou três segundos para levantar-se e fugir. Levantou-se como pôde, virou-se para dar uma última olhada na direção do homem, que também já se erguia... e viu os botões do impermeável dele. Botões de metal polido... impressos com a figura de um leão rampante, a conhecida ima-

gem heráldica da Casa Real inglesa. Mas eram botões comuns, dos que se encontram em milhares de jaquetas esportivas, casacos de lã, abrigos de inverno. Ginger, porém, não via nada além deles, como se unicamente os botões existissem a sua volta. A escada, a arma, o assassino, até o vento que a

fazia tremer de frio desapareceram. Os botões eram a grande ameaça... a *única* ameaça.

— Não... — disse, tentando lutar contra o medo. *Os botões*. — Não... Não! — *Os botões*.

Que momento seria pior para ter uma crise?! E, no entanto, a crise veio, violenta, incontrolável. A primeira, em mais de três semanas, trazendo o mesmo medo pânico das outras vezes. Um medo que a fazia sentir-se derrotada, pequena, frágil, incapaz de lutar. Era preciso fugir... mas, ao redor tudo era escuridão.

Ginger fechou os olhos para não ver os botões e disparou escada abaixo, percebendo vagamente que podia escorregar, quebrar a perna ou partir a espinha. E então, quando não pudesse mais se mover, o homem se aproximaria, colaria um cano frio de revólver a sua testa e lhe explodiria a cabeça.

Fez-se a treva.

Frio.

Quando o mundo voltou a aparecer — ou quando Ginger retornou ao mundo —, ela estava encolhida sobre um amontoado de folhas secas, neve e sombras, junto aos degraus de uma casa, a qualquer distância da Rua Newbury e do apartamento de Pablo. As costas doíam-lhe muito, e a dor alastrava-se pelo lado direito do corpo. A palma da mão esquerda ardia, queimada de frio. O frio paralisava-a, vindo do chão onde estava sentada e da parede onde apoiava as costas. O vento assobiava a sua volta, chiando e gemendo como se soprasse uma enorme garganta humana.

Não sabia como nem quando chegara ali, mas *sabia* que corria o risco de apanhar uma pneumonia. Por onde andaria o assassino? Ainda podia estar por perto, a sua procura... Talvez ela ainda fosse obrigada a fugir. Decidiu esperar um minuto.

Que milagre a fizera descer a escada sem ver onde pisava? Como conseguira correr pelas ruas geladas sem quebrar uma perna ou o pescoço? Ocorria-lhe apenas uma explicação: fugira como um bicho, aproveitando-se da irracionalidade, guiada mais pelo instinto que pela inteligência. Os bichos sempre sabem onde pisam.

Como aves de rapina, vento e frio continuavam a cercá-la, cada vez mais perto. Era como estar enterrada viva... num sarcófago de neve e folhas mortas. Estava na hora de retornar à vida.

A sua volta, viu um pequeno quintal deserto e uma fileira de casas, também sem ninguém à vista. O chão coberto de neve, algumas árvores desfolhadas... nada muito ameaçador. Tremendo, olhos enevoados de lágrimas, Ginger subiu alguns degraus e andou pela varanda de tijolos que levava do fundo da casa à entrada. Queria descobrir onde estava, encontrar um modo de voltar ao apartamento de Pablo, achar um telefone, chamar a polícia... Mas não conseguiu fazer nenhuma dessas coisas. Ao chegar à calçada, viu duas lâmpadas acesas, apesar do dia, porque o mecanismo fo-toelétrico que as ativava fora confundido pelo cinzento da manhã. Lâmpadas amareladas, cor de âmbar como pequenas chamas de vela...

Lâmpadas amareladas... cor de âmbar... Novamente Ginger sentiu que não conseguia respirar, o coração estava a ponto de explodir, batendo cada vez mais forte. O medo! Outra vez... *o medol*

Não... outra vez, não! Mas sim... e lá estava outra vez a névoa que a impedia de ver... a fuga, o medo... o nada.

Ainda mais frio.

Mãos e pés duros, insensíveis.

Devia estar de volta à Rua Newbury. Conseguira esconder-se sob um caminhão estacionado, atrás da caixa de câmbio ou do tanque de óleo. Esticou a cabeça e espiou para fora. Viu apenas os pneus dos carros parados do outro lado da calçada.

Escondendo-se... sempre escondendo-se. Cada vez que retornava de uma crise estava escondida em algum lugar, como se alguém ou algo terrível a perseguisse. Hoje, claro, poderia estar se escondendo do assassino de Pablo. Mas, e nas outras vezes? O que lhe dava a sensação de que alguém a perseguia? Mesmo ali, naquele

instante, persistia a impressão de que havia mais alguém em seu encalço; mais alguém... além do assassino. Uma *coisa* qualquer, uma imagem... talvez uma lembrança, lutando para vir à tona. Uma lembrança do que vira em Nevada. Alguma lembrança...

— Ei, moça...

Ginger virou-se na direção da voz, que parecia vir da traseira do caminhão. Viu o rosto de um homem apoiado nas mãos e nos joelhos, a cabeça meio enfiada sob o veículo. Não era o assassino de Pablo.

— O que é que há com você?

Não era o assassino, que devia ter sumido ao perder as esperanças de encontrá-la. Era um rosto desconhecido... Melhor assim, ‘mesmo que fosse desconhecido.

— O que está fazendo aí? — ele perguntou.

Ginger fechou os olhos para não recomeçar a chorar. O que poderiam pensar as pessoas que a viam correndo como louca pelas ruas... ou encolhida embaixo de um caminhão? Que fim levava seu amor-próprio?

Sem responder, arrastou-se na direção do rosto e aceitou a mão que o homem estendeu para ajudá-la a sair dali. Na calçada, viu que o caminhão pertencia à Companhia de Mudanças Mayflo-wer e tinha as portas escancaradas. Viu também que o homem era jovem e mulato, e usava um uniforme de inverno com o logotipo da Mayflower estampado no peito.

— O que houve? Está com medo?

Enquanto o ouvia, Ginger avistou um guarda de braços abertos no cruzamento de duas ruas, menos de meio quarteirão adiante, dirigindo o tráfego. Correu para ele, esquecida do mulato, que ainda a chamou.

Todo o corpo doía-lhe como se já não tivesse ossos ou músculos, mas apenas equimoses, luxações e fraturas. Era incrível que ainda pudesse correr. As sarjetas estavam cheias de neve, porém a calçada e o asfalto não estavam escorregadios, protegidos por camadas de produtos antiderrapantes. Desviando de dois carros

que se aproximavam do cruzamento, Ginger ainda encontrou forças para gritar ao guarda:

— Houve um crime! Assassinato... Um homem está morto! O senhor precisa vir comigo!

Então, quando o guarda deu um passo em sua direção, as sobrelhas franzidas no rosto corado de irlandês, Ginger viu os botões da pesada túnica de lã que o protegia do vento... Eram botões diferentes daqueles que luziam

no impermeável do assassino. Não ostentavam leões rampantes, mas outra imagem, talvez um brasão... Bastaram-lhe, contudo, para descobrir que vira botões em algum momento, em algum casaco... no Motel Tranqüi-lidade! Havia uma lembrança querendo acordar... Uma lembrança muito tênue, porém suficiente para disparar o gatilho contra o bloqueio de Azrael.

Antes de perder-se do mundo real, mergulhando em seu inferno particular de névoa amarelada, Ginger ouviu a própria voz, gritando de desespero e horror.

Mais frio, impossível.

Naquela manhã, pelo menos para a dra. Ginger Weiss, Boston era a cidade mais fria do planeta. Frio na carne, frio na alma.

Ao despertar da crise, estava sentada no chão sobre o gelo. Tinha as mãos congeladas, os pés dormentes e os lábios doloridos. Como sempre, estava escondida, dessa vez num estreito corredor entre a cerca viva cuidadosamente podada e a parede de tijolos, numa estrada lateral do ex-Hotel Agassiz. O prédio onde Pablo morava. Onde ele fora assassinado. Onde começara o pesadelo da manhã. Voltara ao ponto de partida.

Ouviu passos. Sem mover um músculo, avistou um par de botas de couro atadas até a metade da canela e a calça azul-escura do uniforme da polícia de trânsito. Era ele... o guarda ao qual pedira socorro. Com medo de outra crise, fechou os olhos com força.

A lavagem cerebral talvez tivesse efeitos colaterais. Talvez deixasse seqüelas incuráveis, provocasse lesões irreversíveis ao tecido cerebral, ou causasse problemas psicológicos... Não era de estranhar

que a estrutura psicológica normal acabasse cedendo à gigantesca pressão das lembranças registradas e logo sufocadas para sempre. Um processo violento, incrivelmente agressivo. Ainda que encontrasse outro especialista em hipnose disposto a ajudá-la, como Pablo a ajudara, talvez não houvesse possibilidade de cura. Talvez o bloqueio fosse indestrutível. Nesse caso, estaria condenada à loucura. Se sofrerá três crises de fuga numa única manhã, o que poderia evitar que sofresse outras três numa tarde, ou numa hora?

As botas de couro continuavam rangendo sobre a neve, para lá e para cá. Ginger viu o guarda aproximar-se mais e abrir a touceira de arbustos:

* — O que houve, moça? O que era que você estava gritando sobre um assassinato?

E se tivesse outra crise e *nunca mais* voltasse?

— Vamos... não chore... — O guarda inclinou-se e estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se. — Se não me disser o que houve, não posso ajudá-la.

Ginger não seria Ginger, nem seria a filha de Jacob Weiss, se não reagisse com esperança a um gesto de atenção afetuoso e sincero. Respirou fundo e abriu os olhos, fixos na direção dos botões da túnica. Nada aconteceu: simples botões... O que não significava grande coisa, já que também lhe pareciam inofensivos o oftalmoscópio, as luvas pretas e todos os outros objetos que tiveram o poder de desencadear uma crise.

— Mataram Pablo. Pablo Jackson foi assassinado por *eles*.

As palavras soaram como uma sentença de danação eterna. Aquele 6 de janeiro seria para sempre um dia de luto. Pablo tinha morrido porque tentara ajudá-la.

O dia mais frio de sua vida.

5. A CAMINHO

Na manhã de segunda-feira, dia 6 de janeiro, dirigindo um carro alugado, Dom Corvaisis visitava, pela segunda vez, a região onde morava, em Portland, procurava o homem que havia sido, mais de dezoito meses atrás, quando partira para Mountainview, Utah. A chuva pesada cessara pouco antes de o dia clarear. O céu, ainda coberto de nuvens, era o mais cinzento que ele já vira, sombrio como o de uma paisagem devastada.

Dirigiu pelo campus da universidade, estacionando sempre que algum recanto lhe parecia familiar, tentando reencontrar o estado de espírito em que deixara a cidade. Parou depois à frente do prédio onde havia morado, demorou-se bom tempo olhando para sua antiga janela e convenceu-se de que jamais seria capaz de redescobrir a timidez do Dom Corvaisis que se escondia na toca do coelho, como dizia Parker. Conseguia rever aqueles dias, conseguia pensar em suas reações, mas as lembranças não eram vivas. Não se sentia como antes; tinha a impressão de reviver um tempo que não fazia parte de seu passado pessoal. Talvez fosse um bom sinal: sinal de que jamais voltaria a ser aquele Dom da toca de coelho.

Já não duvidava de que alguma coisa se passara naquele verão, o verão da mudança. Talvez na estrada, durante a viagem. E tampouco duvidava de que a lembrança lhe fora roubada, o que criava, ao mesmo tempo, um dilema, uma contradição e um mistério. O mistério consistia em que, fosse qual fosse o acontecimento fantástico daquele verão, o resultado havia sido positivo. Mas como explicar que uma experiência de horror resultasse numa mudança para melhor? O resultado era bom... porém os retalhos das lembranças povoavam seus pesadelos. Como era possível que aquela loucura fosse, ao mesmo tempo, bela e terrível?

A resposta, se resposta houvesse, não estava em Portland, mas em algum lugar da estrada. Dom ligou o carro, engrenou a marcha e partiu rumo ao desconhecido.

O caminho mais curto de Portland a Mountainview começava na Rodovia 80 em direção ao norte. Mas, como fizera dezoito meses antes, Dom optou por outra rota e rumou para o sul, tomando a Rodovia 5. Planejara uma

parada em Reno, pensando em pesquisar material para alguns contos sobre jogo e jogadores, e a Rodovia 5 era o único caminho.

Já repetia todos os passos, dirigindo devagar, como fizera antes, porque chovera muito no ano da primeira viagem e a estrada tinha trechos difíceis. Como da primeira vez, parou em Eugene para almoçar.

Sempre à procura de qualquer detalhe que o ajudasse a lembrar-se, ia parando em todas as pequenas cidades pelas quais passava. Não viu nada estranho ou intrigante, e não aconteceu nada até Grand Pass, aonde chegou pouco antes das seis da tarde, rigorosamente conforme o cronograma.

Hospedou-se no mesmo hotel escolhido na primeira viagem; lembrando-se até do número do apartamento que ficava junto às barulhentas máquinas de refrigerante. O apartamento 10 estava vago, e Dom conseguiu que o gerente o deixasse ficar lá, explicando que tinha “motivos sentimentais” para escolhê-lo.

Jantou no mesmo restaurante onde jantara no passado, bem em frente ao hotel, do outro lado da estrada. Andava em busca de um *satori*, uma iluminação zen, uma revelação de verdades profundas, e acabava de mãos vazias, às escuras, como antes.

Passara o dia com os olhos pregados ao espelho retrovisor para saber se alguém o seguia. Durante o jantar, volta e meia espiava por cima do ombro, para os lados, tentando descobrir um rosto suspeito. Se realmente havia alguém atrás dele; era o mestre dos disfarces. As nove da noite, sem querer usar o telefone do quarto, foi até um posto telefônico e, usando o cartão de crédito, pediu uma ligação para uma cabine pública em Laguna Beach. Conforme o combinado, Parker estava à espera, com um relatório completo sobre a correspondência que recolhera da caixa postal do amigo naquela manhã. Dificilmente um dos telefones estaria sendo vigiado, mas, depois de receber as fotografias, Dom decidira, e Parker concordara, que ao tratar do assunto dos sonhos cautela e paranóia seriam sinônimos.

— Contas — disse Parker. — E propaganda. Nada de bilhetes estranhos ou fotografias. Como vão as coisas por aí?

— Tudo normal até agora. — Dom viu a própria imagem refletida no vidro da cabine. — Tive problemas para dormir a noite passada.

— Mas você chegou... a sair para uma caminhada?

— Nem consegui desmanchar os nós. Mas tive pesadelos. A Lua, outra vez. Tem certeza de que não foi seguido até aí?

— Tenho. Só se *eles* conhecerem o segredo da invisibilidade

— Parker respondeu. — Acho que você pode ligar para cá amanhã à noite. E não precisa se preocupar com o telefone.

— Estamos falando como dois malucos.

— Para mim é muito divertido — Parker riu. — Parece filme de mocinho e bandido, polícia e ladrão, espiões... Sempre fui bom nessas coisas. Faça o que tem que fazer, amigo. E, se precisar de ajuda, grite que eu vou correndo.

— Eu sei.

Dom voltou ao hotel, o vento úmido e frio batendo-lhe no rosto. Como em Portland, acordou três vezes durante a noite, sempre saindo de pesadelos que não conseguia lembrar, sempre gritando de medo, falando sobre a Lua.

Na manhã de terça-feira, dia 7 de janeiro, Dom levantou-se cedo e tomou a Rodovia 80 para Reno. Chovia muito e fazia frio. Continuou a chover durante quase toda a viagem e, quando ele chegou às *Sierras*, comeva a nevar. Parou num posto de beira de estrada, comprou correntes antiderrapantes para os pneus e mandou colocá-las antes de seguir viagem.

No verão retrasado, levava mais de dez horas para ir de Grant's Pass a Reno; ao repetir o itinerário, a viagem acabou sendo ainda mais demorada. Depois de preencher a ficha de entrada no Hotel Harrah's, o mesmo de antes, telefonou para Parker Faine de uma cabine e entrou num bar para um lanche rápido. Estava tão cansado que só queria folhear o jornal para distrair-se um pouco e ir logo dormir. Estava sentado na cama, de cuecas, às oito e meia da noite, jornal aberto, quando leu a notícia sobre Zebediah Lomack:

HOMEM DA LUA DEIXA HERANÇA DE MEIO MILHÃO DE DÓLARES

RENO — Zebediah Harold Lomack, 50 anos, cujo suicídio no dia de Natal levou à descoberta de uma estranha obsessão pela imagem da Lua, deixou uma herança estimada em mais de meio milhão de dólares. Segundo documentos apresentados por Eleanor Wolsey, irmã do morto e sua executora

testa-mentária, os bens estão representados por ações de fundos de investimento e letras do Tesouro Nacional. A casa modesta onde t Lomack vivia, na Estrada de Wass Valley, número 1420, foi avaliada em apenas trinta e cinco mil dólares.

Jogador profissional, Lomack teria enriquecido nas mesas de pôquer. “Ele era um dos melhores jogadores de pôquer que conheci”, declarou Sidney Garfork, o *Sierra Sid*, de Reno, também jogador profissional e campeão mundial de pôquer, título que conseguiu na competição do Cassino Ferradura, em Las Vegas. “Ele jogava desde criança”, *Sierra Sid* continua, “por vocação. Como há crianças que nascem para o esporte, a ciência ou a arte, Lomack nasceu para o jogo”. Ainda nas palavras de Garfork e de outros amigos de Lomack, o suicida teria deixado um patrimônio mais valioso, não fosse sua paixão pelos dados. “Perdeu muito nas mesas de dados”, declarou um deles, “e boa parte, é claro, o imposto de renda levou”.

Conforme noticiamos na noite de Natal, alertados por vizinhos que ouviram um tiro, policiais de Reno invadiram a casa de Lomack, encontraram-no morto na cozinha, cercado de lixo. As primeiras investigações, realizadas no local, revelaram milhares de fotos da Lua coladas pelas paredes, pelo teto e até nos móveis.

A notícia continuava, dando a impressão de ter sido o principal assunto da cidade nas duas semanas anteriores. Dom leu e re-leu a matéria, cada vez mais fascinado e ansioso. Não podia ser... Não era possível que a obsessão do tal Zebediah Lomack tivesse

algo a ver com seus pesadelos. Coincidência... nada mais! Porém o medo crescia. O mesmo medo que o atormentava nos pesadelos. Um medo feito de terror, que o fazia acordar aos berros, suando frio. Um medo que o fazia perambular durante o sono, armando barricadas e pregando janelas.

Dom continuou com o jornal diante dos olhos até às nove e quinze; e então resolveu ir até a casa de Lomack. Vestiu-se, tirou o carro do estacionamento e informou-se sobre o melhor caminho até a Estrada de Wass Valley. Raramente nevava em Reno. A noite estava seca e as estradas desimpedidas. No caminho, parou num supermercado e comprou uma lanterna. Pouco depois das dez horas, chegava ao número 1420 da Estrada de Wass Valley.

A casa era modesta, como dizia o jornal. Pouco maior que um bangalô, num terreno de dois mil metros quadrados. Havia restos de neve acumulada nas calhas e nos galhos dos pinheiros mais altos. As janelas estavam escuras.

Pelo que dizia o jornal, a irmã de Zebediah chegara da Flórida três dias depois do suicídio para cuidar do funeral, realizado no dia 30, e continuava na cidade para resolver os problemas relativos à herança. Estava hospedada num hotel, porque a casa de Zeb parecia-lhe “deprimente demais”.

Dom era cidadão respeitador da lei e não lhe agradava a idéia de invadir a casa de ninguém. Mas não tinha escolha. O instinto dizia-lhe que Eleanor Wolsey não o deixaria entrar lá, ainda que lhe implorasse. Segundo o jornal, ela estava “cansada da perseguição desses maníacos” e não permitiria que a casa de seu irmão fosse invadida “por hordas de curiosos pervertidos”. Diante disso, Dom contornou a construção, experimentando as fechaduras de portas e janelas até descobrir que a janela da cozinha não estava trancada. Empurrou-a, saltou sobre o pitoril e pulou para dentro.

Cobrando a lanterna com a mão para não chamar a atenção de quem passasse pela rua, passeou o facho de luz pelas paredes e pelo teto: tudo limpo. O jornal dizia que a irmã de Lomack estava limpando a casa para vendê-la. Com certeza, começara pela co-

zinha: não havia lixo, as prateleiras estavam vazias, o chão brilhava. O ar cheirava a tinta fresca e desinfetante, e não havia uma única Lua à vista.

E se Eleanor tivesse terminado a faxina? E se já não existisse nem rastro das luas de Zebediah Lomack?

Foi apenas um instante de preocupação, pois, acompanhando a luz da lanterna, Dom logo chegou à sala principal, onde viu centenas de imagens coladas pelas paredes. Era como entrar numa caverna ou mergulhar no espaço sideral, cheio de Luas impossíveis, crateras sobre crateras, umas ao lado e por cima das outras. Incapaz de orientar-se ali, sem saber onde acabava o chão e começavam as paredes, Dom sentiu uma vertigem, a boca seca, e continuou andando pelo corredor. Mais Luas por todos os lados: algumas coloridas, outras em branco-e-preto; grandes e pequenas; muitas aplicadas sobre fotos mais antigas, pregadas com cola, com fita adesiva, com etiquetas. A

mesma decoração enlouquecida continuava pelos quartos, como se a Lua fosse uma espécie de fungo em reprodução incontrolável, cobrindo tudo.

O jornal dizia que ninguém, além de Lomack, estivera naquela casa durante pelo menos um ano antes do suicídio do proprietário. Devia ser verdade... Quem quer que visse aquilo chamaria uma ambulância e faria internar o homem! Os vizinhos comentavam sobre a transformação de Lomack, mais taciturno a cada dia, mais trancado em casa. Ao que tudo indicava, a fascinação pela Lua começara no verão retrasado... O mesmo verão em que a vida de Dom também mudara.

A cada segundo que passava, Dom ficava mais ansioso. Era impossível entender qual força estranha faria um homem criar um cenário assim... Entretanto, de algum modo assustador, alucinante, incompreensível, conseguia entendê-lo... entender o que Lomack fizera, o que tentara dizer...

O fecho de luz continuava a correr pelas paredes empapeladas, e Dom sentia as gotas de suor gelado escorrendo-lhe da nuca e descendo pelo meio das costas. As luas de papel não o fascinavam tanto como certamente haviam fascinado Lomack, mas o

instinto dizia-lhe que o impulso que levara o suicida a recortar e colar luas pelas paredes da casa era o mesmo que o fazia sonhar com a Lua... e acordar gritando.

Os dois haviam vivido a mesma experiência, e essa experiência tinha algo a ver com a Lua, personagem ou símbolo. No verão do ano retrasado, os dois haviam estado no mesmo lugar ao mesmo tempo, talvez juntos. O lugar errado, na hora errada. E Lomack enlouquecera sob o peso das lembranças proibidas.

E Dom? Também acabaria louco? Examinando as paredes do quarto principal, ocorreu-lhe de repente uma possibilidade nova: e se Lomack não tivesse se matado num acesso de depressão ou de desespero? E se o tivessem impelido a enfiar o cano da espingarda na boca e puxar o gatilho... porque, finalmente, conseguira lembrar-se de tudo? E se a lembrança fosse ainda mais assustadora do que o mistério? E se as crises de sonambulismo e os pesadelos fossem nada... face à verdade sobre o que acontecera durante a viagem de Portland a Mountainview?

As luas pareciam ganhar vida própria. Era cada vez mais difícil respirar... Como se as imagens comesçassem a encarnar o mal e se aproximassem cada vez mais, fechando o cerco...

Dom correu pelo quarto, aproximou-se da porta, tropeçou numa pilha de livros e caiu ajoelhado, zozzo, como nos pesadelos. Não conseguia mover-se. Aos poucos, acalmou-se, voltou à normalidade... e surpreendeu-se, de olhos arregalados, frente ao nome *Dominick*, escrito a caneta sobre uma das incontáveis fotos. Não o vira ao entrar, porque não dirigira a lanterna para aquele lado. Mas agora a luz amarelada incidia diretamente sobre o pôster onde Lomack escrevera... seu nome! E quem mais poderia tê-lo escrito?

Pelo que se lembrava, nunca encontrara Lomack em qualquer situação, e seria perda de tempo tentar convencer-se de que se tratava de *outro* Dominick. Levantou-se, aproximou-se do pôster e examinou-o. Depois correu os olhos e o fecho de luz pelas fotos próximas. Quatro delas tinham nomes escritos pela mesma mão, com a mesma caneta: Dominick, Ginger, Faye, Ernie. Não eram

apenas dois os infelizes, Lomack e ele. Havia pelo menos outras três pessoas, que Dom não imaginava quem fossem.

O tal Ernie seria o padre da fotografia que recebera pelo correio? E quem seria a loira amarrada à cama? Ginger ou Faye?

A medida que a luz da lanterna ia de um a outro nome, Dom sentia que aquelas memórias soterradas começavam a mover-se... Um movimento ainda imperceptível, muito fraco, mas um primeiro sinal de que uma parte de seu passado não estava morta para sempre. Podia voltar... Talvez ele se lembrasse... Ao primeiro esforço para localizar a lembrança, contudo, a onda quase invisível se desfez, como o sinal de um monstro marinho que mergulhasse nas profundezas.

Desde o momento em que entrara na casa de Lomack, Dom sabia que se aproximava de alguma coisa importante e assustadora. Sentiu medo, mas vendo a lembrança escapar-lhe como areia por entre os dedos, depois de tê-la sentido tão perto, ficou desesperado.

— Por que não consigo me lembrar?! — gritou para as paredes, embora conhecesse a resposta. Alguém o induzira a esquecer. Alguém invadira o ter-

ritório de suas lembranças e de lá varrera o que não desejava ver revelado. Ainda assim ele continuava a gritar. — *Por quê?* Eu quero, preciso me lembrar... — Ergueu o punho cerrado para a foto onde Lomack escrevera seu nome, os olhos brilhando de fúria. — Malditos! Filhos da puta... Malditos! Vou me lembrar, custe o que custar! *Vou me lembrar!* Vou arrancar isso tudo!

Não tocara o pôster, apenas o ameaçara de longe com o punho e gritara. Era impossível, inimaginável... não podia estar acontecendo... mas foi como se o gesto arrancasse a foto da parede. As tiras de fita adesiva desprenderam-se com o ruído seco de um zíper abrindo-se... O cartaz soltou-se da parede e flutuou em sua direção. Dom recuou, tropeçou outra vez na pilha de livros e por pouco não caiu de costas. Conseguiu erguer a lanterna e viu que o pôster estava parado no ar... *parado...* a um metro de sua cabeça. Ondulando como uma folha ao vento, para frente e para atrás, e seu nome, na letra de Lomack, tremulando como legenda inscrita numa bandeira desfraldada.

Estou louco, pensou. Mas sabia que não era verdade. Sabia que o papel estava ali, a poucos passos, suspenso no ar. Mal conseguia respirar; sentia o ar denso, carregado de milagres.

O pôster aproximou-se. O feixe de luz tremeu, refletido no papel espelhado. Durante segundos, ou horas, Dom ficou parado, de olhos esbugalhados... e viu as outras fotografias desprenderem-se da parede, girarem pela sala... em ordem, com calma, como cavalinhos de um carrossel. Estava cercado de luas, umas cheias, outras crescentes, algumas muito ampliadas, expondo crateras e planícies... Permaneceu imóvel, sentindo-se como o aprendiz de feiticeiro, capaz de dar vida a uma vassoura, mas não fazê-la retomar a condição de vassoura.

Oscilava da surpresa ao medo, do medo ao deslumbramento. Não se sentia ameaçado. Na verdade, considerava-se testemunha de um espetáculo único, maravilhoso. Era impossível explicar o que estava acontecendo, mas ele não tinha medo, como se o instinto lhe dissesse que não havia o que temer. O poder que dava vida a cada pôster era benigno.

Deslumbrado, Dom olhou em volta, viu as fotos em sua dança calma, elegante... e riu. Foi um erro. Num segundo, tudo mudou. Os cartazes já não dançavam serenamente. Voavam sobre sua cabeça, como uma legião de mor-

cegos enlouquecidos. Batiam-lhe no rosto, nos cabelos, no peito, nas costas. Ainda não eram seres vivos, mas agiam como inimigos.

Dom tentou proteger-se com a mão, ergueu a lanterna na direção do teto e viu as fotos agitando as asas, golpeando as paredes, colidindo umas contra as outras. Cada vez mais assustado, procurou a porta, mas era difícil achar a saída naquele pandemônio de folhas de papel voando em todas as direções. Luas aladas, em fúria. Não havia porta ou janela por onde escapar.

O zumbido aumentava. No corredor, nas outras peças da casa, os cartazes libertavam-se das colas que os prendiam, mergulhavam no ar, arrastados pela mesma força invencível e incontrollá-

vel, aproximavam-se da sala. A luz refletia-se no papel brilhante. Os recortes flutuavam no ar, como folhas arrastadas pelo vento quente de um incêndio. As fotos menores coladas antes e escondidas por várias camadas de novas fotos, soltavam-se também e voavam. Uma delas colou-se aos lábios de Dom, que a cuspiu para longe, apavorado.

Outra vez, o instinto soprou-lhe uma idéia. Aquele balé enlouquecido poderia ajudá-lo a lembrar-se. Não sabia por quê, não conseguia adivinhar quem estaria por trás daquilo, mas era quase como ler nas folhas de papel que o cercavam. Bastava deixar-se levar, mergulhar fundo naquele mar de luas para encontrar a resposta que buscava e redescobrir o que descobrira uma vez, dois verões antes, na Rodovia 80. Era um mergulho arriscado, um salto no escuro, que o fascinava e amedrontava ao mesmo tempo.

— Não! — gritou uma, duas vezes, cobrindo os ouvidos com as mãos, fechando os olhos com força. — Parem! Parem... *Parem, já!* — E gritou mais, até faltar-lhe a voz.

Como surgiu, a ciranda de fotos parou de repente, uma última nota suspenso em plena sinfonia. Dom não esperava ser obedecido com tanta presteza, porque ainda levaria algum tempo, para descobrir que era ele próprio o mágico daquele espetáculo.

Tirou as mãos da cabeça e abriu os olhos. Vacilante, estendeu o braço e apanhou um dos cartazes parados em pleno ar a sua frente. Tocou os dois lados do papel. Nada de especial, nem com o papel, nem com a ilustração, e ainda assim lá estava, suspenso.

— Como?! — perguntou em voz alta, imaginando, talvez, que luas capazes de flutuar no quarto também pudessem falar. — E por quê?

Como se fossem uma só, as luas despencaram e caíram a seus pés. Como se o encanto estivesse quebrado. Simples papéis velhos e amontoados no chão.

Assustado, à beira de um colapso, Dom correu para a porta. As luas continuavam no chão, como folhas secas no outono. Ele parou à porta e, com a lanterna, examinou o corredor. Não sobrava uma única lua colada. As paredes estavam completamente

limpas. Dom voltou ao quarto, ajoelhou-se entre os recortes, curvou-se, aproximou a lanterna e começou a remexer nos papéis, com mãos trêmulas, à procura de qualquer explicação para o episódio.

Não sabia o que pensar nem o que sentir, porque jamais lhe ocorrera nada parecido. Quase riu, mas antes do primeiro esboço de riso sentiu medo. O mesmo medo frio de sempre. *Sabia* que estivera diante de algo terrível, diante do mal... o mal além de qualquer palavra. *O mal em si*. Ao mesmo tempo, sabia que testemunhara um milagre que tangenciava o bem mais puro. O bem e o mal. Talvez os dois, ligados na mesma entidade. Talvez outra coisa, que não era bem nem mal, apenas... *outra coisa*, que existia além dos limites das palavras.

Outra certeza começava a brotar: o que quer que acontecera no verão retrasado, era mil vezes mais inacreditável do que um ser humano poderia imaginar.

Ainda estava mexendo nos recortes, quando percebeu os sinais nas palmas das mãos. Dois anéis avermelhados, um em cada palma. Dois anéis de pele inchada. Dois anéis perfeitos, como que riscados a compasso.

Enquanto Dom olhava, boquiaberto, os anéis sumiram.

Era terça-feira, dia 7 de janeiro.

6. CHICAGO, ILLINOIS

O padre Stefan Wycasik dormia em seu quarto, no segundo andar da casa paroquial da Igreja de Santa Bernardette, quando acordou de repente, ouvindo batidas de tambor. Ou batidas de um enorme coração, às quais alguém houvesse acrescentado um terceiro tempo: *tum-tum-tum... tum-tum-tum...*

Ainda semi-adormecido, estendeu o braço, acendeu a lâmpada de cabeceira, ofuscou-se com a luz e espiou o relógio. Eram duas horas da madrugada, quinta-feira, horário muito improvável para um desfile militar.

Tum-tum-tum... tum-tum-tum...

A cada três batidas, uma pausa de três segundos... A cadência perfeita e imutável, sempre repetida, lembrava um pistão de gigantesco motor. O padre Wycasik afastou as cobertas e, mesmo descalço, foi até a janela. Espiou o pátio que separava a igreja da casa paroquial e viu apenas as árvores de galhos nus, cobertas de neve, iluminadas pela lâmpada acima da porta da sacristia.

As batidas continuavam, mais altas, e a pausa era mais breve, talvez de dois segundos. O velho pároco vestiu um roupão sobre o pijama. As batidas, cada vez mais fortes, começavam a assustá-lo. A cada pancada, as paredes estremeciam e a porta vibrava nos batentes.

. Correu para o hall do andar superior, tateou no escuro à procura do interruptor e, afinal, conseguiu acender a luz. Do outro lado, à direita, outra porta abriu-se e apareceu o padre Michael Gerrano, também cura da igreja, lutando com uma das mangas do roupão.

— O que é isso? — perguntou

— Não sei.

A batida seguinte foi duas vezes mais forte que as anteriores, e a casa inteira vibrou, como se estivesse sendo atacada por três gigantescos martelos. A luz piscou. Agora, a pausa entre duas séries de batidas era de apenas um segundo, e a cada nova pancada as luzes piscavam e o chão estremecia.

Os dois sacerdotes perceberam que o ruído vinha do quarto de Brendan Cronin. E correram para lá. Inacreditável... Brendan dormia a sono solto. Apesar dos estrondos que lembravam a Stefan o disparo de morteiros que ouvira na guerra do Vietnã, Brendan Cronin continuava mergulhado no sono

dos justos. Na verdade, apesar da penumbra, era possível perceber que estava sorrindo.

As janelas batiam. As cortinas saltavam nas argolas. Sobre a penteadeira, uma escova de cabelos pulava para cima e para baixo, e algumas moedas retiniam, chocando-se umas contra as outras. O breviário deslizava de um lado a outro. Na parede, o crucifixo oscilava, pendurado ao prego.

O padre Gerrano gritou alguma coisa que Stefan não pôde ouvir, porque já não havia pausa entre as batidas. A cada nova série de pancadas, o ruído tornava-se mais próximo, vindo de alguma máquina descomunalmente grande. Mas... como era possível? O som parecia emanar ao mesmo tempo de todas as direções como se a máquina tivesse peças espalhadas pelas paredes da casa...

Quando afinal o breviário caiu da penteadeira e as moedas espalharam-se pelo chão, o padre Gerrano correu para o hall ficou parado diante da porta, os olhos arregalados, pronto para fugir.

Stefan aproximou-se da cama, inclinou-se sobre Brendan e chamou-o. Não conseguiu fazê-lo acordar. Então, agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o com força.

Brendan abriu os olhos. E o ruído desapareceu. O repentino silêncio era ainda mais espantoso que as batidas. O padre Wyca-zik soltou os ombros de Brendan e olhou ao redor, sem acreditar.

— Eu estava tão perto... — Brendan murmurou, como se ainda sonhasse. — Que pena que o senhor me acordou. Eu estava tão perto...

O velho pároco puxou as cobertas da cama e examinou-lhe as mãos. Ali estavam os anéis avermelhados, um em cada palma.

Não conseguiu afastar os olhos, porque era a primeira vez em sua vida que testemunhava a aparição dos sinais. O que seria aquilo?, pensou.

Ainda ofegante, o padre Gerrano aproximou-se e também viu os anéis.

— Que marcas são essas? — quis saber.

Sem responder, Stefan levantou a cabeça e perguntou a Brendan:

— Que ruído era aquele? De onde vinha?

— Estavam me chamando — suspirou o jovem, com voz sonolenta e excitada ao mesmo tempo. — Estavam me chamando de volta.

— Quem estava chamando?

Brendan sentou-se na cama e encostou-se à cabeceira. Seus olhos muito verdes retomaram a expressão habitual.

— Também ouviram?

— Claro que sim... A casa inteira vibrava, boi divertido. *O* que era?

— Um chamado. Eles me chamavam... e eu ia.

— Mas quem o chamava?!

— Não sei... Eles me chamavam de volta.

— De volta... *p, m ondc}*\

— Para a luz. A luz dourada do sonho que lhe contei.

Cada vez mais surpreso, pois não estava tão familiarizado com milagres como seus dois confrades, o padre Gerrano perguntou:

— Do que estão falando? Podem me dizer o que está acontecendo?

Ninguém lhe deu atenção. Stefan continuava de olhos fixos em Brendan:

— Essa luz dourada... O que era? Deus... chamando-o de volta à Igreja, à fé?

— Não... Era alguma coisa... que me chamava de volta. Quem sabe da próxima vez eu consigo chegar mais perto e descobrir o que é.

— Da próxima vez...? Acha que o sonho poderá se repetir? Acha que voltará a ser chamado?

— Ah, sim! Claro que sim.

Era quinta-feira, dia 9 de janeiro.

7. LAS VEGAS, NEVADA

Na tarde de sexta-feira, Jorja Monatella trabalhava no cassino, quando foi informada de que seu ex-marido, Alan Rykoff, suicidara-se. A notícia chegou pelo telefone. “Pimentinha” Carrafield ligou, e Jorja atendeu na sala de jogo tapando uma das orelhas para ouvir o que a outra dizia. O fato chocou-a, mas não lhe causou tristeza. Alan não merecia lágrimas, sempre fora egoísta, cruel, insensível. Talvez inspirasse piedade, não sofrimento.

— Alan meteu uma bala nos miolos há menos de duas horas

— contou-lhe “Pimentinha”, cheia de tato. — A casa está cheia de policiais. Você tem que vir para cá.

— A polícia precisa de mim? — Jorja perguntou. — E por quê?

— Não, não é a polícia. *Eu* é que preciso que você venha apanhar as coisas dele. Quero limpar a casa.

— Mas eu não quero as coisas dele.

— Você tem obrigação de vir buscar essas coisas.

— Escute aqui — Jorja respirou fundo —, nossa separação foi difícil, e o divórcio foi amargo. Não tenho o menor interesse em..

— Alan redigiu um testamento há uma semana e nomeou você sua executora testamentária. Você precisa vir porque é seu dever, e porque eu *quero* me livrar dessas porcarias.

Alan morava no apartamento de “Pimentinha” Carrafield num condomínio luxuoso, chamado O Pináculo, na Avenida Flamingo. Monólito de concreto branco e janelas marrons, o Pináculo parecia ainda mais alto do que realmente era, porque se erguia em pleno deserto. Por isso também dava a impressão de ser um monumento, o maior monumento funerário do planeta. Era cercado de gramados irrigados artificialmente e de canteiros de flores trocadas todas as semanas. O vento frio e lúgubre do deserto sacudia as pobres flores de estufa e cobria de poeira o luxuoso hall de entrada.

Um carro funerário e duas viaturas da polícia estavam parados junto à entrada do prédio, mas não se via nenhum policial. Uma jovem ocupava um dos sofás do vestíbulo, cem metros adiante da portaria. Além dela, havia um porteiro de calça cinzenta e paletó azul, provavelmente encarregado também da segurança. Ambos pareciam deslocados naquele cenário de pisos de mármore, lustres de cristal, tapetes persas, sofás de veludo e poltronas de espaldar alto, projetado para dar a impressão de classe e elegância, e que não dava impressão de nada.

Quando Jorja pediu ao porteiro que a anunciasse, a mulher levantou-se do sofá e aproximou-se.

— Senhora Rykoff, sou “Pimentinha” Carrafield. Desculpe... Voltou a usar seu nome de solteira?

— Sim. Monatella.

Como o prédio onde morava, “Pimentinha” também fora projetada para dar a impressão de uma elegância de Quinta Avenida, e os resultados eram ainda mais desastrosos. O cabelo loiro, solto e exageradamente crespo, parecia apenas desgrenhado. Mulheres como ela, que passam o dia deitando-se em muitas camas, certamente adotavam aquele estilo de cabelo porque não tinham tempo de pentear-se a cada meia hora. Sua blusa de seda vermelha poderia até ser elegante se ela abotoasse algumas casas e escondesse alguns palmos de busto. A calça comprida era de bom corte, mas faltavam dois números para discretamente acomodar o volume do traseiro. Mesmo o caro relógio de mostrador incrustado de diamantes faria melhor efeito se fosse usado sem as pulseiras e os quatro anéis faiscantes que lhe cobriam os dedos.

— Não consegui ficar no apartamento — confessou a moça, convidando Jorja a sentar-se a seu lado. — Só entro lá depois que levarem o corpo. — Estremeceu como se estivesse com frio. — Podemos conversar aqui, desde que falemos em voz baixa. Mas, se você está pensando em fazer uma cena de ciúme, subo e não lhe conto nada. O pessoal não sabe de meu trabalho e faço questão absoluta de que continuem sem saber. Nunca trato de negócios em casa. Faço questão de atender os clientes em hotéis ou nos escritórios deles.

— Não vou fazer cena nenhuma. Primeiro, porque não sou disso e, segundo, porque não me sinto como uma infeliz viúva sofredora — Jorja declarou. — Há muito tempo que Alan não significa nada para mim. Mesmo sabendo que ele está morto, não consigo sentir nada. Eu o amei há muitos anos, tivemos uma filha linda, e acho que deveria sentir alguma coisa. Mas não sinto. Fique sossegada... não farei cenas.

— Ótimo! — Por pouco, “Pimentinha” não saltou e bateu palmas. — O pessoal daqui é gente muito fina. Se ouvirem falar que meu namorado se suicidou, vão me tratar com frieza. Gente fina não gosta de suicídio. E se descobrirem qualquer coisa sobre

meu trabalho, então... acabam fazendo com que eu me mude. E eu não quero sair daqui!

Jorja examinou o generoso decote, os dedos cobertos de diamantes, a calça colada ao corpo.

— E o que você imagina que *eles* pensam que você faz para viver? — perguntou. — Que vive de rendas? Que é herdeira de uma fortuna?

Sem perceber a ironia, a moça sorriu:

— E... Como você descobriu? Pago as contas do condomínio em dinheiro vivo, não uso cheque, e todos pensam que minha família tem muito dinheiro.

Jorja achou melhor não informar que ricas herdeiras não costumam pagar contas com dezenas de notas de cem dólares. Mudou de assunto:

— Será que você poderia me contar o que houve com Alan? Ele tinha algum problema? Nunca imaginei que fosse capaz de se suicidar.

Vigiando o porteiro para certificar-se de que ele não poderia ouvir, “Pimentinha” balançou a cabeça e desabafou:

— Mas nem eu! Nunca poderia imaginar... Era um homem tão... viril! Foi por isso que o convidei para morar comigo e tomar conta de mim. Como meu gerente, entende? Era tão forte... Pelo menos até alguns meses atrás. De repente começou a agir como um... covarde, sei lá. Parecia assustado! Ficou tão medroso e esquisito que eu já estava pensando em despedi-lo e arranjar outro gerente. Mas nunca pensei que fosse capaz de fazer isso *comigo!* Imagine... um suicídio logo em *meu* apartamento!

— E... Há gente que não tem a menor consideração pelos outros... — Jorja viu os olhos da outra apertarem-se como os olhos de uma cobra, mas, antes de dar-lhe tempo para revidar o golpe, continuou: — Ainda não entendi bem... Alan estava *trabalhando* como seu gigolô?

— Escute aqui... — “Pimentinha” empinou o busto. — Não preciso de gigolô porque não sou puta. Puta vai para a cama por cinquenta dólares, trepa com o primeiro que aparece, vive cheia de doenças venéreas e morre na miséria. Eu trabalho para gente de classe, sou *call girl* fichada nos melhores hotéis da cidade, e só no ano passado consegui economizar duzentos mil dólares. Que tal? Tenho dinheiro aplicado... Puta não investe na Bolsa de Valores... Não, Alan não era meu gigolô. Era meu gerente. Na verdade, trabalha-

va também para algumas amigas minhas. Concordei, porque, no começo, verdade seja dita, não havia outro como ele.

Intrigada e surpresa com a segurança da moça, Jorja perguntou:

— Mas Alan recebia algum... *pro labore* pelos serviços de “gerência” que prestava a você e suas amigas?

— Não... — “Pimentinha” sorriu, radiante com o esforço de Jorja para encontrar palavras que não a ofendessem. — Essa era a melhor parte dos negócios. Alan ganhava dinheiro por causa de seu fantástico tino comercial. Tinha muitos contatos, arranjava excelentes encontros para nós e cobrava uma taxa dos clientes. Nós não lhe pagávamos nada. Tudo o que Alan queria da gente era... sexo. Nunca vi um homem como ele. Era insaciável! Nos últimos meses, então, era incrível! Foi assim com você, querida, enquanto estiveram casados?

Antes que Jorja a interrompesse, enojada pela violência com que ela invadia sua privacidade, a outra prosseguiu:

— Nas últimas semanas, por exemplo, ele passava dias e noites com ereção... *Dias e noites!* Até pensei em mandá-lo embora. Alan parecia louco... Trepava sem parar e, quando não agüentava mais, ligava o vídeo e ficava vendo filmes pornográficos.

Maldito Alan! Se não tivesse inventado de nomeá-la executora do testamento, Jorja não estaria ali, ouvindo aqueles horrores... E pensar que ele ainda a obrigava a inventar uma história decente para contar a Mareie... Quanto a “Pimentinha” Carrafield, o que pensar? Qualquer homem, até mesmo Alan, merecia um pouco de respeito, merecia uma ou duas lágrimas da mulher com quem vivera durante meses. Um coração de réptil... frio... avarento...

A porta de um dos elevadores abriu-se, e vários policiais uniformizados saíram, empurrando a maca onde jazia um cadáver num enorme saco plástico. As duas mulheres levantaram-se. En-

quanto a maca era empurrada para fora, o segundo elevador chegou ao térreo, trazendo dois policiais uniformizados e alguns investigadores à paisana. Um investigador aproximou-se de “Pimentinha” para fazer-lhe algumas perguntas. Jorja ficou parada, olhando para a maca que transportava o corpo

de seu ex-marido. Viu-a chegar à porta, as rodas rangendo sobre o piso de mármore, e aproximar-se do carro funerário, onde os policiais depositaram o grande saco plástico. Nada sentia além de uma vaga impressão de melancolia: a estranha sensação do que poderia ter sido e não foi.

Livre do investigador, “Pimentinha” dirigiu-se para um dos elevadores, abriu a porta e fez um sinal a Jorja para que a seguisse:

— Vamos até meu apartamento.

Na rua, alguém fechou a porta traseira do carro funerário.

No elevador, em voz baixa, e já no enorme living do apartamento, em tom normal, “Pimentinha” continuava a fornecer detalhes da intensa atividade sexual de Alan. Já não havia dúvidas de que, pelo menos a partir de determinado momento, o sexo passara a ser seu principal interesse na vida e, nos dois últimos meses, transformara-se em verdadeira obsessão.

Jorja não queria ouvir mais nada, porém era impossível fazer a outra calar a boca. Nas últimas semanas, Alan dedicara-se exclusivamente a sexo, embora, na opinião de “Pimentinha” parecesse cada vez mais desesperado e menos satisfeito. Passava horas e horas na cama, com ela ou com qualquer outra de suas “patroas”, às vezes com várias juntas, experimentando todo tipo de perversão. Mostrava-se fascinado com os mais estranhos equipamentos de estimulação erótica: drogas, aparelhos, camisas-de-vênus especiais, anéis para usar no pênis, vibradores, unguentos à base de cocaína, algemas...

De repente, Jorja não pôde mais suportar; ainda tinha na lembrança a imagem do saco plástico puxado para dentro do carro funerário.

— Pare com isso! — gritou. — O que está querendo fazer? Será que não percebe que Alan está morto?

“Pimentinha” deu de ombros:

— Achei que seria bom você saber de tudo... porque ele gastou muito dinheiro nessas brincadeiras. E como você vai ter que cuidar do testamento, achei que devia lhe contar tudo.

A “expressão dos últimos desejos e vontades de Alan Arthur Rykoff”, deixada por ele sob a guarda de “Pimentinha” Carra-field, fora registrada num formulário simples, disponível em qualquer papelaria. Jorja leu-a sentada numa cara poltrona de veludo azul, ao lado de uma mesa laqueada de pre-

to, à luz de um moderno abajur de aço escovado. Alan não apenas a nomeava sua executora testamentária, como deixava todos os seus bens para Mareie... uma filha cuja paternidade chegara a pôr em dúvida!

Sentada em outra cara poltrona, junto à parede envidraçada, “Pimentinha” observava-a.

— Não pense que sobrou muita coisa — disse. — Alan gastava como louco. Mas deixou o carro, algumas jóias...

Ao ver que o testamento fora registrado em cartório fazia apenas quatro dias, Jorja estremeceu.

— Alan talvez já estivesse pensando em se matar quando fez esse testamento — murmurou. — Se não, duvido que se preocupasse conosco.

— Pode ser...

— Mas você não percebeu que havia alguma coisa de errado com ele? Não viu que ele estava com problemas?!

— Já lhe disse que Alan andava muito estranho... há mais de dois meses.

— Deve ter piorado nas últimas semanas... Quando ele contou que havia feito um testamento e lhe pediu para guardá-lo no cofre, você não desconfiou de nada? Não havia nada de estranho nele? Algum gesto, alguma coisa que possa ter dito... e que a fizesse desconfiar de que ele estava pensando em se matar?

— Não sou psiquiatra, querida... A moça levantou-se, irritada. — As coisas dele estão no quarto. Se quiser, posso chamar um desses hospitais de caridade e mandar levar as roupas. Mas trate

de carregar o que lhe interessar... as jóias, os documentos do carro... Vou levá-la até o quarto.

Jorja seguiu-a, tentando descobrir que parcela de culpa lhe caberia na degradação de Alan. O que poderia ter feito para ajudá-lo? O fato de que ele tivesse se lembrado de Mareie, nos últimos dias de vida, era idiota, patético, inútil... mas comovia-a. Para não chorar, tentou pensar no telefonema que recebera pouco antes do Natal. A frieza, a arrogância, o egoísmo doentio de sempre talvez já escondessem alguma coisa que ela não conseguiu perce-

ber. Talvez, já naquele dia, Alan estivesse começando a descobrir que não podia contar com mais ninguém no mundo, a não ser com ela e Mareie.

A meio caminho do corredor, “Pimentinha” parou e empurrou uma porta à direita.

— Mas que *merda!* — exclamou. — Pensei que a polícia ia limpar essa nojeira!

Jorja acompanhou o olhar da outra, antes de perceber que estavam diante do banheiro onde Alan se matara. Havia sangue por todas as paredes, do chão ao teto: na porta do box, na pia, nas toalhas, na lata de lixo, na privada. A parede atrás do vaso exibia uma enorme mancha de sangue seco, qual um borrão do teste de Rorschach. Como se Alan quisesse transmitir uma mensagem cifrada, que só seria compreendida por quem soubesse o quanto ele estava sofrendo.

— Alan se matou com dois tiros — informou a moça, acrescentando detalhes que Jorja preferiria não ouvir: — O primeiro tiro foi nos testículos. Estranho, não é? O outro foi disparado dentro da boca e arreventou os miolos.

O ar ainda cheirava a sangue.

— Os policiais poderiam pelo menos ter passado um paninho aí... — “Pimentinha” balançava a cabeça, imaginando talvez que, em lugar de armas, os policiais devessem carregar baldes e esfregões. — A faxineira só vem às segundas, e duvido que queira meter a mão nessa imundície.

Nauseada, Jorja fechou os olhos e recuou alguns passos.

— Você está bem? — a outra perguntou.

Sem poder falar, Jorja levou a mão aos lábios, correu para o outro banheiro, no fundo do corredor, e debruçou-se sobre a pia.

— Ah, então você ainda gosta dele... — comentou “Pimentinha”, postando-se a seu lado.

— Não...

— Ora, mas claro que gosta! Sinto muito... — A moça estendeu a mão de unhas vermelhas e anéis de brilhante e tocou-lhe o ombro. — Eu deveria ter adivinhado...

Jorja teve vontade de gritar: “Sua puta idiota! Eu não gosto mais dele, mas ele era um ser humano! Como você pode ser tão fria? O que há de errado com você?! Será que não tem coração?!” Mas não gritou e, afastando-se, limitou-se a dizer:

— Tudo bem. Onde estão as coisas de Alan? Quero resolver tudo e sair logo daqui.

A moça apontou-lhe uma porta, ao lado do banheiro:

— Estão ali, nas gavetas de baixo da penteadeira e no lado esquerdo do guarda-roupa. Há algumas coisas também no armário do banheiro. — Aproximou-se e abriu a última gaveta da penteadeira.

De repente, o quarto começou a girar. Jorja deu um passo à frente, para certificar-se de que não estava sendo vítima de alucinação, e baixou o olhar: metade da gaveta continha livros sobre a Lua.

— O que aconteceu? — “Pimentinha” arregalou os olhos.

Zonza, apavorada, Jorja fechou e abriu os olhos novamente para verificar se o abajur sobre a penteadeira era mesmo o que temia que fosse. Percebendo vagamente sua intenção, “Pimentinha” acendeu a lâmpada dentro do globo esbranquiçado. Sim... era um globo como qualquer um desses globos terrestres usados na escola, só que reproduzia os acidentes geográficos da Lua! Crateras, planícies... cada um com o nome indicado.

A luz do abajur revelou, junto à janela, outro objeto assustador: um grande telescópio montado sobre um tripé. Um telescópio como tantos que se vêem nas vitrines das lojas, mas que parecia representar a desgraça.

— Aí estão as coisas de Alan — disse “Pimentinha”.

— Há... há quanto tempo ele se interessava por astronomia?

— Há uns dois meses.

Como Mareie... A menina morria de medo de médicos. Alan não conseguia controlar o desejo sexual. Casos diferentes, sim, mas sempre a idéia de uma obsessão alucinante. Mareie parecia estar curada. Alan não tivera a mesma sorte. Sozinho, sem ninguém para ajudá-lo, acabara “matando” o próprio sexo para livrar-se de seu domínio. Uma bala nos miolos... e a paz!

Jorja estremecia, incapaz de deter os pensamentos. Eram pai e filha! Que terrível coincidência adoecerem ambos na mesma época... Mas, e a

Lua?! Seria também uma coincidência? Por mais de seis meses Alan não tivera notícias de Mareie; falara com a filha pela última vez em setembro, muito antes de Mareie começar a interessar-se pela Lua. A obsessão surgira neles ao mesmo tempo!

— Você sabe se Alan tinha pesadelos? — Jorja perguntou. — Algum tipo de sonho estranho, relacionado com... a Lua?

— Como é que você adivinhou? Ele sonhava com a Lua, sim, mas depois não conseguia se lembrar de nada. Esses sonhos começaram em outubro, se bem me lembro. Por quê?

— Eram pesadelos?

A moça fez um trejeito de dúvida.

— Não... acho que não. As vezes, ele falava durante o sonho. As vezes parecia assustado. Mas em geral sorria.

De repente, o estômago pesava-lhe uma tonelada. Jorja olhou novamente para o globo aceso. O que poderia estar acontecendo?! O mesmo sonho, em duas pessoas, separadas por quilômetros de distância? Seria possível? Como? *Por quê?!*

— Você está bem? — “Pimentinha” perguntou.

Se uma obsessão levara Alan ao suicídio, o que aconteceria com Mareie?

8. SÁBADO, 11 DE JANEIRO

Boston, Massachusetts

O serviço fúnebre em memória de Pablo Jackson realizou-se às onze horas da manhã de sábado, dia 11 de janeiro, na pequena capela do cemitério onde seria enterrado. O corpo só foi liberado pela polícia na quinta-feira, e os funerais tiveram que ser adiados para cinco dias após a morte.

Terminada a última oração, os presentes aproximaram-se da cova, no lado da qual esperava o caixão com os restos de Pablo. A neve fora removida de parte da área, para dar lugar aos mais de trezentos amigos que acompanhavam o sepultamento. Havia gente de todo tipo, rica, e pobre, famosa e anônima. Ali estavam personalidades públicas da cidade, desconhecidos habitantes dos subúrbios, mágicos e artistas.

De pé ao lado da cova, Ginger Weiss apoiava-se no braço de Rita Hanaby. Desde segunda-feira, praticamente não comia nem dormia. Estava pálida, nervosa e muito cansada.

A princípio George e Rita opuseram-se a sua idéia de comparecer aos funerais, preocupados com o que pudesse acontecer naquela circunstância particularmente dolorosa e comovente. Todavia, esperando que ela pudesse identificar entre os presentes o assassino de Pablo, a polícia pediu-lhe que fosse ao enterro. Ginger não contara a verdade aos policiais e deixara que acreditassem na hipótese mais óbvia: assalto seguido de assassinato. Em casos assim, dissera-lhe um dos inspetores, o criminoso às vezes é arrastado para o enterro da vítima, obedecendo a um impulso cego e incontrolável. Ginger, no entanto, sabia que o assassino de Pablo não era um criminoso comum; ele jamais correria o risco de ser preso, deixando-se arrastar por qualquer impulso “cego”.

Ginger chorou muito durante as orações e, ao sair da capela em direção à sepultura, sentiu a dor apertando-lhe o coração como mão de ferro. Contudo, manteve-se controlada, sem querer chamar a atenção sobre si e transformar aquele momento solene num espetáculo de lágrimas e desespero. Não estava ali apenas porque

a polícia lhe pedira. Tinha outra coisa em vista, um plano que exigia controle absoluto, sem sombra de pânico. Porque tinha certeza de que Alexander Christophson, ex-embaixador na Grã-Bretanha, ex-senador da República, ex-diretor da CIA, não deixaria de comparecer ao enterro de seu velho e querido amigo, e precisava desesperadamente falar com ele. Pablo procurara-o na noite de Natal para consultá-lo sobre seu caso. E ouvira dele a descrição minuciosa do bloqueio de Azrael. Ginger tinha só uma pergunta a fazer-lhe, e muito medo de ouvir a resposta. Reconhecera-o na capela, pois já o tinha visto muitas vezes em fotos da imprensa e entrevistas da televisão. Era um homem inconfundível, alto, magro, de cabeleira branca. Naquele instante, postava-se do outro lado da sepultura, junto ao caixão, como se montasse guarda. Olhara-a várias vezes, mas não dera mostras de conhecê-la.

Terminada a cerimônia, formaram-se grupos ao redor do túmulo; alguns queriam fazer uma última oração, outros apenas se despediam. Alexander vi-

rou-se e, a passos rápidos, dirigiu-se para o estacionamento.

— Preciso falar com aquele homem — Ginger sussurrou para Rita. Volto já.

Surpresa, Rita ainda tentou detê-la, porém Ginger correu e alcançou Christophson antes do estacionamento. Chamou-o, apresentou-se e viu-o arregalar os olhos, atônito.

— Não há nada que eu possa fazer por você — disse Christophson, sem lhe dar tempo para falar.

— Por favor... — ela pediu, tocando-lhe o braço — ... não me culpe pelo que aconteceu a Pablo...

— E por que você se preocuparia pelo que eu pudesse pensar? Com licença...

— Espere, pelo amor de Deus.

Christophson correu os olhos pelas pessoas que se dispersavam. Parecia temer que o vissem com ela e imaginassem que estava ajudando-a como Pablo a ajudara. Balançava a cabeça ligeiramente, de um lado para outro. O movimento poderia indicar intensa

preocupação, mas, na verdade, era provocado pelo mal de Parkinson.

— Se a questão de suas culpas lhe tira o sono, sossegue — disse por fim. — Pablo conhecia exatamente o terreno em que estava pisando e aceitou todos os riscos que suas atitudes pudessem implicar. Foi agente do próprio destino.

— Então... ele *sabia*... — Ginger murmurou. — Era *isso* que eu precisava saber.

— Pois se eu mesmo lhe disse que era perigoso! — Christophson parecia surpreso.

— O senhor lhe disse... que era *perigoso*?

— Claro! Considerando as dificuldades de um processo de lavagem cerebral, pareceu-me evidente que você testemunhara algum acontecimento terrivelmente importante... e perigoso. Eu mesmo disse a Pablo que o caso não era trabalho de amador. E disse que, se *eles*... fossem quem fossem... desconfiassem de que Pablo estava ajudando você a desmontar o bloqueio de Azrael, ambos correriam risco de vida. — Christophson franziu as so-

brancelhas, olhou-a bem nos olhos e perguntou: — Ele não lhe contou sobre nossa conversa?

— Sim... Contou tudo... menos a possibilidade de ser assassinado. — Ginger passou a mão nos olhos, tentando conter as lágrimas. — Não me disse uma palavra sobre isso.

Christophson tirou a mão do bolso e tocou-lhe o braço com carinho:

— Nesse caso, ninguém poderá acusá-la por sua morte.

— Mas *eu* sei que a culpa é minha!

— Não, não é. — Ele abriu o casaco, apanhou um lenço no bolso do paletó e ofereceu-o a Ginger. — Pablo teve uma vida longa e feliz, cheia de alegrias e emoções. Sua morte foi dramática e violenta, mas rápida, o que também é uma bênção.

— Pablo era tão... maravilhoso...

— Era... E agora começo a entender por que resolveu fazer o que estava fazendo. Ele disse que *você* era uma mulher maravilhosa. Vejo que, como sempre, estava absolutamente certo.

Pela primeira vez, em dias, Ginger recomeçava a acreditar que, talvez algum dia, voltaria a sorrir.

— Obrigada — murmurou e, após breve pausa, perguntou baixinho, mais para si própria do que para Alexander. — E agora? O que é que eu vou fazer?

— Não posso ajudá-la — ele respondeu, rápido. — Estou afastado dos serviços secretos há quase uma década. Já não sei o que fazem, quem são ou onde trabalham. Não tenho idéia de quem possa ser responsabilizado pelo que fizeram a você.

— Nem estou lhe pedindo que me ajude. Sei que não posso pedir ajuda a ninguém, porque não posso andar por aí arriscando a vida dos outros. Mas pensei que talvez o senhor tivesse alguma idéia sobre o que eu possa fazer... para me ajudar a mim mesma.

— Vá à polícia. Eles lá são pagos para ajudar.

— Não... — Ginger balançou a cabeça. — A polícia é lenta demais, perde muito tempo preenchendo formulários e fazendo relatórios. Meus problemas exigem soluções urgentes. Além do mais, não sei se poderia confiar

na polícia. Quando voltei ao apartamento de Pablo, na segunda-feira, não encontrei as fitas de nossas sessões de hipnose e resolvi não falar delas a ninguém. Isso é crime: “omissão voluntária de provas relevantes”. Disse à polícia que Pablo e eu éramos amigos e que íamos sair para almoçar quando o assaltante chegou. Fiz com que acreditassem que se tratava de um simples assalto. Estou enlouquecendo, eu sei, mas não confio na polícia.

— Então procure outro mágico e peça que hipnotize você e a faça regressar...

— Não. Seria muito arriscado.

— E tudo que posso aconselhar — Christophson voltou a esconder nos bolsos as mãos trêmulas. — Sinto muito.

— Não sinta. Obrigada.

— Doutora... — continuou ele, suspirando — tente entender minha posição. Estive na guerra, ganhei medalhas. Mais tarde fiz o que pude para ser um bom embaixador. Como senador e como diretor da CIA, enfrentei crises e houve momentos em que

corri, conscientemente, graves riscos de vida. Não tenho medo de correr riscos. Mas estou velho, com setenta e seis anos, e me sinto ainda mais velho do que isso. Sou um homem doente, hipertenso, com problemas cardíacos. Além disso tenho uma esposa que amo e que se alguma coisa me acontecer, será a única pessoa a sofrer. E ficará sozinha. Minha mulher não sabe viver só.

— Oh, por favor! O senhor não me deve explicações. — De repente, Ginger percebeu que haviam trocado de papel. Antes, ela pedia que Alexander a absolvesse; naquele momento, ele pedia-lhe desculpas. Jacob, seu pai, vivia dizendo que o homem é homem pela capacidade de perdoar; que duas pessoas capazes de dar e receber perdão estarão ligadas para sempre por um laço muito forte. Ginger lembrou-se disso ao sentir que Christophson tornava mais leve sua carga de culpas porque ela, em troca, podia compreendê-lo e perdoá-lo.

Talvez Alexander sentisse a mesma coisa, apesar de continuar justificando-se, já não falava como se estivesse diante de uma ameaça a ser afastada a qualquer preço.

— Na verdade, tenho medo de me envolver em seu caso *menos* porque me interessa viver mais algum tempo e *mais* porque sou um velho covarde. — Sem parar de falar, tirou do bolso uma mini-agenda e caneta. Começou a escrever, a mão trêmula. — Fiz várias coisas na vida das quais não posso me orgulhar. Algumas em nome do dever. E necessário que exista governo e é necessário que alguém faça o serviço de espionagem, mas nem um nem outro são serviços limpos. Quando eu trabalhava para o governo, não acreditava em Deus. Nem em céu ou inferno. Agora já não tenho tanta certeza. As vezes penso que pode haver inferno... e que, de um modo ou de outro, acabaremos pagando por nossos pecados. E essa idéia é que me deixa louco de medo de morrer.

Arrancou a pequena folha da agenda, dobrou-a e entregou-a a Ginger, depois de virar-se de modo que algum espião ocasional não pudesse vê-lo.

— Aí está o telefone da loja de antigüidades de meu irmão Philip, em Greenwich, Connecticut. Você não deve ligar para minha casa porque, se alguém nos viu aqui, com certeza meu telefone estará sob escuta. Não vou mover uma palha para ajudá-la, nem quero me envolver com seus problemas. Mas tenho anos de experiência num território onde você está sozinha e sem apoio. Se de repente precisar trocar idéias, pedir conselhos, ligue para Philip. Vou falar com ele e combinar algum tipo de código secreto para que se comunique imediatamente comigo. Sempre que ele me der um sinal, ligarei de uma cabine para a loja, anotarei o número que você tiver indicado e entrarei em contato com você o mais depressa possível. Estou lhe oferecendo apenas alguns anos de experiência em assuntos sórdidos. Só isso.

— O senhor não precisa me oferecer nada.

— Eu sei. Boa sorte. — Christophson girou sobre os calcanhares e afastou-se, arranhando a neve seca com as solas das botas.

Ginger voltou para junto da sepultura, onde encontrou Rita, quando os coveiros começaram a jogar terra sobre o caixão.

— O que aconteceu? — Rita perguntou.

— Conto-lhe tudo em casa. — Arrancou uma rosa de uma das coroas que seriam colocadas no túmulo, beijou-a e lançou-a sobre o ataúde. — *Alav*

ha-sholen. Que seu sono seja breve antes de despertar para um mundo melhor. *Baruch ha-Shem*.

Ao afastar-se, acompanhando os passos de Rita, ainda ouvia o ruído seco dos torrões de terra caindo sobre a madeira do caixão.

Elko County, Nevada

Na quinta-feira, declarando-se satisfeito com os progressos do tratamento, o dr. Fontelaine deu alta a Ernie Block.

— Foi a cura mais rápida que já vi — afirmou. — Os lobos-do-mar são mais fortes que o comum dos mortais.

No sábado, onze de janeiro, apenas quatro semanas depois de terem chegado a Milwaukee, Ernie e Faye voltaram para casa. Voaram até Reno e lá tomaram outro avião, de uma linha estadual, para Elko. As onze e meia da manhã estavam no aeroporto da pequena cidade, onde Sandy Sarver os esperava. Acenando-lhes

do pequeno terminal de desembarque, sob o sol pálido da manhã de inverno, ela parecia outra mulher. Erguia a cabeça com segurança e, pela primeira vez desde que chegara ao motel, pintara os olhos e os lábios. Já não roía as unhas, e seus cabelos, em geral sem vida, brilhavam ao sol. Quando Faye e Ernie a elogiaram pela mudança, Sandy corou como uma adolescente. Disse que nada daquilo tinha importância, mas deu sinais de estar maravilhada.

Não mudara apenas na aparência. Ernie não se lembrava de algum dia tê-la ouvido dizer mais que meia dúzia de palavras, em voz quase inaudível e de olhos baixos. Agora, andando pelo estacionamento em direção ao carro, ela não parava de tagarelar e de perguntar sobre Lucy, Frank e as crianças. Nada sabia sobre a fobia de Ernie e acreditava que o casal se demorara em Milwaukee só para ficar mais tempo com os netos.

Sempre falando, colocou a bagagem no carro, acomodou-se ao volante e rumou para a Rodovia 80. Dirigia com uma segurança jamais revelada e parecia transpirar alegria por todos os poros. Diante da nova mudança, Faye e Ernie trocaram olhares surpresos e sorrisos de genuína satisfação.

De repente, aconteceu uma coisa estranha. A menos de um quilômetro do motel, Ernie esqueceu-se da metamorfose de Sandy, tomado outra vez pela

sensação que tivera na noite de 10 de dezembro, quando voltava de Elko com as compras que Faye encomendara: a sensação de que aquele lugar o *chamava*. A sensação de que já estivera ali e, exatamente *ali*, alguma coisa ocorrera. Como da outra vez, o lugar o atraía como um talismã que, num sonho, tivesse o poder de arrastá-lo em direção ao desconhecido.

Mau sinal. Sem nenhuma razão objetiva, sentia que a atração que aquele local exercia sobre ele relacionava-se, de algum modo, com seus problemas de medo do escuro. Como o médico lhe dissera que estava curado da nictofobia, seria razoável imaginar que os outros sintomas também desaparecessem. Mau sinal. Ernie não podia nem pensar na possibilidade de uma recaída.

Faye conversava com Sandy, contando-lhe sobre as crianças e os presentes de Natal. Ernie, porém, já não a ouvia. Sentia-se possuído por estranho entusiasmo místico, como se estivesse prestes a presenciar algo fantástico, enorme, de transcendental importância. Algo que o enchia de medo.

Subitamente Sandy diminuiu a velocidade para quarenta quilômetros por hora, menos da metade da média que mantivera até ali. Surpreso, Ernie voltou-se para perguntar-lhe por que ia tão devagar, porém, antes que abrisse a boca, ela voltou a pisar fundo no acelerador e riu alto, outra vez atenta ao que Faye lhe contava. Uma expressão muito estranha estampara-se em seu rosto naquele breve espaço de tempo, e Ernie captou-a. Como era possível que Sandy e ele experimentassem a mesma fascinação irracional e incompreensível por um pedaço de terra comum, em tudo idêntico à paisagem que os cercava?

— E ótimo estar de volta... — Faye sorriu, quando o carro entrou à esquerda, saindo da rodovia em direção ao estacionamento do motel.

Ernie continuava de olhos fixos no rosto de Sandy, à procura de algum sinal indicativo de que o tal lugar também a atraía. Mas a moça não parecia nem assustada nem ansiosa, e sorria. Ele devia ter-se enganado: Sandy diminuiu a marcha por acaso.

Quanto mais se aproximavam da entrada do motel, mais Ernie se angustiava. Sentia arrepios na espinha, gotas de suor gelado corriam-lhe pelas

costas. Espiou o relógio, não porque quisesse ver as horas, mas porque *precisava* saber quanto tempo lhe restava antes do anoitecer: pouco mais de cinco horas.

E se o problema fosse outro? Se não fosse um simples caso de medo do escuro? Se existisse algum tipo especial de escuridão capaz de enlouquecê-lo? E se tivesse conseguido vencer a fobia em Milwaukee, por que não era a noite de lá que o assustava? Se *tivesse medo, apenas, das noites do deserto de Nevada*? Existiriam fobias assim, com causas específicas e localizadas? Claro que não. Ernie tornou a espiar o relógio.

Sandy estacionou o carro junto à entrada do motel e, quando Ernie e Faye desceram para descarregar a bagagem, aproximou-se e abraçou-os:

— E ótimo que vocês estejam de volta. Senti muita falta dos dois! Agora vou ajudar Ned, porque já estamos atrasados para o almoço.

Ernie e Faye pararam boquiabertos, vendo-a afastar-se.

— O que você imagina que possa ter acontecido aqui durante nossa ausência? — Faye perguntou.

— Não faço idéia.

— Quando a vi, pensei que Sandy estivesse grávida. Mas não deve ser isso, porque ela nos teria contado. E alguma outra coisa... *O quê?*

Ernie pegou duas das quatro malas e colocou-as no chão. Tornou a espiar o relógio: estavam cinco minutos mais perto do anoitecer.

— Ora... — Faye suspirou. — Seja lá o que for, ela parece feliz, e eu fico feliz por ela.

— Eu também. — Tirou as outras duas malas do carro.

— “Eu também”... — Faye imitou-o — Não se faça de insensível. Eu sei que você se preocupava com Sandy tanto quanto com o futuro de Lucy. E vi muito bem que você percebeu toda essa mudança... e que seu coração de manteiga derreteu.

— E isso por acaso é doença? — Ernie seguiu Faye em direção à entrada da casa, carregando as duas malas maiores.

— Deve ser... liquefação cardíaca...

Ernie riu alto, esquecido por um momento da angústia que crescia sempre. Faye sabia fazê-lo rir por nada, nos momentos em que ele mais precisava descontraír. Queria entrar em casa, abraçá-la e levá-la para a cama. Nada melhor para acalmá-lo e infundir-lhe coragem. Precisava vencer o medo que inchava no peito como um boneco de mola pronto a saltar no primeiro susto.

Faye colocou a bolsa no degrau da entrada e abaixou-se para apanhar a chave. Quando Ernie começara a melhorar, decidiram não contratar um gerente e, simplesmente, manter fechado o motel pelo tempo em que estivessem fora. Agora, voltando, tinham muito

trabalho pela frente. Era preciso limpar os quartos, arejar os armários, ligar a calefação, tirar o pó que se acumulava sobre os móveis. Mas todo o trabalho poderia esperar um pouco, até que Ernie possuísse a esposa em sua velha cama.

Faye abriu a porta e entrou, despreocupada, feliz por estar em casa. Não percebeu que, naquele exato momento, uma nuvem encobria o sol brilhante do deserto. Ernie perdeu o fôlego e parou, sem saber o que fazer, os olhos arregalados. Pouco a pouco, baixou a cabeça e consultou o relógio. Depois, devagar, virou-se para o poente, para o lado onde o sol acabaria escondendo-se mais cedo ou mais tarde.

— Vai dar tudo certo — murmurou — *Estou curado ...*

A caminho: de Reno a Elko County

Depois da experiência na casa de Lomack, na terça-feira, com a ciranda de luas dançando a sua volta, Dominick Corvaisis ainda ficou em Reno por alguns dias. Por ocasião da primeira viagem, demorara-se lá pesquisando material para os contos sobre jogadores. Para manter o cronograma, passou a quarta, a quinta e a sexta-feiras na “maior pequena cidade do mundo”. Visitou cassinos, observando os rostos dos jogadores. Viu casais jovens, velhos aposentados, belas mulheres, senhoras maduras de calça justa e blusões largos, bronzeados *cowboys* cheirando a esterco, fazendeiros ricos e perfumados, secretárias, caminhoneiros, executivos, ex-presidiários, ex-policiais. Gente de todas as classes sociais, atraídas pela febre do jogo organizado: a indústria mais democratizante do planeta.

Como da primeira vez, jogou pouco, apenas para sentir o que era um cassino da ótica dos que passavam horas sentados junto ao pano verde. Depois do delírio dos pôsters voadores, já não tinha dúvidas de que alguma coisa acontecera em Reno. Ali passara por uma experiência que mudara para sempre a sua vida, e ali acabaria por encontrar a chave que libertaria sua memória. Ouvia risadas, conversas, lamentos sobre a imponderabilidade do jogo e a justiça da sorte, gritos dos que ganhavam uma fortuna em

poucos minutos. E permanecia frio e alerta, misturado aos jogadores, mas distante de todos, sempre à procura de algum sinal que o fizesse lembrar... um fragmento do passado.

Não descobriu nada. Telefonou todas as noites para Parker Fai-ne, em Laguna Beach, esperando que seu correspondente anônimo se manifestasse novamente. Mas também não recebeu um único bilhete.

A noite, enquanto o sono não vinha, remoía a experiência da casa de Lomack. Queria encontrar uma explicação para os anéis avermelhados que apareceram em suas mãos e depois sumiram do mesmo modo misterioso. E não achava explicação plausível.

A medida que os dias passavam, diminuía a necessidade dos comprimidos, mas crescia a ansiedade que vinha com os pesadelos. A Lua, sempre a Lua. E todas as noites lutava com as cordas que o prendiam à cama.

No sábado, continuava certo de que a explicação para os pesadelos e para as crises de sonambulismo estava em Reno, porém decidiu manter o plano inicial e viajar até Mountainview. Se chegasse lá sem descobrir nada, voltaria e ficaria em Reno, pelo tempo que desejasse.

No verão retrasado, saíra do Hotel Harrah's às dez e meia da manhã do dia 6 de julho, sexta-feira depois de um lanche rápido. Quase dois anos depois, no sábado 11 de janeiro, reproduziu o mesmo cronograma e às dez e quarenta chegava à Rodovia 80. Tomou o rumo do nordeste, em direção de Winnemucca, a cidade onde, em eras passadas, Butch Cassidy e Sundance Kid roubaram um banco.

A vasta extensão de terra desabitada continuava a mesma, idêntica à daquele tempo. A rodovia, as linhas de telégrafo e os fios de energia elétrica — por vezes únicos sinais visíveis de civilização — seguiam o traçado da

velha trilha do tempo das diligências. Dom via desfiarem diante de seus olhos as infindáveis planícies varridas pelo vento, os leitos secos de lagos e rios, as estranhas esculturas feitas de lava solidificada e, ao longe, muito ao longe, as montanhas. Ao longo da rodovia, estendia-se o colorido mag-

nífico das terras calcárias, do amarelo-escuro ao cinza. Mais ao norte, o rio Humboldt não passava de um risco esverdeado na planície, sorvido pela sede insaciável da terra. De longe em longe, junto às margens do leito do rio ou de algum de seus afluentes, surgia uma mancha verde de terra fértil, grama e árvores, alguns salgueiros e choupos. Onde havia água erguia-se um vilarejo, e todos eles pareciam perdidos entre si, distantes da civilização.

Dom sentia-se encolher na vastidão do Oeste americano mas a paisagem, daquela vez, transmitia-lhe uma estranha impressão de mistério, de infinitude, como se escondesse algo mais... ilimitadas possibilidades. Era fácil acreditar que já passara por ali — a mais simples e pura verdade — e ali vivera experiências aterrorizantes, o que, com certeza, não passava de uma crise aguda de auto-sugestão.

Às duas e quarenta e cinco parou para abastecer e comer um sanduíche em Winnemucca, cidade de apenas cinco mil habitantes, a maior que havia numa área de vinte e cinco mil quilômetros quadrados. Ali a Rodovia 80 dobrava para o leste e começava a subir, no rumo de Great Basin. Um anel de montanhas fechava o horizonte em todas as direções, algumas com as encostas cobertas de neve. Ainda se viam arbustos secos e tufo de grama soprados pelo vento, mas o deserto ficava para trás.

Quando o sol se escondia por trás das montanhas, Dom saiu da estrada e manobrou para chegar ao estacionamento do Motel Tranqüilidade. Ao sair do carro o vento soprava frio. O deserto, de algum modo, fizera-o imaginar que o verão seria eterno. Porém não estava no deserto, e nas regiões mais altas já era inverno. Voltou ao carro, apanhou um suéter e vestiu-o. Passou a mão pelos cabelos, voltou-se para caminhar até a portaria do motel... e parou de repente, assustado.

Havia chegado ao fim da viagem. De algum modo inexplicável *sabia* que o lugar era aquele. Fora ali que uma coisa muito estranha acontecera.

No verão retrasado, parara naquele estacionamento na noite de 6 de julho, sexta-feira. Gostara do local, isolado, perdido num ce-

nário majestoso e imponente. Certo de que escreveria sobre aquela paisagem, resolvera ficar no motel por dois ou três dias, para conhecer melhor os arredores e criar uma boa história. Na terça-feira, dia 10 de julho, seguira para Mountainview, Utah.

Dom olhou lentamente ao redor, observando os detalhes da paisagem que mergulhava na escuridão, tentando lembrar-se. A medida que olhava, convencia-se de que ali ocorrera o fato mais importante de sua vida. O fato que o transformara para sempre e que nunca voltaria a repetir-se.

Ao lado do motel, viu o restaurante com as amplas janelas envidraçadas e as letras em neon azul; no amplo estacionamento havia três caminhões. Lambris de metal, pintados de verde-escuro, revestiam a parede lateral do motel, protegendo-o do vento. Na ala à esquerda situavam-se os dez quartos de portas verdes. Entre as duas alas, erguia-se uma construção de dois andares; no térreo, a recepção do motel; no piso superior, a residência dos proprietários. A ala leste, em forma de “L”, abrigava seis quartos no setor maior e quatro no menor.

Dom voltou as costas para o motel e encarou a paisagem escura pontilhada pelos faróis dos veículos que percorriam a Rodovia 80. Mais além, a vastidão interminável da planície estendia-se em direção ao sul. No céu, muito ao longe, junto ao horizonte, ainda brilhava uma nesga alaranjada.

Cada vez mais assustado, Dom contornou o motel, e encontrou-se novamente diante do restaurante. Dirigiu-se para a entrada, arrastado por um poder que só conhecia de sonhos. Quando tocou a maçaneta, o coração parecia prestes a saltar-lhe do peito. *Tinha que fugir!* Com grande esforço, porém, controlou-se, abriu a porta e entrou.

O lugar era amplo, limpo e iluminado. Os mais deliciosos aromas pairavam no ar: cebolas, batatas fritas, presunto, carne. Sempre com medo, mas decidido a lutar enquanto pudesse, ele se aproximou de uma das mesas. No centro da toalha, viu um açucareiro, vidros de *catchup*, mostarda e molho de pimenta, um saleiro e um cinzeiro. Apanhou o saleiro, sem saber por quê. E de

repente lembrou-se de que ocupara aquela mesma mesa no verão retratado, quando chegara ao motel. Deixara cair um pouco de sal sobre a mesa e, quase sem perceber, jogara uma pitada para trás, por cima do ombro. E o sal atingira o rosto da moça que se aproximava às suas costas.

O que poderia haver de importante em tão banal incidente? Dom não sabia, mas tinha certeza de que existia uma resposta. Talvez... por causa da moça? Quem era ela? Uma desconhecida. Por mais que tentasse, não conseguia lembrar-se de sua aparência.

O coração ainda batia descompassado, acelerado, como se lhe dissesse que estava às portas de uma descoberta devastadora. Ele deixou o saleiro sobre a mesa e, de olhos arregalados, sem entender a emoção que mal o deixava respirar, caminhou até a janela envidraçada. Naquela mesa sentara-se a moça.

— Deseja alguma coisa?

Dom viu a garçonete aproximar-se, notou seu suéter amarelo, percebeu que ela lhe dizia alguma coisa, mas não conseguiu responder. A cada segundo, aumentava a certeza de que poderia recordar-se. Ainda não sabia que lembrança estava ali, ao alcance da mão, porém sentia que a hora se aproximava. A moça sentara-se àquela mesa... e era linda... iluminada pela luz de ouro velho do sol poente.

— O senhor está bem?

A moça pedira o jantar, e Dom continuara comendo. O sol escondera-se, a noite caíra, e... *Não*

A lembrança esteve a um palmo da tona, muito próxima da superfície, quase conseguiu romper a membrana que a separava da luz, chegou quase à consciência, fugiu novamente para as profundezas negras onde vivia, acossada pelo medo. Como se Dom estivesse a um passo de encarar a face monstruosa do senhor dos infernos, já não queria lembrar-se!

Virou-se, deu as costas à garçonete e correu. Sabia que havia gente olhando, sabia que estava fazendo papel de louco, mas nada importava. Tinha que fugir... para fora, para longe. Passou pe-

la porta, empurrou-a com força e viu-se de volta ao estacionamento, frente a frente com o céu escuro, multicolor quase negro.

O medo do passado. O medo do futuro. O medo, principalmente, de não saber *por que estava com medo*.

Chicago, Illinois

Brendan Cronin adiou o que tinha a dizer para depois do jantar, quando o padre Wyczik, de barriga cheia e ante a perspectiva de um cálice de conhaque, atingia o ponto culminante de bom humor diário. Até então, dedicou-se a comer: repetiu as batatas, a vagem e o presunto, permitindo-se até uma fatia extra de pão feito em casa.

Voltara-lhe o apetite, mas a fé continuava distante. De início, depois de descobrir que não acreditava em Deus, vivera dias do mais negro desespero, o coração como um vazio grande e pesado dentro do peito. Ultimamente, porém, não se sentia desesperado, e o vazio, apesar de ainda existir, pesava cada vez menos. Começava a descobrir que algum dia voltaria a viver uma nova vida, cheia de significado e valor, sem nada a ver com a Igreja. Para Brendan Cronin, cujos prazeres temporais jamais haviam superado a alegria espiritual da Santa Missa, simples possibilidade de uma vida fora da igreja era mais do que uma autêntica revolução.

O fato de que, desde o Natal, tivesse evoluído do ateísmo para um agnosticismo qualificado talvez explicasse o fim do desespero. Desde há algum tempo examinava a possibilidade de existir um poder superior, diferente de Deus e igualmente sobrenatural.

Terminada a refeição, o padre Gerrano voltou ao quarto, para retomar a leitura do último livro de James Blaylock, cujas histórias fantásticas, com personagens ainda mais fantásticas, agradavam também a Brendan, mas pareciam insuportavelmente inacreditáveis ao realismo indestrutível do padre Wyczik.

— Blaylock escreve bem, mas, quando acabo de ler um de seus contos, fico com a sensação de que nada do que existe é o que parece ser... e detesto essa sensação — resmungou o velho cura.

— É possível que nada do que existe seja exatamente o que parece ser... — comentou Brendan, seguindo-o até o escritório.

Stefan balançou a cabeça sem deixar-se covencer e por um momento, à luz da escada, seu cabelo prateado brilhou como aço.

— Nada disso. Quando leio para me distrair, prefiro livros que me façam mergulhar fundo, de cabeça, na *realidade* da vida.

Brendan soltou uma gargalhada e replicou:

— Se existe céu, eu gostaria de chegar lá com o senhor só para vê-lo encontrar-se com Walt Disney. Seria maravilhoso assistir a uma discussão entre os dois... Disney defendendo o direito humano à fantasia, e o senhor tentando convencê-lo de que melhor seria produzir desenhos animados com personagens de Dostoiévski, em vez de perder tempo com Mickey Mouse.

O pároco sorriu, serviu dois cálices de conhaque, acomodou-se numa poltrona e fez sinal para que Brendan também se sentasse.

Era a hora perfeita para contar-lhe sua decisão.

— Se o senhor não tiver nada a opor — começou —, gostaria de fazer uma viagem. Poderia partir na segunda-feira. Preciso ir a Nevada.

— *Nevada* ? — Stefan pronunciou o nome do Estado como se fosse o de algum povoado perdido na selva. — Por que Nevada?

— E para lá que me chamam. Ontem à noite, o sonho repetiu-se. Vi apenas uma luz muito brilhante, mas adivinhei que o lugar é Elko County, Nevada. Sei que preciso voltar lá para descobrir o que curou Emmy e resuscitou Winton.

— Voltar? Mas você já esteve lá?

— No verão retrasado. Antes de vir para Santa Bernardette.

De Roma, ao deixar o posto ao lado de Monsenhor Orbella,

Brendan fora para San Francisco entregar uma encomenda de seu orientador. Passara duas semanas com o bispo John Santefiore, velho amigo de Orbella. O bispo trabalhava num livro sobre a história das eleições dos papas; o monsenhor enviara-lhe importante material de pesquisa e encarregara Brendan de responder a qualquer pergunta que o confrade tivesse. O tempo voara. Foram

dias de trabalho e autêntico prazer intelectual, na companhia de John Santefiore, homem de humor fino e inteligente.

Missão cumprida, Brendan decidira tirar duas semanas de férias antes de apresentar-se em Chicago, sua cidade natal. Passara alguns dias em Car-

mel, na península de Monterey, alugara um carro e iniciara longa viagem, de um lado a outro do país.

O padre Wycazik segurou o cálice com as duas mãos e inclinou-se.

— Lembro-me de que você esteve com o bispo Santefiore, mas havia me esquecido da viagem de carro — declarou. — Foi nessa viagem que você passou por Elko County, Nevada?

— Foi. Fiquei hospedado no Motel Tranqüilidade. Tinha idéia de passar só uma noite, mas era tão agradável e a paisagem tão bonita, que acabei me demorando um pouco mais. Agora preciso voltar.

— Mas... Por quê? O que aconteceu lá?

Brendan deu de ombros e respondeu:

— Nada. Descansei, dormi, li um ou dois livros, vi televisão. A televisão era ótima porque o motel tinha antena parabólica.

O velho cura recostou-se na poltrona, sobrancelhas franzidas.

— Estranho... — disse. — Por um momento tive a impressão de que sua voz mudou. Pareceu fria... como se repetisse um discurso decorado.

— Eu estava falando sobre o motel.

— Mas... se não houve nada de especial em Elko County, o que vai fazer lá? O que acontecerá quando chegar?

— Não sei. Mas algo me diz que vão acontecer coisas... inacreditáveis.

O padre Wycazik perdeu a paciência e foi direto ao assunto que sempre lhe interessava mais que qualquer outro:

— Você acredita que Deus... o está chamando?

— Acho que não, mas pode ser. Quero sair daqui com sua permissão e sua bênção... Mas, se tiver que ir sem permissão nem bênção... assim será. Preciso ir.

Esquecendo-se dos hábitos que cultivava após o jantar, Stefan virou o cálice de conhaque e quase o esvaziou de um gole só.

— Acho que você deve mesmo ir — disse. — Mas não sozinho.

— O senhor... gostaria de viajar comigo?

— Mesmo que quisesse, não poderia deixar a paróquia. Mas talvez seja interessante que você leve alguém para testemunhar... o que quer que

aconteça. Um padre que tenha tido contato com milagres ou aparições sobrenaturais.

— Refere-se a um desses fanáticos que recebem autorização do cardeal para andar por aí investigando imagens de santas que choram ou crucifixos que sangram?

Sem se alterar, o padre Wyczazik fez que sim com a cabeça.

— Acertou em cheio. Um padre que conheça o processo de autenticação de aparições. O monsenhor Janney, da arquidiocese, tem muita prática.

Brendan respirou fundo e concluiu que teria de sacrificar a fé de seu superior para poder viajar em paz.

— Não há nada de milagroso no que aconteceu comigo — declarou. — Não fui agente da mão de Deus. Não é necessário dar esse trabalho a monsenhor Janney. Garanto-lhe que o que aconteceu lá não foi obra de Deus, nem veículo de manifestação da vontade divina.

— E por que insiste em pensar que Deus tem sempre que ser óbvio e sem imaginação? — O velho já saboreava a vitória de seus argumentos.

— Estou envolvido em fenômenos psíquicos.

— Bobagem! Fenômenos psíquicos só servem para explicar aos pobres descrentes as coisas que não conseguem entender porque mostram a presença de Deus. Pense bem! Abra o coração... e descobrirá que Deus o chama de volta a Seu santo abrigo. Tenho certeza de que você será testemunha de uma aparição divina. Uma nova visitação do Altíssimo!

— E por que o Altíssimo não me visita aqui mesmo? Por que me faz viajar até Nevada?

— Talvez para testar sua fé... ou sua obediência. — O padre

Wyczazik corrigiu-se: — Para fazer você mesmo descobrir que *deseja* reencontrar a fé perdida.

— E por que Nevada? Por que não na Flórida ou no Texas? ou em Istambul...

— “São tortuosos os caminhos do senhor”...

— E por que Deus teria tanto trabalho, apenas para salvar a alma de um pobre como eu?

— Para Ele, que fez a terra e o céu, não é trabalho algum aparecer em Nevada. E Deus sabe que a salvação de uma alma é tão importante quanto a salvação de um milhão de almas.

— Então por que permitiu que eu perdesse a fé?

— Para fazê-lo refletir e amadurecer. Talvez Deus ainda venha a precisar de você e o faz passar por essa provação para que você saia dela fortalecido.

Brendan sorriu e, balançando a cabeça, comentou:

— O senhor sempre encontra uma resposta, não é?

— Deus me deu cabeça boa e língua rápida... — replicou, encostando-se na poltrona, satisfeito.

Todos conheciam sua reputação de salvador de padres tresmalhados e sabiam que ele jamais desistia. De qualquer modo, Brendan não queria viajar para Nevada com monsenhor Janney nos calcanhares.

De sua poltrona, Stefan olhava-o com carinho, mas com firme e evidente determinação de não se deixar envolver em argumentos simplórios. Seus olhos brilhavam, antecipando o prazer de destruir todas as falsas verdades do jovem confrade.

Brendan suspirou... Tinha um longo serão pela frente!

Elko County, Nevada

Dom saiu correndo do restaurante, parou por um momento na frente da recepção e entrou. Encontrou uma cena que, à primeira vista, parecia briga de marido e mulher. Era bem mais grave.

O homem, de calça bege e suéter marrom, estava parado no meio da sala. Mais alto e musculoso que Dom, parecia feito de um tronco de árvore. O cabelo grisalho e as linhas marcadas do rosto indicavam que já passava dos cinquenta, mas estava conservado e em boa forma.

Tremia dos pés à cabeça, como num acesso de raiva. A sua frente, a mulher parecia esperar ansiosa que o acesso passasse. Era loira, de olhos azuis, mais jovem do que ele. Dom aproximou-se e percebeu que não se tratava de um acesso de raiva: o homem tremia de medo!

— Acalme-se — dizia-lhe a mulher. — Controle a respiração.

Ele parecia sufocado, a cabeça caída sobre o peito, os ombros

curvados, os olhos baixos.

— Inspire devagar... Uma vez... outra... Lembre-se do que o dr. Fontelaine falou. Quando você estiver melhor, sairemos para dar uma volta.

— *Não!* — gritou balançando a cabeça com força, de um lado para outro.

— Vamos, sim, claro. — A mulher tocou-lhe o braço com carinho. — Vamos sair um pouco, e você verá que a escuridão aqui é igual à de Milwaukee. Acalme-se, Ernie...

Ernie! O nome fez Dom estremecer, lembrando-se dos pôsters em Reno. Um dos nomes que Lomack escrevera, além do seu, era Ernie!

— Preciso de um quarto — Dom aproximou-se da mulher.

— Lotação esgotada.

— Vi o sinal, lá da estrada... Pensei que tivessem vagas...

— Sim, sim... está bem... Mas não agora! Vá até o restaurante, dê uma volta e venha mais tarde. *Por favor!*

Nesse momento, o homem berrou, horrorizado:

— A porta! Feche essa porta antes que a escuridão entre!

— Não! — a mulher respondeu, a voz firme, mas os olhos cada vez mais assustados. — A escuridão não vai lhe fazer mal. E não vai entrar aqui.

— Ela... está chegando... — o homem gemeu.

Dom viu de repente que todas as luzes da sala estavam acesas a ponto do ofuscarem a vista: lâmpadas sobre a mesa, no teto, nos abajures do haste longa.

— Oh, pelo amor de Deus! — exclamou a mulher. — Feche essa porta!

Dom obedeceu e entrou na sala.

— Não... Por favor, *saiu* e feche a porta...

Ernie olhava, alucinado, para o rosto do outro e para a janela envidraçada:

~ Ela está aí... — gemia. — Bem aí, do lado de fora... Vai quebrar os vidros... vai entrar...

Dom fechou os olhos para não ver aquele rosto transtornado de ,medo. O mesmo medo que o enlouquecia nas crises de so-nambulismo que o levavam

a pregar janelas e esconder-se em armários.

A sua frente, a mulher começava a descontrolar-se.

— Por favor! Saia! Meu marido é nictóforo... Sofre de crises agudas de medo do escuro, e eu preciso cuidar dele!

Ernie... e Faye!

— Está bem, Faye... Mas acho que também posso ajudá-lo.

Ela fitou-o intrigada e gaguejou!

— Eu... já o conheço?

— Não sei. Meu nome é Dominick Corvaisis.

— Nunca ouvi esse nome. — Faye virou-se e correu para impedir que Ernie fugisse para o quarto.

— Tenho que subir... para fechar as cortinas... Tenho...

— *Não fuja!* Você precisa enfrentar esse medo para poder controlá-lo... — Segurou-o pelo braço, mas não conseguiu detê-lo.

Com um salto, Dom plantou-se à frente da escada, colocou as mãos nos ombros de Ernie e deteve-o.

— Você tem tido pesadelos — disse. — Quando acorda não consegue lembrar de nada... mas nos pesadelos você vê... a Lua!

Faye tapou a boca para não gritar.

Ernie levantou a cabeça e engoliu em seco.

— Como é que você sabe?!

— Porque eu também tenho tido pesadelos... há mais de um mês. — Dom respondeu, sério. Todas as noites. E sei de um homem que sofreu tanto com os mesmos pesadelos que acabou se suicidando.

Ernie e Faye não tiravam os olhos de seu **rosto**.

— Em outubro — ele continuou — comecei a sofrer de insônia. Saía da cama e me escondia pelos armários, ou reunia um verdadeiro arsenal à volta da cama para me proteger. Uma noite, tentei pregar a janela do quarto. Está entendendo? Tenho medo de alguma coisa que vem da escuridão... Sou capaz, de apostar que temos medo da *mesma coisa!* Não só da escuridão, mas de alguma coisa que aconteceu lá fora no verão retrasado... num fim de semana do verão retrasado!

— Não entendo... — Ernie voltou a cabeça na direção da janela, mas logo fechou os olhos.

— Vamos subir para você fechar as cortinas e acalmar-se — Dom afastou-se para deixá-los passar e seguiu-os. — Vou-lhes contar o que sei. O mais importante, porém, já aconteceu: nós nos encontramos! E não estamos sozinhos... nem vocês, nem eu! Graças a Deus!

New Haven County, Connecticut

Como um relógio. Os assaltos planejados por Jack Twist funcionavam como um relógio. O caso do carro blindado não fugiu à regra. A noite estava nublada, sem estrelas, sem luar. Não nevava, mas um vento frio e úmido soprava do sudoeste. O carro da transportadora de valores atravessava o campo deserto, vindo de nordeste em direção ao barranco de onde Jack o observara na véspera de Natal, os faróis cortando a neblina cerrada. Nos campos cobertos de neve, a estrada escura desenrolava-se como uma fita de cetim negro.

Vestido num traje branco de esquiador, o capuz erguido sobre a cabeça, o corpo imóvel sobre a neve, Jack via-o aproximar-se do barranco. Do outro lado da estrada, no mesmo ponto onde estivera de tocaia, seu companheiro Chad Zepp também esperava. O terceiro membro do grupo, Branch Pollard, tomava posição encostado ao barranco, com um pesado fuzil.

O caminhão estava a duzentos metros, e as luzes das lâmpadas de carroceria, refratadas pela neblina, cortavam a escuridão. De repente, o cano do fuzil brilhou alguns centímetros acima do barranco. Um tiro ecoou no vazio e os pneus rangeram no asfalto molhado.

Aquele era, talvez, o melhor fuzil de combate jamais fabricado. Podia acertar o alvo à distância de quase um quilômetro, atravessar o tronco de uma árvore ou furar com seus projéteis uma parede de concreto, matando quem se escondesse do outro lado. Naquela noite, contudo, o plano de Jack não previa a morte de ninguém. Com o auxílio da mira telescópica, Pollard acertara com precisão o alvo: o pneu direito do carro blindado.

O veículo desgovernou-se e derrapou. Jack levantou-se e correu. Saltou uma ravina e deslizou até a estrada, postando-se à frente do carro, grande como um tanque de guerra. No último momento, quando já parecia condena-

do a espatifar-se no acostamento da estrada, o motorista conseguiu controlar o veículo e parou a menos de meio metro de Jack.

Na cabine, os guardas aflitos tentavam contato pelo rádio. Perda de tempo. No momento em que Pollard atirou, Chad Zepp, ainda escondido na neve, acionou um transmissor movido a bateria criando um campo de interferência estática que tornava impossível qualquer comunicação naquela frequência.

O vento levantava ondas de névoa branca e Jack sentia-se nu, ali no meio da estrada, os olhos ainda ofuscados pelos faróis, esperando o melhor momento para alvejar a grade do motor. Seu fuzil, de fabricação inglesa, projetado a pedido das forças encarregadas de combater o terrorismo, possuía um calibre suficiente para lançar cápsulas blindadas de gás lacrimogêneo com alto impacto, capazes de atravessar qualquer porta, janela ou barricada. No momento em que Jack acionou o gatilho, o projétil varou a grade do carro, alojando-se no compartimento do motor, e a cabine foi invadida por uma onda de vapor amarelo, que subia pelos canais de ventilação.

Os guardas da empresa tinham instruções claras para não abandonar o veículo, considerado o abrigo mais seguro em horas críticas, por causa da lataria blindada e dos vidros à prova de balas. Para respirar, dependiam dos canais de ventilação por onde entrava o gás da bomba e, assim, acabaram forçados a sair, tossindo, espirrando e praticamente cegos pelas lágrimas. O motorista ainda sacou o revólver e tentou fazer mira, porém Jack desarmou-o com um pontapé, agarrou-o pelo casaco e arrastou-o para a frente do carro, onde o algemou a um dos ferros da carroceria.

Depois de atirar no pneu, Branch Pollard deixou seu posto e aproximou-se do grupo. Naquele exato instante, do outro lado da carroceria, algemava o guarda.

Os dois homens piscavam e piscavam, procurando ver os rostos dos assaltantes. Outra perda de tempo: os três usavam máscaras.

Livres dos guardas, Jack e Pollard correram para a traseira do carro, apressados, embora não houvesse risco de serem surpreendidos por algum eventual motorista que passasse. Até que o serviço estivesse concluído, não apareceria ninguém, porque dois outros membros do grupo haviam bloquea-

do a estrada com dois caminhões roubados, equipados com aparelhos de sinalização da polícia rodoviária. Agora, num cenário impressionante de luzes coloridas, cavaletes e bandeiras de sinalização, encarregavam-se de desviar o escasso trânsito do horário, informando aos motoristas que ocorrera um grave acidente poucos quilômetros adiante.

Como um relógio.

Quando Jack e Pollard chegaram à traseira do caminhão, encontraram Zepp a postos. A luz de uma lanterna que fixara à porta de aço, ele trabalhava para abrir o compartimento de carga, fechado a segredo como um cofre. Estavam equipados com explosivos, mas, tratando-se de um carro de transporte de valores tão protegido como aquele, havia o risco de fundir todo o mecanismo ao explodir a fechadura. O ideal era abrir o cofre destravando a fechadura.

Os carros mais antigos tinham cofres que operavam com duas chaves simultâneas; outros tinham fechadura de segredo; mas aquele era equipado com um tipo de cofre que só podia ser aberto

com uma sequência de números digitados num miniterminal de computador, pouco maior que um maço de cigarros, instalado na cabine. Para ativar o mecanismo e trancar o cofre, bastava o guarda fechar as portas traseiras e digitar o segundo de uma série de três números previamente programados. Para abri-lo, era preciso digitar os três números na ordem correta, num código trocado diariamente e conhecido apenas pelo motorista.

Há mil combinações possíveis de seqüências de três algarismos escolhidos entre dez. Cada combinação exigiria de quatro a cinco segundos para ser testada, sem falar no tempo necessário para descobrir sua validade. No total, necessitariam de uma hora e quinze minutos para todas as combinações. Arriscado demais.

Chad Zepp retirou a tampa da fechadura. As dez teclas numeradas continuavam intactas, mas, sem a tampa, era possível examinar melhor o mecanismo. Pendurada ao ombro de Zepp, estava uma pasta de executivo e, dentro dela, um computador portátil, capaz de analisar e abrir qualquer cofre controlado por circuitos eletrônicos. Era um aparelho de uso reservado aos serviços de informação do Exército, o que tornava crime deferal o simples fato

de um cidadão comum possuí-lo. Para comprar seu aparelho, Jack viajara à Cidade do México e pagara vinte e cinco mil dólares a um traficante de armas, o qual mantinha contato ultra-secreto com um dos engenheiros da empresa fabricante do computador.

Zepp abriu a mala e ligou o aparelho, apoiando-se de modo que Jack e Pollard pudessem ver o pequeno monitor, ainda escuro. O computador operava com três cabos retráteis, um dos quais Jack retirou do compartimento onde estava guardado; parecia um termômetro de mercúrio, ligado ao aparelho por metro e meio de fio. Jack aproximou-se da fechadura e examinou detidamente os fios que se emaranhavam, sob as teclas numeradas. Tomou o “termômetro” e inseriu-o entre duas teclas, junto à base da do número um. O monitor permaneceu escuro. Tentou então a tecla dois, também sem resultado. E a três. Ao tocar a base do botão quatro, contudo, a palavra LIGADO apareceu no monitor,

seguida de vários números que indicavam a intensidade da corrente elétrica do contato.

Sabiam, agora, que o segundo algarismo da seqüência de três, programada pela segurança para aquele dia, era quatro. Depois de guardar no cofre os sacos contendo dinheiro e cheques recolhidos no último ponto em que pararam, o guarda apertara a tecla quatro e trancara o cofre. O contato permaneceria acionado até que todo o código fosse digitado no monitor, e só então seria possível abrir o cofre.

Sem conhecer nenhum dos três algarismos, Jack precisaria encontrar uma combinação, entre mil possíveis. Tendo já descoberto o segundo desses três algarismos, a probabilidade de descobrir os outros dois cresciam para uma em cem.

Indiferente ao vento que continuava a soprar forte, tirou outro dos instrumentos ligados ao computador: um cabo semelhante ao primeiro, com uma ponta fina parecida com um pincel de aquarela de uma única cerda, que brilhava, resistente e flexível. Com a “cerda” luminosa, Jack foi tocando os contatos à base dos botões, até que o monitor mostrou o diagrama de um conjunto de circuitos integrados.

A “cerda” era a extremidade de um equipamento laser de leitura de circuitos integrados, primo sofisticado de outro sistema de leitura, usado nos supermercados para decodificar os preços impressos no conhecido código de barras. No caso do computador de Jack, a programação fora feita para decodificar circuitos ligados e mostrá-los no monitor, em diagrama. O monitor permanecia escuro até a “cerda” tocar todos os pontos interligados pelo circuito. Nesse momento, processadas todas as informações necessárias, o aparelho reproduzia fielmente o circuito.

Jack repetiu a operação três vezes, colocando a “cerda” em contato com três pontos diferentes, até o computador armazenar informações suficientes para reestruturar e reproduzir organizada e parcialmente as informações parciais que chegavam a sua memória. O diagrama brilhou no minúsculo monitor. Depois de três segundos de análise de probabilidades, o computador traçou círculos de luz verde à volta de dois pequenos pontos do diagrama, indicando que ali havia máxima probabilidade de corrente acionada. A seguir, apareceu no vídeo a imagem do miniteclado, superposta ao diagrama que acabava de ser desenhado. Um dos círculos cobria a tecla quatro.

- Aí está — disse Jack. — Número quatro.
- Quer que eu ajude? — Pollard perguntou.
- Não é necessário.

Jack guardou a “cerda” de leitura óptica e puxou um terceiro cabo que apresentava na extremidade livre uma espécie de teia esponjosa, de material impossível de determinar, que os fabricantes identificavam com uma pequena etiqueta onde se lia “cabo de Intervenção”. Jack colocou sua ponta em contato com a base da tecla quatro, movendo-a devagar para a frente e para trás, até que o computador deu sinal e a palavra INTERVENÇÃO brilhou no vídeo. Enquanto Jack mantinha o cabo em contato com os fios do terminal da fechadura, Chad Zepp segurava o aparelho e Pollard usava o teclado para transmitir instruções. A palavra INTERVENÇÃO apagou-se e surgiu uma nova informação: SISTEMA SOB CONTROLE. A partir desse momento, o computador podia enviar instruções diretamente ao microcircuito que guardava o código do cofre. Pollard continuou a digitar instruções ao teclado do aparelho, que as transformava em seqüências de três números com o algaris-

mo quatro na posição central, à velocidade de uma combinação a cada seis centésimos de segundo. Nove segundos depois, o computador descobria que a combinação cinco-quatro-cinco abria o cofre. Quatro estalidos de linguetas de aço deslizando... e o cofre, conforme o previsto, escancarou-se.

Jack guardou o “cabo de intervenção” e desligou o sistema. Haviam-se passado apenas quatro minutos desde o momento em que o tiro de fuzil furara o pneu dianteiro do carro blindado, rompendo a tranqüilidade da noite.

Como um relógio.

Enquanto Zepp pendurava ao ombro a alça de couro da pasta que guardava o computador, Pollard entrava no cofre. Bastava apanhar e carregar o dinheiro.

Zepp ria de pura felicidade. Assobiando, Pollard puxava os malotes de lona. Jack continuava como sempre, nos últimos tempos: de coração frio e vazio.

Alguns pequenos flocos de neve voaram com a neblina.

A mudança que Jack vinha descobrindo em si mesmo desde algumas semanas parecia ter-se completado. A sensação de vingar-se do mundo ou da sociedade já não o emocionava. Sentia-se sem raiz, solto, desgarrado e sem sentido, como o floco de neve arrastado pelo vento que via flutuar ao acaso.

Elko County, Nevada

Para ter certeza de que poderiam falar em paz, Faye acendeu o luminoso de LOTAÇÃO ESGOTADA.

Sentados à volta da mesa da cozinha do apartamento, no andar superior do motel, com as janelas bem fechadas, os Block tomavam café e ouviam, quase sem poder respirar, o que Dom lhes contava.

Apenas uma vez franziram as sobrancelhas, não acreditando no relato. Foi quando Dom lhes contou da ciranda de recortes de Lua na casa de Lomack, em Reno. Mas ele falava com tanta segurança, com tais detalhes, com a pele dos braços tão arrepiada que, de um ponto em diante, sua emoção passou a contagiá-los.

As duas fotos recebidas pelo correio pouco antes de Dom viajar também os deixaram muito impressionados. Examinaram atentamente o rosto do padre sentado junto à mesa e afirmaram que não havia dúvidas de que a foto

fora tirada num dos quartos do motel. A outra foto, da loira deitada com a agulha intravenosa espetada no braço, não mostrava detalhes do ambiente, mas Faye reconheceu a estampa da colcha, cuja ponta aparecia a um canto. Era uma das colchas usadas no motel até poucos meses antes.

Para surpresa de Dom, os Block tinham uma foto a mostrar. Ernie lembrou-se de tê-la recebido num envelope branco, aos 10 de dezembro, cinco dias antes de partirem para Milwaukee. Faye

levantou-se, foi apanhá-la na gaveta do balcão da recepção, colocou-a sobre a mesa, e os três aproximaram-se atentos. Três pessoas, certamente pai, mãe e filha, parados diante do quarto número 9, vestidos de short e camiseta, calçando sandálias.

— Sabem quem são? — Perguntou Dom.

— Não. — Faye respondeu por ela e pelo marido.

— Mas tenho a impressão de que *deveria* me lembrar... — Ernie balançou a cabeça.

— Há sol... Eles estão vestindo roupa de verão... Assim, é razoável supor que a foto foi tirada no verão retrasado... — Dom pensou em voz alta. — Naquele fim de semana, eles estavam aqui. Devem fazer parte do que aconteceu. Devem ser vítimas, como nós. 'É nosso correspondente anônimo quer que pensemos neles... que nos lembremos...

— Seja lá quem for que está mandando essas fotos, deve ter sido um dos que apagaram nossas lembranças. Nesse caso... por que nos faria lembrar, depois de tanto trabalho para nos fazer esquecer?

Dom ergueu os ombros e replicou:

— Talvez não estivesse de acordo com o que fizeram conosco. Talvez tenha sido obrigado a agir contra vontade... Talvez ande de consciência pesada. Seja como for, é evidente que tem medo de aparecer e identificar-se. Mas está tentando nos alcançar por vias indiretas.

De repente, Faye saltou da cadeira e dirigiu-se para a escada.

— Passamos cinco semanas fora de casa! — exclamou. — Há toneladas de correspondência que ainda não examinamos... Talvez haja mais fotos!

Ouvindo os passos da esposa pela escada abaixo, Ernie explicou:

— Sandy, a garçonete do restaurante, separa a correspondência e paga as contas. Nossa correspondência pessoal é deixada na caixa. Chegamos hoje e passamos o dia arrumando o motel. Esquecemos de ver a caixa!

Faye voltou com dois envelopes brancos. Excitados, abriram o primeiro e lá estava: outra foto, dessa vez mostrando um homem deitado de costas com agulha intravenosa no braço. Com cerca

de cinqüenta anos, começando a perder os cabelos, seria um tipo simpático em circunstâncias normais. Naquela situação, porém, encarava a câmara com olhos vazios, como um zumbi.

— Meu Deus! — Faye murmurou — E Calvin!

— Sim... — Ernie confirmou. — Cal Sharkle! E caminhoneiro. Vive de fretes de Chicago para San Francisco.

— Sempre que passa por aqui, vem comer no restaurante. As vezes, quando está muito cansado, toma um quarto para passar a noite. É uma excelente pessoa!

— Ele trabalha para alguma empresa? — Dom perguntou.

— Não. Cal é dono do caminhão.

— Poderiam entrar em contato com ele?

— Ora... — Ernie passou a mão pela cabeça. — Todos os hóspedes preenchem uma ficha com endereço. Acho que ele mora em Chicago.

— Depois podemos verificar as fichas. Vamos ver o conteúdo do outro envelope.

Faye abriu o segundo envelope e lá estava outra foto, com outro homem deitado numa das camas do Motel Tranqüilidade com agulha intravenosa no braço. Seu rosto também era vazio, ausente e os olhos lembravam os mortos-vivos dos filmes de terror. Esse, porém, os três reconheceram instantaneamente: era Dom.

Las Vegas, Nevada

Quando chegou sua hora de ir para a cama, Mareie ainda estava sentada à mesinha do quarto, às voltas com a coleção de luas. Jorja observava-a de longe e viu-a colorir um dos recortes. Novidade...

No espaço de uma semana, desde que iniciara a coleção, a menina encherá o álbum. Como não dispunha de muitas fontes para arranjar recortes,

desenhava luas para preencher os vazios do álbum, usando moldes de todos os tipos e tamanhos: tampinhas de garrafa, moedas, pires, vasos, copos, latas. E os mais diversos materiais: embalagem de bala, sacos de supermercado, envelopes, papel de embrulho. Não passava muito tempo ocupada com o álbum, mas Jorja começava a perceber que, dia a dia, o tempo de desenhar luas aumentava.

Na opinião do dr. Ted Coverly, o psicólogo que tratava dela, Mareie não teria conseguido superar completamente a ansiedade em relação aos médicos. A diferença agora era que a expressava pela preocupação compulsiva com o álbum.

Quando Jorja observou que Mareie não lhe dava a impressão de ter medo da Lua, o médico respondeu:

— Bem, há várias maneiras de manifestar ansiedade. A fobia é uma dessas manifestações. Há outras, como, por exemplo, as obsessões.

Por mais que ele falasse, porém, Jorja não conseguia acalmar-se. Nem entender.

— A terapia tem esse objetivo — dizia Coverly — Existe precisamente para fazer com que as pessoas *entendam*. Não se preocupe...

Mas ela continuava cada vez mais preocupada. Tinha de estar, porque Alan suicidara-se na véspera, e ela ainda não contara nada à filha. Ao sair do apartamento de “Pimentinha” Carrafeld, telefonara ao dr. Coverly para pedir-lhe conselho. O médico não acreditava que Alan também andasse tendo pesadelos com a Lua; dissera que precisava de tempo para pensar, mas achava que, enquanto isso, pelo menos até segunda-feira, seria conveniente poupar Mareie de novas emoções.

— Venha com ela — recomendara-lhe. — Vamos falar juntos com Mareie.

Jorja temia que, apesar da indiferença de Alan, a menina sofresse terrivelmente com a morte do pai. Parada junto ao quarto de Mareie, vendo-a pintar uma de suas luas, sentiu, de repente, o quanto sua filha era frágil e vulnerável. Tinha só sete anos, estava na segunda série, mal tocava com a ponta dos pés no chão quando se sentava nas cadeiras da sala. Era um milagre que continuasse viva... quando tantos homens fortes, de músculos poderosos,

morriam a todo instante. Como seria fácil, para um anjo mau, arrebatá-la daquela criança! Jorja sentia o coração doer de ansiedade e amor.

— É hora de dormir, querida... — disse afinal. — Vá vestir o pijama e escovar os dentes.

Mareie ergueu o olhar como se não a visse. Ou como se não a reconhecesse. Num instante, porém, os olhos clarearam e ela sorriu, um sorriso de derreter pedras.

— Oi, mamãe... Estou colorindo umas luas...

— Mas já é hora de dormir.

— Só mais um pouquinho... — Mareie parecia tranqüila e calma, porém segurava o lápis com tanta força que as juntas dos dedos estavam esbranquiçadas. — Quero pintar mais algumas.

Jorja pensou em saltar sobre o maldito álbum, rasgá-lo, fazê-lo em pedaços. Mas o dr. Coverly dissera que não era aconselhável discutir com a menina sobre “suas” luas, nem proibi-la de desenhar, porque isso a tornaria ainda mais tensa e ansiosa. Jorja não ficou muito convencida, porém controlou-se.

— Amanhã você continua a desenhar.

Ainda relutante, Mareie fechou o álbum, guardou os lápis e foi para o banheiro escovar os dentes.

Sozinha no quarto, Jorja estava a ponto de desmaiar de cansaço. Trabalhara como sempre, tratara do enterro de Alan, encomendara flores e acertara os detalhes do funeral, marcado para segunda-feira. Lembrara-se até de telefonar para o pai de Alan, em Miami, comunicando-lhe a morte do filho. Estava exausta. Quase sem pensar, aproximou-se da mesinha e abriu o álbum.

Vermelho. As luas estavam pintadas de vermelho, tanto as que Mareie recortara de jornais e revistas, como as de próprio punho. Eram mais de cinquenta, todas pintadas de vermelho. A ansiedade da menina evidenciava-se no cuidado que tivera para não deixar o lápis ultrapassar os contornos. De desenho a desenho, o lápis era aplicado cada vez com mais força. Algumas luas foram pintadas mais de uma vez e estavam tão vermelhas que pareciam úmidas.

O pior era a cor. Vermelho, sempre vermelho. Como se Mareie mergulhasse aos poucos num mar escuro, pressentindo sangue.

Elko County, Nevada

Faye descera para apanhar o livro de registro de hóspedes do verão retrasado. Ao voltar, colocou-o sobre a mesa, à frente de Dom, e abriu nas folhas dos dias 6 e 7 de julho, sexta-feira e sábado.

— Como pensamos — disse. — Naquela sexta-feira a rodovia foi interdita por causa do vazamento de um gás tóxico. Uma carga de produtos químicos era transportada para Shenkfield, uma instalação militar perto dali, a sudoeste. Tivemos que fechar o motel até a terça-feira seguinte, quando limparam a área.

— Shenkfield é uma base militar onde são testadas armas químicas e biológicas. Foi um acidente muito feio — Ernie acrescentou.

Faye continuou a falar, mas numa voz estranha, fria, como se repetisse um discurso decorado:

— A estrada foi bloqueada e tivemos que evacuar a área de risco. Nossos hóspedes saíram nos próprios carros. — O rosto sem expressão, ausente. Ned e Sandy Sarver foram autorizados a voltar para seu *trailer*, perto de Beowawe, porque a cidade estava fora da área sob quarentena.

— Mas... — Dom arregalou os olhos, confuso e atônito. — Não me lembro de nada disso! E eu estava *aqui*! Lembro que li muito, continuei minhas pesquisas sobre a região para uma série de contos... Mas são lembranças tão tênues que, com certeza, devem ser falsas. De qualquer modo, eu estava aqui! Bem aqui, e em nenhum outro lugar. E foi *aqui* que alguma coisa aconteceu. Apontou a foto sobre a mesa: — Essa é a prova.

Quando Faye voltou a falar, a voz soava ainda mais estranha, e Dom observou que seus olhos estavam parados, como se não vissem os rostos ao redor.

— Até liberarem a área, Ernie e eu ficamos em casa de Elroy e Nancy Jamison, um casal amigo. Uma fazenda nas montanhas, a dezesseis quilômetros daqui. Foi um grande vazamento. O Exército trabalhou mais de três dias para limpar tudo. Não nos deixaram voltar antes da terça-feira.

— O que há com você? — Dom perguntou-lhe.

— O quê? — Faye estremeceu.

— Você está esquisita, falando de um modo estranho! Como um papagaio, repetindo frases decoradas.

— Mas... como?! — Ela parecia sinceramente surpresa. — O que você acha que...

— Sua voz estava muito estranha — confirmou Ernie, franzindo a testa. Sem vida.

— Mas eu só estava contando o que aconteceu... — Faye inclinou-se sobre a mesa e mostrou com o dedo a página do livro de registro. — Aqui está. Tínhamos onze quartos ocupados quando a rodovia foi interditada. Mas ninguém pagou a hospedagem, porque todos foram obrigados a sair. Foram evacuados.

— Aí está seu nome — disse Ernie, olhando para Dom. — Você é o sétimo da lista.

Dom viu sua assinatura ao lado do endereço em Mountainview, Utah, para onde se mudara naquela época. Lembrava-se de ter se registrado no motel, mas não de pegar o carro e seguir viagem na mesma noite por causa de uma ordem de evacuação da área.

— Vocês chegaram a ver o acidente? — perguntou.

— Não — Ernie respondeu. — Aconteceu a alguns quilômetros daqui. Os especialistas de Shenkfield temiam que os produtos químicos fossem levados pelo vento e decidiram evacuar uma grande área em torno do local do acidente.

Com um calafrio, Dom percebeu que Ernie falava no mesmo tom monocórdico e inexpressivo de Faye. Virou-se para ela e viu-a estupefata.

— Foi assim que você falou — disse, apontando para Ernie. — Vocês dois foram programados para repetir *sempre* a mesma história.

— Você... acha que o vazamento não aconteceu? — ela indagou.

— Mas é *claro* que aconteceu — Ernie virou-se para Dom. — Chegamos a guardar recortes de jornal sobre o assunto. O *Elko Sentinela* falou muito sobre o vazamento, mas acho que já não temos os recortes. Até hoje as pessoas ainda comentam o acidente, com medo do que poderia ter aconteci-

do se a ordem de evacuação da área não chegasse a tempo. Não, não... nem pense que inventamos essa história!

— Se quiser, pergunte a Elroy e Nancy Jamison — Faye continuou. — Vieram nos visitar naquela noite. Quando chegou a ordem de evacuação, os dois se ofereceram para nos hospedar até podermos voltar para casa.

Dom sorriu, mas não se deu por vencido.

— O depoimento deles vale tanto quanto o de vocês... ou o meu. Se estavam aqui, então viram também o que vimos. E foram obrigados, como nós, a esquecer tudo. Vão dizer que se lembram de ter levado vocês para casa porque *isso* é o que foram programados para lembrar. Sou capaz de apostar que foram mantidos aqui no motel, como nós, sofrendo o mesmo processo de lavagem cerebral que sofremos.

— Alguém está elouquecendo... — Faye suspirou. — Talvez seja eu...

— Mas, querida! — Ernie abriu os braços. — E *claro* que o vazamento aconteceu! Lemos os jornais!

Dom pensou numa possibilidade que o fazia arrepiar-se da cabeça aos pés:

— E se todos nós, que estávamos aqui naquela noite, tivéssemos sido... contaminados? Por uma dessas armas testadas em Shenkfield... por uma dessas “coisas” químicas ou biológicas? E se o Exército e o governo montaram uma encenação para evitar pressões de opinião pública, críticas da imprensa, milhões de dólares de indenizações... e a divulgação de alguma notícia envolvendo a segurança nacional? E se resolveram interditar a rodovia e divulgar que todos foram evacuados em segurança quando, na verdade, houve gente que não foi evacuada? Poderiam ter usado o motel como uma espécie de hospital... Poderiam ter tratado de fazer com que esquecéssemos o que vimos, reprogramando nossa memória de modo que jamais voltássemos a pensar no que aconteceu...

Em silêncio, os três entreolharam-se, assustados. Não porque a explicação parecesse possível ou razoável, mas porque, pela primeira vez, ocorriam-lhes um modo de explicar os problemas psicológicos que estavam enfrentando... e as estranhas fotos de pessoas drogadas.

Um segundo de perplexidade, e Ernie e Faye começaram a pensar. O homem foi o primeiro a falar:

— Nesse caso, seria lógico que nos lembrássemos da evacuação e do vazamento. Como fizeram com Faye, comigo, com Ned e Sandy, com os Jamison. Por que não fariam o mesmo com você, por exemplo? Por que teriam corrido o risco de programar-nos para termos lembranças diferentes? Lembranças que nada têm a ver com a evacuação e com o vazamento? Não faz sentido e parece arriscado demais... O que estou tentando dizer é que o fato de termos lembranças diferentes é a prova definitiva de que ou nós dois, ou apenas você, ou *todos* passamos mesmo por uma lavagem cerebral.

— Não sei — Dom respirou fundo. — É mais um mistério para decifrar.

— Outra pergunta. Se fomos contaminados por alguma arma química ou biológica, por que teriam permitido que voltássemos à vida normal, três dias mais tarde? — Ernie continuou. — Não haveria o risco de espalharmos a epidemia entre a população?

— Não, se o agente da contaminação fosse químico e não biológico. Um desses produtos que podem ser neutralizados por um antídoto — Dom respondeu. — Dessas drogas que vão perdendo o efeito à medida que o tempo passa.

— Não faz sentido — Faye balançou a cabeça. — Shenkfield é uma base de experiências de armas de guerra. Gases que matam, gases que enlouquecem... essas coisas terríveis que o homem anda inventando. Se tivéssemos sido contaminados por uma dessas drogas, já estaríamos mortos, ou à beira da morte... ou à beira da loucura.

— Pode ser uma droga de ação lenta — Dom ponderou. — Dessas que causam câncer, leucemia. Levam anos até provocar a morte.

Outra possibilidade assustadora que ainda não lhes ocorrera.

Em silêncio, ouviram o relógio dar as horas, o vento soprar entre as frestas das janelas, pensando no tipo de desgraça que poderia estar germinando em suas veias. Por fim, Ernie falou:

— É possível que estejamos contaminados e condenados... Mas alguma coisa me diz que não é essa a explicação final. De um modo ou de outro,

Shenkfield é uma base militar... Eles testam *armas* lá! E para que serviria uma arma que leve anos para acabar com o inimigo?!

— Para nada — disse Dom.

— E como se encaixaria aí a experiência estranhíssima da casa de Lomack em Reno?

— Não tenho idéia, são... possibilidades — declarou Dom. — De qualquer modo, agora sabemos que estivemos juntos numa área evacuada pelo Exército sob pretexto de um vazamento de substância tóxica. Seja isso verdade ou não, a teoria da lavagem cerebral é menos absurda. Antes de saber do vazamento, eu não consegui entender como alguém poderia ter nos detido, contra nossa vontade, durante o tempo necessário para fazer a lavagem cerebral. Mas o período de quarentena explica tudo... e serviu, inclusive, para manter a imprensa e os curiosos a distância. Assim, já começamos a descobrir contra quem estamos lutando: o Exército dos Estados Unidos, provavelmente em conluio com o governo, mas talvez sozinho. São eles que estão tentando esconder o que aconteceu aqui, alguma experiência que fizeram e não deveriam ter feito. Não sei, amigos... a idéia de enfrentar inimigos tão poderosos e cruéis me faz gelar até os ossos.

— Nós, da Marinha, sempre desconfiamos do Exército — disse Ernie —, mas eles não são assim tão maus. Não podemos começar a delirar, imaginando que fomos vítimas de um complô de direita. Esse tipo de paranóia rende milhões em Hollywood, porém na vida real as coisas são mais sutis. Se o Exército e o governo estão mesmo por trás do que nos aconteceu, talvez seus motivos não sejam imorais. Talvez tenham até agido do modo mais acertado, consideradas as circunstâncias.

— Não estou interessada nos motivos deles — Faye replicou.

— Mas temos de saber o que houve, porque se não essa nictofobia vai deixar você louco, e o sonambulismo de Dom agravará cada vez mais... O que faremos então?

“Sempre poderemos dar um tiro na boca, como Lomack”, era uma das respostas possíveis.

Dom debruçou-se sobre o livro de registro de hóspedes e, quatro linhas acima de seu nome, viu uma assinatura que o fez estremecer: *Ginger Weiss*.

— Ginger... — murmurou. — O quarto nome escrito nas fotos da casa de Lomack...

Além desse, aparecia também o nome de Cal Sharkle, o caminhoneiro amigo dos Block, o homem de olhos de zumbi que figurava numa das fotos enviadas pelo correio. Registrara-se como hóspede imediatamente antes de Ginger. Os primeiros registros do dia correspondiam à família Rykoff, marido, mulher e filha, de Las Vegas. Dom podia jurar que eram os três da foto tirada em frente ao quarto número 9. O nome de Zebediah Lomack não constava no livro, quem sabe não se hospedara no motel, apenas estava jantando no restaurante em meio à viagem de Elko a Reno, ou vice-versa. Um dos outros nomes podia ser o do padre da outra foto, que, nesse caso, não declarara sua condição de eclesiástico.

— Vamos entrar em contato com essas pessoas — Dom declarou, muito agitado. — Amanhã cedo começaremos a telefonar para ver se alguém se lembra de alguma coisa sobre aquela semana de julho.

Chicago, Illinois

Firme em sua decisão, Brendan acabou conseguindo permissão do padre para viajar sozinho. No domingo, às dez e dez da noite, já estava deitado no quarto escuro, observando o pálido reflexo da Lua no gelo que se formava do lado de fora das vidraças. Devia ser um reflexo, porque a Lua nascia do outro lado da casa, visível do escritório do padre Wyczalik, e não podia brilhar ali, a menos que mudasse de trajetória, o que era impossível. Esperando o sono chegar, Brendan concentrou-se nas estranhas figuras que se cruzavam e refletiam na superfície gelada.

— A Lua! — ouviu-se murmurar, surpreso. — A Lua!

Aos poucos, percebeu que uma forma nítida se delineava à frente da janela. No começo, apenas o brilho o atraía. Depois a fascinação tornou-se mais intensa, como se antecipasse um grande acontecimento, e chamava-o como canto de sereias. Sem entender por quê, Brendan afastou as cobertas e estendeu o braço na direção da janela, distante demais para poder alcançá-la. O contorno dos dedos apareceu, muito visível, contra o brilho prateado da vidraça. Ele queria chegar à luz. Não à luz esbranquiçada que via na janela, mas à dourada que iluminava seus sonhos.

— A Lua — repetiu. Sentiu o coração bater acelerado e pôs-se a tremer.

De repente, o gelo começou a derreter, a partir dos caixilhos de madeira em direção ao centro, como se uma calda açucarada escorresse pelo vidro, até formar um círculo perfeito.

A Lua.

Era um sinal. Mas de onde vinha? O que significava? Brendan sabia que na noite de Natal, quando dormira em casa dos pais em Bridgeport, sonhara com a Lua, pois acordara a família inteira com seus gritos assustados. Mas não conseguia recordar qualquer detalhe do sonho. Desde aquela noite, porém, tanto quanto podia lembrar, não voltara a sonhar com a Lua. Aparecia sempre um mesmo lugar misterioso, inundado de luz dourada, para o qual se sentia chamado, como se lá o esperasse uma fantástica descoberta.

No quarto, ainda com a mão estendida para a janela, viu o círculo esbranquiçado tornando-se cada vez mais brilhante... iridescente... até transformar-se em pura prata, cintilando contra o vidro.

O coração aos pulos, certo de que se aproximava o momento da revelação, Brendan manteve a mão apontada para a janela e saltou de susto ao ver que o círculo de prata emitia um feixe de luz em direção à cama. Um fecho como o de uma lanterna, muito claro. Os olhos arregalados, tentando entender como um pedaço de gelo colado à vidraça podia emitir luz, percebeu que a luz se avermelhava.

As cobertas pesavam-lhe como chumbo, e a mão, ainda estendida, parecia molhada de sangue. Agora ele sabia que estivera frente a uma Lua escarlate, banhado em sua luz vermelha como sangue.

Queria entender o que via, descobrir a possível relação entre aquele estranho brilho escarlate e a deslumbrante luz dourada dos sonhos, mas sentia-se arrastado para o desconhecido que o esperava além do feixe de luz... e tremia de medo. Cada vez mais intensa, a luz acabou por transformar o quarto num inferno de fogo, calor e sombras rubras. O medo crescente fazia-o suar frio.

Rápido, escondeu a mão sob as cobertas. A luz vermelha imediatamente voltou ao tom prateado e logo, em segundos, ao brilho comum de uma fina

camada de gelo colada ao vidro e iluminada por uma prosaica lua de janeiro.

De volta à escuridão, Brendan sentou-se na cama e acendeu a lâmpada de cabeceira. Empapado de suor, tremendo como uma criança assustada, correu para a janela. O círculo de gelo lá estava: uma Lua cheia, colada à vidraça.

Poderia ter sido um sonho, uma alucinação... Mas não: a Lua congelada estava ali, palpável, real, escarlate.

Assustado, ele tocou o vidro com a ponta dos dedos. Nada de anormal, além da vibração fria do vento noturno. Surpreso, viu que os anéis reapareceram nas palmas de suas mãos... e sumiam naquele instante, enquanto os examinava.

Voltou para perto da cama e ficou parado por muito tempo, encostado à cabeceira, os olhos abertos, sem coragem de se deitar para dormir.

Elko County, Nevada

Ernie parou ao lado da banheira, tentando lembrar-se do que acontecera na madrugada do sábado, 14 de dezembro, quando cedera ao impulso de abrir a janela e sofrera aquela alucinação aterradora. Dom Corvaisis estava junto à pia, e Faye espiava, parada à porta.

A lâmpada do teto brilhava no piso de lajotas, nas torneiras cromadas e no cano do chuveiro, cobrindo de reflexos coloridos a cortina plástica da banheira. Aos poucos, Ernie lembrou-se.

— Uma luz... vim até aqui por causa da luz. Estava no auge de uma crise de nictofobia e ainda tentava evitar que Faye percebesse. Não conseguia dormir. Então, saí da cama e vim para cá. Fechei a porta e... foi como se renascesse, no momento em que acendi a luz.

Contou que a janela parecia atraí-lo e que, de repente, ele sentira uma necessidade desesperada de fugir.

— E difícil de explicar... sem mais nem menos, minha cabeça começou a girar, as idéias mais absurdas dando voltas e voltas... Entrei em pânico e pensei que era minha única chance de fugir. Eu precisava escapar por aquela janela, chegar às colinas, procurar socorro em alguma casa, pedir ajuda...

— Ajuda? — Dom perguntou. — Por que precisava de ajuda? E por que precisava fugir de sua própria casa?

Ernie balançou a cabeça:

— Não faço a menor idéia. — Lembrou como se sentira estranho, com uma sensação de urgência e, ao mesmo tempo, de deslumbramento. — Cheguei a abrir a janela... E teria saltado, se não tivesse aparecido aquele homem... Bem ali, sobre o telhado.

— Quem era? — Dom o interrompeu.

— Parece loucura. Era um motociclista de capacete branco, com o visor baixado sobre o rosto. Usava luvas pretas. Chegou a enfiar a mão pela janela, como se quisesse me pegar. Tentei escapar, acabei escorregando e caí.

— Foi quando eu entrei — Faye acrescentou.

— Levantei-me — continuou Ernie —, voltei à janela e olhei para fora, na direção do telhado. Não havia ninguém. Deve ter sido uma alucinação.

— Em casos agudos de fobia, quando o doente vive em estado de permanente ansiedade, é comum haver alucinações desse tipo — informou Faye.

Dom mantinha os olhos fixos na janela, como se esperasse que a verdade lhe fosse revelada por alguma aparição no vidro fosco.

— Não acho que tenha sido uma alucinação — declarou. — Acho que você passou, digamos, por uma *crise* de lembranças. Alguma coisa daquilo que foi apagado de sua memória, parte do que você viu no verão retrasado, tentava voltar à tona. Por um momento, no dia catorze de dezembro, você quase se lembrou do que *realmente* acontecera, dos dias em que fora *mesmo* aprisionado em sua própria casa, da ocasião em que tentara escapar pela janela do banheiro.

— E haveria um homem no telhado? O que estaria fazendo lá vestido de motociclista? E muito estranho...

— Podia ser um guarda num desses trajes de laboratório usados pelo pessoal que trabalha em ambiente contaminado, e com capacete à prova de ar.

— Ambiente contaminado... — Ernie repetiu — Isso comprovaria a idéia do vazamento de gás.

— Talvez. Ainda não podemos ter certeza de nada.

— E quanto a mim? — Faye perguntou de repente. — Se nós todos passamos pela mesma experiência, como você está dizendo, por que você, Ernie e Lomack foram afetados... e eu não? Não tenho pesadelos, nem problemas psicológicos...

Dom balançou a cabeça.

— Não sei... Mas não tenho dúvidas de que precisamos encontrar resposta para essa e muitas outras perguntas, se quisermos algum dia voltar a viver como gente normal.

De Connecticut a Nova York

Depois de tirar o dinheiro do carro blindado, Jack e os companheiros viajaram apenas dez quilômetros ao encontro dos caminhões que bloqueavam a estrada. Todos reunidos, dirigiram-se a uma garagem alugada com documentos falsos, onde haviam deixado seus carros. A garagem localizava-se num bairro cujas leis de zoneamento permitiam a instalação de pequenas lojas ao lado das residências. Era uma área feia, de casas velhas, lâmpadas queimadas nos postes, vitrines vazias e cães magros pelas sarjetas.

Esvaziaram os malotes no chão sujo de óleo e graxa, e contaram o dinheiro, dividindo-o em cinco pilhas, cada uma com cerca de trezentos e cinqüenta mil dólares em notas velhas e usadas, que jamais poderiam ser identificadas. Jack não sentia emoção nem alegria, só vazio.

Em cinco minutos, cada um dos homens tomava seu rumo, dispersando-se. A neve começou a cair, ainda leve, sem atrapalhar a visibilidade. Voltando para Manhattan, a cada minuto Jack percebia que algo muito estranho ocorria. Já não se sentia vazio. Não se surpreenderia se o invadissem uma repentina onda de tristeza ou desespero, pois fazia apenas dezessete dias que Jenny havia morrido. Mas não era tristeza ou desespero «a emoção que crescia em seu íntimo. Era *culpai* Os trezentos e cinqüenta mil dólares que levava no porta-malas pesavam-lhe na consciência como uma tonelada de culpas. Em oito anos de atividades criminosas, planejadas e executadas sem falha muitas delas mais ousadas e rendosas que o assalto ao carro blindado, nunca

sentira o menor vestígio de culpa. Até aquele momento, alimentara-se do prazer da vingança. Mas isso fora no passado.

Na noite de Manhattan, varrida de vento frio, começava a se sentir um ladrãozinho barato. A culpa grudava-se nele qual uma mortalha. Por várias vezes tentou concentrar-se e reencontrar o sentimento de exaltação que o invadia ao concluir um trabalho. Inútil. A mortalha de culpa era já uma segunda pele, desenvolvida durante meses... Desde o assalto à joalheria, em outubro, ele começara a sentir-se cada vez mais desiludido. As mudanças talvez tivessem começado naquela época. No entanto, quanto mais pensava, mais se convencia de que os problemas se originaram muito antes...

Qual fora o último trabalho a dar-lhe real alegria? O assalto a McAllister, em Marin County, ao norte de San Francisco! No verão retrasado.

Raramente aceitava trabalhar em cidades distantes, pois não queria afastar-se de Jenny. Mas Branch Pollard, um de seus cúmplices no recente assalto ao carro blindado, passava férias na Califórnia e lá, à beira do Pacífico, descobrira que Avril McAllister era um

perfeito cordeiro para ser tosquiado: um industrial com duzentos milhões de dólares à espera do ladrão certo. Morava numa vasta propriedade em Marin County, protegido por muros de pedra e um complexo sistema de segurança eletrônico — sem falar nos cachorros. A partir de contatos os mais variados, Branch descobrira que McAllister colecionava selos e moedas raras, objetos fáceis de negociar. Não bastasse isso, costumava visitar Las Vegas três vezes por semana; quase sempre, lá deixava um quarto de milhão de dólares, mas eventualmente voltava para casa carregado de dinheiro. Quando ganhava, guardava o dinheiro em casa para fugir ao imposto de renda, Branch precisava da experiência e da habilidade de Jack, e este andava querendo mudar de cenário. Bastava encontrar um terceiro homem.

O plano funcionara como relógio. Entraram na mansão sem a menor dificuldade. Equipados com aparelhos de escuta eletrônica capazes de amplificar o estalido de cada número de combinação do cofre, transformaram a operação em brincadeira de criança. Por via das dúvidas, contudo, levaram um conjunto de ferramentas de arrombamento e cargas de explosivo plástico. O problema foi que McAllister não tinha cofre, mas caixa-forte. E parecia

confiar tanto nela que nem se dera ao trabalho de escondê-la ou disfarçá-la. Mal entraram, viram a porta de aço maciço, ocupando toda a parede da sala de jogos. O aparelho de escuta eletrônico ensurdeceu com sua espessura. O explosivo plástico, que faria voar qualquer cofre, mal conseguiu descascar a pintura daquele monstro. O conjunto de ferramentas virou piada...

Acabaram saindo da mansão sem moedas nem selos, carregando apenas algumas peças da baixela de prata, uma coleção de livros, as poucas jóias que a sra. McAllister deixara fora da caixa-forte e umas bugigangas, que venderam para três receptadores por apenas sessenta mil dólares. Não que fosse pouco, mas ficava longe do que esperavam conseguir e mal dera para cobrir os custos operacionais e compensar os riscos.

Apesar de tudo, Jack divertira-se muito. Depois que saíram da mansão, ele e Branch deram boas risadas do retumbante fracasso.

Passaram ainda dois dias descansando na Califórnia até que, num repente, Jack resolvera ir a Reno, com seus vinte mil dólares, tentar a sorte no pano verde. Um dia depois de registrar-se no hotel, os vinte mil dólares renderam-lhe magníficos cento e sete mil. Outra vez, rira muito. Disposto a encomprar as férias, decidira voltar de carro para Nova York.

Mais de dezoito meses depois, retornando de Connecticut, descobrira que o fracassado assalto à mansão McAllister fora o último trabalho a lhe dar alegria. Depois daquele dia, cada vez mais se afastava da amoralidade vazia dos primeiros tempos. Percorrera um longo caminho até que, por fim, voltava a ser um homem capaz de sentir culpa. E a culpa realizava o milagre de torná-lo humano.

Mas... *por quê?* Por que teria mudado tanto? Por que, de repente, aquela culpa estranha e surpreendente?! Não tinha respostas. Sabia apenas que já não se via como um bandido melancólico e romântico, encarregado de vingar-se do mundo que tanto o maltratara e que destruíra sua amada.

Não passava de um ladrão vulgar. Durante oito anos iludira-se a si mesmo! De repente, via-se frente a frente com seu verdadeiro rosto, um rosto que o assustava. Descobrira-se vivendo uma vida sem sentido.

Continuou dirigindo pelas ruas de Manhattan, sem rumo certo, sem vontade de voltar para o apartamento. Chegou à Quinta Avenida, próximo à Ca-

tedral de St. Patrick e, sem entender o motivo, pisou no freio e estacionou o carro em local proibido. Desceu, abriu o porta-malas e apanhou meia dúzia de maços de notas de vinte dólares.

Era loucura deixar o carro ali com mais de um terço de milhão de dólares roubados, além da pasta com o computador e as armas. Um guarda poderia aparecer para multá-lo, desconfiar de qualquer coisa e revistar o veículo; nesse caso, Jack estaria condenado a acabar seus dias numa prisão federal. Mas isso já não importava. Sentia-se como um morto-vivo. Como Jenny... que ainda respirava quando já havia morrido.

Jack empurrou uma das imensas portas de bronze da catedral, entrou e aproximou-se da nave onde meia dúzia de pessoas rezavam ajoelhadas e um homem acendia uma vela votiva, indiferentes ao adiantado da hora.

Parou um momento, admirando o rico púlpito de madeira junto ao altar principal. Localizou a caixa de esmolas e caminhou para ela. Então, tirou o dinheiro de dentro do casaco, rasgou as tiras de papel que prendiam os maços e enfiou as notas de vinte dólares na caixa de esmolas como se jogasse lixo na lixeira.

De volta à calçada, parou de repente, ofuscado pela beleza da cidade que se recortava contra o céu escuro. Havia algo de novo na Quinta Avenida. Com os flocos de neve brilhando à luz dos postes ou dos faróis dos carros, Nova York pareceu-lhe deslumbrante. Era assim que a via antes de embarcar para a América Central: bela, cheia de encantos, rica de atrativos e oportunidades. Depois que voltara daquele inferno, passara a odiar a cidade, porque odiava os homens que nela viviam.

Retornou ao carro e tomou o rumo oeste, seguindo pela Avenida das Américas, passou pelo Central Park, entrou à direita, outra vez à direita, e voltou à Quinta Avenida na pista sul, sem saber ao certo seu destino. Então aproximou-se da Igreja Presbiteriana. Como antes, estacionou em local proibido, tirou algum dinheiro do porta-malas e entrou no templo. Não viu caixa de esmolas, como na catedral, mas encontrou um jovem assistente do pastor e, sem se impressionar com seus olhos arregalados de espanto, entregou-lhe maços e maços de notas de dez e vinte dólares. Como o jovem continuasse à

espera de alguma explicação, Jack resolveu dizer que o dinheiro lhe queimava as mãos porque o ganhara nos cassinos de Atlantic City.

Com essas duas paradas gastara trinta mil dólares — menos de um décimo de seu quinhão no assalto, muito pouco para expiar sua culpa. Na verdade, sentia-se cada vez mais culpado. Os malotes de dinheiro no porta-malas gemiam-lhe aos ouvidos como o coração oculto sob o assoalho, no conto de Edgar Alan Poe, tes-

temunha eterna de um crime sem expiação. Estava tão ansioso para livrar-se daquele dinheiro como o narrador do conto para silenciar o coração de sua vítima esquartejada.

Ainda sobravam-lhe trezentos e trinta mil dólares. Para alguns habitantes de Nova York, o Natal chegaria com mais de duas semanas de atraso.

Elko County, Nevada

No verão retrasado, Dom hospedara-se no quarto 20; lembrava bem, porque era o último da ala leste. Agora, esperava que o ambiente conhecido lhe estimulasse a memória, fazendo-o recordar-se de alguma coisa: sua esperança contagiou Ernie Block, que, dominando o medo do escuro, decidiu acompanhá-lo até o quarto; no entanto, realizou o percurso de olhos fechados, firmemente apoiado no braço da esposa.

Faye acendeu as luzes e fechou as cortinas antes que os dois homens entrassem no aposento. Ernie só abriu os olhos quando ouviu o ruído da porta sendo fechada. Dom estava apreensivo. Rodeou a cama de casal, os olhos fixos na cabeceira, esforçando-se para recordar. Quando estivera deitado ali, drogado e indefeso?

— A colcha não é a mesma — disse Faye.

A foto recebida pelo correio mostrava uma ponta de colcha em tecido estampado de flores, mas sobre a cama via-se uma colcha listrada de azul e marrom.

— Os móveis não foram trocados; a cama é a mesma — Ernie completou.

A cabeceira da cama era estofada em tecido marrom, ligeiramente desbotado e gasto nos cantos. Sobre as mesinhas laterais brilhavam duas luminárias, cuja base lembrava lanternas de sinalização: uma pequena grade de

ferro batido, encobrendo duas lâminas de vidro fosco cor de âmbar. Cada luminária continha lâmpadas; uma maior, protegida pela cúpula de tecido também cor de âmbar, que fornecia quase toda a luz, e outra bem mais fraca na forma de uma chama de vela, que fazia a base de vidro fosco brilhar como um lampião.

Aos poucos, os detalhes do quarto tornavam-se familiares. Dom sentia-se como que entrando numa caverna povoada de fantasmas ameaçadores, invisíveis, escondidos entre as sombras do passado. Não são fantasmas, pensou, mas lembranças ocultas dentro de mim..

— Lembra-se de alguma coisa? — perguntou Ernie.

— Quero ir até o banheiro — Dom limitou-se a responder. Simples e funcional, o pequeno banheiro tinha um chuveiro, piso de lajotas, um armário revestido de fórmica e uma pia. Não era, porém, a pia que figurava nos pesadelos de Dom; ao invés de ralo, tinha um moderno dreno que escondia o orifício negro do cano.

— Não é essa pia — murmurou ele. — A outra é antiga, com um furo no centro e uma tampa de borracha presa numa correntinha que sai do lado da torneira de água fria.

— Reformamos os banheiros — Ernie informou.

— Trocamos a pia velha há uns oito ou nove meses — acrescentou Faye.

— Também trocamos o revestimento dos armários, mas mantivemos a mesma cor.

Dom balançou a cabeça, decepcionado. Tinha certeza de que tudo voltaria tão logo reconhecesse a pia. Sabia que alguma coisa terrível lhe acontecera naquele banheiro e, a partir da lembrança da pia, esperava que outras aflorassem. Apoiou-se nela mas nada sentiu além do contato frio da porcelana nas mãos.

— E então?

— Não me lembro de nada — disse Dom. — Mas sinto que há alguma coisa aqui. Se tivermos paciência, é possível que esse quarto me desperte a memória. Vou dormir e dar tempo ao tempo. Pode ser?

— Claro — Faye sorriu. — O quarto é todo seu.

— Tenho o pressentimento de que esta vai ser a pior noite de minha vida.

Laguna Beach, Califórnia

Apesar de ser um dos mais respeitados artistas americanos vivos, com suas telas disputadas a peso de ouro pelos mais importantes museus e colecionadores, apesar de ter elaborado retratos de personalidades tão importantes como o presidente dos Estados Unidos, Parker Faine não era nem tão velho nem tão sério que não se entusiasmasse com a intriga armada ao redor de seu melhor amigo. Além da percepção e da disciplina dos adultos, todo grande artista precisa de um pouco da inocência, do deslumbramento e do senso de humor das crianças. Para Faine, acompanhar Dom, ainda que a distância, era como participar de uma grande brincadeira que, de repente, podia virar uma aventura de verdade.

Toda manhã, ao apanhar a correspondência, tentava convencer-se de que não o preocupava a possibilidade de ser seguido. Ainda assim, olhava de um lado para outro, à procura de policiais ou bandidos, fosse quem fosse que pudesse estar observando seus passos. À noite, ao sair de casa para esperar a chamada de Dom, dava voltas e voltas, sem tirar os olhos do espelho retrovisor, sempre à procura de alguém. Nunca viu nada.

Pouco antes das nove da noite de sábado, depois de usar de mil artifícios para despistar algum eventual perseguidor invisível, Parker chegou a uma das cabines públicas próximas à estação ferroviária. Chovia muito, e a água escorrendo pelas paredes transparentes da cabine distorcia as imagens do mundo exterior, escondia seu rosto dos olhos que, por acaso, o observassem. Parker sentia-se personagem de um romance de espionagem, com o impermeável de gola levantada e o chapéu de abas caídas pingando água, enfiado numa cabine de telefone público. E estava adorando a brincadeira.

As nove em ponto, o telefone tocou. Era Dom.

— Conforme o previsto, já estou no Motel Tranqüilidade. Não há dúvida de que tudo aconteceu aqui.

Dom contou-lhe tudo: desde a nictofobia de Ernie até as fotos enviadas aos Block, falando a língua mais cifrada e incompreensível a ouvidos estranhos que conseguiu.

Ser discreto tornara-se vital. Se o motel fora cenário do que ele não se lembrava de ter visto no verão retrasado, os telefonemas certamente eram vigiados. Se algum indiscreto ouvisse falar das fotos, por exemplo, descobriria que havia um traidor em seu próprio time. Passaria a investigar, acabaria descobrindo e, então... adeus bilhetes, pistas ou fotos.

— Também temos novidades por aqui — disse Parker. — Sua editora, uma tal de senhorita Wycombe, deixou recado na secretária-eletrônica. O *Crepúsculo* está em segunda edição e já vendeu mais de cem mil exemplares.

— O *Crepúsculo*! — Dom gritou. — Tinha me esquecido! Desde a loucura dos pôsters na casa de Lomack, não penso em nada afora o verão retrasado.

— Essa tal de Wycombe diz que tem outras novidades e espera que você lhe telefone o mais rápido possível.

— Vou telefonar. Você tem visto algumas fotos interessantes? — Era o código combinado, para saber se haviam chegado mais envelopes com fotos.

— Não. Nem fotos, nem bilhetes. — Parker sorriu para o reflexo brilhante dos faróis que passavam na parede molhada. — Mas recebemos uma carta, com endereço e nome do remetente, claro... Você, que já identificou três personagens da história de Lomack, estaria interessado em identificar a quarta?

— Ginger? Esqueci de contar que o nome dela está no registro do motel. Ginger Weiss, de Boston. Vou ligar para ela amanhã cedo.

— Ora! Mas você estragou o show! De qualquer modo, será que também já sabe que ela lhe mandou uma carta? Foi enviada à editora de seu livro, com carimbo do dia vinte e seis de dezembro. A carta andou por lá, rolando de mão em mão, e afinal chegou à caixa postal. Ela diz que leu o livro, viu sua fotografia na contracapa e ficou encantada por seus belos olhos castanhos. Diz também que tem a impressão de conhecer você de algum lugar... de que você faz parte das desgraças que a atormentam há alguns meses.

— A carta está aí com você? — Dom perguntou ansioso.

Parker riu e leu a carta, sem deixar de olhar em volta, examinando a rua.

— Preciso falar com ela — Dom gritou, no instante em que o amigo terminou a leitura. — Vou ligar para Boston agora mesmo! Até amanhã, no mesmo local, mesmo horário.

— Já que você me liga do motel, onde os telefones podem estar vigiados, não entendo por que *eu* tenho que tomar chuva todas as noites para procurar cabines telefônicas pelas esquinas.

— Certo. Telefone para sua casa. Tome cuidado.

— Você também. — Parker desligou, satisfeito por não ter mais que sair de casa à noite, mas, ao mesmo tempo, sentindo que a brincadeira de espionagem começava a perder a graça.

Saiu da cabine, baixou a cabeça para enfrentar a chuva e o vento, e suspirou desapontado, ao ver que ninguém o esperava na escuridão com uma arma apontada para sua barriga.

Boston, Massachusetts

Enterrado de manhã, Pablo Jackson ainda acompanhou Ginger durante a tarde e a noite, como um fantasma sorridente, elegante e bondoso, que insistia em não deixá-la sozinha.

Sentada em seu quarto no Mirante, ela tentou ler, mas não conseguiu concentrar-se. Ora eram as lembranças do mágico que insistiam em dançar-lhe diante dos olhos, ora era a preocupação com o que fazer no dia seguinte.

Pouco depois da meia-noite, quando já se preparava para deitar-se, Rita Hannaby apareceu à porta do quarto; disse-lhe que Domi-nick Corvaisis estava ao telefone e que ela poderia atender ao chamado no escritório, ao lado do quarto de George. Ginger saltou para o robe atirado à poltrona, vestiu-o e disparou pelo corredor.

O escritório, ainda aquecido e mergulhado em penumbra, pareceu-lhe mais aconchegante do que nunca, com as paredes revestidas de madeira escura, o tapete chinês estampado em verde e bege, e o magnífico lustre de cristal. George esperava-a, com olhos de quem acabava de ser arrancado da cama, onde já estava desde as nove e meia, tentando dormir logo para chegar cedo ao hospital.

— Oh... Desculpe!

— Não se preocupe — ele sorriu. — Não era isso que você estava esperando?

— Ainda não sei...

— Venha — Rita chamou o marido. — Vamos deixá-la em paz para falar com ele.

— Não, por favor! — Ginger deteve-a com um gesto. — Quero que vocês fiquem. — Correu para o telefone e sentou-se. — Alô?

— Ginger Weiss? — Uma voz forte, mas agradável. — A melhor idéia que você podia ter era escrever para mim. Claro que você não está louca... E, se estiver, não é a única. Há várias pessoas com problemas semelhantes aos seus.

Ginger quis responder, mas a voz não saiu, presa à garganta. Tossiu, piscou, respirou fundo antes de conseguir falar:

— Desculpe, é que... Desculpe, não sou de chorar, mas...

— Chore à vontade. Enquanto isso vou-lhe contar sobre *meus* problemas. Virei sonâmbulo de repente. E sobre meus pesadelos... sonho com a Lua e acordo aos berros.

— A Lua... — ela repetiu baixinho, um calafrio gelando-lhe o corpo. — Também tenho tido pesadelos, mas não me lembro de nada. Os amigos com quem estou morando é que me disseram que falo sobre a Lua. E, também, que grito...

Dom contou-lhe sobre Lomack, o suicida de Reno, obcecado com a Lua. Ginger sentiu que um punho negro e forte se fechava sobre seu coração. Um medo novo, cada vez maior.

— Fomos submetidos a... lavagem cerebral — gritou de repente. — Nossos problemas são a consequência desse processo! Vimos alguma coisa que... não deveríamos ter visto! E agora essas lembranças querem vir à tona!

Por um instante, fez-se silêncio do outro lado da linha. Até que, quase sem poder falar, Dom respondeu:

— Também tive essa idéia... mas você parece ter certeza de que...

— Eu tenho certeza! Passei por muitas sessões de hipnose. Fiz regressão hipnótica e assim revivi alguns momentos bem próximos desse episódio que esquecemos... Isso aconteceu depois da

carta que lhe escrevi! Tenho provas de que fomos submetidos a um bloqueio cerebral... Nossas lembranças foram lavadas...

— Lembranças de algo que vimos no verão retrasado — Dom pensou em voz alta.

— Isso! No verão retrasado, no Motel Tranqüilidade, em Nevada.

— E de onde estou ligando.

— Você está... no Motel Tranqüilidade?

— Sim. E acho que você também deve vir para cá. Temos muito o que conversar, mas não podemos confiar nos telefones. Alguém pode estar nos vigiando.

— Mas... quem? O que eles querem? O que fizeram conosco... e *por quê?*

— Nossa única chance é tentar lembrar. E precisamos estar juntos.

Ginger levantou-se de um salto e decidiu:

— Estarei aí... amanhã mesmo! O mais cedo possível!

Rita fez menção de protestar e George franziu as sobrancelhas, balançando a cabeça. Ainda ao telefone, Ginger despediu-se de Dom:

— Telefone logo que souber a que horas poderei chegar. Até amanhã.

Ainda não acabara de desligar o telefone, e George começava a levantar objeções:

— Você não está em condições de viajar!

— E se sofrer uma crise no avião? — Rita deu um passo em direção à escrivaninha. — E se quiser fugir... do avião?!

— Não haverá problema nenhum.

— Querida... Você sofreu *três* crises seguidas na segunda-feira... Já esqueceu?

Ela respirou fundo, sentou-se numa poltrona e retrucou:

— Vocês sempre foram, são e serão duas pessoas maravilhosas. Acho que nunca poderei retribuir o que fizeram por mim. Eu os amo muito... Mas já estou aqui há cinco semanas... cinco semanas angustiantes... reduzida à condição miserável de não sa-

ber o que fazer da vida. Não posso continuar assim! Preciso ir a Nevada. Não tenho outra saída.

Nova York, Nova York

Dois quarteirões adiante da Igreja Presbiteriana, Jack estacionou o carro pela terceira vez, agora diante da Igreja Episcopal de Santo Tomás. Parado a meio caminho do altar, ergueu o olhar para as imagens de pedra que pareciam chamá-lo de longe, envoltas em penumbra! Santos, apóstolos, a Virgem Maria, Jesus Cristo... Como numa revelação, descobriu que as religiões existem para permitir aos homens a expiação de suas culpas e para perdoá-los por serem menos do que gostariam de ser. Infeliz espécie humana condenada a nunca atingir a perfeição com a qual, ainda assim, não deixa de sonhar. Para suportar a própria impotência é preciso acreditar firmemente que Deus ama essa pobre humanidade, apesar das imperfeições e das misérias.

Mas nem essa revelação conseguiu que Jack se sentisse absolvido de seus pecados. Nem a revelação, nem os vinte mil dólares que deixou na caixa de esmolas.

De volta ao carro, seguiu adiante, decidido a desfazer-se de todo o produto do roubo, não porque esperasse libertação de seu tormento, grande demais para ser purgado numa só noite, mas simplesmente porque já não queria o dinheiro, e não fazia sentido jogá-lo à lixeira. Era preciso distribuí-lo de algum modo... em centenas e centenas de esmolas.

Parou ainda em várias outras igrejas, algumas abertas, outras fechadas. Naquelas em que não conseguia entrar, deixava um malote recheado junto à porta. Na missão do Exército da Salvação, entregou quarenta mil dólares ao “oficial” de plantão.

Na Rua Bayard, já chegando ao Bairro Chinês, viu uma vidraça pintada com caracteres orientais, no segundo andar de um prédio; na janela ao lado, iluminada, leu a tradução: *Aliança Contra a Opressão das Minorias Chinesas*. No andar térreo, havia uma farmácia artesanal, especializada em remédios naturais. Jack estacionou, aproximou-se da farmácia fechada e tocou várias vezes

a campainha, até que um velho espiou pelo postigo gradeado. Em resposta às perguntas de Jack, informou-lhe que a Aliança dedicava-se ao resgate de famílias de perseguidos políticos na China e no Vietnã, encarregando-se também de conseguir trabalho e acomodações para os refugiados. Sem

dizer palavra, Jack enfiou três maços de dinheiro pelas grades: vinte mil dólares. Aturdido, o chinês esqueceu o pouco inglês que conhecia e, por instantes, perdeu-se em agradecimentos incompreensíveis. Depois, recompondo-se, abriu a porta e saiu, indiferente ao vento gelado.

— Amigo — disse —, não avalia o quanto esse dinheiro vai ajudar. São centenas de crianças, de velhos...

— *Amigo...* — Jack repetiu, como se não conhecesse a palavra. Uma simples palavra, e um aperto de mão firme o bastante para operar o milagre de devolvê-lo à comunidade humana.

No carro, pisou fundo no acelerador, mas logo foi obrigado a parar, pois as lágrimas turbavam-lhe a visão, escorriam-lhe pelo rosto, quase o assustavam. As primeiras lágrimas, em tantos anos...

Chorava de culpa, sim, mas também por estar confuso e amedrontado. Chorava de alegria por retornar à companhia humana, depois de quase uma década de exílio. Só agora, desde que voltara da América Central, via-se afinal como gente de carne e osso, capaz de olhar e perceber o próximo; capaz até de abrir-se e oferecer ajuda. E tinha muito para oferecer...

De que lhe haviam servido os anos de degredo e amargura? O ódio fere mais quem odeia do quem é odiado. E é da alienação que nasce a solidão.

Em oito anos, lembrava-se de ter chorado algumas vezes por Jenny e raramente por si próprio. Mas *aquelas* eram as primeiras e verdadeiras lágrimas de expiação capazes de lavá-lo das manchas do passado, dos ressentimentos, de todas as dores.

Ainda não entendia bem o que se passava, não percebia direito a mudança tão repentina e radical. Sentia apenas que começava a ser outro homem e esperava muitas surpresas nesse processo. Gostaria de adivinhar até onde o levaria aquela estrada e, sobretudo, se havia *mesmo* uma estrada conduzindo-o...

Uma noite fria no Bairro Chinês. E Jack Twist voltava a ter esperanças, que sopravam sobre sua vida como um vento quente de verão, fazendo dançar as pás de grandes moinhos.

Elko County, Nevada

Ned e Sandy Sarver conseguiam cuidar sozinhos do restaurante não só porque estavam acostumados a trabalhar duro, mas também porque o cardápio era muito simples e Ned tinha grande experiência de cozinha; desde os tempos do Exército, sabia usar mil e um truques para preparar tudo rapidamente, a contento e com o menor dispêndio de energia possível. De qualquer modo, uma das vantagens daquele emprego era a possibilidade de dormirem até mais tarde, porque Ernie e Faye preferiam fazer o des-jejum dos hóspedes e servi-lo nos quartos.

Sábado à tarde, enquanto preparava sanduíches e fritava batatas, Ned não desviava os olhos de Sandy. Ainda não conseguira habituar-se às mudanças que estavam ocorrendo. Ela engordara mais de cinco quilos, ganhara curvas muito femininas e, como se não bastasse, já não se arrastava entre as mesas, encolhida e cabisbaixa. Não, Sandy agora saltitava, sorridente, cabeça erguida, bonita como nunca. Ned sabia não ser o único a apreciar aquela transformação. Os caminhoneiros viravam a cabeça ao vê-la passar e acompanhavam-na com o olhar, sorrindo-lhe sempre que se aproximava.

Antes, Sandy não costumava parar nas mesas para conversar. Agora, sem perder sua graça tímida, detinha-se para explicar um ou outro item do cardápio e ria dos gracejos dos fregueses. Sempre com um brilho novo nos olhos.

Pela primeira vez em oito anos de casamento, Ned teve medo de perdê-la. Sabia que ela o amava, porém por mais que tentasse não conseguia tirar da cabeça a idéia de que tantas mudanças de aparência e comportamento acabariam por fazê-la interessar-se por outro homem. E essa era sua maior preocupação.

De manhã, ao vê-la sair para ir ao aeroporto buscar Ernie e Faye, Ned surpreendera-se pensando que talvez ela nunca mais voltasse para casa. E se resolvesse seguir estrada adiante até encontrar um lugar melhor que Nevada, ou um homem melhor que ele, mais bonito, mais rico, mais inteligente? Ned sabia que não estava sendo justo com a mulher, sabia que ela jamais o trairia. Mas, então, por que tinha tanto medo? Será que já não se sentia à altura de Sandy?

As nove e meia, quando as mesas estavam praticamente vazias, os Block apareceram com o tal rapaz alto e moreno que saíra correndo do restaurante.

Ao vê-los, Ned tentou adivinhar se aquele homem era amigo de Ernie... E se Ernie sabia que ele não regulava bem da cabeça. De longe, teve a impressão de que Ernie mal se agüentava nas pernas; quando acenou, respondendo-lhe ao cumprimento, parecia trêmulo, pálido como um defunto.

Faye sentou-se ao lado do marido, de frente para o estranho, a preocupação estampada nos olhos. O tal sujeito moreno também se mostrava tenso. O que estaria acontecendo? Intrigado, Ned esqueceu-se por alguns instantes de Sandy e do medo de perdê-la. Mas o receio voltou ao vê-la aproximar-se da mesa para anotar os pedidos. A distância e o ruído do óleo na frigideira não lhe permitia ouvi-los, mas Ned percebeu que o forasteiro olhava muito para sua mulher e que Sandy inclinava-se para ele com idêntico interesse. E que mal havia nisso? Bobagem sentir ciúme... Mas o estranho era bonito, mais jovem do que Ned, pouco mais velho do que Sandy, bem vestido...

Não sou grande coisa, meditava Ned. Nem bonito nem feio, mais feio do que bonito... Testa alta, para não dizer “cabelo ralo”, “grandes entradas” ou coisa que o valha... No planeta só existe um homem sexy com essas entradas, e ele se chama Jack Nichol-son... Ned suspirou. Não gostava de seus olhos acinzentados, muito claros, brilhantes na juventude e agora foscos e aguados. Não gostava de sua inabilidade para ganhar dinheiro. Não gostava de ter quarenta e dois anos, dez mais que Sandy.

Cada vez mais amargurado, viu a esposa afastar-se da mesa dos Block e dirigir-se para o balcão. De testa franzida, ela ergueu os olhos e perguntou:

— A que horas vamos fechar? Dez ou dez e meia?

— As dez. Já não há ninguém. Não precisamos deixar o restaurante aberto até tarde.

Sandy deu-lhe as costas e voltou à mesa de Faye, Ernie e do estranho. Ned respirou fundo, mais preocupado que antes. Havia apenas três razões para explicar a estabilidade de seu casamento. Em primeiro lugar, ele dava à esposa uma vida bem razoável, porque era bom cozinheiro, e bons cozinheiros são cada vez mais raros. Em segundo lugar, tinha um dom especial para consertar coisas quebradas: torradeiras elétricas, panelas, rádios, gravadores... até pássaros de asa quebrada. Certa vez encontraram uma ave ferida, conversou com ela até acalmá-la, levou-a para casa, aplicou-lhe uma tala na

asa e, depois de curá-la, soltou-a. Era seu grande talento, muito útil. Em terceiro lugar, amava Sandy como jamais amara qualquer mulher, de corpo, coração e alma.

Enquanto preparava o jantar dos três, Ned não tirava os olhos da esposa e surpreendeu-se ao vê-la fechar todas as janelas, ajudada por Faye. Algo estava errado. De volta à mesa, lá estava Sandy conversando outra vez com o desconhecido. Não posso perdê-la, pensou. E impossível... Eu sou o homem dos pequenos e grandes concertos... Eu a ajudei a se transformar em cisne...

Quando a conheceu no restaurante onde ambos trabalhavam, em Tucson, Sandy era calada como um poste, feia, tímida e encolhida. Trabalhava como mula de carga e ainda se oferecia para ajudar as outras garçonetes, mas não falava com ninguém, homem ou mulher, como se fosse muda, surda ou doente. Parecia uma menina assustada, apesar de seus vinte e três anos, e não se abria com ninguém, talvez por puro medo. A vida fora muito dura com ela... ferindo, esfolando, deixando-a em cacos... E fora graças a seu talento para concertos que Ned se interessara por Sandy. Como sempre, com infinita paciência, pusera-se a trabalhar, passo a passo, etapa a etapa, sutilmente.

Nove meses depois estavam casados, mas Ned sabia que o concerto apenas começara. Sua mulher era o ser humano mais infeliz e sofrido que conhecia e, não poucas vezes, semimorto de frustração e desespero, ele chegara a imaginar que, mesmo se ao o concertador não conseguiria dar vida àquela boneca quebrada. Talvez morresse antes de vê-la sorrir.

Após seis anos de casados, Sandy começava a melhorar, muito lentamente. Apesar de inteligente, sempre fora emocionalmente mutilada. Para ela, não havia nada mais difícil do que dar e receber carinho... E Ned ensinava-lhe essa lição com a paciência de um professor de primeiras letras. A primeira indicação segura de que obtinha bons resultados surgiu quando Sandy começou a despertar para a vida sexual. Um desabrochar que se iniciara em agosto... no verão retrasado.

* Sandy parecia experiente, mas fazia amor como uma máquina, sem alegria nem prazer. Ned nunca havia visto uma mulher tão silenciosa na cama. Com certeza, pensava, é algum trauma de infância. Muitas e muitas vezes tentara fazê-la falar sobre o passado, até descobrir que, se havia alguma coi-

sa capaz de afastá-la para sempre, era perguntar-lhe sobre a infância. A partir daí não tocara mais no assunto. E difícil fazer um conserto sem saber muito bem o que está quebrado...

Aos poucos, no verão retrasado, Sandy passara a ir para a cama com alguma alegria. A princípio era uma diferença quase imperceptível, sem nada de dramático ou repentino: alguns instantes de descontração, o corpo um pouco mais solto, às vezes um suspiro, um sorriso... Eventualmente, Ned a ouvia dizer seu nome, de olhos fechados.

Fora despertando aos poucos. No Natal, quatro meses depois dos primeiros sinais, ela já não permanecia no colchão como uma boneca inflável. Queria acompanhá-lo, esforçava-se para encontrar o ritmo que mais os aproximava, partia em busca do prazer, que ainda teimava em não chegar.

Libertava-se devagar, bem devagar. Até que em abril, dia sete... uma noite que Ned nunca esqueceria em mil anos... teve o primeiro orgasmo. Depois chorou de pura felicidade, agarrada ao marido, tão grata, apaixonada e feliz que Ned também chorou como um bebê. Ele imaginava que, a partir do orgasmo, seria mais fácil fazê-la falar do passado, e voltou às perguntas.

— O passado é o passado — disse-lhe Sandy muito séria. — De que adiantaria ficarmos revirando esse lixo? Tenho medo de começar a falar e... voltar a ser como antes.

Passou a primavera, passou o verão. No outono, ela já dava sinais de plena e integral satisfação. No Natal, fazia menos de três semanas, Ned percebeu outros progressos. Sandy levantava a cabeça, endireitava as costas, olhava a vida com novos olhos, com novo orgulho, com mais respeito por si mesma.

Agora gostava de fazer amor e, outra novidade, gostava de dirigir. Nos primeiros tempos, mal achava coragem para dizer que queria guiar a camioneta até o restaurante, sempre com o marido ao lado. Depois começou a querer andar sozinha. As vezes, da janela do *trailer*, Ned via-a experimentar as asas, com o medo e a alegria de um passarinho que, após anos de gaiola, vê o mundo abrir-se à frente. Nesses momentos, contente por vê-la voar, sentia o coração apertado, um frio na pele, um medo incompreensível.

Quando chegou o Ano-novo, o medo já era pânico e perseguia-o vinte e quatro horas por dia. Até que ele entendeu: tinha medo de que Sandy voasse do ninho para sempre. E agora aquele estranho parecia poderoso o bastante para arrebatá-la.

— Estou exagerando — resmungou, colocando os bifés na chapa. — E claro que estou exagerando!

Mas, ainda assim continuava preocupado.

Quando acabou de preparar o pedido da mesa de Ernie e Faye, o restaurante estava deserto. Sandy levou a bandeja. Faye levantou-se, trancou a porta de entrada e acendeu o aviso luminoso de *Fechado*, visível da estrada... Estranho: não eram nem dez da noite!

Balcão arrumado, chapa desligada e pratos limpos, Ned aproximou-se da mesa para dar uma olhada no amigo de Ernie e descobrir que planos estaria fazendo. Viu Sandy com uma cerveja aberta à frente e, mais estranho que isso, outra cerveja o esperava ao lado dela, diante da cadeira vazia.

— Sente-se e não reclame da cerveja — ordenou-lhe Sandy, levantando os olhos. — Você vai precisar de mais meia dúzia para ouvir o que Ernie e Faye têm a nos contar.

O homem chamava-se Dominick Corvaisis e a história dele era mesmo tão estranha que Ned esqueceu o perigo imaginário de Sandy fugir com ele. Quando Corvaisis terminou, Ernie e Faye contaram tudo que sabiam.

— Mas nós fomos realmente evacuados — Ned comentou. — Não é possível que tenhamos ficado presos no motel por três dias... porque eu me lembro perfeitamente de ter aproveitado aquela folga para descansar, ler e ver televisão.

— Acho que essa é a versão que lhe puseram na cabeça — replicou Dom. — Vocês receberam alguma visita durante aqueles dias? Alguém que possa provar que vocês estavam lá?

— Raramente aparece alguém no *trailer*. Não, acho que ninguém poderia provar que estávamos lá...

— O que eles querem saber é se houve alguma mudança em nossa vida — Sandy explicou ao marido. — ■ Se alguma coisa diferente está acontecendo conosco...

Sem falar, ele fitou-a nos olhos. Sem uma palavra, dizia-lhe que dependeria dela contar-lhes ou não. Dom tentou ajudar:

— Vocês estavam aqui naquela noite. Seja lá o que for que aconteceu, começou enquanto eu estava jantando. Vocês dois também testemunharam e, como todos nós, foram induzidos a esquecer.

Que idéia horrível, Ned pensou, sentindo um calafrio. Como é que gente desconhecida pode nos ensinar o que devemos recordar e o que devemos esquecer? Calado, examinou as fotos espalhadas por Faye sobre a mesa, especialmente a que mostrava Dom com ar de zumbi.

Faye virou-se para Sandy e comentou:

— Ernie e eu conhecemos você há algum tempo, e não somos cegos. É mais do que evidente que você parece outra pessoa de uns tempos para cá. Não quero ser indiscreta, nem me meter em sua vida, mas se houve alguma mudança que possa estar relacionada com o que acaba de ouvir, é muito importante que nos conte.

Por baixo da mesa, Sandy apertou a mão de Ned e fitou-o com olhos brilhantes de amor. Depois, pensou um instante, tomou um gole de cerveja e começou:

— Passei toda a minha vida achando que eu não era gente. É importante que vocês saibam de tudo, para entenderem o que aconteceu comigo. Precisam saber como foi horrível minha infância para entenderem como foi maravilhoso eu voltar a me respeitar como pessoa. Foi mais do que um milagre! Ned foi a primeira pessoa que me tratou com carinho, me ajudou e me deu a chance de ser alguém. — Ela apertou os dedos do marido. — Ned me conheceu há nove anos, e foi o primeiro homem que me respeitou. Casou-se comigo, mesmo sabendo que eu era uma mulher doente por dentro e atormentada... como se meu coração vivesse amarrado numa corda dura e cheia de nós. Passou sete anos se dedicando a me libertar dessa corda. Ele pensa que eu não sei o quanto teve de lutar, mas eu sei...

Parou um instante, emocionada, tomou mais um gole de cerveja e continuou:

— O que eu queria dizer é que... Bem, eu acho que, seja lá o que for que aconteceu por aqui, foi muito importante para mim e me ajudou a ver o

mundo com outros olhos, e a mim mesma... Mas, se Ned não estivesse a meu lado há tantos anos, me ajudando a viver, eu talvez nem estivesse mais aqui para ver... não sei o quê...

Ned engoliu em seco, a garganta apertada, os olhos marejados de lágrimas. Sandy sorriu-lhe, fixou os olhos no copo de cerveja e, do começo ao fim, contou o calvário que havia sido sua infância. Não entrou em detalhes quanto aos ataques sexuais que sofria do pai, mas falou muito sobre o tempo em que ele a levava a um bordel de crianças em Las Vegas. Na voz calma, sem dramatizar nada, o horror daquelas cenas parecia ainda mais avassalador. Em volta da mesa, todos a ouviam em respeitoso e solidário silêncio. A cada palavra, mais sentido fazia o que ela dissera no início; que havia acontecido mais do que um milagre em sua vida...

Quando terminou, Ned abraçou-a calado, estreitando-a contra o peito. Sandy era uma mulher forte, a mulher mais especial e corajosa do mundo. E o que acabava de dizer tornava-a ainda mais especial aos olhos do marido.

Por mais triste que fosse sua história, Ned sabia que, mais dia menos dia, ela teria de falar... e só falaria quando se sentisse mais forte que seu passado.

Ned levantou-se, foi até a geladeira e voltou com mais cinco garrafas de cerveja. Quando se sentou novamente, Dom rompeu o silêncio que, após o relato de Sandy, instalara-se ao redor da mesa.

— Isso muda tudo — começou. — Quero dizer... Todos nós, até agora, tínhamos razões para acreditar que a experiência pela qual passamos foi terrível e só causou efeitos negativos, como minhas crises de sonambulismo ou a nictofobia de Ernie. Claro que, em certo sentido, eu também recebi algum efeito positivo: consegui sair do casulo em que vivia. Mas Sandy só recebeu efeitos positivos! Todos nós estamos passando por uma fase tenebrosa, e Sandy está feliz pela primeira vez na vida. Como a mesma causa pode desencadear efeitos tão diferentes? Você não sente um mínimo de medo... quando dorme, por exemplo?

— Não — Sandy respondeu.

Desde que entrara no restaurante, Ernie mantinha-se encolhido na cadeira, silencioso e cabisbaixo. De repente, porém, ergueu a cabeça, recostou-se confortavelmente e relaxou.

— Não há dúvidas de que o medo está presente em todos nós, menos em Sandy, talvez — declarou, voltando-se em seguida para a esposa:

— Lembra-se daquele lugar, junto à rodovia, a poucos quilômetros daqui? O lugar onde contei que estive. E estranho, mas tenho certeza absoluta de que alguma coisa aconteceu lá... uma coisa que é parte das lembranças que nos foram tiradas. Mas a verdade é que senti lá algo que não foi apenas medo. Meu coração disparou, fiquei emocionado... um tipo de sensação que não era *apenas* desagradável. Havia medo, sim... mas outras emoções, também.

— Talvez seja o lugar para onde eu sempre acabo indo quando saio com a camioneta — disse Sandy. — É como se eu fosse *atraída* para lá.

— Eu vi! — Ernie remexeu-se na cadeira. — Hoje cedo, quando voltamos do aeroporto, percebi que você diminuiu a marcha. E achei que estava sentindo a mesma coisa que eu.

— E o que é que *você* sente lá? — Faye perguntou a Sandy.

Com um sorriso novo e luminoso dançando-lhe no rosto, ela respondeu:

— Paz. Simples e completa paz. E difícil explicar, mas é como se as pedras, as árvores, a poeira... tudo ali irradiasse harmonia, tranquilidade...

— Não... Não é paz o que eu sinto lá — Ernie suspirou. — Medo sem dúvida, uma espécie de ansiedade. A sensação de que vai acontecer alguma coisa terrível. Uma coisa que desejo desesperadamente ver, mas que, ao mesmo tempo, me deixa morto de medo.

— Pois eu não sinto medo nenhum — declarou a moça.

— E se fôssemos até lá? — Ned perguntou. — Para ver o que acontece com os outros?

— Vamos amanhã cedo — disse Dom —, quando estiver dia claro.

— Há outra coisa que me intriga — Faye franziu a testa. — Cada um de vocês está sofrendo um tipo de alteração de comportamento. A de Sandy

parece ser para melhor. Mas o coitado do senhor Lomack se suicidou, Ernie passa por crises de fobia aguda, Dom tem pesadelos e crises de sonambulismo, Ginger Weiss apresenta graves problemas psicológicos... E eu? E Ned? Por que não temos problemas semelhantes?

— Talvez porque o pessoal encarregado da lavagem cerebral se dedicou mais a vocês... — sugeriu Dom.

Todos calaram-se, sem saber o que dizer. Ned foi o primeiro a recuperar-se.

— E se você tentasse reconstituir todos os seus passos naquela noite? — sugeriu, virando-se para Dom. — Desde o momento da chegada até o ponto em que as lembranças foram apagadas. Parece que, pelo menos até certo ponto, você se lembra do que acon-

teceu aqui no restaurante. Hoje mesmo, quando saiu correndo, estava a ponto de se lembrar de alguma coisa... e por isso fugiu.

— É... — Dom concordou. — Cheguei bem perto de uma lembrança, mas veio o medo e disparei porta afora como louco. Estava alucinado de medo. Um medo visceral, instintivo, in-controlável... Acho que voltará, se eu repetir o esforço.

— Ainda assim, vale a pena correr o risco — Ned insistiu.

— E agora estamos aqui para ajudá-lo — disse Faye.

Ned percebeu que seria preciso insistir muito para animar Dom a repetir a experiência, o que significava que o terror do momento da chegada talvez superasse o que ele dizia. Dom, porém, levantou-se com a garrafa de cerveja na mão e foi até a porta de entrada; voltou-se, parou e bebeu um longo gole. Depois, lentamente, correu os olhos ao redor, como que tentando rememorar quais pessoas estavam nas mesas naquela noite, 6 de julho, do ano retrasado.

— Havia três ou quatro homens junto ao balcão — começou. — Mas não lembro quem eram. — Afastou-se da porta, passou pelos quatro companheiros, aproximou-se da mesa que ocupara no passado e puxou uma cadeira. — Eu me sentei aqui. Sandy veio atender. Tomei uma cerveja enquanto olhava o cardápio. Pedi um sanduíche de ovos e presunto, batatas fritas e salada de repolho. Estava colocando sal nas batatas quando o saleiro me esca-

pou da mão e derramou sobre a toalha. Peguei um pouco de sal e joguei para trás, por cima do ombro esquerdo. Uma bobagem. Acabei jogando mais do que queria e o sal atingiu... Ginger Weiss! Era ela! Agora estou lembrando... *Sim*! A moça que estava atrás de mim e acabou atingida pelo sal era a loira da foto!

Em silêncio, Faye apontou a foto de Ginger sobre a mesa. Dom continuou falando:

— Muito bonita... Rostinho de boneca, mas um ar sofisticado e inteligente. Uma mistura muito atraente. Eu não conseguia tirar os olhos dela.

Ned debruçou-se para examinar a foto. Podia mesmo ser bonita... se não estivesse tão pálida, de olhos parados e vazios, como

morta. Numa voz cada vez mais distante, como se viesse do passado, Dom prosseguiu:

— Ela está sentada na mesa do canto, perto da janela, olhando para fora. O sol se põe como uma bola de fogo, e todo o restaurante está banhado de luz avermelhada. Parece que há um incêndio lá fora, mas é só o crepúsculo. Ginger Weiss é muito bonita... tem cabelos luminosos... Não consigo parar de olhar para ela... Vou pedir outra cerveja. — Levou a garrafa aos lábios e bebeu. — A paisagem está inundada de vermelho... vai escurecendo... já é quase noite...

Aflitos, os quatro acompanhavam a luta desesperada de Dom, rezando para que se lembrasse. Pequenos detalhes daquela noite surgiram na memória de Ned: o padre ruivo estava no restaurante, o casal com a garotinha também.

— Já escureceu... e continuo a beber minha cerveja bem devagar, para ficar olhando para Ginger Weiss. — De repente, Dom retesou-se na cadeira, olhou para os lados, levou a mão direita à orelha, como que tentando localizar algum som. — Estou ouvindo uma coisa... Um ruído estranho. Um motor muito distante... cada vez mais forte. — Calou-se e respirou fundo. — Não sei de mais nada. Alguma coisa aconteceu... mas não consigo lembrar.

Quando ele falou do ruído, Ned teve a vaga sensação de que também ouvira um barulho estranho, muito distante, vagamente assustador. Mas foi tudo. Era como se as palavras de Dom o fizessem aproximar-se de um pânta-

no negro e perigoso, para o qual precisava olhar, mesmo não querendo. De qualquer modo, por mais que tentasse, já não conseguia ver nada. Com o coração aos saltos, insistiu:

— O ruído... Concentre-se nesse ruído. Tente se lembrar de onde vinha, se era agudo, grave... Talvez isso ajude você a se lembrar do resto da cena.

Dom levantou-se da cadeira.

— Um ruído... como um trovão muito distante... que se aproxima rapidamente. — Parado junto à mesa, voltava-se de um lado para outro, olhando para o teto e para o chão, como se quisesse localizar a origem do som.

De repente, Ned ouviu. Não no passado, mas no presente, ali, naquele instante, um só ruído, constante, uniforme, cada vez mais próximo... Olhou em torno e percebeu que não estava imaginando coisas: todos ouviam o mesmo ruído.

Mais alto. Mais alto. O som fazia vibrar a mesa, o chão, os seus próprios ossos.

Ned ainda não atinava com nada do que ocorrera naquela noite, mas já tinha certeza de que tudo começara com aquele ruído. Afastou a cadeira e levantou-se. Com o som, crescia o medo. Vontade de fugir... de correr.

Sandy levantou-se também, o medo estampado no rosto. Ainda que a experiência a tivesse transformado em outra mulher, melhor e mais feliz, o ruído enchia-a de medo. Tocou o braço do marido, procurando apoio.

Ernie e Faye vagavam o olhar, tentando localizar a origem do barulho. Ainda não estavam assustados. Talvez lhes restassem apenas fragmentos de lembrança, desligados uns dos outros e dos eventos da noite de 6 de julho.

Um segundo ruído, como um assobio muito forte, misturou-se ao trovão. Um som familiar e desagradável aos ouvidos de Ned.

Ia acontecer outra vez! Não importa o que ocorrera naquele restaurante e naquela noite, há mais de dezoito meses, ia acontecer outra vez. *Como antes* Ned ouviu-se berrar, apavorado:

— Não! *Nãol*

Corvaisis recuou dois passos, afastando-se da mesa, e virou-se para os outros. Estava lívido.

O ruído de trovão fazia vibrarem as vidraças do restaurante. Uma das persianas batia contra o caixilho de madeira. As cortinas agitaram-se furiosamente nas roldanas que as prendiam.

Os dedos de Sandy, pousados no braço de Ned, crisparam-se de terror. Ernie e Faye puseram-se de pé, tão apavorados quanto os outros.

O assobio aproximava-se, cada vez mais estridente, fazendo coro ao trovão, e transformando-se num zumbido muito agudo, como o produzido por uma serra elétrica de alta rotação.

— Mas... o que é isso?! — Sandy gritou. E sua voz perdeu-se no ruído que estremecia as paredes.

A garrafa de cerveja caiu da mesa de Dom e quebrou-se, espalhando cacos e restos de bebida para todos os lados. Ned olhou para uma das mesas a seu lado e viu que os objetos saltavam sobre a toalha, batendo uns nos outros; os vidros de temperos, os copos, o cinzeiro, os pratos e talheres. Um copo caiu e rolou sobre a toalha. Um segundo copo foi ao chão, seguido pelo frasco de *catchup*. A cena repetia-se em todas as outras mesas. Na parede, o enorme relógio com o logotipo de uma fábrica de cerveja soltou-se do gancho e espatifou-se no chão.

Exatamente o que acontecera naquela noite de julho. Até aí Ned não tinha dúvidas... mas era tudo. Não conseguia lembrar-se do que poderia ter acontecido depois.

— Pare com isso! — Ernie gritou com a convicção e autoridade de um oficial da Marinha, habituado a ser abedecido... e sem o menor resultado.

Talvez fosse um terremoto. Mas um terremoto não explicaria o zumbido estridente que soava junto com o trovão, como se viesse do estacionamento, em frente ao restaurante.

As cadeiras deslizavam pelo assoalho, colidindo umas contra as outras. Uma cadeira aproximou-se de Dom, fazendo-o saltar, assustado. O chão estremeceu.

O ruído era insuportável, o trovão roncava sobre o telhado... E então, como uma bomba, o grande vidro da janela da frente explodiu, arremessando

cacos por todos os lados. Faye gritou, cobrindo o rosto com os braços dobrados. Ernie pulou para trás e quase caiu sobre uma cadeira derrubada. Sandy refugiou-se nos braços de Ned.

Se as persianas não estivessem fechadas, o estrago teria sido consideravelmente maior, porque todos os cacos de vidro teriam voado para dentro como uma saraivada de balas. Ainda assim, a vio-

lência da explosão fez as persianas voarem, arrancou uma das cortinas e jogou uma chuva de estilhaços sobre as costas de Ned.

Depois da explosão, o silêncio.

Uma vez ou outra, como vindo de muito longe, ouvia-se cair um pequeno caco ainda pendurado às persianas.

No verão retrasado aconteceram outras coisas além do zumbido, porém Ned não se lembrava de mais nada. De qualquer modo, naquele instante, nada mais aconteceria. Por hora, voltava a reinar a paz.

Dom tinha um pequeno corte no rosto, como um talho de lâmina de barbear. Ernie havia ferido a testa e o dorso de uma das mãos, sem maior gravidade. Ned examinou o rosto de Sandy e perguntou-lhe se estava bem; vendo-a sorrir aliviada, correu a abrir a porta e foi até o meio do estacionamento procurando algum indício do que aconteceu. Encontrou apenas a noite, a escuridão solene, profunda e silenciosa das planícies. Não havia sinais de fogo ou fumaça, nem qualquer indício de explosão. Pela rodovia, de longe, trafegavam os carros e os caminhões de todas as noites.

Em frente à recepção do motel havia certa agitação. Ainda em trajes de dormir, os hóspedes reuniam-se em grupos, olhando para os lados do restaurante, intrigados, querendo saber o que poderia ter acontecido lá. Mas não pareciam amedrontados.

O céu brilhava, pontilhado de estrelas. No ar gelado, soprava uma brisa leve... como um último suspiro. Nada por ali poderia ter causado o ruído de trovão ou o zumbido de serra elétrica, ou o tremor de terra, ou a explosão das vidraças.

Dom Corvaisis apareceu à porta do restaurante, perguntando:

— Mas o que aconteceu?

— Eu ia fazer a mesma pergunta... — replicou Ned.

— Aconteceu... o mesmo no verão retrasado...

— E... eu sei.

— Mas foi só o começo. Droga! Não consigo lembrar o que houve depois que a vidraça explodiu...

— Nem eu.

Dom esfregou as mãos, aflito, e então percebeu, à luz azulada do letreiro de neon, que as marcas avermelhadas haviam voltado. Mostrou-as a Ned, que se inclinou para ver os dois nítidos anéis.

— Mas... o que pode ter acontecido? — Dom murmurou.

Sandy esperava à entrada do restaurante. Ned correu para ela e abraçou-a com força. Sentiu-a estremecer junto ao peito, mas não percebeu o quanto ele mesmo estava assustado, até ouvi-la dizer:

— Querido, você está tremendo...

O medo... Também para ele, afinal, chegara a hora do pavor. Ned também se envolvia em algo grandioso, muito importante, terrivelmente perigoso, que talvez acarretasse a morte de um deles ou de todos... O homem dos concertos impossíveis, capaz de fazer funcionar qualquer coisa viva ou inanimada, descobria uma entidade contra a qual nada podiam suas ferramentas, nem sua inabalável capacidade de amar. E se Sandy lhe fosse roubada? O que poderia fazer para reparar os irremediáveis danos da morte?

Pela primeira vez, desde o dia em que a conhecera em Tucson, Ned sentiu-se impotente para proteger sua mulher.

No horizonte, a Lua começava a surgir.

CINCO

12 - 14 de janeiro

1. DOMINGO, 12 DE JANEIRO

O ar pesava como chumbo derretido.

No sonho, Dom não conseguia respirar. Alguma coisa estava prestes a explodir-lhe no peito. Tremia. Estava morrendo.

Não via nada ao redor, os olhos perdidos na escuridão. Dois homens aproximaram-se vestidos em trajes de laboratório, macacões de plástico branco cobrindo-os dos pés à cabeça, os rostos ocultos pelos alvos capuzes com visores transparentes e brilhantes.

Um dos homens acercou-se da cama de Dom e, como que desesperado, arrancou-lhe do braço a agulha intravenosa. O outro examinou os gráficos do eletroencefalógrafo; depois correu para a cama e arrancou os eletrodos colados ao tórax de Dom. Juntos, os dois ergueram-no, fazendo-o sentar-se. Deram-lhe alguma coisa para beber, mas a garganta cerrada recusou-se a engolir... Então, um dos homens puxou-lhe a cabeça para trás, enquanto o outro lhe jogou na boca um líquido amargo e nauseante.

Os dois falavam entre si através dos radiotransmissores instalados nos capacetes, mas estavam tão próximos que Dom podia ouvi-los através dos visores. Um deles mostrava-se aflito:

— E quantos prisioneiros foram envenenados? — perguntou.

— Ninguém sabe com precisão — respondeu o outro. — No mínimo, uma dúzia.

— Mas... e quem teria mandado envenená-los...?

— Ora... é fácil. Adivinhe.

— O coronel Falkirk... — resmungou o primeiro. — Aquele filho da puta...

— Você sabe que jamais conseguiremos provar nada contra ele.

Corte rápido.

No banheiro do motel. Os dois homens mantinham Dom em pé segurando-o pelas axilas. Tentavam fazê-lo vomitar. Empurravam-lhe a cabeça para dentro da pia. O coronel Falkirk, aquele filho da puta, tentara envenená-lo, e

os dois mascarados queriam obrigá-lo a vomitar o veneno. Mas Dom não conseguia... O estômago queimava-lhe, o suor corria-lhe pela testa... E não conseguia vomitar.

— Precisamos de uma sonda de lavagem estomacal — disse um dos mascarados.

— Você sabe que não temos tempo...

O outro pressionava-lhe a cabeça para dentro da pia. Dom já não conseguia respirar, o coração parecia a ponto de rebentar... Desmaiou, voltou a si, viu a sala girar... e, afinal, vomitou.

Corte rápido.

De volta à cama, fraco como um bebê, Dom pelo menos já respirava melhor. Os homens de uniformes limpam-no, tiraram-lhe a roupa e amarraram-no de novo. O da direita preparou uma injeção e aplicou-a — com certeza alguma droga para neutralizar os efeitos remanescentes do veneno. O da esquerda instalou-lhe no braço o equipamento intravenoso. Dom mal conseguia manter os olhos abertos. O eletrocardiógrafo estava ligado. Enquanto trabalhavam, os dois homens continuavam a conversar:

— Falkirk é um idiota. Não há a menor possibilidade de esconder o que aconteceu aqui.

— Ele tem medo de que o bloqueio de memória não seja suficiente e que, de repente, algum deles se lembre do que viu.

— E pode até estar certo... Mas como é que ele explicaria tantos cadáveres?! Assassinato em massa! Isso atrairia centenas de repórteres... e a notícia se espalharia como poeira. Basta uma lavagem cerebral!

— E por que não tentar convencer o imbecil do Falkirk? Eu estou do *seu* lado, certo?

As duas figuras brancas desapareceram à medida que suas vozes se tornavam cada vez mais fracas e distantes. O pesadelo era outro. Apavorado, Dom tentou fugir, mas os pés não desgrudavam do chão. E ele precisava sair dali porque alguma coisa o perseguia. Uma ameaça sobre-humana... inumana... aproximando-se cada vez mais. Não havia fuga possível. Só lhe restava encarar o fantasma. Dom parou de se debater, ergueu os olhos para o céu, e gritou:

- A Lua!

Acordou com o som dos próprios gritos. Estava no Motel Tran-qüilidade, no quarto 20, caído ao lado da cama, tentando soltar-se da corda que o mantinha preso à cabeceira. Na mesinha, o relógio marcava três horas e sete minutos da madrugada.

Como ele previra, o fato de dormir no mesmo quarto acelerara o processo das lembranças. Os pesadelos tornaram-se muito mais vividos, coerentes e fartos em detalhes. Já não eram apenas fantasias elaboradas sobre uma realidade soterrada na memória, mas as próprias lembranças voltando à tona. Agora eram fatos que ele começava a recordar.

Estivera realmente preso naquele motel. Alguém o drogara e o fizera passar por um processo de lavagem cerebral. Durante aqueles dias de calvário, um coronel chamado Falkirk tentara envenená-lo para impedi-lo de falar sobre o que vira...

Falkirk estava certo, pensou Dom. A lavagem cerebral não foi suficiente para nos fazer esquecer tudo, para sempre. Talvez o melhor fosse ter usado veneno.

No domingo de manhã, Ernie comprou algumas folhas de compensado para vedar as janelas do restaurante. Mediu os quadrados necessários, serrou-os e, com a ajuda de Ned e Dom, pregou-os nas janelas. Ao meio-dia o serviço estava pronto. Haviam pensado em chamar um vidraceiro para instalar novos vidros, mas, afinal, preferiram o compensado, ponderando que os fenômenos da noite anterior poderiam repetir-se. Até que descobrissem o que acontecera ali, as janelas continuariam bem vedadas e o restaurante não abriria para ninguém. Não queriam que nada atrapalhasse suas pesquisas sobre o tal “vazamento de substância tóxica”.

Depois da partida do último hóspede, chegado na véspera, só ficariam no motel Ernie, Faye, Dom e quaisquer outras vítimas que fossem localizadas ou que decidissem ir a Elko County participar das investigações. Ernie não sabia quantos quartos seriam necessários e, por via das dúvidas, decidiu deixar vagos todos os vinte. Daquele momento em diante, o motel era quartel-general e abrigo das tropas aliadas. Ali permaneceriam os soldados, até o final daquela guerra contra um inimigo desconhecido.

Concluído o concerto das janelas, entraram todos no carro, e Faye conduziu-os ao local que Ernie e Sandy consideravam tão especial. Lá chegando, desceram e ficaram parados no acostamento da rodovia, os olhos voltados para o sul. Tentavam estabelecer algum tipo de comunicação com o passado e avistar o fator invisível que talvez se escondesse ali.

O solstício de inverno ocorrera três semanas antes, e o sol brilhava pálido, distante e frio. Em pleno janeiro, planícies, montanhas, arroios e pequenas formações rochosas tingiam-se de escuros tons marrons, cinzentos e vermelhos, com poucas e distantes manchas de neve branca. As vezes, quando uma das nuvens pesadas aproximava-se e encobria o sol, a paisagem tornava-se ainda mais sombria, sem nada perder em majestade e grandeza.

Faye queria ter alguma emoção especial e partilhá-la com Ernie e os outros, mas não sentia absolutamente nada. O que significava apenas que seu cérebro fora lavado com mais eficiência e cuidado que qualquer outro. E a sensação de ter sido violentada nos segredos mais íntimos fazia-a estremecer de fúria. Era uma mulher orgulhosa, segura, para quem a idéia de submissão a quem

quer que fosse soava quase como pecado mortal. Ali, onde seu marido talvez sentisse as emoções mais violentas, restava-lhe apenas a sensação do vento frio nos cabelos.

Dom e Ned não davam sinais de lembrar-se de nada. Sandy e Ernie, entretanto, pareciam ler nas pedras da paisagem diferentes mensagens cifradas. Sandy sorria como a Virgem Maria no momento da Anunciação. Ernie, muito pálido, os olhos esbugalhados, encolhia-se como se estivesse à beira de uma crise fóbica.

— Vamos chegar mais perto — sugeriu Sandy.

Juntos, os cinco saltaram a grade de proteção, deslizaram pelo barranco e andaram na direção da planície, cinquenta ou cem metros à frente, pisando cautelosamente no mato de espinhos secos. Em alguns pontos, o mato marrom e espinhento cedia lugar a tufo de capim macio, ainda verde, sinal de que ali começavam as férteis pastagens do norte.

A cerca de duzentos metros da estrada, Ernie parou num ponto que não parecia diferente de qualquer outro metro quadrado ao redor:

— E aqui — disse, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

— E... — Sandy sorriu. — Aqui mesmo.

Os cinco espalharam-se pela área, andando a esmo, de um lado para outro. Não fossem as pequenas manchas de neve, ou uma e outra flor do campo brotando fora de estação, a paisagem seria a mesma do verão retrasado.

Um instante depois de ouvir a voz da esposa, Ned estremeceu, surpreendido por uma onda de medo. Sem dizer uma palavra, deu as costas ao grupo e afastou-se. Nada ali sugeria-lhe a paz de que Sandy falara. Ela correu atrás do marido.

Depois foi a vez de Dom. Não sentia paz... mas também não sentia pavor. Sua emoção aproximava-se mais da que Ernie descrevera: medo, sim, mas temperado com a inexplicável sensação de estar testemunhando um acontecimento fantástico, deslumbrante, divino, epifânico.

Faye era a única a não dar sinal de qualquer lembrança.

Parado de frente para o horizonte, Dom virou-se devagar e perguntou num murmúrio:

— O que aconteceu? O que pode ter acontecido aqui?

O céu já estava fechado, o sol encoberto pelas nuvens. Ventava muito.

Faye estremeceu. Crescia nela, a cada instante, a sensação de ter sido roubada. Quando chegasse a hora de vingar-se dos homens que lhe roubaram parte da alma, os fitaria bem nos olhos e lhes perguntaria como podiam ter perdido os últimos resquícios de humanidade, respeito e amor ao próximo! Naquele momento, sabendo que partes de seu passado já não lhe pertenciam, descobria que jamais voltaria a ser a mesma mulher de antes.

Arrastados pelo vento, tufo de capim seco estalavam nas pedras, provocando um ruído pavoroso, que fazia pensar nos esqueletos dos pequenos animais da planície de repente despertados de seu repouso eterno.

De volta ao motel, no apartamento dos Block, conversavam Ernie, Sandy e Ned à volta da mesa da cozinha, enquanto Faye preparava café e chocolate quente.

Dom, ao telefone, tentava fazer contato com as outras oito pessoas cujos nomes apareciam na lista de hóspedes do dia 6 de julho do ano retrasado. Uma delas era Gerald Salcoe, de Monterey, Califórnia, que ocupara dois

quartos, hospedando-se com a mulher e as filhas; deixara registrado o endereço, mas não o telefone. A telefonista da região de Monterey informou a Dom que o nome não constava do catálogo.

Com um suspiro de resignação, ele passou ao nome seguinte, Cal Sharkle, o caminhoneiro amigo dos Block. Também não conseguiu nada, pois a telefonista de Evanston, subúrbio de Chicago, Illinois, informou que aquele aparelho fora desligado.

— Podemos procurar outro livro mais recente, onde Cal tenha deixado o novo número — Ernie propôs.

Faye pousou uma xícara de café ao lado do telefone e foi para a mesa.

Na terceira tentativa, Dom fez-lhes sinal positivo. Estava ligando paia Alan Rykoff, em Las Vegas. Atendeu-o uma voz de mulher.

— Senhora Rykoff? — Dom perguntou.

Um instante de hesitação no outro lado da linha, e a voz informou:

— Esse era meu nome de casada. Depois do divórcio voltei a usar meu nome de solteira, Monatella.

— Sim.. Bem, eu me chamo Dominick Corvaisis. Estou telefonando do Motel Tranqüilidade, em Elko County, Nevada. A senhora, sua filha e seu ex-marido estiveram hospedados aqui no mês de julho, há dois anos, não é verdade?

— Sim, é... é verdade.

— Precisamos muito saber se por acaso algum de vocês está enfrentando problemas... psicológicos, talvez... complicações nervosas...

A hesitação, agora, era quase uma resposta, que Jorja não confirmou.

— O que significa isso? — esbravejou. — Uma piada de mau gosto? Não sabe do que houve com Alan?

— Por favor, acredite em mim. Não sei de nada sobre seu marido. Mas sei, com certeza, que possivelmente ele, a senhora e sua filha foram afetados por... um fenômeno que ocorreu aqui durante sua estadia. Nesse caso, poderiam estar sofrendo de distúrbios psicológicos... pesadelos que não conseguem recordar... crises nervosas... sonhos com... a Lua...

— Do outro lado do fio, o som de um grito abafado. Grito de surpresa e de medo. A mulher pôs-se a chorar.

— Ainda não sei o que pode estar havendo com a senhora ou sua família — disse Dom. — Mas posso garantir-lhe que o pior já passou. Aconteça o que acontecer, daqui para a frente a senhora já não está sozinha.

Muito longe de Elko County, em Manhattan, Jack Twist passara a noite distribuindo dinheiro. Ao voltar do assalto ao carro blindado, em Connecticut, demorara horas procurando quem precisasse de muito dinheiro e merecesse ganhá-lo de presente. Às cinco horas da madrugada, afinal, conseguiu livrar-se do último maço de notas roubadas. À beira de um colapso físico e emocional, voltou ao apartamento na Quinta Avenida, caiu na cama e dormiu de imediato.

Novamente sonhou com a rodovia deserta, banhada pelo luar, onde um desconhecido o perseguia, o rosto escondido atrás de um capacete. Acordou em pânico, à uma da tarde, quando no pesadelo a Lua começava a tingir-se de vermelho intenso como sangue... O que poderia significar aquilo?

Saiu da cama, tomou um banho e barbeou-se; depois vestiu-se, comeu alguma coisa e voltou para o quarto. Abriu a porta que cobria toda a parede, removeu o fundo falso de três ou quatro prateleiras e retirou tudo que lá havia. As jóias do assalto de outubro haviam sido vendidas e boa parte do dinheiro da Máfia convertera-se em cheques que, por sua vez, foram parar em três contas numeradas em bancos suíços. Restavam apenas cento e vinte e cinco mil dólares, uma reserva que sempre mantinha ao alcance da mão para a eventualidade de precisar fugir do país.

Passou boa parte do dinheiro para uma maleta: nove maços, e cada qual com cem notas de cem dólares. Deixou no armário vinte e cinco mil dólares, quantia mais que suficiente para viver durante algum tempo. Embora estivesse disposto a distribuir uma fatia considerável da fortuna que acumulara em anos de roubos, não tinha a intenção de doar todo o dinheiro do qual dependia sua sobrevivência imediata. Esse tipo de esmola talvez fizesse bem às almas culpadas, mas constituía rematada loucura em relação ao futuro. De qualquer modo, Jack tinha ainda onze cofres alugados em diferentes bancos da cidade, nos quais guardava mais de duzentos mil dólares. E suas três contas na Suíça totalizavam mais de quatro milhões... Nunca precisaria de tanto dinheiro, por isso planejava distribuir metade dessa fortuna ao longo das

duas ou três semanas seguintes. Depois, poderia parar e decidir o que fazer da vida. Se fosse o caso, sempre poderia doar ainda mais alguns milhares de dólares.

Às três e meia da tarde, partiu em direção à cidade, levando a maleta com dinheiro. Cada um dos rostos que via, rostos hostis até a véspera, parecia sorrir-lhe, com a promessa das primeiras luzes de uma nova esperança.

A cozinha dos Block cheirava a café e chocolate quente. Pouco depois, quando Faye começou a assar bolinhos, perfumou-se de canela e açúcar queimado. Dom continuava ao telefone e os outros permaneciam reunidos à volta da mesa.

Dom conseguiu falar com Jim Gestron, um fotógrafo que naquele verão viajara pela região a serviço de uma revista. De início Jim pareceu interessado, mas à medida que se inteirava dos detalhes, tornou-se cada vez menos cordial. Não, não estava sofrendo de qualquer tipo de distúrbio, nem tinha pesadelos. Talvez fosse outro caso de lavagem cerebral bem-sucedida. O fotógrafo ouviu a descrição da nictofobia de Ernie, do sonambulismo de Dom, da obsessão pela Lua e até mesmo o do suicídio de Lomack, com a mesma atenção que daria ao palavreado de um doido de hospício. Foi o que disse a Dom, segundos antes de bater o telefone.

Harriet Bellot, em Sacramento, também não apresentava problemas. Era solteira, tinha cinquenta anos e lecionava numa escola de subúrbio. Apaixonada pelo Oeste americano, não perdia chance de viajar para lá nas férias. Falava e pensava como professora, muito segura da superioridade de sua inteligência e de sua espantosa quantidade de conhecimentos. Não esperou a descrição da segunda série de problemas possíveis para pedir desculpas e desligar o telefone.

— Está vendo? — Ernie dirigiu-se à esposa. — Você não é a única que não se lembra de nada e está bem.

— Estou bem... — ela resmungou. — Daria qualquer coisa para ter medo de escuro, ou ser sonâmbula... Não há nada pior do que a sensação de ter sido mutilada. E pior do que se tivessem amputado uma de minhas mãos... Eles amputaram três dias de minha vida!

Talvez tenha razão, pensou Dom. Talvez os pesadelos, as crises, os medos sejam menos terríveis do que a sensação de vazio no coração. Um oco total, negro, silencioso. Como uma fatia de morte na alma, pesando interminavelmente.

Quando Dominick Corvaisis ligou para a Igreja de Santa Bernardette, às quatro e vinte e seis da tarde de domingo, o padre Wycazik realizava com um grupo de paroquianos a primeira de muitas reuniões preparatórias da quermesse de primavera.

As quatro e meia, o padre Michael Gerrano entrou na sala com a notícia de que um primo do velho cura estava ligando de Elko, Nevada, à sua procura. Poucas horas antes, Brendan conseguira um lugar no voo para Reno, aproveitando uma desistência de última hora. Naquele exato momento, um dia antes da data prevista, estava num avião muito acima de qualquer cabine telefônica... Quem estaria ligando de Nevada?!

Stefan incumbiu o confrade de dar prosseguimento à reunião e correu a atender. Em poucos minutos, Dom maravilhava-se com as fantásticas históricas das curas milagrosas que o velho tinha para lhe contar, e Stefan arregalava os olhos, ao saber dos estranhos fenômenos que ocorriam em Nevada.

— Será que posso alimentar alguma esperança de que as curas que Brendan conseguiu sejam... digamos... de origem divina? — perguntou o padre, afinal.

— Para ser sincero, apesar da cura da menina e do policial, que o senhor acaba de contar... *não*. Não consigo ver a interferência de Deus em nada do que está acontecendo. Há, isso sim, pessoas, provavelmente mal-intencionadas, movendo os cordões. Somos apenas seus fantoches.

— Acho que você está certo... — Stefan suspirou. — Mas tenho o direito de esperar que Brendan foi chamado a testemunhar um acontecimento que o fará voltar para o caminho de Cristo. *Disso* não abro mão!

Dom riu.

— Pelo que ouvi até agora, e mesmo sem conhecê-lo, acho que o senhor nunca abre mão da esperança de conquistar uma alma

desencaminhada... Sou capaz de apostar que tem métodos próprios para isso. Com o senhor, nada de conversa mansa e de paciência. O senhor me pa-

rece um... estivador de Deus... músculos e coração a serviço do Senhor. E, por favor, não me interprete mal... Estou fazendo um elogio!

— Sei que é um elogio... — Stefan também riu. — Vivo com a firme convicção de que as dificuldades fortalecem a fé. Um estivador... a imagem me parece boa.

— Vamos tomar conta de seu padre Cronin. Se ele for parecido com o senhor, será um conforto tê-lo como aliado.

— *Eu* também sou seu aliado. Se achar que posso fazer alguma * coisa para ajudá-los nas investigações, basta me telefonar. Se houver a mais remota possibilidade de que ocorra um milagre, não vou perder o espetáculo, por nada deste mundo!

O nome seguinte no livro de registro era o de Bruce Cable, de Filadélfia, que se hospedara no motel com a esposa. Nenhum dos dois enfrentava problemas semelhantes aos que Dom descreveu. De início, até se mostraram interessados nos detalhes da história, mas aos poucos tornaram-se esquivos e acabaram por desligar o telefone, como os primeiros da lista.

O último nome da página era o de Thornton Wainwright, com endereço e telefone de Nova York. Uma sra. Neil Karpoly atendeu à ligação e declarou, sem rodeios, que aquele número lhe pertencia há mais de quatorze anos e que jamais ouvira falar em Thornton Wainwright. Dom perguntou-lhe se morava no endereço que constava do livro de hóspedes e a ouviu rir:

— Claro que não moro! E se Wainwright lhe disse que mora aí... comece a escolher melhor seus amigos. Posso lhe assegurar que ninguém mora nesse endereço, embora muita gente sonhe em mudar-se para lá... E o endereço da Bloomingdale's, a grande loja de departamentos.

Quando Dom voltou à mesa com a novidade, Sandy arregalou os olhos:

— Ora, telefone e endereço falsos? Será que ele só quis fazer uma brincadeira ou... há alguma coisa por trás disso?

Jack tinha um estojo cheio de cédulas de identidade, carteiras de motorista, certidões de nascimento, cartões de crédito, passaportes e até inscrições em bibliotecas públicas em nome de oito cidadãos diferentes, um dos quais era Thornton Bains Wainwright. E escolhia um nome para cada assalto.

Naquela tarde de domingo, porém, trabalhava no anonimato, distribuindo mais cem mil dólares pelas caixas de esmola de Manhattan, ou onde quer que encontrasse alguém com cara de merecer um presente.

O maior donativo do dia coube a um marinheiro e sua namorada de domingo, cujo velho carro, amassadíssimo, estava parado com problemas mecânicos perto do Central Park, junto à estátua de Simón Bolívar.

— Compre um carro novo — disse-lhe Jack, enfiando maços e maços de dinheiro nos bolsos do homem. — E, se é esperto, não conte a ninguém sobre esse presente. Não diga uma palavra aos jornais... porque o imposto de renda cairia sobre você como abelhas no mel. Não tente descobrir quem sou e não precisa agradecer. Cuide bem de sua namorada... porque ninguém sabe quanto tempo de felicidade ainda lhe resta.

Em menos de uma hora, Jack distribuiu os cem mil dólares tirados do compartimento secreto do armário. Com boa parte ainda pela frente, comprou um buquê de rosas vermelhas e rumou para o cemitério onde Jenny fora enterrada duas semanas antes. Decidira que a esposa descansaria para sempre num lugar bonito, com muita grama, flores na primavera e colinas nevadas no inverno, bem longe dos horrorosos cemitérios cinzentos e super-povoados do centro da cidade.

Chegou ao lugar pouco antes do crepúsculo e dirigiu-se à pequena cruz branca, idêntica a todas as outras mas inconfundível para ele, porque marcava o lugar onde Jenny repousava. Depositou as rosas sobre o túmulo, colocando na paisagem esbranquiça-

da um único toque colorido, e sentou-se na neve, indiferente ao frio e à umidade. Então, pôs-se a conversar com a esposa, como sempre fizera no hospital. Contou sobre o assalto ao carro blindado e sobre os presentes que andava distribuindo pela cidade. Concluía o relato, quando um vigia se aproximou para avisar que era hora de fechar o cemitério.

— Estou mudando — murmurou já de pé, olhos postos na pequena lápide com o nome de Jenny inscrito em bronze, iluminado pela luz difusa de um dos postes —, mas ainda não entendo por quê. E bom, sinto-me bem... mas não deixa de ser estranho.

O que disse a seguir surpreendeu até a si mesmo:

— Sinto que vai acontecer alguma coisa muito importante. — Começava a pressentir que a reconciliação com o mundo de seus semelhantes era apenas o primeiro passo de uma jornada que o levaria a lugares distantes. — Vai acontecer alguma coisa muito importante... — repetiu. — E é uma pena que você já não esteja comigo.

Desde cedo, enquanto consertavam as janelas, a tempestade começara a se armar para os lados do horizonte. Horas mais tarde, quando Dom saiu para ir ao aeroporto de Elko apanhar Ginger Weiss, o mundo jazia sob nuvens cinzentas. Impaciente demais para esperar no carro, Dom plantou-se na pista de pouso, o casaco fechado até o pescoço, e ouviu o ronco do pequeno avião de dez lugares antes mesmo de vê-lo atravessar as nuvens para pousar.

Motores roncando, céu cinzento, tudo contribuía para criar um clima de guerra próxima. Dom sentiu que, de certo modo, estava mesmo arregimentando suas tropas. Apenas o inimigo continuava oculto, porém tornando-se mais próximo a cada instante.

Ginger foi o quarto rosto a aparecer na porta do avião. Apesar do casaco de viagem, largo e disforme, pareceu-lhe linda, com os cabelos ondulado ao vento como uma bandeira dourada. Dom correu em sua direção. Ginger desceu a escada, pôs as malas no chão e ergueu o rosto. Esperaram um instante, um frente ao outro, sem dizer palavra, com a mesma e idêntica sensação de alí-

vio, alegria, prazer e medo. Então, obedecendo a um impulso irresistível que surpreendeu a ambos, abraçaram-se como velhos amigos que durante anos não se viam. Dom estreitou-a contra o peito, e Ginger pendurou-se a seu pescoço com força e emoção, cada qual ouvindo a pulsação acelerada do coração do outro. Dom ainda tentou encontrar a razão de tão estranha atitude, mas logo desistiu. Aquele era momento de sentir, não de pensar, e ele deixou-se levar pela emoção.

Nenhum dos dois queria separar-se e quando, afinal, Ginger deu um passo atrás ainda não sabiam o que dizer. Ela gaguejava, sem emitir qualquer som articulado, e Dom dizia coisas sem nexos. Ela apanhou uma das malas, Dom encarregou-se da outra e, sem falar, indicou-lhe o caminho do estacionamento.

Afinal, no carro, com o aquecimento ligado, Ginger murmurou:

— Mas... o que terá acontecido?!

Ainda impressionado, mas nem um pouco embaraçado pelo abraço que os unira, Dom pigarreou.

— Para dizer a verdade, não sei. Mas acho que vivemos alguma grande emoção juntos... Uma emoção que criou laços de afeto e confiança entre nós. Não dava para saber disso até nos encontrar, ou melhor, nos reencontrarmos, em carne e osso.

— Eu tinha sentido uma emoção muito estranha quando vi sua foto na contracapa do livro... Mas agora, ao sair do avião e dar com os olhos em você... foi como se o conhecesse a anos! — Ginger balançou a cabeça. — Não, foi mais do que isso. Foi como um conhecimento mais forte, como se tivéssemos vivido experiências que ninguém jamais viveu, como se houvesse entre nós um segredo... que poderia mudar o mundo! Parece loucura?

— Não... — Dom respirou fundo. — Não parece loucura... E você descreveu exatamente o que eu senti...

— Foi assim também com os outros?

— Não. Senti que éramos um grupo unido... que havia um laço de afeto entre todos, mas foi diferente. Todo o grupo passou pela mesma experiência estranha, mas você e eu vivemos experiências ainda mais estranhas... que nos marcaram mais fundo e

nos aproximaram um do outro. Quanto mais se pensa, mais mistérios aparecem!

Por mais de meia hora ficaram parados no carro, conversando. Carros e caminhões iam e vinham a seu redor, o vento soprava cada vez mais forte e gelado, mas eles nem percebiam. Só tinham olhos e ouvidos um para o outro.

Ginger falou-lhe das crises de fuga, dos períodos de inconsciência, das sessões de regressão hipnótica, do bloqueio de Azrael. Contou-lhe sobre o assassinato de Pablo Jackson e de sua fuga. Ela não mentia nem exagerava para ganhar simpatia ou piedade; ainda assim, Dom olhava-a cada vez mais fascinado. Uma mulher pequenina, magra, frágil... e forte como um leão, lutando pela própria vida!

Então foi sua vez de informar-lhe os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Quando ela o ouviu contar o sonho da véspera, sobre as primeiras lembranças que começavam a emergir, ela sorriu, aliviada. Ali estava a prova de que Pablo tinha razão: as crises de medo, as fugas, os períodos de inconsciência nada tinham a ver com problemas psicológicos. Eram crises disparadas por objetos que, de algum modo, associavam-se ao período em que estivera no Motel Tranqüilidade, como hóspede ou como prisioneira. As luvas pretas e o capacete com visor pintado a assustavam porque lhe lembravam fatos já varridos de sua memória... detalhes do traje de laboratório usado pelo pessoal encarregado de atendê-la durante o tempo em que sofrerá a lavagem cerebral. A pia a fazia correr porque, com certeza, recebera o mesmo tratamento que Dom. Fora envenenada pelo tal coronel Falkirk... e obrigaram-na a vomitar o veneno numa pia. Enquanto permanecera amarrada à cama, submeteram-na a freqüentes exames de fundo de olho para avaliar a ação das drogas que lhe ministravam... e daí o pavor que o oftalmoscópio lhe causava. Não... não estava enlouquecendo! Continuava a mesma, saudável como sempre... lutando desesperadamente para se lembrar do passado.

— E os botões do impermeável do homem que matou Pablo?

E os botões da túnica do guarda? — perguntou de repente. — Por que me assustaram tanto?

— Sabemos que o Exército participou da... operação. Verdade que os uniformes militares não têm botões com leões rampantes. Mas águias americanas e leões ingleses são meio parecidos, você pode tê-los confundido. Havia militares no motel.

— Você falou em gente com traje de laboratório, não em militares fardados.

— E possível que tenham tirado o traje de laboratório depois dos primeiros dias e voltado à farda.

— Resta apenas a lâmpada externa da casa da Rua Newbury... — Ginger suspirou. — Já lhe contei... uma lanterna de ferro batido com vidro cor de âmbar. Uma luz comum, sem nada de especial... mas me fez ficar inconsciente por vários minutos.

— Nos quartos do motel há luminárias parecidas com essa que você viu. Os abajures das mesas-de-cabeceira são exatamente assim: ferro batido e vidro cor de âmbar.

— Deus do céu! Então não há dúvida! Cada uma de minhas crises foi disparada por um objeto que vi durante a lavagem cerebral.

— Se ainda tiver alguma dúvida, isto vai convencê-la de que não estamos loucos — disse Dom, mostrando-lhe a foto onde ela aparência deitada, amarrada à cama.

Ginger empalideceu de susto ao ver-se encolhida entre os lençóis, olhos de zumbi. Depois desviou o olhar e murmurou:

— *Gevalt...* E uma loucura! O que pode ter acontecido conosco para justificar *tudo isso?* Equipamento e pessoal médico, gente treinada, tempo, muito dinheiro... Uma verdadeira conspiração... organizada e arriscadíssima! O que será que descobrimos... ou vimos?!

— Logo vamos saber.

— Será que conseguiremos? Não esqueça que *eles* mataram Pa-blo... E se mataram um, porque não liquidar mais alguns?

— Creio que há duas facções em luta. O grupo *deles* está dividido... —• Dom regulou o termostato do aquecimento do carro.

— De um lado, os “durões”, representados ou comandados pelo coronel Falkirk. De outro, os “mocinhos”... ou, pelo menos, os “menos durões”, representados por quem nos tem mandado fotos e bilhetes. Os mesmos que apareceram em meu sonho, à noite passada. Os “durões” decidiram nos envenenar para ter certeza de que jamais falaríamos. E os “mocinhos” votaram pela lavagem cerebral... por métodos menos violentos que nos permitiriam voltar à vida normal. Considerando que aqui estamos, é razoável concluir que os “mocinhos” são a maioria.

— Mas o assassino de Pablo era da turma dos “durões”.

— Provavelmente a serviço de Falkirk. O assassinato de seu amigo prova que Falkirk ainda não desistiu de matar qualquer um que ponha em risco seu segredo. E uma ameaça que ainda pesa sobre nós. De qualquer modo, os “mocinhos” estão tentando nos ajudar... o que aumenta nossas chances.

Não faz sentido nos escondermos numa toca de coelho porque o inimigo parece perigoso...

— Você tem razão — Ginger levantou o queixo. — Precisamos descobrir tudo... porque não conseguiremos viver enquanto não soubermos o que realmente aconteceu. — Correu os olhos pelo estacionamento. — Eles já devem saber que estamos nos reunindo aqui, que começamos a nos organizar. Acha que estão nos observando?

— É possível que estejam vigiando o motel — respondeu Dom.

— Mas tenho certeza de que não fui seguido ao vir para o aeroporto. Não tirei os olhos do retrovisor.

— Não precisariam segui-lo, se já soubessem para onde você ia... e quem ia encontrar...

— ... como se fôssemos duas pulguinhas pulando na palma da mão de um gigante que tudo vê e tudo sabe?

— Pode ser... Mas juro que esse gigante ainda vai se coçar muito... antes de me esmagar!

Dom soltou um gargalhada. A imagem era perfeita para ela: loira, pequenina... e feroz! Mas não servia para Ernie, por exemplo, o velho lobo-dormar,

— O que é que você está pensando? — Ginger perguntou. •— Sou “dura na queda”... Vou encher esse gigante de coceiras e deixá-lo pulando num pé só... antes que me reduza a uma manchinha de sangue.

Ao vê-la rir da própria tragédia, cheia de coragem, Dom achou-a ainda mais bonita. Ela o fascinaria mesmo que não partilhassem segredo algum, mesmo que fossem estranhos um para o outro. Uma mulher muito especial!

— Vamos nos reunir às tropas?

— Claro! Estou louca para conhecer os recrutas... As outras “pugas” do batalhão.

Meia hora antes de o sol se pôr, as sombras estendiam-se sobre as planícies e o vento levantava nuvens de poeira. Antes de chegar ao motel, Dom levou Ginger ao “lugar especial” que haviam visitado, o ponto que encantava Sandy e fazia Ernie tremer de medo. A geada brilhava sobre o capim seco e crestado de frio. Dom manteve-se a distância, as mãos metidas nos bolsos do

casaco, em silêncio. No caminho, dissera a Ginger que não lhe contaria nada antes de mostrar-lhe o lugar, para não influenciá-la.

Poucos passos a sua frente, ela andava, para a frente e para trás, como num desses shows de televisão que exibem paranormais de fim de semana, à procura de qualquer sensação “diferente”. De repente, quando a primeira impressão a atingiu como um raio esqueceu-se de tudo, de onde estava, da televisão, de Dom... e só pensou em escapar das sombras, como se, entre o capim, aparecesse um demônio. O coração disparou, e ela sentiu a respiração cada vez mais acelerada.

— Está dentro de mim. Está dentro de mim.

Ginger virou-se, tentando localizar a voz. Era a voz de Dom, mas não era ele quem falava, pelo menos não naquele momento. A voz vinha de trás dela... onde não havia nada além de capim seco e uma pequena mancha de neve brilhando à luz cinzenta.

— O que aconteceu? — Dom aproximou-se.

Não podia ser. Acabava de ouvir sua voz... do outro lado! Ouvira-o falar, na verdade, como se a voz estivesse... dentro dela!

Aos poucos, começava a entender. Uma lembrança. Um fragmento de recordação... Ouvira a voz de Dom, as palavras que ele dissera naquela outra noite, dia 6 de julho do verão retrasado. Palavras pronunciadas naquele mesmo local, repetidas duas vezes, com angústia e surpresa: “Está dentro de mim”.

Ginger virou-se e começou a voltar para a rodovia. Dom seguiu-a, chamou-a duas ou três vezes, mas ela disparou a correr, como louca, até chegar ao carro. Mal podia falar, tremia dos pés à cabeça e com muito esforço conseguiu contar-lhe o que ouviu.

— “Está dentro de mim”... — ele repetiu, a testa franzida. — Tem certeza de que eu lhe disse isso naquela noite?

— Tenho.

— Mas... que diabo significa?

— Não sei, mas me arrepiou.

Um instante de silêncio e Dom fechou os olhos:

— E... é de dar arrepios.

A noite, no motel, Ginger sentia-se num dia de festa. Apesar das dificuldades, todos mostravam-se felizes por estar reunidos. Trabalharam juntos no preparo do jantar, e, aos poucos, ela se deixou contagiar pela solidariedade que os ligava.

Cozinheiro profissional, Ned encarregou-se do prato principal; peito de frango assado, com molho de tomate e creme de leite. Aos poucos, impôs sua simpatia a Ginger. Seria impossível não gostar de alguém tão afetuoso: cada gesto, cada palavra denotavam seu amor pela esposa. Quanto a Sandy, a única beneficiada pelos efeitos do “fenômeno de julho”, era uma moça meiga, com os olhos brilhantes de felicidade, da alegria de renascer. Tagarelando como boas e velhas amigas, Ginger e Sandy cuidaram dos legumes e da salada.

Faye encarregou-se das sobremesas: torta fria de chocolate e creme de bananas. Ginger observava-a, descobrindo a cada instante novas e surpreendentes semelhanças entre ela e Rita Hannaby.

Só eram diferentes nos detalhes superficiais; quanto ao essencial, contudo, poderiam ser irmãs gêmeas: eficientes, fortes e cheias de calor humano.

Dom e Ernie cuidavam de juntar as mesas pequenas, arrumando toalhas, pratos e talheres para todos. A princípio assustado, Ernie agora se mostrava gentil e cheio de atenções. Era difícil não se comover com a tragédia que era para ele o medo do escuro... Um homem forte como um touro, reduzido à miséria de chorar de medo, como um bebê.

De todos, apenas Dom tocava-a de modo especial. A mesma sensação de solidariedade que a ligava aos outros também os aproximava, porém, havia algo mais. O passado, sem dúvida. Alguma coisa muito especial, que apenas os dois haviam partilhado. Mas não era só isso. Dom a atraía como homem, no presente, em carne e osso. Outra surpresa, porque Ginger jamais se sentiria sexualmente atraída por alguém que não conhecesse bem. Assustada com o rumo que tomavam seus sentimentos, ela tratou de convencer-se de que Dom não lhe dava a mínima importância. O que era bobagem.. a julgar pelo modo como a olhava.

Durante o jantar, continuaram a discutir idéias, possibilidades e planos de ação, tentando alinhavar os retalhos de lembranças que cada um tinha a

oferecer. Como Dom, Ginger também não se lembrava de ter ouvido falar em “vazamento de substância tóxica”, coisa que os Block e os Sarver recordavam com detalhes. Dom afinal conseguiu convencê-los de que também o “vazamento” era falso. Com certeza os dois e o casal amigo que os visitava naquela noite haviam ficado no motel. Faye e Ernie garantiram que os Jamison não tinham pesadelos, sonhos ou alterações de comportamento — sinal de que o bloqueio de memória, no caso deles, como no de Faye, continuava intato. De qualquer modo, mais dia menos dia, seria necessário procurá-los para conversar sobre o assunto.

Não foi fácil, mas Dom também conseguiu convencer Ned e Sandy de que não haviam passado três dias de folga no *trailer*, lendo e vendo televisão, porque, como os outros, estavam amar-

rados às camas, com agulhas no braço, tomando drogas para esquecer.

— Não é estranho — Faye perguntou — que cada um de nós se lembre de detalhes diferentes? Não seria mais fácil, para eles, fazer-nos acreditar na mesma mentira?

— No caso de vocês — Ginger tentou explicar —, que vivem aqui, era importante fazer com que se lembrassem do “vazamento” e do bloqueio da rodovia, porque o assunto estaria nos jornais, as pessoas comentariam, e vocês acabariam sabendo de alguns detalhes do caso. Mas Dom e eu, que estávamos de passagem e, com muita probabilidade, jamais nos encontraríamos ou volta-ríamos a falar do assunto, não precisávamos nos “lembrar” dessa história. Por isso, não incluíram isso em nossa memória.

— Não seria mais seguro se todos soubéssemos das mesmas coisas? — perguntou Sandy, levantando os olhos de um pedaço de frango espetado no garfo.

— Li tudo que encontrei sobre lavagem cerebral — declarou Ginger —, desde que Pablo Jackson descobriu que fui vítima de um bloqueio de memória. Pelo que entendi, a única explicação possível para o fato de termos lembranças diferentes é a maior facilidade em implantar um bloco completo de lembranças falsas, sem qualquer relação com a realidade. Eles não tinham muito tempo para implantar em nossa memória pequenos detalhes que dão verossimilhança às mentiras, entende? Você pode mentir a alguém e di-

zer, por exemplo, que foi ao cinema. Se ficar nisso, a mentira pode passar por verdade. Mas se tentar entrar em detalhes, como hora, local, dia, nome do cinema, do filme, dos atores, correrá o risco de entrar em contradição e ver sua mentira desmascarada. Por essa razão, eles deram “tratamento de luxo” só para vocês, que vivem por aqui. Dom e eu recebemos “tratamento comum”...

— Faz sentido... — Ernie concordou.

— Mas, afinal — Faye levantou a voz —, houve ou não houve o tal vazamento? E o bloqueio da rodovia?

— Acho que houve algum tipo de contaminação — Ginger declarou cruzando os talheres. — No sonho de Dom, que na verdade não é sonho mas lembrança, os dois homens que o fazem vomitar usam esses trajes próprios para áreas contaminadas. Se o vazamento fosse verdadeiro, seria normal que os soldados encarregados de evacuar a área usassem esses uniformes na rua, ao ar livre, para proteger-se. Se fosse falso, teriam vestido tais trajes para despistar a imprensa, por exemplo. Mas por que os usariam aqui, dentro do motel, onde só nós poderíamos vê-los? Minha resposta é simples: porque era absolutamente indispensável.

Ernie olhou em volta, como se visse uma nesga de noite esgueirando-se pelas janelas fechadas com compensado, pigarreou e balançou a cabeça.

— Ora... E que tipo de contaminação poderia ser? — comentou. — Você, que é médica, tem alguma idéia? Poderia ser contaminação por gás ou por alguma bactéria? Os jornais falavam em produtos químicos que estariam sendo entregues na base de Shenkfield.

Ginger pensava no assunto muito antes da pergunta. E chegou a uma conclusão que a deixou preocupada.

— De modo geral, os trajes usados em casos de vazamento de substância tóxica são vedados... Incluem um respirador que impede a inalação de substâncias voláteis, e uma roupa de tecido especial que protege o corpo da cabeça aos pés, impedindo que qualquer produto químico entre em contato com a pele. Em alguns casos, juntam-se os dois equipamentos. Dom descreveu um traje especial de tecido grosso e impermeável, com mangas e luvas numa só peça, e um pesado capacete à prova de ar, com respirador autôno-

mo. Nós, médicos, conhecemos esse... é usado nos laboratórios de pesquisa de agentes biológicos, como bactérias ou micróbios.

Fez-se silêncio à volta da mesa. Ned levou aos lábios o copo de cerveja e bebeu como se estivesse prestes a começar o combate às bactérias.

— Então fomos contaminados por um micróbio... — disse.

— Um desses micróbios “inventados”... Guerra bacteriológica — Faye pensou em voz alta, os olhos fixos no prato.

— Um desses “bichos” que eles criam em Shenkfield... — Er-nie completou. — Um desses “bichos” nojentos...

— Mas não estamos doentes. Nem morremos — Sandy observou, sorrindo.

— Só porque fomos atendidos e tratados a tempo — explicou Ginger. — As armas biológicas testadas em todo o mundo são criadas ao mesmo tempo que se cria o antídoto, prevendo-se casos de acidente ou a possibilidade de que a experiência fuja ao controle do pesquisador. Se fomos contaminados, tivemos a sorte de receber o antídoto a tempo...

— Aos poucos as coisas se esclarecem, não é? Logo vamos lembrar de tudo e...

— Não — Dom interrompeu o discurso assustado de Ernie. — A teoria de Ginger é boa, mas não explica o que aconteceu aqui naquela sexta-feira. Não explica o que vimos. Não explica o “terremoto” no restaurante. Não explica a explosão das janelas... nem a de ontem, nem a do verão retrasado.

— E não explica os fenômenos estranhos — Faye completou. — As fotos da Lua dançando na casa de Lomack, as “milagrosas” curas do padre Cronin...

Os seis entreolharam-se, cada qual esperando que o outro achasse um modo de explicar. Ninguém disse palavra.

A menos de quinhentos quilômetros a oeste do Motel Tranqüilidade, Brendan Cronin deitou-se e **apagou** a luz. Eram nove horas da noite, mas ele ainda vivia o horário de Chicago, onde já passava das onze.

Apesar do cansaço, não conseguia dormir. Depois de achar um motel onde passar a noite, em Reno, e de jantar numa lanchonete pelo caminho, telefonara para o padre Wyczak. Foi a primeira vez que ouviu pronunciar o

nome de Dominick Corvaisis, com notícias suficientes para tirar-lhe o sono. Não era o único a ter problemas. O mistério era maior e continuava a crescer. Chegou

a pensar em telefonar para o Motel Tranqüilidade, mas preferiu esperar até a manhã seguinte.

Já estava deitado fazia quase uma hora, pensando no que acontecera duas noites antes na casa paroquial, quando a loucura recomeçou. Dessa vez não havia luar, nem qualquer outra fonte luminosa. A luz brilhou de repente, por cima da cama, vindo de todos os lados, como se cada átomo de ar se transformasse de repente num pequeno sol, a princípio bem esbranquiçado, depois mais brilhante a cada segundo, passando do branco ao prata... Brendan sentiu-se deitado em campo aberto, banhado de luar.

Não era a magnífica luz dourada que lhe aparecia em sonhos. De repente, a luz esbranquiçada que brilhava na cabeceira da cama tornou-se vermelha, cada vez mais vermelha... e ficou suspensa no ar, como uma gigantesca bolha de sangue.

Está dentro de mim, Brendan pensou, sem entender. E o medo abateu-se sobre ele como uma onda gelada.

O coração batia, disparado, a ponto de explodir. Ele mal respirava. Nas palmas das mãos, os anéis reapareceram, latejantes como vermes vivos.

2. SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JANEIRO

Na manhã seguinte, quando se reuniram na cozinha para o café da manhã, Dom descobriu que, como previa, a noite fora infernal para todos.

— Começamos a nos lembrar — disse. — O fato de estarmos juntos... o fato de falarmos de nossas lembranças está pressionando os mecanismos do bloqueio. Aos poucos conseguiremos derrubá-lo.

Dom, Ginger, Ernie e Ned tiveram sonhos muito reais e idênticos entre si, como cópias do mesmo filme. Viram-se amarrados em camas do motel, atendidos por homens em trajes “vedados”, como explicara a dra. Weiss. Sandy sonhara com uma cena agradável, da qual, entretanto, não conseguia lembrar-se. E Faye dormira um sono sem sonhos, até acordar.

Ned despertara tão assustado que, ao chegar de Beowawe para o café, declarou que passaria a pernoitar num dos quartos vagos.

— Acordei com um pesadelo e não consegui dormir mais — disse. — Acho que estamos muito isolados naquele *trailer*. Se o tal coronel Falkirk começar a nos matar, Sandy e eu somos alvos fáceis.

Dom sorriu, solidário com sua aflição, sabendo que os sonhos eram completa novidade para ele. Aos poucos, ao longo de semanas e semanas de suplício, aprendera a conviver com as crises de medo. A novidade, no caso de Ned, era um agravante. Sem falar, é claro, que o medo generalizado de um eventual ataque das forças do mal, chefiadas por Falkirk, era justificado. Quanto mais se acercavam da verdade, mais se expunham à ira do malévolo coronel. De qualquer modo, Dom pressentia que não seriam atacados até a chegada do padre Cronin, de Jorja Monatella e, talvez, de alguma outra vítima. Quando estivessem reunidos no mesmo local, então sim, deveriam organizar-se para a guerra.

Ned beliscava uma fatia de pão, sem apetite nem entusiasmo, falando do que vira em sonho. Primeiro, foram os homens no traje “vedado”... Depois, os mesmos homens em trajes comuns, sinal de que o risco de contágio fora superado. Um deles era o coronel Falkirk, em pessoa.

— Tinha uns cinqüenta anos — descreveu-o —, cabelos escuros, têmporas grisalhas, olhos cinzentos e frios como aço, nariz fino, lábios estreitos.

Como Falkirk também era personagem de seus pesadelos, Er-nie confirmou os detalhes com acenos de cabeça. O sonho, idêntico nos menores detalhes, confirmava o que todos já sabiam: as recordações começavam a brotar, aproximando-se cada vez mais da noite de 6 de julho do verão retrasado!

— Em meu sonho — disse Ernie —, alguém chamava Falkirk pelo primeiro nome... Leland. Coronel Leland Falkirk.

— Deve trabalhar em Shenfield — acrescentou Ginger.

— Vamos descobrir — prometeu Dom, sorrindo para ela.

No seu sonho, Ginger vira-se no quarto número 5, mas não estava sozinha.

— Havia uma mulher ruiva na cama hospitalar, ao lado da minha — contou. — Aparentava uns quarenta anos; tinha uma agulha intravenosa espetada no braço, eletrodos presos no tórax e o mesmo olhar vazio das fotos.

— Eu também não estava sozinho — Dom lembrou-se. — Um homem estava na cama ao lado. Era jovem, com pouco mais de vinte anos, pálido, bigode crescido e olhos de zumbi...

— Mas... o que significa isso? — Faye virou-se de costas para a pia. — Será que havia tanta gente aqui? Vinte quartos ocupados com zumbis submetidos a lavagem cerebral?!

— O livro da recepção registra apenas onze hóspedes — Sandy observou.

— Com certeza, havia gente na estrada, em viagem... gente que deve ter visto o que vimos — Ginger suspirou. — O Exército deve ter providenciado para que todos se reunissem aqui, sem exigir que assinassem o livro...

— Mas... quantos seriam? — Faye arregalou os olhos.

— Talvez nunca descobriremos — respondeu Dom. — Na verdade, não os conhecemos. Apenas ficamos no mesmo quarto com alguns deles... dormindo sob o efeito de drogas. Talvez nos lembremos de um ou outro rosto, mas não descobriremos seus nomes ou endereços.

De qualquer modo, as lembranças começavam a aflorar. Mais dia, menos dia, a verdade acabaria aparecendo. Para Dom, já era mais do que podia esperar. Quando recuperassem plenamente a memória, estariam livres dos pesadelos, do sonambulismo, do medo, e voltariam a viver. A menos que, an-

tes disso, chegassem as tropas do coronel Falkirk e os aniquilassem com artilharia pesada.

Na segunda-feira de manhã, enquanto o grupo se reunia para tomar o café da manhã no Motel Tranqüilidade, Jack Twist entrava num banco da Quinta Avenida e, acompanhado de uma funcionária, dirigia-se ao compartimento dos cofres particulares.

A moça, muito atraente, indicou-lhe um dos cofres, onde se lia o nome do proprietário: sr. Farnham, outra identidade falsa. Ambos introduziram as duas pequenas chaves na fechadura, removeram juntos a caixa de metal, e Jack ficou sozinho no cubículo reservado aos clientes. Levantou a tampa do cofre e arregalou os olhos, surpreso. Ali estava um cartão-postal que jamais vira. Não era possível... ninguém, no planeta, sabia da existência daquele cofre!

Os cinco envelopes brancos lá estavam, aparentemente intatos, cada qual com cinco mil dólares em notas de cem e vinte. Aquele era o primeiro dos onze cofres que alugava em diferentes bancos e dos quais pretendia retirar cento e sessenta mil dólares, quinze mil de cada um, para doar aos necessitados. Abriu os envelopes e conferiu o dinheiro: não faltava um centavo.

A descoberta não o tranqüilizou, porque a simples presença do cartão-postal era prova suficiente de que alguém descobrira pelo menos uma de suas identidades secretas. A partir daí, sua liberdade já não valia um vintém. Alguém sabia que Gregory Farnham era um nome falso.

Um cartão-postal... Sem palavra, sem endereço, ali, dentro de um cofre que só ele conhecia. Motel Tranqüilidade...

No verão retrasado, depois do assalto à mansão de Avril McAl-lister em Marin County e da proveitosa passagem por Reno, Jack alugara um carro e viajara para o leste. Passara a primeira noite de viagem naquele motel, junto à Rodovia 80. Esquecera-se do fato, mas bastou-lhe pôr os olhos no postal para reconhecer o lugar.

Quem poderia saber que estivera lá? Branch Pollard? Não, impossível. Jack tinha certeza de que nem lhe falara sobre a idéia de voltar de carro a Nova York. O terceiro homem, um rapaz de Los Angeles chamado Sal Finrow, contratado especialmente para o assalto à mansão McAllister, também

não poderia saber; e Jack nunca mais o vira depois da partilha dos magros frutos da operação.

De repente, num lampejo, entendeu que a presença do cartão significava que *três* de suas identidades secretas haviam sido descobertas. O cofre estava alugado em nome de Farnham, mas ele

se registrara no motel como Thornton Wainwright. Prova de que alguém sabia que as duas identidades correspondiam ao mesmo homem, Jack Twist, ou seja, Philippe Deon, o proprietário do apartamento da Quinta Avenida.

Deus do céu!

Jack sentou-se na banquetta do cubículo, assustado, tentando deduzir quem teria provocado tamanho estrago em sua vida. Não era ninguém da polícia ou do FBI, porque qualquer um desses o prenderia sem pensar duas vezes; nem a polícia nem o FBI perderiam tempo e dinheiro brincando de gato e rato. Também não podia ser um de seus cúmplices, porque nenhum deles conhecia detalhes da fachada legal de sua vida ou o endereço onde morava. Até ali, o esquema montado para mantê-los afastados do apartamento da Quinta Avenida funcionara à perfeição. Além disso, se um deles conseguisse chegar ao cofre por que perderia tempo com cartões-postais e deixaria os dólares intatos?

Então... quem estava atrás dele?

Pensou na Máfia, no assalto ao armazém, com Mort e Tommy Sung, dia 3 de dezembro. Seria a Máfia? Talvez... porque essa, sim, tinha tempo, dinheiro e motivos de sobra para acabar com ele. Bem instruídos sobre o que fazer e como agir, os rapazes de qualquer das “famílias” atingidas pelo roubo poderiam ter deixado o cartão junto ao dinheiro para avisar-lhe de que não lhes interessavam os dólares... que queriam mesmo era esfolá-lo vivo, como exemplo para outros “espertinhos” audaciosos. O cartão podia ser idéia dos rapazes... Eles gostavam de levar suas vítimas ao desespero, tentando adivinhar de onde viria o golpe que os destruiria.

Por outro lado, ainda que tivesse descoberto as identidades secretas, por que a Máfia se daria ao trabalho de viajar quilômetros e quilômetros para comprar um cartão-postal de um motel em Nevada?! Não bastaria deixar

uma foto do armazém assaltado? Não... Não era a Máfia. Mas... quem poderia ser?

Guardou os vinte e cinco mil dólares no bolso do casaco; já não podia pensar em doar o dinheiro do qual dependia para fugir. Colocou o postal na carteira e tocou a campainha, chamando a funcionária. Dois minutos depois estava na rua, respirando fundo o ar frio de janeiro, tentando descobrir se alguém o espreitava. Não viu ninguém que lhe parecesse suspeito.

Parou um instante, à margem da multidão que andava apressada pelas calçadas. Precisava sair da cidade o mais rapidamente possível e esconder-se por algum tempo. Contudo, por mais forte que fosse o impulso de fugir, decidiu pensar um pouco. Aprendera no Exército que não é seguro tomar qualquer decisão importante antes de analisar bem os motivos e as possíveis conseqüências. Além disso, tinha que encontrar resposta para muitas perguntas, como, por exemplo: quem o perseguia? Como essa ‘pessoa descobrira as identidades secretas? O que queria com ele?

Fez sinal para um táxi que passava e mandou-o seguir até a esquina de Wall Street com William, no coração do centro financeiro da cidade. Naquela área, tinha outros seis cofres alugados em bancos diferentes e começou a visitá-los. Dos quatro primeiros recolheu cem mil dólares e novos cartões do Motel Tranqüilidade.

Antes do quinto cofre, resolveu parar. Já não tinha bolsos onde colocar dinheiro, nem dúvidas de que os outros cofres, todos alugados sob diferentes identidades, haviam sido igualmente violados. Já recolhera dinheiro suficiente para viajar, e sempre poderia contar com os quatro milhões da Suíça... se o desconhecido que o perseguia estivesse interessado em limpar os cofres.

Era hora de pensar no Motel Tranqüilidade, em Nevada. Havia algo estranho nas lembranças que começavam a surgir.

Ficara lá três dias, aproveitando o sossego do local para ler e descansar. Naquele momento, pela primeira vez, ocorria-lhe a idéia de que jamais devia ter feito isso. Claro que não! Estava num carro alugado, com o porta-malas recheado de dinheiro... e fazia duas semanas que não via Jenny! Saíra

de Reno com a firme decisão de ir logo para casa... Que sentido fazia mudar de idéia, no meio do caminho?

Um segundo táxi levou-o de volta ao apartamento da Quinta Avenida, onde chegou pouco antes das onze da manhã. Correu

ao telefone, ligou para uma pequena locadora de aviões com a qual fizera negócios antes, e respirou aliviado ao ser informado de que podia contar com um jatinho pronto para decolar no instante em que chegasse ao aeroporto.

Retirou o dinheiro deixado no compartimento secreto do fundo do armário. Somado ao que trouxera dos cofres, dispunha de cento e cinquenta mil dólares para começar a agir. Seguramente, uma soma suficiente para enfrentar qualquer emergência.

Sempre apressado, mas com precisão militar, apanhou três malas, abriu-as sobre a cama e em cada uma colocou algumas peças de roupa, deixando espaço suficiente para acomodar um revólver, um fuzil e uma submetralhadora, com as respectivas munições, além de dois silenciadores que retirou do armário.

A capacidade de sentir-se culpado — conquista recente e dramática que nas últimas vinte e quatro horas alterara profundamente o que pensava sobre os homens e o mundo — não o impedia de lutar pela vida. Qualquer cidadão, por mais honrado e honesto que seja ou esteja disposto a ser, não pode perder o instinto de sobrevivência. E poucos cidadãos honrados no planeta poderiam orgulhar-se de ser tão eficientes quanto Jack Twist quando se tratava de defender a própria pele. Além do mais, depois de oito anos de solidão, ele já começava a sonhar com uma vida normal. E não permitiria que ninguém lhe roubasse a última chance de ser feliz.

Em outra mala, acomodou o utilíssimo computador portátil usado no assalto ao carro blindado. Decidiu levar um binóculo de visão noturna, com adaptador para fuzil, uma dezena de itens menores, e um aparelho privativo da polícia que abria qualquer fechadura sem causar o menor dano ao segredo.

Embora o armamento estivesse distribuído entre as três malas, nenhuma delas parecia leve quando Jack as fechou. Se algum carregador as estranhas-

se, trataria de ser discreto, mas ninguém se atreveria a interrogar o passageiro de um jato alugado... Uma das vantagens de ter dinheiro era burlar a segurança e evitar as longas filas de espera.

Jack desceu com as malas, chamou um táxi e rumou para o aeroporto La Guardia. O jatinho o levaria até o aeroporto de Salt Lake City, Utah, o maior na área de Elko, mais próximo da cidade do que o terminal de Reno. A companhia informara que estavam previstas tempestades de neve nas próximas horas, concentradas na região de Reno — outro bom motivo para escolher a rota de Salt Lake City, onde poderia conseguir um avião que o levasse a Elko. Com isso, Jack teria três horas de vantagem, chegando a seu destino pouco antes de escurecer.

Perfeito. Era importante que estivesse escuro para executar o plano que acabava de elaborar.

Havia um único significado possível para os cartões-postais: alguém em Nevada, informado de todos os detalhes importantes de sua vida criminosa, decidira convidá-lo para uma visita... talvez no próprio Motel Tranquilidade. Convite ou intimação, o postal constituía essencialmente um aviso, que seria estupidez ignorar.

Jack não sabia se estava sendo seguido até o aeroporto... e não se deu ao trabalho de tentar descobrir. Se estivessem vigiando o telefone do apartamento, saberiam de todos os seus passos. Parte do sucesso do plano dependia exatamente de que *todos* o vissem partir e ninguém o visse chegar a Elko.

Na segunda-feira de manhã, depois do café, Dom e Ginger foram visitar a redação do único jornal de Elko, que, como era previsível, funcionava numa casa térrea situada em rua tranqüila e, como qualquer outro jornal, não importa o tamanho, proibia o acesso do público aos arquivos.

Ocupado com outro tipo de trabalho, Dom ainda não tivera tempo de habituar-se à fama de escritor, que já crescia por todo o país. A palavra “escritor” soava pretensiosa e pedante a seus ouvidos.

A entrada do jornal, a recepcionista, Brenda Hennerling, não o reconheceu até que Ginger falou no *Crepúsculo*, que acabava de ser lançado.

— Mas... é “o livro do mês”! — exclamou Brenda, arregalando

os olhos. — Você é o autor? Verdade, mesmo?! Acabei de receber o volume do Clube de leitura. Gosto muito de ler. Puxa, é uma honra conhecer um autor de sucesso.

Quanto mais a moça falava, mais Dom se encolhia, lembrando a frase de Robert Stevenson: “O que importa é a história, a história bem contada, e não quem a conta”. Pelo sim, pelo não, foi a fama do “autor de sucesso” que lhes abriu as portas do arquivo do *Sentinela de Elko*. Não passava de uma sala pequena e sem janelas, duas mesas, duas máquinas de escrever, um projetor, um armário na qual se comprimiam caixas de microfilmes e seis estantes altas com as edições do jornal ainda não microfilmadas.

— E eu que esqueci que você é mesmo um “autor de sucesso”! — Ginger riu, quando Brenda Hennerling os deixou a sós, depois de mostrar-lhes como deviam operar o projetor de microfilmes.

— Pois eu também esqueci... Mas isso é bobagem. Não sou um “autor de sucesso”.

— Se ainda não é... vai ser, muito em breve. E uma pena... que os problemas que nos atormentam não lhe permitam saborear a publicação de seu primeiro romance!

— Realmente... — ele concordou, perguntando em seguida: — E você? E sua carreira?

— A situação já foi pior... Agora sei que voltarei a trabalhar algum dia, quando tudo estiver resolvido — declarou, a voz firme e segura exprimindo, melhor que as palavras, sua confiança na vida. — Mas o primeiro livro... é o primeiro livro! Você está perdendo um momento que nunca se repetirá.

Surpresa das surpresas, Dom sentiu o rosto quente, vermelho como pimentão maduro. Parte pelos elogios ao livro, parte pela referência à fama do “autor de sucesso”, mas principalmente pelo interesse e pela compreensão de Ginger. Mulher nenhuma, depois dos trinta anos, o fizera corar como um adolescente.

Calaram-se, aproximaram-se das estantes e começaram a procurar as edições de julho do verão retrasado, que ainda não haviam

sido microfilmadas. Ginger retirou os jornais de duas semanas, a partir de sábado, dia 7 de julho.

O evento misterioso que todos haviam presenciado e do qual ninguém se lembrava ocorrera na noite de sexta-feira, 6 de julho, mas o *Sentinela* do dia seguinte não trazia uma linha sobre tal “vazamento tóxico” e o conseqüente bloqueio da rodovia. Todas as matérias seguiam o estilo típico de um pequeno jornal de interior, onde não acontecia nada de tão extraordinário que fizesse o redator correr para as salas de impressão e ordenar que parassem as máquinas para estampar nova manchete na primeira página. Como o *Sentinela* não circulava aos domingos, as primeiras manchetes começaram a aparecer na edição de segunda-feira, dia 9 de julho. Segunda e terça, as manchetes diziam: VAZAMENTO DE SUBSTÂNCIA TÓXICA PROVOCA INTERDIÇÃO DA RODOVIA 80. O EXÉRCITO INTERDITA A REGIÃO.

GÁS VENENOSO VAZOU DO CAMINHÃO? O EXÉRCITO EVACUA A ÁREA CONTAMINADA. ONDE ESTÁ A POPULAÇÃO? CAMPO DE TESTES DE SHENKFIELD: VERDADES E MENTIRAS! INTERDIÇÃO DA ESTRADA ENTRA NO QUARTO DIA! E depois: CONCLUÍDA A LIMPEZA DA ÁREA CONTAMINADA.

Dom e Ginger experimentavam uma sensação estranha ao tomar conhecimento de fatos que ambos supostamente presenciaram e dos quais não se lembravam. No entanto, à medida que lia, Dom descobriu que a teoria de Ginger estava certa: era evidente que os técnicos encarregados da lavagem cerebral teriam precisado de mais tempo, duas ou três semanas, para implantar todas as lembranças, inclusive as referentes ao “vazamento”. Assim, resolveram trabalhar de modo especial com os habitantes locais e limitaram-se a aplicar uma lavagem superficial nos forasteiros em trânsito. Para dispensar igual tratamento a todos, teria sido necessário interditar por mais tempo a rodovia, o que chamaria muita atenção.

Na edição de terça-feira, 11 de julho, o jornal continuava: REABERTA A RODOVIA. INTERDIÇÃO LEVANTADA. POPULAÇÃO EVACUADA REAPARECE: NINGUÉM VIU NADA.

Em edições normais, o *Sentinela* circulava com apenas um caderno de trinta e duas páginas no máximo. Durante aquela semana de julho, todo o es-

paço disponível destinava-se à cobertura do “vazamento”, pois havia repórteres vindos de outras cidades e, pela primeira vez em sua existência, o pequeno jornal vivia dias de glória. Dom e Ginger liam atentamente, à procura de explicações sobre o passado ou de idéias sobre como agir no futuro.

Uma primeira informação, que saltava das entrelinhas, era importante porque permitia avaliar até que ponto o Exército estava disposto a mentir para encobrir a verdade. Naquela noite autoridades militares interditaram mais de quinze quilômetros de estrada — sem notificar nem o delegado de Elko, nem a polícia estadual de Nevada — e assumiram o controle de toda a região. A “quarentena” de que Faye e Ernie falavam. Procedimento fora de rotina e muito estranho. Durante a interdição, todas as edições do *Sentinela* estamparam declarações indignadas do delegado local e das autoridades estaduais, que esbravejavam contra a “intervenção indevida das forças federais em nossa jurisdição”. Nem a polícia local, nem a estadual foram chamadas a participar da operação de evacuação da área. Em momento algum cogitou-se de consultar os dirigentes dali sobre como agir no caso de ocorrência de ventos ou tempestades que pudessem carregar a “nuvem tóxica” para outras regiões. Em todas as notícias ficava evidente que o Exército se reservara os direitos de única autoridade com jurisdição sobre a área atingida.

Dois dias depois do “vazamento”, o delegado de Elko County, Foster Hanks, ainda se lastimava em declaração exclusiva: “É minha cidade... o povo daqui me elegeu... sou responsável pela segurança da região! E não posso concordar com essa ditadura do Exército, que insiste em nos deixar à margem das decisões. A menos que os comandantes militares sejam mais receptivos a nossas exigências e nos informem exatamente o que está acontecendo, seremos obrigados a procurar a Justiça e exigir, pelos caminhos legais, que o direito dos cidadãos seja respeitado”.

No dia seguinte, o *Sentinela* informava que o homem cumprira a ameaça, mas, como a crise já parecia superada, a reclamação que apresentou ao tribunal tornara-se sem efeito.

— Bom sinal... — Dom comentou, apontando a notícia. — Nem *todas* as autoridades estão unidas contra nós. Nosso inimigo é, apenas...

— ... o Exército dos Estados Unidos da América... — completou Ginger, rindo; não conseguia imaginar um inimigo mais temível.

— Nós... contra o Exército! — Dom suspirou. — Não vai ser fácil...

De acordo com o jornal, os militares bloquearam a Rodovia 80, único acesso à área sob quarentena, e fechara também um trecho de oito quilômetros de uma ligação com a rodovia. Todas as aeronaves comerciais e civis foram proibidas de sobrevoar a região, patrulhada por helicópteros militares. Um grande contingente de soldados fora mobilizado para o controle da área. A julgar pelas notícias, o Exército não poupou pessoal, tempo e dinheiro para bloquear todos os caminhos para o local. Havia gente que afirmava ter visto, à noite, soldados equipados com binóculos de lentes sensíveis e raios infravermelhos patrulhando a planície, à cata de eventuais invasores.

— O jornal fala da possibilidade de “vazamento de um gás que atacaria os tecidos nervosos” — Ginger pensou em voz alta. — Essas são as substâncias tóxicas mais terríveis que existem... Ainda assim... tenho a impressão de que o Exército exagerou na segurança. Além disso, embora não seja especialista em guerra química... não posso acreditar que qualquer gás... seja lá qual for e vaze o quanto quiser... represente tamanha ameaça... A área é extensa demais! Ora... se o Exército afirma que apenas *um* cilindro de gás foi danificado... que perigo poder ia haver? Os gases são voláteis... tendem a dispersar-se no ar... Dois quilômetros além do local do acidente, a concentração de gás tóxico na atmosfera já seria praticamente insignificante! E ainda mais disperso estaria a três quilômetros do ponto de vazamento...

— O que nos traz de volta a sua idéia inicial: contaminação por bactéria.

— É possível — Ginger concordou. — Mas nos faltam elementos para termos certeza. De qualquer modo, o que aconteceu aqui foi mais grave que um simples vazamento de gás.

Já no sábado, 7 de julho, um dia após a interdição da rodovia, um dos repórteres do *Sentinela* observou que os soldados que tinham acesso à região de quarentena usavam um distintivo especial nos uniformes, um círculo negro com uma estrela verde no centro.

“Convocamos equipes dos batalhões de defesa civil”, dizia o jornal, citando o porta-voz do comando militar. “São conhecidos como os homens da DERO, uma espécie de nome em código. São soldados excepcionalmente bem treinados, com grande experiência de combate, com salvo-conduto para circular em quaisquer instalações do Exército, mesmo as de segurança máxima.”

— Isso deve significar que os brutamontes são pagos para ficar de boca fechada — Dom traduziu.

O porta-voz continuava: “São treinados para compor uma tropa de elite, capaz de enfrentar qualquer tipo de crise que possa abater-se sobre a população civil, como ataques terroristas a instalações militares ou acidentes em bases de mísseis nucleares. Não que haja qualquer possibilidade de envolvimento de terroristas na crise que ora enfrentamos, ou problemas relacionados a risco de explosão nuclear. Mas, como há uma base da DERO localizada em área próxima da base de Shenkfield, pareceu-nos interessante chamá-los para assegurar a tranquilidade da população”.

Por mais que o repórter insistisse, o porta-voz recusara-se a informar a localização de tal base da DERO: “Não estou autorizado a fornecer esse tipo de informação à imprensa”, dissera. E se o porta-voz não falava, menos ainda os homens da DERO.

— *Shmontses!* — Ginger esmurrou a mesa.

— O quê?!

— Essa história toda... — Ela acomodou-se na cadeira e cruzou os braços. — Isso é *shmontses!*

— Mas o que quer dizer?

— Oh! Desculpe... É uma palavra em ídiche. Meu pai a usava muito. Significa alguma coisa que é... absurda, impossível, que não merece atenção. Conversa fiada, digamos. Essa história do porta-voz é *shmontses* do começo ao fim — concluiu, levando a mão ao pescoço para massagear os músculos doloridos. — Você quer que eu acredite que os tais soldados da DERO estavam neste fim de mundo *por* acaso?!

— Pelo que diz o jornal, o Exército bloqueou a rodovia e o pessoal da DERO apareceu pouco depois de uma hora. Assim, se não estavam por

aqui... estariam vindo para cá porque sabiam o que ia acontecer?!

— E a única explicação razoável.

— Está querendo dizer que o Exército sabia que haveria um vazamento?! — Dom levantou os olhos e franziu as sobrancelhas.

— Ah, já nem sei o que pensar... O máximo que minha inteligência admite é que exista uma base deles em Utah, ou ao sul do Idaho. Ainda assim, é longe demais para que chegassem aqui em apenas uma hora, mesmo que saíssem voando sem bagagem. Não é possível que estivessem comandando o bloqueio uma hora depois do “vazamento”. Se quer mesmo saber, minha resposta é *sim!* Os homens da DERO estavam aqui porque sabiam que alguma coisa ia acontecer em Elko. Não precisavam saber com muita antecedência... Uma ou duas horas já seriam suficientes.

— Nesse caso, o “vazamento” deixaria de ser um acidente. Talvez até a presença dos caras da DERO seja uma prova de que não houve vazamento nenhum... Mas então... por que os homens andariam com aqueles trajes “vedados”? — Dom pensava em voz alta, desanimado. Cada avanço rumo a uma explicação acabava levando-os a um novo beco sem saída. Mais um minuto e ele rasgaria a pilha de jornais que crescia a sua frente, como se com isso pudesse desmascarar a farsa em que se sentia afundar cada vez mais.

Ginger refletiu por alguns instantes e expressou sua opinião:

— Só vejo uma explicação para a presença da DERO em Elko naquela semana... O Exército não confiava nos soldados regula-

res. Talvez porque o caso fosse grave demais... talvez porque houvesse aqui alguma coisa que não deviam ver. Por isso convocou o pessoal da DERO que, como você mesmo disse, deve ganhar para ficar de boca fechada.

— Faz sentido.

— Eu sei. Mas, se fosse um simples caso de vazamento de gás, não seria necessário convocá-los. Que mal haveria em permitir que os soldados regulares vissem um caminhão quebrado e um cilindro de gás partido ao meio?

Em silêncio, os dois voltaram a debruçar-se sobre os jornais. E logo encontraram outra prova de que o Exército sabia que alguma coisa estranha estava para acontecer em Elko. Era razoavelmente fácil reconstituir a seqüên-

cia de acontecimentos daquela noite de julho, até o momento do ruído de trovão e do zumbido estridente que rebentara as vidraças do restaurante do motel. Ainda não escurecera completamente, pois o sol se põe mais tarde no verão. Com certeza passava de oito horas da noite quando o terremoto começara, com o ruído de trovão e o zumbido.

— Olhe aqui — disse Dom, assinalando com o dedo algumas linhas do texto. — Uma testemunha afirma que às oito horas da noite a rodovia já estava bloqueada.

— Então você acha que a rodovia foi bloqueada cinco ou dez minutos antes de ocorrer o “vazamento”? — Ginger perguntou.

— Acho. A menos que nós estejamos muito enganados quanto à hora do pôr-do-sol.

Sem dizer nada, voltaram à edição do *Sentinela* de 6 de julho, à procura de informações da coluna meteorológica: Temperatura em elevação durante o dia, pequeno declínio à noite. Umidade relativa do ar, cerca de vinte e cinco por cento. Céu claro, pouca nebulosidade. Ventos de fracos a moderados. Pôr-do-sol às sete e trinta e um”.

— Se o sol se pôs às sete e trinta e um, às sete e quarenta e cinco, digamos, já estava escuro. Noite fechada. Ainda que estejamos enganados quanto ao tempo decorrido entre o sol desapare-

cer completamente e o momento em que começamos a ouvir o trovão e o zumbido... a estrada foi bloqueada antes!

— O que prova que eles sabiam que algo estava para acontecer... — Ginger deduziu.

— Mas não fizeram nada para impedir que acontecesse — completou Dom.

— O que significa que foi um processo, uma seqüência de eventos sobre a qual o Exército não tinha controle.

Dom respirou fundo.

— Pode ser que sim, pode ser que não — disse. — E possível que os militares tenham tentado impedir, fazendo todo o possível... e não tenham conseguido. Trabalhamos com hipóteses que não podemos provar. Precisamos de mais informações.

Ginger baixou a cabeça e concentrou-se na leitura. Ao virar uma página da edição do dia 11 de julho, gritou, surpresa e assustada. Dom virou-se, rápido.

A personagem dos sonhos de alguns hóspedes do Motel Tran-qüilidade ali estava, em uniforme de oficial do Exército, com boné e divisas: o coronel Leland Falkirk, exatamente como Ernie e Ned o haviam visto. Cabelo escuro, têmporas grisalhas, olhos cinzentos e frios como aço, nariz fino, lábios estreitos. Dom leu em voz alta a legenda que acompanhava a foto:

— “O coronel Leland Falkirk, comandante dos pelotões da DE-RO, encarregado de manter a interdição da área atingida pelo vazamento de gás tóxico, recusou-se a conceder entrevistas à imprensa. A foto acima, obtida por Greg Lunde, do *Sentinela*, deixou-o muito irritado e tornou ainda mais lacônicas suas respostas, já limitadas pelo conhecido: ‘Nada a declarar’.”

Um olhar gelado como a morte, que Dom já conhecia. Não de pesadelos, mas das noites que passara no motel, no verão retrasado. Um olhar de fera, de ave de rapina, de homem acostumado a conseguir o que queria. O homem que os tivera, a todos, à sua mercê e os condenara à morte por envenenamento.

Sem tirar os olhos da foto, Ginger murmurou baixinho:

— *Kayn ayn hore...* Também é ídiche... Uma espécie de exorcismo... para afastar o mal — explicou e repetiu: — *Kayn ayn hore...* Ele merece.

Dom continuava a fitar a fotografia como que hipnotizado:

— Sim... merece.

Da página amarelada do jornal, os olhos de aço do coronel Falkirk pareciam desafiá-lo.

Enquanto Dom e Ginger examinavam os arquivos do jornal de Elko, Ernie e Faye Block trabalhavam no escritório do motel, tentando estabelecer contato com os demais hóspedes da noite em questão. Estavam junto ao balcão, um de cada lado, com uma cafeteira elétrica ao alcance da mão.

Ernie redigia um telegrama para Gerald Salcoe, o homem que alugara dois quartos para a família, esposa e duas filhas, no verão retrasado, que até então não fora localizado porque seu telefone em Monterey, Califórnia, não

constava da lista. Faye tentava localizar outros registros de Cal Sharkle para encontrar seu novo endereço.

Concentrado no trabalho, Ernie pensava nas inúmeras vezes, ao longo dos trinta e um anos de casamento, em que haviam estado assim, um frente ao outro, ali mesmo, ou na cozinha, naquela casa ou em qualquer uma das tantas em que haviam morado. De repente, inesperadamente, sentiu saudade de outras noites, os dois rindo juntos, preocupando-se juntos, fazendo planos juntos. A vida não faria sentido sem Faye a seu lado. Se alguma coisa lhe acontecesse... por obra ou não do maldito coronel Falkirk... não saberia como continuar vivendo.

Depois de redigir o telegrama para Salcoe, ligou para a Western Union e ditou o texto, pedindo à companhia de telégrafos que a mensagem fosse entregue com urgência ao destinatário.

Faye encontrou cinco datas, ao longo do ano anterior, em que Cal Sharkle se hospedara no motel, todas com o mesmo telefone de Evanston, Illinois, e o mesmo endereço que indicava na noite de 6 de julho. Não parecia ter-se mudado. Faye ainda tentou localizá-lo, através da telefonista de Chicago, ligando sem resultado, para vários

centros de informações de diferentes bairros da cidade: Whiting, Hammond, Calumet City, Markham, Downer's Grove, Oak Park, Oakbrook, Elmhurst, Des Plaines, Rolling Meadows, Glencoe... Ou Cal Sharkle deixara Chicago, mudando-se para local ignorado, ou desaparecera da superfície da Terra.

Enquanto Faye e Ernie trabalhavam no escritório, Ned e Sandy encarregavam-se do jantar, na cozinha do piso superior. A noite, depois que Brendan Cronin chegasse de Chicago e Jorja Monatella, com a filha, viesse de Las Vegas, seriam nove à mesa, e Ned não queria deixar nada para última hora. Na véspera, todos foram contagiados pelo espírito de fraternidade e amizade que os aproximava como se fossem uma grande família. Certos de que, quanto mais próximos e unidos estivessem para enfrentar os problemas, maiores seriam suas chances, Ned e Sandy decidiram preparar um jantar especial, uma verdadeira festa de Ação de Graças. E lá estavam, assando um enorme

peru, descascando batatas, assando milho, temperando cenouras, recheando pimentões e fazendo tortas para a sobremesa.

Descascando cebolas ou picando legumes, Ned tentava não pensar que, talvez, em lugar de um grande jantar festivo, poderiam estar preparando a última ceia dos condenados. Cada vez que a idéia lhe ocorria, voltava os olhos para Sandy e via-a tranqüila, cantarolando. Como imaginar que qualquer coisa capaz de fazê-la renascer, desabrochar, voltar à vida, pudesse levar alguém à desgraça? Estava enlouquecendo... Era impossível!

Depois de três horas de pesquisa nos arquivos do *Sentinela*, Ginger e Dom almoçaram num restaurante da Rua Idaho e voltaram ao Motel Tranqüilidade às duas e meia da tarde. Faye e Ernie ainda trabalhavam no escritório, e a recepção estava impregnada de deliciosos perfumes que vinham da cozinha.

— E vocês ainda não cheiraram o peru — comentou Faye. — Ned acaba de colocá-lo no forno.

— O jantar está marcado para as oito — informou Ernie —, mas acho que não agüentaremos esperar até lá, com esse cheiro no ar. Vou morrer de fome.

— O que descobriram no jornal? — Faye perguntou.

Antes que Ginger pudesse responder, a porta abriu-se, e entrou um homem ruivo e gordo, meio empurrado pelo vento gelado. Tinha o casaco pendurado no braço e usava calça cinzenta de lã e suéter azul-claro. Todos o reconheceram. Os mesmos olhos verdes, a face redonda, o cabelo ruivo e as sardas da foto. Dessa vez, porém, o padre Brendan Cronin parecia... vivo!

— Seja bem-vindo — disse-lhe Ginger, sorrindo.

E outra vez, como acontecera com Dom, sentiu-se arrastada para ele como se, depois de muitos anos, revisse um velho e querido amigo. O passado, alguma coisa no passado tornava-os irmãos, unia-os para sempre. Alguma coisa que só ela, Dom e o padre Brendan conheciam e ninguém mais presenciara. Sem se importar com o que os outros pudessem pensar, correu para ele e abraçou-o.

Comovido, o sacerdote retribuiu a saudação sem hesitar, abraçando-a com força, e por um instante os dois permaneceram juntos, como irmã e irmão que não se vissem há anos. Ginger só se afastou ao ouvir Dom exclamar:

— Padre Cronin!

— Não precisam me chamar assim. Há algum tempo não mereço nem quero ser tratado de padre. Meu nome é Brendan.

Ernie gritou para que Ned e Sandy viessem se juntar a eles e, acompanhando Faye, aproximou-se do recém-chegado. Brendan cumprimentou-os um a um, sentindo-se ligado a todos, como se fossem parentes próximos ou amigos muito queridos. Ginger e Dom, no entanto, inspiravam-lhe algo mais, mais do que amizade fraterna ou calor humano. Era como se um poder imensamente forte os atraísse.

Quase repetindo as mesmas palavras que Ginger dissera ao chegar, comentou:

— E como se estivéssemos em família. Todos sentimos a mesma coisa, não é? Como se tivéssemos vivido juntos os momentos

mais importantes de nossas vidas... Como se nos tivesse acontecido algo que nos transformou em seres especiais... para sempre.

Por mais que insistisse em ser tratado de Brendan, envolvia-o uma aura espiritual. Havia em seu cabelo ruivo, nos olhos muito verdes, no rosto rechonchudo, no sorriso amplo e claro, alguma coisa que fazia com que todos quisessem ouvi-lo, aproximar-se dele, tocá-lo.

— O que sinto ao lado de vocês é a prova definitiva de que agi bem quando resolvi vir para cá. Eu precisava estar com vocês. Alguma coisa vai acontecer... e vai nos modificar para sempre... já começou a nos modificar. Vocês sentem o mesmo que eu? *Sentem?*

Sua voz provocou em Ginger um calafrio de medo e, ao mesmo tempo, uma fantástica sensação de prazer. Como quando, pela primeira vez, ainda estudante, entrara na sala de cirurgia e vira, num tórax aberto, a misteriosa beleza de um coração humano, rosado, pulsando, vivo!

— Fomos *chamados*... — Brendan continuou. — Todos nós. Fomos chamados para cá...

— *Vejam!*

Era Dom, os olhos arregalados, olhando as palmas das próprias mãos. Quando as ergueu todos viram os anéis de pele avermelhada, muito nítidos.

Sem dizer nada, antes mesmo de examiná-las, Brendan sabia que o mesmo sinal aparecia em suas mãos. Mostrou-as a Dom, os olhos fixos no rosto dele. Seus olhares, atraindo-se um ao outro, criaram um campo magnético na sala. Na véspera, ao falar com Ste-fan Wyczik, Dom ouvira-o dizer que Brendan parecia certo de não haver nada de sobrenatural nos acontecimentos que estavam transformando sua vida. Mas ali, no motel, Ginger sentia a sala cheia de força... uma força que talvez não fosse divina, nem sobrenatural... mas que era superior a qualquer poder humano, científico ou racional.

— Fomos chamados... — Brendan repetia, à espera.

O que poderia ser? O que estaria para acontecer ali, naquele instante? Ginger olhou em volta, viu Ernie com a mão no ombro de Faye, Ned e Sandy de mãos dadas, junto ao *display* de cartões-postais. Todos à espera...

— Vai acontecer alguma coisa... — disse ela em voz baixa. E antes que acabasse de falar, aconteceu.

As lâmpadas acesas piscaram uma, duas vezes... e a sala encheu-se de luz, mais clara do que antes, do que em momento algum. Uma luz esbranquiçada, leitosa, que não vinha das lâmpadas, mas de todos os cantos, como se cada pequeno átomo de ar se manifestasse como energia. Ginger reconheceu-a: era a luz prateada que via em seus sonhos... luz de luar, porém mais forte, mais clara.

Devagar, girou sobre os calcanhares, olhando em torno da sala, já sem querer identificar a fonte de luz, mas procurando lembrar-se dos sonhos... em busca das perdidas lembranças daquela noite de verão, tão distante e ao mesmo tempo tão próxima.

Ao lado do *display* de postais, Sandy ergueu a mão, querendo tocar a luz. Ned vibrava, maravilhado. Faye apenas sorria, Ernie olhava para tudo com olhos de criança deslumbrada, rindo como um bebê frente a um fantástico brinquedo de luzes e sons.

— A Lua... — sussurrou.

— A Lua... — Dom repetiu, os sinais avermelhados brilhando nas mãos erguidas.

Então, a Lua começou a mudar de cor. Uma mudança rápida, quase instantânea: de branco-prateada tornou-se vermelha. Vermelha e brilhante, como que encharcada de sangue. O deslumbramento virou medo. As quase lembranças onde todos flutuavam transformaram-se em horror.

Ginger correu para a porta, mas não conseguiu abri-la. Do outro lado, por trás de Dom e Brendan, Sandy já não sorria, agarrada ao braço de Ned, que olhava para o alto com um esgar de nojo. Ernie e Faye encostavam-se, apavorados, no balcão da recepção.

A luz vermelha inundava a sala de canto a canto... e ouviu-se um ruído como de um tambor longínquo. Ginger estremeceu e saltou para trás às primeiras pancadas. Saltou outra vez quando as pancadas se repetiram, mas não se moveu quando as ouviu pela terceira vez. Pulsava... como um coração batendo, ritmado: três batidas, um silêncio... três batidas, um silêncio. *Tum-tum-tum... Tum-tum-tum... Tum-tum-tum...*

O mesmo fenômeno da casa paroquial que o padre Wyczik relatara a Dom. O ruído que acordara a todos, mas não perturbara o sono do padre Cronin...

Voltavam as lembranças. Ginger sabia que já vira a luz vermelha e ouvira as pancadas. Tudo aquilo acontecera antes... na noite de 6 de julho. Havia sido o começo.

Tum-tum-tum... Tum-tum-tum... Tum-tum-tum...

As janelas batiam, as paredes tremiam. A luz avermelhada e as lâmpadas da sala piscavam ao ritmo das pulsações.

Ginger ia lembrar. Estava muito próxima de lembrar. A verdade estava ao alcance da mão, escondida apenas por uma cortina muito leve, transparente.

Mas o medo foi maior. Inesperada, repentina, a onda de pânico surgiu, cresceu e escondeu a verdade. Não ia lembrar. Ia fugir, desatar a correr para longe dali, sem saber para onde, sem saber quem era ou onde estava. Outra crise... a primeira desde o dia em que Pablo fora assassinado, fazia já uma semana. Os sintomas de sempre: dificuldade para respirar, o mundo em volta

sumindo como envolto em neblina o coração aos pulos. E a desesperada urgência de escapar. De correr para salvar a vida. *Fugir!*

Ginger deu as costas à sala e agarrou-se à maçaneta da porta como se fosse uma âncora capaz de mantê-la à tona, sem afundar na inconsciência e no esquecimento. Levantou os olhos e, um pouco acima pela porta envidraçada, a única a resistir à explosão, viu a paisagem da planície. Imensa, infundável... O medo aumentou. Cresceu até quase o impossível. Talvez fosse preferível não ver, não lembrar, não existir, fugir para sempre, mergulhar para sempre na escuridão. Mas ela ainda lutava. Agarrada à porta, lutava para não se deixar arrastar, para não afundar no mar de escuridão que se fechava ao redor. Na sala, a luz avermelhada começou a sumir e o ruído das pancadas foi silenciando aos poucos.

Ginger respirou fundo. Vencera a crise. Pela primeira vez, resistira ao medo. Talvez começasse a aprender a controlar-se melhor.

Talvez o simples fato de estar ali, de já não estar sozinha e poder pensar no que acontecera, sem o medo de sentir-se só, sem a sensação de estar enlouquecendo... talvez algum desses fatores, ou um pouco de todos, lhe desse forças para resistir. Talvez sua nova família a ajudasse. De qualquer modo, vencida a primeira crise, seria mais fácil enfrentar outras que pudessem surgir. O medo de nunca poder lembrar-se era, agora, uma ameaça mais seria do que o medo de oftalmoscópios, pias ou luvas pretas. Porque agora sabia: queria lembrar, e tinha de conseguir!

Ainda trêmula, virou-se de novo para o centro da sala.

Zonzo, Cronin dirigia-se para o sofá, aos tropeções, muito pálido. Já não se viam os anéis, nem em suas mãos nem nas de Dom. Ernie rompeu o silêncio:

— Foi a mesma luz, padre? — perguntou. — A mesma que o senhor viu em seu quarto?

— A mesma. E a segunda vez que a vejo.

— Mas o senhor disse que era uma visão... agradável...

— Do modo como falou, parecia linda! — reforçou Faye.

— E linda... até ficar vermelha — Brendan explicou. — Então me faz estremecer de medo. Mas como é bela no começo! Eu me sinto feliz, muito

feliz. Uma espécie de felicidade que nunca senti antes.

O medo da luz vermelha e o horror das pancadas quase fizeram Ginger esquecer a primeira luz, esbranquiçada, deslumbrante.

Esfregando as mãos na calça, como se quisesse apagar os últimos vestígios dos anéis, Dom respirou fundo e declarou:

— O que aconteceu naquela noite teve duas partes, digamos... Como o primeiro e o segundo ato de uma peça teatral. Um é bom, bonito; o outro é terrível e nos enche de medo. Queremos nos lembrar apenas da parte boa, porque a outra nos deixa apavorados...

— ... borrados de medo! — Ernie juntou.

Ao fundo, Sandy ainda tremia. Ela, que até aquele momento pensara apenas no primeiro ato, na parte boa...

Ao fim do enterro de Alan Rykoff, às onze horas da manhã de segunda-feira, em Las Vegas, o sol começava a atravessar as pesadas nuvens de chuva que se acumulavam desde cedo. De longe, viam-se pontos de luz solar sobre a cidade e mesmo no cemitério já brilhavam os primeiros e tímidos raios amarelados. Quando o caixão baixou à sepultura, uma ou outra flor parecia mais colorida, como uma pequena cintilação nas sombras da manhã.

Junto ao túmulo, além de Jorja e de Paul Rykoff, pai do morto, havia mais cinco pessoas. Os pais de Jorja não quiseram ir ao enterro. Egoísta, indiferente a tudo e a todos, Alan conseguira apenas uma minguada meia dúzia de pessoas interessadas em vê-lo partir do mundo dos vivos. Parecido com o filho em muitos aspectos, Paul Rykoff culpava a ex-nora pela desgraça de Alan e despedia-se do morto sem derramar uma lágrima.

Jorja ainda não conseguira chorar, até deixar o cemitério, tomar o carro e dirigir quase um quilômetro. Então, sim, afinal deixou rolarem as poucas lágrimas que guardava. Não por Alan, pelo sofrimento dele, por si mesma ou por Mareie, mas pelos sonhos que acalentara, tanto tempo antes, pelas esperanças mantidas, pelas promessas de felicidade trocadas. Jamais desejara que Alan morresse... Mas, naquele instante, começava a descobrir que era melhor assim. Melhor para ela, por recomeçar a viver, e melhor para Mareie, que não seria obrigada a conviver com um pai frio e ausente. Um pai

morto é melhor que um mau pai, pensou, sem se sentir culpada. Sentia-se, isso sim, triste como nunca.

Na véspera, contara a Mareie que Alan estava morto, porém omitiu o detalhe do suicídio. Decidira dar-lhe a notícia à tarde, na presença do dr. Coverly, mas em função da viagem cancelara a consulta e, por conseguinte, antecipara a revelação. A tarde, naquele mesmo dia, ela e a filha embarcariam para Elko, ao encontro de Dominick Corvaisis, de Ginger Weiss e dos outros.

Mareie reagira sem muitas lágrimas. Aos sete anos, parecia madura o suficiente para entender a morte, mas era ainda muito jovem para saber o que havia de irreversível e trágico por trás dela. Ao abandoná-la sem despedir-se, Alan fizera um grande favor à filha... pois, ao receber a notícia, Mareie sentiu-se como se tivesse perdido alguém que já não existia há muito tempo. Um morto pelo qual já chorara bastante.

Outro detalhe ajudara-a a superar a tristeza: o álbum de luas. Menos de uma hora depois de saber que Alan estava morto, Mareie sentou-se à mesa da cozinha, os olhos secos, a pontinha da língua rosada aparecendo entre os dentes, concentradíssima em pintar suas luas vermelhas. Desde sexta-feira não fazia outra coisa senão pintar luas, tarefa que lhe ocupou também o fim de semana. Na manhã de segunda, tinha mais de cinqüenta luas pintadas.

A obsessão de Mareie preocuparia Jorja mesmo que ela não soubesse de outros na mesma situação, mesmo que ignorasse que dois homens cometeram suicídio depois de semanas de fixação doentia na Lua, colecionando fotos e sonhando com ela. Nem se fosse cega deixaria de ver que a filha cada dia mais se distanciava da realidade, desligando-se do mundo real, aproximando-se da alienação total, da loucura ou da inconsciência.

A lembrança de Mareie, como sempre, a fez secar as últimas lágrimas que choraria por Alan. Deu partida no carro, voltou à estrada e rumou para a casa dos pais, onde a filha a esperava. Encontrou-a na cozinha, diante do álbum, colorindo luas como sempre. À sua chegada, a menina mal levantou os olhos, sorriu sem entusiasmo e voltou a concentrar-se nos desenhos.

Em frente à neta, do outro lado da mesa, Pete franzia as sobrancelhas. Jorja foi até o quarto da mãe para trocar de roupa e preparar-se para a via-

gem. Mary seguiu-a.

— O que está esperando para tirar esse livro de Mareie? — perguntou. — Prefere que eu mesma me encarregue disso?

— Mãe... já lhe contei o que o doutor Coverly disse... se insistirmos em tirar-lhe o livro, o resultado pode ser muito perigoso.

— Bobagem!

— O doutor Coverly disse que não devemos dar excessiva importância ao livro, nem deixar Mareie perceber que estamos preocupadas. Ele...

— Bobagens e mais bobagens. Quantos filhos tem o doutor Coverly?

— Não sei.

— Aposto que não tem filhos. Se tivesse, não diria tamanha asneira.

Sem o vestido do enterro, apenas de calcinha e sutiã, Jorja sentia-se tão vulnerável como nos tempos em que a mãe ia para seu quarto fiscalizar cada detalhe da roupa que ela escolhia para sair com algum rapaz que nunca estava “à sua altura”. Mary não gostava de nenhum de seus namorados, e isso se tornou um dos principais motivos que levaram Jorja a casar com Alan. Casara só para vingar-se da mãe... Que loucura! Como lhe custara caro... Tudo por culpa de Mary, por culpa daquele amor opressivo e sufocante. Com gestos rápidos, vestiu o jeans que estava sobre a cama.

— Mareie não quer dizer por que coleciona esses recortes — Mary insistiu.

— Ela não sabe. Se existe alguma razão, Mareie a conhece tanto quanto nós. E alguma coisa compulsiva, inconsciente, escondida.

— A melhor solução é tirar-lhe aquele livro.

— Talvez... Mais tarde. Um passo de cada vez...

— Se dependesse de mim, trataríamos disso agora.

Duas malas de viagem esperavam sobre a cama, quase prontas. Jorja acomodou alguns últimos itens, fechou-as e levou-as para o carro. Pete dirigia; sentada a seu lado, Mary insistia sempre no mesmo assunto; no banco de trás, Jorja e Mareie apenas ouviam. De casa ao aeroporto, a menina não disse palavra, concentrada em folhear, da frente para trás e de trás para a frente, o álbum de luas.

Alguns quarteirões adiante de casa, Mary resolveu atacar por outro flanco e passou a falar da repentina viagem a Elko. Achava a idéia absolutamente incompreensível, absurda, como repetiu várias vezes. Um aviãozinho pequeno?! Doze passageiros?! Era perigoso viajar por essas companhias pequenas, de poucos recursos, com aviões velhos e malcuidados! E para que precisava ir? O fato de haver pessoas em Elko com problemas semelhantes não queria dizer nada! Só porque se hospedaram no mesmo motel, viviam sonhando com luas? Loucura!

— Não gostei do que você me contou sobre esse tal Corvaisis. — Pete virou-se para trás, parando no sinal vermelho. — Não quero que se envolva com gente dessa laia.

— Mas... você nem sabe quem é ele! — argumentou Jorja.

— Ah... conheço esses escritores! São todos iguais... Li, certa vez, que Norman Mailer pendurou a mulher do lado de fora da janela e segurou-a pelos calcanhares. E Hemingway? Sempre metido em brigas de rua...

— Papai... — Jorja suspirou. — Hemingway morreu!

— E como poderia estar vivo? Ele cavou a própria sepultura, com tantas brigas e bebedeiras e drogas. Gente que escreve é sempre assim... Não quero minha filha envolvida nessa degradação!

— Uma viagem desnecessária. Um erro que vai lhe custar caro. — Mary era incansável.

Ao despedirem-se no aeroporto, Mary e Pete disseram-lhe que a amavam, e Jorja respondeu do mesmo modo. Incrível, inacreditável, mas pura verdade. Por mais que a atormentassem, Jorja os amava e sabia que eles também não mentiam sobre o afeto que lhe dedicavam. Era em nome desse amor que viviam criticando-a. Que espantoso mistério, a relação entre pais e filhos! Mais espantoso, talvez, que o segredo do Motel Tranqüilidade.

O avião era bem mais confortável do que Mary imaginava, com seis fileiras de assentos estofados de cada lado, todos equipados com fones para ouvir música. O piloto manobrava o aparelho com carinho, como se conduzisse um carrinho de bebê.

Trinta minutos depois da decolagem, Mareie fechou o álbum e acomodou-se para dormir, embalada pelo ronco suave dos motores. Jorja mergu-

lhou em pensamentos sobre o futuro: a universidade, a esperança de montar sua própria boutique, o muito que ainda teria de trabalhar para chegar lá... e a solidão. Precisava de um homem, e não apenas sexualmente. Depois da separação, tivera alguns encontros, mas todos distantes da cama. Sentia-se só, sentia vontade de ter um homem em casa, à noite. Queria um

companheiro, um parceiro com que pudesse dividir os sonhos, as vitórias e os fracassos.

Ao som da orquestra de Mantovani que lhe chegava pelos fones, deixou-se embalar pela fantasia. Lá, no Motel Tranqüilidade, encontraria um homem muito especial, que a faria reviver. Lembrou-se da voz gentil de Dominick Corvaisis, e o homem de sua fantasia assumiu um rosto imaginário, que bem poderia ser o dele. E se Dom fosse o “homem de sua vida”, o que diria Pete? Um escritor, um depravado que briga, bebe, toma drogas... e pendura mulheres pelos calcanhares do alto dos arranha-céus...

O avião pousou suavemente. E pouco depois Jorja foi obrigada a fazer alterações drásticas nos sonhos que acalentara durante a viagem, pois bastou olhar para Dominick Corvaisis para perceber que o coração dele já tinha dona.

Às quatro e trinta, meia hora antes do crepúsculo, o céu estava encoberto de nuvens escuras, com um distante toque avermelhado sobre os montes de Ruby, muito ao longe. Um vento frio soprava com força, gelando os ossos, provando que Las Vegas ficara para trás, como se fosse parte de outro mundo.

Corvaisis e Ginger Weiss esperavam-na junto à pista do pequeno aeroporto. Assim que o viu, Jorja sentiu-se como se, afinal, encontrasse sua verdadeira família. Alguma coisa parecida com o que Corvaisis lhe dissera ao telefone, mas que só entendeu perfeitamente ao desembarcar do avião.

Até Mareie parecia envolvida no clima de solidariedade que cercava o grupo, ainda reunido na pista. Os olhos vermelhos e inchados de sono, o rosto escondido pelo cachecol, o gorro de lã enfiado até as orelhas, a menina parecia despertar de um transe. Sorriu para Ginger e respondeu a tudo que ela lhe disse com um entusiasmo que Jorja não via desde há alguns dias.

Ofereceu-se para mostrar-lhe o álbum de luas e riu, feliz, quando Dominick pegou-a no colo para levá-la até o carro.

Foi ótimo ter vindo, Jorja pensou. Graças a Deus!

Dominick ia à frente, com Mareie nos braços, e as duas mulheres seguiam-no a alguns passos de distância.

— Talvez não se lembre — Jorja comentou, sorrindo —, mas você socorreu Mareie naquela sexta-feira de julho, antes de chegarmos ao motel.

— Sim? — Ginger perguntou, surpresa. — Não me lembro... — Calou-se, forçando a memória, e, ao fim de alguns instantes, exclamou: — Claro! Era você, seu ex-marido e Mareie. Sim, agora me lembro...

— Estávamos parados na rodovia, a uns dez quilômetros do motel. — Jorja continuou. — A vista era tão bonita que resolvemos tirar umas fotos.

— Eu vinha do leste. Vi vocês lá. Você segurava a máquina, seu marido e Mareie estavam de pé na grade de proteção, dando as costas para o barranco.

— Eu pedi a Alan que não subisse, nem deixasse a menina subir. Mas ele era teimoso... quando resolvia uma coisa, não voltava atrás.

Antes que Jorja batesse a foto, Mareie escorregara e caíra de costas, rolando pelo barranco. Jorja e Alan gritaram e correram para acudir a filha, quando uma voz desconhecida os deteve:

— Não toque nela! Sou médica!

Era Ginger, descendo o barranco ainda mais depressa que os pais da menina. Mareie estava caída, e Ginger ajoelhou-se no chão para examinar-lhe a cabeça. Assustada, a garota pusera-se a chorar, dizendo que a perna doía e a cabeça estava bem. Ginger apalpara-lhe a perna direita, depois a outra, e sorriu: “Caso grave de joelho esfolado. Com um pouco de mercurocromo você estará ótima!”

Recordando o episódio, Jorja declarou que, na ocasião, andava precisando de um bom exemplo.

— Quando vi você, jovem, bonita, elegante... e médica... médica dedicada... foi como uma revelação! Sempre achei que eu nunca seria nada além de garçonzete... Mais tarde, quando Alan me abandonou, lembrei-me de você... e resolvi que queria ser como você. Queria lutar como você para fa-

zer de mim mesma o que bem desejasse. E o primeiro passo foi entrar na faculdade. Veja que, de certo modo, você mudou minha vida.

Jorja colocou a bagagem no carro. Ginger fechou o porta-malas, esperou que Dom acomodasse Mareie e entregou-lhe as chaves.

— Fico muito orgulhosa, mas não acredito — declarou. — Ninguém muda a vida de ninguém. Foi você que resolveu lutar... e está vencendo. O mérito é todo seu.

— Não, senhora, foi o que você fez por Mareie naquele dia. O que mudou minha vida foi ver uma mulher como você. Porque eu precisava só de um bom exemplo. E você apareceu na hora exata.

— Não mereço isso! Não diga bobagens... — Ginger disfarçou o embaraço com uma gargalhada.

— Não ligue — disse Dom, voltando-se para Jorja. Ela é o melhor exemplo para qualquer mulher. O que está dizendo são *shmontses* !

— *Shmontses*} \ — Ginger repetiu, sempre rindo.

— Nós, escritores, temos um vício profissional: nunca esquecemos uma boa palavra; pode ser em ídiche, em grego, em chinês...

Neste exato momento Jorja descobriu que não podia incluir Dominick em suas fantasias, pois ele só tinha olhos para Ginger. E a linda doutora parecia encantada... Mas nem um nem outro dava sinais de perceber que estavam apaixonados. Talvez ainda fosse cedo. Com o tempo...

Partiram na direção de Elko, rumo ao Motel Tranqüilidade, menos de cinquenta quilômetros adiante. Pelo caminho, Ginger e Dom foram contando a Jorja os últimos acontecimentos, e a cada fato o bom humor da chegada diminuía. Enquanto o carro percorria a paisagem escura, Jorja via dissipar-se rapidamente a esperança de encontrar no motel o homem de sua vida; cada vez mais parecia-lhe que se aproximava de uma imensa cova rasa, vala comum dos sonhos de vários amigos.

Logo que chegou a Salt Lake City, Utah, Jack Twist tomou outro avião pilotado por um homem calado, de enorme bigode escuro. Às quatro e cinquenta e três, minutos antes de anoitecer, desembarcou no pequeno aeroporto de Elko. Conforme previra, não encontrou ali nenhuma locadora de automóveis e tomou um táxi, pedindo ao motorista que o levasse a um revendedor

de veículos usados. Segundos antes de a loja fechar, conseguiu comprar, pagando a vista, um possante jipe com tração nas quatro rodas.

Até aquele momento, não se mostrara preocupado com a possibilidade de que alguém o estivesse seguindo. Não esquecera, porém, que enfrentava gente poderosa, de recursos quase infinitos, a quem não seria fácil enganar, principalmente nos limites de uma cidade pequena como Elko. Assim, mal se afastou da loja, pela primeira vez concentrou-se em observar os arredores. Sempre olhando pelo espelho retrovisor, rodou vários quilômetros até ter certeza de que não havia ninguém em seus calcanhares.

Na viagem de táxi do aeroporto até o revendedor de carros, vira um supermercado, e dirigiu-se para lá. Parou num dos cantos menos iluminados do estacionamento, desceu e olhou em volta, examinando a rua escura que se estendia a sua frente. Não viu ninguém. Entrou no supermercado, meio ofuscado pelo mar de lâmpadas fluorescentes e pelos *displays* de neon colorido, e balançou a cabeça, saudoso dos bons tempos da pequena confeitaria da esquina, da proprietária gorda, atrás do balcão, vendendo às crianças os bolinhos que ela mesma fazia, ou gritando para o marido, com sotaque estrangeiro, para que servisse um dos sanduíches que ele inventava. Sentindo cheiro de desinfetante, Jack suspirou. Adeus confeitaria da esquina; o país estava inundado de supermercados, lâmpadas fluorescentes, neon, desinfetante...

Comprou um mapa da região, uma lanterna, leite, carne desidratada, chocolate em barra, balas e, cedendo a um impulso mórbido e incontrolável, um pacote de *hamwich*. O texto impresso na embalagem definia o produto como “Sanduíche sintético, feito com pão de fôrma, temperos e pasta de carne desidratada e vitaminada, especialmente indicado para alpinistas, amantes do camping e esportistas em geral”. Num quadrado amarelo meio encoberto pela etiqueta do preço, o fabricante garantia: “Carne autêntica”!

Jack riu. Eram obrigados a declarar que se tratava de “carne autêntica” porque, olhando para o conteúdo do pacote de plástico, qualquer um juraria que a tal pasta não incluía um grama sequer de carne. *Hamwich*... símbolo das verdades nacionais pelas quais lutara na América Central! Se Jenny estivesse ali, os dois haveriam de dar boas risadas!

Ao sair do supermercado, novamente examinou os arredores e outra vez não percebeu sinal de que alguém o seguisse. Voltou para o jipe, abriu uma das malas e retirou uma sacola de plástico, com uma das armas, um cartucho de balas, mais uma caixa de balas calibre 32 e um silenciador. Com gestos precisos, transferiu as compras do supermercado para a sacola de plástico e distribuiu as balas pelos vários bolsos da jaqueta. Então acomodou-se ao volante, carregou a arma e acoplou-lhe o silenciador; colocou-a então sobre o banco e cobriu-a com a sacola. Sentindo-se mais seguro, acendeu a lanterna para examinar o mapa que comprara. Minutos depois, estava pronto para entrar em combate.

O primeiro passo era despistar qualquer ser vivo que por acaso estivesse no seu encalço, e para tanto Jack rodou durante mais de cinco minutos pelas ruas de Elko, usando todos os truques que conhecia. Um dos mais eficientes consistia em estacionar em local de pouco movimento e esperar. Ninguém, nem o mais esperto policial, espião ou contraventor da Máfia, conseguiria manter-se, ao mesmo tempo, próximo o bastante para vê-lo e longe o bastante para não ser visto. Não apareceu viva alma.

O segundo passo era colocar em ação os recursos tecnológicos. Estacionou numa rua escura, deslocou-se para a parte traseira do Jipe e de uma das malas retirou o receptor de rádio usado para varredura eletrônica. Pouco maior que dois maços de cigarros, o aparelho conseguia captar qualquer emissão de rádio, em frequência alternada ou modulada. Na hipótese pouco provável, mas não impossível, de que alguém houvesse instalado no jipe um equipamento de transmissão que lhe permitisse seguir o veículo a distância, o aparelho de Jack detectaria a frequência da emissão e faria disparar um sinal de alerta. Ele puxou a antena do rádio e

rodeou o jipe, andando devagar, os olhos e os ouvidos atentos. Nada. O veículo estava limpo.

Guardou o aparelho e voltou ao volante. Ninguém o seguia, nem de perto, nem de longe. Observação visual: “negativo”. Varredura: “negativo”. E isso significava que o inimigo, que se dera ao trabalho de rechear seus cofres secretos com cartões-postais do Motel Tranquilidade, devia saber que ele iria a Nevada. Devia conhecer suas habilidades, seus mil e um recur-

sos... Por que o deixava progredir livremente, dando-lhe tempo para um perfeito reconhecimento do terreno onde o combate se travaria? Não havia explicação razoável, e Jack franziu as sobrancelhas, o instinto dizendo-lhe para tomar cuidado.

Desde que saíra de Nova York, tivera tempo para analisar a situação e chegara a algumas conclusões quanto à identidade do inimigo. Agora, ao volante do jipe, chegando à toca da onça, as coisas pareciam-lhe cada vez mais estranhas.

Item um: era inexplicável que ninguém o seguisse. Item dois: ele fora treinado para *sempre* desconfiar de fatos inexplicáveis. Pela simples e boa razão de que, quando uma situação parece inexplicável, o mínimo que se pode dizer é que algum detalhe importante — geralmente o mais importante — foi deixado de lado. E quando escapa o detalhe mais importante de uma situação de combate começa-se a combater no escuro... Corre-se o risco de levar um tiro pelas costas.

Cada vez mais alerta, Jack tomou o rumo norte, saindo de El-ko na direção da Rodovia 51. Pouco adiante, dobrou à esquerda, saiu da estrada e seguiu por uma trilha estreita e pedregosa que ia dar nos fundos do motel. Quando a Lua surgiu, desligou os faróis e guiou-se apenas pelo branco-prateado do luar.

Ao alcançar o topo de uma colina, viu o brilho de três ou quatro janelas iluminadas, perdidas na vasta escuridão da noite. Do outro lado, à sua frente, a Rodovia 80. Poucas luzes... O Motel Tranqüilidade estava sem movimento, ou fechado. Dali em diante, Jack seguiu a pé, invisível e silencioso bicho da noite.

Deixou a primeira arma no jipe e levou a submetralhadora. Na verdade, não achava que precisaria dela, pelo menos por enquanto. Fosse quem fosse seu inimigo, não o teria atraído para tão longe apenas para matá-lo. Se o quisesse morto, uma única bala em Nova York despertaria menos atenção que um cadáver ali, exposto ao sol de Nevada. Pelo sim, pelo não, a submetralhadora era como que uma extensão de sua mão direita.

Além da arma e de uma cartucheira carregada, Jack apanhou a sacola de comida, o microfone direcional portátil e o binóculo de visão infravermelha.

Colocou as luvas e vestiu um casaco com capuz.

A caminhada lhe fez bem. O frio e o vento revigoraram-lhe as forças. Militar metódico, ele se preparara para andar. Já saíra de Nova York com as botas de cano alto e sola de borracha, pernei-ras e jeans, suéter grosso e jaqueta de couro forrada. Os tripulantes do avião arregalaram os olhos ao vê-lo aparecer vestido daquele modo, mas trataram-no como se ele estivesse de terno, gravata e chapéu. Claro! Mesmo os homens feios, vespós, vestidos como estivadores siberianos mereciam tratamento de primeira classe quando eram ricos o bastante para alugar um jato particular...

Jack continuou andando. As vezes, as nuvens encobriam a Lua. As vezes, ela brilhava com todo esplendor, iluminando as manchas de neve que se acumulavam no chão como ossos de alguma gigantesca carcaça caída das montanhas. A terra crestada, as pedras, os arbustos secos, tudo se transfigurava à luz prateada. Até que outras nuvens voltavam a encobrir a Lua, e o mundo mergulhava de novo na escuridão densa e pesada.

Por fim, Jack chegou a um ponto que lhe pareceu perfeito. Uma elevação de terreno, a pouco mais de quatrocentos metros dos fundos do motel. Sentou-se, colocou a submetralhadora e a sacola sobre os joelhos.

O binóculo entrou em ação, amplificando a luz local oitenta e cinco mil vezes, de modo que Jack enxergava tudo nitidamente como se fosse pleno dia. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, o binóculo junto ao rosto, virou-se na direção das janelas do motel. Primeira questão: guardas, vigias, segurança externa, armada ou não. Primeira resposta: negativo. Não havia janelas nos fundos do prédio, nem cantos escuros onde alguém pudesse esconder-se. Na parte central, localizou o que provavelmente era a casa dos proprietários. Ali, sim, havia luz. Mas as cortinas fechadas impediam-no de ver o interior.

Jack deixou o binóculo de lado e apanhou o microfone direcional, estranho e elegante como uma arma de guerreiros espaciais. Até poucos anos antes, microfones desse tipo tinham alcance de poucos metros; o progresso recente tornava-os capazes de amplificar, a ponto de tornar plenamente audível, qualquer som emitido por uma fonte localizada à distância de quinhentos metros ou mais, no caso de perfeitas condições de operação. O aparelho in-

cluía dois grandes fones de ouvido, que Jack prendeu à cabeça. Direcionou o microfone para uma das janelas, acionou um botão e logo começou a ouvir vozes animadas. Mas o som chegava-lhe com muita interferência, porque havia as cortinas, o vento forte e os quase quinhentos metros de distância. Balançando a cabeça, Jack levantou-se, apanhou a sacola e a submetralhadora e aproximou-se do motel, escolhendo outro ponto de escuta, duzentos metros à frente. Dessa vez, pôde ouvir tudo que se dizia no primeiro andar da parte central. Cinco vozes diferentes... talvez mais. Estavam jantando, elogiando o cozinheiro, alguém chamado Ned e sua auxiliar, Sandy. Falavam de peru, do recheiro de passas.

— Desgraçados... — resmungou. — Não é jantar... Estão tendo um banquete!

Comera bem no avião, mas, ainda condicionado ao fuso horário do Leste, seu estômago marcava onze da noite e roncava de fome. Com certeza precisaria ficar ali muito tempo até descobrir tudo que pudesse sobre aquelas pessoas, e não pretendia esperar faminto enquanto os outros se empanturravam.

Com duas pedras, apoiadas uma na outra, Jack construiu um apoio para manter o microfone direcionado para o motel e apanhou o *hamwich*, “carne autêntica”. Foi morder e cuspir: tinha gosto de “autêntica” areia frita em *bacon* rançoso. Resolveu ficar

com a carne desidratada e o chocolate, que lhe pareceriam bem razoáveis se não ouvisse os rasgados elogios do banquete.

Três bocados mais tarde, já sabia que os comilões não eram os inimigos que estava tentando localizar. Estranho: todos falavam como se tivessem sido atraídos para o motel. Como ele. Aos poucos, as vozes tornavam-se familiares... Parecia que Jack conhecia aquelas pessoas fazia muito tempo... Tinha a sensação de que o aguardavam...

Uma mulher chamada Ginger e um homem de nome Dom falavam do que haviam descoberto nos arquivos do jornal *Sentinela*. Não... “Vazamento tóxico”, “Bloqueio da rodovia”, “Homens da DERO”... O suficiente para tirar o apetite de qualquer um! Jack balançava a cabeça, sem entender o que significaria aquilo, até que de repente parou.

— DERO! — perguntou a si próprio. — DERO! Mas... que merda é essa?! — Conhecia os homens da DERO. Claro! Verdadeiras feras, capazes de lutar até com ursos e transformá-los em salsicha. Dizia-se no submundo do crime que, se alguém tivesse que escolher entre saltar da janela do décimo quinto andar e enfrentar um cara da DERO, o melhor seria pedir licença, entregar a alma a Deus... e saltar. Morte rápida, indolor...

Aos poucos, Jack percebia que se metera em algo maior e mais perigoso que a Máfia. Ainda tinha muito a descobrir antes de entender com precisão no que consistia aquela loucura, por que todas as vozes captadas pareciam contar a mesma história... Todos queriam descobrir o que acontecera num fim de semana de julho... do ano retrasado! O mesmo fim de semana em que ele, Jack, também estivera no motel. Trabalhavam juntos para descobrir... Mas eram muito ingênuos! Não podiam continuar falando. Jack teve vontade de gritar-lhes que calassem a boca, pois, se estava ouvindo tudo, o inimigo também podia estar à escuta.

E os caras da DERO? Difícil de engolir. Mais difícil que meia dúzia de *hamwichs* de “carne autêntica”.

Na sala, as vozes continuavam tagarelando, alheias ao perigo. Jack levantou-se de um salto, arrancou os fones da cabeça, meteu o equipamento na sacola de náilon e disparou a correr pela noite, rumo ao Motel Tranquilidade.

O apartamento dos Block não tinha sala de jantar e a copa era pequena demais para nove pessoas. Assim afastaram para os cantos a mobília, levaram para lá a mesa da cozinha, abrindo-a na capacidade máxima. Dom sentia-se em casa, uma casa que nunca tivera, jantando com a família que jamais conhecera.

Para não ter de repetir a mesma história várias vezes, Ginger e Dom decidiram esperar o jantar para contar ao grupo as novidades do *Sentinela*. E, ao som de copos e talheres, contaram que naquela sexta-feira à noite o Exército bloqueara a rodovia pelo menos alguns minutos *antes* do “vazamento”; isso significava que os helicópteros carregados de membros da DERO haviam partido de suas bases pelo menos meia hora mais cedo. Prova de que o Exército sabia que ia acontecer um “acidente”.

Partindo o pão, Dom dizia:

— Se Falkirk e seus amigos estavam bem próximos e puderam assumir o controle da situação logo que tudo começou, é claro que o Exército sabia de tudo.

— E não fez nada?! — Jorja levantou os olhos do prato em que cortava o peru para Mareie.

— Tudo indica que não pôde fazer nada.

— Um ataque de terroristas... Assaltaram o caminhão que transportava o gás, e o aviso chegou tarde demais... — arriscou Ernie.

— Pode ser. Mas um ataque de terroristas não justificaria o segredo absoluto que cercou a operação — observou Dom, sem se convencer. — Deve ter sido outra coisa. Operações militares secretas, por exemplo, às quais só os elementos da DERO teriam acesso.

Brendan comia com o apetite de seus melhores dias de fé. Engoliu o milho que mastigava e disse:

— O fato de o Exército estar à espera de algum “acidente” explica por que havia tão pouca gente na rodovia. A estrada foi bloqueada, para desviar o tráfego pesado, mesmo antes de alguma coisa acontecer.

— Os que estavam aqui viram o que não era para ver, foram presos e submetidos a lavagem cerebral. Nós e outros que não apareceram ainda. E que talvez nunca apareçam.

Por fim, Dom contou-lhes sobre a descoberta que fizeram quando, depois de muito procurar, resolveram examinar as edições do jornal publicadas nos dias seguintes ao “vazamento”.

— Há um lugar que é citado a todo o momento — informou.

— Thunder Hill. Acho que foi lá que tudo aconteceu. O Exército usou a base de Shenkfield para desviar a atenção do verdadeiro local onde os problemas ocorreram. Esse local é Thunder Hill.

Faye e Ernie levantaram a cabeça, entreolharam-se e olharam ao redor surpresos.

— Thunder Hill fica aqui perto — disse Faye. — Uns dez, doze quilômetros a nordeste, nas montanhas. O Exército mantém uma base lá, uma espécie de depósito ou arquivo secreto. Documentos, fichas de pessoal... coi-

sas assim. O que se diz é que lá estão guardadas cópias de todos os documentos militares secretos. Assim, no caso de guerra nuclear, por exemplo, os papéis estarão protegidos.

— Esse depósito, como o chamamos, já existia quando mudamos para cá — acrescentou Ernie. — Deve ter mais de vinte anos. Dizem os boatos que há outras coisas guardadas lá, além de simples documentos. Dizem que há estoques de comida, medicamentos, armas. Estoques gigantescos, suficientes para manter o Exército abastecido por muito tempo, mesmo que as bases militares espalhadas pelo mundo sejam bombardeadas.

— Aí está um lugar onde... *tudo* pode acontecer — Jorja estremeceu.

— Tudo... — Ned repetiu.

— E seria possível que usassem esse depósito para outros fins?

— Sandy perguntou. — Para... experiências com alguma nova arma, por exemplo?

— E possível. Também pensei nisso — declarou Dom.

— Mas se não houve vazamento na rodovia, se alguma coisa aconteceu em Thunder Hill, como e por que fomos atingidos? Estávamos a mais de dez quilômetros de distância...

Essa pergunta, de Ginger, também não tinha resposta.

Mareie, que nada dissera durante o jantar, descansou o garfo ao lado do prato e, sorrindo, observou:

— Thunder Hill quer dizer “Morro do Trovão”. Por quê?

— Viva! *Essa* eu sei! — exclamou Faye, batendo palmas. — Thunder Hill fica num vale entre duas montanhas; é uma região de pastagens, cercada de morros altos. Quando venta forte, o eco produz ruído intenso, que se repete entre as montanhas e chega aqui como se fosse um trovão, desses que se ouvem quando vai chover. Mas muito mais forte, como se estivesse nascendo do chão, não do céu.

— Puxa! — A menina fez uma careta. — Eu seria capaz de fazer pipi na calça.

— Mareie! — Jorja tentou manter a disciplina, apesar das risadas gerais.

— Mas é verdade, mamãe! — protestou a garota; sempre séria. — Você se lembra do dia em que vovô e vovó foram jantar conosco, e estava chovendo, e caiu um raio na árvore do quintal? E... *bum!* Um barulhão! E eu fiz pipi na calça! — Olhou em volta da mesa, à vontade em sua nova família. — Foi horrível...

— Isso já faz muito tempo — disse Jorja, rindo. — Você era pequena...

— Dom... — chamou Ernie. — Você ainda não nos contou por que acha que o local é Thunder Hill e não Shenkfield. O que descobriu no jornal?

No *Sentinela* de sexta-feira, dia 13 de julho, uma semana depois do bloqueio da rodovia, três dias depois da reabertura da estrada, havia uma entrevista com dois fazendeiros locais, Norvil Brust e Jake Dirkson. Conforme Dom relatou, ambos falavam dos problemas que enfrentavam, acossados pelos burocratas do Ministério da Agricultura.

Conflitos entre fazendeiros e o ministério não eram raros. Metade do território de Nevada era propriedade do Estado, não apenas as áreas desérticas, mas muitas das melhores áreas de pastagens, várias delas entregues aos fazendeiros sob arrendamento. Os fazendeiros acusavam o ministério de reservar para si as melhores terras e oferecer-lhes as que não interessavam a ninguém; queixavam-se também dos impostos e das altas taxas de arrendamento. Mas Brust e Dirkson tinham novas queixas. Durante anos, diziam, haviam arrendado as terras próximas à base militar de Thunder Hill. Brust arrendava trezentos hectares, a oeste e ao sul da base, e Dirkson, duzentos hectares, ao sul. De repente, na manhã do dia 7 de julho, sábado, embora ainda tivessem direito a quatro anos de arrendamento, o ministério tomara-lhes mais da metade das respectivas terras.

— Justamente na manhã seguinte ao vazamento e ao bloqueio da estrada — comentou Faye.

— Brust e Dirkson foram ver os rebanhos na manhã de sábado, como faziam sempre — Dom continuou —, e descobriram que o gado fora afastado. Já havia até uma cerca de arame farpado delimitando o novo perímetro da área de segurança, em torno de Thunder Hill.

Ginger acabou de comer, afastou o prato, cruzou os braços e acrescentou:

— O ministério limitou-se a informar a Brust e Dirkson que os contratos de arrendamento foram “denunciados unilateralmente, sem direito a indenização”. E isso verbalmente, sem qualquer documento escrito. Parece que, em geral, quando um contrato desse é denunciado, os fazendeiros são informados antecipadamente, com sessenta dias de prazo para desocupar a área.

— E isso é legal? — perguntou Brendan.

— Aí é que está. — Fez Ernie, balançando a cabeça. — O problema de ter negócios com o Estado é esse... nunca se sabe o que é ou não é legal, porque *eles* fazem as leis e decidem. E como jogar pôquer com um fantasma.

— O pessoal de ministério anda sempre por aqui, de nariz empinado e pastinha embaixo do braço. Mandam e desmandam.

— Faye abriu os braços num gesto de impotência e cansaço.

— É o que diz o jornal — Dom concordou. — E é muito suspeito que o ministério tenha decidido retomar a posse das terras justamente na ocasião do vazamento e do problema da rodovia. Muito mais suspeito, porém, é o modo como o ministério agiu com os dois fazendeiros. Depois que ambos contrataram advogados para reivindicar seus direitos e foram aos jornais... o ministério voltou atrás e concordou em indenizá-los.

De sobranceiras franzidas, Ernie observou:

— Aí tem coisa... Nunca soube de um único caso em que o ministério tenha voltado atrás em questões de terras com os fazendeiros. O que eles fazem é exatamente o contrário... esperam que a vítima os acione e contam com o tempo do processo. Mais dia, menos dia, os fazendeiros acabam desistindo... ou porque a ação já não interessa a ninguém ou porque já não têm dinheiro para continuar pagando advogados, custas e outras coisas.

— E qual foi a indenização que pagaram a Brust e Dirkson?

— perguntou Faye.

— Não foi divulgada — Ginger respondeu —, mas não deve ter sido pequena, porque os fazendeiros se deram por muito satisfeitos e não falaram mais no assunto.

— O ministério conseguiu comprá-los — Jorja comentou.

— O ministério... ou o Exército por trás dele — disse Dom.

— E evidente que, para o Exército, quanto mais tempo o assunto continuasse nas manchetes, pior. Porque, a qualquer momento, alguém poderia ligar os dois fatos... a ocupação das terras e o problema da rodovia... apesar da distância entre a estrada e Thunder Hill.

Foi a vez de Jorja franzir as sobrancelhas.

— Pois é... — murmurou. — Não é estranho que ninguém, até agora, tenha feito essa ligação? Se vocês dois, tanto tempo depois, perceberam que aí poderia haver mais do que uma simples coincidência, por que ninguém mais viu?

— Por uma simples razão — replicou Ginger, virando-se para ela. — Porque procurávamos uma ligação qualquer entre todos os acontecimentos que tivessem ocorrido aqui. Para quem vive nesta cidade, aqueles dias foram atípicos. Ninguém pensava em outra coisa a não ser no vazamento. Além disso, parece que as disputas entre fazendeiros e ministério são muito comuns. Uma das edições do *Sentinela* traz até um editorial elogiando a mudança de atitude do governo, fazendo votos de que, dali por diante, o pagamento de indenização se tornasse rotina, e coisas assim.

— Pelo que lemos — Dom acrescentou, cruzando os braços —, e pelo que vocês dizem, aquela foi a primeira vez que o ministério pagou indenização pelas terras que queria de volta. Primeira e *única vez*. Não acredito que esse pagamento indique uma mudança de política em relação aos fazendeiros. É muita coincidência... — Calou-se, pensou durante alguns momentos e exclamou: — Não! É claro que há ligação entre a crise que levou ao bloqueio da rodovia e a questão das terras próximas a Thunder Hill!

— Há outro motivo para pensar que houve alguma coisa em Thunder Hill — acrescentou Ginger. — Se o “problema” tivesse ocorrido em Shenkfield, não haveria necessidade de chamar o pessoal da DERO. Há soldados em Shenkfield, e não é possível que não tenham condições de defender ou proteger uma base onde vivem e trabalham. Que alto segredo militar existiria numa base onde vivem e trabalham. Que alto segredo militar existiria numa base que não pudesse ser do conhecimento do serviço de segurança local? Por que convocar uma tropa de elite, treinada especialmente para cuidar

da defesa civil em momentos de catástrofe? Não bastaria deixar a segurança entregue aos mesmos soldados que já estavam envolvidos no assunto? Mas... se o problema foi em Thunder Hill, então sim... poderia ter ocorrido um problema mais sério, que os soldados comuns não deviam conhecer e que exigia a convocação de pessoal treinado pelo serviço secreto, dos tais que não abrem o bico...

— Nesse caso — disse Brendan precisamos nos concentrar em Thunder Hill, se é que existem respostas para nossas perguntas.

— E possível, até, que nada tenha acontecido em Shenkfield.

Que tudo tenha sido inventado, ou, talvez, “transferido” de Thunder Hill. Para que ninguém pensasse em examinar o local.

Ernie também acabara de comer. A sua frente, o prato e os talheres estavam prontos para ir para a pia, prova de que a rígida disciplina da Marinha ainda não fora esquecida.

— Faz sentido — concordou. — Vocês sabem que trabalhei na Marinha durante anos. Alguns deles foram dedicados ao serviço secreto, e é com certo conhecimento de causa que começo a achar que Dom pode ter razão. E bem possível que Shenkfield seja apenas uma cortina de fumaça. Muito bem elaborada.

— Mas há coisas que não entendo — disse Ned, de testa franzida. — Por exemplo... a rodovia foi bloqueada, mas entre Thunder Hill e o local do bloqueio há vários quilômetros que ficaram fora da área de quarentena. Como é possível que tenha acontecido alguma coisa em Thunder Hill... e que essa “coisa” tenha nos afetado aqui no motel... sem causar o menor dano na área entre o motel e o depósito militar nas montanhas?

— Boa pergunta — afirmou Dom. — Mais uma que ainda não podemos responder.

— E há outra — Ned continuou. — Pelo que sabemos, o depósito de Thunder Hill é subterrâneo. Há aquelas enormes portas de ferro no caminho e há a estrada que as separa do posto da guarda... Para que precisam de tanta terra? Essa terra que tomaram dos fazendeiros, por exemplo... para que precisariam dela?

— Não faço idéia. — Dom replicou. — Mas, naquela sexta-feira, seis de julho, o Exército teve de tomar medidas de emergência. Primeiro, decretou a quarentena aqui no motel, a mais de dez quilômetros de distância, para fazer a lavagem cerebral das testemunhas oculares. Segundo, resolveu ampliar a área de segurança à volta do depósito, lá nas montanhas, e criar uma segunda zona de quarentena. Posso estar enganado, mas começo a achar que, se algum dia conseguirmos descobrir o que aconteceu... descobriremos em Thunder Hill. Precisamos nos aproximar daquela montanha.

Silêncio. O jantar estava encerrado, mas ninguém parecia interessado na sobremesa. Distraída, Mareie desenhava pequenas luas amareladas na gordura do prato. Os outros, à volta da mesa, concentravam-se nos próprios pensamentos. Haviam chegado ao âmago do problema: como enfrentar tal inimigo, o governo dos Estados Unidos, o Exército americano? Como se aproximariam de uma montanha fechada por gigantescos portões que escondiam segredos protegidos pelo Estado?

— Já sabemos o suficiente para ir aos jornais — disse Jorja. — Temos os suicídios de Zebediah Lomack e de Alan. Temos o assassinato de Pablo Jackson. Temos os pesadelos de vocês. Temos as fotos. A imprensa adora esse tipo de mistério. Podemos convocar os jornalistas e começar a falar... contar-lhes o que nos está acontecendo e o que pensamos que pode ter acontecido. Teríamos a opinião pública de nosso lado. Não estaríamos sozinhos.

— Não funciona — declarou Ernie, balançando a cabeça. — Se começarmos a pressionar o Exército, não conseguiremos nada... a não ser dar tempo a *eles* para inventarem outras histórias, outras mentiras. O Exército não é como o Congresso, por exemplo, que reage às pressões da imprensa. Militar não precisa de voto... Acho que devemos continuar como estamos, pesquisando, perguntando, investigando por conta própria... dando ao inimigo a impressão de que não sabemos de nada que possa ameaçá-lo. E ganhar tempo até descobrirmos o ponto fraco deles.

— E que ninguém esqueça — preveniu Ginger — que o coronel Falkirk queria nos matar. Nada indica que possa ter mudado de idéia. Parece claro que foi voto vencido quando tudo aconteceu. Mas agora, considerando-

se que ele estava certo quanto à ineficácia da lavagem cerebral, talvez seus superiores concordem com o holocausto.

— De qualquer modo — Sandy acrescentou —, mesmo que seja perigoso, acho que Jorja tem razão. Não há como entrar em Thunder Hill para descobrir o que existe lá. É um lugar de segurança máxima... à prova até de ataques nucleares.

— Acho que Ernie está certo — opinou Dom, recostando-se na cadeira. — O melhor é dar tempo ao tempo e investigar... Talvez descubramos o ponto fraco do inimigo.

— Mas... e se ele não tiver ponto fraco? — Sandy arregalou os olhos.

— Desde o dia em que nos mandaram para casa, o plano deles começou a ruir — observou Ginger. — Cada dia, quando acordamos, descobrimos um detalhe novo... O inimigo começa a perder a guerra. Estamos furando o cerco...

— É... Mas eles têm mais tempo para recompor o cerco do que nós para continuar furando — comentou Ned, com um suspiro desanimado.

— Nada de pensamento negativo — Ernie resmungou.

Do outro lado da mesa, Brendan sorriu seu sorriso luminoso, quase sobrenatural, e disse:

— Ernie tem razão. Nada de pensamento negativo... porque é bobagem! Estamos destinados à vitória. Vamos vencer.

Em sua voz vibrava, outra vez, a certeza calma dos iluminados, como se Deus lhe houvesse revelado o futuro... um futuro especial, inevitável. Mas, em momentos como aquele, a certeza da vitória não servia para reconfortar Dom. A certeza ainda lhe vinha carregada de medo e ansiedade.

— Quantos soldados estão reunidos em Thunder Hill? — Jorja perguntou.

Antes que Ginger ou Dom pudesse informar-lhes o que haviam descoberto no jornal, a porta do corredor abriu-se. Apareceu um homem, entre trinta e quarenta anos, magro, de olhar duro, cabelo escuro e ombros fortes, que os fitava de lado, com o olho vesgo. A porta da frente estava fechada a chave e era impossível subir a escada sem fazer estalar o linóleo encerado dos degraus; além disso, a porta da sala de estar do apartamento dos Block

também estava trancada. Mas o homem ali se encontrava, atento como um gato.

— Pelo amor de Deus — disse ele —, calem a boca. Se pensam que estão seguros aqui... vocês estão doidos!

Trinta quilômetros a sudoeste do Motel Tranqüilidade, no campo de provas da base militar de Shenkfield, as instalações eram subterrâneas: laboratórios, escritórios da administração, centro de controle de segurança, lanchonete, áreas de lazer e convivência, apartamentos dos oficiais. Ao sol ardente do verão à beira do deserto, e nos raros invernos rigorosos da região, era mais fácil e econômico manter os controles em níveis confortáveis de temperatura e umidade em construções subterrâneas. Mas não era essa a principal razão de o Exército obrigar seus soldados a viverem enterrados como toupeiras. A base ocupava-se de testes com armas químicas e biológicas que não podiam ser experimentadas a céu aberto, sob pena de transformar a população civil em cobaias indefesas e barulhentas.

Por mais que o trabalho os apaixonasse, por mais que o lazer os fizesse descontraír-se, os técnicos de Shenkfield nunca esqueciam que viviam enterrados, metros abaixo do solo. Tinham duas razões para isso: passavam os dias pensando nas janelas que não viam, e os aparelhos de ar condicionado nunca paravam de zumbir.

Sozinho, sentado em frente à mesa de aço da sala que ocupava temporariamente, preocupado e ansioso à espera de um telefonema que não vinha, o coronel Leland Falkirk pensava no quanto odiava aquele lugar.

O zumbido do ar condicionado nos ouvidos, dia e noite, dava-lhe dor de cabeça. Desde sábado, quando chegara, devorava aspirinas como se fossem balas. Abriu o vidro, tirou mais dois comprimidos e colocou-os sobre a mesa. Apanhou um copo, encheu-o de água no bebedouro de metal, porém não usou a água para engolir os comprimidos: enfiou as aspirinas na boca e mastigou-as a seco. O gosto amargo deu-lhe náuseas, mas ele ainda não tocou no copo, nem cuspiu o remédio. Insistiu, venceu o enjoo e a saliva ácida desceu-lhe pela garganta.

A miserável infância de incertezas e dores e a adolescência ainda mais desesperada ensinaram-lhe que a vida é cruel, terrivelmente injusta; que os

imbecis têm esperanças de salvação, mas só os mais

fortes têm chance. Desde muito jovem obrigava-se a exercícios que lhe causavam dor emocional, mental ou física, porque acreditava piamente que a autoflagelação o tornaria mais resistente e, portanto, menos vulnerável. Os exercícios iam de mastigar aspirinas secas à prática dos mais radicais testes de sobrevivência, que chamava de “passeio ao inferno”. Eram excursões de duas semanas ou mais, nas quais se expunha a riscos de vida constantes. Saltava de pára-quedas na selva, sem possibilidade de contato com a civilização, desarmado e sem alimentos, vestido só com o uniforme. Não tinha bússola, nem fósforos, mas apenas o direito de usar as duas mãos e o que conseguisse inventar com elas. A meta: regressar são e salvo. Passava as férias nesses “passeios ao inferno”, e sempre voltava certo de que a luta pela vida tornava-o mais forte e confiante.

O pó ácido das aspirinas queimava-lhe a língua.

— Toque, maldito... toque... — disse, olhos no telefone, à espera das notícias que lhe permitiriam deixar aquela toca de bicho.

Um coronel da DERO que odiava gabinetes. A base de Falkirk, onde estava servindo, não era em Shenkfield, e sim Grand Junction, Colorado. Lá ele passava pouco tempo no escritório, preferindo sempre a intensa atividade física dos treinamentos táticos. Em Shenkfield, sem janelas e sem ar, sentia-se enterrado vivo num caixão de muitas salas e intermináveis corredores.

Se tivesse qualquer outra missão a cumprir em Nevada, escolheria os alojamentos de Thunder Hill, que, embora igualmente subterrâneos, eram mais claros e espaçosos... Nada de catacumbas escuras, asfixiantes, zumbindo sem parar.

De qualquer modo, era impossível pensar em Thunder Hill. Tinha pelo menos duas razões para manter os homens longe de lá: em primeiro lugar, claro, por causa do segredo. Se os fazendeiros encontrassem soldados da DERO na região das montanhas, ficariam curiosos; era preciso mantê-los a distância, custasse o que custasse. No verão retrasado, ele próprio escolhera Shenkfield como base de operações para não atrair atenção sobre Thunder Hill. Naquele momento, com as novas complicações que surgiram, era

ainda mais importante permanecer ali, para confirmar o que declarara à imprensa. Em segundo lugar, tinha de ficar em Shenkfield porque não confiava no pessoal de Thunder Hill... em ninguém, Viver lá era viver cercado de inimigos. E se todos em Thunder Hill estivessem contaminados? Se já não fossem os mesmos?

As aspirinas perdiam o gosto, rolando na língua. Já não sentia náuseas, já não precisava engolir golfadas de suco gástrico que lhe subiam á boca. Era hora de tomar um gole de água. Quatro goles, até esvaziar o copo.

Leland Falkirk perguntou-se de repente se ultrapassara o limite entre dor e prazer, entre o uso construtivo da dor e o prazer de ‘ sofrer. Perguntou-se e, ao mesmo tempo, descobriu a resposta: sim, de certo modo, era masoquista. Um masoquista disciplinado e valente, que aprendia com a dor, que controlava a dor e não permitia que o prazer o dominasse... mas, sem dúvida, um masoquista. De início, obrigava-se a sofrer para fortalecer a vontade. Até que, aos poucos, começou a gostar... A descoberta o fez arregalar os olhos.

Pensou no futuro. Alguns anos mais, e seria um velho pervertido, obcecado, enfiando agulhas de bambu por baixo das unhas pelo simples prazer de sentir os olhos arderem e o coração disparar. Uma imagem grotesca, sombria... e engraçada. Leland riu.

No ano anterior, ainda não era capaz de rir de si mesmo. Ultimamente, porém, vinha descobrindo novos e estranhos traços de sua personalidade e divertia-se muito. Sabia, por exemplo, que podia e devia mudar um pouco, tornar-se melhor, ser mais feliz, sem perder a dureza e a invulnerabilidade que tanto lhe custara alcançar. Era novidade, estranha novidade num homem como ele, mas não chegava a surpreendê-lo. Depois do que vira no verão retrasado, depois de tudo que lhe acontecera e considerando o que ainda ocorria em Thunder Hill, era difícil imaginar que a vida continuaria a mesma.

O telefone tocou. Falkirk atendeu, rápido, certo de que chegavam notícias sobre a situação em Chicago. Mas não. Era Cory

Henderson, de Monterey, Califórnia, que informava sobre a operação na casa dos Salcoe. Sem novidades.

No verão retrasado, Gerald Salcoe hospedara-se com a esposa e duas filhas no Motel Tranqüilidade, naquela noite. Segundo fonte segura, uma des-

sas quatro pessoas dava sinais de estar vencendo o bloqueio de memória.

Os especialistas da CIA, quase sempre usados em operações no exterior, foram convocados para o motel porque garantiam que os bloqueios eram seguros, à prova de falha; mas, nos últimos tempos, andavam perdendo o sono com os freqüentes relatórios sobre casos de pessoas que começavam a lembrar-se. Tentavam explicar-se dizendo que a experiência vivida por aquelas pessoas era profunda demais para ser facilmente removida da memória. Prometiam, porém, que com outra sessão, com mais três dias de tratamento, conseguiriam o silêncio eterno.

Naquele exato momento, homens da CIA e do FBI, em operação conjunta, mantinham os Salcoe em cárcere privado, fazendo-os passar por um segundo programa de lavagem cerebral. Apesar de Cory Henderson jurar que tudo estava correndo conforme o previsto, Leland não tinha mais dúvidas de que era tempo perdido. O segredo acabaria vazando. Era grande demais para permanecer enterrado por tanto tempo.

O problema era que havia gente demais envolvida na operação: FBI, CIA, uma companhia inteira da DERO, o pessoal de segundo escalão. Muito cacique... e pouco índio.

Leland, contudo, era bom soldado. Cabia-lhe o comando militar da operação, e ele cumpriria a missão exatamente como se esperava que fizesse. Ainda que lhe custasse a vida.

De Monterey, Henderson perguntava:

— E o pessoal do motel? Quando é que você vai agir?

As “testemunhas”. Assim eles chamavam os homens e mulheres que haviam passado pela lavagem cerebral em julho, no verão retrasado. Leland gostava do termo. Além de óbvio e correto, sugeria um halo místico, quase religioso. Lembrava-se de cultos religiosos que vira quando criança: os fanáticos rolavam pelo chão,

aos gritos, enquanto o líder esbravejava: “Vejam! Sejam testemunhas do milagre... Sejam testemunhas do Senhor!” Ora... as “testemunhas” do Motel Tranqüilidade haviam visto algo espantoso, aterrorizante, inacreditável — muito mais inacreditável do que a visão daquele líder enlouquecido de alguns fanáticos.

— Estamos a postos — Leland informou Henderson. — Podemos entrar em ação a qualquer momento. Mas não vou agir antes de ter notícias de Chicago. Falo de Calvin Sharkle.

— Que confusão! Como pôde acontecer? Bastava tê-lo recolhido para um segundo programa, como fizemos com os Salcoe, aqui na Califórnia!

— A confusão não é problema meu — replicou o coronel. — Cabe a vocês vigiar as “testemunhas”. Meu dever é agir.

— Não estou querendo culpá-lo, nem a seus homens — emendou Henderson, com um suspiro desanimado. — Mas a culpa também não é nossa. E gente demais para vigiar! Só para seguir as testemunhas quatro dias por mês e ouvir a metade das fitas gravadas nos telefones de cada uma, por mês, e ouvir a metade das fitas gravadas nos telefones de cada uma, precisaríamos de vinte e cinco agentes em tempo integral. Temos vinte! E há também a questão da segurança. Apenas três de nossos agentes mais graduados podem saber *por que* devem vigiar esse pessoal. E ninguém gosta de trabalhar no escuro... Os rapazes ficam inseguros, acham que não confiamos neles e perdem o interesse. Até que acontece o que aconteceu com Sharkle... o bloqueio começou a ceder, e nós nem percebemos! Mas como fomos cair nessa?! Como acreditamos que seria possível manter o bloqueio por tempo indefinido? Sabe qual foi nosso erro? Eu lhe digo... não deveríamos ter confiado naqueles filhos da puta da CIA. Lavagem cerebral... Besteira!

— Minha opinião foi sempre essa. A solução seria tão simples! — Leland respirou fundo.

— Matá-los? A todos?! Matar trinta e um cidadãos inocentes só porque tiveram o azar de estar no lugar errado na hora errada?

— Não cheguei a pensar seriamente em matá-los. Queria dizer é que esse seria o único modo eficiente de resolver o problema.

O silêncio de Henderson foi eloqüente. Como todos, ele também não acreditava nas explicações de Falkirk.

— Vocês vão agir hoje à noite? — perguntou.

— Talvez. Se recebermos notícias de Chicago... se soubermos o que estão fazendo no motel... Ainda há algumas questões para serem esclarecidas. Os fenômenos paranormais, por exemplo. O que são? Nós dois temos al-

gumas idéias, não é? Precisamos ser cautelosos. Não, não... Não vou agir, nem arriscar a vida de meus homens antes de saber o que está realmente acontecendo com aquelas testemunhas — Leland concluiu, desligando o telefone.

Thunder Hill. A vida seria mais fácil, se pudesse acreditar que o segredo naquela montanha representava o futuro feliz que a humanidade esperava! Mas não... Não podia ser! No fundo da alma, alguma coisa lhe dizia que não haveria futuro se o segredo fosse divulgado. A revelação equivalia ao fim do mundo.

Quando Jack apareceu na improvisada sala de jantar, alguns levantaram-se para saltar sobre ele, outros apenas arregalaram os olhos, e Ernie quase virou a mesa ao voltar-se num gesto brusco. Jack deixara a submetralhadora na recepção para evitar que se assustassem demais. Mas a surpresa da chegada era necessária para fazê-los entender, de uma vez por todas, o risco que corriam. Mareie, desenhando luas no prato, foi a única que não reagiu.

— Tudo bem... Calma... Sentem-se e acalmem-se — disse Jack, fitando os rostos atônitos. — Sou um de vocês. Naquela noite estive hospedado aqui sob o nome de Thornton Wainwright. E um nome falso, por isso vocês não me localizaram. Sobre isso, falaremos mais tarde. Agora...

Estouraram perguntas de todos os lados, os nove falando ao mesmo tempo. Jack ouviu apenas pedaços de frases — “nos mata de medo”, “como foi que abriu”... — até que bateu palmas fortemente e elevou a voz:

— Não podemos falar aqui — disse. — Esta sala não é segura.

Há mais de uma hora estou lá fora, ouvindo tudo que vocês diziam. E se eu pude ouvir, o pessoal que está atrás de nós também pode.

Nove pares de olhos arregalaram-se ao redor da mesa. Por fim Ernie franziu as sobrancelhas, desconfiado:

— Você está querendo dizer que há escuta por aqui? Escuta clandestina? Não acredito. Eu mesmo revistei todo o apartamento e não encontrei nada. Tenho certa experiência no assunto...

— Você deve ser Ernie — Jack virou-se para ele, a voz fria e dura como lâmina afiada, sabendo que era preciso mantê-los de guarda alta para que entendessem que ninguém estava brincando.

‘Tinha pouco tempo... suficiente para uma única lição. — Estava falando sobre sua experiência na Marinha. Mas não disse há quanto tempo está aposentado. Aposto que faz quase dez anos. De lá para cá as coisas mudaram muito. Não ouviu falar em revolução tecnológica? Merda! Ainda pensa que eles têm de entrar aqui para instalar microfones no pé do abajur?! Eu trouxe um amplificador de vozes, um microfone especial, e ouvi tudo. Com este ou outro recurso mais moderno, eles também podem ouvir; só precisam ligar um pequeno amplificador ao telefone e discar o número de vocês. Não é impossível... ao contrário, é fácilimo! — Atravessou a sala, passou por Ernie e aproximou-se do telefone, ao lado do sofá. — Sabem como essa escuta funciona? Quando eles ligam seu número, um pequeno aparelho... um osciloscópio eletrônico, para ser mais exato... desliga a campainha de seu aparelho e, ao mesmo tempo, aciona o microfone que está dentro desta peça. — Apontou o bocal. — Vocês não ouvem nada, o telefone parece desligado, como agora, e eles lá, ouvindo o que vocês dizem em qualquer cômodo da casa onde haja extensão telefônica. — Sorriu, irônico, indicando o aparelho sobre a mesinha. — Aí está seu microfone escondido! Vocês mesmos o colocaram aí e pagam as contas rigorosamente em dia, para que ele não seja cortado. Não há dúvida de que *eles* sabem tudo que está acontecendo por aqui. Devem ter ouvido a longa reunião de hoje. Se

vocês querem morrer, metam uma bala nos miolos. Vão economizar tempo e munição do inimigo. E rápido* indolor...

Deu certo. A ironia afastou qualquer dúvida que ainda tivessem. Jack olhou em torno e perguntou.

Há alguma sala sem janelas, grande o bastante para montarmos nosso conselho de guerra? Se houver telefone, basta desligá-lo da parede.

Faye fez que sim com a cabeça. Jack lembrava-se vagamente dela: a loira madura, atraente e gentil que o fizera preencher uma ficha na recepção do motel no verão retrasado. Com certeza, mulher de Ernie.

— O restaurante. Ao lado do motel — disse ela.

— Um restaurante... sem janelas? — Jack estranhou.

— As vidraças se quebraram — explicou Ernie. — Vedamos as janelas com folhas de compensado.

— Então vamos para lá, discutir a estratégia que seguiremos de hoje em diante. E quando tudo estiver resolvido venho comer um pedaço desse peru de que vocês falaram tanto. Meu jantar foi um desastre!

Jack virou-se e desceu, sem esperar resposta, sabendo que todos o seguir iam.

Durante cinco minutos, usando os recursos de seu palavreado de beira de cais, Ernie esbravejou contra aquele “vesgo filho da puta”, mas aos poucos, sem ao menos perceber, baixou a voz e a crista.

Vesgo, sim, e talvez até filho de alguma puta, porém sem dúvida um homem para se respeitar. Diferente de todos os outros do grupo. Também fora “chamado”, como os demais. No entanto, chegou de surpresa, atravessou duas portas trancadas... trazendo uma submetralhadora carregada! Mas antes de sentir admiração, Ernie tremia de fúria, vendo o falso Thornton Wainwright pendurar a arma no ombro e andar firme em direção à porta. A pergunta de Jack ainda ecoava-lhe nos ouvidos: “Você não ouviu falar em revolução tecnológica?” Desgraçado! Ernie estava tão furioso

que se esqueceu de apanhar o casaco, como os outros; seguiu o homem, pisou no cimento da entrada e apressou o passo para aproximar-se dele. Precisava lhe dizer duas ou três coisinhas para colocá-lo em seu devido lugar!

— O que é que você está pensando? Podia ter falado da merda do microfone sem ser tão grosseiro!

— Talvez... — Jack sorriu com o canto dos lábios. — Mas levaria muito tempo. Não valia a pena.

Ernie abriu a boca para replicar e... deu-se conta de que estava fora... a meio caminho entre o motel e o restaurante., vulnerável, exposto à *escuridão*. Os pulmões fecharam-se de repente, grudados como balões vazios. Não conseguia respirar. Gemeu baixinho, desesperado, morto de medo e de vergonha.

Para sua surpresa, o recém-chegado amparou-o antes de perguntar o que estava acontecendo. Um abraço forte segurou-o. Um braço solidário.

— Estamos chegando. Apóie-se em mim.

Além de humilhá-lo com a conversa de revolução tecnológica, se fazia de bom samaritano! Mais furioso ainda, Ernie afastou-se, empurrando para

longe o braço que o amparava.

— Ouvi tudo — revelou Jack, sem perder a calma. — Vocês falaram de seus problemas de medo de escuro. Não estou com pena de você, mas não vejo nada engraçado num homem assustado. A fobia deve ter algo a ver com o que nos aconteceu... não é culpa sua. Todos nós precisamos uns dos outros para sair dessa. Apóie-se em mim, e vamos até o restaurante. Lá, com luzes acesas, discutiremos o assunto, está bem?

Quando o homem começou a falar, Ernie mal conseguia aspirar. Quando acabou, o problema era inverso: seus pulmões inchavam-se de ar, ele não conseguia expirar. Como que arrastado por uma força incontrolável, virou-se para a direção sudeste e mergulhou os olhos na escuridão imensa. E de repente, como se uma pequena luz começasse a brilhar, percebeu que não tinha medo da noite... O que o enchia de medo não era a noite, nem a escuridão, mas a lembrança de alguma coisa que vira ali adiante

naquela maldita noite de 6 de julho, no verão retrasado. Não conseguia tirar os olhos daquele ponto, o lugar especial onde estiveram na véspera, à procura de pistas. O estranho lugar ao qual todos pareciam ir como que arrastados.

Faye aproximara-se e Ernie encolheu-se a seu lado, aceitando a ajuda que lhe oferecia. Quando Jack novamente tentou ampará-lo, ele outra vez o empurrou.

— Faça como quiser, marinheiro idiota — esbravejou o falso Thornton. — Você ainda não aprendeu a pedir socorro. Vai aprender, mais dia menos dia, porque todos acabam aprendendo. Se quiser, fique aí, morrendo de medo... Você só saiu porque estava com raiva, não porque tem coragem. Pois que fique aí, com seu medo, e foda-se! Ou seja macho e ande até o restaurante!

Ernie engoliu em seco. O vesgo o provocava... queria enfurecê-lo até que a raiva vencesse o medo e o fizesse andar. De homem para homem... como nos tempos da Marinha! Era como se lhe dissesse: “Me odeie. Me odeie até criar coragem. Me odeie até vencer o medo. Guie-se por mim e pelo ódio. E vá devagar, um passo atrás do outro...” Estava mudando de tática. Nada de solidariedade fácil, nada de ombro amigo. Agora as coisas pa-

reciam mais simples, e se Ernie não estivesse ainda muito próximo do pânico, riria daquele atrevido. Jack estava certo: guiar-se pela raiva era mais eficaz e menos humilhante. Ernie fechou os olhos, deixou a raiva crescer até cegá-lo e seguiu o outro em direção ao restaurante.

— Está gelado aqui! — Faye correu para ligar o aquecedor.

Ernie jogou-se numa cadeira, pernas abertas, os braços caídos ao longo do corpo, bufando como um touro, e começou a acalmar-se. Viu Jack caminhar pela sala, verificando os painéis de compensado que cobriam as janelas. Para sua surpresa, descobriu que já não odiava aquele “vesgo filho da puta”, nem queria parti-lo ao meio... apenas não gostava dele.

O homem examinou o telefone público instalado junto à porta. Acionado a moedas, era impossível desligá-lo da parede. Sem dizer palavra, levantou o fone, e, com um safanão, rebentou o fio.

— Há outro telefone atrás do balcão — disse Ned.

— Desligue.

Ned obedeceu em silêncio. Com a mesma segurança de quem está habituado a dar ordens e ser obedecido, Jack mandou Brendan e Ginger arrumarem as cadeiras ao redor de uma das mesas maiores.

Cada vez mais interessado, Ernie observava-o de longe. Agora o vesgo examinava a porta da frente, cujo vidro, mais resistente, não se quebrara durante o “terremoto” da noite de sábado. Não fora recoberta de compensado e, assim, constituía o único ponto transparente e vulnerável em todo o restaurante. Sem se virar, Jack perguntou se sobrara algum compensado. Dom respondeu-lhe que sim. Sempre de costas, o outro disse-lhe que encarregasse “um dos homens” de buscar uma folha, suficiente para revestir a porta. Dom fez sinal a Brendan, que pouco depois reaparecia com uma placa ligeiramente mais larga que a porta. O vesgo encarregou-se de colocá-la no lugar.

— Não está perfeito, mas serve — comentou. — Precisamos só de um anteparo que bloqueie a saída do som. Onde você pegou o compensado?

— No depósito, atrás do restaurante. — Brendan respondeu.

— Quero ver esse depósito — decidiu Jack, caminhando para os fundos da sala. De passagem, mandou Sandy ligar o aparelho de som, escolher

alguns discos e deixar o volume alto. — Quanto mais barulho, melhor — explicou, afastando-se. Mas Sandy já obedecia, mesmo antes da explicação.

Foi então que Ernie entendeu por que o vesgo o fascinava. Porque era um soldado! Dos melhores que já vira: rápido nas decisões, preciso e claro nas ordens, exato nos movimentos. Não, não era um soldado, mas um oficial habituado a comandar. Um oficial de corporação de elite... Um “homem de ouro” do Exército! Danado de bom!

— Merda... — murmurou, rindo para si mesmo. — Ele é igualzinho a mim, nos bons tempos...

O que explicava por que o fizera andar até o restaurante. Por que, olho no olho, o vesgo também percebera a verdade: eram ambos da mesma raça!

— Sou uma besta... — Ernie riu outra vez. — Uma grande besta!

Quando Jack voltou da inspeção ao depósito, todos estavam acomodados à volta da mesa que Ginger e Brendan haviam preparado. Ele sorriu, rápido, mais com os olhos que com os lábios, e perguntou a Ernie:

— Tudo bem?

— Claro, companheiro... — Ernie balançou a cabeça. — E muito obrigado!

Sem responder, o homem aproximou-se da cabeceira da mesa, onde havia uma cadeira à sua espera e, ao som de Elvis Presley, começou:

— Meu nome é Jack Twist e não sei nada sobre o que está acontecendo conosco, além do que ouvi hoje, sentado lá fora. Acho que alguém nos meteu numa terrível enrascada, mas é bom que vocês saibam desde já que essa é a primeira vez, em oito anos, que tenho a certeza de estar entrando do lado certo da briga. Estou com os “mocinhos” pela primeira vez, em oito anos... Meu Deus! Não podem imaginar como eu precisava mudar de lado!

O tenente Tom Horner, ordenança do coronel Falkirk, tinha mãos imensas. O pequeno gravador quase desaparecia na sua palma direita, quando ele entrou no escritório sem janelas. Com dedos tão largos, era difícil imaginá-lo ligando o gravador sem o auxílio de um lápis. Mas era hábil como poucos. O aparelho apareceu de repente, como saído da manga, foi posto sobre a mesa e ligado sem problemas.

A fita fora copiada do monitor que, fazia meia hora, registrava as conversas das testemunhas reunidas no motel. Primeiro, a descoberta de que Shenkfield era apenas uma cortina de fumaça. Thunder Hill... Leland balançou a cabeça ao ouvir a referência ao depósito das montanhas. Nunca imaginou que descobrissem. Muito espertos... o que os tornava ainda mais perigosos.

A fita rodava: “Não podemos falar aqui. Esta sala não é segura”.

— É Twist — disse o tenente Horner, controlando a voz forte e grave com a mesma habilidade com que controlava as mãos. Desligou o gravador. — Sabíamos que ele estava a caminho. É um homem perigoso... Era previsível que fosse mais cuidadoso que os outros, claro... mas chegou armado até os dentes! Parece que veio para um combate!

Tanto quanto sabiam, o bloqueio de memória de Jack Twist não apresentava sinais de deterioração. Ele não tinha pesadelos, nem crises de fuga ou inconsciência, nem sonambulismo, nem fobia. Portanto, havia só uma explicação para sua repentina aparição em Elko a bordo de um jatinho fretado: o traidor que enviara as fotos para o endereço de Corvaisis e para a casa dos Block.

Leland Falkirk estremeceu de fúria ao lembrar que havia um traidor envolvido na operação. Um de seus homens, talvez alguém em Thunder Hill. A primeira notícia de suas atividades só lhe chegara com as fitas da reunião entre Dominick Corvaisis e os Block, na noite do sábado anterior. Pela primeira vez, ouvira falar das fotos enviadas, sem remetente, pelo correio. No segundo seguinte, iniciaram-se as investigações sobre todos os encarregados de Thunder Hill, mas ainda não possuíam resultados palpáveis.

— O pior está por vir — comentou Horner, fazendo uma careta, e novamente ligou o gravador.

Leland ouviu a aula que Twist deu às testemunhas sobre escuta eletrônica; de repente, fez-se silêncio. O tenente desligou o aparelho.

— Estão reunidos no restaurante — disse. — Desligaram os telefones. Mantive contato por rádio com os agentes do posto de observação junto à rodovia. Informaram que todos saíram do motel e entraram no restaurante, mas,

pelo menos até agora, nossos homens não conseguiram ouvir palavra do que dizem. Nossos amplificadores estão com interferência.

— Podem desligar os amplificadores — resmungou Leland, esmurrando a mesa. — Twist é um profissional.

— E eles já sabem sobre Thunder Hill. Precisamos agir.

— Estou esperando notícias de Chicago.

— Sharkle ainda está lá? Continua entrincheirado em casa?

— Sim, pelo que dizem as últimas notícias. Temos de chegar até ele para descobrir se é verdade que se lembrou de tudo. Se isso se confirmar, se ele contou a alguém o que viu aqui no verão retrasado, será um erro invadir o motel para prender as “testemunhas”. Teremos de pensar em outro plano.

Mareie dormia no colo da mãe quando Jack Twist se apresentou. Jorja também estava exausta, mas a presença daquele homem fazia-a esquecer o cansaço e o sono, e ela esperava, os olhos muito abertos.

Primeiro, Jack falou-lhes da prisão na América Central e do fim de sua carreira militar. Parecia contar a história distante e impessoal de outro homem, do qual, entretanto, conhecia bem a segurança, as limitações e a força. Não se preocupava em ganhar a solidariedade fácil dos ouvintes, nem temia ser julgado.

Contudo, ao falar de Jenny, a voz e o rosto alteraram-se, Jorja viu-o frágil e vulnerável como qualquer homem infeliz, saudosos e só; um rio de dor e de amor, correndo sempre, malcontido por trás dos olhos frios e duros. Jenny e aquele homem foram felizes e amaram-se muito; houve necessidade de muito amor para mantê-los unidos, apesar dos longos anos de coma. Jorja tentou imaginar o que poderia ser um casamento como o deles... um casamento raro, especial. Mas o homem sentado à cabeceira da mesa, contando a história de sua própria vida, começava a parecer-lhe ainda mais raro e muito especial. Jorja ouvia-o com crescente interesse.

Jack não foi muito preciso quando se referiu a sua profissão. Nem explicou direito a procedência do dinheiro com que pagara a clínica onde Jenny estivera internada. Disse apenas, com muita franqueza, que seu trabalho não era legal, que já não se orgulhava dele e sentia-se feliz, afinal, por estar de volta à turma dos “mocinhos”.

— Nunca matei ninguém — informou —, exceto em combate. Graças a Deus! E bom vocês não conhecerem muitos detalhes, porque poderiam ter problemas no futuro.

Os acontecimentos de julho, no verão retrasado, afetaram-lhe a vida, mas, como no caso de Sandy, mudaram-no para melhor.

— Pelo que entendi, você acaba de confessar, indiretamente, que ganhava a vida como ladrão profissional — disse Ernie; esperou que Jack respondesse e, como este permaneceu calado, continuou:

— Estou pensando... Com certeza, você falou sobre isso com o pessoal que nos fez a lavagem cerebral. Você nos contou sobre os cofres dos bancos onde guardava o dinheiro que provavelmente roubava... disse que cada um fora alugado sob identidade falsa... E claro, então que, pelo menos desde julho do ano retrasado, o Exército conhece a natureza de seu trabalho.

Jack ouvia em silêncio, sem confirmar nem desmentir. E o silêncio era mais claro que uma confissão completa.

— Ainda assim — Ernie prosseguiu —, eles apagaram de sua memória a lembrança do que aconteceu aqui e o mandaram para casa... Por que diabos agiram assim? Bastaria um telefonema anônimo para a polícia de Nova York, por exemplo, e você estaria preso.

— Talvez — sugeriu Jorja — não estivessem muito seguros quanto à eficácia do bloqueio. Deixaram-nos ir para ficar de olho em nós... e esperar. Caso fosse necessário, nos seqüestriariam em qualquer esquina para nos submeter a outras sessões de lavagem cerebral. Como poderiam seguir ou seqüestrar Jack se ele estivesse na prisão?

— Perfeito — concordou Jack, sorrindo-lhe. Acertou na mosca.

Jorja baixou os olhos, fingiu que acariciava os cabelos de Mareie e escondeu o prazer que lhe dava o primeiro sorriso de Jack Twist. Um sorriso claro, caloroso, franco.

— Eles têm um segredo — Jack continuou —, um segredo tão importante que os obrigou a me deixar livre.

— Ou não — observou Ginger. — Eles teriam condições de programar você para que se regenerasse.

— Condições, talvez. Tempo, não.

— Com toda aquela gente precisando de tratamento rápido, claro que não tinham tempo para pensar na salvação de minha alma. Não... Comecei a me regenerar quando voltei a me sentir culpado pelo que fazia, por viver à margem da lei. Acho que essa mu-

dança aconteceu, de algum modo, motivada pela experiência que tivemos aqui. Vimos alguma coisa que ainda não sabemos identificar, mas que foi muito importante, muito profunda. Algo que me obrigou a reavaliar minha vida passada. Algo que me obrigou a ver que, por terrível que tenha sido a dor de perder Jenny, nada, nem mesmo a dor, justificaria a vida sem esperança que eu levava.

— E isso! — Sandy sorriu. — E o mesmo que aconteceu comigo! Nada mais tinha importância... nem minha infância miserável... depois do que aconteceu naquele verão.

Todos se entreolharam, calados. Que experiência seria tão profunda a ponto de converter um homem como Jack, ou de fazer reviver a alma despedaçada da pobre Sandy? Mistério.

Jack separou mais alguns discos e ligou outra vez o aparelho. Depois, fez muitas perguntas, começando a montar um quadro completo das descobertas ou lembranças com as quais podiam operar até aquele momento.

Cada vez mais, Jorja admirava sua capacidade de liderança. Quando ele os escalou para as várias tarefas que ocupariam os dias seguintes, ninguém à volta da mesa contestou suas decisões. E ninguém, tampouco, parecia sentir-se manipulado. Não. Todos reconheciam nele o líder que esperavam.

Para Jorja, Jack era outro tipo de exemplo, mais ou menos como Ginger. A seu modo, era um pouco o homem que ela gostaria de ser. Ou de ter. Um homem como Alan nunca poderia ter sido.

Por fim, chegaram ao problema mais imediato: a possibilidade de um ataque da DERO. A medida que se evidenciavam os sinais de que os bloqueios mentais começavam a ceder, crescia o risco de Falkirk ordenar o assalto ao motel. E o risco evidentemente seria maior se continuassem reunidos. A partir da manhã seguinte manteriam-se divididos em grupos, como Jack sugeriu. Quanto àquela noite, concordaram em que a maioria iria dor-

mir, enquanto dois ou três seguiriam para Elko, de carro, sem parar em nenhum local em especial, atentos a qualquer movimento sus-

peito. Às quatro da manhã, os dois ou três seriam substituídos e voltariam ao motel para descansar.

— Prefiro sair no primeiro grupo — disse Jack. — Mas preciso andar até o lugar onde deixei o jipe. Quem vai comigo?

— Eu — ofereceu-se Jorja, mas, lembrando-se da filha, emendou: — Quero dizer... se alguém tomar conta de Mareie até amanhã.

— Claro! Faye levantou-se. — Ela dorme conosco.

Brendan prontificou-se também a sair com o primeiro grupo.

Jorja sorriu. Era cedo, ainda, para sentir-se tão frustrada por não ter Jack só para si...

Como todos tinham tarefas previstas para a manhã seguinte, o segundo grupo incluiu apenas Ned e Sandy. Os que iam sair combinaram encontrar-se às quatro horas em frente ao supermercado.

— Se vocês chegarem antes — recomendou Jack —, pelo amor de Deus não comprem *hamwich*. É veneno. Agora, vamos nos mexer.

— Só um instante, por favor — pediu Ginger, os braços cruzados sobre a mesa. — Estou remoendo uma idéia desde hoje à tarde, quando Brendan chegou, e as marcas avermelhadas apareceram nas mãos dele e nas de Dom... e ouvimos aquele ruído estranho... e a luz... Estou tentando entender o que aconteceu. Acho que descobri, pelo menos, parte da explicação.

— Pois fale... — Jack acomodou-se na cadeira.

— Há um elemento comum em todos os nossos sonhos — ela começou. — Por mais diferente que sejam, têm algo a ver com a Lua. Tudo bem. Os outros detalhes que vemos em sonhos... os quartos, as camas, os aparelhos médicos, as agulhas intravenosas... não são, na verdade, irrealis... Pertencem a fatos que efetivamente vivemos. São lembranças querendo vir à tona. A partir daí, podemos concluir que a Lua também é parte importante do que houve conosco. Outra lembrança, como as luvas que me assustavam. Até aqui, tudo entendido?

— Perfeito — Dom respondeu por todos.

— As luas de Mareie foram se avermelhando. Jack nos contou que também sonhou com uma lua vermelha. Ninguém mais, até o momento, pelo menos, sonhou com luas vermelhas, porém o fato de a mesma imagem aparecer nos sonhos de duas pessoas é prova de que a Lua vermelha faz parte de alguma coisa que realmente aconteceu. Para simplificar... acho que naquela sexta-feira, dia seis de julho, vimos alguma coisa que fez a Lua parecer vermelha. A luz que Brendan viu em seu quarto, e que todos vimos aqui no motel quando ele chegou, é como... uma repetição do mesmo fenômeno. Uma imagem que surge para nos ajudar a lembrar.

— Tudo bem... — Jack coçou a cabeça. — Mas... supondo que alguém esteja interessado em nos ajudar a lembrar... como faria essas imagens surgirem por aí, no ar? Que luz é essa? De onde vem?

— Também tenho resposta para isso, mas vamos por partes. Para começar, precisamos descobrir o que aconteceu para a Lua ficar vermelha.

Ninguém tirava os olhos dela. Assustada com o que ia dizendo, Ginger agitou-se na cadeira, ergueu-se, começou a andar pelo restaurante.

Ela acreditava na ciência. Acreditava que o universo era regido por leis lógicas e claras, não havendo mistério que resistisse ao assalto da inteligência humana. Mas, ao contrário da maioria dos cientistas e da grande maioria dos médicos, não via por que deixar de lado os fantásticos poderes da imaginação, sempre que fossem necessários para estimular a inteligência ou a lógica. Sem isso, jamais teria montado a fábula que, naquele instante, expunha aos companheiros.

Uma hipótese estranha, que ela não imaginava como seria recebida. Por isso, andava de um lado para outro, cruzando e des-cruzando os dedos.

— Os homens que tomaram conta de nós nos dois primeiros dias usavam trajes “vedados”, uma espécie de proteção desenhada especificamente contra o risco de contaminação por agente bio-

lógico. Com certeza, pensavam que estivéssemos contaminados por algum tipo de bactéria. Nesse caso, poderíamos ter sido expostos a uma nuvem de agente tóxico. Uma nuvem avermelhada... que tivesse encoberto a Lua.

— E teríamos sido contaminados por um desses... micróbios...

— Jorja pensou em voz alta.

— E isso explicaria o que aconteceu ontem, junto à rodovia. Eu me lembrei de Dom, naquela noite, gritando que “está dentro de mim!” Faz sentido... se ele tivesse respirado uma nuvem de agentes bacteriológicos. As mesmas palavras que lhe ocorreram em Reno, quando estava no motel e viu a tal luz.

— E por que não estamos doentes? — Brendan perguntou.

— Porque fomos tratados com muita rapidez. — Dom ajudou Ginger. — Já discutimos essa hipótese. Mas... a luz que vimos hoje era muito brilhante. Não parecia filtrada por uma nuvem de gás, nem por agentes bacteriológicos...

— Eu sei... — Ginger continuava a caminhar pelo restaurante.

— Preciso pensar mais e ver como se encaixam alguns pequenos detalhes, como os anéis avermelhados nas mãos de vocês, por exemplo. Mas já é um começo, uma hipótese de trabalho que só poderá ser descartada quando conseguirmos provar que não explica nada. Pelo menos minha teoria explica parte dos mistérios.

— Que parte?! — Ned arregalou os olhos.

— Os *milagres* que Brendan fez em Chicago; os pôsteres da casa de Lomack dançando ao redor de Dom; o *terremoto* que quebrou as vidraças do restaurante na noite de sábado, quando Dom tentava lembrar o que houve no verão retrasado. E talvez explique a luz vermelha que vimos hoje.

O último disco calou-se sem que ninguém percebesse. Que importância teria isso, se ali estava Ginger prometendo explicar-lhes o inexplicável?

— Até aqui, minha teoria é simples — prosseguiu ela. — Não tem nada de... incrível ou fantástico. Uma nuvem de agente tóxico. Nada de extraordinário. Mas, deste ponto em diante, vocês terão que embarcar numa viagem de imaginação. Até agora, ten-

tamos acreditar que a luz que alguns haviam visto e que *todos* vimos hoje é um tipo de fenômeno sobrenatural. O padre Wyca-zik, amigo de Brendan, insiste em falar na “mão de Deus”. Mas nem Brendan, que é padre, parece convencido de que haja alguma coisa de sobrenatural envolvida nesses... mistérios. Minha idéia é... ora, é simples! Talvez o *poder* que cria luzes e ruídos, faz voarem fotos e cura doentes seja... mental! Alguma energia

paranor-mal que Brendan e Dom possuem. Talvez a tenham desenvolvido... ou talvez a tenham recebido... *por causa* do que aconteceu aqui na noite da Lua vermelha. Tecnicamente, a habilidade de mover corpos sólidos com a força do pensamento chama-se telecinese. Há pessoas que nascem com esse poder... outras o desenvolvem com exercícios. Há cientistas, em todo o mundo, pesquisando e...

Os rostos voltaram-se para Dom e Brendan, uns sorridentes, outros muito sérios. Mas eles dois, os olhos arregalados, viraram-se para Ginger.

— Mas... você enlouqueceu! — Dom gritou. — Quer largar a medicina e abrir um circo para nos exhibir? Eu?! Na televisão?!

— E eu? — Brendan perguntou baixinho, sem coragem de se mexer.

Séria, Ginger fez que não com a cabeça e prosseguiu:

— O que estou dizendo é que vocês podem ter uma espécie de poder telecinético. Inconsciente, é claro. Nem vocês mesmos o conhecem. Vejamos os fatos. Você, Brendan, contou que, na primeira vez que os anéis apareceram em suas mãos, você estava no hospital, penteando o cabelo de uma menina doente. Disse que estava morto de pena da menina, indignado, revoltado contra o destino, frustrado por não poder ajudá-la. É possível que essa frustração, essa indignação tenham disparado o poder... que, em seu caso, seria uma certa capacidade de curar feridas, regenerar tecidos, estimular o nascimento de células saudáveis. Mas você não sabe de nada. Nem poderia saber! O modo como desenvolveu esse poder é parte do que foi apagado de sua memória. Os fatos são semelhantes à história do policial de quem você falou... Horrorizado com a injustiça da morte de um homem bom, as-

sassinado no cumprimento do dever, você conseguiu estancar a hemorragia e salvou-o.

Sem parar de andar, Ginger prosseguiu:

— E você, Dom, nos disse que andou pela casa de Lomack, cada vez mais frustrado porque não conseguia descobrir nada, porque o mistério lhe parecia cada vez mais indecifrável, e de repente sentiu vontade de arrancar os pôsters da parede. E foi exatamente o que aconteceu! Você não os arrancou com as mãos, mas com esse... poc/er. E lembra-se de que tudo parou quando você gritou “Parem!”?

Dom, Brendan e alguns outros, à volta da mesa, balançavam afirmativamente a cabeça, parecendo convencidos. Sandy, porém, levantou-se, os olhos brilhantes, e declarou:

— Claro que faz sentido! Pensem no que aconteceu aqui no restaurante, no sábado passado. Dom tentava se lembrar do que teria acontecido naquela sexta-feira. E enquanto tentava... a *coisa* começou. O “terremoto”, os sons... Sem saber, ele *reproduziu* a cena que tentava lembrar.

— Estão vendo? — Ginger riu, feliz. — Basta começar a pensar, e tudo se encaixa.

— Mas... e a luz? Quer dizer que... criamos aquela luz? — Dom franziu as sobrancelhas.

— Não é impossível. Chama-se pirocinese, ou piroginia, ou fotocinese. Capacidade de produzir luz ou calor com o poder das ondas cerebrais.

— Luz?!

— Sim, luz. Acho que, quando vocês dois se viram pela primeira vez, de certo modo reconheceram-se. Um *viu* a aura do outro. Em algum nível do inconsciente profundo, ambos “lembraram-se” do que houve. E um quis ajudar o outro. Juntos, vocês criaram a luz que todos nós vimos.

— Espere! — Ernie ergueu a mão, sério. — Vá com calma. Sua teoria partiu da idéia de que teríamos sido contaminados por uma nuvem de bactérias, que encobriu a Lua e tornou-a vermelha. Daí pulou para essa idéia maluca de que Dom e Brendan têm poderes

que arrancam coisas da parede e curam doentes e fazem aparecer luzes... e rebentam minhas janelas. O que a luz vermelha tem a ver com isso?

Ginger fechou os olhos, respirou fundo. Ali estava o ponto crucial da teoria, a parte mais espantosa e inacreditável:

— Suponhamos que... o agente bacteriológico que nos contaminou tivesse um efeito colateral, capaz de provocar uma espécie de sintoma que ninguém havia detectado. Um sintoma que criou os poderes de Dom e Brendan... O agente poderia, por exemplo, provocar forte alteração hormonal ou genética. Como poderia estimular a atividade de determinadas áreas corticais, cerebrais... sei lá! Um efeito colateral que não foi eliminado pelo tratamento a que os dois foram submetidos.

A volta da mesa, silêncio. Uns olhavam para os lados, outros baixavam a cabeça, concentrados em digerir o que Ginger dizia. Não ocorria a ninguém que ela estivesse louca. Não. O que os espantava era exatamente o contrário: a coragem com que se deixara levar pela razão, partindo de uma hipótese inicial, perfeita-mente lógica, para chegar à conclusão, também lógica, embora inacreditável.

— Deus do céu... — Dom respirou fundo. — Ainda não sei se entendo ou não o que você está dizendo, mas... que idéia fantástica! Que história maravilhosa... para um romance! Um vírus, criado pela engenharia genética, que, entre outros efeitos, acelera a evolução do cérebro humano e dá aos homens *poderes* especiais! E a primeira vez, em muitas semanas, que sinto vontade de correr para a máquina de escrever. Aliás, fica combinado... se sairmos vivos deste motel, você recebe uma parcela dos direitos autorais do livro que vou escrever.

Embalando Mareie, Jorja levantou os olhos e perguntou:

— Mas... por que não pode ser verdade? Por que temos que transformar a teoria em roteiro de romance? E se as coisas tivessem acontecido bem assim... como ela contou?

— Posso pensar em, pelo menos, um motivo — disse Jack Twist. — Por que apenas Dom e Brendan conseguem curar gente e arrancar pôsters... e quebrar vidraças, se todos nós fomos expostos ao tal vírus?

— Talvez não tenhamos *todos* sido contaminados, mas apenas eles. Ou talvez alguns de nós sejamos resistentes a esse tipo de vírus — Ginger respondeu.

E Faye continuou:

— Ou talvez esse efeito colateral do vírus não se manifeste em todos os que foram contaminados.

— Sem dúvida. E possível. — Ginger voltou a andar pela sala; as possibilidades de exploração de sua idéia excitavam-na demais para permitir-lhe sentar-se.

Necl passou as mãos pelo cabelo, olhou em volta, balançou a cabeça e perguntou:

— Será que o Exército sabe desse... efeito colateral?

— Talvez — disse Ginger.

— Acho que não sabem de nada — replicou Ernie, cruzando os braços. — Pelo que vocês leram no *Sentinela*, a rodovia foi bloqueada antes de acontecer o “acidente”, o que prova que nem acidente foi... Resta a hipótese de que o próprio Exército tivesse deixado vaziar uma nuvem de gás tóxico, com o propósito deliberado de nos contaminar. Isso é impossível. Não posso acreditar que nos usassem como cobaias de uma arma biológica tão... estranha. Mas, ainda que fosse possível, não seria lógico! Que interesse teria o Exército em criar homens e mulheres que nem mesmo *eles* poderiam controlar? Sim, amigos... E isso mesmo... se a teoria de Ginger está correta, esse vírus cria outra espécie de humanidade... *superior* a tudo que conhecemos. Poder psíquico gera poder militar, poder político e poder econômico. Assim, se o Exército soubesse que esse vírus causaria tal transformação nas pessoas, jamais o testaria sem controle. O que quero dizer é que não escolheriam pessoas como nós, sem nada de excepcional, que só estavam aqui por acaso. Nem pensar! Eles escolheriam a dedo! Meia dúzia de grandes empresários, ou o presidente da República, ou o diretor da CIA... qualquer grande figura! Concordo com Dom... a teoria de nuvem de gás que cobre a Lua de vermelho e nos dá poder para curar doentes e quebrar vidraças é maravilhosa para um romance, mas não é razoável. De qualquer modo, o governo não sabe desse tal efeito colateral que vocês estão inventando.

Dom e Brendan mexiam-se nas cadeiras, aflitos com os olhares de espanto, medo, admiração e respeito. Ginger, porém, sentiu que, ao menos para eles, o impossível começava a ganhar ares de possibilidade... a fantástica, maravilhosa, deslumbrante e assustadora possibilidade de algum dia descobrir que eram únicos. Só os dois... frente a toda a humanidade.

— Não! — Dom levantou-se de um salto e voltou a cair sobre a cadeira, os joelhos frouxos. — Não e não! Isso não é possível, não sou super-homem, não sou extraterrestre, nem tenho poderes... — Não! Se fosse assim... eu sentiria. Eu *sentiria*!.

— Já pensei na possibilidade de ter sido o *veículo* da cura de Emmy — disse Brendan em voz baixa e suave. — Já pensei na possibilidade de

que alguma força... Deus ou qualquer outra... estivesse agindo através de mim, no caso de Emmy, no caso de Tolk... Mas nunca pensei em ser eu mesmo o agente desses... milagres. De qualquer modo, ainda não entendo... até pouco tempo atrás, estávamos descobrindo que a história do vazamento de gás tóxico era falsa, que não houve vazamento, que a história foi inventada para encobrir a verdade. E agora...

Jack, Jorja, Faye e Ned falaram ao mesmo tempo. Ginger pediu silêncio:

— Calma, calma! E bobagem perdermos tempo discutindo se houve ou não houve vazamento, porque não podemos provar nada. Não sabemos se vazou um gás, se o tal vírus existe e foi liberado por acidente ou não... Mas podemos testar a segunda parte de minha teoria.

— C...como? — Sandy arregalou os olhos.

— Podemos testar os poderes de Dom e Brendan — propôs ela, sorrindo. — Não sabemos como os conseguiram, mas podemos descobrir se eles os têm ou não.

Sabia que era bobagem, pura perda de tempo. Porém, ao mesmo tempo, temia o que pudesse acontecer. E se desse certo? O que seria a vida de um homem, entre homens diferentes, o primeiro, talvez o último, de sua espécie? Quem olharia sem medo para alguém capaz de criar luzes, arrancar fotos, Deus sabe que mais? Como sentar-se com um amigo? Deitar-se com uma mulher? Como conviver com o deslumbramento de alguns e, certamente, com a inveja de muitos outros?!

Um destino bem injusto o seu! Trinta e cinco anos de vida, escondido na toca de coelho, tímido, medroso. De repente, tudo mudou e, durante quinze meses, a vida pareceu entrar nos eixos... até começarem as crises de sonambulismo. Se o teste de Ginger desse certo, se conseguissem provar que tinha poderes quase impossíveis de descrever ou avaliar, voltaria à solidão de antes. Não mais por medo ou timidez... mas porque já não haveria lugar para ele no mundo dos homens comuns.

O teste... Dom pedia a Deus que fosse um fracasso!

Ele e Brendan sentaram-se frente a frente, um em cada cabeceira da mesa, Jorja deitara Mareie num dos bancos, e a menina continuava dormin-

do. Os sete adultos esperavam, sentados ao redor da mesa, mas distantes, deixando dois ou três espaços vagos junto a Brendan e Dom.

A frente de Dom, Ginger colocou um saleiro. O teste era simples: bastava que ele conseguisse mover o saleiro sem tocá-lo.

— O saleiro não precisa dançar — explicou ela. — Basta que se mova um pouco e minha teoria estará comprovada.

Na outra cabeceira, frente a Brendan, colocou um vidro de molho de pimenta. Dom olhava o saleiro com a mesma intensidade com que Brendan fitava o pequeno cilindro de vidro fosco. Por mais que repetisse que não acreditava na interferência divina em nenhum dos “milagres” de que havia participado, era claro, para Dom, que o padre queria e esperava encontrar um sinal da mão de Deus. Queria reencontrar a fé perdida, queria voltar à sua paróquia. Mas, se aquela loucura que Ginger arquitetara desse certo, se fosse possível provar que Brendan curava os doentes e era

capaz de salvar vidas... por obra e graça de uma *bactéria*... o que aconteceria com sua fé em Deus?!

O saleiro.

Dom fixou os olhos e concentrou-se em nada. Nada, a não ser o saleiro. Até para descobrir que não era capaz de movê-lo, sabia que precisava tentar. Se o poder fosse real, nem Ginger nem ninguém tinha a menor idéia de como controlá-lo.

— Mas — ela argumentou —, se o poder aparece em momentos de máximo stress, é claro que você mesmo vai descobrir como controlá-lo quando e como quiser... Como um músico, por exemplo, que pode usar seu talento. Como um escritor diante de uma folha de papel em branco.

E ali estava o saleiro, imóvel.

Dom concentrou-se no objeto que via: um cilindro de vidro fosco, com tampinha de metal, furinhos, sal, como se fosse o único objeto na sala. Fechou os olhos, tornou a abri-los, obrigando-se a não pensar em mais nada... O saleiro. Não pensar... O saleiro... Até sentir os dentes doerem, cerrados com violência, os pulsos retesados.

Nada.

Mudou de tática. Em vez de atirar-se ao saleiro como se quisesse fazê-lo explodir, resolveu relaxar, descontraír as mãos, tentar aproximar-se como se quisesse descobrir-lhe a alma, até recriar uma imagem e apossar-se dele. Talvez o caminho fosse a empa-tia... Isso: empatia homem-objeto. Não podia *ordenar* ao saleiro que se movimentasse, mas talvez pudesse convidá-lo para um passeio, como se fossem bons e velhos amigos. Só um passo...

Debruçou-se para olhar mais de perto as cinco faces de vidro fosco, criando uma superfície acessível a qualquer mão. A base de vidro mais grosso e pesado permitia que o saleiro se mantivesse em equilíbrio estável sobre a toalha. A tampa de metal...

Nada. O saleiro continuava imóvel, como um monumento eterno, imemorial, mais denso que o ar, integrado à toalha, formando parte da mesma matéria, inseparável.

A matéria do mundo... em perpétua agitação... os átomos que não param nunca, sempre os mesmos, no homem e no vidro, girando uns por cima dos outros, numa ordem impecável, incorruptível, do átomo aos planetas... a dança eterna das estruturas, das menores às maiores. Tão fácil... tão simples... O saleiro não era inerte. Os átomos continuavam a girar, como antes, como desde o começo dos tempos, nada estava parado. Mas os homens nada viam. Para que vissem e acreditassem, era preciso acelerar o ritmo da dança dos átomos. Tornar visível o invisível. Um passo... só um passo...

Dom sentiu-se livre, como se estivesse se libertando de peso e massa, integrado à natureza das forças essenciais, arquetípicas.

E então o saleiro andou. Em sua concentração, Dom esquecera-se de todos. Mas percebeu que não estava só ao ouvir um grito abafado, de surpresa e susto.

O saleiro continuava a se mover. Ergueu-se da mesa e flutuava bem próximo ao rosto de Dom, como se a gravidade não pudesse mantê-lo colado à toalha. Continuou para cima, como um pequeno balão fosco, e parou metro e meio acima da mesa. Lá ficou, à vista de todos, pouco acima da linha de visão.

Na outra cabeceira, o vidro de molho de pimenta também flutuou até alcançar a altura onde o esperava o saleiro. Só então Brendan conseguiu tirar os olhos do vidro de molho e virou-se para Dom. Foi um instante, e tornou a fixar-se no vidro, com medo de vê-lo espatifar-se como se seu olhar o sustentasse no ar.

Os olhos de Brendan brilhavam de emoção, medo, deslumbramento e amor. Chegara à descoberta da fraternidade profunda que o ligava a Dom, à certeza de que, a partir daquele momento, haviam partilhado a experiência única de um poder quase tão grande quanto o de Deus.

Dom parecia intrigado. Não acreditava que fosse obra sua o espantoso voo do saleiro. Não se sentia autor de nada, responsável por nada, veículo de nada. Poder telecinético? Sim, talvez... Mas simples e óbvio como respirar ou sentir o pulsar do coração.

Brendan ergueu as mãos: lá estavam os anéis avermelhados.

Dom curvou a cabeça e examinou as suas: os mesmos sinais, incompreensíveis, mas presentes e vivos.

— É inacreditável — murmurou Ginger. — Será que vocês podem fazê-los andar para a frente e para trás, num movimento horizontal?

— Podem erguer objetos mais pesados? — Sandy perguntou.

— E a luz? — lembrou Ernie. — Podem fazer surgir aquela luz vermelha?

Metódico, Dom decidiu ir por partes. Fazer o saleiro girar no ar. Mal pensou e lá estava o saleiro, dançando como uma bola de árvore de Natal. Na outra cabeceira, o vidro de molho de tomates o acompanhou. Devagar, saleiro e vidro de molho aproximaram-se um do outro: o tal movimento horizontal que Ginger pedira, embora Dom não tivesse consciência de ter ordenado ao saleiro que andasse para a frente. A voz de Ginger com certeza fora suficiente para que, inconscientemente, ele criasse a nova possibilidade de movimento. Estranho... *sabia* que controlava o saleiro, mas desconhecia como.

O saleiro e o vidro de molho de pimenta pararam no ar, a um palmo de distância um do outro, sempre girando; depois movimentaram-se para a frente, um à volta do outro, rodando em órbitas regulares, perfeitas e sincroniza-

das. Após um instante, começaram a girar cada vez mais depressa, em órbitas cada vez mais complexas.

Maravilhados, todos riram e bateram palmas. Dom olhou para Ginger e viu-a radiante, o rosto como que iluminado de felicidade, mais bonita do que nunca. Ela sentiu o olhar, virou-se para ele, sorriu e acenou-lhe. Jack Twist e Ernie Block, boquiabertos, seguiam a dança dos vidros iluminados, não como dois soldados maduros e endurecidos pela guerra, mas como dois garotos, pela primeira vez na vida descobrindo a maravilha dos fogos de artifício. Rindo, Faye acompanhava os vidros com as mãos, como se quisesse subir com eles e entrar no baile. Ned ria de orelha a orelha, e Sandy chorava as primeiras lágrimas de alegria.

— Oh... — Sandy sorriu para Dom, o rosto lavado de lágrimas.

— Não é lindo? Sei lá o que os faz dançar, mas é lindo... A liberdade! O movimento dos vidrinhos... soltos, livres... dançando por aí, para lá e para cá...

Dom sentia a mesma emoção, uma emoção que, por um instante, o fez esquecer o medo da solidão, o terror de se descobrir único, sem par e sem irmão. Sentia-se liberto, como os vidros que dançavam; transcendente, sem cadeias limitando o poder e a felicidade.

Todos, na sala, deixavam-se levar pela exaltação de ver que a espécie se transformava, bem ali, diante de seus olhos. Depois daquela noite, o mundo jamais voltaria a ser o mesmo.

— Faça mais! — Ginger pediu.

Pelo salão do restaurante os saleiros ergueram-se no ar... sete, oito, dez... um de cada mesa. Pararam no espaço e logo, como que seduzidos, giravam ao ritmo e à velocidade do primeiro. Depois, foram os vidros de molho de tomate.

Dom continuava não entendendo como aquilo tudo podia acontecer e sentia que Brendan sabia tão pouco quanto ele.

A caixa de música, de repente, começou a funcionar. Uma canção inexplicável e repentina, como o balé dos vidros.

Fui eu?, pensou Dom. Ou foi Brendan?

— Meu Deus! — Ginger gritou. — Estou... acho que vou... *plotzl*

— *Plotz !* — Dom riu. — O que é isso?

— Estourar, explodir... Estou tão emocionada que acho que vou explodir!

Os saleiros, os vidros de molho, e agora as pequenas bandejas de louça branca voavam pelo ar, cada vez mais rápidas, com um zumbido sempre mais agudo, até que as cadeiras soltaram-se do chão.

Mas as cadeiras não se ergueram devagar, com a calma e a elegância dos vidros: foram como que atraídas para o teto, com violência, com força. Bateram no estuque, quebraram duas das luminárias, apagaram lâmpadas. Uma das luminárias despregou-se do teto e espatifou-se no chão, a alguns centímetros da cadeira de Dom. No teto, as cadeiras vibravam, batendo umas nas outras

como morcegos apinhados numa caverna. Os saleiros já não dançavam em harmonia e equilíbrio, mas voavam como projéteis enlouquecidos, estourando contra as cadeiras, o teto, as paredes. Um, voando baixo, feriu o ombro de Ernie.

O fenômeno fugia de controle. E, assim como não imaginavam o que fizesse os objetos se moverem, Brendan e Dom também não sabiam com detê-los.

Já ninguém ria ou aplaudia. Estavam todos calados, assustados, querendo proteger rostos e olhos. As cadeiras, batendo contra o estuque, constituíam outra ameaça. O barulho acabou acordando Mareie, que se sentou, esfregou os olhos, começou a chorar e chamou a mãe.

Jorja correu para ela, abraçou-a e puxou-a para baixo de uma das mesas. A volta, o grupo abrigava-se como podia. As cadeiras pesavam ainda sobre as cabeças de Dom e Brendan, sentados à mesa maior.

Dom sentia-se como se alguém lhe tivesse jogado no colo uma granada de estopim aceso. A direita, três ou quatro saleiros caíram ao chão, espalhando cacos. Dom olhou para Brendan, sem saber o que fazer: buscar abrigo ou tentar controlar o perigo que os ameaçava. De olhos arregalados, Brendan também parecia perdido.

Uma das luminárias que ainda resistia cedeu ao ataque das cadeiras, desprendeuse e lá ficou, pendurada pelos fios, criando sombras que gira-

vam pelas paredes. Outro saleiro caiu sobre a mesa, bem em frente de Dom, e explodiu como um tiro, jogando sal em seu rosto.

Dom, então, lembrou-se dos pôsteres de Lomack: levantou as mãos para o teto, cerrou os punhos para esconder os anéis avermelhados e gritou:

— Parem! Parem já!

Fez-se um instante de silêncio. As cadeiras pararam de bater, os saleiros, vidros de molho e bandejas pararam de voar, suspensos no ar, onde estavam. E foi como se a casa desabasse: doze cadeiras e meia dúzia de saleiros caíram juntos, num só movimento, co-

mo se alguém houvesse desligado o ímã que os mantinha no ar.

Quando o último caco de vidro parou de retinir e estalou o último pé de cadeira quebrada, Dom e Brendan estavam tão apavorados como todos os outros, que espiavam de longe, em seus esconderijos por baixo do balcão ou das mesas. Dom piscou, passou a mão pelo cabelo, viu Brendan cobrir o rosto com as mãos e notou o espantoso silêncio do salão. Até que a vozinha de Mareie e a voz ainda trêmula de Jorja, tentando acalmá-la, chamaram-nos de volta à realidade.

Ernie ainda esfregava o ombro, mas o ferimento era superficial. Não havia outros feridos, embora todos tremessem dos pés à cabeça, sem tirar os olhos dos rostos de Dom e Brendan e sem achar o que dizer. O olhar que Dom temia. Merda! Exatamente o olhar que adivinhava.

Ginger era a única que não parecia assustada. Mal saiu do esconderijo sob a mesa, correu para Dom e abraçou-o, rindo.

— O que importa é que nós descobrimos! — exclamou. — Vocês têm o poder de mover objetos. E isso é maravilhoso! Com o tempo, aos poucos, aprenderão a controlar isso.

— Não sei... — Dom balançou a cabeça, olhando os cacos de vidro, as cadeiras quebradas, a luminária pendurada por um fio. Viu Jack limpando a camisa suja de molho de tomate, Jorja conversando em voz baixa com Mareie, que chorava baixinho, Faye examinando o ombro de Ernie e tirando cacos dos cabelos, Ned avaliando o risco de a luminária soltar-se e cair sobre alguém. — Não sei como começou — murmurou. — Não sei como acabou. Mas sei que todos corremos um risco muito grave.

— A verdade é que você conseguiu descer as cadeiras — disse Ginger, sem tirar a mão da cintura dele, sentindo que Dom precisava desesperadamente de contato humano. — Você descobriu um modo de fazer essa coisa parar.

— Mas... e se eu não conseguisse pará-la. Se acontecer outra vez? — Dom estremeceu. — Veja como está o salão! Alguém poderia ter se ferido!

— Não há mortos nem feridos. Olhe só!

— Mas...

— A primeira vez é sempre difícil. Da próxima será melhor. Brendan aproximou-se e disse:

— Dê tempo ao tempo. Dom precisa habituar-se à idéia. Quanto a mim, sei que vou tentar outra vez. Daqui a dois ou três dias, depois de pensar sobre o que aconteceu. Saio, vou para um lugar onde não haja perigo de ferir ninguém, e tento outra vez. Acho que não será fácil aprender a controlar essa... energia. Vai dar trabalho, talvez demore muito tempo... Mas, quero tentar, e acho que consigo. Dom acabará descobrindo que é a única alternativa possível.

— Mas não quero esse maldito poder! — exclamou, sacudindo a cabeça. — Não quero ser diferente de todo mundo!

— Você já é — Brendan declarou, calmo. — Você e eu...

— Conversa de padre!

— Claro. Mesmo estando em crise, ainda sou padre, ainda acredito em destino e predestinação. A vantagem que levamos sobre vocês é que sabemos como conciliar fé e livre arbítrio, destino e escolha. Sabemos que o homem é feito desses dois materiais, igualmente nobres.

Incapaz de entender tamanha animação e bom humor, Dom mudou de assunto:

— Tudo bem, doutora. Provamos metade de sua teoria. Por sorte, provamos também que a outra metade é falsa.

— O que quer dizer? — Ginger franziu a testa.

— Quero dizer que, durante essa... loucura, descobri uma coisa. Quando vi os anéis aparecerem em minhas mãos, descobri, com absoluta certeza,

que essa energia não é efeito colateral de nenhum micróbio. Agora sei que a causa é outra, embora ainda não saiba qual é. Estou sendo claro?

— Não sei. O que quer dizer com “sei”?

— Que sei... Sei com certeza... sinto, no fundo de mim.

— E eu também sei — Brendan confirmou, a voz alegre e despreocupada. — Você acertou quando sugeriu que a energia poderia estar em nós. E também é verdade que a recebemos, de algum

modo, naquela sexta-feira de julho, no verão retrasado. Mas não acertou quanto ao modo como a recebemos. Comigo aconteceu o mesmo que Dom acaba de contar. No meio daquele caos, também descobri que não há micróbio algum envolvido nesse fenômeno. Não sei explicar o que aconteceu, mas *sei* que será perda de tempo insistir na idéia da contaminação.

Dom entendeu então pelo menos parte do alívio que percebia em Brendan, apesar do susto pelo qual acabavam de passar. Por mais que declarasse não acreditar na interferência divina para explicar os fenômenos de que era agente, Brendan ainda acariciava a esperança de reencontrar a fé perdida. E nada poderia ser pior, para ele, do que descobrir que, em lugar da fé, havia em seu coração um micróbio... um subproduto da engenharia genética... ou, pior ainda, uma arma criada pelo homem. Para ele, era um grande alívio descartar a hipótese da nuvem de bactérias e deixar em seu lugar, por improvável que fosse, a possibilidade da ação de Deus.

Dom também gostaria de encontrar o arrimo de uma fé sólida que o ajudasse a enfrentar a vida. Naquele momento, porém, não via nada além de medo e morte, bocarras abertas, prontas para engoli-lo. Em comparação com o que ocorria, nada eram as mudanças que aconteceram em sua vida, a alteração de personalidade, em algum momento da viagem entre Portland e Mountainview, no verão retrasado — coisas que lhe pareceram tão importantes, no passado. O tal poder... Dom sentia-o vivo, dentro de si. Um parasita que acabaria por devorar o velho Dominick Corvaisis, assumiria seu corpo e se mostraria ao mundo como um verdadeiro monstro, mascarado de ser humano.

Que loucura! Talvez... sim, talvez loucura. De qualquer modo, algo que o assustava e preocupava. Fitou os rostos de todos, que se aproximaram. Al-

guns desviavam o olhar, intimidados ou assustados. Outros, como Jack Twist, Ernie e Jorja, não baixavam os olhos, mas não conseguiam esconder certo mal-estar. Apenas Ginger e Brendan pareciam os mesmos de antes.

— Bem... — Jack foi o primeiro a falar —, ninguém pode reclamar de uma noite sem emoções... Mas temos muito trabalho pela frente. É hora de nos mexermos.

— Amanhã daremos outro passo adiante — disse Ginger. — E depois outro, e outro. Estamos progredindo.

— Amanhã... — Brendan sorriu, os olhos brilhantes de emoção — será um dia de grandes revelações. Eu sei... eu sinto.

Amanhã, pensou Dom, poderemos estar mortos. Ou desejando ter morrido hoje.

A cabeça do coronel Leland Falkirk rebentava de dor. Desde o verão retrasado, com o novo hábito de pensar em si, em sua vida, em seus problemas, começava a descobrir que, em certo sentido, até gostava que a aspirina não o fizesse sentir-se melhor. Como se esperasse a dor de cabeça com a mesma emoção com que esperava outras dores, antecipando o prazer perverso de sentir a testa latejar.

O tenente Horner já se fora, deixando-o sozinho no escritório sem janelas, enterrado no solo. De qualquer modo, não esperava novas notícias de Chicago. Sabia o que precisava saber, e as novidades eram as piores possíveis.

Calvin Sharkle continuava resistindo ao cerco, entrincheirado em casa, em Evanston, e a explosiva situação não se alteraria durante pelo menos doze horas. Falkirk não arriscaria seus homens na invasão do Motel Tranqüilidade, antes de saber o que Sharkle poderia ter feito, contado ou dito. E odiava esperar. O pior era que as testemunhas conseguiram esconder-se dos observadores. Nada lhe restava senão esperar um dia inteiro. De qualquer modo, mesmo que a situação em Chicago permanecesse inalterada, ordenaria o ataque ao motel no dia seguinte.

Outras notícias, também de Chicago, falavam das curas misteriosas de Emmeline Halbourg e Winton Tolk — casos que nem médicos nem policiais podiam explicar. O relatório sobre os passos do padre Wyczalik, no dia de

Natal, incluindo visitas à menina e ao policial, com uma parada no departamento de polícia técnica e uma entrevista com o perito em balística, confirmava

a suspeita de que o sacerdote considerava Brendan Cronin responsável pelos “milagres”.

Leland ouvira falar pela primeira vez dos poderes de Cronin na véspera, domingo, ao ouvir a gravação do telefonema entre o padre Wyczalik e Dominick Corvaisis. A surpresa seria maior se os acontecimentos do sábado não o tivessem alertado.

No sábado, Leland Falkirk ouviu o encontro de Dom e os Block, sem poder acreditar. As fotos da Lua na casa de Lomack desgrudando-se das paredes... O escritor falando como um louco, sem conseguir separar realidade e fantasia. Mais tarde, depois do jantar, Dom e os Block tentaram lembrar-se dos acontecimentos de julho. E, outra vez, aconteceu algo espantoso, confirmado pelos relatórios dos agentes de vigilância visual e pelas fitas gravadas. O chão tremeu no restaurante, ouviram-se ruídos... zumbidos... e as vidraças explodiram.

Surpresa total, e não só para Leland e seus homens: os cientistas envolvidos na operação também estavam excitadíssimos. No dia seguinte, a descoberta de que Brendan Cronin era capaz de fazer milagres foi a gota d'água que faltava para enlouquecê-los. De início, eram fenômenos estranhos, curiosos, que espicaçavam a imaginação de todos. Mas Leland começou a pensar, os cientistas também, e logo chegaram a uma conclusão que os deixava aterrados. Dali em diante, tudo era possível.

— E nós que pensamos que a situação estava sob controle — Leland suspirou. — Fomos convocados tarde demais, quando já não havia o que fazer...

Seu único consolo era que, tanto quanto sabia, apenas Corvaisis e o padre davam sinas de terem sido... contaminados. “Contaminados” não era uma boa palavra. “Possuídos”, sim, chegava mais perto da verdade. Ou talvez não existisse um termo certo, porque o que lhes aconteceu jamais acontecera a qualquer outro ser humano, nunca, em tempo algum...

Mesmo que Sharkle se rendesse no dia seguinte, mesmo que não tivesse falado com ninguém, Leland não se sentiria seguro.

No motel estavam Brendan e Corvaisis... talvez mais alguém, talvez todos... contaminados, possuídos, o diabo que fosse! Poderiam oferecer resistência... poderiam ter-se transformado em superhomens... ou em qualquer supercoisa difícil — ou impossível — de prender.

A cabeça doía-lhe cada vez mais.

Relaxe e deixe que a dor venha, pensou. Deixe que venha e cresça, como você faz há tanto tempo, seu desgraçado filho da puta... Deixe que a dor tome conta de tudo. Mais um dia ou dois, até que tudo esteja explicado. Ou que você esteja morto. Uma resposta ou a morte, qualquer uma, a que chegar primeiro.

Saiu do escritório sem janelas, atravessou a ante-sala sem janelas, percorreu o corredor sem janelas e chegou à sala sem janelas

o centro de comunicações, onde trabalhavam o tenente Horner
o sargento Fixx.

— Informe aos homens que não sairemos hoje — disse. — Precisamos esperar mais um dia, para saber o que acontece em Chicago.

— Já ia procurá-lo, coronel — Horner levantou-se. — Temos novidades no motel. As “testemunhas” acabam de sair do restaurante. Jack Twist separou-se do grupo e voltou pouco depois, com um jipe que estava escondido perto da rodovia. Ele, Jorja Monatella e o padre saíram para Elko.

— O que vão fazer em Elko, a essa hora da noite?! — Leland sentiu um calafrio na espinha, descobrindo que, caso o ataque ao motel estivesse em curso, os três teriam conseguido escapar. Seu primeiro erro grave fora confiar cegamente na informação de que *todos* estavam reunidos no motel.

Horner apontou Fixx, que continuava sentado, os fones nos ouvidos, atento aos sons do motel.

— Pelo que ouvimos, os outros vão dormir — declarou o sargento. Twist, Monatella e o padre saíram, como uma espécie de “seguro de vida” para os que ficam. Adivinharam que não podemos atacá-los a menos que estejam todos reunidos. Só pode ter sido idéia de Twist...

— Merda — resmungou Leland, massageando o pescoço. — Tudo bem. Não faz diferença. Amanhã os pegamos.

— E se eles se espalharem desde cedo?

— Quero que sejam seguidos vinte e quatro horas por dia. Um agente para cada testemunha.

Até aquele momento não fora necessário segui-los, porque trilhavam caminho conhecido; mais dia menos dia, todos acabariam chegando ao Motel Tranqüilidade. Mas dali em diante era diferente. Se Twist queria dividi-los em grupos imaginando que Leland não os encontraria... teria uma surpresa.

— Não é fácil segui-lo aqui, em campo aberto. Eles podem desconfiar.

— Que desconfiem! É bom saberem que estão sendo seguidos. Vamos mantê-los sob pressão, em estado de tensão máxima. Talvez se assustem ao descobrir que podemos encontrá-los a qualquer momento, talvez corram de volta ao motel, onde se sentem mais seguros. Voltam para a ratoeira... e os apanhamos reunidos.

— O melhor, mesmo, é apanhá-los no motel — ponderou Horner, franzindo as sobrancelhas. — Uma prisão em público chamaria a atenção.

— Temos que pegá-los. Se não pudermos prendê-los, vamos matá-los. — Leland apanhou uma cadeira e sentou-se. — Quero ver os detalhes do plano de vigilância para amanhã e definir os agentes encarregados de segui-los. Quero todos a postos antes dê o sol nascer.

3. TERÇA-FEIRA, 14 DE JANEIRO

As sete e meia da manhã de terça-feira, atendendo ao pedido que Brendan Cronin lhe fizera por telefone na véspera, tarde da noite, o padre Stefan Wyczazik preparava-se para ir a Evanston, Chicago. Deveria procurar Calvin Sharkle, o caminhoneiro que se hospedara no Motel Tranqüilidade em julho do ano retrasado e que, fazia semanas, parecia ter-se evaporado do planeta. Depois do que ocorrera em Nevada, na noite anterior, não havia dúvida de que todas as vítimas precisavam ser localizadas a qualquer custo. Na cozinha da casa paroquial, Stefan punha casaco e chapéu.

Ainda sentado para o café da manhã, depois de celebrar a primeira missa do dia, o padre Gerrano levantou a cabeça:

— O senhor deveria me contar o que sabe sobre Brendan. Se acontecer alguma coisa...

— Não vai acontecer nada — Wyczazik respondeu depressa. — Deus não perderia cinco décadas me ensinando os segredos do mundo, se quisesse que eu morresse agora, justamente quando estou próximo de prestar um grande serviço à Igreja.

— Ah... — fez o outro, balançando a cabeça. — O senhor é tão...

— ... seguro de minha fé? — completou o velho cura. — Claro que sou. Confie em Deus, e Ele não lhe faltará.

— Na verdade, eu ia dizer — continuou o padre Gerrano — que o senhor é tão... teimoso...

— Grande atrevimento o seu — Stefan enrolou o cachecol no pescoço. — Um simples cura! “Perdoai, Pai... Eles não sabem o que dizem!” O cura perfeito deve ser humilde e trabalhar como uma mula, com energia de um cavalo dopado. Além, é claro, de ser submisso e respeitoso para com os superiores...

— Desde que o superior imediato seja um velhinho piedoso, sossegado, dedicado de corpo e alma ao dia-a-dia de seus paro-quianos — concluiu o outro.

O telefone tocou.

— Se for para mim, diga que já saí. — O padre Wyczazik correu para a porta, calçando as luvas, e parou, porque Gerrano, cobrindo o fone, sussur-

rou-lhe que Winton Tolk queria falar. E disse que parecia histérico, aos berros, à procura de Brendan.

Stefan voltou, apanhou o telefone e identificou-se.

— Pelo amor de Deus — Tolk mal conseguia falar —, o senhor tem de encontrar Brendan Cronin. Não posso esperar!

— Brendan viajou. Será que não posso ajudá-lo?

— Viajou... Oh, não... — Uma pausa, e Tolk continuou, falando aos arrancos: — Acontece uma coisa estranha... a coisa mais estranha que já vi! E tenho certeza de que envolve Brendan.

— Precisamos conversar. Onde está você?

— Estou de serviço, no centro da cidade. Houve um tiroteio, agressão a faca. Foi horrível. E então... Por favor, o senhor precisa me ajudar a encontrar Brendan porque ele é a única pessoa capaz de explicar o que houve.

Stefan conseguiu arrancar um endereço de Winton, saiu correndo da casa paroquial, dirigiu como um louco até o centro da cidade e menos de meia hora depois chegava a um quarteirão de prédios cinzentos, todos de seis andares, sujos e velhos. Foi obrigado a estacionar longe do número que Tolk lhe dera, porque a rua estava tomada por viaturas da polícia, pelo carro do Instituto Médico-Legal e por dezenas de guardas que andavam de um lado para o outro com rádios colados à orelha. E foi a um deles que Stefan perguntou:

— O que houve?

— Confusão no terceiro andar. No apartamento da família Mendoza — respondeu-lhe o policial.

O vidro da porta do prédio estava quebrado, colado com fita isolante preta, e o hall estava muito sujo. A um canto, duas meninas brincavam de enterrar com uma boneca velha e uma caixa de sapatos. Ao entrar no apartamento dos Mendoza, o padre Wyca-zik viu o sofá bege encharcado de sangue. Era tanto sangue que, em alguns pontos, o assento parecia pintado de preto. Havia sangue respingado pelas paredes amarelo-claras, à volta de uma grande mancha central, marcando o ponto onde alguém fora fuzilado. Quatro tiros, no mínimo, furaram o reboco, depois de atravessar o corpo. E havia mais sangue no abajur, na mesa do centro, na estante de livros, no chão. A

cena parecia mais chocante por causa do contraste com o apartamento pobre, porém limpo e bem arrumado, mais do que se poderia esperar num prédio como aquele. Mesmo obrigados a viver num cortiço, os Mendoza rejeitaram a rendição completa e lutaram para conservar ao menos os restos da dignidade passada. A sujeira das ruas e do saguão termi-

nava na porta do apartamento, como se ali vivesse o último descendente de uma tribo em extinção, gente civilizada e ordeira. Não fosse o sangue, a sala estaria brilhando de limpa.

Stefan tirou o chapéu e entrou na única peça do apartamento, dividida em três por um biombo de um lado e um pequeno aparador de outro: para lá o quarto, para cá a cozinha. Havia quase uma dúzia de policiais ali: investigadores, guardas fardados, agentes da polícia técnica. Apenas dois ou três pareciam trabalhar; os outros olhavam em volta, sem querer sair, apesar de não ter o que fazer, reunindo-se em grupos e falando em voz baixa, como se estivessem num enterro.

Um dos raros detetives atarefados estava sentado à mesa, fazendo perguntas a uma mulher morena de rosto comum, com pouco menos de quarenta anos. Chamava-a de sra. Mendoza e anotava cuidadosamente o que ela dizia. A mulher parecia disposta a ajudá-lo, mas não tirava os olhos de um homem, provavelmente o marido, que andava junto à cama, de um lado para o outro, com uma criança no colo, um menino de mais ou menos seis anos. O homem carregava-o num braço e com o outro acariciava-lhe os cabelos, tocava-lhe o rosto, assegurando-se de que estava mesmo ali, são e salvo. O sr. Mendoza olhava o filho com olhos de quem acabava de ver a morte de perto.

Um dos policiais aproximou-se de Stefan.

— O senhor é o padre Wyczik? — perguntou. Apesar do tom de voz discreto e calmo, a menção do nome fez com que as cabeças se voltassem na direção de Stefan.

Mas... o que terá acontecido aqui? O velho cura respirou fundo, também à espera.

— Por favor — pediu o policial — Venha por aqui.

O padre Wyczik tirou as luvas e seguiu-o até o pequeno quarto, o único do apartamento, onde Winton Tolk e outro policial esperavam, sentados na

borda da cama. Tolk estava curvado, o rosto escondido nas mãos, e não se moveu quando o colega que conduzia o sacerdote entrou no quarto.

— Sou Paul Armes — declarou o policial que estava com Tolk.

— Trabalhamos juntos no patrulhamento. Vou sair agora para vocês poderem conversar.

Stefan pegou uma cadeira e aproximou-a da cama, onde Tolk continuava imóvel. O quarto era minúsculo, deixava pouco espaço entre a cama e a cadeira; assim, ao sentar-se, o padre quase tocava os joelhos do patrulheiro.

— Muito bem — disse, tirando o cachecol. — O que aconteceu?

Tolk levantou os olhos, e Stefan assustou-se. O rosto do policial exprimia uma mistura de emoções quase impossível de descrever. Estava assustado, sim, mas não em pânico. Terrivelmente agitado, à beira de uma explosão — que tanto poderia ser de horror como de deslumbramento.

Pelo amor de Deus... — Tolk pediu. — Quem é Brendan Cro-nin? — E logo, com voz trêmula: — Ou... o *que* é ele?!

Stefan vacilou um instante, mas acabou decidindo-se pela verdade:

— E um padre.

— Não foi o que nos disseram na delegacia...

Com um suspiro, o velho pároco fez que sim com a cabeça e contou-lhe a história da crise de fé de Brendan. Falou-lhe do tratamento que ele mesmo inventara para fazê-lo conhecer de perto um pouco das grandes tragédias do cotidiano. Por isso, acabara na ronda do centro da cidade.

— Achei que seria melhor ninguém saber que Brendan é padre, assim todos o tratariam como um cidadão qualquer, e ele seria poupado de dificuldades ainda maiores.

— Um padre... renegado... — Winton fez uma careta de desamparo.

— Não. Apenas um padre em crise. Ele acabará reencontrando sua verdade.

O pequeno quarto, limpíssimo como todo o apartamento, estava mergulhado em penumbra, iluminado apenas pela pequena lâmpada da mesa-de-cabeceira. A luz incidia de lado no rosto de Tolk, fazendo brilharem os grandes olhos escuros e luminosos.

— O senhor sabe como Brendan me salvou? Como ele fez aquele... milagre?

— Por que pensa que foi um milagre?

— Dois tiros à queima-roupa no tórax... e três dias depois eu estava em casa. Três dias... Por mim, teria voltado a trabalhar no dia seguinte. O médico falava de minhas condições físicas, dizia que a cicatrização rápida aconteceu porque eu estava em forma... Só falava nisso... Então entendi que tentava explicar a si mesmo o que me acontecera... Até aí eu ainda pensava que era sorte... sorte minha, uma boa estrela, um anjo da guarda. Então, na semana passada, quando voltei a trabalhar... aconteceu *isto*. — Tolk abriu a camisa do uniforme, ergueu a camiseta e mostrou o peito. — As cicatrizes sumiram.

Stefan estremeceu. Estava bem próximo do policial, mas ainda se debruçou para ver melhor. Nada, praticamente nada, além de duas pequenas marcas, um pouco mais claras que a pele ao redor. Os sinais da sutura eram menores que os de um arranhão, e só se podia vê-los bem de perto. Dentro de dois ou três dias, com a pele normalmente pigmentada, já não se veria nada.

— Vi dezenas de cicatrizes de ferimento à bala — declarou Tolk, balançando a cabeça, indeciso entre o medo e a euforia. — E uma coisa bem feia, nunca desaparece. Ninguém leva dois tiros no peito e fica assim como estou... Cicatrizes de bala não somem nunca.

— O que disse o médico?

Tolk abotoou a camisa com mãos trêmulas.

— Estive com o doutor Sonneford há uma semana, e as cicatrizes ainda estavam aqui. Faz apenas quatro dias que começaram a sumir. Vejo-as sumindo! Basta-me ficar meia hora diante do espelho.

O patrulheiro calou-se por um instante e logo recomeçou:

— Tenho pensado na visita que o senhor fez ao hospital, no dia de Natal... Quanto mais penso, mais me convenço de que o senhor sabia de alguma coisa que não quis dizer... Perguntou sobre Brendan, lembra-se? Mas há algo que preciso saber... Brendan curou mais alguém? Há outros casos?

— Sim, há. Um caso diferente do seu, mas... sim, há outro caso. Não posso dizer-lhe quem é — afirmou Stefan, respirando fundo. — De qualquer

modo, você não ligou para a igreja por causa das cicatrizes. O que aconteceu aqui? Você estava em pânico... o apartamento está cheio de policiais... O que aconteceu?

O policial levantou os olhos, sorriu, baixou a cabeça, cobriu o rosto com a mão, tornou a sorrir, os olhos marejados de lágrimas. Respirou fundo algumas vezes e começou a contar:

— Estávamos fazendo a ronda, Paul e eu. Coisa de rotina. Recebemos um chamado pelo rádio e viemos para cá. Parecia um caso de bebedeira. Um rapaz fazendo arruaça. Não era só isso. Q rapaz estava drogado, com droga pesada... O senhor já viu um desses viciados? Parecem animais. O pó come o cérebro, eles enlouquecem. Depois que tudo passou, disseram-me que o desgraçado se chama Ernesto e é filho de uma irmã da senhora Mendoza. Mudou-se para cá na semana passada porque a mãe o expulsou de casa. Os Mendoza são boa gente... O senhor viu só como a casa é limpa e arrumada?

Stefan fez que sim com a cabeça e esperou.

— Gente boa — Winton continuou —, do tipo que ajuda os parentes. Quando o sobrinho começou a dar trabalho, ofereceram-se para ficar com ele até que melhorasse. Mas esses viciados não têm salvação... A gente morre tentando ajudá-los e não consegue nada. Esse tal Ernesto tem ficha na polícia desde os sete anos: agressão, assalto a mão armada, roubo... Quando chegamos estava nu, os olhos saltando do rosto, berrando como louco.

Tolk olhou para a parede, cerrou as pálpebras querendo apagar da lembrança aquela visão de pesadelo. Mas continuou a falar:

— Ernesto pegou Héctor, o menino que o senhor viu no colo do pai. Jogou-o no sofá, saltou sobre ele e encostou-lhe uma navalha de vinte centímetros no pescoço. A senhora Mendoza ficou louca. Queria pular sobre ele e salvar o filho, mas tinha medo de que Ernesto o ferisse. Ernesto berrava e babava como um bicho. Entramos no apartamento de armas em punho, porque o cara estava louco... e é impossível argumentar com gente assim,

mas não podíamos fazer nada por causa da navalha no pescoço do garoto... O menino chorava e nem se mexia, coitado, de tanto medo. Começamos a falar com Ernesto, devagar, com calma, tentando ganhar tempo... E então...

Oh! Deus... — Winton baixou a cabeça, sacudido por um soluço. — Então... ele... degolou o garoto. Ele cortou mesmo, de orelha a orelha, um talho só, fundo, horrível... Quando levantou a navalha para cortar de novo, nós o fuzilamos. Não sei quantos tiros levou. Grudou na parede e caiu duro, por cima do menino. Corremos até o sofá, puxamos o cadáver do cara, e lá estava o menino... com a mão na garganta, como se quisesse fechar o corte. O sangue borbulhava entre seus dedos e ele já não via nada, o branco dos olhos aparecendo.

O patrulheiro calou-se, outra vez baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos, tentando acalmar-se para continuar. Levantou-se, foi até a janela, afastou uma ponta de cortina e espiou para fora, olhando sem ver o dia cinzento e triste como tantos outros.

O coração de Stefan batia forte. Não apenas pelo horror da história que acabava de ouvir, mas também pela maravilha que começava a adivinhar.

Ainda parado junto à janela, os olhos perdidos na manhã, Tolk retomou a narrativa:

— Não há o que fazer para estancar uma hemorragia como aquela. Não há primeiros socorros, nem procedimento de emergência, nada que resolva. O pescoço estava cortado... artérias, veias, nervos... O sangue jorrava como água da torneira. No pescoço, não é possível fazer torniquete, nem pressionar artérias, porque o sangue corre com alta pressão. Não havia o que fazer, e o menino estava morrendo. Eu me ajoelhei ao lado do sofá... Uma criança, tão pequena, tão bonita... morrendo ali, à minha frente. Eu sabia que não ia adiantar, mas pus a mão no pescoço dele, como se quisesse estancar o sangue, impedir que a vida continuasse a escapar, tapar o buraco... e fingir que nada acontecera. Eu estava louco de raiva, de dor, de desespero, porque não é justo que uma criança morra daquele jeito, não é justo que uma criança morra

nunca, em lugar nenhum... não é justa a morte, nem a vida, nem nada... E então... então... de repente...

— ... o corte começou a fechar — Stefan completou em voz baixa. Tolk virou-se para ele, devagar, muito sério, e parou, a dois passos da ca-

deira, olhos nos olhos do velho pároco. Fez que sim com a cabeça e prosseguiu:

— Isso mesmo... O menino estava lívido, encharcado de sangue, mas o corte começou a fechar. Nem percebi o que acontecia, até que o garoto se mexeu, abriu os olhos, respirou fundo, uma, duas vezes... Então vi que o sangue já não jorrava entre meus dedos, como antes. Tirei a mão... e vi que o corte se fechava. O menino cerrou os olhos, e eu pensei que estava ficando maluco, que ele tinha morrido mesmo, e eu... Comecei a gritar, e toquei-o no pescoço, e ele já não estava tão pálido... Afastei a mão e olhei a ferida... já não havia ferida. Havia o sinal do corte, um sinal feio, a carne ainda inchada... mas não ferida.

O policial calou-se, imóvel diante da cadeira de Stefan, e deixou as lágrimas correrem pelo rosto. Era possível esconder, e fazia sentido esconder o medo, o horror... mas a alegria era mais forte que ele. Era uma alegria impossível, inacreditável. O patru-lheiro Winton Tolk, ainda mais alto na calça justa do uniforme, soluçou alto, sem forças nem vontade de ocultar as lágrimas. Stefan estendeu-lhe as mãos, que o policial segurou firmemente, e continuou a segurá-las enquanto dizia:

— Paul Armes, que estava comigo, viu tudo. E os pais do menino também. E dois policiais que chegaram conosco. Quando vi que o corte estava cicatrizando, achei que devia continuar com as mãos no pescoço de Héctor, para completar a cicatrização. E foi o que fiz... concentrei-me em salvar o menino. Tirei da cabeça tudo que não fosse apenas pensar que ele ia ficar bom, que o ferimento cicatrizaria. Então me lembrei de Brendan e do que houve comigo no assalto ao bar, das cicatrizes que sumiam de meu peito. Tenho certeza de que há uma explicação para as duas coisas... para o que Brendan fez comigo e para o que eu fiz com Héctor. Daí em diante foi simples... o menino recuperou a cor,

começou a respirar bem e, de repente abriu os olhos, sorrindo para mim. — O Policial riu, um riso amplo e claro. — O senhor precisava ter visto aquele sorriso. Chamou a mãe.... Então, eu desmaiei. A senhora Mendoza correu para o filho, levou-o para dentro, deu-lhe um banho, trocou suas rou-

pas. O apartamento ficou cheio de policiais porque a notícia se espalhou. Por sorte, a imprensa não tinha chegado.

O padre Wycazik soltou as mãos de Tolk, recostou-se na cadeira e respirou fundo.

— Você tentou ressuscitar Ernesto? — perguntou.

— Tentei. Apesar do que ele havia feito. Depois que me recuperei, meu primeiro pensamento foi... que eu devia tentar. Tentei, mas não deu certo. Talvez porque ele já estivesse morto. Quero dizer... completamente morto.

— Por acaso percebeu marcas nas palmas de suas mãos? Anéis avermelhados?

— Não havia nada em minhas mãos. Que anéis são esses?

— Não sei. Mas esses anéis apareceram nas mãos de Brendan naquele dia, no bar, quando ele o salvou.

Outra longa pausa, até que Tolk perguntou, em voz baixa:

— Brendan é algum tipo de... santo?

— Não — respondeu Stefan, sorrindo. — Brendan é um bom padre, mas não é santo.

— Então... como pôde me salvar?

— Ainda não sei. Mas, o que quer que tenha acontecido, foi obra de Deus. Não sei como, nem por quê.

— E como teria passado para mim... o poder de curar?

— Nem mesmo sabemos se foi isso que aconteceu. Talvez você tenha recebido a graça de Deus, do mesmo modo como Brendan.

Winton baixou a cabeça, examinou as palmas das mãos, sem sinais de anéis, lisas como sempre, e pensou em voz alta:

— O poder de curar ainda está em mim... Sinto que está aqui. E não é só o poder de curar. Há mais.

— O que quer dizer? Como assim... “há mais”?

— Ainda não sei — Tolk balançou a cabeça. — Sinto que posso fazer mais... Com o tempo, outros poderes vão aparecer. Ou mesmo esse, de curar, vai-se desenvolver. Oh! — exclamou de repente, os olhos brilhando, de medo e felicidade, esperança e horror — *O que Brendan... fez de mim?!*

Stefan apurou as costas na cadeira e respondeu rispidamente:

— Tire da cabeça a idéia de que pode haver algo de mau no que aconteceu a vocês. Seja o que for, é uma força de luz, para o bem, não para o mal. Pense no menino que você salvou. Pense na mãe dele, em sua emoção. Pense em você, na felicidade de servir ao próximo. Somos peões num jogo... Maiores são os poderes de Deus. Quando Deus quiser, entenderemos esses mistérios, e muitos outros... Eu gostaria de ver o garoto... — declarou, levantando-se.

— Tudo bem. Desculpe não acompanhá-lo. Ainda não tenho coragem para sair daqui e enfrentar os rapazes. Sabe-se lá o que estarão pensando! Vá. Eu fico aqui. Se puder, por favor, venha me dizer como ele está.

— Não posso voltar, porque tenho compromissos muito importantes. Mas fique tranqüilo, pois não vamos nos perder de vista. Se precisar de alguma coisa, telefone para a casa paroquial da Igreja de Santa Bernardette. Lá saberão onde me encontrar.

Stefan saiu, atravessou a sala ainda cheia de policiais, sentindo os olhares reverentes que o acompanhavam, e aproximou-se da mesa atrás do balcão da cozinha. Héctor estava no colo da mãe, comendo uma barra de chocolate.

Era um menino franzino, magro, de traços finos e delicados, muito parecido com a mãe. Tinha olhos brilhantes e inteligentes e faces rosadas, sinal evidente de que recuperara, também, o sangue perdido — em menos tempo que Winton. Talvez o poder de Winton fosse maior que o de Brendan.

Stefan ajoelhou-se para olhá-lo de frente:

— Como se sente? — perguntou.

— Ótimo.

— Lembra-se do que aconteceu?

Héctor passou a língua nos lábios, mais sujou-se que limpou o chocolate, e fez que não com a cabeça.

— E o chocolate? Está bom?

— Quer um pedaço? Pode comer... Mas não deixe cair no chão, senão mamãe briga.

— Obrigado — respondeu o velho, rindo. — Coma seu chocolate e não faça sujeira. — Levantou-se e perguntou à sra. Mendoza: — Tem certeza de que ele não se lembra de nada?

— Tenho. Graças a Deus!

— A senhora é católica, não é? Conhece o padre Nilo, da paróquia de Nossa Senhora do Socorro? — A mulher fez que sim com a cabeça. — Ótimo. Já telefonou para ele?

— Não... Ainda não consigo pensar direito e...

Antes que ela terminasse de falar, o pai de Héctor correu para o telefone. Stefan seguiu-o, dizendo:

— Isso mesmo. Conte o que aconteceu, peça ao padre Nilo que venha visitá-los. Diga que estou aqui, mas não posso esperá-lo; entrarei em contato com ele mais tarde. Diga que tenho muito o que conversar, e que ele vai encontrar aqui apenas uma pequena parte de uma longa história.

Enquanto Mendoza telefonava, o velho pároco dirigiu-se a um dos policiais:

— O ferimento no pescoço do menino foi fotografado?

— Sim. Nós o fotografamos enquanto Tolk... estava com ele. Procedimento de rotina. — De repente o policial riu, nervoso. — Mas que loucura! O que estou dizendo? Como se pode falar em “rotina” num caso como esse?!

— As fotos são importantes para provar o que houve — observou Stefan, respirando fundo. — Acho que, muito em breve, não restará nem sinal da cicatriz. — Virou-se outra vez para Héctor e sorriu. — Agora, seja bonzinho e me deixe examinar seu pescoço.

O menino largou o chocolate sobre a mesa e levantou o queixo. Com a mão trêmula, o padre tocou o fino traço rosado que, como Tolk dissera, estendia-se de uma orelha à outra. Sentiu a pulsação forte da corótida e estremeceu, com a sensação de que tocava o próprio mistério da vida. A vida vencendo a morte, a vida eterna, para sempre, conforme a promessa de Deus. Fez menção de sair, mas um dos policiais aproximou-se e interpelou:

— O que está acontecendo? Ouvei o senhor dizer que vimos apenas uma parte de uma longa história. Que história é essa?

Stefan parou e olhou ao redor. Vinte rostos voltavam-se para ele, ansiosos, aguardando seu relato como se fosse uma revelação. Aqueles homens curtidos pelo contato diário com a brutalidade humana ainda não haviam perdido a esperança de acreditar em algo melhor que eles mesmos, melhor que o mundo.

— Alguma coisa está acontecendo — disse o padre. — Aqui e talvez em outros lugares também. Uma coisa grandiosa... Esse menino que foi salvo hoje faz parte disso. Mas ainda sei pouco sobre o assunto. Não posso dizer-lhes, com certeza, que presenciaram um milagre. Contudo, olhem para Héctor, no colo da mãe, e pensem na promessa de Deus... “Não haverá morte, nem sofrimento, nem lágrimas, nem dor; pois o que foi, nunca mais será.” No fundo do coração, acredito que nada, nunca mais, será como antes... — completou e, após uma pausa emocionada, declarou: — Agora preciso ir. Tenho negócios urgentes.

Surpreendidos com aquele padre, capaz de citar uma das mais confortadoras promessas da fé cristã e, em seguida, falar de negócios urgentes, os homens afastaram-se e deixaram-no passar. Talvez porque haviam presenciado um verdadeiro milagre, operado bem ali, diante de seus olhos, pelas mãos conhecidas do patru-lheiro Tolk, alguns policiais sorriram para o velho pároco, outros estenderam-lhe a mão, querendo tocá-lo, numa espécie de elevada camaradagem espiritual, Stefan também sentiu vontade de abraçá-los, de comemorar com eles a experiência profunda que estavam vivendo. Em todos, naquele momento, renascia a esperança de um futuro luminoso para a humanidade.

Em Boston, às dez horas da manhã, Alexander Christophson, ex-senador americano, ex-embaixador americano na Inglaterra, ex-diretor da CIA, aposentado há uma década, lia o jornal, quando foi interrompido pelo telefonema de seu irmão, Philip, antiquário residente em Greenwich, Connecticut. Falaram pouco, pois mantinham freqüente contato e nunca ficavam sem notícias um do outro. Antes de se despedir, Philip observou:

— Oh... ia me esquecendo. Falei com Diana hoje de manhã. Você se lembra dela?

— Claro que sim — respondeu Alex. — Como vai ela?

- Como sempre... um dia melhor, outro pior. Mandou-lhe lembranças.
- Quando a encontrar, diga-lhe que agradeço e retribuo.

Philip falou um pouco sobre um livro que estava lendo, e minutos depois ambos desligaram.

Diana era o nome de código de Ginger Weiss. Aquela conversa significava apenas que ela telefonara para Philip e precisava falar com Alex. Um codinome bem escolhido, pensou o ex-senador. Na primeira vez que a viu, no funeral de Pablo Jackson, lembrara-se de Diana, a corajosa caçadora e deusa da Lua dos romanos antigos.

Alex disse à esposa que ia até a livraria ver se encontrava o livro de que Philip lhe falara. Foi mesmo e comprou o livro, mas, antes de voltar para casa, parou numa cabine telefônica. Ligou novamente para o irmão e pediu-lhe o número de contato que Ginger deixara.

- Ela disse que é o número de uma cabine pública em Elko, Nevada
- informou o antiquário.

O telefone tocou cinco vezes antes de Alex ouvir a voz de Ginger.

- Desculpe — disse ela. — Demorei porque estava esperando no carro. Está muito frio para ficar na cabine.

— O que está fazendo em Nevada?

- Se entendi bem o que você disse no dia do enterro de Pablo, você *não pode* querer que eu responda essa pergunta.

- Tem razão. Quanto menos eu souber, melhor. O que você quer de mim? Por que telefonou?

O mais resumidamente possível, Ginger contou-lhe que encontrara outras pessoas que, como ela, tinham sido submetidas a lavagem cerebral. Em seguida perguntou ao único especialista em lavagem cerebral que conhecia:

- O que é mais fácil: implantar um conjunto de lembranças falsas ou pequenos fragmentos de mentira num conjunto de lembranças autênticas?

— Quanto mais completa a mentira, mais fácil o implante. E quase impossível implantar uma pequena mentira num conjunto de lembranças autênticas — Alex confirmou.

- Foi o que pensamos, mas é ótimo ouvir a confirmação de um especialista. Há outra coisa... Preciso de um favor. É muito importante que nos

consiga todas as informações possíveis sobre um certo coronel Leland Falkirk, comandante de um batalhão da DERO. E, também...

—• Calma! — Alex interrompeu. — Você sabe perfeitamente que eu não lhe prometi conseguir informações sobre nada e ninguém. Expliquei bem que...

— Claro, eu sei. Mas pensei que, mesmo não querendo se envolver com nossos problemas, talvez você conheça alguém que...

— Não quero. E não conheço ninguém. E não vou me comprometer com isso.

— Acha tão comprometedor assim o fato de conseguir algumas informações sobre Falkirk? — Ginger continuou, imperturbável. — Precisamos saber com quem estamos lidando.

— Doutora Weiss... sinto muito, mas...

— Precisamos também de informações sobre Thunder Hill. É uma base militar, uma espécie de depósito de munição... almoxa-rifado... sei lá. Fica aqui, em Elko County.

— Doutora... Não vou fazer nada disso! Não vou pesquisar nada!

Suas negativas apenas reforçavam a certeza de Ginger: ele reclamaria muito, mas acabaria ajudando.

— Não se esqueça — preveniu-o. — Leland Falkirk e Thunder Hill, em Elko County, Nevada. Não precisa se expor. Basta telefonar para um ou dois de seus ex-colegas de Senado, por exemplo. E, quando tiver algo interessante, telefone para o doutor George Hannaby, aí em Boston, ou ao padre Stefan Wyczazik, em

Chicago. — Deu-lhe os dois números de telefone. — São amigos e estão instruídos para não mencionar seu nome quando eu ligar.

— Já lhe disse que estou velho e tenho medo de morrer.

— Mas disse também que tem medo de ir para o inferno por causa das maldades que fez, no “estrito cumprimento do dever”. Ajude a gente e... conte com a absolvição eterna. Não se esqueça!

— E repetiu os números de telefone de George Hannaby e do padre Wyczazik.

— Quando você for presa e estiver sendo interrogada pela KGB, lembre-se de dizer que minha resposta foi “não”.

— Seria maravilhoso se você nos desse alguma informação nas próximas seis ou oito horas — Ginger continuava, sem se alterar.

— Estamos interessados em *qualquer* tipo de informação. Por favor. Muito obrigada. — Desligou, sem dar-lhe tempo para repetir o “não” previsto.

Que pena... Uma mulher tão bonita, inteligente, interessante sob muitos aspectos, prejudicada por aquela certeza inabalável de que sempre conseguiria o que desejava. Alex admirava tamanha autoconfiança nos homens, mas detestava-a nas mulheres, e desligou o telefone com uma careta de desgosto. Imagine... Pensar que ele voltaria a se envolver num assunto explosivo como aquele. Que esperasse sentada! Pelo sim, pelo não, talvez apenas por força do hábito, anotara os dois números. Guardou a caneta no bolso interno do paletó e saiu da cabine demonstrando contrariedade.

Na manhã de terça-feira, Dom e Ernie saíram cedo, no jipe de Jack, para fazer um reconhecimento prévio dos arredores do depósito de Thunder Hill. Jack ficou no motel para dormir um pouco, depois de ter passado a noite rodando por Elko, com Brendan e Jorja.

O céu nublado encobria o topo das montanhas e prometia neve, a primeira grande nevasca do ano. Entretanto, nem o céu ameaçador conseguia tirar o entusiasmo de Dom e Ernie, porque, pela primeira vez, estavam fazendo alguma coisa concreta. Finalmen-

te entravam em ação, depois de tantos dias de ansiedade e falta de perspectiva. Além disso, haviam dormido muito bem, sem pesadelos. Dom sonhara com uma sala muito clara, iluminada por uma luz dourada e brilhante — com certeza a mesma sala que aparecia nos sonhos de Brendan. E Ernie dormira como um justo desde o instante em que se deitara, sem pensar, nem por um minuto, que a noite entraria pela janela para apanhá-lo.

Os outros também tiveram uma excelente noite de sono. E, já no café da manhã, Ginger brindou-os com nova idéia luminosa, segundo a qual os pesadelos e as crises de fuga, medo ou sonambulismo nada tinham a ver com a verdadeira experiência pela qual passaram em julho, mas eram simples se-

qüelas da lavagem cerebral. Como a pressão subconsciente diminuira muito, agora que podiam falar livremente sobre suas lembranças, era razoável supor que não voltariam a ser atormentados por pesadelos ou crises.

Quanto a Dom, tinha ainda outra razão para sentir-se tão leve e bem-humorado: ninguém mais o olhava como se fosse um extraterrestre. A razão parecia simples: como seus poderes te-lecinéticos relacionavam-se de algum modo com a experiência de julho, qualquer um de seus companheiros poderia, mais dia, menos dia, fazer voar saleiros ou cadeiras. Talvez a situação se complicasse novamente, caso nenhum dos outros desenvolvesse tais poderes, mas, pelo menos por ora, Dom sentia-se grato e seguro.

Cantarolando baixinho, Ernie dirigia, rumo ao norte, pela estrada estadual, deixando para trás o motel e a rodovia; era o mesmo caminho que Jack seguira na véspera, ao chegar pelos fundos. A paisagem começava a alterar-se, cada vez menos verde e mais rochosa, exibindo, à flor da terra, as formações de granito. A medida que a estrada subia para regiões de temperaturas mais frias, a vegetação tornava-se mais escura e cerrada, como que tentando proteger o solo dos rigores do clima. Pinheiros, cedros, um ou outro raro tufo de grama erguiam-se pelos campos.

Haviam percorrido pouco mais de cinco quilômetros quando pela primeira vez viram neve acumulada no acostamento. De iní-

cio, apenas uma camada fina, que se espessava à medida que avançavam.

— Pode nevar uma semana sem parar, que essa estrada está sempre desimpedida — Ernie explicou —, pelo menos até Thunder Hill. Depois do depósito, porém, o pessoal já não se preocupa muito com a limpeza.

Passaram por alguns ranchos isolados e, a dezesseis quilômetros do ponto de partida, chegaram à entrada do depósito, à direita da estrada.

— Não passo por aqui há muitos anos — disse Ernie. — Eles andaram reforçando essa estrada. Tenho lembrança de que era menor, menos... imponente.

A alguns metros da estrada, uma placa informava que o local constituía “área de segurança”. A partir dali, começava uma alameda de pinheiros, de um verde tão escuro que parecia preto à luz da manhã. Cinco metros adiante,

nova placa alertava que a passagem estava proibida. Reforçando o aviso, uma faixa de aço fixada no asfalto exibia fileiras de pregos altos e pontiagudos, com o claro objetivo de furar os pneus de qualquer veículo que se atrevesse a desobedecer as instruções. Depois dos pregos, uma cerca de tela de aço, pintada de vermelho, impedia o acesso à enorme guarita, fechada com porta de aço à prova de balas.

Ernie diminuiu a marcha e passou frente à entrada do depósito, apontando para um dos lados da cerca.

— Veja, ali no chão, antes da-casa da guarda... deve ser uma espécie de sensor eletrônico... Com certeza, eles têm câmaras de televisão espalhadas por todo canto... Só se pode entrar depois que recolhem a faixa de pregos e abrem o portão. E mesmo depois de toda essa operação, pode apostar que há guardas armados na portaria.

A construção era protegida por uma alta cerca de arame farpado, junto à qual havia uma placa amarela.

— “Atenção! Cerca eletrificada” — Dom leu em voz alta, e nenhum dos dois fez qualquer comentário.

A cerca rodeava todo o perímetro do depósito, até a linha de árvores no começo da floresta, mas não havia vegetação nenhuma na área onde estava instalada; de cada lado do arame, estendia-se uma espécie de terra de ninguém, com mais de cinco metros de largura.

O bom humor de Dom apagou-se como vela soprada. Estava certo de encontrar pouca segurança à entrada do depósito. Afinal de contas, mesmo depois de passar pela guarita, o que se avistava à frente era um vasto gramado, já que a verdadeira entrada para o depósito de Thunder Hill estava protegida pelas desconhecidas portas de aço, com mais de dois metros de espessura, na própria encosta da montanha. Com a proteção das duas portas, parecia desnecessário manter controle tão rígido sobre quem se aproximava. Talvez fosse desnecessário... mas era exatamente o que fora montado ali, junto à estrada. Isso significava que o segredo escondido por trás de todo aquele aparato era ainda mais importante do que haviam imaginado e previsto. Mais importante, mais explosivo, mais ameaçador do que um ataque nuclear capaz de varrer a vida da superfície terrestre.

— A faixa de pregos é novidade — informou Ernie. — O portão de aço foi reforçado. A cerca existe há anos, mas não era eletrificada.

— Não há menor chance de entrarmos

Embora nenhum deles confessasse, os dois tinham esperanças de aproximar-se, pelo menos das duas portas de aço e, espiar as terras que acabavam de ser anexadas à área do depósito, gleba que o ministério comprara de Brust e Dirkson. Com sorte, talvez descobrissem uma ou outra novidade que os ajudasse a entender tamanho mistério. Dom não imaginava que pudessem entrar no depósito subterrâneo, o que seria praticamente impossível sem um salvo-conduto. De qualquer modo, olhando para Thunder Hill a partir do ponto de vista seguro de sua cama no motel, a idéia não lhe parecera completamente descabida. Ali, frente à entrada, sim, era loucura total.

Dom pensou que seus poderes telecinéticos poderiam ser úteis para abrir-lhes caminho, mas descartou a idéia tão depressa como a tivera.

Até que aprendesse a controlar os poderes, não voltaria a testá-los. Tinha medo. Pressentia que eram muito fortes, capazes de causar morte e destruição em larga escala, caso não conseguisse detê-los no momento certo.

— Ora... — Ernie ergueu as sobrancelhas —, nem você nem eu imaginávamos que pudéssemos entrar dançando pela porta da frente, não é? Vamos aproveitar e dar uma olhada nessa cerca. — Pisou no acelerador e, ao passar os olhos pelo espelho retrovisor, assobiou baixinho. — Para seu governo... estão nos seguindo.

Dom saltou no assento e olhou para trás. A menos de cem metros, aproximava-se um carro estranho, de rodas muito mais largas que as comuns. Tinha sobre a cabine uma série completa de faróis de milha, os do centro maiores que os laterais, naquele momento apagados. A frente do motor, uma larga pá limpa-neve, também desligada, erguia-se um palmo acima da estrada. Não era impossível que o carro pertencesse a algum fazendeiro da região, mas alguma coisa dizia a Dom que era um veículo militar. Não se via o motorista nem o interior da cabine, protegidos pelos vidros escuros.

— Mas, se estão nos seguindo — comentou, voltando-se para Ernie —, por que ficam tão à vista, aí no meio da estrada?

— Estão atrás de nós desde o momento em que saímos do motel — disse Ernie. — Quando diminuo a marcha, eles diminuem; quando acelero, eles aceleram.

— Será que vão nos fazer parar?

— Se querem briga, que venham. Mas acho que só querem nos assustar.

— Espero que você não os deixe zangados, só para provar que o pessoal da Marinha é melhor de briga que a turma do Exército... Eu aposto na Marinha!

A estrada tornava-se cada vez mais íngreme, o céu mais cinzento, as árvores cada vez mais escuras. E o estranho carro não se afastava deles.

A mãe de Emmy correu a abrir a porta ao primeiro toque de campainha, estremeando à golfada de ar gelado.

— Desculpe vir sem telefonar — disse o padre Wycazik, entrando na sala. — Mas estão acontecendo coisas muito estranhas, e eu precisava saber se Emmy...

Parou de repente, no meio da frase, porque percebeu que a sra. Halbourg tinha os cabelos despenteados, o rosto aflito, os olhos arregalados.

— C... como foi que o senhor descobriu?! — perguntou, a voz trêmula. — Não contamos a ninguém... Como foi que o senhor soube?!

— Soube... o *quê*?

Sem responder, a mulher correu para a escada, fazendo um sinal para que Stefan a seguisse:

— Venha... venha depressa!

Depois do que vira e soubera no apartamento dos Mendoza, o velho cura esperava encontrar surpresas na casa de Emmy Halbourg, mas não estava preparado para o clima de catástrofe total que imperava ali. No topo da escada, no hall de distribuição dos quartos, o pai da menina esperava a mulher, segurando a mão de uma das outras filhas. Estavam diante de uma porta aberta e, como se não tivessem coragem para entrar, olhavam estupefatos para o quarto, tentando decidir se o que viam era obra de Deus ou do demônio. De dentro do quarto vinha um som cadenciado, como o de um objeto

sendo arrastado, parado, empurrado para trás, parado, arrastado novamente. E o riso cristalino de Emmy.

O sr. Halbourg voltou-se, o rosto lívido.

— Graças a Deus que o senhor está aqui! — exclamou. — Não sabemos o que fazer. Não podemos pedir socorro, porque de repente isso passa e, quando as pessoas chegarem faremos papel de loucos. Agora que o senhor chegou, estou mais tranqüilo.

No quarto, Stefan viu o que era normal em quartos de meninas em transição para a adolescência: meia dúzia de ursinhos de pelúcia; enormes fotos autografadas de cantores dos quais jamais ouvira falar; um cabideiro com os mais estranhos tipos de chapéu; um par de patins; um gravador; uma flauta esquecida no estojo aberto. Outra das irmãs de Emmy estava de pé no meio do quarto, paralisada de susto.

Pulando na cama, ainda de pijama, Emmy parecia plenamente saudável; sacudia um travesseiro e ria sem parar. A sua frente, dois ursinhos de pelúcia dançavam, suspensos no ar. Era uma valsa, e eles giravam, abraçados, como gente de carne e osso.

Não eram os únicos bailarinos em ação. Pelo assoalho, um par de patins também dançava, o pé direito rodando junto à porta do banheiro, o esquerdo dando voltas ao redor do banquinho da penteadeira. No cabideiro, os chapéus agitavam-se ao ritmo da valsa. Na estante de livros, um ursinho solitário saltava e batia palmas.

Stefan entrou e, desviando-se dos dançarinos, aproximou-se da cama.

— Emmy? — chamou.

— Oh! — a menina exclamou, voltando-se para ele. — E o padre amigo do “Bolota”? Tudo bem? Isto aqui não está lindo? Não é... uma maravilha?

— E você que está fazendo isso? — Stefan fez um gesto na direção dos ursinhos.

— Eu?! — Emmy franziu as sobrancelhas. — Não, claro que não.

O pároco percebeu, no entanto, que, quando a garota olhou para ele, os ursinhos desequilibraram-se no ar e, embora não caíssem, perderam o ritmo. Percebeu também que o fenômeno causara alguns estragos: um

abajur quebrado jazia sobre o tapete, uma foto pendurada junto à cabeceira da cama estava rasgada e o espelho da penteadeira exibia feia rachadura. Emmy acompanhou-lhe o olhar e explicou:

— No começo eu me assustei, mas agora está tudo calmo. E engraçado... os ursinhos não são engraçados?!

Enquanto a menina falava, a flauta ergueu-se do estojo e parou, flutuando à esquerda do casal de bailarinos. Então começou a tocar... não notas esparsas ou desafinadas, mas uma música completa, suave e bonita. Emmy pulou de alegria, exclamando:

— Minha música! É a música que eu tocava sempre!

— E você está tocando agora — Stefan disse.

— Não — replicou ela, sem tirar os olhos da flauta —, não toco flauta há mais de um ano, desde que meus dedos começaram a doer. Já estou boa, mas ainda não peguei na flauta.

— Você está tocando sem precisar das mãos — insistiu o padre. A garota voltou-se devagar, começando a entender.

— Eu...? — murmurou.

No instante em que desviou a atenção, a flauta desafinou e os ursinhos pararam de dançar. Ela tornou a olhá-los, e o baile recomeçou.

— Eu? — repetiu. — Eu... eu!

O velho padre respirou fundo, imaginando o que Emmy sentia; então envolveu-o uma emoção tão intensa e profunda que seus olhos se encheram de lágrimas. Havia menos de um mês, aquela menina estava parálitica numa cama, sem mexer as mãos ou as pernas, sem poder vestir-se ou pentear-se, sem ter a menor esperança de voltar à vida de antes... sem futuro, às portas da morte. E agora fazia seus ursinhos dançarem no ar e tocava flauta apenas pensando na música que queria ouvir.

Stefan teve vontade de contar-lhe que aquele dom era parte da cura realizada por Brendan, mas, se falasse qualquer coisa, teria de explicar por que o “Bolota” conseguia operar tais prodígios, e não saberia nem como começar. Além do mais, não dispunha de tempo para contar-lhe o pouco que sabia. Já passava das nove, e deveria estar em Evanston. A medida que a manhã avançava, sentia que não podia perder um segundo. Naquele passo, aca-

baria sendo obrigado a apanhar um avião e voar para Nevada antes de acabar o dia. A julgar pelo que acontecia com Tolk e Emmy, o melhor da festa estava mesmo em Elko County... e Stefan Wyca-zik queria tomar parte no espetáculo, ainda que fosse apenas um observador mudo e assustado.

Lembrou-se das palavras de Tolk, no apartamento dos Mendo-za: “Há mais...” O patrulheiro descobrira por acaso parte de seus poderes. Também por acaso Emmy descobrira outro aspecto dos

mesmos poderes, o suficiente para virar a casa pelo avesso. Breve, com certeza, haveria ursinhos dançando no quarto dos filhos de Winton Tolk.

— O senhor mesmo pode cuidar de tudo? — O pai de Emmy enfiou a cabeça pela porta e fitou-o com olhos ansiosos.

— Por favor — pediu a sra. Halbourg, aproximando-se por trás do marido. — Queremos que seja feito o mais rapidamente possível.

— Tudo... o quê? — perguntou o padre, intrigado. — O que vocês querem que...

— O exorcismo, é claro! — o casal respondeu ao mesmo tempo.

Então fora para isso que a mãe de Emmy o recebera com tanta naturalidade, quase com alívio.

— Nem pensar! — exclamou Stefan. — Não há a menor necessidade de exorcismo. Emmy não está possuída pelo demônio... Que idéia! Deus do céu... Nada disso!

Enquanto ele falava, um dos ursinhos que estavam na cadeira de balanço saltou para o chão e caminhou em sua direção, gingando nas perninhas redondas e macias.

Winton dissera que precisava de tempo para aprender a controlar seus poderes. Emmy porém, mostrava-se capaz de fazer o que quizesse, senhora de suas novas habilidades. Stefan não pôde deixar de pensar que as crianças realmente se adaptam a quaisquer circunstâncias melhor que os adultos, por estranhas e inacreditáveis que sejam as circunstâncias...

Ainda assustados, sem saber o que pensar, os pais da menina entraram no quarto e olharam em volta, tentando decidir se estavam diante de um presente de Deus ou do diabo. O pároco balançou a cabeça, preocupado. Era fácil adivinhar o que estavam sentindo. Emmy parecia bem, os ursinhos eram

lindos, a flauta soava como um milagre... e, no entanto, tudo era estranho demais, incompreensível, assustador!

Pela primeira vez na vida, o otimismo inabalável do inabalável filho de poloneses via-se diante de um beco sem saída.

Depois de falar com Alexander Christophson, Ginger acompanhou Faye até a fazenda de Elroy e Nancy Jamison, no vale

Lemoille, a vinte quilômetros de Elko, os mesmos Jamison que visitaram os Block na noite de 6 de julho do ano retrasado. Claro que também presenciaram os acontecimentos daquela noite e, portanto, não havia dúvida de que foram submetidos à lavagem cerebral como todos os outros. De tudo que ocorrera, porém, restava-lhes apenas a lembrança falsa de terem voltado para casa levando Ernie e Faye para alguns dias de férias na fazenda. A mesma lembrança que os Block guardavam... até pouco tempo antes.

A idéia não era contar aos Jamison o que descobriram, mas tentar saber na medida do possível se o casal sofria algum tipo de perturbação psicológica. No caso de confirmar-se a hipótese, então sim, pretendiam explicar-lhes a verdade e convencê-los a mudar-se para o motel. Do contrário, não lhes diriam. Também para eles, como para Alex Christophson, a ignorância dos fatos constituía um seguro de vida.

De acordo com a estratégia que Jack Twist definira na noite anterior, fariam uma única visita aos Jamison. Se não houvesse sinal aparente de que o bloqueio começava a fraquejar, deixariam os dois de lado, pois não tinham tempo a perder. Ainda conforme as palavras de Jack, “nem o demônio em pessoa” convenceria alguém de que lhe roubaram três dias do passado. Ele não tinha dúvidas de que os inimigos ultimavam os preparativos de ataque.

A viagem, na caminhonete do motel, foi tranqüila e agradável. Com pouco mais de quinze quilômetros de comprimento e cinco de largura, o vale avançava até o sopé dos montes Ruby. Apesar da neve, de longe em longe viam-se campos onde em breve começaria a semeadura do trigo e da cevada que, quando chegasse a primavera, cobririam o vale de verde.

As terras de pastagens e gado concentravam-se na região mais alta, onde se originara a propriedade dos Jamison. A princípio, o casal dedicara-se à criação de gado, mas, com a extraordinária valorização das terras decidiram

vender boa parte da fazenda. Agora, já beirando os sessenta anos, cuidavam de uns vinte hectares situados na região próxima ao sopé das montanhas; tinham apenas três cavalos e algumas galinhas.

Ao sair da estrada que cortava o vale para tomar o rumo da encosta, Faye comentou:

— Acho que estão nos seguindo.

Ginger olhou pelo espelho retrovisor à sua direita e viu um carro sem placas, a alguns metros de distância.

— Será mesmo? — perguntou.

— Só pode ser. Estão atrás de nós desde o posto de gasolina, na cidade.

— Pode ser coincidência...

Quando se aproximaram da entrada da propriedade dos Jami-son, Faye passou para o acostamento e diminuiu a marcha, esperando a reação do outro motorista. Se realmente a seguia, ele teria que parar; se não, ultrapassaria a caminhonete e continuaria seu caminho. O carro parou.

— Aí está sua coincidência — Faye comentou.

— Eles nem se preocupam em disfarçar...

— E por que se preocupariam? Se Jack está certo, já sabem tudo que sabemos, pelo menos até agora. Sabem que estamos juntos, organizando nossas tropas... e não têm motivo para se esconder. Talvez pensem até que nos intimidam com essa brincadeira de gato e rato.

Ela manobrou, pisou no acelerador e dobrou na entrada que levava à casa dos Jamison. Pelo espelho, Ginger viu o carro manobrar para segui-las.

— Ou vão nos pegar, ou só querem saber onde estaremos, caso decidirem agarrar-nos a todos de uma vez só.

Fazia ainda mais frio na estradinha, ladeada de pinheiros antigos e altos, que mal deixavam passar a luz fraca da manhã.

Sentado ao lado do motorista, a caminho da entrada do depósito, olhando sem ver a grama crestada de frio e os vestígios de neve sobre a terra endurecida, o coronel Falkirk pensava no que poderia acontecer se vazasse o segredo de Thunder Hill.

Do ponto de vista político, Thunder Hill faria o escândalo de Watergate parecer mera bisbilhotice de repórteres amadores. As

mais confiáveis e respeitadas instituições políticas do país, das maiores às menores, envolvidas num grande circo de mentiras, falsidades e histórias malcontadas...

Se o segredo for mantido, pensava, provaremos ao mundo que nossas diferenças internas... as brigas e o ciúme entre CIA, FBI, Serviço Secreto do Exército, Força Aérea... são superficiais. Mostraremos que, diante de um verdadeiro perigo, de uma ameaça real, somos patriotas o bastante para esquecer as diferenças e unir esforços. Mas... se o segredo vazar... não sobrá pedra sobre pedra! O escândalo será tão grande que o povo americano perderá a fé nos homens que escolheu para governá-lo e no sistema de que tanto nos orgulhamos. Verdade que pouca gente sabe de tudo... no máximo meia dúzia dos melhores agentes do FBI, dois ou três da CIA. A maior parte dos agentes envolvidos na operação não faz idéia do que há em Thunder Hill... Por isso a notícia ainda não transpirou. Mas os chefões sabem! Os da CIA, do FBI, do Estado-Maior do Exército. Sem falar no ministro da Guerra, no presidente e em dois de seus principais assessores, no vice-presidente... Todas essas cabeças vão rolar quando alguém mais souber da verdade.

A catástrofe política seria apenas parte da devastação total. Uma comissão nomeada pelo presidente, trabalhando em sigilo, estudava, durante anos, as possíveis conseqüências de uma hipotética crise semelhante à que brotaria em Thunder Hill se o segredo fosse divulgado. Eram físicos, biólogos, antropólogos, sociólogos, teólogos, economistas, educadores e centenas de outros especialistas em todas as áreas do conhecimento humano; seu primeiro relatório, altamente confidencial, tinha mais de mil páginas. Le-land conhecia-o de cor, porque trabalhara com a equipe, como especialista em estratégia militar, e redigira algumas conclusões. O relatório era muito claro: na eventualidade de uma crise total de valores, o mundo jamais voltaria a ser o mesmo. As sociedades humanas e as culturas conhecidas sofreriam mudanças radicais e definitivas. Independentemente da natureza da crise, considerando-se apenas a profundidade dos valores afetados,

previam-se milhões de mortes, em todo o planeta, nos primeiros dois anos.

Ao aproximar-se da gigantesca porta de aço encravada na montanha, o tenente Horner diminuiu a velocidade, mas não parou; entrou à direita e encaminhou-se para um pequeno estacionamento, onde havia alguns veículos.

Com dez metros de altura e seis de largura, cada uma, as portas de aço eram muito pesadas para abrir-se toda vez que alguém precisava entrar ou sair. Faziam um barulho que podia ser ouvido a quilômetros de distância e provocavam um deslocamento de ar visível à volta da montanha. Além disso, demoravam cinco minutos para abrir-se totalmente. Para evitar esses inconvenientes, havia na encosta, à direita, uma porta igualmente invulnerável, porém de dimensões reduzidas, suficiente para dar passagem a um homem de cada vez.

O maior e mais bem protegido cofre do mundo. Não havia lugar melhor do que Thunder Hill para esconder o segredo da noite de 6 de julho. Naquela fortaleza inexpugnável ele estaria sepultado para sempre.

Leland e o tenente Horner saltaram do carro e dirigiram-se para a porta menor, quase tão pesada quanto a primeira, porém acionada por um mecanismo mais simples, embora totalmente seguro. Quatro algarismos, digitados num painel eletrônico junto à fechadura, abiraram-na quase sem ruído. Os números eram trocados a cada duas semanas, e os poucos funcionários que tinham acesso ao código decoravam-no como parte da rotina de trabalho. Leland adiantou-se, digitou o código, e a porta deslizou sobre os trilhos.

Ali começava o primeiro de vários túneis que levavam ao coração da montanha: um túnel de quatro metros de comprimento e três de diâmetro, profusamente iluminado. Ao final, uma curva à esquerda e outra porta, idêntica à primeira, que não podia ser aberta até que a entrada externa estivesse novamente trancada. Leland tocou um terminal de computador sensível à temperatura da mão e ouviu o zumbido da primeira porta se fechando a suas costas.

No instante em que a fechadura estalou, entraram em operação as duas câmaras de vídeo instaladas no teto do túnel, que acompanharam os dois homens na direção da segunda porta. Não havia olho humano atrás das câma-

ras, nem diante dos monitores dos terminais. O sistema era operado eletronicamente, através de um computador programado para permitir exclusivamente a passagem do pessoal autorizado. Uma precaução adicional, à prova de erro ou de traição, prevendo a hipótese de algum descuido da guarda, doloso ou não. O sistema de segurança que controlava o acesso a Thunder Hill era independente, sem ligação com o computador central da base nem com o mundo externo, o que o tornava virtualmente invulnerável a qualquer equipamento eletrônico que fosse usado para acioná-lo, tanto de dentro quanto de fora.

Quando o carro de Leland passara pela guarita, um dos soldados digitara um código secreto em seu terminal de computador. Com isso, acionara o sistema de segurança, que “reconheceu” Leland e Horner no instante em que as câmaras captaram seus rostos. Enquanto os dois caminhavam para a segunda porta, as imagens iniciais eram comparadas com os registros holográficos armazenados na memória do sistema de segurança, considerando-se, para a comparação, quarenta e dois detalhes do queixo à testa de cada um. Não havia disfarce ou máscara que passasse incólume pelo exame das câmaras. Se um único dos quarenta e dois detalhes registrados não coincidissem exatamente com a imagem captada, soaria um alarme em toda a área subterrânea da base, o túnel seria bloqueado, o sistema de ar condicionado liberaria um gás que faria adormecer o pretense invasor.

A porta interna não tinha fechadura, tranca ou código numérico a ser digitado. A esquerda, na parede do túnel, havia apenas uma placa de vidro, quadrada, com doze centímetros de lado; Leland colocou a palma da mão esquerda sobre a placa, pressionou-a e esperou um segundo, talvez menos. A porta começou a abrir-se devagar, depois que as impressões digitais deixadas no vidro

foram comparadas à imagem das câmaras e dadas como “verdadeiras e coincidentes”.

— Entrada mais difícil só a do paraíso — Horner suspirou.

— Engano seu — disse Leland. — *Aqui* é mais difícil.

Os dois entraram num túnel natural, apenas retocado por mãos humanas. Não se via a abóbada da caverna, muito alta, metros acima, mergulhada na

escuridão, porque as luminárias foram rebaixadas até a altura normal, criando a ilusão de um segundo teto. Com mais de sete metros de largura, o túnel avançava cerca de cento e cinquenta metros. Em alguns pontos, via-se a rocha natural, mas de longe em longe era possível perceber os pontos em que a passagem fora alargada a golpes de picareta ou explosões de dinamite. Havia espaço suficiente para carga e descarga dos caminhões que deixavam os suprimentos à entrada dos grandes elevadores encarregados de transportá-los para os pisos subterrâneos.

Apenas um guarda vigiava a entrada da sala cuja porta Leland e Horner abriram. Considerando que Thunder Hill estava distante de tudo, protegida pelos mais sofisticados equipamentos de segurança; considerando que ninguém entrava ali sem passar por inspeção eletrônica rigorosa, um único guarda era mais que suficiente, na opinião de Leland. Provavelmente, o guarda tinha a mesma opinião, pois, com o revólver no coldre, as pernas cruzadas e uma pastilha na boca, lia com gosto um romance policial.

Vestia casaco de inverno, pois as áreas intermediárias do depósito não tinham calefação; apenas os escritórios e as áreas de convivência e lazer eram aquecidas. Toda a energia consumida em Thunder Hill vinha de uma pequena usina hidrelétrica construída às margens de um rio subterrâneo. A produção de energia era grande, mas não bastava para a calefação das cavernas, onde a temperatura jamais ultrapassava a marca dos doze graus centígrados, perfeitamente suportável para quem se vestisse apropriadamente

— Bom-dia, coronel Leland... tenente Horner... — O guarda levantou-se. — Os senhores podem entrar para falar com o doutor Bennell. Já sabem onde encontrá-lo.

A esquerda, a três metros de distância, brilhava a superfície polida do revestimento interno das gigantescas portas de entrada. Leland e Horner deram-lhes as costas, dobraram à direita e mergulharam no coração da montanha, rumo aos elevadores.

Havia em Thunder Hill ascensores hidráulicos de três tamanhos, o maior dos quais era idêntico aos modelos utilizados para o transporte de aviões. Além de equipamento e provisões equivalentes a mais de dois bilhões de dólares — comida congelada, remédios, aparelhagem hospitalar, roupas,

barracas de campanha, armamento leve, fuzis, morteiros, artilharia de campo, munição, veículos militares e vinte ogivas nucleares —, Thunder Hill ainda contava com equipamento aéreo. Em primeiro lugar, cinqüenta e oito helicópteros, trinta dos quais equipados com armamento antitanque, e oito de fabricação anglo-francesa, destinados a transporte em geral. Nenhuma aeronave convencional, mas vinte jatos de fabricação inglesa, dotados de propulsores especiais, que lhes permitiam decolar e pousar verticalmente, sem necessidade de pista. No caso de um ataque nuclear limitado, seguido de invasão de tropas inimigas, tanto helicópteros de transporte como os transportadores de jatos podiam ser conduzidos de elevador até o piso de saída e decolar em qualquer direção.

Por ora, entretanto, nada parecia exigir o uso do equipamento aéreo de Thunder Hill; assim Leland e Horner passaram direto pelos ascensores hidráulicos e entraram num dos três elevadores comuns reunidos ao fundo.

No terceiro piso inferior do complexo, o último do depósito, eram guardados equipamentos médicos, alimentos, armas e munição; as salas calafetadas tinham válvulas reguladoras de pressão e portas à prova de explosão. No segundo piso, intermediário, ficavam os veículos, as aeronaves e o pessoal residente em Thunder Hill.

Leland e Horner saíram do elevador no segundo piso, diretamente num compartimento de paredes de pedra, muito bem iluminado em seus quase quarenta metros de diâmetro. Servia de ante-sala para quatro outras salas escavadas na rocha e que, por

sua vez, abriam-se para mais uma série de aposentos. Nas malhas maiores dessa teia mergulhada na montanha guardavam-se, entre outras coisas, o equipamento aéreo, os jipes e os tanques blindados.

Três das quatro salas que davam para a ante-sala diante do elevador não tinham portas, pois não havia risco real de incêndio ou explosão à altura daquele nível subterrâneo. A quarta câmara, porém, estava fechada, e bem fechada, porque ali se mantinha o segredo da noite de 6 de julho.

A poucos passos do elevador, Leland parou e olhou para a porta a sua frente. Não tiveram tempo de construir uma porta igual às da entrada do depósito, mas aquela era perfeita, com suas toras de madeira e seus oito metros

de altura por vinte de largura. Sempre que parava ali, Leland lembrava-se do gigantesco portal construído pelos nativos no primeiro *King Kong*. E estremeia, pensando no que aconteceria se sua fortaleza fosse violada.

— Ainda se assusta, não é? — perguntou Horner.

— Você não?

— Eu também!

A esquerda, na porção inferior daquela barricada, havia uma pequena porta, da altura de um homem, que dava acesso à câmara; um guarda ali postado examinava as credenciais dos visitantes. As atividades da “fortaleza” de Leland nada tinham a ver com a rotina de Thunder Hill, e a área era proibida a noventa por cento do pessoal da base.

Ao redor da ante-sala dos elevadores, nos espaços de rocha entre as quatro aberturas que davam acesso às demais câmaras internas, havia várias divisórias construídas no começo dos anos 60. Naquela época, usavam-se divisórias para separar escritórios, salas de trabalho ou locais de reunião dos oficiais, engenheiros e superintendentes de projetos do Exército. Com o passar do tempo, as grandes câmaras subterrâneas foram cada vez mais subdivididas, até que uma verdadeira cidade enterrada começou a surgir, com quartos, lanchonetes, salões de jogos, laboratórios, centros de manutenção de equipamentos, salas de computadores e muitos outros compartimentos, Pessoal do Exército ou do Governo,

designado para prestar serviços junto à base, em períodos de um ou dois anos, ocupava as instalações. Nas salas do segundo piso havia calefação, excelente iluminação, linhas telefônicas internas e externas, cozinhas, banheiros modernos e todos os confortos da civilização. Eram construídas a partir de painéis de metal revestidos de esmalte azul-claro, branco ou bege, com janelas pequenas e portas estreitas. Apesar de não ter rodas, lembravam *tmlers* dispostos em círculo, como se uma tribo de modernos ciganos tivesse descoberto um modo novo de acampar e resistir às tempestades de neve, escondendo-se dentro da terra, a cem metros da superfície.

Leland virou-se, deu as costas à porta proibida e dirigiu-se a um dos *tmlers*, no qual funcionava o escritório do dr. Miles Bennell Horner, como sempre, acompanhava-o.

Miles Bennell transferira-se para Thunder Hill no verão retrasado a fim de iniciar a análise metódica e científica dos acontecimentos do dia 6 de julho. Desde aquela época, deixara a base apenas três vezes, e sempre por poucos dias. O que era dever transformara-se para ele em missão. Parecia obcecado... ou louco.

Uma dúzia de oficiais estava na sala, alguns uniformizados, outros à paisana; alguns apenas de passagem, outros conversando em grupos. Leland passou por eles sem virar a cabeça, imaginando quem seriam aqueles homens capazes de trabalhar durante semanas e meses sem ver a luz do sol. Recebiam uma ajuda de custo considerável, a título de “risco adicional”, o que, para Leland, ainda não constituía compensação suficiente para tamanho sacrifício. Thunder Hill não era sufocante como Shenkfield, mas estava longe de ser confortável.

Leland suspeitava que começava a sofrer de claustrofobia, pois passava dias e dias com a sensação de estar enterrado vivo. O que poderia ser estimulante para um masoquista assumido como ele, revelava-se simplesmente insuportável. Era um tipo de dor que não causava prazer nenhum.

O dr. Miles Bennell tinha aspecto doentio. Como todos em Thunder Hill, perdera completamente o tom rosado da pele, de-

pois de meses longe do sol. Os cabelos escuros e encaracolados e a barba crescida tornavam-río ainda mais pálido. A luz esbranquiçada das lâmpadas fluorescentes, parecia um fantasma. Cumprimentou os recém-chegados com um aceno de cabeça, mas não se levantou nem estendeu-lhes a mão.

Leland achou melhor assim. Não era amigo de Bennell... ao contrário, odiava-o... Além disso, começava a suspeitar dele. Todos os cientistas envolvidos no projeto davam-lhe a impressão de não serem normais, nem completamente humanos. Se seu instinto estivesse certo, quanto menos contato físico tivesse com eles, melhor.

Na voz fria que sempre intimidara os subalternos, reduzindo-os à mais miserável subserviência, Leland despejou seu sermão:

— Das duas uma: ou o senhor foi negligente no controle da segurança desta unidade, o que configura crime contra a segurança nacional, ou foi cúmplice de um crime. No segundo caso, é o traidor que estamos procuran-

do. Agora, ouça com atenção... Vou descobrir quem foi o filho da puta que mandou as fotografias para as testemunhas. Vou trabalhar com *meus* homens... E tenha certeza de que os detetores de mentiras não aparecerão quebrados nos momentos mais importantes, nem os interrogatórios serão suspensos de repente, sem maiores explicações. Quero saber quem fez Jack Twist voltar para cá... E quando descobrir, acabo com ele... O infeliz vai desejar ter nascido mosca, para passar a vida comendo bosta de cavalo...

— Boa frase de efeito... mas inteiramente desnecessária. Também quero descobrir onde está a falha da segurança.

Leland teve vontade de quebrar-lhe a cara. Era por isso que odiava Miles Bennell: o desgraçado não tinha medo de nada.

Calvin Sharkle morava na agradável Rua O'Bannon, num bairro de classe média de Evanston. O padre Wyczik precisou parar duas vezes para informar-se sobre a direção a seguir. Na esquina da Rua O'Bannon com a Avenida Scott, a dois quarteirões da casa de Sharkle, avistou o movimento: carros de polícia, ambulâncias, equipes de televisão correndo de um lado para o outro com suas câ-

maras. Apesar do frio e do vento forte, uma multidão de curiosos espalhava-se pela calçada e pelos jardins das casas vizinhas.

O tráfego estava engarrafado, e Stefan decidiu estacionar na própria avenida, onde não foi fácil encontrar uma vaga. Saiu do carro e, alguns quarteirões adiante, começou a abrir caminho entre a multidão. A medida que fazia perguntas e ouvia explicações mais ou menos desencontradas, percebia que todos estavam nervosos e estranhamente assustados. Na verdade, havia no ar uma fascinação impiedosa pela tragédia alheia e um medo instintivo de que a mesma dor atingisse a todos.

Não havia dúvida de que acontecera uma tragédia. Um homem de rosto redondo e bigodes grossos dizia a Stefan:

— Você não viu na televisão?! O tal Sharkle, o “Tubarão!”, é assim que o chamam. Homem perigoso... Está entrincheirado em casa desde ontem. Já matou dois vizinhos e um policial, e está com dois reféns lá dentro. Se quer saber, acho que os dois estão fodidos...

Terça-feira de manhã, Parker Faine foi de avião até San Francisco e lá tomou uma conexão para Monterey. Uma hora de voo até San Francisco, uma hora de espera no aeroporto, trinta e cinco minutos de viagem até Monterey. Verdade que o tempo correrá, pois uma das passageiras, mulher jovem e bonita, reconheceu-o, disse que adorava seus quadros e mostrou-se encantada com seu charme.

Em Monterey, na agência locadora de carros, havia apenas um automóvel disponível, um calhambeque verde-vômito que constituía verdadeira ofensa ao senso estético de um pintor. Mas Parker Faine não tinha tempo a perder.

Bom nas retas, o carro ameaçava empacar nas subidas. Devagar, Parker finalmente chegou ao endereço que Dom lhe dera: a casa de Gerald Salcoe, o homem que se hospedara no Motel Tranqüilidade com a mulher e duas filhas na noite de 6 de julho e que parecia ter sumido da face da terra. A casa era imponente, em estilo colonial sulino, mas horrivelmente deslocada na costa da Califórnia; situava-se no meio de um enorme terreno gramado, à

sombra de pinheiros frondosos, e era cercada de arbustos tão recortados que a família devia pagar salário integral para meia dúzia de jardineiros; os canteiros estavam floridos de vermelho e púrpura, em pleno mês de janeiro.

Parker manobrou o calhambeque pela entrada majestosa e estacionou em frente aos degraus que levavam à varanda de gradis de ferro trabalhado. Já era hora de haver alguma luz acesa, mas a casa estava às escuras, com as cortinas fechadas. Parecia vazia.

Parker saltou do carro, subiu a escada e andou pela varanda, sempre reclamando do frio e do vento. A neblina dissipara-se na região do aeroporto, mas ali, na região mais alta da cidade, ainda era suficiente para impedir que o sol aquecesse a terra. No norte da Califórnia o inverno era sempre úmido e frio, o que não acontecia em Laguna Beach. Prevendo o frio, Parker vestira uma calça de veludo grosso, camisa de flanela xadrez, suéter de lã azul e japonesa da Marinha com divisa e tudo. Indumentária refinada e original, complementada por inacreditáveis tênis cor de abóbora. Ao tocar a campainha, Parker olhou para os pés e fez uma careta: estava fantasiado demais. Tocou

seis vezes, esperando trinta segundos entre um sinal e outro, e ninguém apareceu.

Na véspera, um homem chamado Jack Twist lhe telefonara às onze horas da noite, de uma cabine pública em Elko, para dizer que tinha um recado de Dominick Corvaisis: dentro de vinte minutos, ele devia esperar uma chamada em determinada cabine de Laguna Beach. Faine trabalhava num quadro fantástico, iniciado às três da tarde, mas nem o trabalho o impedira de saber o que Dom queria; ao perceber do que se tratava, imediatamente concordara em ir a Monterey. Andava pintando muito, nos últimos dias, só porque era a única atividade que o fazia parar de pensar em Dom e em seus amigos reunidos num motel no fim do mundo. Depois, informado de que Dom fazia flutuar saleiros, a seu bel-prazer, decidiu que nem a Terceira Guerra Mundial o impediria de ir a Monterey.

E agora ali estava, derrotado por uma porta fechada! Não, não queria voltar de mãos vazias. Tinha de encontrar os Salcoe, nem

que fosse no fim do arco-íris. Para começar, qualquer casa das vizinhanças servia.

Os arbustos e o gramado dificultavam um pouco a caminhada até a casa ao lado, e Faine voltou ao carro verde-vômito. Deu a partida, pôs a mão na alavanca do câmbio e mais uma vez olhou para as janelas cada casa... Então viu um leve movimento nas cortinas, como se alguém estivesse espiando e fugisse para dentro ao vê-lo levantar a cabeça. Sorrindo, soltou o breque e partiu, devagar, em direção à saída. Sentia-se renascer... agora que, outra vez, brincava de espião.

Ernie e Dom estacionaram o jipe ao fim da estrada vicinal, e o carro de vidros foscos parou em seguida, a duzentos metros de distância. Com os pneus enormes e os holofotes de sinalização por cima da carroceria, parecia um inseto gigante, pronto para enfiar-se na terra ao primeiro sinal de inseticida. Não se via sinal de motorista.

— Você acha que eles querem briga? — Dom perguntou, saltando do jipe.

— Se quisessem, já teriam mostrado a cara. — Ernie soltava bafordas de ar no frio da manhã. — Querem só ficar de olho. Por mim, que se da-

nem!

Voltaram ao jipe, e apanharam as armas: uma espingarda carregada com balas especiais de calibre 32 e um fuzil Springfield. A idéia era mostrar aos homens do carro-inseto que estavam prontos para a briga.

Dali em diante, a montanha subia em direção oeste, e a floresta começava a adensar-se. Na direção leste, contudo, a terra era plana, seca e nua. Ainda não começara a nevar, porém ventava cada vez mais forte. Dom encolheu-se no casaco de inverno que comprara em Reno, invejando o abrigo de náilon de Ernie, fechado até o pescoço, e suas botas forradas de pele. Felizmente, todos esses itens estavam incluídos na lista de compras que Ginger e Faye ficaram encarregadas de fazer em Elko: o material necessário para a operação daquela noite, incluindo roupas de inverno para

Dom e para os que não estivessem preparados para enfrentar o frio. Naquele momento, todavia o vento o fazia tremer.

Ambos caminharam até o ponto em que a montanha começava a subir, para continuar a operação de reconhecimento do terreno à volta de Thunder Hill. A alta cerca eletrificada seguia adiante, penetrando na floresta; de repente, deixava de acompanhar a estrada, dobrava para leste e descia em direção ao vale. Ali havia uma camada de neve de trinta centímetros, e as botas de Ernie afundavam quase até o cano. Continuaram andando acompanhando a cerca até um local de onde podiam ver as portas de aço da entrada do depósito.

Não havia guardas nem cães. Do lado oposto da cerca, a neve brilhava, muito branca, sem sinais de pegadas, antigas ou recentes, o que significava que ali não havia ronda regular de vigias.

— Ninguém deixaria um lugar como esse entregue ao anjo da guarda — disse Ernie. — O fato de não haver patrulhas de guarda significa que a segurança é eletrônica. Com certeza há um milhão de aparelhos de vigilância do outro lado da cerca.

Dom espiou na direção do carro-inseto, preocupado com o jipe. Viu um homem de uniforme escuro, a silhueta recortada contra a neve. Não estava perto do jipe, nem parecia interessado nele. Parado junto à estrada, observava os movimentos de Ernie e Dom.

Ao vê-lo, Ernie segurou a espingarda por baixo do braço e levou o binóculo aos olhos.

— E do Exército — disse. — Pelo menos, usa um casaco militar. Está de olho em nós.

— Ali parado...? Não é estranho?

— E impossível seguir alguém num descampado como este sem aparecer. E o cara está querendo ser visto mesmo. Ele e a arma. Para avisar de que não está preocupado com nossos fuzis.

— Por quê?

— Porque ele tem uma submetralhadora belga. Uma arma fantástica. Seiscentos tiros por minuto.

Se tivesse assistido ao noticiário de televisão, na véspera, o padre Wyczalik teria ouvido falar muito de Calvin Sharkle, cujo nome estava nas manchetes fazia vinte e quatro horas. Mas ele não via televisão há anos, porque decidira que era perda de tempo. Achava que aquelas versões simplificadas de fatos da vida embotavam, a inteligência. Sentia-se enjoado com o sexo e a violência que a pequena tela mostrava. Considerava tudo aquilo moralmente repulsivo. Poderia também ter lido sobre Calvin nas primeiras páginas da edição matutina do *Tribune* ou do *Sun-Times*, mas saíra tão apressado da casa paroquial que nem pensara em jornais. Sem outras fontes, recolhia fragmentos da história de um ou de outro, cercado pela multidão que se acotovelava junto ao cordão de iso-lamemo.

Fazia meses que Cal Sharkle andava agindo de modo estranho. O solteirão simpático e amigoso, do qual todos os vizinhos gostavam na Rua O'Bannon, transformara-se de repente num homem preocupado, sorumbático, caladão. Vivia dizendo a quem quisesse ouvir que pressentia “que alguma coisa importante e terrível estava para acontecer”. Lia livros esotéricos e falava muito em Armagedom. Passava noites em claro, atormentado por pesadelos.

No dia 2 de dezembro, deixou de dirigir, vendeu o caminhão e passou a andar pela vizinhança anunciando que “o fim estava próximo”. Falava em vender a casa, comprar um terreno nas montanhas e construir um abrigo anti-atômico, conforme uma planta que encontrara numa revista especializada em sobrevivência pós-guerra nuclear.

— Mas não vai dar tempo — confessou à irmã, Nan Gilchrist. — Vou ter que adaptar minha própria casa.

Não sabia o que estava para acontecer, não entendia a origem do medo que o torturava, mas garantia que não se tratava de guerra nuclear, invasão russa, colapso econômico nem qualquer outra coisa que os grupos alarmistas vaticinavam pelas praças.

— Não sei o que é — disse a Nan —, mas sei que é estranho e horrível... e que está muito próximo de acontecer.

A irmã levou-o ao médico, que, sem encontrar nenhum distúrbio orgânico, diagnosticou “crise aguda de stress”. Depois do Natal,

Calvin já não parecia o mesmo. Na primeira semana de janeiro mandou desligar o telefone, explicando apenas que “não se sabe como eles poderão nos encontrar. Talvez possam entrar pelo telefone...” Mas não sabia o que responder quando alguém lhe perguntava quem eram “eles”.

Ninguém, na verdade, imaginara que Cal pudesse representar algum perigo. Era um homem calmo e assim fora durante toda a vida. Apesar do que andava dizendo, nada indicava que se tornaria violento.

Até que, na manhã do dia anterior, oito e meia, Carl atravessou a rua e bateu à porta de Edward Wilkerson, seu vizinho e velho amigo, de quem se afastara nos últimos tempos.

— Não posso ser tão agoísta — disse-lhe. — Minha casa está preparada para o ataque, e a de vocês é vulnerável. Por isso, quando “eles” chegarem, se vocês se assustarem e quiserem ir para lá, tudo bem. Poderemos nos defender melhor.

Quando Wilkerson perguntou-lhe quem eram “eles”, Cal respondeu:

— Não sei que cara têm, nem que nome usam para identificar sua espécie. Mas vêm para nos agredir. Talvez nos transformem em zumbis.

Cal Sharkle garantiu que tinha em casa munição suficiente para resistir a um ataque maciço e que havia reforçado portas, janelas e paredes.

Assustado com a conversa sobre armas e munição, Wilkerson esperou que o vizinho voltasse para casa e telefonou para Nan Gilchrist. Ela chegou meia hora mais tarde com o marido, e disse a Wilkerson que tentaria convencer o irmão a deixar-se levar até um hospital para exames. Mas, depois que

Nan entrou na casa de Sharkle, Wilkerson achou que seria mais seguro acompanhá-la e convocou outro vizinho, Frank Krelky, para ir com ele. Imaginou que Nan abriria a porta, porém o próprio Cal apareceu à beira da histeria, armado com uma pistola semi-automática de cano longo, acusando os vizinhos de estarem transformados em zumbis.

— Vocês já estão transformados — gritou. — Oh! Deus! Eu deveria ter visto. Quando foi que aconteceu? Quando foi que vocês deixaram de ser humanos? Meu Deus... Agora vocês vieram nos buscar! — Com um berro de animal assustado, abriu fogo contra os vizinhos. O primeiro tiro atingiu o pescoço de Krelky, à queima-roupa. Wilkerson correu e, ao ser atingido nas pernas, fingiu-se de morto, o que lhe salvou a vida.

Krelky foi levado para o Instituto Médico-Legal e Wilkerson estava no hospital, fora de perigo, pronto para falar aos repórteres.

Junto ao cordão de isolamento, à entrada da Rua O'Bannon, um jovem contava ao padre Wyczalik as últimas notícias da manhã.

— *Meu nome é Roger Hasterwick, sou especialista em misturas alcoólicas — declarou —, mas estou temporariamente desempregado.

Podia ser, mais prosaicamente, um *barman* recém-despedido, Stefan traduzira. Roger tinha olhos brilhantes, de pupilas dilatadas, o que podia indicar intoxicação por bebida, drogas, falta de sono ou psicopatia, ou tudo isso junto, mas sabia das novidades com detalhes.

— Daí — contava —, os policiais bloquearam o quarteirão, tiraram as pessoas das casas vizinhas e tentaram entrar em contato com o “Tubarão”. Mas o telefone estava desligado. A polícia começou a berrar no megafone, e o homem se fez de surdo. Parece que a irmã dele e o cunhado ainda estavam vivos, como reféns, por isso a polícia não pôde invadir a casa.

— Queira Deus que estejam vivos — murmurou Stefan, unindo as mãos geladas, mais de medo que de frio.

— Claro, claro... — fez Roger, impaciente para continuar contando o que sabia. — Afinal, como já estava escurecendo e logo seria noite fechada, a polícia chamou o pessoal do esquadrão especial para entrar em ação e salvar os reféns. Jogaram bombas de gás lacrimogênio, mas tiveram problemas. Os policiais tropeçavam pelo jardim, porque o “Tubarão” cobriu a grama

com uma rede de arame. Um deles caiu, quebrou a cabeça e teve concussão cerebral. Não morreu, mas ainda está inconsciente. Cal não foi atingido pelo gás porque estava de máscara, como se já soubesse o que a polícia faria, e abriu fogo contra o esquadrão especial. Matou um guarda e feriu outro. Então subiu para o sótão e fechou a porta. Ninguém consegue tirá-lo de lá, porque mandou instalar uma porta de aço lá no sótão. As janelas também são de aço. O “Tubarão” e a polícia estão empatados. Que loucura!

Dois mortos e três feridos, Stefan fez as contas.

Hasterwick continuava:

— Daí os policiais foram embora e resolveram esperar que escurecesse. Não aconteceu nada durante toda a noite. Hoje de manhã Cal abriu uma frestinha da janela e começou a gritar. Parecia louco... dizia que alguém estava chegando... Depois fechou a janela e não apareceu mais. Tomara que ele faça alguma coisa logo, porque está muito frio e isto aqui já está ficando meio chato.

— O que ele gritava? — Stefan perguntou.

Quando?

— Hoje de manhã.

— Ah, deixe ver... — A alguns passos, a multidão movimentou-se, seguindo uma onda de informações novas que vinha do outro lado da rua. Afli-to, sem querer perder qualquer detalhe sórdido, Roger gritou, frenético, para um homem de rosto vermelho e chapéu de caçador:

— O que houve? O que foi agora?

— Um cara aí tem um rádio e sintonizou a faixa do esquadrão especial. Parece que eles vão invadir a casa e mandar o “Tubarão” para o espaço. O homem correu em direção a casa, e Hasterwick seguiu-o.

O padre Wyczak foi empurrado de todos os lados, a multidão disparando em direção à esquina, tentando aproximar-se o mais possível da casa. Apenas dez ou doze pessoas ficaram onde estavam, paradas junto ao cordão de isolamento. Logo ocorreria uma tragédia, haveria mais mortos, outros feridos. Stefan sentia a ameaça no ar. Tinha que fazer alguma coisa... mas não conseguia pensar. Até aquele momento, o “mistério” de Brendan parecera-lhe uma bênção divina, um dom, um presente... uma promessa de felicidade

eterna, o primeiro ato de um grande espetáculo que Deus preparava para seus filhos. Mas ali estava o reverso da medalha, o lado escuro do mistério, a tragédia!

Afinal, sem saber o que fazer, Stefan resolveu acompanhar a multidão, que outra vez se reunia, um quarteirão adiante, à volta de um caminhão azul com uma paisagem da Califórnia pintada na carroceria. O dono, um grandalhão peludo e barbudo, sentado na cabine, abriu as portas do caminhão e mexia nos botões do rádio. Os policiais ultimavam os planos de ataque.

As equipes especiais tomavam posição no primeiro andar da casa de Sharkle. Usariam uma pequena carga de explosivo plástico para arrebentar a porta de aço, o que lhes permitiria entrar no sótão, mas não abalaria os alicerces da casa. Enquanto isso, uma segunda equipe faria explodir a porta da frente, num ataque em cunha. A estratégia era terrivelmente perigosa, tanto para os oficiais quanto para os reféns, mas o esquadrão parecia convencido de que seria ainda mais perigoso continuar esperando.

Ao ouvir as vozes que o rádio reproduzia, fazendo vibrar o ar frio da manhã de janeiro, Stefan sentiu de repente que precisava deter o ataque. Se o plano fosse levado adiante, haveria uma carnificina. Precisava passar pelo cordão de isolamento, ir até a casa... e falar com Cal Sharkle. E tinha que ser logo!

Voltou as costas ao caminhão e disparou a correr em direção à casa situada, um quarteirão adiante. Ainda não sabia o que diria a Sharkle para convencê-lo a entregar-se. Talvez o batido “Calvin, você não está sozinho” servisse. Até encontrá-lo, acabaria descobrindo alguma coisa!

Sua partida repentina deu à multidão a impressão de que ele soubera de alguma novidade, e Stefan já estava a meio caminho quando os primeiros curiosos passaram por ele, correndo e gritando como loucos, interrompendo completamente o trânsito da Avenida Scott. Breques chiavam, buzinas gritavam, ouvia-se o ruído dos carros batendo uns nos outros, lataria raspando. O pároco acabou atropelado pela multidão, foi empurrado com violência, tropeçou e caiu de joelhos na calçada; levantou-se e continuou correndo. O ar da manhã parecia cada vez mais carregado de ameaças, como um animal enlouquecido, sedento de sangue, que se aproximasse. Stefan olhava ao redor,

horrorizado, o coração batendo disparado. O inferno deve ser assim, pensou. Gente tres-loucada correndo sem parar, sem saber para onde, uma multidão a nos empurrar para a frente, para a frente...

Quando, afinal, se aproximou da casa de Sharkle, os primeiros curiosos já retrocediam, empurrados pelos cavalos e cassetetes da polícia. Desesperado, o padre Wycazik olhou para um lado e outro, à procura do comandante do pelotão, porque precisava falar com alguém. Foi puxado para trás, empurrado para a frente, novamente empurrado, gritou que era sacerdote e precisava falar com o oficial, mas não lhe deram ouvidos. Alguém tirou-lhe o chapéu, outro empurrou-o e, de repente, lá estava ele, em pé na linha de fogo, dois passos à frente da multidão desafiando os cavalos.

Os policiais gritaram-lhe que saísse dali, ameaçaram-no com prisão e espancamento, tiraram os cassetetes da cintura e baixaram os escudos. Mas ele não parava de gritar. Um dos guardas se aproximou, como se quisesse ouvi-lo melhor. O que poderia dizer-lhe? Que era padre, que sabia o que estava acontecendo com Sharkle, que sabia como fazê-lo render-se? Era mentira, mas valia a pena tentar. Só teve tempo para começar: abriu o casaco e mostrou o colarinho branco ao policial.

— Sou padre...Acho que sei... — Antes que concluísse a frase, o homem empurrou-o para trás, aos gritos. No mesmo instante, duas explosões sacudiram o ar, ao intervalo de poucos segundos. Alguns, na multidão, sabendo das notícias pelo rádio do caminhão azul, bateram palmas. Então uma terceira explosão fez o chão estremecer. Stefan levou a mão aos ouvidos para se proteger. A casa de Sharkle voou pelos ares, pedaços de madeira e vidro jogados contra o céu cinzento. Milhares, milhões de pedaços, e uma vasta nuvem de poeira. Dessa vez a multidão gritou, a uma só voz, medo e horror estampados em todos os rostos. Descobriam que a morte era mais do que um espetáculo em technicolor, distante e contido numa tela.

— Ele tinha uma bomba! — gritou um dos policiais. — Meu Deus! Ele explodiu a casa! — Virou-se para onde estavam as ambulâncias e ordenou: — Andem! Vão!

Ainda tremendo, o padre Wycakik tentou acompanhar os enfermeiros, mas um dos guardas segurou-o pelo braço.

— Sou padre — disse ele. — Pode haver alguém precisando de... conforto espiritual. Eu preciso...

— Podia ser o papa em pessoa — retrucou o policial. — Ninguém pode se aproximar. Ainda não sabemos se Sharkle morreu.

— Estão todos mortos — Stefan murmurou, baixando a cabeça. — Todos: Sharkle, a irmã, o cunhado, os guardas do esquadrão especial... Quantos seriam? Talvez cinco, seis. Ou dez?!

* Andando sem rumo, acompanhando a multidão que se dispersava, ajeitando o cachecol, assustado e tonto, murmurando um “Padre Nosso”, Stefan avistou Roger Hasterwick, o *barman* desempregado, de pupilas dilatadas. Correu até ele, a garrou-o pelo braço e perguntou:

— O que foi que Sharkle disse hoje cedo?

— C-como? — gaguejou o rapaz.

— Antes de sair correndo, você disse que Calvin Sharkle abriu uma fresta na janela e gritou... que alguma coisa ia acontecer. O que ele disse? Quais foram suas palavras exatas?

— Ah, sim? — Hasterwick sorriu. — Sim, sim... Uma loucura... Não sei se me lembro... — E repetiu, palavra por palavra, o que Sharkle dissera.

Palavra por palavra, o padre Wyczik foi descobrindo que Sharkle não estava louco. Confuso, sim, aturdido e assustado... atormentado pelo terrível *stress* provocado pela derrocada do bloqueio cerebral, perdido... mas não louco. O rapaz e todos que o ouviram sabiam apenas que um homem berrava palavras sem sentido, dentro de uma casa transformada em fortaleza. Mas ele, Stefan, sabia dos acontecimentos de duas noites atrás, no Motel Tranqüilidade, dos saleiros voadores, das curas milagrosas de Emmy e Tolk. Podia haver alguma verdade nas palavras desatinadas de Sharkle... Mas... e se houvesse?! O velho pároco sentiu a pele arrepiar-se.

— Ei, o senhor não pode acreditar nessa loucura! — Roger exclamou. — O cara era maluco... Explodiu a própria casa!...

Sem responder, Stefan correu para seu carro. Já antes de chegar a Evanston para o último ato da tragédia de Sharkle, pressentira que precisaria voar para Nevada. Depois de falar com Tolk e ver o que estava acontecendo com Emmy, já não havia como esperar.

Agora que sabia o que Sharkle dissera, a necessidade de ir era ainda maior e mais urgente. Já não se tratava de curiosidade temperada de misticismo... Stefan tinha de ir para Elko para proteger o grupo dos amigos de Brendan. Depois de uma vida de lutas para salvar confrades em dificuldades, para não perder uma só de suas ovelhas, mesmo as mais humildes, era chegada a hora de cuidar não apenas das almas, mas também dos corpos pousados naquele motel. Calvin anunciava uma catástrofe que amdeaçava a todos, almas e cérebros!

O velho cura deu a partida e afastou-se de Evanston. Não tinha tempo de voltar à casa paroquial e fazer as malas. Precisava correr para o aeroporto, rezando para encontrar lugar no primeiro avião.

Meu Deus do céu, pensava. Que nova provação nos espera? O que nos enviastes, Senhor? Um presente... ou uma nova praga, maior que todas as pragas da Bíblia?

Pisou fundo no acelerador e disparou como... um morcego fugindo do inferno!

Ginger e Faye passaram boa parte da manhã com Elroy e Nancy Jamison, fazendo dezenas de perguntas, a pretexto de que a médica pudesse informar-se sobre as terras, porque tinha planos de mudar para lá, por motivos de saúde. Os Jamison conheciam muito bem a história da região e adoravam falar sobre o assunto, principalmente sobre a beleza do vale Lemoille.

As duas não conseguiram descobrir a menor falha de memória em seus anfitriões. Elroy e Nancy pareciam felizes, sem problemas psicológicos. Uma lavagem cerebral perfeita, tão perfeita quanto a de Faye, com lembranças falsas implantadas bem fundo em

seu inconsciente. Contar-lhes o que se passava no Motel Tranqüilidade seria inútil, além do agravante de colocá-los em risco de vida.

— São ótimas pessoas — Ginger comentou ao partirem, ainda acenando para Nancy Jamison. — Muito simpáticos.

— São excelentes amigos — disse Faye —, gente de confiança. Seria ótimo tê-los conosco. Por outro lado, é bom saber que estão livres desse pesadelo.

Calaram-se, mas as duas sabiam que tinham um único assunto na cabeça: os ocupantes do carro que ainda as esperavam na entrada, junto à cerca. Será que se limitariam a segui-las de volta para casa? Ernie e Dom saíram armados para fazer o reconhecimento do terreno do depósito. Mas, partindo para uma simples visita de cortesia, nenhuma das duas imaginara que teriam problemas. Ginger sabia atirar, porque conhecia os perigos de ser bonita e viver sozinha numa cidade grande. E Faye, boa mulher de marinheiro, era quase campeã de tiro. Fantásticas habilidades... para quem deixara os revólveres em casa!

De repente, Faye estacionou na mata de pinheiros.

— Talvez eu seja melodramática, e isso não nos ajude — disse, desabotoando o casaco —, se os desgraçados apontarem uma arma para nossas cabeças. — Fez uma careta e tirou duas facas de cozinha de dentro do casaco.

— Como conseguiu essas facas?! — Ginger arregalou os olhos.

— Lavando a louça do almoço de Nancy. Não podia pedir que Elroy me emprestasse um revólver. As facas são boas, afiadas, de ponta fina. Se formos presas, e eles nos enfiarem naquele carro, deixe sua faca escondida, até ter uma chance de metê-las nas costas de um deles. Eu cuido do outro.

— Perfeito. Espero que, algum dia, você conheça Rita Hannaby...

— A esposa do médico que ajudou você em Boston?

— Isso mesmo. Você e Rita são muito parecidas.

— Eu... e uma dama da alta sociedade de Boston?! — Faye sorriu. — Mas que idéia!... Não pode haver a mínima semelhança...

— São irmãs de alma. Ambas são seguras, serenas e jamais perdem a elegância, não importa a catástrofe que esteja acontecendo.

Faye escondeu as facas sob o banco antes de retrucar:

— Quando se é mulher de marinheiro, aprende-se a levar a vida com calma e jamais nadar contra a corrente. Caso contrário, acaba-se enlouquecendo.

— Você e Rita são bonitas e femininas, suaves e dependentes... do lado de fora. Mas por dentro, cada uma a seu modo, são duas leoas.

— E você? Uma gatinha por fora... uma tigresa por dentro!

Faye deu a partida e em segundos voltavam à estrada, sob o céu cinzento. A tempestade estava cada vez mais próxima.

O carro que as seguira continuava parado no acostamento; os dois homens que as vigiavam não moviam um músculo. Ginger acenou para eles, mas não obteve resposta.

O carro manobrou e continuou a segui-las.

Miles Bennell levantou-se da poltrona, com ar entediado, e respondeu às perguntas, a voz ora indiferente, ora divertida e irônica, porque era homem que jamais gritava nem se zangava, como os soldados que Falkirk conhecia bem.

Leland Falkirk odiava-o. Sentado junto a uma velha mesa, a um canto da sala, examinava as fichas de arquivo de cada um dos cientistas civis que trabalhavam na sala trancada do segundo pavimento. A sala do segredo. Uma das possibilidades de encontrar o traidor seria descobrir qual deles teria estado em Nova York na data em que as fotos foram enviadas a Dominick Corvaisis. A segurança de Thunder Hill trabalhara durante todo o domingo... e o relatório era desencorajador. Mas, enquanto o traidor não fosse preso, todos eram suspeitos, mesmo os agentes da segurança interna. Leland não podia mais confiar em ninguém. Nem em Bennell, nem nos outros cientistas que trabalhavam com ele. Precisava agir sozinho.

Os problemas acumulavam-se. E como não se acumulariam se, nos últimos meses, qualquer civil idiota era “autorizado” a entrar Thunder Hill?! Agora já eram trinta e sete! Trinta e sete cientistas das mais diversas especialidades, convocados por Bennell!

Trinta e oito, incluindo o próprio Bennell. Era um milagre que, até ali, o assunto ainda não houvesse chegado aos jornais... Um batalhão de imbecis! Indisciplinados, sem experiência militar... incapazes de guardar segredos...

Pior do que isso: apenas Bennell e mais sete cientistas permaneciam na base em tempo integral. Os outros trinta tinham família e trabalho em várias universidades do país e só vinham para Thunder Hill quando suas agendas permitiam, às vezes para ficar um ou dois dias, no máximo algumas semanas, nunca mais de um ou dois meses. Era praticamente impossível descobrir qual deles estivera em Nova York, sem uma longa e cansativa investigação.

Para complicar o problema, dos oito pesquisadores que viviam em Thunder Hill três foram a Nova York em dezembro, inclusive o próprio Bennell. Leland tinha, pelo menos, trinta e três suspeitos com que se preocupar.

Nem o pessoal militar encarregado da segurança do projeto inspirava-lhe confiança, embora o major Fugata e o tenente Helms, chefe e subchefe de segurança, estivessem oficialmente a par do que se passava nos laboratórios de Bennell. No domingo, depois de iniciar o interrogatório dos cientistas, Fugata aparecera com a notícia de que o detetor de mentiras estava quebrado e era perda de tempo trabalhar com os resultados obtidos até ali. Na véspera, depois que Leland requisitara outro detetor em Shenkfield e pusera-o em funcionamento, Fugata voltara com a mesma história: o aparelho quebrara durante o transporte. Dois detetores inutilizados em poucos dias!

Alguém descobrira que os bloqueios começavam a ceder e resolvera aproveitar a oportunidade, enviando a algumas testemunhas os bilhetes cifrados e as fotos roubadas do arquivo. O filho da puta conseguira o que queria, pelo menos até ali... e sentia-se ameaçado. Para se livrar, sabotara os dois detetores de mentiras.

Leland levantou a cabeça, deixou as fichas sobre a mesa e olhou para Bennell, que continuava impassível diante de uma das janelas.

— Quem sabe o senhor poderia me ajudar — disse.

— Se for possível, será um prazer. — O cientista voltou-se para ele.

— Seu pessoal conhece as mil e duzentas páginas do relatório da comissão interdisciplinar que trabalhou sobre as conseqüências de uma eventual crise planetária... Todos sabem o que pode acontecer se nosso segredo vazar. Haveria entre eles alguém tão irresponsável... a ponto de correr o risco de divulgar nosso segredo?

O dr. Bennell estremeceu, como se a simples menção daquela possibilidade fosse suficiente para causar-lhe calafrios. Leland, porém, percebeu a ironia oculta, quase invisível, sob toneladas de boas intenções aparentes.

— Como em todos os grupos, temos algumas ovelhas negras em nosso rebanho — explicou Bennell. — Muitos cientistas, em todo o mundo, discordam das conclusões daquele relatório. Para muitos, a divulgação pública de qualquer grande ameaça que pese sobre a espécie humana seria a única ma-

neira de enfrentá-la com eficácia. Dizem que o relatório é autoritário e elitista em suas conclusões.

— Quanto a mim, tenho certeza de que as conclusões são corretas. E você, Horner? — Leland virou-se para o tenente, sentado junto à porta.

— Concordo com o senhor, coronel. O público externo deve ser preparado aos poucos para receber uma notícia como... esse segredo. Um lento processo de educação que pode levar anos, talvez mais de dez. E mesmo assim...

Leland concordou com a cabeça e, outra vez, voltou-se para Bennell:

— Não espero grande coisa de nossa espécie, doutor. Uma opinião pessimista, talvez, mas bastante realista. A humanidade não está e talvez jamais esteja preparada para um fato como esse. Haveria o caos político e econômico, surgiriam levantes populares, a massa mais ignorante despertaria e talvez fosse difícil controlá-la. Exatamente como o relatório prevê.

— O senhor tem o direito de pensar o que quiser... — o cientista respondeu com um sorriso intencional, como se ele próprio

completasse o sentido das palavras: “Mesmo que sua opinião me pareça imbecil, pretensiosa e autoritária”.

— Mas o senhor concorda com as conclusões do relatório? — insistiu o coronel.

— Não se preocupe comigo. Não fui eu que mandei os bilhetes e as *fotos* que tanto o preocupam.

— Então espero que não crie problemas com meu pessoal. Como o senhor sabe, o pentotal sódico é mais eficiente que qualquer detetor de mentiras. O chamado “soro da verdade”.

— Não vou criar problemas — garantiu Bennell, levantando as sobrancelhas. — Mas há gente aqui, em minha equipe, que jamais se submeterá a um interrogatório desse tipo. São cientistas profissionais. Pessoas que são o que são e vivem como vivem, exclusivamente pelo que têm na cabeça. A vida intelectual é, para eles, mais importante que a vida material. Não acredito que um homem cujo QI seja duas vezes superior ao QI médio da população do país concorde em receber uma injeção de uma droga que poderá afetar-lhe o cérebro.

— O senhor sabe que o pentotal sódico não apresenta efeitos colaterais.

— Na maioria dos casos, talvez. De qualquer modo, alguns dos cientistas contratados para esse projeto não concordarão em ser submetidos a interrogatórios conduzidos com o uso de drogas... qualquer droga. Ainda que esteja em jogo a segurança nacional.

— Para seu governo, é bom saber que vou solicitar autorização especial para interrogar seu pessoal. Todos... os que sabem do segredo e os que não sabem. Vou usar o soro da verdade em todos, concordem ou não com a idéia. Pedirei ao general Alvarado autorização especial para iniciar os interrogatórios.

Alvarado era o comandante de Thunder Hill, um burocrata de carreira, um soldado que não gostava de combates. Leland desprezava-o, como desprezava os cientistas.

— Se o general concordar — continuou —, vou cair em cima de seus cientistas. Queiram ou não o soro. E isso inclui o senhor. Entendeu bem?

— Sim, claro. Entendi perfeitamente — disse Bennell, sem alterar a voz.

Leland esmurrou a mesa e empurrou para longe as fichas que examinara:

— Estamos andando muito devagar! Preciso encontrar o traidor com a máxima urgência. Não posso esperar um mês. Vamos tratar de consertar o maldito detetor e começar logo com os interrogatórios. — Levantou-se, andou até a porta, mas parou antes de sair, com uma pergunta atravessada na garganta. A mesma pergunta que o perseguia desde que recebera os últimos relatórios: — Doutor, o que pensa sobre o que está acontecendo com o padre e com Corvaisis? O padre realiza curas milagrosas, e o outro faz voar saleiros. Qual é sua opinião?

Pela primeira vez, a voz de Bennell soou alterada, tomada por uma emoção repentina e autêntica:

— Está com medo, coronel? — perguntou, apoiando os cotovelos sobre a mesa. — Acredito firmemente que existe uma explicação racional para o que está acontecendo aos dois. O senhor sempre reage com medo... enquanto eu, de minha parte, sinto-me como um dos raros eleitos chamados a

assistir ao maior momento da evolução de nossa espécie. De qualquer modo, seja qual for a explicação para o que está acontecendo, nossa única chance de descobrir é falar com eles. Chame Corvaisis e Cronin, conte-lhes a verdade e peça-lhes que nos ajudem a entender como receberam esses poderes extraordinários. Não podemos eliminá-los, pura e simplesmente, ou obrigá-los a novas sessões de lavagem cerebral... antes de obtermos as respostas do que precisamos.

— Se fizermos contato com as “testemunhas” e lhes contarmos o segredo... mas não conseguirmos fazê-los esquecer o que houve... não haverá como manter o sigilo. Todos saberão que mentimos.

— Talvez sim, talvez não — o cientista insistiu. — Mais dia menos dia, o público acabará descobrindo. Será que o senhor não entende que, no momento, não há nada, nesta base ou no planeta, mais importante do que o que está acontecendo a Dominick

Corvaisis e ao padre Brendan?! Nem a história que o senhor inventou... *Nada?! Precisamos deles, precisamos conhecer esse poder... Mais importante do que isso... precisamos dar aos dois uma chance de desenvolverem os poderes, para descobriremos até onde podem ir. E por falar nisso... quando é que o senhor vai trazê-los para cá?*

— Até o fim da tarde de hoje estarão aqui.

— Então, à noite já teremos falado com eles...

— Sim. — O coronel deu mais dois passos rumo à saída, onde o tenente Horner o esperava. Parou pela segunda vez: — Doutor... o senhor vai examiná-los... Será que terá condições de descobrir se sofreram algum tipo de... metamorfose? Se ainda são... humanos? E se já estiverem... possuídos... e resistirem ao detetor de mentiras e a nossas drogas, o que faremos?

— Ainda não sabemos — Miles Bennell levantou-se, meteu as mãos nos bolsos do avental de trabalho e caminhou um pouco pela sala. — Estamos trabalhando com todas as hipóteses, desde que recebemos os relatórios, no domingo. Ainda não sabemos que poderes são esses. As pesquisas sempre esbarram em mistérios... Mas temos razões para crer que não há perigo. Criamos testes médicos e psicológicos muito elaborados... e esperamos verificar, acima de qualquer dúvida, se eles... ainda são humanos! De início, é

verdade, todos nos preocupamos com a possibilidade de contágio e com a possibilidade de que eles, realmente, tenham sido possuídos. Mas já faz mais de um ano que abandonamos essa linha de pesquisa. Eu e minha equipe não temos dúvidas de que eles continuam a ser humanos... apesar dos poderes que estão desenvolvendo.

— Mas eu ainda não estou convencido. Corvaisis e Cronin são os primeiros a dar sinais estranhos... Depois, com certeza, aparecerão outros. Não se iluda... Eles são muito mais fortes que nós, e não terão dificuldade em enganar o senhor e seus cientistas, apesar de seus milhares de testes.

— O senhor não sabe que testes...

— E há mais um detalhe que o senhor talvez imagine que a segurança esqueceu de levar em consideração — declarou Leland,

sorrindo com o canto dos lábios. — Não, eu não me esqueço de nada. Não esqueço, por exemplo, que o senhor também pode estar... contaminado.

— Eu?!

— Por que não? O senhor está aqui, trabalhando no segredo. Passa os dias nesta sala, há mais de dezoito meses, com apenas três rápidos períodos de férias. Se Corvaisis e Cronin foram contaminados após algumas horas de contato, por que não o senhor, depois de todo esse tempo?

— Mas... — Bennell estava surpreso demais para encontrar as palavras certas — ... é muito diferente! Estou trabalhando *aposteriori*! O que quer que tenha acontecido com Corvaisis e o padre, aconteceu naquela noite. Sou quase um faxineiro... um sujeito que chega depois da festa e tem que se contentar com os restos... *A coisa*, seja o que for, aconteceu no começo, nas primeiras horas... não depois.

— E o que isso prova? Como posso ter certeza de que não houve contaminação... depois? — Leland continuava a fitá-lo de frente, os olhos frios como aço.

— Tomamos todas as precauções... trabalhamos em perfeitas condições de segurança...

— O que são “perfeitas condições de segurança” para trabalhar com o desconhecido? O desconhecido é exatamente isto... o que não se conhece e

não tem passado... nem se pode prever como evoluirá. E impossível tomar precauções com relação a algo que não se conhece.

— Mas... Não! Não pode ser...

— Uma vez contaminado, o senhor poderia contaminar a mim também.
— O coronel olhou em volta. — Talvez pense que exagero apenas para assustá-lo, não é? Pois não acha intrigante que o tenente Horner tenha ficado aí, durante todo o tempo de nossa conversa sem fazer nada, quando poderia estar trabalhando nos detetores? Ele, que é especialista em interrogatórios e equipamentos militares? Sabe por que ordenei ao tenente que não saísse da sala? Porque não acho seguro permanecer em ambiente fechado sozi-

nho com o senhor... Definitivamente, não é seguro.

— Está dizendo que... — Bennell arregalava os olhos, sem acreditar.

— O senhor entendeu perfeitamente o que estou dizendo. Estou dizendo que, na hipótese de ter sido contaminado, o senhor saberia também o que fazer para *me* contaminar... O desconhecido de que falávamos há pouco. E se usasse qualquer um desses poderes misteriosos para... entrar em meu cérebro, roubar meu espírito humano e me transformar em outra... *coisa*} \ Posso não saber usar o vocabulário científico mais rigoroso, mas o senhor entende perfeitamente o que quero dizer.

*— Chegamos a discutir se seria seguro permanecermos aqui apenas nós dois — declarou Horner, aproximando-se. — Não tirei os olhos do senhor, doutor, e não sei se percebeu que também não tirei a mão do coldre.

Bennell olhava de um para o outro, aturdido.

— Talvez pense que sou um soldado rápido no gatilho — Leland continuou —, um fascista xenófobo e teimoso. Mas fui encarregado da segurança desse projeto, o que inclui manter o segredo sobre o que se passa no depósito e assegurar a tranquilidade da população civil. Parte de minha missão consiste em imaginar o pior e agir como se o pior fosse inevitável.

— Deus do céu... — murmurou o cientista, arregalando ainda mais os olhos. — Vocês são doidos... Estão completamente loucos! Os dois!

— Reação previsível — retrucou Leland — para um homem que, com muita probabilidade, já não é plenamente humano. Venha, Horner, não temos mais nada a fazer aqui.

Bennell seguiu-o, rápido:

— Espere! Por favor!

Leland voltou-se.

— Tudo bem, coronel. — O cientista respirou fundo. — Entendo que seu trabalho exige considerar toda possibilidade, mesmo que pareça absurda. De qualquer modo, sua idéia é... loucura. Não há o mínimo risco de que eu, ou qualquer membro de mi-

nha equipe, tenha sido... *tomado* por alguma bactéria ou entidade estranha. Não é possível! Mas há uma coisa que preciso saber... E se fosse verdade? Se eu, ou algum dos homens que trabalham comigo tivesse sido contaminado, o senhor nos mataria?

— Sem hesitar — Leland respondeu.

— E se... todos os oficiais que trabalham no depósito, mesmo os que não sabem o que fazemos aqui, também estivessem contaminados? Todos, inclusive o general Alvarado...?

— Já pensei nisso.

— O que faria? Mataria a todos? Do soldado raso ao general?

— Sim.

— Jesus!

— E se, por acaso, está pensando em dar o fora, esqueça — continuou o coronel, impassível. — Há dezoito meses, prevendo que essa idéia poderia lhe ocorrer, introduzi um novo programa no computador que controla a entrada e a saída. A menos que digite outro código, que, evidentemente, só eu conheço, todas as saídas estarão bloqueadas em frações de segundo...

— Estamos presos! — Bennell empalideceu ainda mais, a pele amarelada brilhando em contraste com a barba escura. — Não falaria desse código se já não o houvesse ativado...

— Acertou em cheio! Ao entrar, expus as impressões digitais de minha mão esquerda... e não as da direita, como sempre fiz. Bastou isso para trancar as saídas e entradas. Só o tenente Horner e eu estamos autorizados a transitar livremente para dentro e para fora do depósito. Até que *eu* entenda que o perigo passou.

Leland Falkirk girou sobre os calcanhares e saiu da sala, quase plenamente feliz. Pela primeira vez, em dezoito meses, conseguira fazer com que Miles Bennell perdesse a calma.

Se pudesse, adoraria contar-lhe seu plano, pelo simples prazer de ver o orgulhoso cientista rastejar de medo e implorar piedade. Mas ainda era cedo. O plano estava pronto e era perfeito, desde que acionado no momento correto. Quando chegasse a hora, saberia o que fazer para matar todos os residentes de Thunder Hill... na hipótese de se confirmar que estavam contaminados. Não so-

braria pedra sobre pedra. O depósito ficaria reduzido a um monte de escombros fumegantes... e o segredo permaneceria enterrado para sempre, até a consumação dos tempos. Um plano simples, que exigia um único sacrifício: ele próprio teria que ficar enterrado ali, com os restos da maldita praga. Leland não tremeria... quando chegasse o momento.

Tendo dormido apenas cinco horas e meia, Jorja levantou-se, tomou um banho, vestiu-se e correu ao encontro de Mareie. A menina e Jack Twist esperavam-na, sentados à mesa do café. Jorja parou no living, a alguns passos da cozinha, e observou-os de longe, sqm que os dois dessem por sua presença.

Quando voltaram de Elko, às quatro e quarenta da manhã, decidiram que Jack dormiria na sala, para que Mareie não ficasse sozinha de manhã, quando Faye e Ernie saíssem. Jorja insistira em levar a filha para o quarto, mas Jack jurara que tomaria conta da menina até ela acordar.

— A garota está dormindo com os Block. Se a tirarmos da cama agora — dissera —, ela vai acordar e passar a noite em claro. Ninguém aqui está em condições de desperdiçar um momento de sono, porque amanhã precisamos estar em forma.

— Mas ela dormiu muito cedo — Jorja argumentara. — Vai acordar cedo e acabará acordando você também..

— Não faz mal. Estou acostumado a dormir pouco. Você, sim, precisa de uma boa noite de sono.

— Você é... um amigo e tanto... — Jorja sorria. E depois, séria, acrescentara: — Talvez você seja o melhor amigo que já tive.

— Ah... sou um santo!

Jorja descobrira que Jack era um grande sujeito enquanto rodavam por Elko. Ele era esperto, atento, gentil, e o melhor ouvinte que já encontrara. A uma e meia da madrugada, Brendan, cansado, encolhera-se no banco traseiro do jipe, para dormir. Jorja, que desde muito tempo queria ficar a sós com Jack, dera graças a Deus ao ver o padre ressonar baixinho. Agora sim, Jack Twist era todo seu. Sem Brendan, sentira-se à vontade para relaxar e entregar-se ao fascínio que Jack exercia sobre ela. Contara-lhe mais sobre sua

vida do que jamais havia contado a ninguém, desde o dia em que sua única e melhor amiga mudara-se da vizinhança, vinte anos antes. Em quase sete anos de casamento, nunca se abrira com Alan tão sinceramente como conversara com Jack Twist, um homem que mal conhecia.

Ali, parada junto à porta da cozinha, vendo-o falar com Mareie, descobria nele ainda outras qualidades. Era dos poucos e raros homens capazes de falar tranqüilamente com uma criança, sem ser condescendente, sem parecer idiota, sem dar sinais de impaciência. Jack ria com Mareie, interrogava-a sobre suas músicas preferidas, seus pratos favoritos, seus desenhos animados prediletos, ajudava-a a pintar as luvas vermelhas. Mareie parecia ainda mais alheia que na véspera, como se, aos poucos, mergulhasse num transe cada vez mais profundo. Não respondia às perguntas e mantinha os olhos fixos em suas luvas. Ainda assim, ele continuava a falar calmo e normal. Jorja lembrou-se do que lhe contara sobre a esposa: sim... passara oito anos ao lado de Jenny, sem jamais receber resposta, sem perceber um sinal qualquer de que ela o ouvisse. Tão cedo, com certeza, Mareie não o faria perder a paciência.

Jorja continuou parada junto à porta, dividida entre o prazer de ver Jack à vontade, tranqüilo e descontraído, e a agonia de notar que Mareie distanciava-se cada vez mais, mergulhando aos poucos num mundo só seu, como as crianças autistas dos livros que havia lido.

— Bom-dia! — exclamou ele, erguendo o olhar. — Dormiu bem? Faz muito tempo que está aí?

— Cheguei agora. — Jorja aproximou-se.

— Vamos... — Jack virou-se para a menina. — Diga bom-dia para sua mãe.

Mareie não moveu um músculo e continuou fitando as luas em seu álbum. Jack sorria.

— Afinal... já é quase hora de boa-tarde...

Tentando sorrir também, Jorja aproximou-se de Mareie, acariciou-lhe os cabelos e tocou-lhe o queixo para fazê-la virar-se.

A menina olhou para o rosto da mãe, apenas por um momento, como se não a visse e, baixando os olhos para o álbum, voltou às profundezas de um mundo que só ela conhecia. Olhos sem brilho, vazios. Jorja suspirou, e Mareie concentrou-se na Lua que pintava pela centésima vez, com o último toco de lápis vermelho.

Jack levantou-se e andou até o refrigerador.

— Está com fome? — perguntou. — Pois eu estou. Mareie já tomou seu leite, mas eu quis esperá-la para tomarmos café juntos. — Examinou o que havia para comer. — Que tal ovos com bacon e torradas? Ou uma omelete de queijo com cebola e pimentão verde...

— Então, além do mais, você sabe cozinhar!

— Não sou nenhum mestre-cuca, mas sempre se pode engolir o que cozinhou e geralmente é possível identificar o que se vai comer, antes de provar. Espere só para ver. — Abriu a porta do *free-zer*. — Temos *wa files* congelados. Se quiser, aqueço alguns para acompanhar a omelete.

— Eu como o que você comer — disse Jorja, sem despregar os olhos do rostinho de Mareie. Cada vez que olhava a filha, sentia o estômago contrair-se.

Jack foi até a cozinha carregando uma caixinha de leite, alguns ovos, um pacote de queijo, pimentões, uma pequena cebola, e deixou tudo ao lado da pia. Jorja aproximou-se, olhando por sobre seu ombro na direção de Mareie e falando em voz baixa:

— É verdade que ela tomou leite?

— Leite, flocos, uma torrada com geléia e outra com creme de amendoim. Claro que eu precisei ajudar, mas ela está alimentada.

Jorja fechou os olhos, lutando para não pensar no que Dom lhe contara sobre a morte de Zebediah Lomack e no suicídio de Alan. Se os dois, homens adultos, não encontraram forças para vencer a obsessão doentia com a Lua, surgida a partir do que viram na noite de 6 de julho do ano retrasado... o que ocorreria com Mareie, uma menina?! Se acabaram morrendo, o que aconteceria a sua filha?!

— Não, não... — Jack virou-se para ela e abraçou-a. — Não chore.

Mareie vai ficar boa. Eu garanto. Hoje cedo, todos acordaram tranqüilos e ninguém teve pesadelos; Dom não andou pela casa, Er-nie quase não sentiu medo do escuro... Sabe por quê? Porque o fato de estarmos juntos, aliados, como uma verdadeira família, aliviou as tensões. Os bloqueios começam a ceder... Sim, sim... E claro que Mareie parece ainda mais alheia... porém isso não significa que esteja pior. Fique tranqüila... Mareie vai ficar boa. Eu sei.

Jorja não esperava o abraço, mas agradeceu a Deus! Deixou-se abraçar, e, para surpresa sua, sentiu-se renascer entre os braços fortes de Jack. Eram quase da mesma altura; por um instante, porém, abraçada a ele, Jorja sentiu-se pequena e frágil, guardada e protegida como algo muito precioso. Lembrou-se do que pensara durante a viagem até Elko: ninguém nasce para ser só, para lutar sozinho; a essência da espécie é a necessidade de dar e receber afeto. Ali, naquele momento, aproximavam-se duas forças complementares: ela, que tanto precisava ser confortada, e Jack, que tanto queria encontrar alguém a quem confortar. Da união dos dois brotava a coragem de que ambos precisavam para continuar a luta.

— Omelete de queijo, com pouca cebola e pedacinhos de pimentão verde — Jack murmurou-lhe ao ouvido, sentindo que ela se recompunha — ... Isso é tudo de que precisamos, por ora. Você não acha?

— Maravilha das maravilhas.

— Minhas omeletes têm um segredo. Sempre uso pedacinhos de casca de ovo no tempero.

— Mas é esse o segredo mesmo! Os melhores restaurantes do mundo preparam omeletes com pedacinhos de casca, para melhorar a textura.

— E mesmo? E bolinhos de bacalhau com pedacinhos de espinha?

- O que diz de *stroganoff* com lasquinhas de osso?
- E *mousse* de chocolate com palitos?
- E pregos na torta de maçã?
- E uma solteirona em cada forma de bolo?
- Detesto bolos.
- Eu também. — Jack riu. — Chega?
- Chega. Vou derreter o queijo.

Na mesa, Mareie coloria luas e mais luas. E a cada uma reiniciava o canto monótono, monocórdico, repetindo sempre a mesma palavra.

Em Monterey, Califórnia, Parker Faine escapava por pouco da rede de uma gigantesca aranha de cerca. Deu-se por muito feliz, quando viu que ainda estava vivo, livre dos terríveis tentáculos do monstro. Uma autêntica aranha de cerca: uma mulher chamada Essie Craw, vizinha dos Scalcoe. As aranhas de cerca constroem na grama ninhos tubulares, subterrâneos, quase invisíveis, camuflados por uma pequena tampa cuidadosamente tramada com os longos fios de baba que produzem. Quando algum inseto descuidado tropeça na armadilha, cai no buraco do ninho e acaba tragado pela besta peluda que o espera lá embaixo.

O ninho tubular de Essie Craw era uma linda casa em estilo espanhol, muito mais bonita e bem integrada ao cenário que a mansão colonial dos Scalcoe, com sacadas de ferro fundido e flores coloridas brotando de vasos de argila. Bastou olhar a casa para Faine adivinhar que estava à porta de gente interessante, bonita e, com um pouco de sorte, também inteligente. Mas, quando Essie Craw apareceu, ele logo viu que se enganara. Quando a aranha de cerca descobriu que ele queria saber da vida dos Scalcoe, praticamente o arrastou para dentro, fazendo cair a tampinha do ninho tubular a suas costas. Porque gente que quer saber da vida alheia deve estar disposta a falar da vida alheia... e Essie Craw era viciada em mexericos.

A julgar pela cara, contudo, Essie não era aranha, mas pássaro. Não um urubu magro, de pescoço pelado... antes, uma gaivota gorda e bem cevada, que olhava as pessoas de lado com olhinhos redondos e arregalados.

Depois de conduzi-lo até a sala, ofereceu-lhe café. Parker agradeceu. Ela insistiu. Ele disse que não queria dar trabalho. Ela trouxe o café e ainda

foi buscar um prato de bolinhos amanteigados, muito

animada e falante. Parker descobriu que passava dias esperando que alguém caísse em sua teia.

Essie desapontou-se quando ele lhe disse que não sabia coisa alguma sobre os Scalcoe e, portanto, não tinha novidades para contar. Mas como não era nem mesmo amigo da família, ofereceu-se para ouvir o que ela quisesse dizer, fossem mentiras, calúnias e comentários moralistas. E não precisou perguntar muito para descobrir o que queria saber.

Donna Scalcoe, esposa de Gerald, era — nas palavras de Essie — um poço de fingimento: loira oxigenada, sorridente demais para ser honesta e falsa como uma cobra. Tão magra que talvez fosse alcoólatra... ou anoréxica. Gerald era seu segundo marido; embora já estivessem casados por dezotitos anos, Essie acreditava que a união não seria duradoura. Em sua versão, o comportamento das duas filhas do casal, gêmeas de dezesseis anos, era tão desregrado, licencioso e pecaminoso que bandos de rapazes rondavam a mansão, como cães à procura de cadelas no cio.

Gerald Scalcoe era proprietário de três prósperas lojas de anti-güidades em Carmel, mas Essie não sabia explicar como as lojas davam tanto lucro, sendo ele um beberrão libertino e ignorante, sem o menor tino comercial.

Parker mal roçou os lábios pela xícara de café e não tocou nos bolinhos. Essie Crow era tão venenosa que ultrapassava os limites da simples maledicência e raiava a desumanidade, o que o fazia sentir-se muito mal sob seu teto, com vontade de levantar-se, sair e esquecer os Scalcoe para sempre.

De qualquer modo, conseguiu algumas informações importantes. Os Scalcoe haviam partido de repente, sem maiores explicações, e viajaram para Napa e Sonoma, na região dos vinhos. Estavam tão ansiosos pelo descanso que se esqueceram de deixar endereço. Nem os sócios de Gerald sabiam onde encontrá-lo, o que levava Essie a supor que os sócios eram ladrões e que Gerald queria livrar-se dos negócios.

— Ele me telefonou no domingo; disse que iam viajar e voltariam no dia vinte — Essie contou. — Pediu-me para dar uma olhada na casa. É muito desagradável ter vizinhos que nos impõem tarefas desse tipo... como se eu não tivesse mais nada a fazer senão cuidar da casa dos outros.

— Chegou a falar pessoalmente com algum deles?
— Não... Acho que estavam com muita pressa de viajar.
— Você os viu partir?
— Não... E bem que tentei. Devem ter saído quando eu estava ocupada.

— As gêmeas viajaram com eles? Não estão na escola?
— Estão... mas é uma dessas escolas modernas. Modernas demais para meu gosto, aliás as professoras dizem que viajar é tão importante quanto assistir às aulas. Já ouviu estupidez maior?

— E Gerald Scalcoe... quando falou com você ao telefone... parecia estranho?

— Estranho? Não. Parecia nervoso... como sempre. Devia estar bêbado. Falava aos trancos, enrolava a língua... Claro! Talvez Donna o tenha levado para interná-lo numa clínica de desintoxicação! Deve ser isso.

Era demais. Parker levantou-se para sair, e Essie plantou-se diante da porta, falando sem parar. Se não havia gostado do café... talvez chá? Ou *croissant* de nozes? A vontade férrea e o desejo in-quebrantável que fizeram de Parker Faine um dos grandes pintores contemporâneos foram mais fortes, e ele conseguiu escapar, primeiro até a varanda e logo, correndo, até a calçada. Essie seguiu-o até o carro verde-vômito, que, consideradas as circunstâncias, parecia lindo como uma limusine, porque permitia-lhe fugir da rede visguenta daquela mulher. Pisando no acelerador, Parker escapou como Coleridge, o grande poeta inglês:

“Como o homem que, numa estrada deserta, foge com medo e horror e, tendo uma vez espiado para trás, volta a cabeça e segue em frente.

Porque sabe que um demônio o persegue, de perto, correndo pela estrada.”

Dirigiu a esmo pela cidade, por mais de uma hora, reunindo coragem para fazer o que sabia ser necessário. Por fim, voltou à casa dos Scalcoe, estacionou junto à alameda, aproximou-se da porta e tocou a campainha sem parar, durante três minutos. Se houvesse alguém em casa, ainda que não estivesse disposto a receber visitas, acabaria atendendo à por-

ta, para se livrar do tormento da sirene soprando nos ouvidos. Mas ninguém apareceu.

Parker andou pela varanda e espiou pelas janelas da frente, como se fosse um conhecido da família, embora, na verdade, tomasse cuidado para que Essie Craw não o visse. Na mansão, as cortinas estavam corridas e não se via sinal de vida. Parker desceu pelos fundos da varanda e contornou a casa, mergulhando nas áreas de sombra. Experimentou o trinco de algumas janelas — todas bem fechadas. Nos fundos havia canteiros de flores, um grande pátio de lajotas, um bar e alguns caros móveis de jardim. Parker aproximou-se da porta da cozinha, encostou o ombro no vidro e quebrou-o; então, meteu a mão pelo buraco, abriu o trinco, afastou as cortinas e entrou. Parou, atento. Nada. A casa continuava mergulhada em silêncio. A cozinha ligava-se à copa iluminada pela claridade que vinha do pátio. Parker passou pela lareira e pela mesa de bilhar e parou, petrificado, ao ver o alarme na parede. Conhecia o aparelho desde os tempos em que construía a casa de Laguna Beach e fora obrigado a informar-se sobre equipamentos de segurança. Fez menção de girar sobre os calcanhares e fugir, quando se lembrou da pequena lâmpada vermelha que deveria ficar acesa se o aparelho estivesse ligado. A lâmpada estava apagada: não havia o que temer. Os Scalcoe esqueceram-se de ligar o alarme quando saíram de férias.

A copa era agradável, bem equipada e moderna. Parker atravessou-a e chegou à sala de jantar, que estava às escuras. Depois de avaliar os riscos, decidiu acender as luzes para continuar suas investigações de espião amador. Parou outra vez, no living, à procura de sinais de vida. Nada. O silêncio o envolvia, profundo e pesado como silêncio de cemitério.

Quando Brendan Cronin chegou à cozinha dos Block, depois de acordar tarde e tomar um longo banho de chuveiro, encon-

trou Mareie ocupada em colorir luas e murmurando indiferente a tudo e a todos. Chegou a pensar em usar seus poderes para tentar ajudá-la, mas logo afastou a idéia. Enquanto não tivesse certeza de controlar o que fazia com as mãos, seria muito arriscado tentar outra cura.

Jack e Jorja acabavam de comer a omelete com torradas e receberam-no com carinho. Jorja ofereceu-se para preparar-lhe um prato, mas Brendan

agradeceu: queria apenas café, forte e quente.

Viu as quatro pistolas sobre a mesa, ao lado de Jack. Duas pertenciam a Ernie. As outras, o próprio Jack trouxera de Nova York. Ninguém mencionava as armas, pois sabiam que o inimigo estava à escuta e não era conveniente revelar o arsenal de que dispunham. Mas as armas deixavam Brendan nervoso. Ele pressentia que seriam usadas, várias vezes, ainda antes do fim daquele dia.

Já não era o homem otimista da chegada, talvez porque, pela primeira vez em semanas, naquela noite não sonhara. Dormira sem sonhar... o que apenas o frustrava. Ao contrário dos outros, noite após noite tinha sonhos deslumbrantes que o enchiam de esperanças. Sem sonhos, as noites pareciam vazias... e isso o deixava tenso e preocupado.

— Acho que vai nevar — comentou sentando-se para tomar o café.

— E sem demora — Jack concordou.

O céu parecia de pedra, duro e cinzento como granito.

Revezando-se com o primeiro grupo, Ned e Sandy Sarver foram para Elko, na véspera, encontrar Jack, Jorja e Brendan. Das quatro da manhã às sete e meia, andaram pela cidade cumprindo seu turno e quando voltaram ao motel todos já haviam saído para as tarefas da manhã. As oito horas tomaram um rápido desje-jum e foram dormir, preparando-se para a longa noite que os esperava.

Ned acordou pouco depois das duas da tarde, mas não se levantou. Deixou-se ficar na cama, no quarto em penumbra, vendo Sandy dormir. Amava-a mais que nunca, com um amor forte e profundo, que fluía como rio caudaloso, levando-os para uma vida melhor, além das dores e das preocupações do mundo.

Ned daria qualquer coisa para saber falar com a mesma habilidade com que consertava objetos quebrados. As vezes, ocorria-lhe a idéia de que nunca dissera a Sandy o quanto a amava. Cada vez que tentava, acabava enrolando-se nas frases, longas demais, complicadas demais, cheias de imagens pesadas e idiotas. Nascera mesmo para consertar o que se quebrava, asas, pessoas... Mas de bom grado trocaria tal habilidade pelo dom da palavra, pela frase perfeita, que expressasse os sentimentos mais profundos.

• Olhando para a mulher, percebeu que ela também estava desperta.

— Já acordou? — perguntou.

Sandy sorriu e entreabriu os olhos.

— Fiquei com medo de você. Estava me olhando como se quisesse me comer viva...

— Você está uma delícia para ser comida viva. Lá isso é verdade...

Ela afastou as cobertas e, nua, abriu os braços para o marido.

Os dois mergulharam então no ritmo conhecido do amor, em que se tornaram mestres depois do desabrochar de Sandy.

Mais tarde, quando descansavam lado a lado na cama, de mãos dadas, ela sorriu para Ned e declarou:

— Acho que sou a mulher mais feliz do mundo. Você me fez feliz assim que o vi, no Arizona, há tanto tempo. Desde que começou a cuidar de mim, que me levou para seu ninho, você sempre me fez feliz. Sinto-me tão feliz, agora, que, se Deus me fulminasse com um raio, neste exato instante, eu não teria do que reclamar.

— Não fale assim — pediu Ned. Ergueu-se sobre um cotovelo, virou-se para ela e olhou-a de frente. — Não quero que fale assim. Não é bom... Pode dar azar. Estamos metidos numa enrascada dos diabos... e é bem possível que um de nós morra. E melhor não desafiar o destino. Não quero que fale em morrer.

— Você nunca foi supersticioso...

— Eu sei, mas agora é diferente. Não quero que você diga que está tão feliz que poderia morrer sem reclamar. Ouviu bem? Não quero nem que *pense* nisso.

Abraçou-a, puxando-a para cima de seu corpo, e estreitou-a com força, até sentir o coração da mulher bater de encontro ao seu. De repente, já não ouviam as pancadas dos dois corações pulsando ao mesmo ritmo, mas de um único, imenso, cheio de amor.

Na casa dos Scalcoe, em Monterey, Parker continuava a procurar respostas para as perguntas de Dom. Em primeiro lugar, era preciso achar alguma prova de que a família estava mesmo em Napa e Sonoma: um catálogo de hotel, um número de telefone para onde ligar e perguntar se haviam chegado

em segurança. Ou algum indício de que costumavam viajar para a região dos vinhos... uma agenda de telefones, por exemplo. Ou, se fosse impossível provar que simplesmente saíram de férias, algum sinal de que foram tirados de casa à força: manchas de sangue, mobília revirada, roupas atiradas pelo chão.

Dom pedira-lhe apenas que fosse a Monterey e entrasse em contato com a família; ficaria boquiaberto se soubesse que ele arrombara uma porta e, naquele momento, empenhava-se em plena e criminosa invasão de domicílio. Mas Parker Faine não era homem de fazer as coisas pela metade, e deliciava-se com a aventura, apesar do coração que batia acelerado e da garganta seca.

Depois do living, vinha a biblioteca e, pouco adiante, uma sala de música, com piano, estantes de partituras, cadeiras, dois estojos de clarinetas e uma barra para exercícios de balé. As gêmeas “devassas”, com certeza, eram adeptas da música e da dança clássica.

Não havia mais o que procurar na parte social da casa, e Parker, devagar, dirigiu-se para os quartos. A luz do piso inferior subia pelos degraus carpetados, fazia brilhar o corrimão de carvalho polido e chegava até o hall do andar superior. Depois, escuridão. Ele parou no hall, as mãos úmidas de suor. Nada. Silêncio. Difícil entender porque pressentia que havia mais alguém em

casa. Talvez fosse instinto. Talvez devesse concentrar-se e ouvir o que lhe diziam seus sentidos mais primitivos. Mas... se houvesse realmente alguém escondido ali, esperando para atacá-lo, por que o deixaria subir? Por que não o atacara no living, por exemplo, ou na cozinha?

Continuou pelo corredor, até que ouviu alguma coisa. Um zumbido, uma combinação estranha de *bip e blip*, um som que vinha dos dois quartos no fim do hall. Primeiro, Parker pensou que fosse o alarme contra ladrões. Mas de que serviria um alarme que mal se podia ouvir? O ruído era contínuo, ritmado: *bip-blip...*

Estendeu a mão para o interruptor, acendeu a luz e esperou. O ruído continuava, vagamente conhecido, porém impossível de identificar.

A velha curiosidade, já crônica, e sempre sujeita a crises agudas, empurrou-o para a frente. Sem ela Parker não teria conseguido ganhar a vida como artista. Curiosidade é a alma da criatividade. Assim, curioso como uma criança, seguiu adiante, acompanhando o *bip-blip*. Ao fim do corredor, já ouvia dois ruídos diferentes, cada um com seu ritmo próprio e ambos vindo de um dos quartos escuros, cuja porta estava entreaberta.

Parker respirou fundo, empurrou a porta e entrou no quarto. Não via nada, e ninguém o atacou. O ruído continuava, plenamente audível, muito próximo. Então, ele percebeu, na escuridão completa, uma luzinha verde, muito fraca, definindo-se à medida que seus olhos se habituavam à escuridão. Acendeu a luz e... viu as gêmeas.

Foi a primeira imagem que se formou em suas retinas. Pareciam mortas, deitadas uma ao lado da outra numa cama de casal, o lençol puxado até o pescoço, os olhos abertos. Parker percebeu que o *bip-blip* vinha dos aparelhos de eletroencefalograma e eletrocardiograma, cujos fios ligavam-se à cabeça das meninas. Viu as agulhas espetadas em seus braços. E entendeu que elas não estavam mortas, mas drogadas, em pleno processo de lavagem cerebral. Aquele talvez fosse um quarto de hóspedes, elegante e im-

peçoal. As gêmeas foram colocadas ali, na cama grande, porque o arranjo tornava mais simples o trabalho médico.

Mas onde estariam... *elas*? Onde estariam os seqüestradores, os torturadores, os carrascos? Confiariam em seus métodos a ponto de deixar a família fechada em casa sem guardas e sem assistência?

Parker aproximou-se da cama e passou a mão diante dos olhos de uma das gêmeas. Ela nem piscou. Tinha fones nos ouvidos, e, ao lado de sua cabeça, uma fita rodava devagar num gravador. Faine debruçou-se e aproximou o ouvido do fone. Uma voz de mulher falava suave, manso: “Na segunda-feira dormi até tarde. O hotel é ótimo para dormir até tarde porque é silencioso, as arrumadeiras entram e saem sem fazer barulho. E como um clube de campo. Nem parece hotel, daqueles que as arrumadeiras batem portas desde a madrugada. A região dos vinhos é incrível... Eu adoraria viver lá! Quando acordamos, Chrissie e eu fomos dar um passeio pelo campo, para conhecer algum *gatinho*... mas não encontramos ninguém”.

Um som hipnótico, que o assustou.

Com certeza os bloqueios de memória dos Scalcoe começavam a ceder. Alguém da família, talvez todos, lembrava-se do que vira no Motel Tranqüilidade, em julho do ano retrasado. Tornou-se necessário induzi-los a esquecer tudo outra vez. Para cobrir o período de tempo da segunda lavagem cerebral, estavam recebendo outro conjunto de lembranças falsas, a história que a voz de robô repetia, sem parar, nos fones de ouvido.

Dom falara sobre o assunto pelo telefone, no sábado e no domingo à noite, mas Parker ainda não sentira de perto o horror e a monstruosidade da conspiração em que se envolvia. A horrível voz do gravador revelou-lhe a verdade.

Rodeou a cama e aproximou-se da outra garota, imóvel, às vezes com os olhos parados, às vezes piscando muito, como em convulsão. Pensou em remover as agulhas, desligar os aparelhos e carregar as meninas para fora. Não. Era melhor achar um telefone e chamar a polícia para cuidar delas.

Não saberia dizer por quanto tempo era observado, mas, de repente, sensação fulminante como um raio, percebeu que não estava sozinho com as gêmeas. Saltou para a porta antes de pensar, mas não conseguiu fugir. À saída, esperavam-no dois homens de calça escura, camisa branca com mangas arregaçadas até o cotovelo e gravata frouxa no colarinho duro. Um terceiro, de óculos, terno e gravata no lugar, aguardava no hall.

Agentes federais. Quem mais seria idiota o bastante para estar na Califórnia, fechado em casa, de terno e gravata, matando duas meninas de dezesseis anos?

— Mas... que diabos está fazendo aqui?! — perguntou um deles.

Parker não perdeu tempo em explicar que era pintor, ou em tentar esmurrá-los como “mocinho” de cinema, ou em exigir que respeitassem seus direitos de ir e vir garantidos a todo cidadão cumpridor da lei. Ficou de bico fechado e correu para a janela de vidro, oculta atrás das cortinas. Só teve tempo de pensar que a janela não era muito resistente, que o vidro quebraria sob seu peso, que as cortinas e a jaqueta de inverno o protegeriam dos cacos e que ele tinha chances de chegar lá embaixo antes que os federais percebes-

sem. Se as cortinas fossem maiores que a janela, ou se não houvesse janela atrás delas, estaria perdido.

Sem pestanejar correu para o cortinado como uma locomotiva sem freio. Ouviu os vidros quebrarem-se, sentiu o impacto das venezianas de madeira e de repente percebeu que conseguira escapar. Estava na varanda, à luz da manhã. Dali para o chão, era um pulo. E ele saltou por sobre a balaustrada, pedindo a Deus que o livrasse da sorte inglória de enganchar-se numa árvore e ser capado por algum galho seco. Não foi. Caiu ao chão inteiro; arranhado, assustado, mas inteiro.

Disparou a correr. Viu folhas voando sobre a cabeça, viu uma lasca de árvore arrancada, a centímetros de seu ombro, e deu-se conta de que atiravam nele. Então não parou de correr. *Via* os tiros, mas não ouvia os estampidos. Armas com silenciador. Continuou correndo, chegou até a cerca nos limites do gramado, caiu numa touceira de azáleas, levantou-se, seguiu adiante, saltou outra cerca e não parou mais.

Os homens tinham mesmo que tentar matá-lo, para evitar que ele abrisse a boca. Naquele momento, com certeza, estavam removendo as meninas... ou matando-as.

E se achasse um telefone, chamasse a polícia? O que aconteceria? De que lado ficaria a polícia, se os assassinos fossem agentes federais? Em quem acreditariam? Num grande pintor fantasiado de artista excêntrico, de cabelo comprido e barba por fazer, ou nos homens do FBI com seus ternos e gravatas e armas com silenciador, posando de salvadores da humanidade?... defendendo os cidadãos honestos de assaltos de gente como Parker Faine?

Continuou correndo. Deixou para trás o calhambeque, escorregou por um gramado, equilibrou-se no topo estreito de um muro de pedra, andou no meio dos pinheiros, atravessou o quintal de uma casa e saiu por outro, na rua de trás. Obrigou-se a andar por rüas onde havia gente, porque não queria chamar a atenção.

Sabia perfeitamente o que tinha a fazer, agora que começava a descobrir a extensão do calvário de Dom. Claro que o amigo estava metido numa conspiração de proporções gigantescas, claro que sabia que corria perigo... mas uma coisa é saber com a cabeça, e outra, bem diferente, é saber com as tri-

pas. Tinha de ir para Elko. Dom era seu melhor amigo e precisava de ajuda. O que mais poderia fazer num momento como aquele? Ajudá-lo, só isso...

Claro que podia fingir para si mesmo que nada acontecera. Podia voltar para casa, tranqüilamente, e continuar a pintar... Se fizesse isso, porém, jamais voltaria a beber com a consciência tranqüila, nem seria capaz de gostar de si próprio. Tragédias intoleráveis para um beberrão egocêntrico, apaixonado pelo próprio perfil...

Devia ir até o aeroporto de Monterey e tomar um avião para San Francisco. De lá, daria um jeito de chegar a Nevada. Os federais não pensariam em fechar o aeroporto, porque não sabiam que ele era um forasteiro. A chave do carro tinha uma etiqueta da locadora do aeroporto, mas estava bem guardada no fundo do bolso da jaqueta. Em uma hora ou duas, evidentemente, acaba-

riam descobrindo que o carro fora alugado no aeroporto... e talvez descobrissem quem era ele. Mas até lá Parker já estaria voando para San Francisco.

Continuou andando. Numa rua tranqüila, já distante da casa dos Scalcoe, encontrou um rapaz, de dezenove ou vinte anos, escovando caprichadamente as bandas brancas de um velho automóvel da década de 50, restaurado e recém-repintado de amarelo-brilhante.

— Escute aqui, amigo — disse Parker, aproximando-se do rapaz —, meu carro quebrou ali na outra rua, e eu tenho que tomar um avião dentro de meia hora. Estou morrendo de pressa. Será que você me levaria ao aeroporto por... cinqüenta dólares?

O rapaz concordou e, no percurso, revelou-se exímio motorista. Não fosse assim, teriam ambos morrido em qualquer uma das dezenas de curvas que ele fez, rangendo os pneus e jogando o ponteiro do velocímetro na marca da velocidade máxima.

No aeroporto, Parker descobriu que o próximo voo para San Francisco decolava em dez minutos. Foi o tempo de comprar a passagem e correr para o embarque, certo de encontrar o avião já tomado pelos federais, mas não viu nenhum deles na escada do aparelho, lá dentro ou na cabine do comandante. Meia hora depois, sobrevoando a Califórnia, começou a preocupar-se

com o segundo problema que tinha pela frente: como conseguir um voo de San Francisco a Reno, antes que os homens descobrissem sua trilha.

Das janelas do apartamento dos Block, Jack Twist examinava a paisagem, procurando postos de observação da DERO. Havia pelo menos um naquela área, tinha que haver, e, por mais escondido ou invisível que fosse, Jack precisava localizá-lo com precisão.

Previendo uma situação como aquela, levava consigo outra de suas engenhocas: um instrumento conhecido pelo serviço secreto do Exército como termodetector. Semelhante a uma dessas armas lança-raios, que aparecem em filmes de ficção científica, possuía no lugar do cano um conjunto de lentes sensíveis ao ca-

lor. Bastava segurar o aparelho sobre a palma da mão, apontá-lo para a área a ser observada e espiar pelo visor, como se fosse um telescópio. Orientando-o para uma paisagem, por exemplo, o observador teria a imagem ampliada do terreno e, sobreposta a ela, a representação cromática de todas as fontes emissoras de calor existentes em seu campo visual. Plantas, animais e rochas aquecidas pelo sol recebem e emitem calor, mas a tecnologia avançada do aparelho conseguia selecionar as fontes, detetando apenas as que pesavam mais de trinta quilos — entre as quais se incluíam seres humanos. Assim, mesmo que os homens de Leland estivessem com trajes de plástico, que retêm grande parte do calor do corpo, o aparelho acusaria sua presença num raio de muitos quilômetros.

Jack vasculhou a área dos fundos do motel, ao norte, até ter certeza de que não havia ninguém por ali. Na direção oeste também não encontrou vestígio de presença humana. Então, postou-se à janela do lado sul.

Mareie acabara de colorir a última Lua do álbum e aproximara-se, calada, vendo-o trabalhar. Talvez gostasse dele, pois Jack sempre lhe dava muita atenção, mesmo que ela sequer o olhasse. Talvez estivesse com medo e se sentisse mais segura sabendo-o por perto, ou qualquer outra razão mais difícil de identificar. Jack sabia que por ora não havia o que fazer por ela, além de continuar falando com calma, em voz baixa, e deixar que a menina o seguisse a toda parte.

Jorja também o acompanhava e, embora não lhe fizesse perguntas, nem interferisse em seu campo de visão, perturbava-o muito. Era uma mulher muito bonita, porém isso não era o mais importante. Para Jack Twist, o importante é que gostava dela. Percebia que Jorja sentia-se bem a seu lado, mas não sabia se a atraía como homem. Pensando bem, o que haveria de atraente num criminoso confesso, de cara amassada e, ainda por cima, vesgo? De qualquer modo, poderiam ser amigos, o que era melhor que nada.

Finalmente, espiando da janela da sala, Jack encontrou o que procurava: ondas de calor emitidas por seres humanos. Duas marcas coloridas, muito nítidas no visor, escondidas nas colinas, a quatrocentos metros do motel. Os dados numéricos indicavam as dimensões aproximadas da fonte: tratava-se, sem dúvida, de dois homens. Agora bastava-lhe examinar a área com um bom binóculo e muita paciência pois, com certeza, os homens usavam trajes de camuflagem.

— Bingo! — Jack exclamou de repente.

Jorja não disse palavra, porque, como todos, aprendera bem a lição da véspera: tudo que diziam podia estar sendo ouvido de longe.

Ajustando as lentes, Jack continuou a observar. Os homens estavam em pé sobre a neve, e um deles carregava um possante binóculo pendurado ao pescoço. Jack dirigiu-se para a janela que se abria do lado leste, retomou o termodetector e vasculhou toda a área a sua frente: nada. Os homens de Leland concentravam-se no sul, diante da fachada principal do motel — e da única via de entrada e saída.

Falkirk subestimara Jack Twist. Conhecia sua história e sabia que era um sujeito esperto, mas ainda não conseguia avaliar o grau de sua esperteza.

À uma e quarenta, a neve começou a cair em flocos leves e macios. Vinte minutos depois, quando Ernie e Dom voltaram da missão de reconhecimento da área externa de Thunder Hill, Jack chamou Ernie:

— Daqui a pouco, quando começar a nevar de verdade, vai aparecer gente querendo se hospedar aqui, pois mesmo sem os luminosos acesos, há de ver os carros no estacionamento. Não será fácil explicar que o motel está aberto para uns e fechado para outros. Por isso, levem todos os carros para os fundos. Não quero gente rondando aqui.

Era um truque. Sabendo que os homens de Leland o ouviam, inventara aquela história para justificar os carros estacionados nos fundos, fora do alcance dos vigias. Mais tarde, quando escurecesse, todos eles partiriam do Motel Tranqüilidade, e Jack não queria que ninguém seguisse o caminhão e o jipe lotados.

Ernie piscou o olho, fez um sinal de positivo com o polegar e chamou Dom:

— Venha. Vamos tratar disso agora, para não ter que sair debaixo da neve, mais tarde.

Na cozinha, Ned e Sandy ultimavam o preparo dos sanduíches que levariam na viagem. Depois, era só esperar que Faye e Gin-ger voltassem.

A nevasca aumentava de tempos em tempos, transformando o dia em noite. As duas e quarenta, o vento cessou e a neve passou a cair como um véu branco, reduzindo a visibilidade a pouco mais de dez metros. Nas colinas, os homens da DERO recolheram o equipamento de vigilância e trataram de procurar outro posto de observação, mais próximo do motel.

Jack não tirava os olhos do relógio. Sentia que o tempo se esgotava, mas não sabia quantas horas ainda lhes restavam.

Enquanto o tenente Horner consertava o detetor de mentiras, Falkirk esbravejava com o major Fugata, chefe da segurança de Thunder Hill, e seu assistente, o tenente Helms, afirmando que ambos encabeçavam a lista de possíveis traidores. Fez dois inimigos de morte, o que absolutamente não o preocupava. Não precisava que os subalternos o amassem: queria só que sentissem medo.

Ainda não terminara o discurso quando chegou o general Al-varado, um homem gordo e barrigudo, com dedos grossos como salsichas e vasta papada. O general entrou aos berros, sem pedir licença:

— E verdade o que o doutor Bennell acaba de me comunicar, Falkirk? Não pode ser! Você não se atrever ia a reprogramar a segurança... e nos deixar presos aqui!

Os olhos fuzilando, mas a voz controlada e respeitosa, Leland lembrou-lhe que era responsável pela segurança do projeto e, portanto, tinha autoridade.

de suficiente para introduzir, quando bem entendesse, o código secreto nos computadores que vigiavam entradas e saídas.

— E quem lhe disse isso? — Alvarado perguntou.

— O general Maxwell D. Riddenhour, chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, senhor.

— Não acredito. — Não era possível. Não podia ser. O Estado-Maior jamais o desautorizaria perante um simples coronel.

— Por que não liga para o general Maxwell, senhor, e pergunta a ele? — Leland retirou um cartão do bolso e estendeu-o a Alvarado. — Aqui está o número.

— Eu sei o número! — gritou Alvarado, fuzilando-o com o olhar.

— Esse é o telefone particular do general. Caso ele esteja de folga... o senhor o encontrará em casa. Creio que ele concordará em atendê-lo, já que enfrentamos uma grave emergência.

Espumando de raiva, Alvarado agarrou o cartão, deu meia-volta e saiu da sala como um furacão. Voltou quinze minutos depois, pálido como um cadáver:

— Está confirmado — disse, sem olhar para ninguém. — A partir deste momento, o senhor é o comandante da base de Thunder Hill.

— Não. O senhor permanece no comando.

— Mas... sou seu prisioneiro...

— O senhor permanece no comando — repetiu o coronel, impaciente —, no pleno gozo de sua autoridade. E será obedecido sempre que suas ordens não entrarem em conflito com as instruções que darei ao pessoal no sentido de impedir que elementos perigosos... que ponham em risco a segurança da comunidade... escapem desta base.

Alvarado balançou a cabeça e comentou:

— Pelo que ouvi do doutor Bennell, o senhor parece convencido de que nos transformamos numa espécie de... monstros. Isso é loucura total... Monstros...

Ignorando o comentário, Falkirk prosseguiu:

— Como o senhor sabe, um ou mais oficiais ou cientistas residentes nesta base sabotaram a segurança e enviaram mensagens a algumas testemu-

nhas, com o objetivo deliberado de atraí-las para cá. Sem dúvida os criminosos esperavam fazer com que elas se lembrassem do que viram. O plano era envolver a imprensa e a opinião pública, e nos forçar a revelar ao mundo nosso segredo.

Não descarto a possibilidade de que esses traidores tenham sido movidos por boas intenções. Os cientistas são ingênuos e incapazes de avaliar os riscos a que nos expõem.

— Monstros... — Alvarado repetiu, ainda balançando a cabeça.

Consertado o detetor, Leland encarregou Fugata e Helms de interrogar todos os oficiais de qualquer patente e os cientistas residentes em Thunder Hill; ordenou-lhes que começassem pelos que tinham conhecimento do segredo escondido na base fazia dezoito meses.

— Se não descobrirem o traidor eu os mato — disse, na voz fria de sempre. Não precisava de emoção para saber o que tinha a fazer. Se não encontrassem o traidor, só haveria uma explicação possível... o complô assumira proporções de motim e envolvia a todos em Thunder Hill; a contaminação alastrara-se e todos, na base, estavam infetados. Claro que teria de matá-los.

À uma e quarenta e cinco, Leland e Horner voltaram a Shenk-field, deixando o pessoal do depósito trancado em sua gigantesca tumba subterrânea. Mal chegaram receberam más notícias, por cortesia de Foster Polnichev, diretor do FBI em Chicago.

Para começar, Calvin Sharkle estava morto, em Evanston, Illinois. Se isso fosse tudo, até que não seria tão mau, porém havia mais: além dele haviam morrido a irmã, o cunhado e uma equipe inteira do esquadrão especial. O assunto era manchete dos jornais e das televisões da cidade, evidentemente por causa da violência. Os vampiros da imprensa encontraram sangue na Rua O'Bannon e não desocupariam a área enquanto não se saciassem. Pior: as loucuras que Sharkle gritara da janela despertaram a curiosidade de um jovem repórter à caça de matérias sensacionalistas. Havia notícias de que estaria a caminho de Nevada, com o endereço e telefone do Motel Tranqüilidade na agenda. Era razoável imaginar que poderia se aproximar de Thunder Hill.

Como se ainda não bastasse, Polnichev falava de “coisas estranhíssimas que andam acontecendo por aqui”. Por exemplo: um tiroteio entre a polícia e um marginal, num dos cortiços do centro, terminou com um homem morto e um menino... ressuscita-

do. O patrulheiro Winton Tolk, cuja vida o padre Cronin salvara, realizou o milagre com o filho dos Mendoza. Isso significava que o padre contagiara o policial... E o que mais lhe transmitira nesse contágio, além da misteriosa capacidade de cicatrizar tecidos? Devia ser algo muito terrível... um monstro perigoso, que crescia dentro de Tolk.

Começava o apocalipse. Leland sentiu náuseas ao saber das notícias de Chicago.

O FBI informava que o patrulheiro ainda não falara à imprensa e estava fechado em casa, sem querer ver ninguém. No entanto, como centenas de repórteres cercassem a casa, era de se esperar que a qualquer momento um deles acabaria entrando e falando com o policial. Não havia como impedir que Tolk citasse o nome de Brendan Cronin. E de Cronin a Emmy Halbourg era apenas um passo.

A menina... O outro pesadelo! Polnichev contou que, após a incrível ressurreição do filho dos Mendoza, correria a visitar os Halbourg, para ver se a garota também andava fazendo milagres, já que fora curada por Brendan. O que encontrou quase o fez desmaiar. Sua primeira reação foi prevenir a família para que se mantivesse longe da imprensa. Em seguida, porém, temendo que uma simples advertência não fosse suficiente, resolveu prendê-los. Naquele instante, os Halbourg estavam num dos endereços secretos que o FBI usava regularmente, sob a vigilância constante de seis agentes. Os primeiros relatórios eram desanimadores. Mais assustados com Emmy do que ela com suas armas, os agentes permaneciam unidos todo o tempo, ao invés de revezar-se. Tinham instruções claras para matar a família inteira ao primeiro movimento suspeito ou incompreensível de Emmy.

— Não sei de que adiantará matá-los — Polnichev dizia ao telefone.
— Já não há como manter o segredo. Perdemos o controle. A única saída que vejo é abrir o jogo. Ir aos jornais e contar tudo.

— Você está louco?! — Leland berrou.

— Não podemos sair por aí matando pessoas a torto e a direito! O que é que você quer? Que matem os Halbourg, os Tolk, os Mendoza, todas as suas testemunhas do motel?! Não há segredo que justifique tamanha carnificina!

— Você não sabe o que está dizendo! — Falkirk continuava a gritar. — A questão já não se resume em divulgar o segredo ou não! O segredo não tem mais tanta importância. O problema é outro! E a espécie humana que está em perigo! Se divulgarmos o segredo agora, não poderemos sair por aí combatendo a infecção por nossos meios, porque esses políticos malditos cairão em cima de nós, com os liberais e com todos os idiotas do país, e... aí, sim, estará tudo perdido!

— Pois a julgar pelo que tenho visto aqui, o perigo não é tão sério quanto você pensa — Polnichev argumentou. — Claro que instruí os agentes que estão vigiando os Halbourg a terem cuidado, mas não acredito que a menina seja uma ameaça... Emmy não é um monstro! É bonita, saudável. Não sei o que Brendan fez com ela, nem imagino como ela consegue fazer todas aquelas coisas, mas aposto minha mão direita como a garota não ameaçaria a vida de uma mosca! Ah, se o senhor a visse... E... incrível! Acho que estamos assistindo ao espetáculo mais deslumbrante... desde que o mundo é mundo!

— Claro... — Falkirk tentou controlar-se. — É exatamente isso que o inimigo quer nos fazer pensar. Se vacilarmos... não saberemos como lutar. E estaremos derrotados antes de a guerra começar.

— Escute... Se Cronin, Corvaisis, Tolk e Emmy estivessem contaminados... se já não fossem gente como nós, porém monstros, não estariam fazendo milagres! Estariam escondidos, esperando o momento de atacar! E tentariam contaminar o maior número possível de pessoas.

— Não sabemos o que podem estar planejando — Leland respondeu, a voz calma. — Não sabemos como funciona o agente infeccioso. Talvez o micróbio tome conta do cérebro deles. Talvez os torne escravos de sua vontade. É possível até que o hospedeiro nem saiba que está contaminado. Nem sabemos se o agente é *mesmo* um micróbio... De qualquer modo, essa gente já não é humana e é com isso que devemos nos preocupar. Não pode-

mos confiar neles! Trate de prender também os Tolk. Toda a família. Ponha-os de quarentena. Urgentemente!

— Já lhe disse que a casa dos Tolk está cercada de repórteres. Se formos lá prendê-los amanhã o senhor verá *meu* retrato nas primeiras páginas dos jornais... E adeus história de vazamento químico em Shenkfield! Embora eu já não concorde com a idéia de manter as mentiras que inventamos, não quero ser o primeiro a pagar o pato.

A contragosto, Leland concordou. Os argumentos faziam sentido.

— Estão vigiando a casa, pelo menos? — perguntou.

— Dia e noite.

— E quanto aos Mendoza? Se Brendan tocou em Tolk e o contaminou, e Tolk tocou no garoto...

— Estamos de olho na casa, mas também não podemos nos aproximar muito por causa da imprensa.

O terceiro pesadelo era o padre Wyczalik. Estivera com os Mendoza e saíra de lá diretamente para a casa de Emmy, antes de Pol-nichev saber o que se passava. Horas mais tarde, um dos agentes do FBI identificou-o entre a multidão que se aglomerava em frente à casa de Sharkle, no momento da explosão. E dali em diante, ninguém mais o viu... fazia mais de seis horas.

— E claro que ele sabe de muita coisa. Basta somar dois e dois para descobrir pelo menos boa parte da verdade. Outro bom motivo para abriremos o jogo e não sermos apanhados de calça curta...

Para Leland Falkirk, era como se o mundo desabasse sobre seus ombros. Estavam perdendo o controle... E ele consumira anos e anos aprendendo a viver como se tudo existisse para ser controlado. Não seria possível existir vida sem haver controle. Em primeiro lugar, autocontrole: era preciso treinar-se até a exaustão, para dominar os próprios impulsos, vencer o desejo e não acabar derrotado por vícios repugnantes como bebida, drogas, sexo — desde menino a família ensinava-lhe essa lição. Depois, vinha o controle intelectual: era preciso acreditar na lógica e na razão, pois a natureza corrompida do homem vivia acoitada por baixos ins-

tintos, superstição, irracionalidade. Essa segunda lição Leland aprendera apesar da família, quando fugia de casa para assistir aos cultos de uma

seita fanática, cujos adeptos babavam e rolavam pelo chão como animais.

Menino, Leland obrigava-se a presenciar os rituais que apavoravam porque já acreditava firmemente que devia aprender a controlar o medo... para não enlouquecer. Aos poucos, aprendera a controlar o terror que lhe inspiravam o pai e a mãe, quando o espancavam “para seu próprio bem”, diziam, para “livrá-lo do demônio”. Um bom método de aprendizado era não resistir à dor, mas submeter-se a ela... procurá-la, até tornar-se insensível. Porque nada é capaz de causar medo quando se tem certeza de que é possível suportar a dor. Controle. Leland era o homem do controle. Controlava tudo: o corpo, a vida, seus homens, qualquer missão que lhe fosse atribuída.

E agora, pela primeira vez em mais de quarenta anos, sentia que o controle lhe escapava. Pela primeira vez, desde o tempo dos cultos dos fanáticos, sentia-se à beira do pânico.

— Vou desligar — disse afinal —, mas não saia daí. Mandarei os rapazes prepararem uma reunião por telefone. Falaremos mais tarde... eu, você, seu superior, Riddenhour em Washington e nosso contato na Casa Branca. Vamos decidir a nova linha de ação. Teremos de ser duros e precisos. Não me deixarei envolver pelas fantasias que você está alimentando. Reassumiremos o controle de tudo. Vamos acabar com esse pessoal infetado, que já começa a feder. Vamos varrê-los da face da terra, custe o que custar, mesmo que sejam garotinhas lindas e padrecos bondosos. Precisamos salvar a própria pele. Pode apostar... eu dou um jeito nisso tudo!

Os homens do carro seguiram Faye e Ginger até a saída da Rodovia 80. Ginger começava a pensar que eles seriam bem capazes de estacionar junto à entrada do motel, como hóspedes normais. Entretanto, o carro parou a uns trinta metros de distância e lá ficou, sob a neve. Eram duas horas e quarenta e cinco minutos.

Faye estacionou em frente à entrada da recepção, Dom e Ernie correram para ajudá-las a descarregar as compras que haviam feito em Elko: máscaras e abrigos para enfrentar a neve, botas e luvas térmicas, dois revólveres semi-automáticos, munição para essas e as outras armas, lanternas, duas bússolas, um pequeno lampião de acetileno com dois bujões de gás e uma infinidade de itens menores.

Ernie abraçou Faye, Dom abraçou Ginger, e os dois homens disseram juntos, em coro:

— Eu estava preocupado com você.

Rindo, as duas responderam igualmente em coro:

— Eu também estava preocupada com você.

Depois, Ernie beijou Faye, e Dom beijou Ginger, e ninguém achou nada estranho ou surpreendente. Era normal. Previsível e esperado. Dom e Ginger sentiam-se íntimos e próximos como se fossem marido e mulher desde há três décadas, como Faye e Ernie. Fora assim já no momento em que se abraçaram na pista de pouso do terminal aéreo de Elko, dois dias antes.

Depois de empilhar as compras num canto da sala, todos foram buscar todas as armas existentes em casa. Ginger arrumava as cadeiras ao redor da mesa, a mesma onde Dom e Brendan haviam testado seus poderes, na véspera, Brendan fitava as armas com um olhar misto de medo e desgosto, e já não parecia tão otimista e entusiasmado.

— Algum problema? — Ginger perguntou-lhe.

— Não sonhei ontem — respondeu ele. — Não vi a luz dourada, não ouvi a voz que me chamava. Sabe, desde o começo eu repetia para mim mesmo que não era Deus quem me chamava para cá. Mas, no fundo do coração, eu queria exatamente o contrário... queria ter certeza de que Ele chamava. O padre Wyczik estava certo... Não perdi completamente a fé. Ainda há em mim alguma coisa muito profunda, que talvez me faça voltar à Igreja. Tenho pensado muito nisso, ultimamente. Não é apenas a fé, a crença sincera na existência de Deus... E mais do que isso... preciso de Deus! Mas agora, quando percebo tudo, não consigo mais sonhar, já não vejo aquela luz dourada... E como se, de uma vez por todas, Deus estivesse se esquecendo de mim.

— Não, não é assim... Ginger sorriu e tomou-lhe as mãos, tentando transmitir-lhe coragem. — Deus jamais abandona os que creem nele. Os homens, às vezes, esquecem-se de Deus, mas Ele não se esquece de seus filhos. Deus é perdão e amor... Não é isso que os padres ensinam aos fiéis?

— Parece que foi você que estudou em Roma...

Ela apertou-lhe as mãos e, olhando-o bem nos olhos, prosseguiu:

— Nenhum de nós tem sonhado, e acho que a razão é a mesma... Nossos sonhos são apenas indícios de lembranças que procuram vir à tona, talvez em termos de símbolos, não sei. Mas, seja lá como for, ainda que seu sonho seja a expressão de um chamamento de Deus, é bem razoável que você já não sonhe... porque está aqui. Que tal? Deus chamou, e você atendeu. Pronto. Para que Deus perderia tempo e energia chamando você, se você já chegou? Pode não ser uma boa explicação teológica, mas faz sentido.

Brendan riu baixinho, os olhos um pouco menos tristes.

A volta da mesa, os outros iam tomando seus lugares. Preocupada, Ginger observou que Mareie parecia cada vez mais alheia. Ficou sentada onde Jorja a colocara, cabisbaixa, o cabelo escondendo-lhe o rosto, as mãozinhas cruzadas no colo, repetindo sempre a mesma palavra: “A Lua”... Devia ter a sensação de que estava prestes a lembrar-se de alguma coisa importante, que a qualquer momento surgiria nitidamente em sua memória. Sem mecanismos psicológicos muito sólidos, numa idade em que realidade e fantasia são quase a mesma coisa, deixava-se levar pela intensidade da sensação, mergulhando em si própria, cada vez mais fundo, à procura da recordação.

— Ela vai ficar boa — Ginger garantiu a Jorja, que fitava a menina com olhos úmidos de lágrimas. — Não sei ainda quando ou como... mas tenho certeza de que vai ficar boa.

— E... — Jorja respirou fundo e tentou sorrir, agradecida. — Ela *tem* que ficar boa!

Jack e Ned terminaram de prender a folha de compensado diante do vidro da porta e também foram para a mesa. Agora não faltava mais ninguém.

Em rápidas palavras, Faye e Ginger fizeram o relatório da visita aos Jamison. Falaram dos homens que as haviam seguido e descobriram que Ernie e Dom também tiveram companhia em seu passeio.

— Se andam por aí, à vista de todos, é porque estão prontos para cair em cima de nós — comentou Jack.

— Talvez seja bom alguém dar uma espiada para ver se já não estão chegando. Eu vou lá. — Ned levantou-se, aproximou-se da janela e olhou por uma fresta, focalizando o estacionamento.

A pedido de Jack, Ernie e Dom contaram sobre a expedição de reconhecimento nos arredores de Thunder Hill. Jack ouvia, atento, perguntando sobre detalhes cujo significado Ginger não conseguia adivinhar. As grades do portão tinham fios de arame trançado? E a cerca? Como eram os montantes de cerca? Por fim, ele perguntou:

— Havia guardas vigiando a cerca? Cães?

— Não — respondeu Dom. — Não havia pegadas na neve. E provável que a segurança seja toda eletrônica. Eu tinha esperanças de entrar lá, mas, depois do que vimos, acho que é loucura.

— Claro que vamos entrar! — Jack declarou, na voz calma e segura de sempre. — Não vai haver problema até chegarmos à entrada do depósito, propriamente dito. Quanto a entrar na montanha... veremos o que é possível fazer, quando chegarmos lá.

Surpreso, Dom olhou para Ernie, que, por sua vez, franziu a testa. Pela cara dos dois, Ginger concluiu que Thunder Hill era totalmente inexpugnável.

— Você disse... “entrar na montanha”? — Dom perguntou.

— Ninguém entra lá sem ser convidado — disse Ernie, balançando a cabeça.

— Se a segurança externa é eletrônica — Jack pensava em voz alta —, é quase certo que a segurança da entrada principal também é. De uns anos para cá, parece febre... Todos confiam cegamente nos equipamentos eletrônicos. Claro que, pelo sim, pelo

não, deixam um guarda no portão da frente. Mas o guarda também sabe que a segurança é absoluta... ou pensa que é... Acha que está ali só para constar, porque nunca foi assaltado. É capaz até de dormir a sono solto... — Animado com a idéia, fitou os companheiros, um a um, e declarou: — Entrar lá vai ser fácil. Quanto ao resto, ainda não sei. Pode ser que a gente consiga dar uma boa olhada em tudo sem ninguém nos ver...

— Você fala como se tivesse certeza de que... — Ginger começou, mas Jack a interrompeu.

— Passei mais de oito anos de minha vida entrando e saindo de lugares onde ninguém entra e de onde ninguém sai. É minha especialidade. O

próprio Exército me treinou para esse trabalho... Conheço os truques deles. — Riu e piscou o olho vesgo. — Sem falar nos truques que eu mesmo acabei inventando.

Jorja retesou-se na cadeira, tensa, e ponderou:

— Mas... com seus truques ou sem eles... você pode acabar preso lá dentro!

— Claro! E exatamente o que eu quero.

— Ora essa. E por quê?! — Ela levantou-se de um salto. — O que vai fazer lá?!

O plano parecia perfeito. No começo, Ginger ouviu-o com o coração apertado de medo, mas quando ele acabou, teve que se controlar para não bater palmas. Jack Twist era um estrategista de gênio!

Como sempre, Jack expôs-lhes o plano com a segurança de quem sabia que seria obedecido e que todos concordariam em executar as tarefas sem discuti-las e sem assustar-se com os riscos. Usou de todos os truques de persuasão que conhecia, falou-lhes com voz firme como se estivesse falando a soldados profissionais, antes de mandá-los para uma missão extremamente arriscada. Entre outras razões, agia assim porque não tinha tempo a perder com discussões. O cérebro e os instintos gritavam-lhe uma única e repetida mensagem: “Está chegando a hora! Está chegando a hora!”

O plano era simples.

Dentro de uma hora, com exceção de Dom, Ned e Jack, todos entrariam no jipe e rumariam para Elko por uma estrada vicinal à qual se podia ter acesso pelos fundos do motel. Quase com certeza não seriam seguidos. Em Elko o grupo se dividiria: Ernie, Faye e Ginger continuariam viagem no jipe rumo a Twin Falls, Idaho, e de lá para Pocatello, onde dariam um jeito, qualquer um, de conseguir um avião que os levasse a Boston. Deviam chegar a Boston na quinta à noite ou, o mais tardar, na sexta de manhã, e hospedar-se em casa dos Hannaby, aos quais contariam os detalhes do que haviam descoberto até aquele instante. Depois, durante uma ou duas horas, Ginger se ocuparia exclusivamente em telefonar para o maior número possível de médicos, seus conhecidos do hospital, convocando-os para uma reunião. Nesse encontro, Faye, Ginger e Ernie contariam a todos o que acontecera, concen-

trando-se nos detalhes sórdidos da lavagem cerebral praticada por agentes do governo em inocentes cidadãos. Enquanto isso, George e Rita estariam contatando seus amigos influentes e organizando outras reuniões, às quais Ginger, Ernie e Faye com-pareceriam para contar a mesma história, repetindo-a o quanto fosse necessário. Só depois de falar a várias pessoas importantes os três procurariam a imprensa. E só depois de falar à imprensa procurariam a polícia para formalizar uma declaração oficial, assinada pelos três, afirmando que Pablo Jackson não fora assassinado por um ladrão comum, no assalto da semana anterior.

— A idéia é informar o maior número possível de pessoas sobre o que está acontecendo aqui. Assim, caso vocês sofram um “acidente” antes de poderem convencer a imprensa a investir em nossa história, haverá muita gente disposta a não aceitar a idéia de que o “acidente” tenha sido mesmo... acidental. Aí é que você entra, Ginger — Jack virou-se para ela —, porque é a única de nós que tem contatos influentes em Boston, uma das cidades mais importantes do país. Se conseguir “vender nosso peixe” lá, estará criando um paredão de segurança a nossa volta. Mas é importante que vocês se mexam depressa, para não dar tempo aos federais de descobrirem o que estamos planejando. Eles os matariam antes de pensar duas vezes.

Lá fora a tempestade de neve assobiava. Ótimo. Quanto mais violenta a nevasca maiores as chances de sair sem serem seguidos.

— Depois que Ginger, Faye e Ernie forem para Pocatello — Jack continuou —, vocês quatro... Brendan, Sandy, Jorja e Mareie... irão até uma loja de carros e comprarão outro veículo de tração nas quatro rodas, com o dinheiro que vou lhes dar. Imediatamente depois tomarão rumo oposto ao de Ginger... irão para Salt Lake City, Utah. A viagem vai ser difícil e lenta por causa da neve, mas vocês têm de chegar lá e conseguir um voo para estar em Chicago no máximo quinta-feira à noite. — Virou-se para Brendan. — Então, você deverá entrar em contato com seu amigo, o padre Wyczik, a fim de conseguir uma entrevista com o... “chefe”⁵ da arquidiocese de Chicago... o mais depressa possível.

— O cardeal — Brendan corrigiu. — Cardeal Richard O’Callahan. Mas acho que nem o padre Wyczik pode conseguir uma entrevista com ele

no prazo que você quer...

— Ele precisa conseguir. Como Ginger, em Boston, você deve agir muito rápido em Chicago. Você, Jorja e Mareie deverão falar com o cardeal e contar-lhe o que está acontecendo conosco. Se for preciso, Brendan, faça voar a batina dele, arranque imagens dos altares, grude os bancos no teto. Faça o que for necessário, mas convença o cardeal de que ele está tendo a chance de participar do mais extraordinário fenômeno que a humanidade já viu, desde os dias em que Jesus multiplicava os peixes e ressuscitava os mortos. Não é blasfêmia... — assegurou, diante dos olhos arregalados de Brendan. — Estou convencido disso.

— Eu... também — Brendan gaguejou. Apesar do espanto, parecia outra vez entusiasmado, como que contagiado pela serena confiança de Jack.

O vento soprava cada vez mais forte.

— A julgar pelo vendaval de agora, teremos um tufão depois que a nevasca passar.

O mau tempo poderia ajudá-los, mas um tufão acabaria com seus planos. O inimigo talvez decidisse antecipar o assalto ao motel.

— E isso, Brendan — Jack resumiu. — Você tem a missão de convencer seu cardeal O’Callahan a convocar reuniões com o prefeito, vereadores, empresários, líderes da comunidade... todo mundo. Terá no máximo vinte e quatro horas para espalhar as notícias. Quanto mais a cidade falar de você, mas seguro estará. Depois de se reunir com os “figurões” procure a imprensa. Dê um show na televisão. Faça voar a saia da repórter, arranque quadros das paredes, empurre mesas, vire cadeiras...

— Depois disso *eles* não poderão mais nos perseguir — concluiu Brendan, rindo de orelha a orelha.

— E o que esperamos. E torço para vocês convencê-los de que não são loucos varridos nem estão inventando histórias. — Jack respirou fundo. Porque enquanto estiverem andando por aí, como estrelas de televisão, Dom, Ned e eu estaremos dentro do depósito de Thunder Hill, provavelmente presos. A única chance de sairmos de lá vivos vai depender da *performance* de vocês.

— Não gosto disso — declarou Jorja, balançando a cabeça. — Por que vocês têm de ir para aquela maldita montanha? Já lhe fiz a mesma pergunta, e você ainda não respondeu, Jack. Vamos sair por aí, vamos gritar nossa história aos quatro ventos, vamos desmascará-los... Que necessidade há de vocês irem se meter lá dentro? Se o plano funcionar, mais dia menos dia, acabaremos descobrindo o que há em Thunder Hill e o que aconteceu no verão retrasado.

Jack esperou um momento antes de falar, porque previa que as discussões começariam exatamente àquela altura do plano.

— Desculpe, mas você está sendo ingênua. Podemos gastar a língua de tanto falar e, ainda assim, o Exército fará o possível e o impossível para ganhar tempo. Vão inventar outras histórias, processar os jornais, fazer o diabo... para ter tempo de inventar outra mentira que justifique tudo. Só temos uma chance de descobrir a verdade... e é agir com rapidez. Para apressar os acontecimentos, vocês precisam ter um argumento muito forte, que exija imediata ação das autoridades; Dom, Ned e eu, prisioneiros em Thunder Hill, seremos o grande trunfo de vocês. Três cidadãos honestos... ou pelo menos razoavelmente honestos... seqüestrados

pelas mais altas autoridades nacionais. Seremos as vítimas... enquanto o presidente, em pessoa, e todos os “figurões” do país farão o papel de terroristas. Não vamos dar tempo a essa corja... *eles* vão ter de explicar-se em dois dias, no máximo.

A volta da mesa, ninguém achou o que dizer. Faye olhava para Jack com os olhos cheios de lágrimas, como se já o visse morto.

— Não é justo — Jorja murmurou — que vocês se sacrifiquem..

— Ninguém será sacrificado se cada um de vocês fizer o que deve fazer — Jack respondeu prontamente — *Vocês* nos tirarão de lá, sãos e salvos, com a agitação nacional que vão criar. E por isso que sua missão é tão importante.

— Mas... e se, por acaso, depois que vocês estiverem lá dentro

— argumentou Jorja, passando a mão pelo cabelo, aflita —, virem alguma coisa que explique tudo... que sirva para nos fazer entender o que

aconteceu? Poderão tirar fotografias, ou roubar algum plano, sei lá... e voltar para casa... não é? Vocês vão tentar ou...?

— E claro que vamos tentar! — Jack recostou-se à cadeira e riu.

— E é bem possível que consigamos escapar.

Mentira. Jack Twist sabia que tinham pouca chance de entrar na base e rigorosamente nenhuma de sair de Thunder Hill. Quanto a encontrar alguma coisa que explicasse os acontecimentos nem em sonho! Pela boa razão de que não tinham a mínima idéia do que procurar. Poderiam passar dez vezes ao lado da explicação de seus tormentos e nem suspeitariam. Além do mais, na hipótese de algum experimento científico em andamento ter escapado ao controle naquela noite, os relatórios de pesquisa estariam codificados ou microfilmados, escondidos no coração da rocha. Mas Jack não falou sobre isso. Não correria o risco de perder um segundo em discussões estéreis sobre possíveis riscos.

Jorja ainda insistiu:

— Poderíamos ir a Elko, procurar o redator do jornal da cidade... Brendan faria seu show aqui mesmo. Não vejo necessidade em começar por Chicago e Boston...

— Até que a grande imprensa chegasse aqui estaríamos mortos — ■ Jack declarou, consultando o relógio de pulso; os ponteiros

voavam. — Brendan seria tido por louco, por um desses que contam que viram discos voadores. Não. Temos que ir. E todos precisam fazer exatamente o que eu disse. E nossa única chance.

Jorja fechou os olhos e cruzou os braços sobre o peito.

— Você vai comigo, Dom? — Jack perguntou.

— Sim... claro. — A resposta que Jack esperava. O escritor pertencia àquela categoria de homens nos quais se pode confiar cegamente, porque jamais se acovardam em momentos de necessidade, mas que ainda não chegaram a conhecer-se bem a si próprios. — Claro que vou, mas você se importaria de contar por que escolheu minha agradável companhia? E uma honra, porém...

— E simples. Ernie ainda não está completamente curado do medo do escuro. Vai ser difícil para ele encarar a viagem até Poca-tello. Não seria

seguro, nem para ele nem para nós, levá-lo a uma missão noturna. Sobravam Ned e você. Além disso, eu me senti-ria mais seguro sendo seqüestrado com um escritor de renome... A imprensa adora celebridades!

Ginger, que se mantivera calada, olhando-o, comentou:

— Você é um gênio, Jack, mas não passa de um autêntico porco chauvinista. Por que não incluiu mulheres no grupo que vai a Thunder Hill? Acho que os três que deviam ir somos Dom, você e eu.

— Mas...

— Ainda não acabei... — ela o interrompeu e, levantando-se, caminhou para a outra extremidade da mesa, consciente de que, assim, deslocava para si mesma o centro das atenções. Mobilizava a sala inteira, com inteligência, intuição e beleza, para enfrentar Jack. Afinal era como ele... sabia conseguir o que queria, do modo como queria, no instante em que queria. — *Meu plano é o seguinte...* Ned e Sandy vão a Chicago para dar credibilidade aos prodígios de Brendan. Jorja e Mareie seguem para Boston com Faye e Ernie, levando uma carta minha; os Hannaby os receberão como receberiam a mim mesma. E há outro detalhe que você, Jack, não poderia avaliar... Rita e Faye vão se adorar no instante

em que se encontrarem... Vão descobrir que são irmãs de alma... Não farei falta nenhuma lá. Aqui, sim, posso ser muito mais útil. Primeiro porque sou médica. Vocês dois estarão sozinhos em terreno inimigo; se forem feridos, poderei cuidar de vocês. Segundo, porque, embora seja interessante ser seqüestrado junto com uma celebridade, é muito mais interessante ser seqüestrado com uma celebridade e... uma *mulher!* Não seja cabeça-dura, Jack... E claro que você tem de me levar!

Não havia o que discutir. Ginger estava certa da primeira à última palavra, e Jack rendeu-se à evidência.

— Tem razão. Você vem comigo e com Dom. Ned, Sandy e Brendan vão para Chicago. Está resolvido.

— Por mim, não haveria problema algum em ir com você para Thunder Hill, se você achasse que era o caso — disse Ned.

— Eu sei. Mas mudamos os planos. Jorja e Mareie vão para Boston com Faye e Ernie. E agora... se demormos muito para dar o fora daqui,

passaremos o resto da eternidade discutindo quem deveria ter ido com quem para o inferno! Porque *eles* estão chegando. — Jack levantou-se, foi até a porta, removeu o compensado e olhou para fora. — Perfeito!

Uma espessa cortina branca, de vento e neve, cobria a paisagem.

Quando saíram, mal se via a estrada onde estacionara o carro que havia seguido Faye e Ginger. Mas Jack logo percebeu que o carro não estava lá. Preferiria que os homens os acompanhassem de perto... porque assim ele também os vigiaria.

A reunião por telefone não seguia o rumo que Leland desejava. Queria que os chefes confirmassem sua decisão de invadir o motel, prender as “testemunhas” e levá-las para Thunder Hill. Para isso, contava com o general Riddenhour para ajudá-lo a convencer os outros de que a ameaça era real e muito grave. Tão grave que justificaria a autorização oficial para eliminar os intrusos do motel e todo pessoal de Thunder Hill, assim que tivessem provas de que já não eram humanos. E essas provas, sem dúvida, apareceriam. Porém, no momento em que apanhou o telefone e ouviu as últimas notícias, Leland percebeu que teria problemas.

Emil Foxworth, diretor do FBI, foi o primeiro a falar. O grupo encarregado da segunda lavagem cerebral dos Scalcoe, em Monterey, Califórnia, informava que a casa fora invadida por um homem barbudo que conseguira escapar. O casal Scalcoe e as duas gêmeas foram transferidos às pressas para um hospital móvel e dali para uma casa que o FBI usava em emergências; o processo de lavagem cerebral prosseguia. Investigações realizadas sobre o homem barbudo, a partir do carro abandonado, revelavam que se chamava Parker Faine e era grande amigo de Corvaisis.

— Conseguimos segui-lo até San Francisco, mas o perdemos. Não sabemos dele desde o momento em que o avião pousou em San Francisco.

Foster Polnichev, do escritório do FBI em Chicago, já achava extremamente arriscado manter o segredo e acabou de convencer-se da urgência da divulgação ao ouvir o relatório sobre a visita de Faine. Foxworth, também do FBI, e James Herton, assessor da Presidência para assuntos de segurança nacional, concordavam com ele.

Polnichev não se cansava de falar das curas maravilhosas que Brendan e Tolk realizaram e insistia em que os resultados dos acontecimentos talvez fossem benéficos para a humanidade.

— Sem esquecer — dizia — que o doutor Bennell e sua equipe de pesquisadores acham que não há e jamais houve perigo. Faz meses que repetem isso... e têm argumentos bastante convincentes.

Leland tentou persuadi-los de que Bennell poderia estar contaminado e que era arriscado confiar nele. Mas sabia que era apenas um líder militar, incapaz de enfrentar dois políticos numa guerra de palavras. Deviam imaginar que estava louco.

Nem o general Riddenhour o defendia. Depois de ouvir atentamente os argumentos de uma e outra parte, assumindo o papel de mediador, ele acabou concordando com Polnichev.

— Respeito sua posição — declarou a Leland —, mas acho que o assunto já não é apenas uma questão militar. Claro que não devemos negligenciar quanto à segurança, porém, talvez seja hora de convocar cientistas, neurologistas, biólogos, filósofos... pa-

ra nos ajudar a pensar. Devemos evitar soluções precipitadas. Claro também que, caso o senhor encontre provas de que realmente há perigo, estarei disposto a rever minhas posições. Quanto às providências imediatas, concordo em que as testemunhas sejam levadas para Thunder Hill e que a região seja mantida sob severa vigilância... mas aconselho cautela quanto às medidas de médio e longo prazos. Nenhum de nós deverá descartar a hipótese de que o segredo do depósito possa eventualmente ser divulgado.

— Com todo o respeito... — replicou Leland, mal controlando a fúria que o fazia estremecer —, *eu* não tenho dúvidas de que a ameaça é real e muito grave. Não temos tempo a perder com neurologistas ou filósofos... nem com o falatório de um bando de políticos covardes.

Foxworth e Herton vestiram a carapuça e protestaram, aos gritos. Leland retrucou, também aos berros, e a reunião virou bate-boca interurbano, ninguém entendendo ninguém, até que Riddenhour exigiu silêncio. Tinha uma proposta de trégua: Leland nada faria contra as testemunhas, e não se tomari-

am providências para reforçar a versão oficial, mas, em troca, também não se pensaria, pelo menos naquele momento, em divulgar o segredo.

— Vou pedir uma audiência de emergência ao presidente — disse Riddenhour. — No máximo dentro de quarenta e oito horas, teremos esboçado um plano que satisfaça a todos, do presidente ao doutor Bennell e seus cientistas em Thunder Hill.

Impossível, pensou Leland, vermelho de ira.

Desligou o telefone e permaneceu sentado por algum tempo, esforçando-se para engolir o fracasso da reunião e a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, acabaria derrotado. Não chegou a chamar Horner para trocar idéias porque Horner não podia saber que o plano a ser executado em poucos minutos era um ato de insubordinação e flagrante desobediência às ordens de comando.

Não precisava de conselhos. Leland conhecia seu dever.

Mandaria bloquear a rodovia, sob pretexto de outro vazamento de gás tóxico, e com isso isolaria o motel. Prenderia as testemunhas e as levaria diretamente para o depósito de Thunder Hill.

Quando estivessem reunidas com o dr. Bennell e todo o pessoal da base, presos por trás das portas de aço da montanha, Leland os faria voar pelos ares... e voaria com eles, na explosão de uma ou duas das ogivas nucleares de cinco megatons guardadas no arsenal do piso inferior. Uma ou duas explosões, e tudo que estava contido na montanha se reduziria a cinzas. Estaria eliminada a principal fonte da contaminação. Sobrariam outras, espalhadas pelo mundo: os Tolk, a família de Emmy e as testemunhas, cujos bloqueios ainda não haviam falhado. Leland confiava, porém, que, ao ver o valoroso exemplo de seu sacrifício, Riddenhour voltaria à razão e ordenaria a Solução Final, com a eliminação de todas as fontes de contaminação restantes.

Falkirk tremia. Não de medo ou de ansiedade... mas de orgulho! Era o eleito para liderar a grande batalha da humanidade. Para salvar não apenas um país... mas o planeta inteiro, a espécie humana. Sentia-se pronto para enfrentar o grande momento do sacrifício. Nada temia. Imaginando o que sentiria quando as ondas de calor da explosão o atingissem e o fizessem desaparecer, um arrepio percorreu-o dos pés à cabeça. Não, não recuaria diante da

dor, a mais intensa, a mais violenta, a mais longa dor... Sa-beria como suportá-la. Havia muito tempo que se preparava para aquele momento, para a última dor de sua vida.

Ao sair do restaurante, dois passos atrás de Ginger, Dom levantou a cabeça para o céu, para as espirais brancas que o vento criava na neve. De repente, viu o que os outros não podiam ver:

A suas costas, ouve-se o ruído dos últimos vidros que se desprendem das janelas e se espatifam no chão. A frente, as lâmpadas do estacionamento acesas, na escuridão da noite de verão. E por toda a parte, vindo de todas as direções, o ronco de trovoada e o som de terremoto. O coração bate-lhe descompassado. Não consegue respirar, a boca seca, a garganta fechada. Corre para fora do restaurante, olha em volta. Então olha para cima...

— O que houve? — Ginger perguntou.

Dom percebeu que escorregara na neve e, também, num fragmento de lembrança que aflorava à consciência. Voltou-se para o grupo:

— Vi... como se estivesse acontecendo agora. Em julho... naquela noite.

Duas noites antes, sem querer, recriara o som de trovoada e o tremor de terra da noite de 6 de julho, mas agora nada acontecera, talvez porque a memória já estivesse menos reprimida e encontrasse caminhos desimpedidos para manifestar-se.

Dom olhou para cima outra vez, e...

E um ronco de motor, tão forte que lhe fere os ouvidos. A terra treme, ele a sente tremer nos ossos, nos dentes, como vidros e janelas em noites de trovoada. Corre pelo piso cimentado, olhando para o céu escuro e... Lá está! Um avião voando muito baixo, cem, duzentos metros acima do solo, as luzes brancas e vermelhas piscando na escuridão, tão baixo que se vê o brilho do vidro da cabine do piloto. Um jato muito veloz, um caça... E lá vem outro! Saindo da noite estrelada. Mas o ruído que rebentou os vidros do restaurante e fez saltar os saleiros sobre as mesas continua a crescer, cada vez mais forte. Os jatos voam longe, porém o ronco continua. Dom vira-se para trás, porque o ruído parece vir de lá... e grita de susto: outro

jato, ainda mais baixo que os dois primeiros, pouco mais de um metro acima do telhado do restaurante. Tão baixo que ele se joga ao chão, certo de que o avião está caindo. Um jato com as cores americanas.

— Dom!

Estava deitado de bruços no cimento do pátio, o rosto escondido entre os braços, querendo proteger-se do jato... que vira na noite de 6 de julho do ano retrasado!

— O que houve? — Sandy perguntava, ajoelhada a seu lado, tocando-lhe o ombro. Ginger estava do outro lado, igualmente ajoelhada, segurando-lhe a mão.

— Você está bem? — perguntou.

Antes que ele respondesse, as duas uniram forças para ajudá-lo a levantar-se.

— Estou começando a lembrar... — Dom ergueu os olhos para o céu, à espera de que o fluxo de lembranças continuasse. — Vi jatos militares voando baixo... Eram dois, mas depois apareceu um terceiro... Voavam tão baixo que eu pensei que fossem cair em cima do restaurante.

— Jatos! — Mareie gritou.

Todos viraram-se para ela, pois era a primeira palavra, além de “Lua”, que dizia desde a véspera. A menina estava no colo da mãe, tentando proteger-se do vento, mas olhava fixamente para o céu. Como que despertada pelas palavras de Dom, vasculhava o céu à procura dos aviões que, também para ela, pareciam ter acabado de passar.

— Não me lembro de nada... — disse Ernie. — Jatos?

— Jatos! Jatos! — Mareie repetiu, erguendo a mão para o céu.

Ninguém conseguiu lembrar-se de nada. O que fora um momento de esperança transformava-se em vazio e desencanto. Mareie baixou a cabeça e meteu o polegar na boca, mergulhando novamente em seu alheamento.

— Temos de sair daqui — Jack puxou Jorja e Dom. — Não podemos esperar mais. Vamos pegar as coisas e cair fora.

Quase que arrastado para dentro, sentindo o perfume da noite de verão de meses atrás, ouvindo ainda o ronco dos jatos, Dom o seguiu.

TERCEIRA PARTE

NOITE EM THUNDER HILL

Coragem, amor, amizade, compaixão e empatia nos elevam acima dos animais e definem o que é humano.

Livro das Lamentações

Tua tumba humilde por mãos estrangeiras adornada; reverenciada por estranhos e por estranhos pranteada.

Alexander Pope

SEIS

Noite de terça-feira, 14 de janeiro

1. LUTA

Mal aterrissou em Salt Lake City, procedente de Chicago, o padre Stefan Wycazik embarcou em outro avião, rumo a Elko. Conseguiu pousar, apesar da nevasca, minutos antes de o aeroporto ser fechado ao tráfego aéreo, com a visibilidade reduzida a quase zero. Dirigiu-se então a um telefone público, conseguiu descobrir o número do Motel Tranqüilidade e ligou. Não ouviu sinal de chamada, apenas a linha zumbindo sem parar. Tentou várias vezes, e repetiu-se o zumbido. Pediu o auxílio da telefonista, que, após duas tentativas, desistiu.

— Desculpe, senhor, mas a linha está com defeito — disse ela.

A informação pareceu-lhe dramática, e Stefan gritou:

— Defeito?! Que tipo de defeito?

— Não sei. Algum cabo rompido por causa da tempestade... Está ventando muito.

A explicação era simples demais. Fazia pouco tempo que estava nevando, e o vendaval não parecia suficiente para romper cabos telefônicos. O motel estava isolado de tudo e de todos, e isso parecia obra de mãos humanas, sem qualquer relação com nevasca ou vendaval.

Stefan ligou para Chicago, à procura do padre Gerrano, que atendeu logo ao segundo toque.

— Michael, já estou em Elko, são e salvo. Mas não consigo ligar para Brendan. Há algum defeito na linha.

— Eu sei — o padre Gerrano respondeu.

— Você sabe?! Mas como é que pode saber?!

— E que recebi um telefonema há dois ou três minutos -explicou-se o outro. — Um homem que não quis se identificar, mas disse ser amigo de Ginger Weiss, uma das pessoas que está no motel. Contou que Ginger ligou para ele hoje de manhã, pedindo algumas informações, e que ele já tinha, mas não conseguia entrar em contato com o Motel Tranqüilidade. Parece que Ginger Weiss previa problemas com o telefone, pois deu ao homem nosso número e o de um casal de amigos dela em Boston. Pediu ao tal homem que ligasse para nós e passasse as informações ao senhor, pois ela se encarregaria de entrar em contato conosco.

— O homem não quis se identificar... — Stefan repetiu, preocupado. — E lhe passou as informações?

— Passou. — Michael tentou ser breve. — São dois assuntos. Primeiro, sobre um lugar chamado Thunder Hill. O homem diz que, tanto quanto pôde descobrir, o lugar continua sendo o que sempre foi... uma espécie de almoxarifado gigante, superprotegido, à prova de explosões e de invasão... um dos oito almoxarifados que o Exército mantém por todo o país, e que não é, sequer, o maior deles. O segundo assunto era sobre um tal coronel Leland Falkirk, do Exército, comandante de uma unidade da DE-RO, um grupo encarregado da defesa civil.

Vendo a nevasca que crescia a cada instante, os olhos na janela da cabine telefônica, o padre Wyczazik ouviu o colega contar-lhe, quase sem tomar fôlego, a biografia oficial do coronel Falkirk.

— ...mas nada disso é importante — Michael concluiu. — Parece que o senhor X desconfia de que há apenas um detalhe em toda essa biografia que pode ter algo a ver com os acontecimentos do Motel Tranqüilidade.

— Senhor X...?

— Não sabemos o nome dele, não é? Por que não o chamamos de senhor X?

— Tudo bem, continue.

— Bem, X acredita que o único fato relevante é que o coronel Falkirk foi o representante do Exército num grupo de especialistas que o governo criou, há nove anos, para elaborar um relatório sobre o que aconteceria à humanidade em caso de catástrofe total de dimensões planetárias. O senhor X diz que andou investigando e descobriu duas coincidências estranhíssimas... Primeira, que várias pessoas que trabalharam nesse grupo estão ou têm estado de férias muito seguidamente, desaparecem às vezes por mais de um mês, têm folgas fora de hora... A segunda coincidência é que o sigilo que cerca o relatório foi ampliado... os resultados estão sob segurança máxima desde o dia oito de julho do ano retrasado. Dois dias depois que Brendan e os outros estiveram no Motel Tranqüilidade, em Nevada.

— O que poderia ser essa... “catástrofe total” que o grupo estudou? — Stefan perguntou e ouviu Michael repetir a resposta que o sr. X lhe dera quando ele fez a mesma pergunta. — Oh, Deus... bem que eu imaginava!

— Imaginava... — A voz do outro lado do fio parecia um eco. — Imaginava... que uma coisa assim... estivesse por trás dos problemas de Brendan?! O senhor acredita nisso?

— Não pense que eu tenha chegado a essa espantosa conclusão usando minha fantástica inteligência... Sei apenas que Cal Shark-le gritava alguma coisa parecida com isso... minutos antes de explodir a própria casa.

— Deus do céu... — Michael suspirou.

— Parece que estamos nos aproximando do limiar de um novo mundo. Você está preparado para o futuro?

— Eu sei lá! E o senhor?

— Ah, estou sim, claro. Mas há muitos perigos no caminho.

Ginger sabia que Jack Twist corria contra o tempo. Trabalhava numa espécie de frenesi, atendia a um e outro, auxiliando nas últimas tarefas antes da partida, mas não tirava os olhos da porta e das janelas. Parecia esperar que, a qualquer momento, chegassem os inimigos.

Levaram quase meia hora para se vestir, carregar as armas e ajeitar nas mochilas a munição extra. Depois, ainda precisaram arrumar o equipamento, distribuindo-o entre a camioneta dos Sarver e o jipe de Jack. Trabalhavam

sem parar de dizer banalidades, para confundir os homens que os escutavam de longe.

Por fim, às quatro e dez da tarde, deixando o rádio ligado bem alto para ganhar alguns minutos antes que os observadores dessem pela falta de gente, saíram pela porta dos fundos, sussurrando despedidas, como “até mais ver”, “cuide-se bem”, “vou rezar por você”, “vai dar tudo certo” ou “vamos acabar com aqueles filhos da puta”. Ginger percebeu que Jack e Jorja separaram-se com um longo abraço e viu que, ao se despedir de Mareie, Jack beijou-a como se fosse sua filha. Era pior que uma despedida de família, porque, por mais que alguns insistissem em rir e pular de entusiasmo, todos sabiam que alguns, talvez muitos, não voltariam a encontrar-se.

Reprimindo as lágrimas, Ginger chamou-os à realidade:

— Chega de despedidas! Temos que cair fora!

Com Ned na direção, os sete que iam para Chicago e Boston saíram primeiro. A neve caía pesada e, poucos passos adiante, já escondia o jipe. Ned tinha instruções para evitar a estrada principal enquanto pudesse, para enganar os vigias e manter-se o mais afastado possível do local onde Jack avistara o observador de binóculo. Assim, rumou para campo aberto, descendo pelo acostamento. O vento que zunia encobriu o ruído do motor até o jipe desaparecer completamente.

Ginger, Dom e Jack embarcaram na camioneta de Ned e seguiram a mesma trilha. Sentada entre os dois, Ginger olhava o jipe a sua frente, pensando se algum dia voltaria a ver os amigos que lá estavam. Fazia pouco tempo que os conhecia mas amava-os como se fossem gente sua, sua família. E tremia de medo por eles.

— “O amor dignifica o homem”, Jacob, seu pai, sempre dizia.

“Inteligência, coragem, amor, amizade, compaixão, empatia são as qualidades que diferenciam o ser humano”, explicava. “Algumas pessoas acham que a inteligência é nossa qualidade mais importante, pois nos permite resolver problemas, atingir objetivos, avaliar os riscos e vantagens... Sim, claro que isso tudo também conta! Mas de que serviria a inteligência, sem coragem, amor, amizade, compaixão, empatia? Nós, homens e mulheres, amamos nosso próximo... essa é nossa grande cruz... e a maior bênção de Deus!”

Parker Faine chegou a pensar que o piloto não conseguiria pousar e desviaria para outro aeroporto, mais ao sul. Enganou-se: o avião foi um dos últimos a aterrissar em Elko antes que o campo fechasse para pousos e decolagens. Parker desceu e atravessou a pista, protegendo com a mão enluvada o rosto que o vento fustigava como agulhas de gelo. A densa barba que cultivara durante anos fazia-lhe falta...

Logo que chegara a San Francisco, pela manhã, comprou um barbeador e uma tesoura, e correu para o banheiro do aeroporto. Sem hesitar, pôs-se a raspar a barba e, ao final da tarefa, examinou o próprio rosto sorrindo: estava mais bonito do que antes. Rapidamente tocou a cabeleira e olhou-se de perfil: maravilhoso!

— Está fugindo da polícia? — perguntou um homem que lavava as mãos na pia ao lado.

— Não — Parker respondeu, sem tirar os olhos do espelho, deslumbrado com a cara nova. — Estou fugindo de minha mulher.

— Então somos dois... — O outro suspirou, com desalento.

Para evitar ser identificado, guardou os cartões de crédito e comprou a dinheiro uma passagem para Reno, aonde, bendizendo a sorte, chegou a tempo de embarcar no último voo rumo ao terminal de Elko. Pagou a passagem também à vista e descobriu, com um suspiro conformado, que lhe sobravam vinte e um dólares no bolso. Que importava?! Dom, seu melhor amigo, precisava de ajuda... e ele precisava ir em seu socorro.

Agora em Elko, o primeiro passo era telefonar ao Motel Tranqüilidade. Correu a uma das duas cabines existentes no pequeno

terminal, ligou três vezes seguidas e... nada! Parker correu até o meio do saguão, olhando em volta, perguntou alguma coisa a um funcionário uniformizado que passava e descobriu que não poderia alugar um carro no aeroporto. Também não encontraria táxi, porque, com a tempestade, todos os táxis estavam ocupados na cidade. Tinha que arranjar uma carona. Virou-se para um lado, para o outro, e acabou colidindo de frente com um homem de cabelo grisalho, alto e magro.

— Sou padre, meu filho — disse o estranho. — Tenho que ir ao Motel Tranqüilidade. Um caso de vida ou morte. Tenho que ir ao motel... o mais ra-

pidamente possível. Pode me dar uma carona?

Dom ia sentado ao lado de Ginger, colado à porta da camioneta de Ned, tenso como nunca em sua vida. A frente, apenas a neve, infindáveis cortinas brancas que o carro rompia uma a uma, descobrindo que depois da primeira havia uma segunda, e outra, e outra, sem nunca acabar.

Cansado de contar cortinas de neve, ele concentrou-se no motivo de sua tensão. Concluiu que estava com medo de, como no caso dos jatos, lembrar-se de algo mais, talvez de tudo. O que te-ria acontecido depois da passagem do terceiro jato, em voo tão baixo que o fez jogar-se no chão?

A nevasca tornava a tarde ainda mais escura. Não eram nem cinco horas e já parecia noite fechada. De qualquer modo, Dom sabia que Jack ainda não podia ligar os faróis, principalmente por causa da neve. Refletida nos mi-lhões de pequenos cristais, a luz amarelada seria visível a quilômetros de distância e acabaria chamando a atenção dos vigias.

A certa altura do caminho, as marcas do jipe sobre a neve funda e macia dobraram para leste. Jack acompanhou-as com o olhar, pensativo, e seguiu em frente, rumo ao norte; dali em diante, guiou-se pelas indicações que Dom lhe fornecia, lendo a bússola.

Pouco mais à frente começava a subida da encosta. Dom chegou a pensar que Jack teria que voltar e seguir a trilha de Ned

para contornar a montanha em lugar de tentar escalá-la. Jack, porém, engatou a marcha, pisou fundo no acelerador e esperou que a tração nas quatro rodas conseguisse levá-los para cima. Aos solavancos, o motor gemendo com o esforço, o jipe começou a subir.

Entre Jack e Dom, Ginger sacolejava a cada tranco dos pneus no terreno acidentado. Aos olhos de Dom, parecia mais bonita do que nunca, o cabelo brilhando, ouro e prata, mais luminoso do que a neve.

Avançaram vários metros, morro acima, até atingir um primeiro platô, liso, de terra firme. De repente, Jack pisou no breque:

— Os jatos! — gritou.

‘ Dom ergueu os olhos para o céu, imaginando tratar-se de visão real. Mas não: Jack falava dos mesmos jatos que Dom vira ao sair do restaurante. Aviões do passado.

— Um... dois... três... quatro jatos! — exclamou Jack, de olhos fechados. — Voando baixo. Parece que vão cair em minha cabeça!

— Só me lembro de três — observou Dom.

— O outro apareceu quando saí do motel. Eu não estava no restaurante com vocês. Corri para fora de meu quarto e vi... acho que era um caça-bombardeiro... surgindo do nada, do meio da escuridão. Você tem razão... estava muito baixo! Uns doze, quinze metros. O quarto avião era o que voava mais baixo... foi ele que estourou as vidraças.

— E depois? — Ginger perguntou, a voz por um fio, com medo de espantar as lembranças de Jack.

— O terceiro e o quarto jatos, que voavam mais baixo, tomaram a direção da rodovia, quase batendo nos fios elétricos... Dava para ver as turbinas roncando, cor de fogo. Passaram por cima da estrada e se separaram: um foi para leste, o outro para oeste... Foram e voltaram. Eu... corri na direção do grupo que saía do restaurante. Eram vocês... Eu não sabia. Queria perguntar se tinham idéia do que estava acontecendo.

A neve batia no pára-brisa.

— É só... — Jack debruçou-se sobre o volante. — Não consigo me lembrar de mais nada.

— Fique tranqüilo... você vai se lembrar — Dom garantiu. — Os bloqueios já estão cedendo.

Jack engatou a marcha e seguiu em frente, rumo a Thunder Hill.

O coronel Leland Falkirk e o tenente Horner, acompanhados por dois sargentos da DERO armados até os dentes, tomaram um carro e rumaram para o ponto em que estava sendo montado o bloqueio da estrada. Dois grandes caminhões do Exército, atravessados sobre o asfalto, fechavam a estrada a leste. A oeste, a barreira situava-se dez quilômetros adiante do Motel Tranqüilidade. Por todos os lados viam-se lanternas de sinalização montadas sobre cavaletes. Seis soldados da DERO, com abrigos de inverno, policiavam a área. Três deles, naquele momento, andavam ao longo da fila de veículos que se formava junto à barreira, polidamente explicando a situação aos motoristas.

Leland desceu do carro e dirigiu-se ao sargento Vince Bidakian, encarregado do bloqueio.

— Como estamos indo? — perguntou.

— Até agora, tudo bem, senhor. Há pouco movimento por causa da nevasca. Muita gente parou em Battle Mountain para não viajar com esse tempo. Outros ficaram em Winnemucca. Os caminhoneiros devem ter preferido parar onde estavam, quando a nevasca começou. A fila está pequena. Vai demorar mais de uma hora até termos duzentos veículos por aqui.

A idéia era conseguir que os motoristas esperassem ali, sem lhes sugerir que voltassem a Battle Mountain. Os homens da DERO tinham instruções para explicar a todos que a estrada permaneceria bloqueada por no máximo uma hora e que o melhor a fazer era esperar um pouco e seguir viagem com segurança.

Um bloqueio mais demorado significaria engarrafamento, com todos querendo voltar até a cidade mais próxima, e exigiria notificação das autoridades locais.

Leland estava disposto a acelerar a operação só para não se envolver com a polícia, porque era inevitável que esta entrasse em contato com o comando militar... e mais cedo ou mais tarde descobririam que estavam lidando com um rebelde. Se conseguisse mantê-los a distância por apenas uma hora, ganhando tempo para completar a operação, resolveria tudo antes que eles aparecessem. Bastava-lhe uma hora para apanhar as testemunhas e levá-las para Thunder Hill, onde ninguém, nunca, poderia encontrá-las.

— Não se esqueça de providenciar para que os motoristas tenham gasolina suficiente para seguir viagem. Foi por isso que trouxemos nossos tanques.

— Já estamos providenciando, senhor. São as instruções que recebi.
— Bidakian perfilou-se.

— A polícia ainda não apareceu para meter o nariz?

— Ainda não, senhor. — O sargento passou os olhos pela pequena fila de carros parados. — Mas logo vai aparecer.

— Você sabe o que deve dizer a eles?

— Sim, senhor. Um caminhão que transportava materiais para Shenkfield sofreu um pequeno acidente. O acidente provocou um vazamento de substância tóxica, e nós achamos que seria prudente...

— Coronel! — O tenente Horner aproximava-se, correndo pela neve, tão cheio de casacos e abrigos de frio que parecia duas vezes mais gordo que o normal. — Uma mensagem do sargento Fixx, da escuta, em Shenkfield. Aconteceu alguma coisa com as testemunhas. O sargento não ouve vozes há quinze minutos, só um rádio tocando muito alto. Ele acha que não há mais ninguém no motel.

— Estão no restaurante...

— Não, coronel. Fixx acha que eles... foram embora...

— “Foram embora”... para onde?! — Leland nem esperou a resposta, em parte porque não queria ouvir, em parte porque sabia. Correu de volta para o carro.

Chamava-se Talia Erwy, e era igualzinha a Marie Dressler, a parceira de Wallace Beery naqueles divinos filmes antigos. Na verdade, parecia mais alta e maior que Dressler, que a seu lado seria uma mulher miúda, apesar dos ossos grandes, do rosto redondo, da boca enorme e do queixo duro. De qualquer modo, Talia era a mais fantástica das mulheres aos olhos de Parker Faine, não só porque concordava em lhes dar uma carona, como também porque insistia em não receber um vintém.

— Para mim vai ser ótimo — disse, rindo um pouco como Marie Dressler. — Não tenho nada para fazer. Sabem qual era meu programa? Ir para casa e preparar alguma coisa para comer... sozinha. Sou péssima cozinheira... Vocês apareceram na hora certa. Assim posso adiar por alguns minutos o suplício de comer meu horrível bolo de carne... Sou eu que agradeço!

Talia dirigia um carro velho, com mais de dez anos, porém bem equipado, com pneus de neve e correntes. Fez cara feia quando Parker perguntou se o carro andava.

— Meu “Velhão”?! Vocês não o conhecem. O “Velhão” chega a qualquer lugar do mundo, faça chuva, faça sol... ou neve. Entrem aí.

Parker sentou-se ao lado dela, e o padre Wyczazik acomodou-se no banco de trás. Não rodaram nem dois quilômetros quando ouviram, pelo rádio, a notícia do vazamento de gás e do bloqueio da rodovia.

— Filhos da mãe, incompetentes, burros... Talia aumentou o volume do rádio e ergueu a voz, para que os dois ouvissem, ao mesmo tempo, as notícias e sua opinião sobre os militares. — Uma droga perigosa, e eles aí, nos caminhões, para lá e para cá, como malucos! Em dois anos, é a segunda vez que esses venenos pingam por aí!

Nem Parker nem Stefan conseguiram responder, sequer com um rápido olhar de simpatia. Começava o último ato da tragédia.

— E agora? — ela perguntou virando-se um para o outro. — O que querem que eu faça?

— Há algum lugar onde possamos alugar um veículo com tração nas quatro rodas? Um jipe talvez...

— Há uma loja que vende jipes.

— E será que você nos levaria até lá? — Parker perguntou, sorrindo.

— Eu e o “Velhão” podemos levá-los aonde quiserem, mesmo que caiam canivetes.

O vendedor não era colorido e animado como Talia; ao contrário: Felix Schellenhof era cinzento e sorumbático da cabeça aos pés. Roupa cinzenta, voz cinzenta. Disse a Parker que não alugavam carros por dia. Claro, tinham vários jipes à venda, mas era impossível concluir uma venda em vinte minutos. No caso de financiamento, precisariam de vinte e quatro horas para avaliar o crédito do comprador. Não aceitavam cheques de outros Estados. Só vendiam à vista e em dinheiro.

— Vou pagar com cartão de crédito — anunciou Parker, enfiando a mão no bolso.

Impossível. A loja aceitava cartões apenas para a compra de acessórios. Nunca, em tempo algum, aparecera alguém querendo pagar um jipe inteiro com cartões de crédito. Um carro... mediante um simples retângulo de plástico!

— Meu cartão não tem limite de compra. Veja... quando estive em Paris, certa vez, passei por uma galeria e vi um quadro de Dali exposto. Lindo!

Custava trinta mil dólares... e a galeria concordou em vendê-lo...

Com gestos de cinzenta polidez, Schellenhof levantou-se para dispensá-los.

— Pelo amor de Deus! Trate de nos vender esse jipe logo! — Stefan levantou-se e esmurrou a mesa, vermelho da testa ao pescoço. — É um caso de vida ou morte. Pegue esse telefone e ligue para a empresa do cartão de crédito. — Outro murro na mesa. — Pergunte se autorizam a venda. Mas seja rápido! — Deu o terceiro murro, definitivo.

A fúria divina, ou os músculos de Stefan, ou as duas coisas juntas venceram o homem. Sem dizer nada, ele pegou o cartão e correu para o telefone.

— Sim, senhor! — Parker exclamou, perplexo. — Se o senhor fosse um desses pregadores que aparecem na televisão, estaria milionário!

— Não estou interessado em ser milionário, mas já sacudi pelo colarinho um ou dois pecadores até fazê-los descobrirem a verdade de Deus.

— Não tenho dúvidas...

Schellenhof voltou, menos cinzento do que antes, porque a venda fora aprovada e ele antevia a comissão. Trazia uma dúzia de formulários e mostrou a Parker onde assinar.

— Que semana... — quase sorriu. — Na segunda-feira me apareceu um maluco que comprou um jipe e pagou em dinheiro... um saco de notas de vinte dólares! Deve ter ganho no cassino. E agora vocês... A semana mal começou!

— Que emoção! — Parker fez uma careta e pôs-se a assinar os formulários.

O padre Wyczalik apanhou o telefone e pediu à telefonista que fizesse uma ligação a cobrar para Chicago, em nome de Michael Gerrano. Mal o cura o atendeu, Stefan contou-lhe sobre Parker e o bloqueio da rodovia. Depois, aproveitando-se do momento em que Schellenhof se afastou, disse algo que surpreendeu o pintor:

— É possível que nos aconteça alguma coisa ainda hoje. Portanto, no instante em que eu desligar, telefone para Simon Zolderman, na redação do

Tribune, e conte-lhe tudo. Abra o jogo. Conte a ele as ligações com o caso do policial Tolk, com Emmy Halbourg, com Cal Sharkle, tudo! Conte a ele o que aconteceu em Nevada há quase dois anos, naquele verão. Conte-lhe o que eles viram. Se ele não acreditar, diga que falou comigo, que eu mandei você procurá-lo e que eu *sei* que é tudo verdade. Simon me conhece e sabe que sou duro de convencer.

Quando Stefan desligou, Parker arregalou os olhos.

— O senhor... *sabe*? Sabe o que aconteceu no motel?

— Acho que sei. Eu explico pelo caminho.

Ned dirigia o jipe rumo a leste, com Sandy e Faye ao lado, olhando para a vasta imensidão branca que parecia cobrir o mundo.

No banco de trás, apertado entre Brendan e Jorja com Mareie no colo, Ernie tentava convencer-se de que não se renderia ao medo no momento em que as últimas fracas luzes do dia desapareces-

sem. Confiava nas lembranças de Dom. Se este conseguiu lembrar-se dos jatos, ele também poderia e então estaria livre para sempre.

— Chegamos à estrada municipal — Faye anunciou. Doze quilômetros adiante ficava a entrada de Thunder Hill.

— Depressa, Ned — Sandy tocou o braço do marido.

Todos pensavam no mesmo problema: estavam em plena estrada, a poucos quilômetros de Thunder Hill. A qualquer momento podia aparecer um guarda, até por acaso, e descobri-los.

Ned pisou no acelerador, atravessou a estrada e voltou ao terreno acidentado do outro lado, fazendo tudo tão rápido que Brendan e Jorja foram jogados sobre Ernie, encolhido no banco. Novamente esconderam-se entre cortinas de neve e rumaram para a próxima estrada municipal, dois quilômetros a leste. Ali, afinal, estariam a caminho da última estrada, paralela à rodovia, que os levaria a Elko.

Ernie espiava pela janela e via a noite chegando.

Não... era bobagem gastar energia numa fobia idiota. Como podia ter medo do escuro quando tantas ameaças reais pesavam sobre sua cabeça, sobre Faye, sobre os amigos? Era muito fácil perder-se no meio de uma tempestade, fora da estrada. Era fácil não ver um buraco coberto de neve e cair

antes de perceber o que se passava. Ned com certeza já adivinhava o perigo, pois agora dirigia devagar, atento aos acidentes do terreno.

Vou temer o que vale a pena temer, Ernie pensou, franzindo a testa numa careta zangada. Não tenho medo do escuro, droga!

Como se ouvisse seu pensamento, Faye virou-se para trás e sorriu para o marido. Ernie fitou-a nos olhos e fez-lhe um sinal de positivo com o polegar, quase sem tremer. Faye ia dizer alguma coisa, chegou a levantar a mão para devolver-lhe o sinal... e foi então que Mareie gritou.

Sentado no escritório de Thunder Hill onde trabalhava, nas entranhas da terra, o dr. Bennell pensava, mergulhado na penumbra, terrivelmente preocupado. A única luz existente vinha da pequena janela que se abria para o vão central da grande caverna

do segundo piso e era insuficiente para iluminar o salão subterrâneo. Na mesa, a sua frente, estavam as seis laudas datilografadas que lera e relera centenas de vezes e quase conhecia de cor: o perfil psicológico de Leland Falkirk, roubado do computador central que guardava as fichas pessoais dos soldados da DERO escalados para a segurança de Thunder Hill.

Doutor em biologia e química, estudioso de física e antropologia, músico formado em violão e piano, autor de livros tão diferentes quanto um tratado de neuro-histologia e uma tese sobre a obra de John D. MacDonald, conhecedor de vinhos finos, apaixonado pelos filmes de Clint Eastwood — o que o credenciava como o último dos iluministas vivos em pleno fim de século 20 —, Miles Bennell era entre outras coisas uma autoridade mundial de informática. Uma paixão que lhe vinha dos tempos de estudante.

Dezoito meses antes, quando o trabalho que o retinha ali o obrigou a ter freqüentes contatos com Leland Falkirk, Bennell descobrira que o coronel sofria de graves perturbações mentais, que o tornariam inapto para o serviço militar, não fosse ele uma espécie muito rara de louco. Leland sabia usar a própria loucura para transformar-se em máquina eficiente e produtiva, sem deixar de comportar-se como se fosse normal. A partir daí Miles decidiu informar-se sobre ele. Por que parecia sempre tão tenso? Que tipo de estímulo o fazia descontrolar-se? As respostas estavam nos computadores da unidade sob seu comando, e Miles começou a usar seu próprio terminal para ter

acesso aos arquivos da base da DERO e aos dossiês ultra-secretos de Washington.

Quando afinal descobriu o texto que tinha à sua frente, o perfil psicológico de Leland Falkirk, sentiu calafrios, mas decidiu não abandonar o projeto de Thunder Hill, mesmo com risco adicional de ter que conviver com um homem desequilibrado e perigoso como o coronel. Não havia perigo imediato, desde que tratasse Falkirk com o respeito e a solenidade que sua loucura parecia exigir. Não podia descuidar-se; qualquer deslize, e Leland saberia que havia alguma coisa por trás da reverência. Mas não correria tal risco, desde que o tratasse com polidez e o mantivesse a distância.

Tudo correu razoavelmente bem até que, de repente, Falkirk tomou o poder, assumiu o controle absoluto da operação. E ali estava Bennell, com o grupo de cientistas reunidos para o projeto, à mercê de um louco varrido. Enterrados vivos em Thunder Hill, à espera de que Leland decidisse o que fazer com eles, julgando-os conforme um código alucinado de inocentes e culpados.

O psicólogo militar — mais militar que psicólogo — encarregado de redigir o perfil do coronel, escrevia mal e, embora declarasse seu paciente “excepcionalmente apto” para cumprir suas funções, não deixava de observar alguns fatos intrigantes. Para Miles, excelente psicólogo e cientista habituado a ler nas entrelinhas, o texto era claro. E terrivelmente assustador. Em primeiro lugar, porque afirmava que Leland Falkirk temia e ao mesmo tempo desprezava todas as formas de religião. Sabendo que, para muitos de seus colegas, o amor a Deus confundia-se com o amor à pátria, o coronel fizera o possível e o impossível para ocultar seus sentimentos anti-religiosos. A explicação parecia simples: infância numa família de fanáticos. Sintoma que, em muitos casos, não seria grave, mas que, dadas as circunstâncias do projeto em pauta, tornava-se muito sério. Porque havia boa dose de mistério e misticismo no segredo de Thunder Hill, o que talvez disparasse os mecanismos de rejeição mais alucinados de Leland Falkirk.

Além disso, Leland era obcecado pela necessidade de controlar tudo e todos. Sua necessidade de manter o controle era uma compulsão, muito facilmente explicável, pois não passava de um reflexo de medo de ser derrotado

pelos próprios fantasmas pessoais. Sem um controle rígido, a loucura viria à tona, fazendo-o perder as divisas, o prestígio e o poder.

Miles estremeceu, pressentindo a terrível pressão que o segredo de Thunder Hill exercia sobre aquele cérebro doente. Como ninguém, Falkirk sabia que um dia tal segredo seria descoberto e divulgado aos quatro ventos, escapando a seu controle. A tensão era suficiente para que, de repente, o coronel explodisse por dentro para sempre, ou para fora — e neste caso ele se trans-

formaria numa bomba viva, com poder suficiente para destruir o planeta.

Em terceiro lugar, Falkirk sofria de claustrofobia aguda, que se acentuava em locais subterrâneos. Resquícios de medo infantil de “arder para sempre no inferno”, como seus pais não cansavam de repetir. A claustrofobia levava-o a desconfiar de qualquer pessoa que, como ele, vivesse nas profundezas da terra.

O pior fora deixado para o fim do relatório: Leland Falkirk era masoquista compulsivo. Gostava de sentir dor e medo. Isso poderia levá-lo, sem pensar muito, a adotar algum tipo de “solução final” para si próprio e para todos os que conheciam o segredo. Inventaria alguma coisa como sacrificar-se pela humanidade, ou entregar-se para salvar o mundo... Só Deus sabe do que seria capaz!

Miles cobriu o rosto com as mãos e baixou a cabeça. Não era o temor à morte que o desesperava. Nem o medo de ver morrerem seus companheiros de pesquisa. Era mais que isso. Se Falkirk resolvesse matá-los para que não revelassem o segredo, estaria negando a única chance de conseguir, depois de milênios, vencer a fome, a miséria, a morte e a dor. Estaria roubando à humanidade o prêmio da transcendência.

Na cozinha dos Block, Leland Falkirk folheava o álbum de Mareie: luas e mais luas, vermelhas, cor de sangue.

Do lado de fora do motel, doze homens da DERO vasculhavam o chão à procura de pistas, passando informações um para outro, aos gritos, por causa do vento que assobiava forte.

Respirando compassadamente, contando até três antes de deixar sair o ar dos pulmões, num exercício que sempre o fazia relaxar, Falkirk virava uma a

uma as páginas do álbum de Mareie: luas vermelhas, centenas delas.

O tenente Horner subiu as escadas e apareceu na porta da cozinha:

— Revistamos os vinte quartos do motel. Estão vazios. Eles escaparam pelos fundos. Há marcas de pneus na neve lá trás. Mas são muito fracas. Continua nevando, e a neve está encobrindo as marcas. De qualquer modo, eles não podem estar longe.

— Mandou alguém atrás deles? — Falkirk perguntou.

— Ainda não. Mas reuni alguns homens, que só esperam suas ordens.

Leland respirou fundo, um-dois-três, para dentro e para fora, até sentir que a voz soaria calma, normal; então ordenou:

— Diga-lhes que saiam já.

— Sim, senhor. Vamos apanhá-los em menos de meia hora.

— Tenho certeza disso. — A voz, rigorosamente sob controle, confirmava o perfeito chefe militar no comando de seus homens. — Depois de despachar os soldados, encontre-me lá embaixo e leve um mapa de toda a região. Eles estão tentando chegar a Elko por alguma estrada municipal. Vamos descobrir qual é e interceptá-los na metade do caminho, quando menos esperarem.

— Sim, senhor.

Horner desceu, os passos apressados soando pela escada. Falkirk voltou a folhear o álbum. Já na rua, o tenente gritava instruções para os soldados. Outra folha coberta de luas vermelhas, e outra, e mais outra.

A frente do motel, os carros acionavam os motores. Oito homens, divididos em dois grupos de quatro, um em cada carro, partiam no encalço dos fugitivos.

Leland ainda folheou o álbum, tocando com a ponta da unha os recortes colados. De repente, sem mover um músculo do rosto, apanhou o álbum e jogou-o com força contra a parede. Alguns recortes soltaram-se e flutuaram no ar, antes de cair num movimento suave e ondulante. Sobre o aparador, Falkirk viu uma jarra de cerâmica: um ursinho risonho com as patas dianteiras sobre a barriga. Apanhou-a e atirou-a ao chão, ficando a ouvir o tilintar dos cacos sobre as lajotas. Biscoitos espalharam-se sobre as folhas arrancadas do álbum, misturando-se aos cacos. Depois foi o rádio de pilha que voou

na direção das lâmpadas e espatifou-se sobre o piso. O açucareiro bateu na porta, esparramando seu conteúdo para todo lado. A cesta de pão alvejou a parede. A cafeteira automática rebentou o vidro do fogão.

Na cozinha em desordem, apenas o ronco da agitada respiração de Leland cortava o silêncio. Passada a fúria, o coronel começou a controlar-se, inspirando... um-dois-três, expirando... um-dois-três. Calmamente, quando a respiração se normalizou, ele saiu da cozinha, desceu a escada e aproximou-se da mesa onde Horner o esperava, sentado à frente do mapa aberto. Calmamente, os dois debruçaram-se sobre a mesa e começaram a planejar a operação de interceptação.

— A Lua! — Mareie gritou. — Mamãe... Olhe! A Lua! Mas, por quê, mamãe?! Olhe só... a Lua!

Esbravejando, sem parar de gritar, a menina saltou do colo de Jorja, que inutilmente tentou segurá-la. Assustado com os gritos, Ned brecoou o jipe. Mareie esmurrava a janela, ao lado de Ernie, sem saber o que fazer para escapar da lembrança que começava a voltar. Ernie agarrou-a com força e entregou-a a Brendan. A menina ainda gritava, presa entre os braços do padre mas, aos poucos, foi se acalmando até que parou de gritar e recomeçou sua cantilena monótona:

— A Lua... A Lua... — Alguns instantes depois, voltou a agitar-se.

— Oh, não deixe que eles me peguem... Não deixe, por favor...

— Assustada, os olhos arregalados, Mareie saltou do colo de Brendan e pendurou-se ao pescoço de Ernie.

— Acalme-se, querida... Está tudo bem. E claro que não vou deixar que levem você. Está tudo bem.. — Ernie abraçou-a, acariciando-lhe a cabeça.

Ned engrenou a marcha, e o grupo outra vez mergulhou na escuridão da nevasca.

Depois de meses de terror, desesperado cada vez que pressentia a aproximação da noite, Ernie pela primeira vez sentia-se feliz, em paz, descobrindo que havia alguém, no mundo, que precisava muito de sua força e de sua coragem. Estreitando a menina contra o peito, Ernie afagava-a e secava-lhe

as lágrimas, falava baixinho para consolá-la. E esquecia-se da noite, já escura, já cobrindo o mundo, colada aos vidros do jipe.

Jack dirigia a camioneta rumo a leste, até que, afinal, chegou à estrada que Ned deveria ter atravessado alguns minutos antes. Então dobrou e rumou para o depósito de Thunder Hill, seguindo o mesmo caminho que Dom e Ernie haviam percorrido de manhã.

Quanto mais subiam a montanha, mais forte nevava.

— Aquelas lâmpadas acesas, lá longe, são a entrada do depósito — informou Dom, apontando duas lâmpadas de vapor de mercúrio que brilhavam vagamente entre os flocos de neve.

Jack mal conseguia ver o perfil da guarita, longe, além da cerca. Desligou os faróis e diminuiu a marcha, dando-se tempo para habituar-se à falta de luz. Quanto ao ruído do motor, não havia razão para se preocupar, pois todos os ruídos sumiam, perdidos nos gemidos do vento. Pouco se via do caminho à frente, já que os limpadores de pára-brisa estavam grudados aos vidros, pesados de neve, começando a congelar.

— Acho que poderíamos acender os faróis — Ginger sugeriu, a voz tensa, os olhos colados à estrada.

— Nada disso. Temos que ir no escuro até lá.

No motel, Leland Falkirk e o tenente Horner continuavam analisando as possíveis rotas de fuga, quando voltaram os soldados encarregados de seguir as testemunhas. Não conseguiram acompanhar a trilha, por causa da neve e do vento. As marcas dos pneus desapareciam a poucos quilômetros dali. De qualquer modo, havia indícios de que pelo menos um dos carros rumara para o leste. Como não havia motivo para supor que as testemunhas pretendessem separar-se, a conclusão óbvia era que os dois carros seguiam na mesma direção.

— Claro, estão todos indo para Elko — Leland comentou, sem desviar os olhos do mapa. — E a única via de acesso para fora do Estado. As duas outras alternativas, Battle Mountain ou Win-nemucca, são muito distantes e pequenas demais para que eles possam esconder-se lá.

O tenente Horner apontou para o mapa com o dedo gordo como um charuto.

— Esta é a estrada que passa por trás do motel e vai até Thunder Hill — explicou. — Já devem ter chegado à estrada e estão seguindo para o leste.

— Por onde terão que passar para chegar a Elko?

— Só há um caminho... Vista Valley. Sete quilômetros a leste da estrada que vai até o depósito. — O tenente Horner levantou a cabeça e olhou para Falkirk.

O dr. Miles Bennell ouviu alguém bater à porta e gritou:

— Entre! Está aberta.

— O que está fazendo, sentado no escuro? — perguntou o general Alvarado. — Se Falkirk o visse aí, mandaria prendê-lo por “atitude suspeita”.

— Falkirk está louco e você sabe disso, Bob.

— Descobri tarde demais. Passei meses dizendo e repetindo que ele era um excelente oficial, embora muito preso aos manuais e “esquentado” demais. Hoje à noite, porém, descobri que você tem razão. O homem quer ir contra a corrente remando com um remo só. Acabo de receber um pedido dele. Na verdade, uma ordem. Quer que todo o pessoal residente em Thunder Hill seja recolhido aos alojamentos e permaneça confinado até “ordens posteriores”. Dentro de alguns minutos vou transmitir a ordem pelo sistema de som da base.

— E ele não disse por que queria isso?

Alvarado puxou uma cadeira para junto da mesa e sentou-se. A luz que vinha dos fundos da caverna iluminava-lhe os pés, as pernas e metade do tronco, mas deixava o rosto mergulhado em penumbra.

— Está trazendo as testemunhas e não quer que ninguém alheio ao segredo as veja. Não sei se é verdade, mas foi o que me disse.

Atônito, Bennell debruçou-se sobre a mesa.

— Mas se ele está pensando numa segunda lavagem cerebral, o melhor seria manter as testemunhas no motel, como da outra vez — argumentou. — Você sabe se ele já mandou chamar os malditos “lavadores”?

— Tanto quanto sei, ninguém está sendo esperado em Thunder Hill. Falkirk não chamou os monstros. Deve estar convencido de que não será possível manter o plano original. Falou que é para você estudar cuidadosa-

mente dois deles, o padre Stefan e Dom Corvaisis. Disse que talvez já não sejam humanos. Mas disse também que andou pensando na conversa que teve com você e chegou à conclusão de que talvez você tenha razão e ele esteja sendo rigoroso demais... Quer que você examine as testemunhas e faça um relatório, especificando os dons que têm manifestado. Dependendo do resultado, ele poderá poupá-las. Caso seu relatório não deixe margem a dúvidas sobre a real situação dessas pessoas, Falkirk suspenderá a segunda lavagem cerebral e encaminhará sugestões aos superiores, em Washington, recomendando que o segredo seja divulgado.

--- É bom demais para ser verdade... Não acredito nele, Bob.

Miles estendeu a mão para acender as luzes, mas o general o deteve, pedindo:

— Não acenda, por favor. Assim, no escuro, é mais fácil falar com franqueza. — Cruzou os braços, silenciou por alguns instantes e perguntou: — Diga... foi você quem mandou as fotos para Dom Corvaisis e para Block? — Como não obtivesse resposta, continuou: — Somos amigos... Pelo menos, tenho tido a impressão de que podemos confiar um no outro. Jamais encontrei alguém com quem pudesse jogar xadrez e pôquer... Você é bom nos dois. Por isso vou lhe contar a verdade. Fui eu que atraí Jack Twist para cá.

— *Você...* mas como?! Por quê? — Bennell arregalou os olhos.

— Soube que algumas testemunhas começavam a se lembrar e estavam tendo problemas psicológicos em função disso. Achei então que só teriam chance se viessem para cá e criassem tanta confusão que as autoridades acabassem obrigadas a revelar a verdade.

— *Mas por quê?!*

— Porque descobri que é impossível mentir tanto.

— E resolveu sabotar o plano... de Falkirk. Poderia ter sido mais direto. Falar com o chefe do Estado-Maior, por exemplo.

— Não quis correr o risco de desobedecer ordens superiores. — Alvarado respirou fundo. — Não quis arriscar minha aposen-

tadoria, que está próxima, nem a pensão que sustenta minha família. E também... tive medo de que Falkirk mandasse me matar.

Miles vivia pensando na mesma possibilidade.

— Comecei com Twist — prosseguiu o general porque é o único homem do grupo do motel com capacidade e experiência de combate suficientes para organizar um exército civil capaz de derrotar Falkirk. Quanto a descobrir os bancos, identidades e códigos, foi fácil. Bastou dar uma olhada nos arquivos do interrogatório e das sessões de lavagem cerebral. Fíá até cópias das chaves dos cofres. Idéia de Falkirk, para o caso de, algum dia, ser necessário chantagear Jack ou apresentar provas que o mandassem para a prisão. Em dezembro, quando tive a folga de dez dias, fui para Nova York e enchi os cofres com cartões-postais que levei daqui. Foi fácil.

— E muito engenhoso... — Miles sorriu, deslumbrado, para a sombra do rosto do amigo. — Jack Twist deve ter enlouquecido quando encontrou os postais. E Falkirk jamais descobriria como os cartões entraram nos cofres. Pelo menos não poderia provar nada contra você.

— Espero que não. Tomei todos os cuidados possíveis... nunca toquei nos cartões sem usar luvas, por exemplo. A idéia inicial era dar algum tempo para Twist reorganizar as idéias. Depois, bastaria dar alguns telefonemas anônimos para as testemunhas, falar-lhes sobre seus problemas psicológicos, fornecer-lhes o número do telefone de Twist e sugerir que o procurassem. Foi então que soube das fotos, e meu plano não precisou seguir adiante. Como Falkirk, também não tenho dúvidas de que o homem que mandou as fotos continua em Thunder Hill e conhece o segredo. Como é? Vai se abrir, ou eu fico falando sozinho, como pecador em confessionário?

Bennell baixou os olhos para a mesa onde deixara as laudas do perfil psicológico de Falkirk. Respirou fundo, recostou-se na cadeira e declarou:

— Gosto de jogar xadrez com você porque pensa como eu. E gosto de jogar pôquer porque você é tão doido quanto eu... Dois gênios! E verdade, amigo... Fui eu que mandei as fotos.

— Ah... — Alvarado esticou as pernas grossas e relaxou. — Agora me sinto melhor. Mas... por que Corvaisis? É fácil entender que você quisesse cutucar os Block. Afinal, vivem aqui, e as outras testemunhas acabariam chegando a eles. Mas... Corvaisis?!

— Porque é escritor, um homem de imaginação. Cartas anônimas, falando das crises de sonambulismo e dos sonhos que só ele conhecia, e estra-

nhas fotos de gente desconhecida acabariam por despertar-lhe a curiosidade e o fariam reagir antes dos outros. Isso, sem falar que acaba de lançar um livro que os jornais já comentavam antes do lançamento. Se Corvaisis precisasse de espaço na imprensa, teria mais facilidade em consegui-lo do que qualquer outro.

— Somos dois gênios...

— E... Geniais demais... O plano funcionou, mas foi um pouco lento. Eles precisavam ter chegado antes. Ou talvez, se tivéssemos um pouco de coragem para enfrentar Falkirk, não seria necessário arriscar tantas vidas.

— Por que acha que vim procurá-lo e contar tudo? — Alvarado perguntou, depois de um instante de silêncio.

— Porque precisava de um aliado. Porque, como eu, você também não acredita na regeneração de Falkirk. Não acredita que, de um instante para outro, ele tenha-se transformado em homem sensato. E também não acredita que esteja trazendo as testemunhas para cá a fim de serem examinadas.

— Ele vai matar as testemunhas, os militares e os cientistas que trabalham aqui, começando por nós dois. Vai nos matar a todos.

O alto-falante embutido tocou uma sirene de alerta, uma pequena luz vermelha acendeu-se na parede, e logo o subterrâneo foi invadido pela voz do general Alvarado: o pessoal de serviço em Thunder Hill deveria recolher-se aos alojamentos e lá permanecer até ordens posteriores. Antes disso, porém, todos, civis e militares, deviam apresentar-se ao almoxarifado e identificar-se para receber armas que levariam para os alojamentos e usariam quando e como lhes fosse oportunamente indicado.

Alvarado levantou-se e aproximou-se do amigo.

— Ouviu? Quando estiverem armados e recolhidos, vou reuni-los e comunicar-lhes que houve um motim liderado por Falkirk e seus malditos asseclas; que a idéia de mantê-los confinados foi de Falkirk, mas que a idéia de armá-los foi minha.

— Quando Leland mandar seus cachorros para a execução geral, quero que nossos homens tenham uma chance de defender-se. Mas espero que consigamos detê-lo antes de chegar a esse extremo.

— Vou receber uma arma também? — Bennell ergueu-se.

O general dirigiu-se para a porta, mas parou antes de abri-la.

— Você, antes de qualquer outro — respondeu. — Use um de seus aventais de laboratório, bem largos, e leve a pistola escondida na cintura. Vou vestir meu abrigo de inverno e também estarei com a pistola escondida. Quando desconfiarmos que Falkirk está pronto para ordenar o massacre, faço-lhe um sinal... Eu mato Falkirk, e você mata o tenente Horner. Não perca um segundo, porque Horner tentará nos matar tão logo perceber que queremos Leland. Quando eu sacar a pistola, Horner vai atirar em mim... e é muito importante que eu sobreviva. — Alvarado virou-se e sorriu. — Não só porque quero gozar minha merecida aposentadoria, mas principalmente porque sou general e, com Falkirk morto, tenho autoridade para ordenar que os homens da DE-RO deponham as armas. Entendeu?

Miles fez que sim com a cabeça.

— E está preparado? — perguntou o outro. — Acha que é capaz de matar um homem?

— Fique tranqüilo. Não vou deixar Horner acabar com você. Não só porque não quero perder um grande parceiro de xadrez e pôquer mas, principalmente, porque você é o único general que conheço que leu a obra completa de T.S. Eliot.

— “Acho que chegamos ao fim do caminho. Onde os mortos deixam os ossos” — Alvarado declarou, com um sorriso. — Veja -que ironia! Quando eu era menino, há muito tempo meu pai di-

zia que minha “mania de poesia” ia me tornar efeminado. Hoje, sou general de cinco estrelas e cito Eliot para agradecer ao homem que precisará matar para salvar minha vida... Vamos ao al-moxarifado?

Bennell aproximou-se e, antes de sair, perguntou:

— Você está bem consciente de que Falkirk cumpre ordens do comandante do Estado-Maior do Exército? Quando você o matar, o general Riddehour e, talvez, o próprio presidente vão cair em cima de você.

— Que se dane o comandante! — Alvarado riu e pousou a mão no ombro do amigo. — Que se danem os políticos, que querem transformar o Exército num clube de comadres fofoqueiras. Mesmo que Falkirk leve para o inferno o código de saída, em dois ou três dias estaremos fora daqui, nem que

seja preciso dinamitar a porta ou desmontá-la, parafuso por parafuso. E então... seremos os dois homens mais importantes deste infeliz planeta. Talvez duas das personagens mais importantes de toda a História, em todos os tempos. Desde Maria Madalena, na manhã da Páscoa, ninguém teve notícia tão importante para contar ao mundo.

O padre Wycazik encarregou-se de dirigir o jipe, uma vez que, desde o Vietnã, tinha certa prática com veículos de tração nas quatro rodas. Verdade que não nevava no Vietnã, mas o jipe é jipe. A pressa e a angústia com o que estaria acontecendo a Brendan faziam-no esquecer o perigo e despertavam lembranças dos dias terríveis do passado, quando transportava feridos ou medicamentos por estradas impossíveis com balas zunindo sobre a cabeça. Voltavam-lhe a energia da juventude, a força e a coragem de seus primeiros anos de carreira. Por isso Deus o chamara para o sacerdócio: às vezes, em momentos de desespero, um padre precisa ter músculos de aço, coragem de leão e alma de aventureiro.

Com a rodovia interdita, só lhes restava a estrada estadual, que mal se via debaixo da neve. Apenas os olhos-de-gato amarelos, à margem da estrada, sinalizavam o caminho, e Stefan guiou-

se por eles. Para avançar rumo ao Motel Tranqüilidade, felizmente contavam com a bússola e o mapa da região que haviam comprado.

Durante a viagem, o padre falou que sabia a respeito do relatório mencionado por Michael Gerrano; por fim, concluiu:

— Pelo que me disse o tal senhor X, acho que o relatório é um caso típico de malversação dos fundos públicos... Um bando de cientistas... alguns razoavelmente sérios, outros completamente doidos, reunidos para analisar as conseqüências de um evento que, na opinião de todos, jamais aconteceria... Até que aconteceu.

— Aconteceu... o quê? — Parker tirou os olhos do mapa e virou-se para Stefan.

— O bando autodenominou-se Grupo de Estudos sobre Contatos de Terceiro Grau. O nome diz tudo, não acha?

Parker estava perplexo.

— Então... o que aconteceu... Não! Não pode ser! O senhor está dizendo que... meu amigo Dom teve contato com... seres de outro planeta?!

— Exatamente... Alguma coisa desceu do céu naquela noite, seis de julho do ano retrasado.

— Jesus! — Parker colocou a mão na boca.

— Desculpe, não é nada pessoal... Disse “Jesus” assim, por dizer... Não é possível! Deus do céu... Puta que pariu! Perdão, padre, perdão! E que... merda... é *demais!* Nossa Senhora...

— Acho que, dadas as circunstâncias, Deus não vai se ofender com essa mistura de blasfêmias que você está vomitando... — ria Stefan. — O que interessa é que o tal grupo, conhecido por alguns como GETRAU, passou anos estudando o que aconteceria à humanidade se, por acaso, a Terra fosse invadida ou visitada por seres de outro planeta.

— Mas que besteira! Gastar massa cinzenta para descobrir uma coisa que qualquer criança acostumada a ver filmes de ficção científica responderia na hora! Seria fantástico, maravilhoso, lindo... descobrir que não estamos sozinhos no espaço! Eu sei, o senhor sabe, qualquer idiota sabe... Desculpe mais uma vez... O senhor não é idiota, só eu.

— Talvez. De qualquer modo, você há de concordar que uma coisa é ver seres extraterrestres no cinema, e outra, bem diferente, é encontrá-los em casa, à noite. A verdade é que vários cientistas veem nesses contatos algumas ameaças graves. Antropólogos e historiadores observam o seguinte: ao entrar em contato com culturas mais evoluídas, as culturas primitivas tendem a sofrer um colapso em suas instituições... Os primitivos perdem a fé nos valores de seu mundo, nos dirigentes, nos próprios deuses. Isso aconteceu com os esquimós, por exemplo, quando os brancos invadiram suas terras. Cresceram assustadoramente as taxas de alcoolismo entre a população, a família desintegrou-se, aumentou o número de suicídios. E não pense que os brancos queriam acabar com os esquimós. Claro que não! Chegaram como amigos... Mas levavam uma cultura mais sofisticada, mais complexa... O contato foi devastador para os esquimós. Perderam o orgulho, a auto-estima, e jamais se recuperaram. E o GETRAU acha que a mesma coisa poderia acontecer com todos nós se depararmos com uma cultura superior.

Stefan parou de falar e, no mesmo instante, breiou o jipe. A estrada acabava de repente.

Parker acendeu a luz interna, debruçou-se sobre o mapa, estudou-o por alguns instantes e, apontando para a esquerda, disse:

— Por ali. Vamos rodar quatro quilômetros para oeste, atravessar a estrada de Vista Valley, voltar para o chão bruto e seguir adiante, uns dez quilômetros, até chegarmos ao Motel Tranqüilidade, pelos fundos.

— Fique de olho nesse mapa. Deus só ajuda a quem se ajuda — proclamou Stefan, recolocando o veículo em movimento.

Após alguns momentos de silêncio, Parker voltou ao assunto:

— O tal senhor X entrou nesse tipo de detalhe com o padre Gerrano? Falou sobre os esquimós... sobre a posição de GETRAU...?

— Disse algumas coisas...

— ... e outras o senhor mesmo concluiu...

Stefan sorriu, calou-se por instantes e declarou:

— O problema dos contatos entre diferentes culturas preocupa os jesuítas há vários séculos. Temos pensado sobre o assunto, para descobrir se fizemos mais bem ou mais mal às culturas que procuramos, ao longo dos séculos, na tentativa de convertê-las à nossa religião. Em alguns casos, é difícil saber se fizemos o papel de mensageiros de Deus... ou do diabo.

— Estamos indo para o norte. Trate de corrigir a rota para a esquerda, o mais rapidamente possível — interrompeu-o Parker.

Stefan obedeceu e, pouco depois, retomou o assunto:

— Pense, por exemplo, nos índios americanos. Não foi a aguardente ou as armas dos brancos que os destruíram... foi o choque de culturas. Novos valores, novas técnicas de sobrevivência obrigaram os índios a reavaliar seus valores tradicionais... e, infelizmente, fez com que se sentissem atrasados, pobres, derrotados. O senhor X disse ao padre Gerrano que a conclusão do GETRAU era exatamente essa: o contato de nossa cultura, no atual estágio de progresso, com outra cultura extraordinariamente desenvolvida poderá levar o planeta à autodestruição, à perda da fé nas instituições.

— Bobagem... — Parker fez uma careta. — O senhor teria sua fé abalada por um contato com gente de outro planeta, ainda que sejam bilhões de

anos mais avançados do que nós?

— Não! — Stefan retesou as costas no banco e olhou para o céu, o rosto iluminado. — Muito pelo contrário! Talvez minha fé sofresse abalos se, algum dia, se comprovasse que somos os únicos seres pensantes nessa vastidão infinita. Nossa solidão talvez demonstrasse que surgimos de um átomo que se juntou a outro por acaso, que cresceu por acaso e deu no que deu por acaso. Mas, se descobríssemos vida em outros planetas, provaríamos definitivamente a existência de Deus, criando vida, semeando seus filhos em todos os lugares. Deus existe porque ama a vida... Ele não deixaria o espaço vazio...

— Muita gente pensaria como o senhor.

— Ainda que a espécie que viesse nos visitar tivesse uma aparência muito diferente da nossa, eu não me assustaria. Deus nos

criou à Sua imagem... não à imagem física, mas à espiritual. Deu-nos capacidade de pensar, compaixão, amor, amizade... por essas qualidades é que somos como Ele. E isso que preciso dizer a Brendan... — Impaciente, o padre esmurrou o volante. — Estou convencido de que sua crise de fé tem alguma relação com isso. Ele teve contato com seres diferentes de nós... de cultura espantosamente superior à nossa... E concluiu que não fomos *todos* criados à imagem de Deus. Sua fé caiu por terra. Entende agora por que estou tão ansioso para encontrá-lo? Preciso dizer-lhe: não importa a aparência física, não importa a superioridade cultural. O que importa é saber se os seres que ele viu têm capacidade de amar ao próximo, de interessar-se sinceramente pela sorte dos irmãos, de usar a inteligência superior que Deus lhes deu para enfrentar com coragem as dificuldades da vida.

— Não teriam chegado até aqui se não fossem assim... — observou Parker, respirando fundo, o rosto sério.

— Claro! — Stefan exclamou. — Acho que a lavagem cerebral não permitiu que Brendan refletisse sobre suas primeiras emoções. Mas, quando ele se lembrar do que viu e tiver tempo para pensar, chegará à mesma conclusão. E eu quero estar com ele, para ajudá-lo.

— O senhor gosta muito de Brendan, não é?

Atento ao terreno que se estendia a sua frente, branco e quase impenetrável, o padre Wyczalik não respondeu. Momentos depois, desabafou, numa voz extremamente suave:

— As vezes me arrependo de ter me tornado padre. Deus que me perdoe, mas é verdade... As vezes, penso na família que poderia ter construído... uma esposa que partilhasse comigo as dores e as alegrias da vida, que me desse filhos, que os visse crescer, a meu lado. E a única coisa que me fez falta... uma família. Só isso, nada mais. Brendan, para mim, é o filho que não tive e nunca terei. Gosto muito dele... mais do que você pode imaginar.

Parker ouviu em silêncio, os olhos no mapa, pensativo. De repente, sentenciou:

— Esse GETRAU é uma besteira. As conclusões do relatório são ridículas. Não há contato de terceiro grau que possa destruir o planeta.

— Também acho — Stefan concordou. — O erro de raciocínio é simplório... eles pensam que nossa cultura está para a dos extraterrestres como a dos esquimós para a dos brancos. Os esquimós eram primitivos... mas nós não somos! O contato, em nosso caso, se daria entre uma cultura avançada e outra mais avançada. O relatório afirma que, na hipótese de ocorrer um contato desse tipo, o acontecimento deveria ser mantido em segredo por dez ou vinte anos. É óbvio que isso também não está certo. A humanidade há de suportar o choque, porque está madura para o encontro. Deus... há quanto tempo esperamos por *eles!*

— Há séculos... — Parker suspirou.

Durante algum tempo, sacolejando no jipe, tentando evitar os acidentes do terreno, os dois ficaram em silêncio, sem encontrar palavras para expressar seu deslumbramento ante a fantástica descoberta: não estavam sozinhos no universo.

Parker limpou a garganta, verificou a bússola e informou:

— Estamos perto. Menos de um quilômetro à frente devemos encontrar a estrada de Vista Valley. — Calou-se e, um segundo depois, perguntou: — O que foi que o homem de Chicago, o tal Calvin Sharkle, gritou da janela?

— Que viu pousar uma nave extraterrestre tripulada por seres hostis... que tinha medo de ser levado para a nave... que todos os vizinhos estavam

contaminados. Gritou também que os seres estranhos o amarraram numa cama e... entraram em seu corpo pelas veias do braço. Quando ouvi contar isso, cheguei a pensar que Cal estava certo... os extraterrestres podiam ter chegado como inimigos. Mas depois comecei a pensar. Sharkle estava confundindo a aterrissagem da nave e o medo que sentiu com o ataque dos soldados que o prenderam à cama e o drogaram para fazer a lavagem cerebral. As coisas devem ter se passado mais ou menos assim: a nave pousou, todos se assustaram e logo apareceram os soldados nos trajes de laboratório, cobertos da cabeça aos pés, para levá-los presos. Cal não foi preso pelos alienígenas, mas pe-

los soldados; na confusão mental provocada pelas drogas, tudo se misturou.

— O senhor acha que os soldados usavam equipamento adequado para evitar uma possível contaminação bacteriológica?

— Exatamente. Talvez alguns hóspedes do motel tenham-se aproximado da nave... o que fez os soldados suspeitarem de contaminação. Sei ao certo que alguns hóspedes do motel lembram de haver mantido contato com gente vestida de um modo estranho, com roupas que, depois, a doutora Ginger Weiss identificou como trajes “vedados”, do tipo usado em laboratórios de pesquisas para evitar contaminação por bactérias. O pobre Calvin enlouqueceu porque lhe tiraram a chance de lembrar-se dos fatos como realmente aconteceram.

— Estamos a menos de quinhentos metros da estrada. — Parker acendeu a lâmpada da cabine.

A neve continuava, implacável. Por vezes, quando o vento diminuía ou mudava de direção, os flocos giravam de um lado para o outro e acabavam desaparecendo, como fantasmas bailarinos.

— Uma nave desceu... — murmurou Parker, pensativo. — E o governo sabia que alguma coisa estava para acontecer... Tanto sabia que bloqueou a rodovia minutos antes... Talvez já estivessem perseguindo a nave desde longe... Mas não consigo entender como acertaram... A tripulação da nave não poderia ter alterado o curso?

— Não — Stefan respondeu. — O governo tem satélites de observação muito distantes da Terra. Só seria possível prever o local de pouso se a nave estivesse seguindo um curso determinado, em queda livre, por exemplo... se a tripulação estivesse morta.

— Pelo amor de Deus! Não quero nem pensar que eles viajaram tanto para se esbarruchar aqui, neste fim de mundo!

— Nem eu...

— Quero viver para descobrir que *eles* chegaram vivos e bem... sejam lá quem forem!

O jipe derrapou, desceu alguns metros, mas, outra vez, conseguiu seguir adiante na escalada.

— Quero descobrir — Parker continuou — que Dom e os outros não viram uma nave cheia de cadáveres. Mas chegaram a falar com os extraterrestres. Imagine... Imagine só!

— Acho que naquela noite aconteceram fatos muito estranhos. Mais estranhos, até, do que ver descer do céu uma nave de outro planeta.

— O senhor acha que... esses fatos explicariam os poderes de Dom e Brendan?

— Talvez. Não tenho dúvidas de que aconteceu algo mais, além de um simples encontro.

Pararam ao chegar ao topo da colina e olharam em volta. Apesar da neve, Stefan viu faróis acesos, poucos metros abaixo, na estrada de Vista Valley. Quatro carros, estacionados em círculo, os feixes amarelados das luzes dos faróis cortando a cortina de neve, desenhando grades na vastidão branca. O padre engrenou a marcha e começou a descer o acostamento para atingir a estrada; tinha a nítida impressão de que não conseguiria chegar.

— São... metralhadoras! — Parker gritou.

Dois homens próximos à luz estavam armados, as metralhadoras apontadas para um grupo de seis adultos e uma criança, todos virados de frente para um jipe idêntico ao que Parker havia comprado, apenas de cor diferente. Outros oito ou dez homens fechavam o círculo à volta do jipe, todos vestindo o mesmo tipo de abrigo contra o frio. Eram os soldados que bloquea-

ram a rodovia horas antes — e também na noite de 6 de julho do ano retrasado.

Todos, soldados e prisioneiros, voltaram a cabeça para a estrada assustados com a intromissão.

Stefan chegou a pensar em manobrar rapidamente e pisar fundo para escapar dali. Mas logo concluiu que não havia fuga possível: os soldados os agarrariam, ou os matariam a tiros.

Foi quando reconheceu Brendan.

— E ele! — exclamou. — Brendan! Está ali... o último da fila!

— Os outros também devem estar saindo do motel. — Parker aproximou-se do vidro para ver melhor. — Mas Dom não está com eles.

agora que já havia encontrado Brendan, o padre Wyczalik não sairia mais de perto dele, nem mesmo se Deus lhe abrisse um caminho direto para o Canadá, como fizera no mar Vermelho para Moisés. Pena que estava desarmado. Afinal... era padre e nunca confiara em armas de fogo. Não podia fugir, nem queria atacar... Na indecisão, deixou o veículo deslizar lentamente, encosta abaixo, enquanto dava voltas e voltas na cabeça tentando descobrir como começar a conversa.

— Mas... o que vamos fazer?! — Parker segurou-se no banco.

O dilema durou pouco, para surpresa e desespero de Stefan. Um dos soldados armados virou-se e abriu fogo contra o jipe.

Sem falar, Dom observava Jack Twist, de lanterna na mão, examinando a cerca de arame farpado que se erguia acima de suas cabeças. Estavam na área em que a cerca se estendia em terreno aberto, descendo para o fundo do vale. A grossa trama de arame farpado estava incrustada de gelo em vários pontos, mas Jack concentrava-se nas partes onde a neve não se acumulara.

— A cerca não é eletrificada — avisou, elevando a voz acima do zumbido do vento. — Não há fios condutores entretecidos no arame, que, aliás, é muito grosso para servir de condutor; e ainda há pontas soltas. Não há dúvida... a cerca não é eletrificada.

— Mas... — Ginger perguntou — e os dizeres na estrada?

— Só estão lá para afugentar amadores. — Jack aproximou o feixe de luz e fez um sinal para que ela olhasse de perto. — Mas também são verda-

deiros, porque, embora a cerca não seja eletrificada, há fios condutores escondidos nos rolos de arame farpado 4^ue ficam entre os dois lados da cerca, ali por cima. Se alguém tentar pular, vai morrer frito. Vamos passar por baixo.

Ginger segurou a lanterna enquanto Dom tirava de um dos sacos de lona o maçarico de acetileno e entregava-o a Jack, que ajeitava os óculos de proteção, na verdade simples óculos de esquiador com o visor pintado. O ruído agudo do maçarico era audível apesar do vento, e a chama azulada criava um halo ao redor do grupo.

Estavam longe da estrada de Thunder Hill, num ponto da cerca onde dificilmente seriam vistos. Mas, refletida na neve, a luz do acetileno brilhava mais do que normalmente, e Dom temia que, de repente, chegassem os guardas. De qualquer modo, valia a pena tentar, pois, se Jack estivesse certo e a segurança fosse eletrônica, nem as câmaras seriam de grande utilidade numa noite de nevasca, porque as lentes estariam cobertas de neve e gelo. Pelo sim, pelo não, se por acaso fossem apanhados e “convidados” a entrar, nem tudo estaria perdido... e eles se encontrariam dentro de Thunder Hill.

Nem Ginger, nem Dom, nem Jack estavam armados. Todo o arsenal de que dispunham fora entregue ao grupo do jipe, que precisava escapar ao cerco. O plano de Jack dependia de que os sete companheiros chegassem a Elko e, dali, tomassem rumos diferentes, para fazer sua parte do trabalho. Se fossem capturados, o plano fracassaria.

Jack continuava curvado junto à cerca, cortando o arame com o maçarico, a luz azulada refletia nos óculos. Foi a luz que fez Dom mergulhar novamente no passado.

O terceiro jato passa roncando sobre o restaurante, voando baixo, muito baixo. Dom está no chão, o rosto escondido. Mas o avião não cai. Voa baixo ainda por alguns metros e, de repente, sobe em direção ao céu, deixando junto ao chão o cheiro quente de combustível queimado e o calor das turbinas incandescentes. Ainda ganha altura quando aparece o quarto jato, com luzes vermelhas e brancas, roncando por cima do telhado do motel, abrindo enormes feridas na escuridão da noite. Voa para o sul, depois altera o curso e ruma para o leste, por cima das barricadas que bloqueiam

a rodovia, seguindo a trilha do terceiro jato. Os primeiros dois jatos já estão de volta, voando mais baixo do que na primeira incursão, mas não se aproximam do motel; separam-se a meio caminho, indo cada um para um lado. A terra ainda estremece sob a carga do deslocamento de ar e ainda se ouve o ronco, às vezes mais perto, às vezes mais longe, como uma bomba sendo armada para explodir; inchando, inchando sempre, sem nunca rebentar. Jack acha que outros jatos de aproximam... Mas ha também o zumbido, agudo, estranho, impossível de ser localizado, pois parece vir de todos os lados. Não é barulho de motor a jato. Dom levanta-se e olha em volta. Vê Ginger, Jorja e Mareie. Jack aproxima-se, correndo, saindo do motel. Ernie e Faye saem correndo do escritório... e os outros! Todos os outros, Ned, Sandy... O zumbido cresce... lembra o fragor de cataratas, porém é mais agudo, como um milhão de pífaros soprados em unísono; corta o ar como uma serra elétrica. Dom vasculha o céu a procura dos jatos, cobre os ouvidos, olha para o alto, aponta e grita:

** — Vejam... A Lua! A Lua!*

Todos acompanham seu olhar, Dom recua alguns passos, tremendo de horror. Alguém grita...

— A Lua!

Dom acabou despertando com o som dos próprios gritos.

Estava deitado na neve, derrubado pelo susto daquele instante de lembranças. Ginger sacudia-o pelos ombros, perguntando:

— Você está bem?

— Acho... que me lembrei de alguma coisa. Mas não sei direito o que é. Os jatos, não sei...

Passos adiante, Jack acabava de abrir caminho através da cerca. Desligou o maçarico, e a noite desceu outra vez, como um imenso manto pardo.

— Vamos em frente — disse para os outros. — Daqui em diante estamos na toca da onça.

— Dá para andar? — Ginger perguntou a Dom.

— Dá... — respondeu ele, mas o estômago dava-lhe voltas e o coração parecia congelado. — De repente, não sei por quê, fiquei com medo.

— Todos nós estamos com medo...

— Não, não estou com medo de ser apanhado aqui. Não... E outra coisa. Uma coisa da qual estive muito perto, agora. Quase me lembrei... e estou tremendo como vara verde. Meu Deus!

Brendan mal acreditou quando ouviu o coronel Falkirk ordenar ao soldado que abrisse fogo contra o jipe que se aproximava pela estrada. Que loucura! Ele nem sabia quem podia estar se aproximando. O soldado também não acreditou, tanto que nem tocou na arma. Mas Falkirk aproximou-se dele, aos berros:

— Obedeça, cabo! Este é assunto de segurança máxima! Envolve problemas de segurança nacional. Seu país em risco! Quem é que você pensa que pode andar por aí, nessa estrada, com uma noite assim? Boa gente não há de ser. Atire para matar!

Então o cabo obedeceu. A rajada de metralhadora cantou na noite, por um instante, mais alto que o vento. Os faróis do jipe apagaram-se; desgovernado, o veículo ganhou velocidade e desceu em direção ao grupo. O vidro do pára-brisa estilhaçou-se sob a chuva de balas. O jipe aproximava-se, cada vez mais rápido, até que bateu numa pedra, saltou para frente e parou a pouco mais de um metro de Falkirk. A neve continuava a cair.

Cinco minutos antes, quando Ned, chegando pela outra pista da estrada, dobrara à direita para cair direto na armadilha de Falkirk, todos perceberam que as armas que Jack lhe dera de nada valeriam. Nem a metralhadora, nem as pistolas, nada... Sabendo que a vida de todos dependia de que chegassem a Elko, teriam tentado enfrentá-los, se não estivessem cercados por um verdadeiro exército, armado até os dentes. Não havia resistência possível.

Brendan, angustiado, pensava se não caberia a ele e a seus poderes telecinéticos a tarefa de livrá-los da morte. Talvez conseguisse arrancar as metralhadoras das mãos dos soldados. Mas, e se não desse certo? Não esquecia que, na véspera, no restaurante, os poderes haviam escapado de qualquer controle, e só por sorte não acontecera algo de mais grave. Se falhasse, os soldados abririam fogo contra o grupo, para se defender. Ou as próprias metralhadoras, como os saleiros, voariam sozinhos, disparando a esmo até esgotar-se a munição. E se alguém fosse ferido? E se ele, Brendan, fosse morto

e não tivesse tempo de salvar os outros? Difícil ganhar um dom complicado, sem instruções de uso...

Ao ver o jipe descendo a estrada como um animal ferido, Brendan adivinhou desgraça. Estava com medo... de Falkirk, do veículo desgovernado e de si mesmo. Talvez, para sentir-se melhor, pudesse socorrer as pessoas que viajavam no jipe. Tinha que tentar, custasse o que custasse! Era seu dever, como padre e como homem. Também não entendia o mistério que fazia suas mãos estancarem o sangue, mas a experiência parecia-lhe menos arriscada. Então, aproveitando que os soldados estavam voltados para o jipe metralhado, afastou-se do grupo, contornou o veículo de Jack e disparou a correr pela estrada. Correu, escorregou na neve, caiu, levantou-se e seguiu.

Não ouviu tiros a suas costas, apenas gritos.

O banco ao lado do motorista era o mais próximo. Um homem corpulento, com a testa encostada na porta entreaberta, tateava à procura de alguma coisa onde pudesse apoiar-se para descer. Não estava morto, mas tinha duas grandes manchas de sangue no peito. Usava um pesado casaco do uniforme da Marinha.

No instante em que Brendan o tirou do jipe e o deitou na neve, um soldado aproximou-se, com a coronha da metralhadora erguida para golpeá-lo na cabeça.

— Saia daqui! — Brendan gritou, erguendo-se de um salto, os punhos cerrados. — Vou curar este homem. E não tente me impedir. Suma!

Falkirk chegou a tempo de segurar a coronha da metralhadora, evitando que o soldado atingisse Brendan:

— Isso, padre. Vá em frente. Quero ser testemunha ocular de seu crime.

— O quê? — Brendan não entendeu.

— Nada. Faça seu “servicinho”.

Nem precisaria ordenar. Antes que acabasse de falar, Brendan ajoelhou-se ao lado do homem desmaiado. Abriu-lhe o casaco, ergueu a malha e desabotoou a camisa xadrez. Encontrou dois ferimentos: um no ombro esquerdo e o outro, maior, perto da cintura, à direita. Precisava tratar primeiro do ferimento no abdome.

Mas... *como?* Não conseguia lembrar-se do que fizera para curar Emmy ou Tolk. O que havia acontecido? Não sabia... não se lembrava de nada, além de que sentira impotência, frustração, horror. A morte queria levar uma menina linda, um homem justo e trabalhador... Não! Não podia ser... Era horrível demais, terrível demais... Tinha que lutar... Mas era tão fraco, sozinho contra o mundo, contra a morte! Não! A morte precisava ser vencida, pela glória da vida, pela glória de Deus!

Sentiu as palmas das mãos aquecerem-se. Os anéis reapareceram.

Sem necessidade de olhar, pousou as mãos sobre a ferida do homem. E pediu a Deus, ou quem lhe tivesse dado o poder, que o ajudasse a salvá-lo.

Então sentiu a corrente que se estabelecia entre suas mãos e o homem deitado a sua frente, a energia que lhe fluía das veias e andava pelos dedos até atingir a pele. A energia em seu corpo tomava a forma de uma espiral, que girava, fazendo surgir um fio que o ligava ao homem. Ao redor dos dois tecia-se um manto protetor contra a dor e a morte. Dessa vez, ao contrário do que acontecera com Emmy e Winton Tolk, Brendan sentia-se plenamente consciente da força que emanava de suas mãos. Sabia que, agora, estava remendando os tecidos dilacerados, recompondo músculos, reconstruindo veias, criando sangue.

A medida que conseguia acompanhar o processo de cicatriza-ção desencadeado por suas mãos, descobria que era capaz de outras maravilhas. Com Winton e Emmy, o processo fora mais lento. Porém o homem deitado a sua frente, com o abdome praticamente cicatrizado, abria os olhos, respirava bem, tentava levantar-se. Dizia alguma coisa que não entendia bem:

— Por favor... o padre... está ferido. Vá atendê-lo antes. O padre Wycazik está no jipe...

— Wycazik?! — Aproximou o ouvido dos lábios do homem. Não... não era possível! O que o padre Wycazik estaria fazendo em Nevada, num jipe, no meio da noite?!

— Vá depressa — o homem repetiu.

Brendan correu, empurrando soldados e metralhadoras. A porta do motorista estava emperrada. De um salto, subiu à janela,

segurou-se como pôde e saltou sobre o capô, de frente para o pára-brisa estilhaçado. Com o jipe tombado, era impossível alcançar o homem preso ao volante. Então Brendan voltou à porta e forçou-a. Impossível abri-la; parecia soldada à carroceria. Brendan fechou os olhos, tocou o trinco e, simplesmente, *desejou* que a porta se abrisse... e ela escancarou-se, com um ruído áspero de metal amassado.

O corpo deslizou lentamente para fora e caiu em seus braços. Brendan deitou-o sobre a neve. De olhos abertos, o padre Wyca-zik já não olhava para esse mundo. Contemplava outra dimensão, nos primeiros passos da vida eterna.

T- NÃO... — BRENDAN GEMEU. — NÃO...

Tinha um ferimento na cabeça, junto à têmpora direita, por onde a bala entrara para sair atrás da orelha. Não era um ferimento mortal, mas o outro... na garganta... era. Um buraco, pouco abaixo do pomo-de-adão, mostrando a carne dilacerada; o sangue escuro começava a coagular.

Ainda assim, trêmulo, Brendan pousou as mãos sobre o pescoço de Stefan, sentiu crescerem as ondas de energia que haviam curado Emmy, o patrulheiro Tolk, o desconhecido de instantes atrás. Milhões e milhões de longos fios de luz e cor correndo-lhe nas veias, chegando a suas mãos, outra vez tecendo a vida. Sentiu nos dedos o toque frio da pele de seu único grande amigo, seu guia, seu mestre. E logo percebeu que não poderia salvá-lo. O poder dependia da empatia com a vida que ainda lutava. Sem a participação ativa da outra metade, Brendan era apenas a fiandeira de um cordão que não tinha como ser usado. Os fios continuavam, mas o tear deixara de tecer.

O padre Wycazik estava morto há alguns minutos, provavelmente desde que o jipe se desgovernara. Brendan descobria que podia curar feridas, mesmo as mais terríveis, apenas enquanto houvesse vida; jamais conseguiria fazer o que Cristo fizera com Lázaro. Pôs-se a chorar. Soltou um primeiro soluço, tenso, desesperado, depois outro, um terceiro, até que se levantou e olhou para o céu. Murmurava palavras que supunha ter esquecido:

— “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte...”

Estava rezando outra vez, nem inconscientemente, nem por hábito. Rezava, como tantas vezes na vida, com a convicção doce e profunda de que a Mãe de Deus ouviria seu desespero surdo e, aliando seus poderes aos dele, o ajudaria a fazer reviver o padre Wycazik. Se em algum momento perdera a fé, reconquistava-a naquele instante, intata, perfeita. Acreditava e pedia de todo o coração.

Ajoelhado na neve, as mãos pousadas sobre a ferida ainda úmida, mas já fria, sem paramentos, sem os trajés eclesiásticos, Brendan rezava à Virgem, Maria Imaculada, Nossa Senhora, Mãe e Protetora dos Desamparados, Rosa Mística, Estrela da Manhã, Torre de Marfim, Saúde dos Doentes, Consolo dos Aflitos.

— “Mãe de misericórdia, rogai por nós...”

Demorou alguns instantes para compreender que Deus levava para sempre seu velho amigo. Continuou rezando baixinho, mas afastou as mãos da monstruosa ferida no pescoço de Stefan, e afagou-lhe o rosto gelado. Uma gigantesca onda de dor o sufocava, lágrimas ardentes queimavam-lhe as faces.

— Então, o senhor descobriu que seus poderes não são ilimitados — Falkirk comentou, rindo a suas costas. — Ótimo! Muito bom! Mas agora mexa-se! Junte-se aos outros.

Brendan voltou-se, fitou-o nos terríveis olhos gelados que tanto o assustaram e, sem se mover, declarou:

— Meu amigo morreu sem tempo de confessar-se. Sou padre, como ele, e vou cumprir os ritos religiosos que ele merece e que eu desejo oferecer-lhe. Se quiser me matar, pode mandar seus soldados atirarem em mim pelas costas. Caso resolva esperar, eu me reunirei aos outros quando acabar.

Deu as costas a Falkirk e descobriu que, de repente, voltavam-lhe as frases, em latim, da oração pelos mortos.

Jack abriu uma trilha estreita na cerca de arame; como nenhum dos três era gordo, não tiveram dificuldade em chegar ao outro lado, depois de empurrar os sacos de lona.

Seguindo rigorosamente suas instruções, Dom e Ginger pararam

bem junto à cerca, enquanto Jack examinava o terreno ao redor com a ajuda de seu binóculo de visão infravermelha. Procurava descobrir as câmaras de televisão ou os alarmes com células fotoelétricas. Apesar do vento e da neve que tornavam a pesquisa muito mais difícil do que se a noite estivesse limpa, conseguiu descobrir duas câmaras que cobriam a área a partir de dois diferentes pontos. Era provável que tivessem as lentes cobertas de neve, mas, ainda assim, não convinha arriscar. Em compensação, não havia sinal de células fotoelétricas.

Jack tirou de um dos bolsos do abrigo um aparelho não maior que uma carteira de dinheiro: um voltímetro extremamente sofisticado, capaz de detectar a passagem de corrente elétrica num fio sem precisar tocar nele. Virou-se de costas para a cerca e apontou o voltímetro para o terreno; ajoelhou-se, esticou o braço e avançou alguns metros, devagar. O aparelho era sensível a qualquer sinal de armadilha fotoelétrica ou termoelétrica, ainda que enterradas a meio metro de profundidade, mas não registraria um emissor encapsulado. De qualquer modo, Jack tentava localizar uma fonte que dificilmente estaria encapsulada e não seria afetada pelas camadas de neve, antiga ou mais recente. Precisou avançar ajoelhado apenas três metros, e logo o detector soou, fazendo acender uma pequena lâmpada cor de âmbar. Jack parou e chamou Ginger e Dom.

— Fiquem perto de mim — disse. — O terreno está minado. Alarmes sensíveis a pressão estão enterrados à profundidade de cinco ou seis centímetros. São acionados pelo peso de quem pisar no terreno, a partir de três metros de cerca, em toda a volta. É uma teia de fios envolta em plástico fino, de baixa voltagem. O alarme é acionado sempre que qualquer criatura com mais de vinte ou vinte e cinco quilos pisa num dos “ninhos” e rompe o contato. O peso da neve não o aciona, porque a neve está uniformemente distribuída por toda a rede. Para acionar o alarme, o peso deve localizar-se numa pequena área.

— Até eu peso mais que vinte e cinco quilos — comentou Ginger, balançando a cabeça. — A rede de fios é muito extensa?

— Cobre uma faixa de três metros, no mínimo. — Jack respondeu. — A idéia é impedir que um espartinho como eu descubra as minas e resolva

saltar sobre elas até o outro lado.

— Não sei o que você está pensando, mas garanto que eu não posso fazê-los voarem para lá — disse Dom, tentando sorrir.

— Não sei... — Jack virou-se para ele. — Talvez, se tivéssemos tempo, valesse a pena testar seus poderes. Se você faz cadeiras voarem para o teto, talvez possa nos teletransportar por cima das minas. Mas não há tempo para testes... Vamos ter que voar a minha moda.

— O que quer dizer... “a minha moda”? Como? Acha que...

— Não, doutora. — Jack abaixou-se e começou a tirar coisas da sacola. — Não acho nada... *sei* que vamos voar dentro de dez minutos. — Levantou-se e deu alguns passos junto à cerca, ainda distante da área minada. — Vamos encontrar uma árvore do outro lado, com um galho razoavelmente grosso que se estende sobre o terreno. Se possível, uma árvore que esteja vinte ou trinta metros daqui.

— Para quê? — Dom franziu as sobrancelhas.

— Já vai ver.

— E se não encontrarmos uma árvore? — Ginger perguntou.

— Trate de pensar positivamente. Quando eu disser que precisamos de uma árvore, diga logo que vamos encontrar uma floresta inteira. Ou fique de bico fechado.

A árvore perfeita estava trinta metros à frente, na colina que descia em direção ao vale: um pinheiro alto e sólido, com os galhos bem separados, exatamente como Jack queria, majestoso e coberto de neve. Com o binóculo, Jack vasculhou cada centímetro de pinheiro, até encontrar um galho que servisse para o que planejava: grosso e resistente, passando a poucos metros de altura da cerca, depois da área minada. Perfeito para atuar como pilar de uma ponte de corda. Jack deixou de lado o binóculo; apanhou o gancho que tirara do saco de lona e levava preso ao cinto, e o grosso fio de náilon, com um centímetro de diâmetro, que enrolara no braço — itens que, entre outros, Faye e Ginger haviam

comprado em Elko pela manhã. Prendeu o fio no gancho, com um nó firme, e testou o arranjo. Perfeito. Usado por alpinistas profissionais, o fio de náilon era capaz de suportar o peso dos três juntos. Voltou a testar o nó. Fi-

xou uma das pontas do fio sob a bota, para evitar que lhe escapasse, e preparou um laço com a extremidade onde atara o gancho.

— Afastem-se um pouco — pediu.

Movendo o braço devagar, acima da cabeça, fez girar o laço com o gancho em movimentos cada vez mais amplos e mais rápidos até soltá-lo na direção do galho que escolhera. O fio voou sobre a área das minas com um zumbido que cortava a neve e enganchou-se no alvo com precisão, Jack enrolou a ponta que permanecia presa sob a bota num dos montantes da cerca de arame, depois de examiná-lo detidamente e ter certeza de que não tinha sensores ou câmaras. Deu duas voltas em torno do montante e, usando todo o peso do corpo, puxou o fio de náilon até deixá-lo bem esticado e reto. Pediu a Ginger e Dom que o ajudassem a puxar e, então sim, amarrou-o à volta do montante.

Estava pronta uma razoável ponte de corda, que os faria “voar” sobre a área das minas. Jack tinha que ser o primeiro a passar, para examinar o terreno e planejar a etapa seguinte. De um salto, ergueu os braços, pendurou-se e balançou-se para a frente e para trás, até ganhar impulso para alcançar o fio com os pés e cruzar os calcanhares sobre ele. De branco, no abrigo de frio, mãos enluvadas, parecia um grande urso polar brincando na neve, o rosto virado para o céu, as costas paralelas ao chão. Andando cadenciadamente, mãos e pés, como uma minhoca gigante, fez uma primeira demonstração, foi até a metade do caminho e voltou.

— E isso — disse. — Eu vou na frente com as duas sacolas maiores. Dom vai por último, e você, Ginger, é a segunda. Cada um leva uma das sacolas menores, presa às costas, como mochila.

— Vai ser fácil. — Ginger precisou de ajuda para alcançar o fio, mas, depois de pendurada pelas mãos, logo conseguiu prender-se pelos tornozelos e riu. — Claro que vamos conseguir! São só nove ou dez metros!

— Você está em excelente forma, doutora. — Jack ergueu os olhos para ela. — Quando chegar aos três metros vai sentir que seus braços estão sendo arrancados do corpo. Ao dez, será capaz de jurar que já foram arrancados.

Alguma coisa na atitude de Brendan em relação à morte do velho amigo chocou o coronel Leland Falkirk. Havia tal indignação em seus olhos, tanta

dor em sua voz calma e contida que era quase impossível duvidar de que ele ainda fosse humano.

O medo do contágio devorava-o. Leland tinha visto muitas coisas estranhas naquela nave, e os cientistas descobriram outras mais. As preocupações eram mais do que justificadas... embora não o fosse a loucura. De qualquer modo, era difícil acreditar que Brendan estivesse fingindo. Logo ele, o dos poderes mais esquisitos, um dos principais suspeitos de estar possuído! Como entender o poder de curar, senão como a possessão de um corpo humano por uma mente diabólica?

Confuso e aturdido, o coronel andou alguns passos, parou ao lado do padre ajoelhado junto ao cadáver do amigo, ouviu a prece em latim, balançou a cabeça e tentou organizar os pensamentos. Viu as outras seis testemunhas ao lado do jipe de Jack Twist. Viu seus soldados, aparvalhados, sem saber o que fazer, divididos entre o dever de obediência e o sentimento de solidariedade para com o padre. Viu o desconhecido que chegara com o velho pároco andando de um lado para o outro, angustiado, mas vivo, inteiro. Um autêntico milagre, digno de ser festejado. Por que temer um prodígio como aquele?!

Leland sabia o que estava escondido em Thunder Hill. E o fato de conhecer o segredo obrigava-o a ver os fatos com olhos diferentes. A cura era uma armadilha, uma farsa para confundi-lo, para levá-lo a pensar como seria vantajoso colaborar com o inimigo, para induzi-lo à não-resistência e à rendição incondicional. Ofereciam ao mundo o fim da dor, a vitória sobre a morte em quase noventa por cento dos casos de acidentes e ferimentos graves. Mas... como entender a vida sem dor? Como deixar o homem sonhar com o fim

do sofrimento? Todos os sonhos acabavam em ruína, e só o sofrimento e infinito, inexorável. E não há dor maior do que ver ruir um sonho. Melhor não acalentar ilusões, não alimentar esperanças. O homem nasce e morre com dor... Por isso tem que viver também com ela, porque a dor é a essência da humanidade. A sanidade e a sobrevivência dependem de aprender a conviver com o sofrimento. De que adianta resistir à fatalidade ou sonhar com o impossível? E preciso vencer o medo, vencer a dor... e fugir dos falsos Mes-

sias que aparecem, aqui e ali, prometendo um mundo melhor, transcendente, mais feliz. Desconfiar, desconfiar muito.

Mais calmo, Leland voltava a ser o homem de sempre.

No grande caminhão de transporte de tropas do Exército, Jorja pensava e observava. O caminhão tinha dois longos bancos de metal, um diante do outro, e um terceiro, mais curto, encostado à divisão da cabine do motorista. De longe em longe, penduradas no teto, havia alças de couro onde os passageiros podiam segurar-se. No banco menor, jazia o corpo do padre Wycazik, amarrado com cordas presas na carroceria e nos ganchos do teto. Nos outros dois bancos, sentavam-se Jorja, Mareie, Brendan, Ernie, Fa-ye, Sandy, Ned e o único recém-chegado sobrevivente, Parker Faine. Em circunstâncias normais, a porta do caminhão fechava-se por dentro, com uma tranca de ferro, para permitir que, em caso de acidente, os soldados pudessem sair. Mas o coronel Fal-kirk mandara trancar a porta por fora, com cadeado, e guardara a chave. Jorja sentia-se como numa cela de prisão... e, na escuridão, começava a desesperar-se.

Todos imaginaram que Ernie fosse desmaiar ou enlouquecer, obrigado a viajar à noite, dentro de uma cabine escura. Mas ele parecia bem, de mãos dadas com Faye, a respiração quase normal. Apenas uma vez deu mostras de perder o controle, mas a crise limitou-se a ligeira falta de ar rapidamente superada.

— Estou começando a me lembrar dos jatos de que Dom falou — disse ele, pouco depois que o caminhão começou a movimentar-se. — Eram quatro, pelo menos, voando muito baixo... Então, acon-

teceu alguma coisa que não consigo lembrar... Depois, corri para o estacionamento, entrei na camionete e disparei para a rodovia, rumo ao lugar onde estivemos... o lugar tão especial para Sandy e para mim... É tudo, por enquanto. Mas já percebi que, quanto mais lembro, menos medo do escuro sinto...

Leland não deixara guardas no caminhão, talvez porque achasse arriscado demais deixar um ou dois homens fortemente armados na companhia daqueles... monstros! Depois de fazê-los entrar no caminhão, estivera a ponto de ordenar a execução de todos, e Jorja sentira o estômago contrair-se de an-

siedade. Mas pareceu acalmar-se de repente e mandou o veículo andar. Jorja, porém, estava certa de que ele os mataria no instante em que chegassem ao fim da viagem, que ninguém imaginava onde acabaria.

Aos berros, Falkirk perguntara por Dom, Ginger e Jack. Ninguém respondeu. Como louco, ele se aproximou de Mareie, segurou-a pelos cabelos e disse que, se não falassem, torturaria a menina até a morte. Ernie saltou do banco, vociferou, disse que Falkirk envergonhava sua farda e, cabisbaixo, acabou dizendo que Jack, Dom e Ginger saíram do Motel Tranquilidade com destino a Battle Mountain, na esperança de chegar a Reno.

— Ficamos com medo de que seus soldados já estivessem bloqueando as estradas — Ernie continuou, sempre cabisbaixo — e preferimos não arriscar tudo numa jogada só...

Não era verdade. Por um instante, Jorja pensou em saltar sobre o pescoço de Ernie e gritar-lhe que não arriscasse a vida de Mareie com mentiras idiotas... mas percebeu que Falkirk acreditava. Ernie inventou tantos detalhes que Leland acabou mandando os soldados saírem para investigar.

No caminhão, aos solavancos, Jorja agarrava-se a uma das alças de couro e segurava Mareie junto ao corpo. Aos poucos, a menina parecia despertar da letargia dos últimos dias, dava sinais de querer atenção e carinho, abraçava-se com força à mãe. Ainda estava longe da alegria e da vitalidade de antes, mas começava a restaurar os laços com a realidade, escapando do abismo negro em que mergulhara.

Jorja seria capaz de jurar que nada, ou ninguém, conseguiria fazê-la parar de pensar nos problemas de Mareie, até que Parker começou a explicar como e por que ele e o padre Wyczak haviam chegado até ali. Falou-lhes de Calvin Sharkle, de como Bren-dan transmitira os poderes de cura e telecine-se para Winton Tolk e Emmy Halbourg...

— ... e agora, talvez, também para mim.. — concluiu baixinho, com tal deslumbramento na voz, que Jorja se esqueceu da filha, do mundo, de tudo.

Depois, Parker falou-lhes do GETRAU. Disse que, quase com certeza, uma nave espacial pousara no terreno em frente ao Motel Tranquilidade.

Uma nave, ou alguma outra coisa, descera do céu... e o mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo.

— Uma nave do céu... — Faye murmurou, pensativa, mas logo gritou: — Você está louco! Não é possível!

Quando Faye se acalmou, Sandy bateu palmas e riu alto, feliz.

— Estou me lembrando — disse, ainda rindo. — Os jatos passaram, o último voava muito baixo... Nós tínhamos corrido para o pátio, e o chão continuava a tremer, como se fosse um terremoto. O ar vibrava... — Sua voz também tremia, num misto de deslumbramento e terror, ao mesmo tempo eufórica e assustada. — De repente, Dom olhou para cima, para o lado do restaurante, e gritou... “A Lua, a Lua!” Todos nos viramos e vimos a Lua, mais brilhante do que nunca, branca de doer os olhos. Parecia que estava caindo sobre nós. Oh, Deus... Vocês não se lembram?! Não se lembram do que foi olhar para o céu e ver a Lua se aproximando?!

— Eu me lembro... — Ernie murmurou, reverente. — E claro que me lembro...

— E eu também... — A voz de Brendan.

Jorja teve um *flash* de lembrança: uma Lua enorme, muito brilhante, aproximando-se do telhado do motel.

— Alguém gritou — Sandy recomeçou. — Alguns correram. A Terra tremia cada vez mais, o ronco era cada vez mais forte. Sentíamos a vibração nos ossos. Um ruído como o de uma cha-

leira fervendo, misturado com o barulho de centenas de metralhadoras, e o zumbido de um vento fortíssimo... Mas não estava ventando. Sempre um zumbido e um trovão, aproximando-se... De repente, a Lua ficou ainda mais brilhante, o estacionamento parecia iluminado por um milhão de lâmpadas. E, de repente, a Lua mudou de cor! Ficou vermelha, cor de sangue, vermelha... Foi quando percebemos que não era a Lua... era outra coisa...

Jorja viu, como num filme, a Lua mudando de cor, do branco mais brilhante para um rubro denso e luminoso. Foi a primeira barreira que ruiu. As demais foram caindo, uma após outra. Inacreditável que houvesse visto as luas vermelhas de Mareie e não se lembrasse de nada. As lembranças, agora,

fluíam como um rio. Jorja tremia de medo do que ainda estava por vir, mas sentia o coração bater acelerado, exultante.

— Então ela surgiu por trás do restaurante — Sandy prosseguiu, como num transe. — Voando muito baixo, como os jatos. Mas lenta, muito lenta, como um zepelim que vi uma vez na televisão. Era impossível entender... Qualquer um via que era pesada, mil vezes mais pesada que um zepelim. Mas ela vinha, bela e lenta... Adivinhamos que era... que tinha que ser... que não era deste mundo.

Jorja fechou os olhos e apertou Mareie contra o peito, lembrando-se de como a abraçara naquela noite, os olhos erguidos para o céu. Uma luz vermelha... mas serena, inacreditavelmente bela. O chão tremia, Sandy estava certa: quando viram que a Lua não se aproximava da Terra, adivinharam a verdade. A nave não era como os discos-voadores do cinema e da televisão... não tinha nada de espantoso... além do fato de existir. Nada de placas coloridas, nada de calotas de luz ou feixes de vapor, nada de armas como nos filmes de ficção científica. A luz vermelha envolvia-a toda, como um campo de força que a fazia flutuar. Não fosse isso, a nave parecería simples, antiquada, apenas um grande cilindro com quinze ou vinte metros de comprimento por quatro ou cinco de diâmetro, as bordas arredondadas como dois batons usados unidos pelas bases. Espantosamente simples, gasta pelo

tempo e pelas dificuldades da viagem. Jorja via-a descer, como no verão retrasado, por cima do restaurante, na direção da rodovia; os jatos zuniam ao redor, metros acima, voando de um lado para outro. Como naquela noite de 6 de julho, sentia o coração disparar, no limiar de uma porta que revelaria o sentido da vida... com os dedos na chave.

— Ela desceu do outro lado da rodovia — continuou Sandy, respirando fundo. — Bem no local que visitamos... o lugar especial para Ernie e para mim. Os jatos voavam como moscas tontas. Tínhamos que ir até lá! Oh, Deus! Nada ou ninguém, deste mundo ou de outro, nos impediria de ir até lá! Corremos para o estacionamento e fomos...

— Eu e Faye fomos no caminhão do motel — Ernie disse, a voz solta, a respiração normal. — Dom e Ginger estavam conosco... e também o jogador de pôquer, Lomack, de Reno. Por isso ele escreveu nossos nomes nos

pôsteres... Como Dom contou. A lembrança da corrida de caminhão até a nave deve ter-lhe derrubado o bloqueio.

— Jorja, o marido, Mareie e alguns outros hóspedes foram conosco, na traseira da camionete — Sandy contou. — Brendan, Jack e mais alguns hóspedes foram de carro. Pessoas que nem se conheciam chamavam-se umas às outras, oferecendo carona... E que já não éramos estranhos, eu acho. Paramos no acostamento. Carros que vinham de Elko também pararam. Gente corria pela estrada. Estacionamos numa curva, subimos na grade de proteção e olhamos. A nave não brilhava como antes, estava se apagando. Alguns arbustos fumegavam, o capim estava todo queimado, mas até nos aproximarmos o fogo há havia desaparecido. Era estranho... ninguém falava, nem gritava, nem olhava para os lados. Estávamos em silêncio, como que esperando... à beira de um precipício, querendo saltar, e sabendo que saltar não nos faria cair. Prontos para voar, eu acho... Não sei... Vocês sabem o que quero dizer!

Jorja sabia: a sensação quase insuportável de deslumbramento e exaltação. Como se a humanidade, presa havia séculos numa

jaula escura, de repente visse abrirem-se as portas da eternidade, descobrindo que, no futuro, as noites não seriam tão escuras nem tão apavorantes.

— Fiquei parada — Sandy voltou a falar —, vendo aquela nave de luz, tão linda, tão... impossível... na planície. E entendi que as desgraças de minha infância... a dor, o desespero, a vergonha... não tinham mais importância. Meu pai já não me dava medo. — A voz vacilou, emocionada. — Não vejo meu pai desde meus catorze anos... Mas tinha pesadelos e vivia com medo de que, de repente, ele aparecesse... e me arrastasse para a cama... como antes. Sei que parece asneira, mas às vezes nem conseguia dormir com medo de sonhar com ele... Na rodovia, olhando para a na-‘ve, naquele silêncio, os jatos voando alto, como pássaros distantes... descobri que, se meu pai aparecesse um dia, eu não ia tremer porque já sabia como ele é: um pobre homem doente, um grão de areia numa praia enorme.

A libertação, Jorja pensou, os olhos marejados. A libertação dos horrores do passado, dos medos, do desespero. Ainda que os tripulantes da nave não trouxessem resposta para nenhuma das questões que atormentam a huma-

nidade, sua simples presença, serena e bela, era já a resposta que todos esperavam.

Chorando de alegria, a voz de Sandy vibrava na escuridão:

— A imagem da nave me fez descobrir que eu também era *alguém*, apesar de suja, coberta de pecados e vergonha. Entendi que todos somos pouca coisa, que ninguém é muito mais importante que os outros... e, ainda assim, somos uma raça especial, uma raça que, algum dia, poderá voar pelo espaço e chegar até o lugar de onde aquela nave partiu. Grãos de areia, sim, todos nós, mas com um grande destino... Será que vocês entendem o que quero dizer? — Calou-se por um momento, sufocada pelos soluços. — Foi isso que pensei, que a vida é feita de esperança num mundo melhor — concluiu baixinho, a voz fraca. — E então comecei a chorar e rir, como louca...

— Também me lembro de tudo — declarou Ned, voltando-se para a mulher: — Estávamos parados na curva da estrada. Você

me abraçou... e disse que me amava! Foi a primeira vez, desde que nos conhecemos! Eu sabia que você me amava... mas você nunca disse antes! Foi bem ali, diante de uma nave que acabava de descer do céu! E sabe o que é mais estranho? Com você abraçada a mim, dizendo que me amava... eu já nem ligava para a nave! A única coisa importante que aconteceu naquela noite foi você... — Respirou fundo, procurando controlar a emoção — dizendo que me amava depois de tantos anos.

Na escuridão, Ned abraçava a mulher, e ambos choravam juntos. Após alguns momentos, ele voltou a falar alto, tenso:

— E os desgraçados me roubaram esse momento! O melhor momento de minha vida! Você, dizendo que me ama... Ah! Mas consegui recuperá-lo... As lembranças agora estão comigo. Ninguém, nunca mais, vai tirá-las de mim.

— E eu que ainda não consigo me lembrar de nada! — Faye exclamou, furiosa. — Tenho que lembrar! Sou parte disso, como vocês!

Ninguém retrucou. No silêncio da noite, o caminhão avançava.

Jorja, outra vez, fechou o olhos e deixou o pensamento voar. A simples descoberta de que havia uma inteligência superior obrigava a ver de uma perspectiva nova a luta da humanidade: a violência da dominação, a escravi-

dão dos mais pobres ou mais fracos, a suposta superioridade de determinada raça, os banhos de sangue para impor certas idéias... tudo parecia infinitamente pequeno e inútil. As religiões que pregavam a igualdade de todos perante Deus sobre-viveriam, mas as que pregavam a urgência de todos se prostrarem diante de falsos ídolos, essas estavam condenadas. Sem poder explicar, mas sentindo em cada fibra do corpo, Jorja intuía que a visita dos extraterrestres faria a humanidade se unir, como uma grande família. Os humildes seriam respeitados, os doentes tratados, os infelizes consolados, como irmãos. Sem rei, sem governo.

Uma nave descera do céu. E começava a ascensão da humanidade.

— A Lua... — Mareie murmurou baixinho, o rosto escondido no peito da mãe.

Era o momento de consolá-la, abraçá-la e dizer-lhe que as coisas começavam a melhorar, que logo ela também se lembraria de tudo e estaria livre dos pesadelos e dos farrapos de lembranças que a atormentavam. Mas era cedo para criar falsas esperanças: enquanto estivessem à mercê de Falkirk, não podiam prever o amanhã.

— Lembro-me de mais alguma coisa — disse Brendan. — Sei que desci o acostamento da rodovia, caminhando para a nave. Ela ainda brilhava um pouco, como âmbar. Havia mais gente comigo... Faye, Ernie, Ginger e Dom. Mas só Ginger e Dom se aproximaram da nave, comigo. Quando chegamos bem perto... vimos uma porta... em arco... aberta...

Jorja lembrava que também quis ir, mas teve medo de levar Mareie e não podia deixá-la para trás. Sentiu vontade de gritar que tomassem cuidado, e ao mesmo tempo, que não se acovardassem, não tivessem medo, seguissem adiante. Não deu um passo, vendo-os aproximarem-se do portal dourado.

— Paramos diante da porta — Brendan continuou —, esperando que alguém saísse, mas ninguém apareceu. A luz, a maravilhosa luz dourada que eu via em sonhos, lá estava, nos chamando. Tínhamos muito medo. Então ouvimos os motores dos helicópteros que se aproximavam, como aves agourentas. Sentimos que havia pouco tempo, que o Exército invadiria a nave tão logo os helicópteros pousassem. A luz nos chamava...

— Vocês entraram na nave! — Jorja lembrou-se.

— Entramos. Nós três.

Um momento impossível, inacreditável. O momento que marcava outro recomeço: antes e depois da história da humanidade. Começava a ruir o último bloqueio que ainda ocultava a verdade. Fez-se completo silêncio no caminho que seguia adiante, para um destino que ninguém conseguia sequer imaginar.

Oito pessoas, cruzando a noite gelada, sentadas sem poder ver nem mesmo o rosto do companheiro ao lado e, no entanto, mais próximas umas das outras do que qualquer ser humano, em qualquer tempo.

— E o que aconteceu, padre? O que aconteceu quando vocês três entraram na nave? — Parker quis saber.

Com o auxílio da ponte de corda, valendo-se várias vezes dos instrumentos que Jack tirava de seu saco de surpresas, os três chegaram, por fim, à entrada principal de Thunder Hill. Ginger arregalou os olhos diante das desconhecidas portas de aço. O vento, soprando sobre o gelo, desenhara estranhos arabescos na superfície polida do metal, como ideogramas de significado indecifrável. A frente das portas, começava uma espécie de caminho recoberto de asfalto, com certeza equipado com aquecedores, pois não se via o menor vestígio de neve, e uma fumaça clara, puro vapor, subia do chão. O caminho descia em direção a oeste, cruzando a planície rumo à floresta, onde se viam as luzes do portão junto à guarita.

Se aparecesse alguém para entrar ou sair nos próximos minutos, ou se houvesse uma troca de guardas, todo o trabalho de chegar até ali estaria perdido. Os três, é claro, poderiam esconder-se, acobertados pela noite. Não havia sinais de pegadas na área próxima à entrada, o que significava que alguém estivera ali nas últimas horas. Mas as marcas de seus pés, brilhando na neve solta, falavam mais que quinze alarmes disparando ao mesmo tempo. Era preciso entrar logo, sem perda de tempo, ou jamais entrariam.

A pequena porta de acesso do pessoal parecia tão impenetrável como a outra. Jack nem piscou. Tirou da sacola maior o computador portátil que o ajudara tantas vezes, pediu a Ginger que não tirasse os olhos da entrada principal, sem deixar de prestar atenção a qualquer luz ou ruído suspeito que

aparecesse dos lados do platô, entregou uma lanterna a Dom, e começou a trabalhar.

Ajoelhada na neve, olhos e ouvidos atentos ao menor ruído, Ginger sentia-se à mercê do destino, a quase quatro mil quilômetros de seu apartamento em Boston. O vento batia-lhe forte no rosto. A neve grudava-se a suas sobrancelhas e, ao derreter, pingava-lhe nos olhos. Que situação estúpida! *Meshugge*. Que direito tinha alguém de destroçar a vida de tantas pessoas?! Quem o mal-

dito Ktlkirk pensava que era? Quem seria o louco que lhe dava ordens? Maus americanos. *Momzers*, todos *momzers*. Lembrou-se do rosto de Falkirk, que vira no jornal: *treifniak*, como adivinhara desde o primeiro instante, um homem em que não se podia confiar, nem por um momento, nunca. Sempre que Ginger recheava os pensamentos de tantas palavras em ídiche, das duas uma: tinha sérios problemas na vida... ou estava morta de medo.

Menos de quatro minutos depois que Jack acionara seu aparelho, ouviu-se o ruído da porta deslizando para dentro da pedra. Dom saltou de susto e Jack caiu sentado na neve. Quando se aproximou para ajudá-lo, Ginger viu que a porta se abria tão repen-*tinamente e com tanta força que ele não tivera tempo de desligar os fios do miniterminal, que assim foram arrancados e puxados para dentro do nicho em que a porta se encaixava.

De qualquer modo, a entrada estava franqueada, e não soou nenhum alarme. A sua frente, estendia-se o túnel de concreto, com três metros e pouco de comprimento por dois de diâmetro, iluminado por lâmpadas fluorescentes. Dobrava à esquerda e acabava em outra porta de metal.

— Esperem aqui — Jack correu para dentro do túnel e olhou em volta. Ginger plantou-se ao lado de Dom, certa de que, embora o plano fosse deixar-se prender em Thunder Hill, não resistiria à tentação de disparar a correr pela neve, ao primeiro sinal de que algo não ia bem. Talvez adivinhando-lhe os pensamentos, Dom enlaçou-a pelos ombros e estreitou-a junto a si, não apenas para impedi-la de fugir, como também para lembrá-la de que não estava sozinha.

Pouco depois, certo de que nenhum sinal dispararia à entrada do túnel, Jack voltou para juntar-se aos dois.

— Há duas câmaras de circuito fechado no teto do túnel.

— Você foi visto? — Dom perguntou.

— Acho que não, porque as câmaras não se moveram para me acompanhar. Acho que é preciso fechar a entrada principal para abrir a segunda porta. No instante em que a primeira porta é fechada, as câmaras começam a funcionar. Há pontos de gás junto

às luminárias. Estão escondidos, mas eu os vi. O sistema completo funciona mais ou menos assim... você fecha a porta externa e aciona as câmaras antes de abrir a segunda porta. Caso as câmaras não gostem de sua cara, é acionado o gás. Seja para fazer você dormir, seja para matá-lo... dependendo apenas do gás que usem.

— Viemos até aqui para ser presos, não para morrer numa câmara de gás — protestou Dom.

— Basta deixarmos aberta a porta externa até abrirmos a segunda... — Jack sorriu.

— Mas você acabou de dizer que isso é impossível!

— Talvez seja fácilimo...

O próximo passo foi esconder as sacolas na neve; Jack parecia ter certeza de que não precisariam daquele equipamento e seria perda de energia carregá-lo. Depois, instruída por ele, Ginger encarregou-se de cortar os fios das câmaras com um canivete de escoteiro. Em seguida, Jack correu para a segunda porta:

— Não tem segredo exposto. Portanto, não faz diferença que o computador esteja fora de combate.

— Será que não há escuta? — Ginger sussurrou.

— Deve haver. Mas só é acionada quando a porta externa se fecha. Aí o computador, as câmaras e os microfones começam a funcionar. Caso haja um guarda do lado de lá, não nos ouviria através dessa porta nem se gritássemos. — Jack explicou em voz baixa, junto ao ouvido de Ginger. Apontou o painel de vidro à direita da segunda porta. — Eis o “abre-te, Sésamo”. O Exército começava a usar esse tipo de fechadura eletrônica há oito anos, quando deixei o serviço. Basta pressionar a palma da mão contra o vidro e “mostrar” suas impressões digitais ao computador. Ele as analisa e

compara com as impressões do pessoal autorizado a entrar. Então as portas se abrem.

— E se as impressões não conferem? — Dom perguntou, também em voz baixa.

— O gás é liberado.

— Mas então, como vamos entrar? — Ginger arregalou os olhos.

— Dom vai abrir a porta e nos convidar para a festa.

Boquiaberto, Dom virou-se para ele.

— Você está doido?! Como é que vou fazer minhas impressões digitais conferirem com...

— Esqueça as impressões. Use as mãos como usou em Reno... para arrancar os pôsteres da parede do infeliz Lomack. Ou como usou para fazer descerem as cadeiras voadoras, lá no restaurante. Vire-se para a porta e lhe ordene que desapareça da frente. Deve ser simples.

— Não posso... Não sei como...

— Finja que a porta está coberta de saleiros e vidros de molho. Faça de conta que não é porta, mas cadeira. Sei lá! Invente um jeito... e seja rápido, por favor.

— Não dá. Você mesmo viu, no restaurante, que não sei controlar os poderes. Alguém poderia ter-se ferido. E se, sem perceber, eu disparar o gás?

Jack baixou a cabeça e calou-se por um momento. Quando tornou a falar, a voz soou dura e fria como aço:

— Vou pedir-lhe mais uma vez... *Por favor*, Dom Corvaisis, abra essa porta.

— Não. É minha última palavra. Não insista.

Jack virou-se e rumou para a porta principal. Certa de que ele estava saindo, Ginger ainda deu dois passos para tentar convencê-lo a voltar, mas viu-o parar antes da saída, a mão sobre um botão na parede.

— Um terminal termossensível — disse para Dom. — Se você não tentar abrir essa porta, encosto a mão aqui, a porta externa se fecha, as câmaras nos encontram, não nos identificam como “qualificados”, e o gás é liberado. Vêm os guardas e...

— Acho que viemos exatamente para ser apanhados — Dom continuava a negar com a cabeça.

— Viemos para descobrir o que está acontecendo aqui... e *depois* ser presos.

— Temos que nos contentar só em ser presos. — Dom continuava intransigente.

Aberta para a noite gelada, a porta, externa fazia escapar o calor do túnel, e o vapor branco aumentava a impressão de que os dois homens travavam uma batalha de vida e morte.

Entre os dois, Ginger adivinhava quem seria o vencedor. Gostava de Dom e admirava-o a ponto de não pensar duas vezes antes de lhe confiar a própria vida. Na verdade, já lhe entregara a vida. Mas não havia dúvida de que Jack o derrotaria, porque estava habituado a vencer, e Dom, como ele próprio dizia, acabava de sair de uma toca de coelho, onde sempre se escondera.

— Se nos virem, morreremos. Duvido que percam tempo em nos fazer dormir. Nada disso! Vão usar cianureto ou algum outro gás venenoso que, sem dúvida, atravessará nossas roupas, porque não são idiotas a ponto de pensar que não trouxemos máscaras — Jack falava calmamente, com segurança, a mão a centímetros do botão na parede.

— Você está blefando!

— Será? — Jack sorriu com o canto dos lábios.

— Você não tem coragem de nos matar.

— Sou um criminoso profissional, já esqueceu?

— Você foi... não é mais.

— Uma vez bandido, sempre bandido.

Seus olhos agora brilhavam de um modo estranho. No sorriso enviesado, havia algo de sádico, que fez Ginger estremecer: começava a acreditar que ele cumpriria a ameaça, se as coisas não corressem como queria.

— Você não planejou nossa morte, não é? E se der errado? — Dom ainda balançava a cabeça.

— Não, mas também não previ que você se recusaria a colaborar. Abra logo a merda dessa porta!

Dom virou-se para Ginger, respirou fundo e pediu:

— Afaste-se daqui.

Ela obedeceu de imediato e Jack gritou:

— Quando abrir a porta, entre logo. Deve haver um guarda do outro lado, mas ele vai levar um grande susto, porque nenhum alarme o preveniu. Se você conseguir derrubá-lo, eu estarei a seu lado para concluir o serviço. Temos uma boa chance de descobrir o que existe aí antes que apareçam outros guardas.

Dom concordou. Virou-se para a porta, tocou-a de leve, como um experiente arrombador, tentando “sentir” a fechadura. Junto à saída, Jack afastou a mão do botão que fecharia a porta principal, voltou-se para Ginger e murmurou para que Dom não o ouvisse:

— Estou pressentindo que, a qualquer momento, o gigante vai descer pelo pé de feijão e acabar com a brincadeira.

Ginger descobriu que ele jamais os condenaria à morte. Se Dom não concordasse em tentar abrir a porta, provavelmente, Jack inventaria um modo de ser apanhado, talvez retornando à guarita.

De repente, como um sopro de vento, a porta do fim do túnel abriu-se. Foi um movimento tão repentino que Dom caiu de costas, esquecido das instruções. Num instante, porém, levantou-se e correu para dentro. Jack, que acionara o mecanismo da porta externa antes que o outro se levantasse, correu para a segunda porta, com Ginger nos calcanhares.

Estavam no grande túnel de pedra, escavado na rocha. Ginger parou, à espera dos primeiros tiros, mas não ouviu um único ruído. Acima de sua cabeça, descendo de um teto que não se via, perdido na escuridão, apareciam as lâmpadas que iluminavam a passagem: uns vinte metros de largura por quase cem de comprimento, da porta ao hall onde deveriam estar os elevadores; a três metros da entrada, uma mesa cimentada ao piso, e sobre a qual se espalhavam exemplares de revistas da semana, um terminal de computador e... nenhum guarda. O túnel estava silencioso e deserto como um mausoléu. Estranho... um depósito que custou milhares de milhões de dólares, projetado para enfrentar a Terceira Guerra Mundial, assim, entregue aos ratos...

— Não é possível! — Jack olhava em volta. — Onde estão os guardas?!

— E agora? — perguntou Dom, ainda assustado com a façanha da porta, tao simples e perfeita, depois do fracasso no restaurante.

— Há alguma coisa errada... — Jack franzia as sobrancelhas. —

Não sei o que e, mas sinto na pele. — Tirou o capuz e correu o zíper do abrigo. Dom e Ginger repetiram seus gestos. — Esta é a área de carga e descarga de caminhões. As instalações principais devem estar no piso inferior. Não estou gostando do silêncio, mas acho que devemos descer.

— Temos é que parar de especular e agir rápido — Ginger caminhou para o fim do túnel, ouvindo o zumbido da porta que Jack fechava.

Mergulharam no coração de Thunder Hill.

2. MEDO

Andavam em silêncio como ratos escondendo-se de um gato faminto, e ainda assim seus passos ecoavam pelas paredes de pedra. Passaram pelos elevadores maiores, abertos, plataformas movidas por dois pilares hidráulicos sincronizados, um de cada lado, grandes o suficiente para o transporte de aviões. Deixaram para trás os ascensores médios, também de carga, e, por fim, chegaram a um elevador de tamanho normal.

Entraram, e no instante em que Jack apertou o botão, Dom lembrou-se de outros detalhes da noite de 6 de julho do ano retrasado. Lembrou-se da Lua mudando de cor... e do pouso da nave. Um cilindro liso, aparentemente simples, quase comum, e que, sem dúvida, vinha de outro planeta. Quando conseguiu acalmar-se, Dom percebeu que estava com a testa colada à parede fria do elevador, os braços cruzados sobre o peito, tremendo como criança assustada. Virou-se, viu os companheiros fitando-o de olhos arregalados, à espera.

— O que aconteceu? — Ginger perguntou.

— Lembrei-me de mais uma coisa...

Dom contou-lhes o que acabava de “ver”. Não precisou falar muito para que os dois também se lembrassem. Os olhos de Ginger brilhavam, Jack baixou a cabeça para esconder as lágrimas... de medo, alegria, espanto e esperança.

— Nós entramos — Ginger murmurou.

— Sim... você, Dom e Brendan — completou Jack, a voz grave e emocionada.

— Não consigo lembrar o que aconteceu dentro da nave...

— Nem eu — Dom suspirou. — Pelo menos até agora. Lembro-me de tudo, até o momento em que atravessamos o portal da nave e vimos a luz dourada.

Ginger estava pálida. Dom adivinhou que também ela descobrira a explicação para a poderosa empatia que os jogara nos braços um do outro quando se encontraram no aeroporto, no domingo anterior. Haviam entrado juntos na nave e lá viram alguma coisa que os ligou para sempre.

— A nave deve estar escondida aqui em Thunder Hill — disse ela. Tem que estar!

— Por isso, o governo tomou a terra dos fazendeiros — Dom acrescentou. — Aumentaram a área de segurança para impedir que alguém se aproximasse o suficiente para suspeitar do que existe aqui.

— Deve ter sido difícil transportar a nave — Jack pensou em voz alta.

— Existem aquelas enormes jamantas que transportam mísseis.

— Sim, eu sei. Mas por que eles teriam mantido a história sob sigilo absoluto?

— Não faço idéia... — O elevador parou e Dom virou-se para sair. — Quem sabe não descobrimos tudo em menos de um minuto?

Estavam no segundo piso subterrâneo. A julgar pela demora da descida, havia vários metros de rocha sólida entre um patamar e outro. A frente, uma enorme caverna, com quase noventa metros de diâmetro. Ao redor, vários compartimentos de paredes de metal, dipostos como *trailers* num acampamento. Dois dos *trailers* estavam iluminados; os outros, às escuras, pareciam desertos. Dom pensou nos acampamentos em locações de filmagem, os

vagões-camarim dispostos em círculo. Na outra parede, abriam-se quatro grandes grutas, uma delas fechada com uma curiosa pilha

de toras de madeira, primitiva, rústica, deslocada no ambiente de alta tecnologia do lugar.

Mais espantoso, porém, era o silêncio. Aquela caverna deveria estar pululando de gente, mas aparecia deserta, como que abandonada. Não havia um único guarda na entrada, não se via viva alma no segundo piso, não se escutava nem barulho de máquinas, vozes, passos!

Verdade que fazia frio e, àquela hora, o pessoal da base devia estar recolhido nos alojamentos vendo televisão, ouvindo música. Mas, e o silêncio?!

— Será... que estão mortos? — Ginger perguntou com um fio de voz.

— Sinto que alguma coisa está errada... — Jack olhou em volta. Sem tirar os olhos da barricada de toras, Dom deu dois passos

em sua direção. Jack e Ginger seguiram-no de perto, aproximando-se de um postigo estreito, recortado na madeira, sob o qual passava um fio de luz amarelada, diferente da luz difusa que iluminava a grande antecâmara de pedra. Dom chegou a estender a mão para empurrar a porta... e ouviu vozes. Dois homens falando baixo, quase sussurrando. Pensou em dar meia-volta e fugir, mas parou, percebendo que ali estava a melhor chance de ver o que continha a caverna... e ser apanhado conforme o plano.

Aproximou-se mais, fez um sinal para Jack e Ginger e empurrou a porta. Deu dois passos...

A nave estava ali, bem a sua frente.

Ginger parou, as mãos apertando o peito sobre o coração, que batia alucinado.

A gruta era imensa, com quase cem metros de profundidade por vinte ou trinta de largura, e um teto alto, abaulado. O chão de pedra, nivelado, criava uma plataforma lisa, de parede a parede: estava manchado de óleo, como se ali funcionasse uma oficina mecânica.

À direita da entrada, ao longo da parede, havia outros *trailers* idênticos aos do hall, com pequenas janelas e portas metálicas, alinhados até o fundo. Em cada porta uma placa: *Laboratório de*

Química, Biblioteca de Química, Patologia, Laboratório de Biologia, Biblioteca de Biologia, Física I, Física II, Antropologia, e outros que não podiam ler, pois estavam distantes. Além dos *trai-lers*, mesas de trabalho e aparelhos científicos; exceto um espec-trógrafo e um aparelho de raios X convencional, idêntico ao do Boston Memorial, os instrumentos eram moderníssimos, extremamente sofisticados.

A nave estava à esquerda da entrada. Era exatamente como Ginger lembrara quando os últimos bloqueios começaram a ruir: um cilindro de quinze ou dezoito metros de comprimento por quase cinco de diâmetro, com bordas arredondadas. Estava apoiada em alguns cavaletes de um metro e meio de altura, como um submarino recolhido para reparos. Em relação à antiga imagem, faltava-lhe apenas o brilho que a fizera mudar de cor, do branco ao es-carlate e ao âmbar. Não se viam motores nem turbinas. A fuselagem era como Ginger recordara: uma fileira de três metros de depressões arredonda-das à frente, cada uma do tamanho de um punho, sem função aparente. Do ou-tro lado, quatro cúpulas, como metades de uma concha, também sem função identificável. Espalhadas pela fuselagem, meia dúzia de elevações no metal, algumas do tamanho de uma tampa de lata de lixo, outras pequenas como fe-cho de vidro de maionese, nenhuma com mais de dez centímetros de altura, estranhas e misteriosas. Não fossem algumas marcas de arranhões, a nave estaria perfeita, lisa e brilhante. Não era espetacular, nem se parecia com as de filmes ou revistas, mas era a visão mais deslumbrante que Ginger algum dia tivera diante dos olhos. Assustava-a e maravilhava-a, dando medo e ale-gria ao mesmo tempo.

Dois homens estavam sentados à mesa, ao lado da aeronave. Um deles, alto, magro e barbudo, vestia calça escura, malha preta e um amplo avental de laboratório. O outro usava uniforme do Exército, com a túnica desabotoa-da; parecia uns dez anos mais velho que o barbudo. Nenhum dos dois correu para acionar o alarme, nem gritou chamando os guardas. Apenas levantaram-se e pararam, calados, olhando os recém-chegados.

Estavam nos esperando, Ginger pensou.

Era estranho, talvez fosse mau sinal, mas ela não se interessava com nada além da nave. Tendo Dom de um lado e Jack do outro, todos muito jun-

tos, andou na direção do engenho e parou a um passo de distância, o coração batendo como louco, maravilhada, deslumbrada, sentindo-se como que em estado de graça.

Um dos lados de fuselagem estava raspado, resultado de algum choque com asteróides ou com naves inimigas, durante a viagem. Pequenas marcas, causadas não por ventos ou tempestades terrestres, mas por algum tipo de ataque de estranhos elementos de estranhas paragens.

Talvez por intuição, talvez por já saber, Ginger “sentia” que a nave era muito antiga... podia ter milênios de idade. Correndo os dedos de leve pelo metal frio, entendeu que, na verdade, a nave era como uma relíquia, um monumento ao passado. Viera de longe, no tempo e no espaço; cumprira uma jornada quase eterna.

Dom também aproximou-se ainda mais e tocou o metal.

— Ah! — exclamou, incapaz de expressar o que sentia.

— Deus... — Ginger murmurou, fechando os olhos —, queria que meu pai estivesse aqui! Como ele gostaria de ver isto! — Ja-cob, o sonhador, que sempre amara os contos fantásticos de viagens no tempo, para o passado ou para o futuro...

— Se Jenny tivesse vivido um pouco mais... Só um pouco mais... — disse Jack, pensando que, na verdade, não queria apenas que ela estivesse ali, partilhando aquele momento; queria que tivesse resistido apenas mais um mês ou dois... para ser salva! Então, com um simples toque de mão, Dom ou Brendan poderiam devolvê-la a seus braços, viva e feliz.

— Deus... — Ginger repetiu, num fio de voz, as mãos trêmulas sobre o metal. Sabia que mal começavam a entender o significado daquele estranho encontro, as implicações que teria para o futuro, as repercussões sobre o passado... Estranho encontro, à noite num verão perdido, no deserto de Nevada.

— Uma liga desconhecida. — O homem barbudo aproximou-se dos três e tocou a nave. — Mais resistente que aço, mais dura que diamante, e incredivelmente leve e flexível. Você é Dom Corvaisis?

— Sou... — Dom estendeu a mão. Como Ginger, também pressentia que os dois homens eram aliados.

— Meu nome é Miles Bennell, sou chefe da equipe encarregada de estudar o... maravilhoso acontecimento. Este é o general Alvarado, comandante de Thunder Hill. Não podem avaliar como lastimamos o que fizeram com vocês. O que vocês viram jamais poderia ter-lhes sido roubado. Precisava ser contado ao mundo... Se existisse algum modo de remediar os erros, vocês divulgariam a verdade amanhã mesmo! Mas Falkirk chegou primeiro, encontrou vocês e...

— Falkirk?! — Jack interrompeu-o. — Está pensando que foi Falkirk quem nos trouxe aqui? Claro que não! — Riu. — Nós viemos por nossa conta.

Ginger percebeu que o general dava um passo atrás, colhido pelo impacto de surpresa. Viu-o olhar para Bennell e, aos poucos, uma pequena luz de esperança renascendo no rosto de ambos.

— Quer dizer que... entraram em Thunder Hill... sozinhos?!

— Alvarado arregalou os olhos. — Mas isso é impossível!

— A idéia de atrair Jack Twist foi sua, não foi? — Bennell sorriu para o amigo. — Conhece a ficha dele. Lembre-se de que foi soldado de elite e tem alto treinamento para... invadir áreas proibidas.

— Sem Dom, não teríamos conseguido entrar — garantiu Jack.

— Eu os trouxe até a segunda porta do túnel. Mas foi ele quem a abriu. Bennell virou-se para Dom, perplexo, as sobrancelhas franzidas.

— Mas... o que você entende de sistemas de segurança? A menos que... Claro! Você tem poderes especiais! Depois de arrancar os pôsteres da casa de Lomack, e de fazer aquela luz surgir quando viu Brendan, você deve ter percebido que era capaz de fazer qualquer... milagre! E acabou descobrindo a verdade... o poder está em *você*.

prova de que ouviam mesmo todas as nossas conversas no motel, Ginger pensou. Mas prova, também, de que Jack conseguira manter em segredo os planos de fuga. Se não tivesse arrancado os telefones e mantido vedadas as janelas, Bennell saberia também dos saleiros voadores.

— E verdade. Brendan e eu sabemos que temos poderes teleci-néticos... e outros, talvez. Mas de onde vem esse poder? Sabemos que devem ter

algo a ver com a nave, mas não conseguimos lembrar o que aconteceu depois que entramos. O senhor sabe?

— Não... — Bennell balançou a cabeça. — Sabemos que vocês três entraram, e isso é tudo. Não temos idéia do que aconteceu dentro da nave! Quando chegaram os helicópteros com os homens da DE-RO e os primeiros cientistas, vocês saíram, em estado de choque. Não ficaram lá dentro mais que alguns minutos. Quando foram presos, disseram que não tinham visto nada de especial, só deram uma espiada. Para impedir que vocês resistissem à prisão, o pessoal sedou os três e levou-os de volta ao Motel Tranqüilidade. Assim, se, depois de passado o choque, vocês mudassem de idéia e resolvessem contar o que viram, não teriam tempo.

Assustado ou angustiado, Miles passou as mãos pelos cabelos.

— Mais tarde, quando decidiram que vocês seriam submetidos a lavagem cerebral, não houve tempo sequer para interrogá-los. Sem esperar que vocês saíssem da sedação, eles apenas mudaram as drogas e deram início ao trabalho. Essa foi uma das razões pelas quais sempre discordei da idéia da lavagem cerebral. Fazer vocês esquecerem antes de lhes dar a chance de contar o que havia acontecido era, além de cruel e injusto, uma terrível asneira, porque nos deixava completamente no escuro.

Ginger olhou para a porta da nave e murmurou:

— Se entrarmos outra vez, é possível que nos lembremos de tudo...

— **Sim...** — Bennell seguiu-lhe o olhar. — **E possível.**

Também fitando a nave, Jack perguntou:

— **Como é que vocês souberam que... ela estava se aproximando e que pousaria junto à rodovia?**

— E por que decidiram esconder a nave e as testemunhas? — Dom quis saber.

— Havia... tripulantes? — Jack estava ansioso.

— Calma — pediu Alvarado, dando um passo à frente. — Vocês vão receber todas as respostas, porque têm direito a elas. Mas, antes, há problemas muito urgentes para resolver. — Virou-se para Dom. — Se você conseguiu entrar aqui, com certeza também saberá abrir as portas para o pessoal sair, não é? Poderá mantê-las abertas para que a base seja evacuada?

Ginger olhou para Dom, depois para Jack, e os viu alertas.

— Bem... — Dom murmurou. — Não sei, talvez...

— Bob... — disse Bennell, muito sério, voltando-se para o amigo. — Se o coronel perceber que a base foi evacuada ou que alguém entrou aqui, sem ser apanhado pela segurança que só ele controla, será como acender o pavio. Vai pensar que... fomos contaminados.

— Contaminados...? — Ginger perguntou.

— Leland está louco. Acredita que todos, nesta base, fomos “possuídos” pelos seres que chegaram com a nave. Acha que eles nos roubaram a alma e nos transformaram em zumbis, escravos de uma vontade superior.

— Esse cara precisa ser internado no hospício — opinou Jack.

— Doutor — começou Ginger, escolhendo bem as palavras —, é claro que não somos zumbis. Mas... há alguma razão *objetiva* para Falkirk suspeitar de contaminação?

— Em tese, sim — Miles respondeu com um esgar. — Mas só em tese. Na verdade, todos demoramos um pouco para entender o que realmente aconteceu. Mais tarde, com calma, eu lhe explicarei tudo.

— Por favor, reconhecemos que vocês têm pleno direito de saber da verdade, mas não podemos perder um minuto — disse Alvarado, já aflito. — Falkirk pode chegar a qualquer momento, trazendo as outras testemunhas do motel.

— Não vai achar ninguém no motel. Eles saíram antes de nós — Dom informou.

— Jamais subestime aquele homem. Precisamos impedir que ele entre, montar um plano de divulgação para a história de vocês e, se possível, evacuar a base. Caso Falkirk consiga entrar aqui, haverá um massacre. Talvez haja um massacre de qualquer modo, afinal...

Ouviram passos no hall. Ginger levou as mãos à boca para não gritar. Mareie, Jorja, Brendan e os outros entraram.

— Tarde demais... — Bennell suspirou.

À entrada de Thunder Hill, Parker Faine e todo o grupo foram empurrados em direção à porta menor, sob a mira da metralhadora do tenente Horner. Leland ordenara aos soldados da DERO que levassem o corpo do padre Wy-

cazík para Shenkfield, enterrassem-no sem identificação e ficassem por lá à espera de novas ordens. Não via necessidade de sacrificar a tropa toda, quando apenas ele e Plorner, seu braço direito, poderiam controlar os prisioneiros e destruir o depósito. Pobre Horner... não teria a chance de receber nem mesmo uma medalha de Honra ao Mérito...

No túnel de entrada, Leland sentiu um calafrio ao perceber que as câmaras de televisão não estavam operando. Mas logo sossegou, lembrando que o código secreto não exigia observação visual, pois fora programado para só abrir a porta interna ao receber a impressão da palma de sua mão esquerda. No instante em que tocou a chapa de vidro, a porta abriu-se.

Sempre sob a mira da metralhadora de Horner, os oito prisioneiros foram conduzidos para o elevador, que desceu para o segundo piso, e agora entravam na caverna.

Espiando por sobre as cabeças do grupo, Leland viu Ginger, Dom Corvaisis e Twist. Não podia imaginar quem os fizera entrar, mas não importava. O que valia era que ele tinha todos em seu poder, bem ali, exatamente como queria.

Deixou Horner com os prisioneiros na sala de Bennell e correu para o elevador, que o transportou para o terceiro piso inferior. Era uma pena não poder mais contar com Horner: ele ficaria muito tempo exposto aos agentes da contaminação.

Leland levava a metralhadora ao ombro, disposto a disparar no primeiro que tentasse barrar-lhe o caminho. Se aparecessem muitos, atiraria em si mesmo: preferia morrer a deixar-se contagiar. Não podia mudar, transformar-se em algo que não entendia bem, se desde a infância resistira ao pai e à mãe, e também a efes, aos vermes que o perseguiram durante anos, sob um ou outro disfarce, querendo roubar-lhe a dignidade e a própria identidade.

No terceiro piso subterrâneo guardavam-se as armas, a munição, todo o equipamento bélico. Ali sempre havia alguns operários encarregados da manutenção e os guardas de segurança. Naquele instante, porém, o local estava deserto. Sinal de que Al-varado não se atrevera a desobedecer suas ordens: o pessoal estava confinado nos alojamentos.

Talvez passasse pela cabeça do general que, agindo assim, conseguiria convencê-lo de que ainda era humano. Idiota! Seus pais também agiam, falavam e pensavam como gente... Ah! Sim... beijos, carinhos, horas e horas de conversa fiada... e quando começava a confiar neles, a acreditar nas mentiras que diziam, mostravam a verdadeira face, a horrível cara de monstro que sempre escondiam. Apanhavam a correia de couro ou a palmatória e o espancavam, dizendo que o castigavam “para seu próprio bem!” Nenhum zumbi conseguiria enganá-lo, logo a ele, Leland Falkirk, que desde menino aprendera a identificar o lobo escondido sob a pele do cordeiro.

Chegou ao local do armamento nuclear, sob segurança máxima. Apenas oito dos oficiais superiores, em Thunder Hill, tinham autorização para entrar ali, mas apenas quando se apresentassem juntos ou no mínimo em grupo de três. O computador estava programado para só liberar a entrada depois que seis palmas de mão, em ordem predeterminada, fossem apresentadas à placa de vidro. Mas, isso, antes de Leland alterar os códigos de acesso ao sistema de segurança. Agora, frente à pesada porta de metal, bastou-lhe tocar a placa com a palma da mão esquerda para abrir caminho.

A direita da entrada, as ogivas nucleares, semimontadas, mas sem detonador nem explosivo: os detonadores estavam guarda-

dos nas gavetas ao longo da parede, e as cargas de explosivo encontravam-se em cabines pressurizadas, de umidade e temperatura controladas, na parede oposta.

O treinamento militar de Leland previa a eventualidade de enfrentar ameaças de terroristas armados com bombas atômicas. Por isso ele sabia perfeitamente como montar, armar e desarmar todo tipo de bomba. Em oito minutos, sem deixar de vigiar a porta, a metralhadora sempre ao alcance da mão, armou os detonadores e implantou as cargas de explosivo de duas bombas. Depois de conectá-las a dois timers, respirou um pouco mais aliviado. Acertou os ponteiros dos mecanismos de tempo para explodir em quinze minutos e ligou os detonadores.

Levantou-se, pendurou a metralhadora num ombro e no outro prendeu as alças das bombas. Cada bomba pesava mais de trinta quilos, e ele gemeu ao erguê-las da mesa, arqueado sob o peso do apocalipse.

Qualquer outro homem pararia no meio do caminho para colocar o peso no chão e aliviar a dor dos músculos. Leland Fal-kirk, não. O peso curvava-lhe as costas, fazia arderem-lhe os nervos do braço, mas ele avançava sempre, feliz com a dor quase insuportável para qualquer outro mortal.

Na caverna de onde partiam os elevadores, ainda no terceiro piso, deixou uma das bombas, bem no meio do chão. Ergueu os olhos para o teto de pedra, e com um sorriso de satisfação examinou as paredes sólidas. Quando chegasse o momento da detonação, a menor rachadura existente na rocha faria explodir a caverna, e os andares superiores desabariam.. Leland sabia que não havia no planeta rocha sem fissura. Ainda que as paredes resistissem, ninguém sobreviveria naquele piso, nem seres humanos, nem qualquer outra forma de vida — monstros, vermes, bactérias... tudo seria reduzido a pó. O calor do inferno se instalaria na base... e também a dor.

Ele não sobreviveria à dor, mas não temeria enfrentá-la, seria uma agonia intensa, indescritível, mas breve. Duraria muito menos que as intermináveis surras com a correia de couro ou as pan-

cadadas de palmatória pelo rosto e pelas costas... ate a pele rasgar-se e o sangue jorrar como água da torneira aberta.

Com a segunda bomba ainda pendurada ao braço, sorriu para o pequeno relógio onde os ponteiros voavam. A maior das maravilhas, o que fazia as bombas atômicas tão fascinantes, era exatamente aquele pequeno detalhe: depois de armadas, com o *timer* acionado, nada nem ninguém conseguiria impedir a explosão, fatal e inexorável como o destino.

Foi até o elevador e subiu para o segundo piso.

Com Mareie no colo, Jorja correu para o lado de Jack e parou, rígida, pálida, os olhos na nave. Embora de certo modo já estivesse preparada para a cena, a presença da nave, real, palpável, a dois passos de distância, devolvia-a ao estado de exaltação e emoção do instante em que, ainda no caminho de Falkirk, começara a lembrar-se.

Mareie debatia-se para soltar-se, e Jorja colocou-a no chão. A menina deu dois ou três passos vacilantes em direção à nave e estendeu a mão para tocar o bojo de metal.

— A Lua... — murmurou.

— Não, querida. Não é a Lua. É um tipo de avião, diferente dos que conhecemos. Foi essa... nave que desceu do céu, naquela noite. Não foi a Lua, que parecia cair sobre nossas cabeças. Você se lembra...? Era branca, depois ficou vermelha...

— Não foi a Lua... — Mareie repetiu, baixinho, as sobrancelhas franzidas, no esforço de conseguir separar, na lembrança, o que era pesadelo e o que era realidade.

— Não... Foi essa nave espacial.

A menina virou-se para Jorja e, pela primeira vez em semanas, reconheceu o rosto da mãe. E sorriu.

— Uma nave... como a do capitão Kirk?

— Acho que sim... — Jorja riu.

— Como a de Luke Skywalker, de *Guerra nas Estrelas* — Jack ajudou.

— Luke?! E Han Solo?!

Essa mesma. — Jack sorriu, mas vendo que Mareie outra vez se alheava e voltava a olhar para a nave como se não a visse, ficou sério e pousou a mão no ombro de Jorja. — Não se preocupe. Ela precisa de algum tempo para se adaptar às novidades. Mas logo, logo, estará bem, rindo e brincando como antes.

Jorja fechou os olhos, em parte para agradecer a Deus por ter conhecido aquele homem, em parte para usufruir mais intensamente a segurança que a presença de Jack lhe transmitia. Mas logo recuperou a consciência de sua situação e disse:

— Talvez... Se conseguirmos escapar daqui.

— Claro que vamos escapar. Ainda não sei como, mas vamos sair mais cedo do que você pensa.

Dom correu para abraçar Parker, com um sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos.

— Como foi que você chegou aqui?!

— Depois eu conto tudo — o outro respondeu, a voz e o rosto sombrios dizendo claramente que nem tudo fora um mar de rosas.

— Eu não tinha o direito de envolvê-lo nessa confusão.

— Você não tinha o direito é de me deixar de fora... — Parker olhou para a nave e esqueceu-se do resto, deslumbrado.

— O que aconteceu com sua barba? Você cortou o cabelo!

— Não lhe disse que só rasparia a barba quando acontecesse alguma coisa que merecesse *mesmo* ser comemorada? Não acha que *isso* — apontou para a nave — vale mais que uma barba velha?

Ernie contornava a nave, tocava-a com a ponta dos dedos, examinava os mínimos detalhes. Ao lado de Brendan, Faye esperava, tão preocupada com ele quanto com o marido. Fazia meses que perdera a fé, ou achava que a perdera, o que dava na mesma; agora acabava de ver seu melhor amigo morto. Estava pálido, com olheiras, porém mesmo assim conseguiu sorrir, ao comentar:

— Ela é linda, não é?

— Linda... como o futuro — Faye respondeu. — E eu que nunca acreditei em histórias de discos voadores!

— Mas isso não é Deus... — Brendan baixou a cabeça. — No fundo do coração, eu esperava outro tipo de milagre.

— Lembra-se do que Parker contou no caminhão? Sobre o que o padre Wyczik disse a ele? Seu pároco sabia que alguma coisa tinha descido à Terra, uma nave interplanetária. Sabia que não era Deus... e, ainda assim, sentia com mais intensidade o mistério da fé.

— Você não o conheceu — atalhou Brendan. — Para ele, *qualquer coisa* servia para reforçar a fé.

— Pois você é como ele. Só precisa de algum tempo para se adaptar. Na verdade, você é *igualzinho* a seu querido padre Wyczik.

— Mas você nem o conheceu! — Brendan olhou-a, surpreso.

— Nem precisaria conhecê-lo. O que você nos contou sobre ele foi suficiente para ver o quanto você o amava. Admirou-o como padre e como ser humano. Mas você ainda é muito jovem. Com o tempo, à medida que for amadurecendo e aprendendo mais sobre a vida e os homens, também será como ele... um grande padre e um grande homem. E fará de cada dia da sua vida uma homenagem a ele.

Brendan começava a vislumbrar alguma esperança de reencontrar a paz. Com os olhos úmidos, fitou Faye e tornou a baixar a cabeça.

— Acha que eu posso... sonhar com isso? — murmurou.

— Tenho certeza. — Ela o abraçou como mãe confortando o filho.

De mãos dadas, Sandy e Ned contemplavam a nave de longe. Quase não tinham mais o que dizer, porque tudo que importava já fora dito. Pelo menos, era o que Ned pensava, o coração explodindo de alegria.

Foi quando Sandy encontrou um assunto. Alguma coisa muito importante, sobre a qual nenhum dos dois jamais falara:

— Se escaparmos dessa, quero ter um filho. Vou procurar um médico, descobrir por que nunca engravidei. Talvez haja um meio...

— Mas você... você nunca...

— Nunca me preocupei porque achava que o mundo não merecia, que eu não merecia, que o bebê não merecia viver só para sofrer — ela respondeu. — Mas agora é diferente! Quero um filho, para estar vivo quando nós dois não existirmos... para poder gostar de viver nesse mundo novo que vem aí, para viajar pelo espaço, para ir ao encontro dessas criaturas que nos trouxeram a felicidade. Prometo que vou ser a melhor mãe deste mundo... e, quem sabe, de outros também!

— Eu sei. — Ned abraçou-a, como sempre sem encontrar as palavras certas.

Quando Miles Bennell viu chegarem as últimas testemunhas, compreendeu que de nada adiantariam os poderes de Dom para manter Falkirk a distância. O único poder que o faria parar era a arma que trazia escondida na cintura. Imaginava que Falkirk fosse aparecer com um verdadeiro exército da DERO, e surpreendeu-se ao ver Horner entrar sozinho, de metralhadora apontada para a cabeça de Mareie.

— General Alvarado, doutor Bennell — disse o tenente —, o coronel Falkirk chegará num instante.

— Como se atreve a aparecer armado em frente de seu comandante, tenente?! — O general Alvarado avançou para a metralhadora. — Não percebe que estamos numa caverna? Não entende que, se escorregar esse dedo

no gatilho, a arma dispara, as balas ricoche-teiam nas paredes e todos podemos ficar feridos, inclusive você?

— Meu dedo jamais escorrega no gatilho, senhor. — Havia tamanha ironia em sua voz que era quase um desafio.

— Onde está Falkirk? — O general resistiu à provocação.

— Está ocupado, senhor, em tarefas urgentes. Pede que o desculpem pela demora... Mas logo estará aqui.

— Que tarefas?

— Não estou informado, senhor.

Ao lado, Miles imaginava o que Falkirk estaria fazendo e chegava a temer que já houvesse ordenado a execução dos soldados confinados nos alojamentos. Não se ouviam tiros... o que, afinal de contas, pouco significava entre aquelas paredes de pedra. Estava a ponto de saltar sobre Horner, desarmá-lo e começar a limpeza, mandando-o para o inferno com metralhadora e tudo.

Para controlar os impulsos assassinos, decidiu que a única coisa a fazer era aproveitar o tempo para contar às testemunhas o que sabia e descobrir o que pudesse. Já de início, descobriu que conheciam o relatório do GETRAU. Em rápidas palavras, resumiu-o para os outros, respondendo, para começar, às perguntas que Dom e Jack haviam feito. O segredo fora idéia de Falkirk, baseado nas conclusões do relatório sobre a destruição da vida no planeta, a catástrofe total e outras previsões fatalistas.

Quanto à nave, fora detectada pelos satélites avançados, posicionados a trinta e cinco mil quilômetros da Terra, que a viram passar pela Lua. Os soviéticos, cujo equipamento de vigilância não era tão acurado, só muito mais tarde descobriram a aproximação da nave e nunca chegaram a identificá-la com precisão.

De início, os observadores imaginaram que se tratasse de um grande meteorito ou um pequeno asteróide em rota de colisão com a Terra. Se fosse constituído de material poroso, talvez se incendiasse ao entrar na atmosfera. Caso contrário, havia ainda a possibilidade de que se fragmentasse em meteoritos menores, quase inofensivos. Mas a Terra estava sem sorte. As primeiras pesquisas, descobriu-se que o “meteorito” continha alta taxa de ferro e

níquel, o que formava uma liga resistente, eliminando a possibilidade de fragmentação extensa e criando terrível ameaça potencial. Naturalmente, podia-se contar com a alta probabilidade de que caísse no mar, que cobre setenta por cento do planeta. Se a queda acontecesse muito junto à costa, contudo, teria o impacto de um maremoto, geraria uma onda gigante — a *tsunami* dos japoneses — que devastaria grande extensão do litoral. Na pior das hipóteses, corria-se o risco de que o “meteorito” caísse em área densamente povoada. Aventou-se, então, a possibilidade de destruí-lo antes que chegasse à Terra ou alterar-lhe a trajetória.

— Imaginem o que aconteceria se uma peça de ferro e níquel, grande como um ônibus, desabasse sobre o centro de Manhattan, à velocidade de quase três mil quilômetros por hora — Ben-nell exemplificou.

Seis meses antes, as órbitas dos satélites de defesa espacial dos

Estados Unidos haviam sido secretamente alterados. Espertos e previdentes, os projetistas os equiparam com armas poderosas e altamente manobráveis, capazes de destruir qualquer ameaça à segurança nacional oriunda desse ou daquele planeta. Não dispunham de ogivas nucleares, mas o armamento acoplado aos satélites parecia plenamente satisfatório para dar combate ao “pedacinho” de lixo espacial que ameaçava o país.

— Então — Miles continuava —, poucas horas antes do momento previsto para o ataque ao “meteorito”, começamos a receber fotografias espantosas. Não podia ser um meteorito, porque as fotos mostravam um objeto de simetria bilateral perfeita. Os dados dos computadores instalados nos satélites confirmaram nossas suspeitas. As fotos chegavam de dez em dez minutos. Ao fim de uma hora, nenhum de nós tinha dúvidas de que se tratava de uma nave espacial. A idéia de destruí-la foi imediatamente descartada. Os soviéticos não sabiam de nada, porque não estavam rastreando o objeto. Quando tivemos certeza de que ele entraria no campo de observação dos soviéticos, começamos a emitir sinais de interferência; assim, não poderiam saber da “visita” que estávamos esperando. De início, pensamos que a nave não conseguiria escapar à atração gravitacional da Terra e seria apanhada em órbita fixa, antes de colidir com nosso planeta. Pouco depois, quando já não havia o que fazer, vimos que a nave se aproximava da Terra seguindo a trajetória

de um autêntico meteorito; só que, para nossa surpresa, a queda parecia controlada. Trinta e oito minutos antes do pouso, tínhamos dados suficientes para calcular e prever o ponto de impacto: Elko, Nevada.

— Tiveram tempo para ordenar o bloqueio da rodovia e convocar Falkirk e os homens da DERO, que, com certeza, andavam aqui por perto... — completou Ernie Block.

— Estavam em manobras em Idaho — Miles concordou. — Felizmente, estavam próximos. Ou infelizmente, conforme o ponto de vista.

— Quanto a seu ponto de vista, doutor Bennell, é desnecessário insistir. Já o conheço. — Leland Falkirk sorria, encostado à porta.

Na cintura de Miles, a arma pesava como um canhão e parecia como um estilingue.

Ao ver Falkirk, Ginger descobriu que as fotos do *Sentinela* não lhe faziam justiça. Era mais atraente e mais imponente do que o jornal mostrava. A metralhadora, que carregava despreocupadamente pendurada no ombro, parecia cem vezes mais ameaçadora que a de Horner, apontada para o coração do dr. Bennell. Ginger teve a impressão de que aquela postura, tão descontraída, era quase um convite para que alguém se atrevesse a atacá-lo. Ao vê-lo entrar, pressentiu ou adivinhou a aura de loucura e terror que o acompanhava.

— Onde estão seus soldados, coronel? — Bennell perguntou.

— Estamos aqui... o tenente Horner... e eu. Não achei necessário mobilizar mais gente para discutir um assunto tão simples com pessoas tão sensatas.

Bennell fungou, confuso e assustado. Ginger sentiu um arrepio.

— Por favor — Falkirk continuou, sorrindo ligeiramente —, não interrompam o que estavam fazendo. O doutor Bennell terá todo o prazer em responder às perguntas que desejem fazer.

— Tenho uma pergunta — declarou Sandy. — Onde estão os... tripulantes dessa nave?

— Estão mortos. Eram oito... e morreram antes de pousar.

Para Ginger, foi como saber da morte de uma família amiga.

— Morreram... como? — Ned quis saber. — Alguma doença?

Sem tirar os olhos de Falkirk, Bennell respirou fundo e explicou:

— Para compreender, vocês precisam saber, pelo menos, o que descobrimos sobre eles e sobre as razões que os fizeram vir até nós. Encontramos, no computador da nave, uma espécie de enciclopédia de sua cultura, da história de sua espécie. Demoramos duas semanas para descobrir a fita de vídeo e mais de um mês para entender como operar o aparelho onde estava. Descobrimos que o aparelho estava em bom estado de conservação, funcionando perfeitamente, o que é espantoso, considerando que... Bem, vamos por partes. Interessa, por ora, que vimos a fita, e entende-

mos perfeitamente a mensagem que nos traziam, porque usaram uma linguagem visual de fantástica clareza, que praticamente eliminava a barreira da língua. Alguns cientistas chegaram a se emocionar, chorando como crianças, ao perceber que se sentiam como irmãos de nossos... convidados.

— Irmãos... — Falkirk repetiu, com um riso irônico e maldoso. Bennell fez como se não tivesse ouvido e continuou:

— Seriam necessárias muitas semanas para que eu pudesse lhes contar tudo o que sabemos sobre eles. Por enquanto, para que entendam o que aconteceu, basta saber que a espécie deles é muito mais antiga que a nossa. Quando partiram para essa viagem, haviam localizado já cinco outros planetas habitados por seres inteligentes.

— Cinco! — Ginger exclamou, deslumbrada. — Mas... é fabuloso! Ainda que todas as galáxias estivessem cheias de seres inteligentes, é quase impossível acreditar que tenham conseguido localizar cinco, quando nós, por exemplo, em milhões de anos, não localizamos um único planeta habitado!

— Creio que, quando afinal dominaram a tecnologia das viagens intergalácticas — Bennell prosseguiu —, a questão de encontrar e visitar seus planetas irmãos tornou-se para eles uma espécie de religião, um dever místico. É difícil entendermos bem esse aspecto de sua cultura. A verdade é que a fita que trouxeram fala mais de aspectos do dia-a-dia que de altas indagações filosóficas. Mas vários pesquisadores, além de mim, acham que as viagens eram, para eles, uma espécie de serviço religioso, como se, na busca de outros tipos de vida, tentassem provar que todos nós estamos ligados a um único Criador.

— Deus?! — perguntou Brendan, lívido. — Acha que eles te-riam vindo como mensageiros de... Deus?

— Talvez. Não como “mensageiros”, no sentido em que entendemos os anjos, por exemplo. Não traziam nenhuma mensagem de caráter religioso. Tenho a impressão de que a grande missão desses viajantes era ajudar a estabelecer contato entre as várias es-

tihi

pécies que habitam o espaço. Fazer com que se encontrassem e criassem laços entre si.

— Laços... — Falkirk fez uma careta e olhou o relógio. Lentamente, movendo-se com calma, o general aproximava-se

de Leland sem que o outro o visse. Percebendo a manobra, e cada vez mais angustiada com o clima de crescente hostilidade entre Bennell, Falkirk e Alvarado — hostilidade que não conseguia entender —, Ginger acercou-se de Dom e enlaçou-o pela cintura.

— Eles nos trouxeram um presente — disse Bennell, chegando /mais perto de Falkirk. — Pertencem a uma espécie antiqíííissima,

que viveu milênios para aprender a usar esses poderes que, para nós, ainda parecem paranormais, como a capacidade de cicatrizar tecidos ou mover objetos. Nossos “amigos” não apenas tiveram tempo para desenvolver tais poderes, como também descobriram um modo de transferi-los a espécies que ainda não *jps* conhecem.

— “Transferi-los”? — Dom repetiu. — Como? *rp-* — Ainda não descobrimos. Mas não há dúvida de que eles sabem passar adiante suas habilidades. O que aconteceu com vocês, por exemplo, comprova isso.

— O quê?! — Jack arregalou os olhos. — Está dizendo que Dom e Brendan também podem passar para nós... ou para qualquer outra pessoa... os poderes que têm?!

— Já aconteceu — Brendan respondeu por Miles. — As duas pessoas que consegui salvar em Chicago, um policial e uma garo-tinha, já são capazes de fazer o que eu faço.

— Mais dois focos de contágio — Falkirk resmungou.

— Três, coronel. — Parker sorriu. — Eu também fui salvo por Brendan. Se o senhor precisar, me telefone. Será um prazer salvá-lo.

Falkirk fulminou-o com um olhar, e Brendan continuou:

— Não acredito que Dom e eu sejamos capazes de transmitir só um de nossos poderes. Acho que, quando salvo alguém, transmito-lhe *todos* que recebi, mesmo aqueles que ainda não descobri.

A cabeça de Ginger dava voltas, como um torvelinho.

— Deus... Doutor Bennell, o senhor está dizendo que eles vieram para acelerar nosso processo de evolução... Para nos fazer queimar etapas, de modo que nos transformaremos logo numa espécie superior... E isso?!

— Parece que sim.

— Ora, ora... — Falkirk olhou para o relógio. — Chega de palhaçada!

— Mas que palhaçada, coronel? — Faye virou-se para ele. — Será que já não basta a loucura de imaginar que não somos humanos?

— Por favor, não cometa o erro de pensar que me engana. Vocês estão todos *possuídos* por esses demônios. Bobagem tentar me enganar.

— O que significa isso? — Ginger perguntou a Bennell, vendo-o aproximar-se de Falkirk pela esquerda, com a clara intenção de chamar sua atenção para o lado oposto ao do general Alvarado.

— Um erro — Bennell respondeu. — Ou, talvez, apenas outra amostra da pobreza de espírito de nossa infeliz espécie, sempre desconfiada e assustada frente a tudo que é diferente. Até eu e alguns de nossos cientistas mais confiáveis chegamos a temer que os extraterrestres tentassem controlar nossas mentes. Mas logo compreendemos a verdade, à medida que tivemos acesso às fitas de vídeo de sua enciclopédia.

— Eu não acredito na “verdade” dessas fitas — gritou Leland. — Pura propaganda. Mentiras e mais mentiras. Vocês foram contaminados.

— Não acredito que *eles* fossem capazes de mentir — rebateu Miles. — No entanto, supondo que quisessem nos enganar, por que trariam as fitas? Por que se preocupariam em explicar o que estavam nos dando de presente, sem pedir nada em troca?

— Sei que nem todos aqui são religiosos — disse Brendan —, mas eu os vejo como verdadeiros mensageiros de Deus. Como anjos...

— E demais! — Falkirk soltou uma gargalhada. — Você pensa que consegue me fazer engolir essa baboseira de anjos e mensageiros de Deus... como meu pai, aquele desgraçado, fazia? Esque-

ça! Não acredito em anjos... Acho que nem vocês acreditariam que eles são anjos, se os vissem... São monstros... Não têm cabeça... parecem vermes... nojentos, visguntos... São monstros!

— Vermes? — Brendan virou-se para Miles. — O que ele quer dizer com isso?

— Nossos visitantes, na verdade, não se parecem conosco — explicou o doutor. São bípedes, como nós, e têm dois braços e duas mãos, mas cada uma com seis dedos. Na verdade, de início, também me pareceram repulsivos. Depois, aos poucos, fui descobrindo que, lá a seu modo, eram muito bonitos.

— Só podem parecer bonitos aos olhos de seus semelhantes! — O coronel espumava de fúria. — Vocês são todos iguais! Ben-nell acaba de provar que tenho razão... vocês estão podres, contaminados, são monstros como eles, vermes...

Esquecendo o medo e a metralhadora, Ginger saltou à frente de Falkirk.

— Seu idiota! — gritou. — Que importância tem se eles não são iguais a você e a mim?! O que importa é apenas o que são por dentro, na alma, no coração, seja lá onde for! E eles vieram com o único objetivo de nos ajudar. Os seres humanos de bom coração têm mais coisas em comum com eles do que diferenças. Meu pai dizia que inteligência, coragem, amor, amizade, compaixão e empatia são as grandes qualidades que diferenciam o ser humano. Mas só a inteligência não basta para nos distinguir de um macaco... ou de um verme! Um verme não teria coragem para se aventurar pelo espaço, rumo ao desconhecido, como eles fizeram. Que verme arriscaria a própria vida para nos ajudar a ser mais felizes?

Cada vez mais exaltada, sentiu que não falava apenas aquele coronel ridículo, cheio de orgulho e vaidade, mas à própria humanidade, incapaz de ver o futuro, de sonhar, de crer e lutar por dias melhores. A humanidade está conformada com a própria miséria, porque é uma miséria conhecida, que já não assusta nem indigna, que faz parte da essência do dia-a-dia.

•— Olhe para mim, coronel! Está vendo? Sou judia. Há muita gente, por aí, capaz de achar que eu também não sou *humana*, que minha raça gera monstros, que matamos e comemos criancinhas! Que diferença existe entre o anti-semitismo paranóico de tantos e sua loucura, coronel? Por favor, pense um pouco... Deixe-nos sair em paz, sem tiros, sem mortes... Podemos ajudá-lo a reencontrar a paz... Basta que nos deixe ajudá-lo. Por favor!

— Magnífico discurso, doutora... — Falkirk bateu palmas que ecoaram, agourentas, entre as paredes de pedra. Sem parar de falar ou de olhar para Ginger, apontou a metralhadora para o peito de Alvarado.

— Pára onde está, general. Não toque na arma. Não tenho planos de morrer com um tiro... Vou esperar pelo grande fogo...

— Grande fogo? — Bennell virou-se para ele.

— O grande fogo que vai acabar conosco e livrar o mundo da desgraça que o senhor esconde aqui.

— Bob! — Bennell aproximou-se de Alvarado. — Esse maluco deve ter ativado as bombas...

— Duas bombas... — Falkirk riu. — Uma está aqui no hall. A outra está no andar de baixo. Ativadas e ligadas ao *timer*. — Consultou o relógio. — Faltam três minutos... Não há tempo nem para vocês tentarem me passar seus micróbios! Quanto tempo demora para ocorrer contágio?

Ginger olhava para Fíorner, tentando descobrir o que fazer, quando viu a metralhadora voar de suas mãos... livre, leve... parar no ar por um instante e acomodar-se, tranqüila, nas mãos de Jack. Ao lado, a metralhadora de Falkirk saltava para a mão de Ernie, que a recebeu em pleno voo.

— Foi você, Dom? — Ginger perguntou-lhe.

— Acho que sim... — Ele sorriu, ainda assustado. — Mas nem sabia que podia fazer isso, mais ou menos como Brendan, quando realiza suas curas.

— Mas de que adianta isso? — Bennell aproximou-se. — Falkirk disse que as bombas estão acionadas para explodir em três minutos.

Dom correu para a porta de madeira, gritando:

— Brendan! Cuide da bomba que está aqui. Eu me encarrego da que está no andar de baixo.

— É inútil... — Alvarado suspirou.

Brendan ajoelhou-se ao lado da bomba e estremeceu ao ver o pequeno cronômetro: faltavam noventa e três segundos para a explosão.

Não sabia o que fazer. Curara três pessoas, é verdade; fizera voarem saleiros e vidros de molho; até criara luz com o poder de suas mãos. Mas os saleiros e vidros de molho escaparam-lhe ao controle e, de um momento para o outro, passaram a ameaçar todo mundo no restaurante. Sabia que, se fizesse um movimento em falso com o detonador da bomba, de nada valeriam seus pobres de super-homem.

Oitenta e seis segundos.

Todos os outros deixaram a caverna e reuniram-se na antecâmara. Falkirk e Horner continuavam sob a mira das metralhadoras — o que, para os dois, não fazia a menor diferença, pois confiavam plenamente na eficácia da bomba.

Setenta e um segundos.

— O que acontecerá se eu fizer explodir o detonador? — Brendan perguntou para Alvarado.

— Nem tente. A bomba é programada para explodir automaticamente assim que alguém tocar no detonador.

Sessenta e três segundos.

Faye ajoelhou-se ao lado de Brendan e sugeriu:

— Faça o detonador separar-se da bomba. Como Dom fez para desarmar os dois soldados.

Brendan fixou os olhos no pequeno relógio que não parava de girar e tentou imaginar que o detonador pulava para longe da bomba. Nada!

Quarenta e quatro segundos.

Esmurrando as paredes do elevador para que andasse mais rápido, Dom correu para o hall do terceiro piso tão logo a porta se abriu o suficiente para lhe dar passagem. Ginger seguiu-o.

Ele ajoelhou-se ao lado da bomba, o coração pulando na garganta.

— Jesus! — exclamou.

Quarenta e dois segundos.

— Você vai conseguir. — Ginger não tirava os olhos dos ponteiros. —
Você tem uma tarefa grandiosa.

— Lá vai...

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Sempre sem tirar os olhos do detonador, Dom ergueu as mãos e viu os anéis aparecerem, um em cada palma. Brendan suava frio. Trinta e nove segundos.

Já sentia os anéis nas palmas da mão, sabia que o poder despertava em seu corpo, mas não concentrava-se na urgência da tarefa. Quanto mais pensava, menos conseguia controlar a energia que acordava.

Trinta e quatro segundos.

— Assim não dá... — Parker aproximou-se. — Você está tentando uma via racional, talvez porque é jesuíta, e os jesuítas são viciados em pensar. Deixe-me tentar por outro caminho, mais emocional. Eu sou artista... Deixe-me tratar disso a meu modo. — Apontou um longo dedo irado para o detonador e berrou: — Seu filho de uma puta, desgraçado, veado de merda... Caia fora daí.../a!

Com um estalido de fios rebentados, o detonador simplesmente saltou da bomba e aninhou-se nos braços de Parker.

— Os ponteiros ainda estão correndo! — Brendan exclamou, perplexo.

— Mas o detonador está aqui... — Parker riu.

— Há uma carga de explosivo convencional no próprio detonador. — Alvarado estendeu a mão, esperando que o pintor o jogasse para ele.

O outro detonador pulou nas mãos de Dom. Os olhos fixos nos ponteiros, que continuavam a correr, percebeu que, de algum modo, era preciso fazê-los parar. Então, sem pensar mais, simplesmente *desejou* que parassem. Os ponteiros ficaram como que con-

gelados, e no visor digital os algarismos imobilizaram-se de repente: três segundos!

Ainda mal acostumado ao papel de mágico, Parker assustou-se com a formação de Alvarado. Mas, coerente com o papel de herói em momentos de crise quase incontornável, gritou que todos se deitassem e protegessem a cabeça. Então jogou o detonador para longe e atirou-se de cara no chão. O aparelho rolou como uma granada e parou a centímetros da parede do fundo.

Dom estava beijando Ginger quando ambos ouviram a explosão no andar de cima. Estremeceram. Precisaram de um segundo para perceber que, se fosse a bomba, o teto já teria desabado, e eles estariam caindo ainda mais fundo, junto com toneladas de rocha.

— Foi o detonador — Ginger disse.

— Vamos ver se há alguém ferido.

O elevador arrastava-se para cima. Na antecâmara, foram recebidos por um verdadeiro exército de soldados armados até os dentes, prontos para entrar em combate. Dom pegou a mão de Ginger e, sem ver nem pensar, correu para a sala da nave. Primeiro viu Faye. Depois Sandy e Ned. Brendan, vivo, inteiro, Jorja, Mareie, Jack.

Parker correu para os dois e envolveu-os num enorme abraço!

— Você perdeu meu show, amigo! Fui fantástico! Se tivessem me convocado, junto com Audie Murphy, teríamos acabado com a Segunda Guerra em menos de seis meses!

— Acho que estou começando a descobrir por que Dom gosta tanto de você... — Ginger riu.

— Porque convive comigo há muito tempo... “Conhecer Parker é amá-lo”!

De repente, um grito assustado chamou-lhes a atenção. Aproveitando-se do momento em que a euforia os tornara descuidados, Falkirk fugiu do alcance das armas de Jack e Ernie, e tirou uma pistola de um dos soldados.

— Pelo amor de Deus, homem... — Jack gritou. — Está tudo acabado. Já não há perigo, droga. Esqueça essas loucuras de monstros e...

— Sei, sei... — Falkirk sorriu irônico. Não perderia sua miserável guerra particular no instante em que chegara tão perto de uma vitória consagrada. — Está tudo acabado... mas vocês não vão me apanhar em suas armadilhas. Não vão me pegar!

Antes que alguém pudesse pensar em tirar-lhe a arma das mãos, meteu o cano da pistola na boca e pressionou o gatilho.

Com um grito de horror, Ginger virou-se para não ver, Dom fechou os olhos. Não era apenas a solução violenta que os horrorizava. Muito mais do que isso, assustava-os a estupidez de uma morte, mais uma, no momento em que a humanidade estava tão próxima de ganhar, para sempre, a transcendência.

3. TRANSCENDÊNCIA

Enquanto os soldados de Thunder Hill deslumbravam-se com a nave, que muitos deles jamais haviam visto, Ginger, Dom e os outros, acompanhados por Miles Bennell, subiram a rampa de acesso.

O interior da nave era simples como a fuselagem, e conforme Miles explicou, a espécie a que pertenciam os visitantes haviam superado a concepção de equipamentos científicos tal como nós os conhecemos. Com certeza, teriam superado até a própria física que estudamos.

Logo à entrada viram uma grande sala, quase completamente cinzenta, sem nada de especial. Não encontraram vestígio da luz dourada que brilhava ali na noite de 6 de julho e que Brendan voltara a ver em sonhos. Apenas um fio estendia-se de parede a parede, com lâmpadas comuns, instalado pelos cientistas para poderem trabalhar.

Ainda assim, a nave era quente, hospitaleira e mágica. Ginger lembrou-se do escritório do pai, nos fundos da primeira joalhe-ria que comprara no Brooklyn, onde instalou seu quartel-general durante anos. O santuário tinha decoração comum, quase vul-

gar. Mas Ginger achava aquela sala a mais fantástica e mágica que podia haver, porque era onde seu pai trabalhava, lia, sentava-se para pensar e contar-lhe histórias: aventuras de mistério, contos de fada, com bruxas e gnomos. Ao ouvi-lo, Ginger esquecia as paredes nuas e os móveis velhos e soltava a fantasia; às vezes ia para Londres, ajudar Sherlock Holmes em suas investigações; às vezes ia para muito mais longe, guiada pelas mãos de Ray Brad-bury. O escritório do pai era como uma gruta encantada. A nave, embora muito diferente, tinha a mesma aura de deslumbramento. Pelas paredes nuas, aqui como lá, corriam infindáveis rios de maravilhas e mistérios.

Junto às paredes, enfileiravam-se quatro urnas branco-azuladas, grandes o bastante para acomodar seres adultos, fabricadas com material desconhecido, transparente como acrílico. Haviam ser-

ido para manter os viajantes em estado de semicongelamento durante a viagem, de modo que envelheciam apenas um ano terrestre a cada cinquenta anos, conforme Bennell explicava. Provavelmente, viajaram sem acordar, entregando a direção da nave a aparelhos capazes de indicar a existência de vida inteligente nos planetas pelos quais passavam. Atravessaram centenas de milhares de sistemas solares tão grandes quanto o nosso.

A tampa de cada urna apresentava uma marca circular, idêntica, em forma e tamanho, aos anéis que apareciam nas palmas das mãos de Dom e Brendan.

— O senhor disse que eles já chegaram mortos — Ned lembrou —, mas não contou como morreram.

— Morreram de velhos. — Bennell balançou a cabeça. — A nave continuou a funcionar guiada apenas por aparelhos, até alguns minutos depois de pousar na rodovia. Os tripulantes já deviam estar mortos há muito tempo.

— Envelhecendo um ano a cada cinquenta?! — Faye admirou-se.

— A espécie é diferente da nossa. Pelo que conseguimos deduzir, viviam, em média, cerca de quinhentos anos.

Com Mareie no colo, Jack aproximou-se de Bennell para comentar:

— Deus... Se um ano na Terra equivale a cinquenta anos, eles estavam viajando há pelo menos vinte e cinco milênios, para morrer de velhos!

— Muito mais — corrigiu Bennell. — Apesar de todo o avanço tecnológico, as informações que trouxeram provam que nunca conseguiram superar a velocidade da luz, cerca de trezentos mil quilômetros por segundo. Na verdade, a nave viajava a uma velocidade ligeiramente inferior, até pequena em relação a distância que tinha a percorrer. Nossa galáxia, que é vizinha à deles, tem oitenta mil anos-luz de diâmetro, o equivalente a trezentos e oitenta e quatro *trilhões* de quilômetros. O audiovisual que traziam indicava a localização exata do planeta de origem: trinta e um mil anos-luz do limite da sua galáxia. Viajando a uma velocidade bem próxima à da luz, é fácil calcular e descobrir que saíram de casa há pouco menos de trinta e dois milênios.

Mesmo com envelhecimento muito lento, por causa da hibernação controlada, devem ter morrido há, no mínimo, dez milênios.

Ginger tremia dos pés à cabeça. Com a mão trêmula, tocou a urna mais próxima, sentindo que estava diante de um monumento à compaixão, ao amor, à empatia; um monumento que ultrapassava o entendimento humano e provava uma capacidade de sacrifício ao mesmo tempo comovente e assustadora. Haviam saído de casa certos de que jamais voltariam, animados apenas pela esperança de ajudar outra espécie muito distante.

— Morreram a vinte e cinco mil anos-luz de distância de seu planeta — Bennell continuava, em voz baixa e reverente, como se estivesse rezando ou falando numa igreja. — Já estavam a caminho e mortos quando a humanidade ainda vivia em cavernas e começava a aprender a cultivar a terra. Quando morreram, havia apenas cinco milhões de habitantes em nosso planeta... menos que a metade da atual população de Manhattan. Durante o último milênio, desde que o homem ainda espantava lobos nas estepes até construir suas horríveis bombas capazes de acabar com a vida da face do globo, esses oito aventureiros invencíveis corriam para nós, cortando a vastidão do espaço deserto.

Brendan tocava outra urna e chorava. Pensava em tudo que deixara de lado para dedicar-se ao sacerdócio: família, filhos, prazeres mundanos. E, de repente, descobria que seu sacrifício era nada, comparado ao que Deus exigira daqueles seres.

— Mas para encontrar outros cinco planetas habitados, a distâncias tão... inacreditáveis — disse Parker, procurando as palavras —, com possibilidades tão remotas de chegarem a seu destino, eles teriam que lançar ao espaço muitas naves iguais a essa...

— Imaginamos que lançavam centenas por ano, talvez milhares — Bennell explicou. — E isso mais de cem milênios antes que esta nave partisse. Como eu lhes disse, as viagens têm um alto significado para eles, tanto cultural quanto... religioso. As outras cinco raças ou espécies que localizaram estavam num raio de quinze mil anos-luz do mundo deles. E não podemos esquecer que, depois de localizar um planeta habitado, a notícia ainda

demora quinze milênios para retornar ao planeta deles. Acho que agora vocês começam a entender o sentido e a profundidade do compromisso, não é?

— Algumas naves talvez nem voltem... nem cheguem a lugar nenhum — Ernie pensou em voz alta. — Ficam aí pelo espaço, para sempre, mesmo depois que a tripulação está morta há milênios.

— Certo... — Bennell concordou.

— Mas mesmo assim eles continuam... — disse Dom.

— Mesmo assim, eles continuam.

— Nunca chegaremos a tanto! — Ned baixou a cabeça e abraçou Sandy.

— Talvez cheguemos — Bennell sorriu. — Claro que precisaremos de tempo para amadurecer... mil anos, um pouco mais, talvez. Depois, outros cem anos para desenvolver, em termos de tecnologia, as informações que nos trouxeram. Então poderemos construir e lançar uma nave com tripulação humana, em estado de hibernação. Talvez até lá tenhamos desenvolvido algum processo de bloquear o envelhecimento. Nós já não estaremos aqui para ver, nem nossos netos, mas os tataranetos dos tataranetos dos

tataranetos de nossos tataranetos talvez estejam: trinta e dois milênios depois da partida, nossos descendentes distantes retribuirão essa visita, respondendo ao convite que nossos “amigos” conseguiram nos entregar, em mãos, mesmo depois de mortos.

Todos ficaram em silêncio, tentando visualizar a imensidade do futuro que Bennell descrevera.

— Parece que estamos pensando como Deus... Pensando e sonhando como se fôssemos Deus, e não homens — Brendan murmurou.

— E, diante disso, quem liga para a decisão do campeonato, no jogo de domingo? — Parker riu.

Dom tocava as urnas com a ponta dos dedos, andando à volta da cabine.

— Só seis tripulantes estavam mortos quando chegaram — disse. — Lembro que duas dessas urnas pareciam nos chamar. Eram aquelas... — Apontou. — Continham seres vivos; muito fracos, é verdade, mas vivos.

— Sim... — Brendan concordou, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. — Havia luz nestas duas urnas, uma luz que parecia nos hipnotizar. Fui *con-*

duzido até aqui e como que obrigado a colocar as mãos sobre este anel, primeiro a direita, depois a esquerda. Quando obedeci... senti que havia vida na urna, um fio de vida, lutando para não se perder antes de nos passar os... poderes. Do lado de dentro da urna, *ele* também tocou o anel, primeiro com uma mão, depois com a outra... e então, afinal, cumpriu a missão que o trouxera. Morreu instantes depois. Não entendi o que estava acontecendo, nem o que sentia... ignorava os poderes... Pouco depois apareceram os guardas e nos levaram.

— Vivos! — Bennell mal conseguia respirar. — Sim.. é possível! Dois corpos estavam reduzidos a pó... outros dois em adiantado estado de decomposição, talvez porque as câmaras de hibernação desligaram-se automaticamente no instante em que morreram.. Dois estavam ra, 'cimente conservados, e dois... estavam perfeitos. Parecia que simplesmente dormiam. Mas não imaginamos que...

— Lembro-me de tudo — afirmou Dom. — Sem dúvida, o *meu* também estava vivo e, quase morrendo, me passou os poderes. Claro que eu esperava ser interrogado, ter tempo para pensar sobre o que acontecera e para pôr as idéias em ordem. Mas o Governo estava tão aflito, tentando proteger a população do “contato com uma cultura mais adiantada”, como dizia o tal relatório... Talvez, na verdade, tivesse apenas medo do desconhecido... Nunca tive a oportunidade de contar isso a ninguém.

Ginger olhou, um por um, os rostos dos amigos do Motel Tranqüilidade, vendo em cada olhar a promessa que se cumpriria: nasciam os novos tempos. O grupo ali presente teria um papel importante na construção do futuro, estariam unidos para sempre... Todo homem reaprenderia a amar ao próximo como a si mesmo. Ninguém mais se sentiria estrangeiro em nenhum canto do planeta. Já não haveria desconhecidos onde existissem pelo menos dois homens, um homem e uma mulher, duas mulheres, duas crianças. Ginger olhou para as próprias mãos, pequenas e hábeis mãos de cirurgiã. Talvez estivessem perdidos os anos e anos de estudo e prática.

Que importava? O mundo já não precisaria de médicos, hospitais, cirurgias. Logo, quando Dom lhe transmitisse os poderes, curaria com um simples toque, e, ao curar, passaria adiante os mesmos dons. A estimativa de vida da

espécie cresceria muito... haveria gente com duzentos, trezentos, quinhentos anos de idade. Praticamente já não haveria morte, exceto talvez nos casos de acidentes. Nenhum Jacob e nenhuma Anna seriam arrancados de perto dos filhos que amavam. As Jenny teriam vida longa, para partilhar a velhice saudável e útil dos maridos. *Baruch-ha-Shem...* nunca mais!